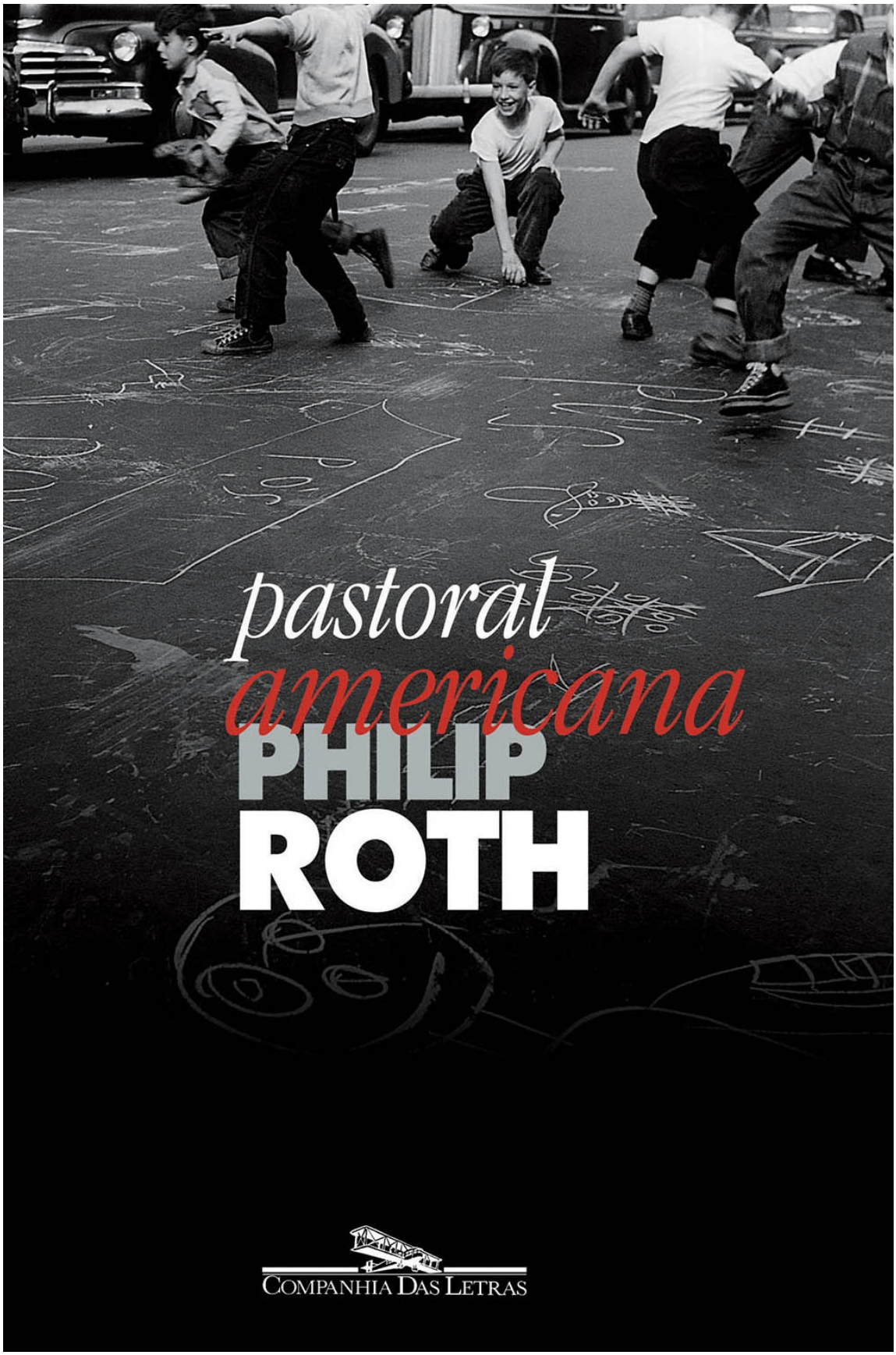
pastoral
americana
PHILIP
ROTH
COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

PHILIP ROTH

PASTORAL AMERICANA

Tradução:
RUBENS FIGUEIREDO



COMPANHIA DAS LETRAS

Para J. G.

Dream when the day is thru,
Dream and they might come true,
Things never are as bad as they seem,
So dream, dream, dream.

Johnny Mercer,
de "Dream", canção popular na década de 40

a rara ocasião em que o esperado acontece...
William Carlos Williams,
de "At Kenneth Burke's Place", 1946

I
PARAÍSO RELEMBRADO

1

O Sueco. No tempo da guerra, quando eu ainda era um estudante da escola primária, esse era um nome mágico nos arredores de Newark, mesmo para os adultos, havia apenas uma geração transferidos do gueto da velha rua Prince, no centro da cidade, e ainda não tão perfeitamente americanizados a ponto de ficarem deslumbrados com a destreza de um atleta da escola secundária. O nome era mágico; bem como o rosto anômalo. Entre os poucos estudantes judeus de boa compleição física em nossa escola pública secundária freqüentada predominantemente por judeus, nenhum possuía nada sequer remotamente parecido com a máscara viquingue implacável e a mandíbula enérgica daquele louro de olhos azuis nascido em nossa tribo com o nome de Seymour Irving Levov.

O Sueco brilhava como ponta no futebol americano, meio de campo no basquete e primeira base no beisebol. Só o time de basquete valia alguma coisa — venceu duas vezes o campeonato da cidade, ocasião em que ele foi o cestinha do torneio — mas, contanto que o Sueco brilhasse, a sorte de nossas equipes esportivas não tinha muita importância para um corpo de alunos cujos responsáveis, em sua vasta maioria muito pou-co letrados e sobrecarregados pelo trabalho, veneravam aci- ma de tudo o desempenho acadêmico. A agressão física, mes-mo camuflada por uniformes de atleta e regras oficiais, e mesmo destituída do intuito de fazer qualquer mal aos judeus, não representava uma fonte tradicional de prazer em nossa comunidade — os diplomas superiores, estes sim. No entanto, por intermédio do Sueco, nosso bairro penetrou em uma fantasia acerca de si mesmo e do mundo, a fantasia dos fãs do esporte em toda parte: quase como os gentios (como imaginavam ser os gentios), nossas famílias conseguiam esquecer o modo como as coisas funcionavam na realidade e transformar uma exibição atlética no repositório de todas as suas esperanças. Principalmente, conseguiam esquecer a guerra.

O fato de os judeus de Weequahic terem elevado Sueco Levov à condição de Apolo local pode ser melhor explicado, creio eu, pela guerra contra os alemães e os japoneses e pelos temores que ela suscitava. Com o indomável Sueco no campo de jogo, a superfície insignificante da vida adquiria uma

espécie de sustentação bizarra, ilusória, o feliz abandono à inocência do Sueco, levando em conta que se tratava de pessoas que viviam o tempo todo mortas de medo de nunca mais voltarem a ver os filhos, os irmãos e os maridos.

E como isso afetava o Sueco — a glorificação, a santificação de cada cesta de bandeja que ele fazia, de cada passe que ele saltava e interceptava, de cada bola rasante que rebatia com o taco até a extremidade esquerda do campo de beisebol? Seria isso que o transformava naquele rapaz de rosto circunspecto e duro? Ou a sobriedade do ar maduro seria antes a manifestação exterior de uma árdua luta interior para manter acuado o narcisismo, servido amorosamente e em grandes porções por uma comunidade inteira? As animadoras de torcida na escola secundária tinham um grito especial para o Sueco. Ao contrário dos demais gritos de torcida, dedicados a inspirar o time inteiro ou eletrizar os espectadores, aquele era um tributo rítmico, marcado com batidas dos pés no chão, unicamente para o Sueco, o entusiasmo por sua perfeição irredutível e indômita. A alegria sacudia o ginásio nas partidas de basquete toda vez que ele pegava um rebote ou marcava um ponto, o clamor corria até o nosso lado do Estádio Municipal nas partidas de futebol americano sempre que ele ganhava uma jarda ou interceptava um passe. Em Irvington Park, mesmo nas pouco concorridas partidas locais de beisebol em que não havia nenhum grupo de animadoras de torcida sofregamente ajoelhadas na beirada do campo, ouvia-se vibrar o refrão na voz rarefeita de um punhado de robustos moradores de Weequahic sentados nas arquibancadas de madeira, não só quando o Sueco rebatia uma bola com o taco mas mesmo quando ele executava uma simples jogada rotineira na primeira base, pondo fora de campo um jogador adversário. Era um grito de torcida que consistia em oito sílabas, quatro delas o seu nome, que soava assim: Pam pam pam *pam*! Pam pam pam... *pam*! E o ritmo, sobretudo nas partidas de futebol americano, era acelerado a cada repetição, até que, no ápice da adoração frenética, em êxtase, desencadeava-se uma explosão de vagalhões de saias tremulantes e saltos mortais com as mãos apoiadas no chão, enquanto os calções de ginástica cor de laranja das dez vigorosas e pequeninas animadoras de torcida fulguravam como fogos de artifício diante de nossos olhos maravilhados... e não por amor a você ou a mim, mas ao formidável Sueco. "Sueco Levov! Rima com... 'Love!'... Sueco Levov! Rima com... 'Love!'... Sueco Levov! Rima com... 'Love!'"

Sim, para onde quer que ele olhasse, as pessoas o amavam. Os proprietários da loja de doces que nós, meninos, vivíamos infernizando, só nos diziam "Ei-você-cai-fora!" ou "Moleque-pára-com-isso!"; mas a ele chamavam respeitosamente "Sueco". Os pais sorriam e, com benevolência, dirigiam-se a ele como "Seymour". As meninas tagarelas chegavam a desmaiar ostensivamente quando passavam por ele na rua, e as mais corajosas gritavam às suas costas "Volte, volte, Levov do meu coração!". E ele deixava que isso tudo acontecesse, caminhava pelo bairro na posse tranqüila de todo esse amor, dando a impressão de que não sentia coisa alguma. Ao contrário de toda e qualquer fantasia que o restante de nós possa ter tido a respeito do efeito intensificador em nós mesmos dessa adulação total, acrítica e idólatra, o amor despejado sobre o Sueco parecia, de fato, *privá-lo* de sentimentos. Nesse rapaz abraçado como um símbolo da esperança por tanta gente — a encarnação da força, da determinação, do brio entusiasmado que havia de prevalecer a fim de trazer sãos e salvos para casa nossos soldados, recru-tados na escola secundária, de volta lá de Midway, Salerno, Cherburgo, das ilhas Salomão, das Aleutas, de Tarawa — não parecia haver uma só gota de humor ou ironia para perturbar o magnífico dom da responsabilidade.

Mas o humor ou a ironia são um peso morto para um jovem como o Sueco, uma vez que a ironia representa um consolo humano e está totalmente fora de questão para quem segue seu caminho como se fosse um deus. Ou existia todo um lado da sua personalidade que o Sueco reprimia ou que ainda se achava adormecido ou, então, o que é mais provável, não existia nada. A indiferença, a aparente passividade diante da condição de objeto do desejo de todo esse amor assexuado fazia com que o Sueco parecesse, se não divino, pelo menos situado em um patamar nitidamente acima da humanidade mais primária, à qual todos os demais no colégio pertenciam. O Sueco se achava aprisionado pela história, era um *instrumento* da história, adorado com uma paixão que talvez nunca se teria manifestado se ele tivesse quebrado o recorde de basquetebol de Weequahic — ao fazer vinte e sete pontos contra Barringer — em outro dia que não o tristíssimo dia de 1943 em que cinqüenta e oito Fortalezas Voadoras foram derrubadas por aviões de caça da Luftwaffe, duas tombaram atingidas pela artilharia antiaérea e mais cinco se despedaçaram após cruzar o litoral britânico, de volta de um bombardeio aéreo na Alemanha.

O irmão mais novo do Sueco era meu colega de turma, Jerry Levov, um magricela de cabeça miúda, estranhamente superflexível, com um talhe semelhante às varas de um pé de alcaçuz, uma espécie de mago da matemática, melhor aluno e orador da turma em janeiro de 1950. Embora Jerry nunca tenha tido uma amizade verdadeira com ninguém, a seu modo irascível e imperioso ele me dedicou sua atenção ao longo dos anos e foi assim que, a partir dos dez anos de idade, vim a ser sempre derrotado por ele no pingue-pongue, no bem-acabado po-rão da casa da família Levov, na esquina das ruas Wyndmoor e Keer — "acabado" significando que o porão tinha as paredes forradas com pinho nodoso, doméstico, e não, como Jerry parecia pensar, que era o lugar perfeito para acabar com a raça de um outro garoto.

O caráter explosivo da agressividade de Jerry em uma mesa de pingue-pongue ultrapassava o de seu irmão em qualquer outro esporte. Uma bola de pingue-pongue é concebida e modelada de uma forma genial para nunca vazar o olho da gente. De outro modo eu jamais teria ido jogar pingue-pongue no porão da casa de Jerry Levov. Se não fosse pela oportunidade de dizer às pessoas que eu freqüentava a casa de Sueco Levov, ninguém seria capaz de me levar para aquele porão, sem ter com o que me defender, a não ser uma pequena raquete de madeira. Nada que pese tão pouco quanto uma bola de pingue-pongue pode ser letal, todavia, quando Jerry golpeava aquela bolinha, o assassinato não podia andar muito longe do seu pensamento. Nunca me ocorreu que aquela exibição de violência pudesse ter algo a ver com o que significava para ele ser o irmão mais novo do Sueco Levov. Uma vez que eu não podia imaginar nada melhor do que ser irmão do Sueco — exceto ser o próprio Sueco — não conseguia entender que, para Jerry, devia ser difícil imaginar qualquer coisa pior do que isso.

O quarto do Sueco — onde jamais ousei entrar, mas diante do qual eu parava para espiar pela porta quando saía do quarto de Jerry para ir ao banheiro — ficava espremido embaixo do beiral nos fundos da casa. Com seu teto inclinado, suas janelas de água-furtada e suas flâmulas de Weequahic presas nas paredes, assemelhava-se ao que eu julgava ser um verdadeiro quarto de rapaz. Através das duas janelas que davam para o quintal gramado, a gente podia ver o telhado da garagem dos Levov, onde o Sueco, quando ainda era estudante da escola primária, treinava com o taco de beisebol durante o inverno, golpeando uma bola amarrada em um

cordão pendurado em uma viga no teto — uma idéia que ele deve ter tirado de um romance sobre beisebol escrito por John R. Tunis, intitulado *O garoto de Tomkinsville*. Topei com esse romance e outros livros de beisebol de Tunis — *Duke de ferro*, *Duke decide*, *A escolha do campeão*, *Garotos de Keystone*, *O melhor estreante do ano* — ao olhar com atenção para a estante embutida ao lado da cama do Sueco, todos perfilados em ordem alfabética entre dois pesados suportes de livros feitos de bronze que ele ganhara como presente de *bar mitzvah*, réplicas em miniatura da estátua *O pensador*, de Rodin. Fui imediatamente à biblioteca para pegar emprestado todos os livros de Tunis que pude encontrar, e comecei com *O garoto de Tomkinsville*, um romance doloroso, cativante para um menino, escrito de maneira simples, lento em certos trechos, mas direto e nobre, a respeito de um garoto, Roy Tucker, um jovem arremessador de mão firme oriundo da montanhosa zona rural de Connecticut, cujo pai morre quando ele ainda tem quatro anos e cuja mãe morre quando ele está com dezesseis, e que ajuda sua avó a ganhar o pão de cada dia trabalhando na fazenda da família durante o dia e, de noite, trabalhando na cidade, "no mercadinho do MacKenzie, na esquina da South Main".

O livro, publicado em 1940, tinha desenhos em preto-e- branco que, apenas com uma pequena distorção expressionista e um bocado de precisão anatômica, ilustravam engenhosamente a dureza da vida do garoto, muito antes de o jogo de beisebol ser esclarecido por um milhão de estatísticas, no tempo remoto em que o beisebol fazia parte dos mistérios do destino humano, quando os principais atletas da liga não aparentavam ser rapagões saudáveis mas sim magros e mal alimentados trabalhadores. As ilustrações pareciam nascidas da sombria miséria da América da Depressão. A cada dez páginas mais ou menos, a fim de representar de maneira sucinta um dramático momento físico da história — "Ele conseguiu forçar um pouco mais a jogada", "Foi parar do outro lado da cerca", "Razzle saiu capengando para o fosso dos reservas" —, surge uma ilustração escura, carregada no preto, de um jogador magricela, de rosto sombrio, severamente delineado sobre uma página vazia, sem texto, isolado, como a alma mais solitária do mundo, tanto da natureza como dos homens, ou plantado sobre a simulação pontilhada de um campo gramado, arrastando aos pés a esquálida estatueta de uma sombra semelhante a um verme. Ele é privado de todo glamour, mesmo vestindo um uniforme de beisebol; se é o apanhador, sua mão provida de luvas parece uma pata de animal; e o que

cada imagem torna graficamente óbvio é que jogar nos times principais, por mais heróico que possa parecer, é apenas uma outra forma de trabalho fatigante e mal remunerado.

O garoto de Tomkinsville podia também se chamar *O cordeiro de Tomkinsville*, ou até *O cordeiro de Tomkinsville levado para o matadouro*. Na carreira do garoto de Tomkinsville como astro recém-chegado a um clube colocado em último lugar no campeonato, o Brooklyn Dodger, cada triunfo é re-compensado com uma decepção punitiva ou um acidente arrasador. A leal amizade que se desenvolve entre o solitário e saudoso Garoto e o apanhador veterano do Dodger, Dave Leonard, que lhe ensina com sucesso como agir na liga principal e que, "com seus firmes olhos castanhos por trás da máscara", zela por ele no decorrer de uma partida em que o adversário não tem a chance de chegar sequer à primeira base, termina brutalmente desfeita após seis semanas de torneio, quando, do dia para a noite, o veterano é retirado da lista de jogadores do clube. "Ali estava uma velocidade que raramente mencionavam no mundo do beisebol: a rapidez com a qual um jogador ascende — e decai." Em seguida, após o Garoto ter vencido sua décima quinta partida consecutiva — um recorde absoluto para um estreante na liga principal, cifra que nenhum apanhador em qualquer liga jamais havia alcançado —, ele é derrubado por acidente, no chuveiro, quando seus colegas de equipe passaram atabalhoadamente por ele comemorando em alvoroço após uma grande vitória, e a contusão no cotovelo, que o põe fora de jogo durante o outono, termina por deixá-lo incapaz de voltar a jogar como arremessador. Ele fica no banco durante o resto do ano, como um substituto de emergência em virtude de sua força ao bater, e depois, ao longo do nevoento inverno — de volta para casa em Connecticut, passando os dias na fazenda e as noites no mercadinho, agora bem conhecido, mas de novo apenas o neto querido da vovó —, ele se exercita com afinco sob a orientação de Dave Leonard a fim de manter o nível do seu impulso do braço ("A tendência para ficar com o ombro direito um pouco mais baixo e impulsionar a bola um pouco para cima era o seu pior defeito"), amarrando uma bola em um cordão e prendendo a outra ponta no teto do celeiro, batendo na bola nas frias manhãs de inverno com o "seu adorado taco" até ficar encharcado de suor. "'Pá!...' O som limpo e doce de um bastão batendo em cheio em uma bola." Na temporada seguinte, ele está pronto para retornar aos Dodgers como um veloz jogador do lado direito do campo, alcança 325 na segunda jogada e leva seu time a

se manter na disputa do campeonato até o final. No último dia da temporada, em uma partida contra os Giants, que estão na frente mas apenas até a metade da partida, o Garoto incendeia o ataque dos Dodgers e, no fundo da décima quarta — com dois fora, dois homens em jogo e os Dodgers na frente por causa de uma corrida completada com êxito pelo Garoto, no seu estilo tipicamente arrojado e explosivo de correr —, ele executa a jogada final e salvadora, uma corrida desesperada para apanhar a bola no ar e que termina com o Garoto se esborrachando de frente no muro da lateral direita do campo. Essa proeza temerária conduz os Dodgers para o campeonato mundial e deixa o Garoto "se contorcendo em dores sobre a grama verde do campo". Tunis conclui da seguinte forma: "A noite caiu sobre a massa dos jogadores, sobre uma enorme multidão que afluiu para dentro do campo, sobre dois homens que carregaram uma forma inerte, no meio da multidão, sobre uma padiola... Ouviu-se o ressoar de um trovão. A chuva caiu sobre o Polo Grounds". Caiu, caiu, o ressoar de um trovão, e assim termina o Livro de Jó dos meninos.

Eu tinha dez anos e jamais lera algo semelhante. A crueldade da vida. A sua injustiça. Eu não conseguia acreditar. O membro censurável dos Dodgers é Razzle Nugent, um grande arremessador, mas beberrão e cabeça quente, um brigão violento furiosamente invejoso do Garoto. E mesmo assim não é Razzle que termina carregado "inerte" em uma padiola, mas o melhor de todos eles, o órfão chamado Garoto, criado numa fazenda, modesto, sério, casto, leal, ingênuo, intrépido, esforçado, de fala macia, corajoso, atleta formidável, um rapaz maravilhoso e austero. Nem é preciso dizer que pensei no Sueco e no Garoto como uma só pessoa e me perguntei como é que o Sueco conseguia suportar ler um livro como aquele, que me deixara à beira das lágrimas e incapaz de dormir. Se eu tivesse a coragem de falar com o Sueco, teria perguntado se ele achava que o final significava que o Garoto estava acabado para o beisebol ou se existia ainda a possibilidade de um retorno. A palavra "inerte" me aterrorizava. Será que o Garoto havia *morrido* em conseqüência da última jogada do ano? Será que o Sueco sabia a resposta? Será que se importava com isso? Será que tinha passado pela sua cabeça que, se um desastre como aquele podia derrubar o Garoto de Tomkinsville, a mesma coisa poderia também pôr fora de ação o grande Sueco? Ou será que um livro a respeito de um nobre astro do beisebol, bárbara e injustamente castigado — um livro sobre um inocente dotado de um enorme talento, cujo grande defeito era simplesmente manter o ombro

direito um pouco abaixado e impulsionar a bola um pouco para cima, mas que mesmo assim termina destruído pelo céu trovejante —, era apenas mais um romance na sua estante, entre aqueles suportes de livros com réplicas da estátua *O pensador*?

A avenida Keer era onde moravam os judeus ricos — ou que pareciam ricos para a maioria das famílias que ocupavam apartamentos alugados nas residências partilhadas por duas, três e quatro famílias, com varandas de tijolos inteiramente reservadas para nosso lazer depois do horário da escola: o jogo de dados, o vinte-e-um e o *stoop-ball*, partidas intermináveis até que a bolinha de borracha vagabunda, arremessada impiedosamente contra os degraus, rompia a costura e estourava. Aqui, nessa grade de ruas margeadas de alfarrobeiras em que a fazenda dos Lyon fora dividida no tempo da explosão de prosperidade no início dos anos 20, a primeira geração de judeus de Newark pós-imigração havia se reagrupado em uma comunidade que se inspirou antes nas características mais salientes da vida americana do que nas aldeias polonesas recriadas por seus pais, falantes do ídiche, em torno da rua Prince, na empobrecida região do Terceiro Distrito. Os judeus da avenida Keer, com seus porões bem-acabados, suas varandas protegidas com telas, a escadinha de laje na entrada, pareciam estar na vanguarda, como pioneiros audazes, mostrando-se habilitados a desfrutar as amenidades normais da vida americana. E na vanguarda da vanguarda estavam os Levov, que nos haviam concedido nosso próprio Sueco, um rapaz tão próximo de um gói quanto nós mesmos iríamos nos tornar.

Os próprios Levov, Lou e Sylvia, pelo que se podia perceber, eram pais nem mais nem menos americanos do que meu pai e minha mãe judeus, nascidos em Jersey, nem mais nem menos educados, bem-falantes e cultos do que eles. E isso, para mim, foi uma grande surpresa. A não ser pela casa onde morava uma só família na avenida Keer, não havia nenhuma distinção entre nós, como a que existia entre os camponeses e a aristocracia, conforme eu estava aprendendo na escola. A senhora Levov, como a minha mãe, era uma zelosa dona de casa, de conduta impecável, uma mulher de boa aparência, extremamente atenta aos sentimentos dos outros, com uma maneira especial de fazer seus filhos se sentirem importantes — uma das muitas mulheres dessa era que nunca sonharam em se ver livres da grande empresa doméstica centrada nas crianças. Da mãe, os dois irmãos Levov herdaram os ossos compridos e o cabelo bonito, embora, como o cabelo dela fosse mais vermelho, mais crespo e sua pele ainda se mostrasse coberta

de sardas joviais, ela parecesse menos assombrosamente ariana do que os filhos, uma excentricidade genética menos clamorosa entre os rostos de nossas ruas.

O pai não tinha mais do que um metro e sessenta e oito ou setenta — um homem buliçoso, ainda mais agitado do que o meu, cujas inquietações estavam modelando as minhas próprias ansiedades. O senhor Levov era um daqueles pais judeus oriundos dos bairros miseráveis e guetos cuja perspectiva iletrada e rude tocara para a frente toda uma geração de filhos judeus esforçados e instruídos em faculdades: um pai para quem tudo representa um dever inexorável, para quem existe um jeito certo e um jeito errado, e nada no intervalo entre um e outro, um pai cujo conglomerado de ambições, preconceitos e crenças se conserva tão imune aos arranhões de uma reflexão mais cuidadosa que ele se torna alguém mais difícil de a gente se livrar do que parece. Homens limitados dotados de uma energia sem limites; homens rápidos para mostrarem-se amigos e rápidos para ficar de saco cheio; homens para quem a coisa mais séria na vida é *seguir em frente apesar de tudo*. E nós éramos seus filhos. Era nossa missão amá-los.

Calhou de meu pai ser um calista cujo consultório foi durante anos nossa sala de estar e que ganhava dinheiro suficiente para nossa família ir vivendo, mas nada além disso, ao passo que o senhor Levov enriqueceu fabricando luvas de senhoras. O pai dele — o avô de Sueco Levov — tinha vindo do seu antigo país para Newark na década de 1890, e seu primeiro emprego foi descarnar couros de carneiro recém-saídos dos tonéis de cal, o judeu solitário ao lado dos mais rudes imigrantes de Newark, eslavos, irlandeses, italianos, no curtume da rua Nutt-man, de propriedade do magnata do couro envernizado T. P. Howell, na época o grande nome na indústria mais antiga e mais próspera da cidade, o curtume e a manufatura de couro. A coisa mais importante na produção do couro é a água — as peles enroladas em grandes tonéis de água, tonéis vomitando água imunda, canos jorrando água quente e fria, centenas de milhares de litros de água. Se existe água limpa, água boa, podem-se fabricar cerveja e artigos de couro, e Newark fabricava as duas coisas — grandes cervejarias, grandes curtumes e, para o imigrante, muito trabalho suado, fedorento e esmagador.

O filho Lou — o pai de Sueco Levov — foi trabalhar no curtume após sair da escola aos catorze anos de idade, a fim de ajudar no sustento da família de nove pessoas, e tornou-se um perito não só em tingimento de couro de veado, esfregando a peça estendida sobre a argila corante com uma escova

dura e reta, como também na seleção e na classificação de diferentes tipos de couro. O curtume, que fedia com o cheiro tanto do matadouro quanto da fábrica de produtos químicos nos quais se deixava a carne de molho e se cozinhava a carne e se retirava o pêlo e se preparava a salmoura e se retirava a gordura, e onde, no verão, funcionando dia e noite sem parar, as ventoinhas secavam milhares e milhares de couros suspensos em uma temperatura que no galpão seco de teto baixo chegava a sessenta e seis graus, onde os vastos aposentos em que ficavam guardados os tonéis eram escuros como cavernas e inundados de refugos, onde trabalhadores braçais abrutalhados, munidos de pesados aventais, armados de ganchos e varas, puxando e empurrando vagonetes abarrotados, torcendo e pendurando couros encharcados, eram impelidos como animais através da laboriosa tormenta que era o turno de doze horas de trabalho — um lugar imundo, fétido, lavado com água tingida de vermelho, preto, azul e verde, com nacos de pele espalhados por todo lado pelo chão, por toda parte fossos de gordura, montanhas de sal, barris de solvente — esse foi o curso secundário e a faculdade de Lou Levov. O surpreendente não era como Lou ficou forte. O surpreendente era como às vezes ele ainda conseguia se mostrar polido.

Assim ele se diplomou na Howell & Co. com pouco mais de vinte anos de idade e, ao lado de dois irmãos, iniciou uma especialização ao produzir pequenas bolsas feitas com couro de jacaré, compradas por R. G. Solomon, o rei da produção do cordovão e líder no preparo de couro de jacarés em Newark; por certo tempo, parecia que o negócio podia florescer mas, após o craque da Bolsa, a empresa desandou, levando à falência os três ativos e audazes irmãos Levov. A empresa Artigos de Couro para Senhoras Newark entrou em atividade poucos anos depois, com Lou Levov, agora sozinho, comprando artigos de couro defeituosos — bolsas, luvas e cintos com defeitos de fabricação — e vendendo-os em uma carrocinha de mão nos finais de semana, de porta em porta, à noite. Em Neck — uma protuberância semipeninsular que assinala o ponto mais oriental de Newark, o primeiro lugar onde cada leva de imigrantes recém-chegados se instalava, as baixadas limitadas ao norte e a leste pelo rio Passaic e, ao sul, pelos pântanos salgados — havia italianos que tinham fabricado luvas em sua terra natal e começaram a trabalhar para ele por encomenda, em casa. Da pele que ele lhes fornecia, os italianos cortavam e costuravam luvas de senhora que ele vendia como mascate por todo o estado. Na época em que a guerra estourou, ele tinha a seu serviço um conjunto de famílias italianas

cortando e costurando luvas para crianças em um pequeno sótão na West Market. Era um negócio secundário, não dava dinheiro grosso, até que, em 1942, veio a bonança: uma luva preta, forrada, feita de pele de carneiro, encomendada pela corporação feminina do exército. Ele alugou a velha fábrica de guarda-chuvas, um prédio de tijolos de cinqüenta anos, todo escurecido pela fumaça, de quatro andares, na esquina da avenida Central com a Second, e logo depois comprou o prédio inteiro, alugando o andar de cima para uma fábrica de zíperes. A Artigos de Couro para Senhoras Newark começou produzindo luvas aos montes, e a cada dois ou três dias o caminhão estacionava nos fundos e as levava embora.

Um motivo para um júbilo ainda maior do que o contrato com o governo foi a boa relação comercial com Bamberger. A Artigos de Couro para Senhoras Newark começou a vender para a loja de Bamberger e se tornou o principal fabricante de luvas de couro para senhoras, em virtude de um improvável encontro entre Lou Levov e Louis Bamberger. Em um jantar cerimonioso em homenagem a Meyer Ellenstein, comissário municipal desde 1933 e o único judeu a ocupar o cargo de prefeito de Newark, um figurão da Bam's, ao saber que o pai de Sueco Levov se achava presente, veio cumprimentá-lo pela escolha do filho pelo *Newark News* como o melhor jogador de meio de campo do basquete em todo o condado. Alerta à grande oportunidade de sua vida — a chance de passar por cima de todos os obstáculos e saltar direto para o topo — Lou Levov atrevidamente tratou de deixar claro que gostaria muito de ser apresentado ao legendário L. Bamberger, em pessoa, o fundador da loja de departamentos mais famosa de Newark e o filantropo que dera à cidade o seu museu, uma figura poderosa, tão importante para os judeus da cidade quanto o era Bernard Baruch para os judeus do país inteiro, por causa de suas estreitas relações com Franklin Delano Roosevelt. Segundo a fofoca que corria pelo bairro, embora Bamberger tivesse feito pouco mais do que apertar a mão de Lou Levov e conversar (acerca do Sueco) durante uns dois minutos no máximo, Lou Levov se atreveu a dizer na sua cara: "Senhor Bamberger, nós temos a qualidade, nós temos o preço — por que não podemos vender para o senhor nossas luvas?". E antes de o mês terminar, a loja Bam's havia feito uma encomenda para a Artigos de Couro para Senhoras Newark, a primeira encomenda, de quinhentas dúzias de pares de luvas.

No final da guerra, a Artigos de Couro para Senhoras Newark havia se estabelecido — em boa parte devido às conquistas esportivas do Sueco —

como um dos nomes mais respeitáveis no ramo das luvas de senhoras ao sul de Gloversville, Nova York, o centro do comércio de luvas, onde Lou Levov embarcava seus couros pela ferrovia, através de Fultonville, para serem curtidos no melhor curtume de luvas que existia. Em 1958, pouco mais de uma década depois, com a abertura de uma fábrica em Porto Rico o próprio Sueco se tornaria o presidente da empresa, viajando todas as manhãs até a avenida Central, desde sua casa, a quarenta e oito quilômetros a oeste de Newark, para além dos subúrbios — um pioneiro da meia distância que morava em uma fazenda de cem acres na beira de uma estrada vicinal nas montanhas escassamente habitadas depois de Morristown, na saudável e rural Old Rimrock, New Jersey, bem longe do curtume onde o avô Levov começara a vida na América, aparando do couro bruto a carne esponjosa que havia inchado, de forma nojenta, até atingir duas vezes a sua espessura original, nos grandes tonéis de cal.

Um dia depois de se formar em Weequahic, em junho de 45, o Sueco ingressara na fuzilaria naval, ansioso para tomar parte da luta que poria fim à guerra. Corria o boato de que seus pais estavam apavorados e fizeram tudo para convencê-lo a sair da fuzilaria e entrar na marinha. Mesmo que o Sueco superasse o famigerado anti-semitismo dos fuzileiros navais, será que ele se imaginava escapando vivo de uma invasão do Japão? Mas o Sueco não se deixava dissuadir do desejo de enfrentar o desafio patriótico e valoroso — que ele secretamente prometera a si mesmo depois de Pearl Harbor — de partir para combater como um dos mais arrojados entre os mais arrojados, caso o país ainda estivesse em guerra quando ele se formasse na escola secundária. Estava apenas concluindo seu treinamento de recruta em Parris Island, Carolina do Sul — onde os rumores indicavam que os fuzileiros deveriam atacar o litoral japonês no dia 1º de março de 1946 — quando a bomba atômica foi lançada em Hiroxima. Em conseqüência, o Sueco passou o restante do tempo de serviço militar como "especialista em recreação", lá mesmo em Parris Island. Comandava os exercícios calistênicos do seu batalhão durante meia hora, todas as manhãs antes do desjejum, cuidava para que os praticantes de boxe distraíssem os recrutas duas noites por semana e passava a maior parte do tempo jogando no time da base contra os times das forças armadas de toda a região sul, basquetebol todo o inverno, beisebol durante durante todo o verão. O Sueco estava na Carolina do Sul havia mais ou menos um ano quando ficou noivo de uma moça irlandesa e católica cujo pai, um major da fuzilaria que

tempos antes fora treinador do time de futebol americano de Purdue, havia obtido para o Sueco a mamata que vinha a ser o seu cargo de instrutor de ginástica, a fim de permitir que este ficasse em Parris Island para jogar. Muitos meses antes de o Sueco ser dispensado, seu pai fizera uma viagem até Parris Island, permaneceu ali durante uma semana inteira, no hotel em Beaufort, perto da base, e só partiu quando o noivado com a senhorita Dunleavy foi desfeito. O Sueco voltou para casa em 1947 e se matriculou no Upsala College, em East Orange, com vinte anos, sem o estorvo de uma esposa gentia e cercado de um heroísmo ainda mais glamouroso por ter atingido seu objetivo de tornar-se um fuzileiro naval judeu — um instrutor de ginástica, nada mais nada menos, e no campo de treinamento militar provavelmente mais cruel do mundo todo. Os fuzileiros navais são feitos no treinamento de recrutas, e Seymour Irving Levov ajudara a forjá-los.

Sabemos tudo isso porque a mística do Sueco sobreviveu nos corredores e nas salas de aula da escola secundária, onde eu estudava a essa altura. Recordo ter viajado duas ou três vezes com amigos, em uma primavera, até Viking Field, em East Orange, para ver o time de beisebol de Upsala disputar partidas locais, aos sábados. O seu grande astro, o batedor da quarta posição e homem da primeira base, era o Sueco. Três *home runs* no mesmo dia, contra Muhlenberg. Sempre que víamos um homem nas arquibancadas vestindo terno e chapéu, cochichávamos uns para os outros: "Um olheiro, um olheiro!". Eu já estava na faculdade quando soube, por intermédio de um colega da escola primária que ainda morava no bairro, que o Sueco recebera uma proposta para assinar contrato com um clube da segunda divisão associado ao Double A Giant, mas recusara o convite para, em vez disso, ir trabalhar na empresa do pai. Mais tarde, por intermédio de meus pais, vim a saber do casamento do Sueco com a Miss New Jersey. Antes de ir disputar em Atlantic City o título de Miss América de 1949, ela fora Miss Município de Union e, antes disso, Rainha da Primavera em Upsala. De Elizabeth. Uma *shiksa*. Dawn Dwyer. Ele havia conseguido.

Certa noite, no verão de 1985, durante uma visita a Nova York, fui ver os Mets jogarem com os Astros e, enquanto contornava o estádio com amigos em busca do portão que levava aos nossos lugares, vi o Sueco, trinta e seis anos mais velho do que na época em que eu o via jogar no time de Upsala. Vestia uma camisa branca, uma gravata de listras e um terno cinza- carvão, próprio para o verão, ainda tremendamente bonito. O cabelo dourado estava um pouquinho mais escuro mas nem um pouco mais ralo; já não

estava aparado curto mas escorria bem cheio por sobre as orelhas e descia até o colarinho. Nesse terno que caía nele com tanta elegância, o Sueco parecia ainda mais alto e mais esguio do que eu o recordava no uniforme de qualquer um dos esportes que praticara. A mulher que nos acompanhava reparou nele antes de nós.

— Mas *quem* é esse? É o... É o... John Lindsay? — perguntou ela.

— Não — respondi. — Meu Deus, sabe quem é ele? É o Sueco Levov — revelei aos meus amigos. — É o Sueco!

Um menino magricela, de cabelos claros, com uns sete ou oito anos de idade, caminhava ao lado do Sueco, um garoto com o boné do Mets e batendo em uma luva de homem da primeira base, que balançava na sua mão esquerda, como fizera muito tempo antes a luva do próprio Sueco. Os dois, nitidamente pai e filho, riam juntos de alguma coisa quando me aproximei e me apresentei.

— Conheci seu irmão em Weequahic.

— Você é Zuckerman? — ele retrucou, apertando vigorosamente minha mão. — O escritor?

— Sou Zuckerman, o escritor.

— Claro, você era amigão do Jerry.

— Não creio que Jerry tivesse algum amigão de verdade. Era importante demais para isso. Ele apenas costumava me dar tremendas surras no pingue-pongue no porão da sua casa. Me derrotar no pingue-pongue era muito importante para o Jerry.

— Mas então é você mesmo. Minha mãe vive dizendo: "E ele era um garotinho tão bom, tão quieto, quando vinha na nossa casa". Você sabe quem é este aqui? — o Sueco perguntou ao menino. — O cara que escreveu aqueles livros. Nathan Zuckerman.

Decepcionado, o garoto deu de ombros e resmungou:

— Oi.

— Este é o meu filho, Chris.

— Estes são amigos meus — falei, abanando o braço ao redor para apresentar as três pessoas que me acompanhavam. — E este homem — eu lhes disse — é o maior atleta na história da escola secundária de Weequahic. Um verdadeiro artista em três esportes. Jogou na primeira base do mesmo jeito que Hernandez: usando a cabeça. Um rebatedor de bolas rasantes que passava direto para a segunda base. Você sabia disso? — perguntei ao filho. — Seu pai era o nosso Hernandez.

— Hernandez é canhoto — ele retrucou.

— Bem, é a única diferença — respondi ao garoto de espírito literal, e ofereci minha mão de novo ao pai. — Gostei de ver você, Sueco.

— Eu também. Te cuida, Saltador.

— Mande um abraço meu para o seu irmão — pedi.

Ele riu, nos separamos e alguém me disse:

— Ora, ora, o maior atleta da história da escola secundária de Weequahic chamou você de "Saltador".

— Eu sei. Mal posso acreditar.

E eu me sentia de fato quase tão maravilhosamente distinguido quanto uma vez, tempos atrás, com dez anos de idade, em que o Sueco se mostrou tão amistoso a ponto de me tratar pelo apelido que me haviam dado no pátio de recreio da escola por eu ter saltado duas séries na escola primária.

No meio da primeira etapa do jogo, a mulher que nos acompanhava virou-se para mim e disse:

— Você devia ter visto a sua cara... Podia muito bem nos dizer que estava ali diante de Zeus em pessoa. Vi como você ficou, igualzinho a um garoto.

A seguinte carta chegou a minhas mãos por intermédio do meu editor umas duas semanas antes do feriado em memória dos militares americanos mortos em combate, em 1995.

Caro Saltador Zuckerman,

Peço desculpas por qualquer inconveniência que esta carta possa lhe trazer. Talvez você não recorde nosso encontro no Shea Stadium. Eu estava com o meu filho mais velho (agora, aluno do primeiro ano da faculdade) e você estava em companhia de alguns amigos para ver os Mets. Isso foi dez anos atrás, a era de Carter-Gooden-Hernandez, quando a gente ainda podia ver os Mets jogarem, o que já não é mais possível.

Estou escrevendo a fim de perguntar se poderíamos nos ver um dia para conversar um pouco. Eu adoraria levar você para jantar em Nova York, se me permitisse.

Estou tomando a liberdade de propor um encontro em razão de uma coisa em que andei pensando desde que meu pai morreu, no ano passado. Ele tinha noventa e seis anos. Meu pai foi um sujeito bem-disposto, combativo até o final. Isso tornou ainda mais difícil vê-lo partir, apesar da sua idade avançada.

Eu gostaria de conversar a respeito dele e da sua vida. Ando tentando escrever um tributo para ele, uma obra para ser publicada em caráter

privado, para os amigos, a família e os parceiros de negócios. Quase todo o mundo via o meu pai como um homem duro, indestrutível, de pavio curto. Isso estava muito longe da verdade. Nem todo o mundo sabia como ele sofria por causa dos dissabores que atingiram os seus entes queridos.

Por favor, não tenha dúvida de que compreenderei perfeitamente se você não tiver tempo de me responder.

Atenciosamente,
Seymour "Sueco" Levov, da turma de 1945 da escola secundária de Weequahic

Se qualquer outra pessoa tivesse me perguntado se podia conversar comigo sobre um tributo que estava escrevendo a respeito do pai, eu teria lhe desejado boa sorte e manteria meu nariz longe dessa história. Mas existiam motivos fortes para que eu enviasse um bilhete para o Sueco na mesma hora dizen- do que estava a seu dispor. O primeiro pensamento foi *Sueco Levov quer conversar comigo*. Coisa ridícula, talvez, já no início da velhice, mas bastou que eu visse a sua assinatura no pé da página para me ver inundado por recordações do Sueco, dentro e fora do campo, lembranças de uns cinqüenta anos atrás e ainda empolgantes. Lembrei ir todo dia ao estádio para ver o treino de futebol americano no primeiro ano em que o Sueco aceitou fazer parte do time. Ele já era um cestinha nos arremessos de bandeja no basquetebol, mas ninguém tinha idéia de que ele podia se mostrar também um mágico no futebol americano até que o treinador o convocou para jogar como ponta, e nosso time, que perdia muito, embora ainda sem sair dos últimos lugares da liga municipal, passou a conseguir um, dois e até três *touchdowns* em um só jogo, todos marcados com passes do Sueco. Cinqüenta ou sessenta garotos se amontoavam nas laterais do campo durante o treino a fim de ver o Sueco — com um capacete de couro muito surrado e a camisa de jérsei marrom com o número 11 estampado em cor laranja — treinando com os titulares contra a equipe dos juniores. O zagueiro titular, Canhoto Leventhal, acertava um passe depois do outro para o Sueco ("Lev-en-*thal* para Le-*vov*! Lev-en-*thal* para Le-*vov*!" era um anapesto que sempre podia nos levar ao auge do entusiasmo com o Sueco), e a tarefa do time de juniores, jogando na defesa, consistia em impedir que Sueco Levov marcasse pontos em todas as jogadas. Tenho mais de sessenta anos de idade, não sou exatamente uma pessoa com a mentalidade de um garoto, mas o deslumbramento do menino jamais se evaporou de todo, pois até hoje não esqueci a imagem do Sueco, depois de ser sufocado por um monte de adversários que se atiraram

em cima dele, se colocando lentamente de pé, sacudindo o pó do corpo, lançando um olhar de protesto para cima, na direção do céu escuro de outono, soltando um suspiro de lástima e depois correndo a trote, intato, de volta para o agrupamento dos jogadores, a fim de combinar a tática seguinte. Quando ele marcava um ponto, era uma espécie de glória, e quando era derrubado e soterrado embaixo de uma pilha de adversários, e depois simplesmente se levantava, e sacudia a poeira do corpo, isso era também uma outra espécie de glória, mesmo em um simples treino.

E então, um dia, compartilhei essa glória. Eu tinha dez anos de idade, nunca antes fora tocado pela grandeza e teria permanecido tão distante das atenções do Sueco quanto qualquer pessoa na lateral do campo, não fosse por Jerry Levov. Havia pouco tempo, Jerry me tomara como seu amigo; embora eu mal pudesse acreditar nisso, o Sueco devia ter percebido minha presença na sua casa. E assim, no final de uma tarde de outono de 1943, quando ele foi lançado ao chão pelo time inteiro dos juniores após receber um passe curto de Leventhal e o técnico soprou o apito abruptamente indicando que era o bastante para aquele dia, o Sueco, flexionando o cotovelo a fim de experimentar o braço enquanto corria, mancando um pouco, para fora do campo, me avistou entre os outros meninos e me disse:

— Essas coisas nunca acontecem no basquete, Saltador.

O deus (ele mesmo tinha feito dezesseis anos) me erguera até o paraíso dos atletas. O adorado havia reconhecido o adorador. É claro, em relação aos atletas, assim como em relação aos ídolos do cinema, cada idólatra imagina que ele ou ela possui um vínculo pessoal e secreto, mas aquele vínculo foi forjado com toda a franqueza pelo menos pomposo dos astros do esporte e diante de uma respeitosa congregação de garotos competitivos — uma experiência assombrosa, e fiquei emocionado. Corei, tremi, na certa não consegui pensar em mais nada durante o resto da semana. A autopiedade proferida em tom de brincadeira, a generosidade viril, a benevolência nobre, a auto-satisfação do atleta, tão abundante que uma parcela podia ser oferecida de graça para a multidão — essa magnanimidade não apenas me assombrou e me fez flutuar porque veio embrulhada no meu apelido, mas também ficou gravada em minha mente como uma encarnação de algo mais formidável até do que o talento do Sueco no esporte: o talento de "ser autêntico", a capacidade de ser aquela estranha força arrebatadora e ainda possuir uma voz e um sorriso não maculados pelo mais leve traço de superioridade — a modéstia natural de

uma pessoa para quem não existem obstáculos, que parecia nunca ter de sofrer para conseguir o seu lugar. Não imagino que eu seja o único homem adulto que foi, no passado, um menino judeu desejoso de ser um garoto integralmente americano durante os anos patrióticos da guerra — quando a esperança de todo o nosso bairro parecia convergir para o esplêndido corpo do Sueco —, que trouxe consigo, ao longo da vida, recordações do insuperável estilo desse rapaz talentoso.

O judaísmo que nele, na qualidade de vencedor alto, louro e atlético, era incipiente, também deve ter exercido sobre nós um certo apelo — em nossa idolatria pelo Sueco e na sua inconsciente integração com a América, suponho que houvesse um toque de vergonha e de auto-rejeição. Desejos judeus conflitantes despertados pela visão do Sueco eram ao mesmo tempo apaziguados por ele; a contradição nos judeus que querem se integrar e se manter à parte, que insistem em que são diferentes e insistem em que não são diferentes, vinha encontrar sua solução no espetáculo triunfal desse Sueco que era, na verdade, apenas mais um Seymour entre tantos de nosso bairro, cujos ancestrais foram Solomons e Sauls e que viriam, por sua vez, a gerar Stephens que, por seu turno, gerariam Shawns. Onde estava o judeu nele? A gente não conseguia enxergar e, mesmo assim, sabia que estava ali. Onde estava nele a irracionalidade? Onde estava o jeito de bebê chorão? Onde estavam as tentações obstinadas? Nenhuma malandragem. Nenhum artifício. Nenhum logro. Tudo o que ele havia eliminado a fim de alcançar a sua perfeição. Nenhum esforço, nenhuma ambivalência, nenhuma dubiedade — apenas o estilo, o refinamento físico do astro.

Apenas... o que ele fazia pela subjetividade? O que *era* a subjetividade do Sueco? Tinha de existir um substrato, mas a sua composição era inimaginável.

Essa era a segunda razão pela qual respondi sua carta — o substrato. Que tipo de existência mental fora a dele? O que, se é que houve alguma coisa, jamais ameaçou desestabilizar a trajetória do Sueco? Ninguém passa pela vida isento de amarguras, desgostos, confusão e perda. Mesmo aqueles que tiveram tudo de melhor quando crianças, mais cedo ou mais tarde recebem sua cota regular de sofrimento, quando não recebem até mais do que isso. Deve ter havido consciência e deve ter havido decepção. Todavia, eu não conseguia vislumbrar que forma uma ou outra teria tomado, não conseguia despojá-lo de sua simplicidade, mesmo agora: no resíduo da minha imaginação de adolescente, eu ainda me achava convicto de que, para o

Sueco, teria de ser um caminho inteiro livre de dor.

Mas a que ele havia aludido naquela carta cautelosa, respeitosa, quando, ao falar do pai falecido, um homem não tão empedernido quanto as pessoas pensavam, escreveu, "Nem todo o mundo sabia como ele sofria por causa dos dissabores que atingiram os seus entes queridos"? Não, o Sueco sofrera um choque. E era sobre o choque sofrido que ele desejava conversar. Não era a vida do pai, era a sua própria vida que ele desejava revelar.

Eu estava errado.

Encontramo-nos em um restaurante italiano em West Forties, aonde o Sueco levara sua família durante anos, sempre que eles vinham a Nova York para assistir a um show na Broadway ou ver os Knicks no Garden, e compreendi na mesma hora que eu não ia nem chegar perto do substrato. Todo o mundo no restaurante Vincent's o conhecia pelo nome — o próprio Vincent, a esposa de Vincent, Louie, o maître, Carlo, o barman, Billy, o nosso garçom, todo o mundo conhecia o senhor Levov e todo o mundo perguntou pela esposa e pelos filhos. Ficou claro que, quando seus pais estavam vivos, o Sueco costumava trazê-los ao Vincent's para comemorar um aniversário de casamento ou de nascimento. Não, pensei, o Sueco me chamou aqui apenas para revelar que ele é tão admirado na rua 49 Oeste como o era na avenida Chancelor.

Vincent's é um desses restaurantes italianos de estilo antigo espremidos nas ruas do West Side, entre o Madison Square Garden e o Plaza, pequenos restaurantes com três mesas de largura e quatro lustres de profundidade, com decoração e cardápios que pouco se modificaram desde antes de ser descoberta a arugula. Havia um jogo passando no televisor ligado junto ao pequeno balcão do bar e de vez em quando um freguês se levantava, ia olhar um instante, perguntava ao barman o placar, perguntava como Mattingly estava se saindo e depois voltava para a sua refeição. As cadeiras eram estofadas com plástico azul-turquesa berrante, o chão era ladrilhado em cor salmão com pontinhos escuros, uma das paredes era coberta por um espelho, os lustres eram feitos de uma imitação de bronze e, a título de decoração, havia um moedor de pimenta-vermelha de um metro e meio de altura, colocado de pé, em um canto do restaurante, como se fosse uma estátua de Giacometti (um presente para Vincent, disse o Sueco, oferecido pela sua cidade natal, na Itália); contrabalançando com ele, no canto oposto, em um pedestal como se fosse uma estátua, via-se de pé um

garrafão de vinho Barolo com capacidade para doze litros. Uma mesa apinhada com jarras de molho marinara de Vincent bem em frente à tigela de balas de hortelã oferecidas de graça após a refeição, junto à caixa registradora; no carrinho das sobremesas, havia napoleão, *tiramisu*, mil-folhas, torta de maçã e morangos açucarados; e ao lado da nossa mesa, na parede, estavam as fotografias autografadas ("Grande abraço para Vincent e Anne") de Sammy Davis Jr., Joe Namath, Liza Minelli, Kaye Ballard, Gene Kelly, Jack Carter, Phil Rizzuto, e John e Joanna Carson. Deveria haver uma foto do Sueco, é claro, e haveria mesmo, se ainda estivéssemos em guerra contra os alemães e os japoneses, e do outro lado da rua ainda estivesse a escola secundária de Weequahic.

Nosso garçom, Billy, um homenzinho careca e corpulento, com um nariz achatado de lutador de boxe, não teve de perguntar o que o Sueco queria comer. Durante mais de trinta anos o Sueco vinha pedindo a Billy a especialidade da casa, *ziti* à la Vincent, precedido de *posillipo* de mariscos. "Os *ziti* mais bem- feitos de Nova York", disse-me o Sueco, mas pedi o meu prato preferido, no velho estilo, galinha *cacciatore*, "desossada", segundo a sugestão de Billy. Enquanto anotava nossos pedidos, Billy disse ao Sueco que Tony Bennet estivera ali na noite anterior. Para um homem com a compleição compacta de Billy, um homem que a gente podia imaginar ter passado a vida inteira carregando pesos enormes e não simplesmente levando travessas de *ziti*, a sua voz — de tom agudo e contundente, tensa em virtude de alguma mágoa suportada por um tempo longo demais — parecia uma coisa inesperada e uma verdadeira ameaça.

— Está vendo onde o seu amigo está sentado? Está vendo a cadeira dele, senhor Levov? Tony Bennet sentou nessa mesma cadeira. — Para mim, ele disse: — O senhor sabe o que Tony Bennet diz quando chegam perto da mesa dele e se apresentam? Diz assim: "É um prazer conhecer o senhor". E pronto, a pessoa já está amiga dele.

Isso encerrou a diversão. Daí em diante, foi só trabalho.

O Sueco havia trazido fotos de seus três filhos para me mostrar e, do antepasto até a sobremesa, quase toda a conversa foi sobre Chris, de dezoito anos, Steve, de dezesseis, e Kent, de catorze. Quem era melhor no *lacrosse* do que no beisebol, mas estava sendo pressionado pelo técnico... quem era tão bom no futebol quanto no futebol americano mas não conseguia se resolver em qual dos dois ia ficar... quem era o campeão de mergulho que também quebrara os recordes da escola em nado borboleta e

costas. Todos três eram alunos aplicados. Só notas A e B; um estava voltado para as ciências, o outro tinha "tendências comunitárias", ao passo que o terceiro... etc. Havia uma foto dos garotos com a mãe, uma loura bonita e quarento- na, agente de publicidade de um semanário do município de Morris. Mas ela só havia começado sua carreira profissional, o Sueco se apressou em explicar, depois que os meninos haviam terminado a escola primária. Os garotos tinham sorte de ter uma mãe que ainda dava mais importância a ficar em casa e criar os filhos do que...

Fiquei impressionado, à medida que o jantar prosseguia, ao ver como ele parecia seguro de todos os lugares-comuns que ia dizendo, e como tudo o que dizia vinha inundado pela sua natureza benévola. Continuei esperando que ele trouxesse à tona outra coisa que não aquelas trivialidades inquestionáveis, mas tudo o que vinha à superfície era apenas mais superfície. O que ele tem em vez de uma existência, pensei, é sua brandura — o cara está radiante com isso. Ele inventou para si mesmo um incógnito, e o incógnito acabou se transformando nele mesmo. Diversas vezes, no decorrer do jantar, pensei que não fosse conseguir, pensei que eu não fosse agüentar até a sobremesa caso ele ficasse ali daquele jeito, elogiando a família sem parar... até que comecei a cogitar se não era o caso de ele não ser um incógnito mas sim de estar louco.

Algo ocorreu que lhe interrompera o caminho. Algo o trans-formara em uma mediocridade humana. Algo o havia advertido: você não deve competir com o mundo inteiro.

O Sueco, uns seis ou sete anos mais velho do que eu, estava perto dos setenta e ainda tinha um aspecto magnífico, apesar das gretas no canto dos olhos e, abaixo do promontório das maçãs do rosto, uma ligeira concavidade apenas um pouco maior do que o exigido pelos padrões clássicos de austeridade. Debitei sua magreza na conta de um regime severo de tênis e corrida, até que, perto do final da refeição, vim a saber que ele fizera uma cirurgia na próstata, no inverno, e estava apenas começando a recuperar o peso que havia perdido. Não sei se o que mais me surpreendeu foi saber que ele tinha passado por algum sofrimento ou o fato de ele ter confessado isso a outra pessoa. Cheguei mesmo a me perguntar se não teria sido sua recente experiência da cirurgia e seus efeitos posteriores que alimentavam a minha sensação de estar diante de alguém fora de sua plena saúde mental.

A certa altura eu o interrompi e, tentando não me mostrar de maneira

alguma angustiado, perguntei acerca dos negócios, que tal era dirigir uma fábrica em Newark nos tempos modernos. Foi assim que descobri que a Artigos de Couro para Se-nhoras Newark não estava mais em Newark desde o início dos anos 70. Quase toda a indústria do ramo havia se transferido para o exterior: os sindicatos tornaram cada vez mais difícil para um industrial ganhar dinheiro, já era quase impossível encontrar quem fizesse aquele tipo de trabalho de empreitada, ou que o fizesse do jeito que a gente queria, e no exterior havia grande disponibilidade de mão-de-obra que podia ser treinada quase até alcançar o mesmo nível de quarenta e cinqüenta anos atrás na produção de luvas de couro. Sua família mantivera a fábrica em atividade em Newark durante um tempo bem longo; em virtude da noção de dever em relação aos empregados antigos, a maioria dos quais eram negros, o Sueco agüentara ainda seis anos após os distúrbios de rua de 1967, tocara adiante o seu negócio, se contrapondo à realidade econômica da indústria em geral, bem como às imprecações do seu pai, enquanto foi humanamente possível, mas quando constatou que não podia mais deter a erosão da qualidade da mão-de-obra, que se deteriorara acentuadamente desde os distúrbios de rua, ele desistiu, conseguindo escapar mais ou menos ileso do colapso da cidade. Tudo o que a fábrica Artigos de Couro para Senhoras Newark sofreu nos quatro dias de distúrbio foram apenas algumas janelas quebradas; não obstante, a cinqüenta metros do portão da fábrica, diante do seu galpão de embarque, no West Market, dois outros prédios foram devastados pelo fogo e depois abandonados.

— Impostos, corrupção e raça. Era a ladainha do meu pai. Qualquer um, pessoas de todo o país que não podiam importar-se menos com o destino de Newark, para o meu pai não fazia a menor diferença... Fosse lá em Miami Beach, nos condomínios, ou em um iate no mar do Caribe, todas elas iam ouvir falar um bocado da sua velha e adorada Newark, massacrada pelos impostos, pela corrupção e pela raça. Meu pai era um daqueles caras da rua Prince que amou aquela cidade a vida inteira. O que aconteceu com Newark partiu o seu coração.

"É a pior cidade do mundo, Saltador", o Sueco me garantiu. "Antigamente, era a cidade onde fabricavam tudo. Agora, é a capital mundial do roubo de carros. Sabia disso? Não é a coisa mais horrível que se pode imaginar para uma cidade, mas já é um bocado ruim. Os ladrões moram sobretudo no nosso antigo bairro. Garotos negros. Quarenta carros

são roubados em Newark a cada vinte e quatro horas. Esta é a estatística. Incrível, não é? E os carros se tornam armas mortíferas: uma vez roubados, são mísseis aéreos. O alvo é qualquer um que passar na rua, velhos, criancinhas que mal sabem andar, não importa. Bem em frente à minha fábrica, para eles, fica a pista de corrida de Indianápolis. Esse foi outro motivo que nos fez sair de lá. Quatro, cinco garotos debruçados nas janelas do carro, a cento e vinte quilômetros por hora... bem na avenida Central. Quando meu pai comprou a fábrica, havia bondes na avenida Central. Mais adiante ficavam as revendas de automóveis. Cen-tral Cadillac. LaSalle. Em cada rua transversal existia uma fá- brica onde alguém produzia alguma coisa. Agora existe um botequim em cada esquina — um botequim, um balcão de pizza e as vitrines de uma igreja meio ferrada. Todo o resto está em ruínas ou coberto por tapumes. Mas quando meu pai comprou a fábrica, logo adiante, Kiler fabricava resfriadores de água, Fortgang fabricava alarmes contra incêndio, Lasky produzia espartilhos, Robbins fazia travesseiros, Honig fabricava pontas de caneta... Meu Deus, *estou falando* que nem o meu pai. Mas ele tinha razão... 'O carro está saindo dos eixos', ele dizia. A principal indústria agora é o roubo de carros. Pare em um sinal fechado em Newark, em qualquer lugar em Newark, e tudo o que tem a fazer é olhar em volta. Na Bergen, perto da Lyons, foi onde me atacaram. Lembra o Henry's, 'a loja de doces', ao lado do Park Theater? Pois é, foi bem ali, onde ficava o Henry's. Levei minha primeira namorada da escola secundária ao Henry's para tomar soda comigo. Em uma mesinha ali num canto. Arlene Danziger. Levei-a para tomar uma soda 'preta-e-branca' depois do cinema. Mas preto-e-branco já não significa mais o nome de um refresco, na rua Bergen. Significa a coisa mais odiosa que existe no mundo. Um carro veio na contramão pela rua de mão única e aí me assaltaram. Quatro garotos com o corpo debruçado nas janelas. Dois deles saíram, rindo, brincando, e apontaram uma arma na minha cabeça. Entreguei as chaves e um deles foi embora com o meu carro. Bem em frente ao lugar onde antigamente ficava o Henry's. É uma coisa horrível. Eles roubam carros da polícia à luz do dia. Há batidas de frente. Para acionar os air-bags. Fritar rosquinhas. Já ouviu falar em fritar rosquinhas? Fritar rosquinhas? Nunca ouviu falar disso? É para isso que eles roubam os carros. Eles vêm a toda velocidade, pisam fundo nos freios, puxam o freio de mão, viram todo o volante e o carro sai rodopiando. Fazer o carro rodar em círculos pelo asfalto a velocidades altíssimas. Matar pedestres não significa nada para

eles. Matar *a si mesmo* não significa nada para eles. As marcas das derrapagens no asfalto são o suficiente para nos deixar apavorados. Mataram uma mulher bem em frente a nossa casa, na mesma semana em que meu carro foi roubado. Fritando rosquinhas. Testemunhei aquilo. Eu ia sair para o trabalho. Uma velocidade incrível. O carro rugindo. Guinchando diabolicamente. Foi horrível. Fez o meu sangue gelar. Ela estava simplesmente saindo com o carro da Second, e essa mulher, uma mulher negra e jovem, é atingida. Mãe de três crianças. Dois dias depois foi um de meus próprios empregados. Um cara negro. Mas eles não se importam, negros, brancos, isso para eles não importa. Matam qualquer um. Um colega chamado Clark Tyler, meu encarregado da expedição... tudo o que ele estava fazendo era sair do estacionamento para ir para casa. Vinte horas de cirurgia, quatro meses em um hospital. Incapacidade permanente. Lesões na cabeça, lesões internas, bacia quebrada, ombro quebrado, espinha fraturada. Uma perseguição em alta velocidade, um garoto alucinado em um carro roubado e os guardas correndo atrás dele, e aí o garoto se arrebenta de cara no carro do meu empregado, afunda a porta do lado do motorista, e é o fim da linha para o Clark. Cento e vinte quilômetros por hora em plena avenida Central. O ladrão de carro tinha doze anos. Para poder enxergar por cima do volante, ele teve de enrolar os tapetes do piso do carro, pôr no banco e sentar em cima. Seis meses em Jamesburg e está de volta atrás do volante de um outro carro roubado. Não, foi o fim da linha para mim, também. Meu carro roubado sob a mira de uma arma, aleijaram Clark, mataram a mulher... aquela semana foi o fim. Já era o bastante."

A Artigos de Couro para Senhoras Newark agora produzia exclusivamente em Porto Rico. Por um tempo, após deixar Newark, o Sueco fez um contrato com o governo comunista da Tchecoslováquia e dividiu o trabalho entre a sua fábrica em Ponce, Porto Rico, e uma fábrica de luvas tcheca, em Brno. Todavia, quando uma fábrica que se adequava a seus planos foi posta a venda em Aguadilla, Porto Rico, perto de Mayagüez, ele interrompeu o contrato com os tchecos, cuja burocracia o irritara desde o início, e unificou sua produção ao adquirir uma segunda instalação em Porto Rico, outra fábrica de bom tamanho, transferiu para lá as máquinas, deu início a um programa de treinamento e contratou mais de trezentas pessoas. Nos anos 80, porém, mesmo Porto Rico começou a se tornar dispendioso demais e praticamente todo o mundo, exceto a Artigos de Couro para Senhoras Newark, se mandou para qualquer lugar do extremo

Oriente onde a mão-de-obra fosse abundante e barata, primeiro para as Filipinas, depois Coréia e Taiwan, e agora para a China. Até luvas de beisebol, a mais americana de todas as luvas, antigamente fabricadas por amigos do seu pai, os Denkerts, em Johnstown, Nova York, havia algum tempo já vinham sendo produzidas na Coréia. Quando o primeiro cara deixou Gloversville, Nova York, em 52 ou 53, e foi para as Filipinas fabricar luvas, riram dele, como se estivesse indo para a lua. Mas quando o sujeito morreu, por volta de 1978, possuía uma fábrica lá com quatro mil trabalhadores e toda a indústria do ramo havia se transferido basicamente de Gloversville para as Filipinas. Quando a Segunda Guerra Mundial começou, em Gloversville havia umas noventa fábricas de luvas, grandes e pequenas. Hoje, não há uma só — todas pararam de funcionar ou viraram importadoras de produtos do exterior, "gente que não sabe distinguir uma *fourchette* de um polegar", disse o Sueco.

— São homens de negócio, sabem se precisam de cem mil pares desse tipo de luva ou de duzentos mil pares de algum outro tipo, em tais e tais cores, e desse ou daquele tamanho, mas não conhecem os detalhes de como fabricar as luvas.

— O que é *fourchette*? — perguntei.

— A parte da luva entre os dedos. Aquelas tirazinhas de couro compridas entre um dedo e outro, são cortadas seguindo o molde do polegar... isso é a *fourchette*. Hoje, a gente arranja um monte de gente desqualificada, provavelmente não sabem nem metade do que eu sabia quando tinha cinco anos de idade, e são essas as pessoas que estão tomando as decisões mais importantes. Um cara compra couro de veado, que pode chegar talvez a três dólares e cinqüenta cents cada trinta cen- tímetros, quando tem a qualidade necessária para se fazer com ele uma peça de vestuário, esse cara está comprando esse couro de veado fino para cortar um remendinho do tamanho da palma da mão para usar em um par de luvas de esquiar. Conversei com ele ainda outro dia. Um artigo novo no mercado desperdiça treze centímetros para usar três, e paga três dólares e cinqüenta cada trinta centímetros, quando podia pagar apenas um dólar e meio pelos mesmos trinta centímetros e assim chegar muito, muito na frente dos outros. Agora, você multiplique isso por uma grande escala de produção e está cometendo um erro de cem mil dólares, e esse sujeito não tinha a menor idéia disso. Podia ter metido no bolso cem mil dólares brincando.

O Sueco então se viu teimando em ficar em Porto Rico do mesmo jeito

que, antes, insistira em permanecer em Newark, em grande parte porque havia treinado muita gente boa para executar a complexa tarefa de produzir uma luva de forma cuidadosa e meticulosa, pessoas que poderiam lhe dar aquilo de que a Artigos de Couro para Senhoras Newark precisava, em termos de qualidade, como nos velhos tempos do pai; mas também, ele tinha de admitir, insistia em ficar em Porto Rico porque sua família adorava a casa de campo que ele construíra uns quinze anos atrás no litoral do Caribe, não muito longe da fábrica de Ponce. Os garotos adoravam a vida que levavam lá... porém mais uma vez ele teve de partir, Kent, Chris, Steve, esqui aquático, iatismo, mergulho submarino, catamarã... E no entanto estava claro, à luz de tudo o que o Sueco vinha me contando, que esse cara poderia ser cativante se quisesse, ele não parecia ter qualquer critério para distinguir, neste mundo, o que era interessante do que não era. Ou, por razões que eu não conseguia entender, ele não queria que este mundo parecesse interessante. Eu daria qualquer coisa para levá-lo de volta a Kiler, Fortgang, Lasky, Robbins e Honig, de volta às *fourchettes* e aos detalhes de como fabricar uma boa luva, até mesmo de volta para o cara que pagava três dólares e cinqüenta em troca de cada trinta centímetros de um couro inadequado para fazer um artigo supérfluo, mas uma vez que o Sueco desandava a falar dos filhos não havia uma maneira educada para eu desviar o seu foco novamente para longe das proezas de seus garotos, em terra ou no mar.

Enquanto aguardávamos a sobremesa, o Sueco deixou escapar que ele estava se permitindo comer um gorduroso *zabaglione* após o *ziti* só porque, depois de ter retirado a próstata alguns meses antes, ele ainda se achava cinco quilos abaixo do seu peso ideal.

— A operação correu bem?

— Tudo certo — respondeu.

— Alguns amigos meus — comentei — não se recuperaram dessa cirurgia tão bem quanto esperavam. Essa operação pode ser uma verdadeira catástrofe para um homem, mesmo quando os médicos conseguem retirar o câncer.

— Sim, isso pode acontecer, eu sei.

— O sujeito pode acabar impotente — falei. — Um outro pode ficar impotente e incontinente. Caras da minha idade. Foi muito duro para eles. Desolador. Pode obrigar a gente a andar de fraldas.

A pessoa a quem eu me referira como “um outro” era eu mesmo. Fizera a

cirurgia em Boston e — exceto para um amigo de Boston que me ajudou durante toda aquela provação, até que eu conseguisse ficar de novo em pé —, quando retornei para a casa onde vivo sozinho, duas horas e meia a oeste de Boston, em Berkshires, resolvi que era melhor não contar para ninguém que tivera câncer nem como isso me deixara incapacitado.

— Bem — disse o Sueco —, eu tive sorte, acho.

— Aposto que sim — retruquei com toda a simpatia, refletindo que aquele grande garrafão de vinho cheio de autocontentamento que eu tinha à minha frente conversando comigo se achava, na verdade, de posse de tudo aquilo que ele sempre desejara ter. Respeitar tudo aquilo que se deve respeitar; nunca reclamar de nada; nunca se tornar inconveniente por não ter confiança em si mesmo; nunca se ver enredado em alguma obsessão, torturado por alguma incapacidade, envenenado por algum ressentimento, arrastado pela fúria... a vida, para o Sue-co, ia se desenrolando como uma macia bola de fio de lã.

Essa linha de pensamento acabou me trazendo de volta para a sua carta, o seu pedido de uma orientação profissional acerca do tributo para o pai que ele estaria tentando escrever. Eu não ia tomar a iniciativa de mencionar o tributo, porém permanecia o enigma, não só de saber por que *ele* não tomava essa iniciativa, como também, uma vez que o Sueco não tocava no assunto, de saber por que ele me escrevera antes de mais nada sobre aquilo. Eu só podia concluir — levando em conta o que agora sabia a respeito da sua vida, pouco pródiga em contrastes e escassamente perturbada por contradições — que a carta e o seu conteúdo tinham a ver com a operação, com algo fora do padrão que sobreveio depois, alguma emoção nova e surpreendente que subiu à tona. Sim, pensei, a carta emergiu da tardia descoberta de Sueco Levov do que significa não ser saudável, mas doente, não ser forte, mas fraco; o que significa não ter ótima aparência — o que é a vergonha fí- sica, o que é o horror, o que é a extinção, o que é perguntar "Por quê?". Traído, sem nenhum aviso prévio, por um corpo maravilhoso que só lhe proporcionara segurança e constituíra a base da sua superioridade em relação aos outros, o Sueco perdera momentaneamente o equilíbrio e viera se agarrar logo em mim, entre tanta gente, como um meio de recuperar o pai morto e invocar seu poder a fim de se proteger. Por um momento, seus nervos se despedaçaram e esse homem que, até onde eu conseguia observar, usava a si mesmo sobretudo para se esconder, se transformara em uma criatura impulsiva, debilitada,

com uma terrível necessidade de misericórdia. A morte irrompera de repente no sonho que era a sua vida (como, pela segunda vez em dez anos, ela irrompera também na minha), e as coisas que inquietam os homens da nossa idade também vinham inquietar até mesmo o Sueco.

Eu me perguntei se ele ainda desejaria recordar a vulnerabilidade do leito de hospital, que tornara certas coisas inevitáveis tão reais para ele quanto a vida exterior da sua família, me perguntei se o Sueco desejaria ainda recordar a sombra que se havia insinuado como um glacê virulento entre as muitas camadas de satisfação. Todavia ele viera jantar comigo conforme combinado. Será que isso significava que o insuportável não se havia ainda eclipsado, que as salvaguardas ainda não tinham voltado aos seus postos, que a emergência ainda não tinha terminado? Ou será que se mostrar bem-disposto e falar alegremente sobre tudo o que *era* suportável vinham a ser a sua maneira de purgar o maior de seus temores? Quanto mais eu pensava sobre esse espírito aparentemente simples sentado diante de mim, comendo *zabaglione* e transpirando sinceridade, tanto mais meu pensamento me levava para longe dele. Era quase imperceptível para mim o homem por dentro do homem. Eu não conseguia compreendê-lo. Não conseguia nem de lon- ge imaginar como ele era, acometido eu também, em virtude do meu próprio esforço, pelo distúrbio que afetava o Sueco: a incapacidade de tirar conclusões de qualquer outra coisa que não o superficial. Ficar fuçando por todo lado a fim de ten- tar entender esse cara é uma coisa ridícula, falei para mim mes-mo. Esse é o frasco que não se pode abrir. Esse cara não pode ser arrombado pela força do pensamento. Esse é o seu gran- de mistério. É como tentar concluir alguma coisa do Davi de Michelangelo.

Na minha carta eu dera a ele o meu telefone — por que ele não me telefonou a fim de desmarcar o encontro se não estava mais alterado pela perspectiva da morte? Uma vez que tudo estava de volta ao que sempre fora, uma vez que ele havia recuperado aquele resplendor que nunca deixara de triunfar em todas as situações, que utilidade eu teria para ele? Não, sua carta, pensei, não pode ser toda a história — se fosse, ele não teria vindo me ver. Resta algo do repentino ímpeto de mudar as coisas. Algo do que lhe sobreveio no hospital ainda está ali. Uma existência que não se submeteu a um exame já não serve aos propósitos do Sueco. Ele quer que algo fique registrado. É por isso que me procurou: para registrar aquilo que, de outra forma, pode ficar sem registro. Omitido e esquecido. O que seria?

Ou talvez ele fosse apenas um homem feliz. Também existem pessoas

felizes. Por que não? Toda a minha dispersiva especulação sobre os motivos do Sueco traduziam apenas a impaciência profissional, a tentativa de imbuir Sueco Levov de algo semelhante ao significado tendencioso que Tolstói atribuiu a Ivan Ilich, tão depreciado pelo autor na impiedosa história em que se propõe a expor de maneira inclemente, e em termos clínicos, o que significa ser uma pessoa comum. Ivan Ilich é um alto funcionário do Supremo Tribunal que leva uma "vida decorosa, aprovada pela sociedade" e que, em seu leito de morte, no fundo de sua agonia e do seu terror incessante, pensa: "Talvez eu não tenha vivido como devia". A vida de Ivan Ilich, escreve Tolstói, sintetizando logo no início seu juízo acerca do juiz presidente do Supremo Tribunal, dono de uma casa confortável em São Petersburgo, com um gordo salário de três mil rublos por ano e com amigos em posições sociais importantes, *fora a mais simples, a mais comum e portanto a mais terrível*. Talvez sim. Talvez na Rússia, em 1886. Mas em Old Rimrock, New Jersey, em 1995, quando todos os Ivan Ilich voltam a se reunir no clube para almoçar, depois de uma manhã no campo de golfe, e passam a se vangloriar dizendo "a vida não poderia ficar melhor do que está", pode ser que eles se encontrem muito mais próximos da verdade do que Leon Tolstói jamais esteve.

A vida de Sueco Levov, até onde eu sabia, *fora a mais simples, a mais comum e portanto fora ótima, bem de acordo com o temperamento americano*.

— Jerry é gay? — perguntei de repente.

— Meu irmão? — o Sueco riu. — Está brincando?

Talvez estivesse, e tenha feito a pergunta de brincadeira, só para aliviar o tédio. Todavia calhou de eu lembrar aquela frase que o Sueco me escrevera a respeito de como seu pai "sofria por causa dos dissabores que atingiram os seus entes queridos", o que me fez cogitar de novo, a que, afinal, ele estaria se referindo, o que por sua vez me levou a recordar espontaneamente a humilhação que Jerry fizera cair sobre si mesmo em nossa penúltima série do colégio quando ele tentou conquistar o coração de uma moça absolutamente comum de nossa sala, tanto que ninguém imaginaria ser necessária uma grande produção para se conseguir arrancar um beijo dela.

Como presente do Dia dos Namorados, Jerry fez para ela um casaco com peles de ratinhos brancos, a pele de cento e setenta e cinco ratinhos brancos que ele curtiu ao sol e depois costurou com uma agulha curva,

surrupiada da fábrica do pai, onde lhe acudiu a idéia. O departamento de biologia da escola secundária recebera a doação de uns trezentos ratinhos brancos para serem dissecados, e Jerry usou de recursos pouco honestos para reunir as peles com a ajuda dos alunos de biologia; sua excentricidade e seu gênio tornaram crível a história que contou a respeito de "uma experiência científica" que estaria realizando em casa. Em seguida, com seus estratagemas, conseguiu obter as medidas da moça, desenhou um modelo e depois, após ter conseguido retirar todo o fedor das peles — ou pensar que havia conseguido — deixando-as para secar sob o sol no telhado da sua garagem, Jerry, meticulosamente, costurou as peles umas nas outras, colocando, a título de acabamento, um forro de seda no casaco, feito de um pedaço de um pára-quedas branco, um pára-quedas defeituoso que o irmão lhe enviara como recordação da base aérea dos fuzileiros em Cherry Point, Carolina do Norte, onde o time de Parris Island venceu o último jogo da temporada e conquistou o campeonato de beisebol dos fuzileiros navais. A única pessoa com quem Jerry falou a respeito do casaco fui eu, o seu esparro do pingue-pongue. Ele ia enviá-lo para a moça em uma caixa de casaco da loja Bamberger, que pertencia à sua mãe, embrulhada em um papel fino, cor de alfazema, amarrado com uma fita de veludo. Mas quando o casaco ficou pronto, estava tão duro — por causa do jeito idiota que ele usou para secar as peles, explicaria seu pai mais tarde — que Jerry não conseguiu sequer dobrá-lo para guardar na caixa.

Diante do Sueco, no restaurante Vincent's, me lembrei de repente de ver o casaco no porão: aquele troço grande estendido no chão, com mangas compridas. Hoje, fiquei pensando, aquilo ganharia todos os prêmios no Museu Whitney, mas em Newark, em 1949, ninguém tinha a mínima idéia do que fosse a grande arte, e Jerry e eu quebramos a cabeça para imaginar um jeito de enfiar o casaco dentro da caixa. Ele tinha cismado com aquela caixa porque a moça, quando começasse a abrir o presente, ia pensar que continha um casaco caro comprado na loja do Bam. Eu imaginava o que ela ia pensar quando visse que *não era* isso que a caixa continha; refletia que com toda a certeza não valia a pena aquele trabalhão só para ganhar a atenção de uma moça meio gorducha, com pele ruim e sem namorado. Mas cooperei com Jerry porque ele possuía uma personalidade ciclônica, ou a gente voava para longe ou se rendia a ele, e porque Jerry era o irmão do Sueco Levov e eu estava na casa de Sueco Levov e para todo lado que a gente olhasse via os troféus de Sueco Levov. No final, Jerry acabou

desmanchando o casaco todo e costurou-o outra vez, de tal modo que a costura ficou atravessada bem na frente do peito, criando uma espécie de dobradiça que permitia que fosse dobrado e enfiado na caixa. Eu o ajudei — foi como costurar uma armadura. Em cima do casaco, ele colocou um coração recortado em cartolina e pintado com o seu nome em letras góticas, e o pacote foi despachado pelo correio. Jerry levou três meses para transformar uma idéia inviável em uma realidade maluca. Um tempo curto, para os padrões humanos.

A garota soltou um berro quando abriu a caixa.

— Ela teve um ataque — disse o seu pretendente.

O pai de Jerry também teve um ataque.

— Foi isso que você fez com o pára-quedas que seu irmão mandou para você? Retalhou tudo? Cortou o pára-quedas?

Jerry estava humilhado demais para contar a ele que fizera aquilo para que a garota se jogasse em seus braços e o beijasse como Lana Turner beijava Clark Gable. Calhou de eu estar ali quando seu pai o repreendeu por ter posto as peles para curtir embaixo do sol de meio-dia.

— Uma pele precisa ser tratada de maneira *adequada*. Adequada! E adequada não é debaixo do sol, uma pele deve ser posta para secar à sombra. Caramba, você não vai querer que a pele fique toda torrada de sol, não é? Escute, posso lhe ensinar de uma vez por todas, Jerome, como se trata uma pele?

E assim fez, muito agitado no início, incapaz de conter sua frustração com a inépcia do próprio filho para trabalhar com couro, explicando a nós dois o que eles haviam ensinado aos comerciantes a fazer com as peles de carneiro na Etiópia, antes de embarcá-las para a Artigos de Couro para Senhoras Newark, a fim de serem tratadas no curtume.

— Você pode salgar a pele, mas fica caro. Sobretudo na África, fica muito, muito caro. E lá eles roubam o sal. Aquela gente não tem sal. É preciso pôr veneno no sal para que eles não roubem. Um outro jeito é embrulhar as peles, tem várias maneiras, pode ser em uma tábua ou em uma moldura, a gente amarra a pele em volta e dá uns pequenos cortes, amarra bem e deixa para secar à sombra. *À sombra*, meninos. Tem também o que chamamos de pele secada com sílex. A gente espalha um pouco de sílex em cima dela, isso impede que se deteriore, evita que os insetos ataquem...

Para meu grande alívio, o ultraje dera lugar, de maneira espantosamente rápida, a uma investida paciente e pedagógica, embora enfadonha, o que

pareceu irritar Jerry ainda mais do que enfrentar o vendaval das broncas e dos bufos zangados do seu pai. Pode muito bem ter sido naquele mesmo dia que Jerry jurou a si mesmo que nunca ia chegar nem perto do trabalho do pai.

Para combater o fedor das peles, Jerry tinha encharcado o casaco com o perfume de sua mãe, porém, quando o casaco foi despachado pelo correio, já tinha começado a feder de novo como fizera o tempo todo, de forma intermitente, e a menina ficou tão revoltada quando abriu a caixa, tão ofendida e horrorizada que nunca mais falou com Jerry. Segundo as outras garotas, ela pensava que Jerry tinha saído por aí caçando todos aqueles animaizinhos e depois os enviara para ela por causa da sua pele estragada. Jerry ficou furioso quando recebeu a notícia e, no meio da partida de pingue-pongue que travamos a seguir, amaldiçoava a garota e chamava todas as garotas de babacas. Se não tivera antes a coragem de convidar alguma delas para sair com ele, a verdade é que depois disso nunca mais tentou e foi um dos três únicos garotos que não apareceram no baile de formatura. Os outros dois eram aquilo que nós identificávamos como "frescos". E por isso eu agora fazia ao Sueco uma pergunta a respeito de Jerry que jamais sonharia fazer em 1949, quando não tinha nenhuma idéia clara do que fosse um homossexual e não podia imaginar que alguém conhecido pudesse ser tal coisa. Na época, eu achava que Jerry era Jerry, um gênio, com uma ingenuidade obses- siva e uma inocência colossal no que concerne a garotas. Na-quele tempo, isso explicava tudo. Talvez explique mesmo. Mas eu estava, na verdade, tentando descobrir se alguma coisa podia andar perturbando a inocência desse soberbo Sueco — e tentando evitar que eu cometesse a rudeza de simplesmente pegar no sono diante dele —, por isso lhe perguntei "O Jerry é gay?".

— Quando garoto, tinha sempre algo de secreto no Jerry — falei. — Nunca havia garotas com ele, nunca teve amigos mais chegados, tinha alguma coisa diferente em torno dele, em torno e mesmo *para além* do seu cérebro, algo que o colocava à margem...

O Sueco concordou com um gesto de cabeça, olhando para mim como se compreendesse, melhor do que qualquer outro ser humano, o sentido profundo do que eu estava dizendo, e por causa desse olhar perscrutador, que eu juraria que não enxergava coisa alguma, toda aquela entrega que não tinha nada o que entregar e não entregava mesmo nada, eu não ti-nha a menor idéia de onde poderiam andar seus pensamentos, ou sequer se ele

possuía algum "pensamento". Quando, por um momento, parei de falar, senti que minhas palavras, em vez de cair na rede da atenção do meu ouvinte, vinham se ligar a coisa nenhuma no seu cérebro, entravam ali e se desmanchavam. Algo em torno dos olhos inofensivos — a promessa que formulavam de que ele jamais seria capaz de fazer outra coisa senão o que fosse certo — começava a me incomodar, e deve ter sido por isso que, logo depois, falei a respeito da sua carta, em vez de ficar de boca fechada até que viesse a conta e eu pudesse ir embora e ficar longe dele durante outros cinqüenta anos, de modo que, quando o ano de 2045 estivesse passando, eu pudesse sair de novo à procura do Sueco.

Combatemos nossa superficialidade, nossa falta de profundidade, de modo a tentarmos nos aproximar dos outros livres de expectativas irreais, sem uma sobrecarga de preconceitos, esperanças, arrogância, da forma menos parecida com o avanço de um tanque, sem canhão, sem metralhadoras e sem chapas de aço de quinze centímetros de espessura; a gente se aproxima das pessoas da forma menos ameaçadora, de pés descalços, em vez de vir rasgando o capim com as esteiras do trator, recebe o que elas dizem com a mente aberta, como iguais, de homem para homem, como dizíamos antigamente, e mesmo assim a gente sempre acaba entendendo mal as pessoas. A gente pode também possuir o *cérebro* de um tanque. Já estamos entendendo errado as pessoas antes mesmo de encontrá-las, enquanto ainda estamos prevendo o que vai acontecer; entendemos errado enquanto estamos diante delas; e depois vamos para casa e contamos a alguém sobre o encontro, e de novo entendemos tudo errado. Uma vez que a mesma coisa acontece com os outros em relação a nós, tudo vira uma ilusão desnorteante, destituída de qualquer percepção, uma espantosa farsa de incompreensões. E, com tudo isso, o que é que vamos fazer a respeito dessa questão profundamente significativa que são *as outras pessoas*, que se vêem drenadas de toda a significação que julgamos ser a delas e adquirem, em vez disso, um significado burlesco, o que vamos fazer se estamos tão mal equipados para distinguir os movimentos interiores e os propósitos invisíveis uns dos outros? Será que todo o mundo devia trancar a porta de casa e ficar quieto, isolado, como fazem os escritores solitários, em uma cela a prova de som, invocando as pessoas por meio de palavras e depois sugerindo que essas pessoas feitas de palavras estão mais próximas das coisas reais do que as pessoas reais que deturpamos todos os dias com a nossa ignorância? Persiste o fato de

que entender direito as pessoas não é uma coisa própria da vida, nem um pouco. Viver é entender as pessoas errado, entendê-las errado, errado e errado, para depois, reconsiderando tudo cuidadosamente, entender mais uma vez as pessoas errado. É assim que sabemos que continuamos vivos: estando errados. Talvez a melhor coisa fosse esquecer se estamos certos ou errados a respeito das pessoas e simplesmente ir vivendo do jeito que der. Mas se você é capaz de fazer isso... bem, boa sorte.

— Quando você me escreveu sobre o seu pai e os dissabores que ele tinha sofrido, me veio à cabeça a idéia de que talvez Jerry fosse um desses dissabores. Seu pai não reagiria melhor do que o meu se descobrisse que tinha um filho veado.

O Sueco sorriu com um sorriso que se recusava a se mostrar superior, que pretendia me tranqüilizar, garantindo que nada nele poderia ou desejaria opor qualquer resistência a mim, um sorriso que me indicava que, por mais adorado que fosse, o Sueco não era nem um pouco melhor do que eu, talvez até fosse um pouquinho mais insignificante.

— Bem, felizmente para o meu pai, isso não foi preciso. Jerry foi o filho que estudou medicina. Ele não poderia ter mais orgulho de ninguém do que tinha de Jerry.

— Jerry é médico?

— Em Miami. Cirurgião cardíaco. Um milhão de dólares por ano.

— Casado? Jerry é casado?

O sorriso de novo. A vulnerabilidade desse sorriso era um elemento surpreendente — a vulnerabilidade do nosso musculoso recordista em face de toda a rudeza necessária para sobreviver. A recusa do sorriso em admitir, muito menos em sancionar para si mesmo, a obstinação feroz que sete décadas de sobrevivência exigem de um homem. Mas qualquer um com mais de dez anos de idade acredita que com um sorriso, ainda mais um sorriso assim gentil e afável, pode subjugar todas as coisas que estão a fim de ferrar com a gente, com um sorriso a gente se defende até o fim, quando o braço forte do imprevisto desce em cima da nossa cabeça, arrebentando tudo. Mais uma vez comecei a pensar que o Sueco talvez estivesse mentalmente perturbado, que aquele sorriso talvez fosse um sinal de demência. Não havia nele nenhuma impostura — e isso era o pior. O sorriso não era falso. Ele não estava imitando nada. Essa caricatura era *aquilo mesmo*, vinha da maneira mais espontânea após uma vida inteira se esforçando cada vez mais profundamente... em quê? Será que a idéia de ver

a si mesmo nos subúrbios do estrelato o havia coroado de grinaldas — havia mumificado o Sueco como um menino para sempre? Era como se tivesse abolido do seu mundo tudo o que não caísse bem nele — não apenas a falsidade, a violência, o escárnio, a crueldade, mas tudo o que fosse remotamente áspero e grosseiro, qualquer ameaça da contingência, esse terrível arauto do desamparo. Nem por um segundo ele interrompeu sua tentativa de fazer sua relação comigo parecer tão simples e sincera quanto a aparente relação consigo mesmo.

A menos que... a menos que ele fosse apenas um homem maduro, tão tortuoso quanto qualquer outro homem maduro. A menos que aquilo que havia despertado com a cirurgia para extrair o câncer — e que momentaneamente conseguira penetrar na confortável posse das coisas que havia durado uma vida inteira — tivesse sido completamente extinto pela sua perfeita recuperação. A menos que ele não fosse uma personalidade sem nenhuma personalidade para revelar, mas sim alguém com uma personalidade que ele não desejava de maneira alguma pôr a nu — apenas um homem razoável que compreende que, se a gente tem em alta conta a nossa privacidade e o bem-estar de nossos entes queridos, a última pessoa para quem se deve fazer confidências é um romancista produtivo. Dê ao romancista, em lugar da história da sua vida, a frontal recusa representada pelo sorriso deslumbrante, fuzile o romancista com as balas estupefacientes do seu sorriso de príncipe-da-brandura, depois raspe o *zabaglione* do seu prato e volte depressa para Old Rimrock, New Jersey, onde está sua esposa e o seu trabalho, não o dele.

— Jerry se casou quatro vezes — disse o Sueco, sorrindo. — Um recorde na família.

— E você? — Eu já havia deduzido, pela idade de seus três filhos, que a esposa loura e quarentona com os tacos de golfe devia ser a segunda esposa, talvez até a terceira. No entanto, o divórcio não combinava com a minha imagem de alguém que se recusava com tamanha persistência a deixar registrado o componente irracional da sua vida. Se tivesse havido um divórcio, deveria ter partido da Miss New Jersey. Ou então ela havia morrido. Ou estando casada com alguém que precisava manter sua atividade com a aparência de algo absolutamente perfeito, alguém que se dedicava de corpo e alma à ilusão da estabilidade, ela talvez tenha sido levada a se suicidar. Talvez *esse* seja o dissabor que o atingiu... Com perversidade, minhas tentativas de atinar com a peça que faltava e que daria

uma imagem completa e coerente do Sueco continuavam a identificá-lo com perturbações das quais não havia o menor vestígio no modelo de perfeição que era o seu rosto, que envelhecia de uma forma esplêndida. Eu não conseguia resolver se essa superfície em branco que via no Sueco era como a neve que cobria alguma coisa ou como a neve que cobria nada.

— Eu? Duas esposas, esse é o meu limite. Comparado a meu irmão, sou um pão-duro. Sua última esposa está por volta dos trinta anos de idade. Metade da idade dele. Jerry é o médico que se casa com a enfermeira. Todas as quatro mulheres, enfermeiras. Elas veneram o chão em que o doutor Levov pisa. Quatro esposas, seis filhos. *Isso* deixou meu pai meio doido. Mas Jerry é um cara grande, um cara meio estourado, a prima-dona todo-poderosa dos cirurgiões, tem um *hospital* inteiro nas mãos, e assim até mesmo o meu pai acabava se rendendo. Não tinha jeito. Se não, ele o teria perdido. Meu irmão caçula não perdia tempo com bobagens. Meu pai esperneava e gritava a cada divórcio, tinha vontade de matar o Jerry, mas assim que o Jerry se casava outra vez, a nova esposa, aos olhos do meu pai, era mais principesca ainda do que a anterior. "Ela é um anjo, é uma doçura, ela é a minha menina..." Se alguém falasse qualquer coisa ruim de qualquer uma das esposas do Jerry, meu pai virava bicho. Ele adorava os filhos de Jerry. Cinco garotas, um menino. Meu pai adorava o menino, mas as garotas, essas eram as meninas dos seus olhos. Não existia nada que ele não fizesse pelas crianças. Por qualquer um de nossos filhos. Quando ele tinha todos a sua volta, todos nós, todos os netos, meu pai se sentia no paraíso. Noventa e seis anos e nunca ficou doente um só dia da sua vida. Após o ataque, durante os seis meses que precederam sua morte, isso foi o pior. Mas ele teve muitas alegrias. Teve uma vida de verdade. Um verdadeiro lutador. Uma força da natureza. Um cara que ninguém conseguia deter.

Um ligeiro tom oscilante vibrou nas suas palavras quando o Sueco discorreu sobre o pai, a voz retumbando de reverência amorosa, revelando sem pudor que nada havia permeado sua vida tanto quanto as expectativas do pai.

— O sofrimento?

— Poderia ter sido muito pior — disse o Sueco. — Apenas seis meses, e mesmo então, na metade do tempo, ele não tinha idéia do que estava acontecendo. Simplesmente foi dormir uma noite... e nós o perdemos.

Ao dizer "sofrimento" eu quis sugerir aquele sofrimento que o Sueco mencionara em sua carta, provocado no pai pe-los dissabores "que

atingiram os seus entes queridos". Porém, mesmo se eu houvesse pensado em trazer sua carta comigo e a tivesse esfregado na sua cara, o Sueco teria se esquivado daquilo que ele mesmo escrevera, com a mesma naturalidade com que se levantara depois que os jogadores de futebol americano tinham se amontoado em cima dele naquele domingo, cinqüenta anos atrás, no Estádio Municipal, contra o South Side, nosso rival mais fraco, e o Sueco conseguiu o recorde estadual marcando quatro vezes seguidas em quatro passes consecutivos. É claro, pensei, é claro... Minha ânsia de descobrir um substrato, minha incessante suspeita de que havia mais coisa ali do que eu estava vendo acabou por despertar nele o temor de que eu pudesse ir adiante e dizer ao Sueco que ele não era aquilo que queria que nós acreditássemos que era... Mas então pensei o seguinte: Por que descarregar sobre ele toda essa reflexão? Por que esse apetite para conhecer o sujeito a fundo? Estava assim esfomeado porque uma vez, tempos atrás, ele me disse, e só para mim: "Essas coisas nunca acontecem no basquete, Saltador"? Por que espremer o Sueco desse jeito? O que é que há com você, afinal? Não existe nada aqui, a não ser aquilo que está vendo. Ele é tudo o que há para se ver. Sempre foi. Não está simulando toda essa virgindade. Você está pedindo profundezas que não existem. Esse cara é a encarnação de nada.

Eu estava errado. Nunca estive tão errado a respeito de alguém em toda a minha vida.

2

Vamos lembrar a energia. Os americanos governavam não só a si mesmos mas cerca de duzentos milhões de pessoas na Itália, Áustria, Alemanha e Japão. Os julgamentos dos crimes de guerra estavam, de uma vez por todas, extirpando a terra de seus demônios. O poder atômico era só nosso. O racionamento estava terminando, o tabelamento de preços estava sendo suspenso; em uma explosão de auto-afirmação, trabalhadores das fábricas de carros, trabalhadores das minas, trabalhado- res dos transportes, trabalhadores marítimos, trabalhadores do aço — trabalhadores aos milhões exigiam mais e entravam em greve por isso. E jogar um beisebolzinho improvisado nas manhãs de domingo no campo da avenida Chancelor e jogar basquetebol de brincadeira nas quadras de asfalto atrás do colégio era o que faziam os rapazes que tinham voltado vivos da guerra, vizinhos, primos, irmãos mais velhos, os bolsos cheios com a remuneração do desligamento do serviço militar, e a lei que fornecia vantagens aos ex-pracinhas os convidava a fazer coisas que nunca teriam sonhado ser possíveis antes da guerra. Nossa turma começou a escola secundária seis meses após a rendição incondicional dos japoneses, durante o maior momento de embriaguez coletiva da história americana. E o surto de energia foi contagiante. Em torno de nós, nada era desprovido de vida. O sacrifício e a restrição tinham acabado. A Depressão havia desaparecido. Tudo estava em movimento. A tampa fora aberta. Os americanos deveriam recomeçar outra vez, em mas-sa, todos juntos no mesmo barco.

Se isso não fosse suficientemente inspirador — a conclusão miraculosa desse acontecimento supremo, o relógio da história reajustado e os objetivos de todo um povo já não mais delimitados pelo passado —, havia o bairro, a determinação comunitária de que nós, as crianças, tínhamos de escapar da pobreza, da ignorância, da doença, da ofensa e da intimidação social — escapar, sobretudo, da insignificância. Vocês não po-dem acabar dando em nada! *Façam alguma coisa importante na vida*!

Apesar da corrente subterrânea de inquietação — a sensação diariamente transmitida de que a miséria era uma ameaça persistente, uma ameaça que apenas a diligência incansável poderia ter alguma chance de manter à

distância; apesar de uma generalizada descrença em relação ao mundo dos gentios; apesar do medo de ser derrotado, que pesava sobre muitas famílias por causa da Depressão —, o nosso bairro não era do tipo que permanece mergulhado em trevas. O lugar resplandecia de tanta atividade. Havia uma grande fé na vida e vivíamos incessantemente voltados na direção do sucesso: uma vida melhor estava reservada para nós. O objetivo era *ter* objetivos. Essa determinação vinha muitas vezes emaranhada em certa histeria, a histeria belicosa daqueles cuja experiência ensinara como apenas um pequeno antagonismo basta para deixar uma vida estragada e sem conserto. Todavia era essa mesma determinação — emocionalmente saturada pela incerteza que dominava nossos pais, pela sua consciência de tudo aquilo que se havia aliado contra eles — que tornava o bairro um lugar coeso. Uma comunidade inteira nos implorando perpetuamente que não fôssemos descomedidos e não fizéssemos bobagens, implorando para que aproveitássemos a oportunidade, tirássemos partido de nossas vantagens, lembrássemos sempre *aquilo que interessa*.

A mudança não foi pequena entre uma geração e outra e havia muita coisa para se discutir: as idéias sobre o mundo, de que eles não iam abrir mão; as regras que eles cultuavam pareciam, a nós, uma boca banguela, após a passagem de ape- nas duas décadas do tempo americano; aquelas incertezas que eram deles e não nossas. A questão de saber até que ponto poderíamos nos atrever a ser livres deles persistia, um debate interno, ambivalente e exasperado. O que era mais opressivo, do ponto de vista deles, alguns poucos de nós haviam de fato tido a audácia de enfrentar, mas o conflito de gerações nunca pa- recia aquilo que veio a se tornar vinte anos depois. O bairro nunca foi um campo de batalha salpicado pelos cadáveres dos incompreendidos. Havia muita bronca a fim de garantir a obediência; a capacidade adolescente de sublevação era mantida sob controle por meio de mil exigências, prescrições, proibições — limites que se mostravam insuperáveis. Um deles era a nossa própria avaliação, bastante realista, daquilo que representava o nosso principal interesse; outro, a decência impregnante daquele tempo, cujos tabus trazíamos presos entre os dentes desde o nascimento; sem falar na ideologia, convertida em lei, do auto-sacrifício dos nossos pais, que drenava em nós a fonte da rebeldia temerária e despachava para o subsolo qua-se todos os desejos indecentes.

Teria sido necessário muito mais coragem — ou burrice — do que a maioria de nós era capaz de reunir, para frustrar as suas ilusões

apaixonadas, inabaláveis, acerca de nossa perfeição, e se desviar muito além do que era permissível. As razões deles para nos pedir que fôssemos, ao mesmo tempo, obedientes às leis e superiores não eram razões que pudéssemos re- futar de maneira consciente, e assim um controle próximo ao absoluto era concedido aos adultos que davam duro e se aprimoravam por nosso intermédio. Formas brandas de pânico podem ter decorrido desse tipo de situação mas poucos casos de psicose foram registrados, pelo menos na época. O peso de toda essa expectativa não era necessariamente mortífero, graças a Deus. É claro que houve famílias em que as coisas poderiam ter corrido melhor se os pais não tivessem pisado tão fundo no freio, mas na maioria dos casos o atrito entre as gerações era apenas o bastante para nos dar um empurrão para, um dia, irmos morar fora de casa.

Será que estou errado ao pensar que adorávamos viver ali? Nenhuma ilusão é mais corriqueira do que aquela que a nostalgia nos inspira na velhice, mas será que estou completamente enganado ao pensar que viver como crianças de boas famílias na Florença do Renascimento não chegaria nem aos pés de ser criado no raio de alcance aromático dos barris de picles de Tabachnik? Será que estou errado em pensar que mesmo naquele tempo, que era o nosso vívido presente, a plenitude da vida fazia vibrar nossas emoções a um grau extraordinário? Algum outro lugar, desde então, conseguiu inundar nossa men-te com um mar de detalhes como aquele? O *detalhe*, a imensidão do detalhe, a força do detalhe, o peso do detalhe — a rica infinidade de detalhes que nos rodeava em nossa juventude, como os dois metros de terra que serão despejados em nossa cova quando estivermos mortos.

Talvez, por definição, um bairro seja o lugar ao qual uma criança dedica espontaneamente sua atenção total; a maneira pura pela qual o sentido das coisas chega até as crianças, emergindo direto da superfície das coisas. Todavia, cinqüenta anos depois, eu pergunto: será que a imersão alguma vez foi mais completa do que aconteceu naquelas ruas, onde cada quarteirão, onde cada quintal, cada casa, cada *chão* de cada ca-sa — as paredes, os tetos, as portas e as janelas da residência da família de cada um de seus amigos — chegavam a ser absolutamente individualizados? Será que alguma outra vez conseguiremos tornar-nos instrumentos assim aguçados no registro da superfície microscópica das coisas ao alcance de nos- sas mãos, as mais minúsculas gradações de posição social indicadas pelo linóleo e pelo encerado, pela velas de *yahrzeit* e os cheiros da

cozinha, pelos isqueiros de mesa Ronson e as venezianas nas janelas? Entre nós, sabíamos quem trazia que tipo de refeição na bolsa, em seu armário do colégio, e quem pedia o que no seu cachorro-quente no Syd's; conhecíamos todos os atributos físicos uns dos outros — quem andava com os pés voltados para os lados e quem tinha seios, quem tinha cheiro de loção de cabelo e quem salivava demais quando falava; sabíamos quem, entre nós, era beligerante e quem era amistoso, quem era esperto e quem era burro; sabíamos quem tinha uma mãe que falava com sotaque e quem tinha um pai que usava bigode, sabíamos quem tinha uma mãe que trabalhava fora e quem tinha um pai que havia morrido; de algum modo, chegávamos até mesmo a entender vagamente como o diferente conjunto de circunstâncias de todas as famílias acabava conferindo um difícil problema humano distinto para cada família.

E, é claro, havia a turbulência compulsória que nascia da pobreza, do apetite, da fantasia, do desejo, e o medo da ruína. Contando apenas com a introspecção adolescente para iluminar nosso caminho, cada um de nós, desesperadamente púbere, sozinho e em segredo, tentava regular as coisas — e em uma era em que a castidade ainda estava em ascensão, uma causa nacional a ser abraçada pelos jovens, como a liberdade e a democracia.

É assombroso que tudo continue tão imediatamente visível em nossas vidas quanto os colegas de classe na escola que ain-da recordamos de maneira tão precisa. A intensidade da emoção que sentimos quando nos encontramos hoje é também assombrosa. Porém mais assombroso ainda é que estamos nos aproximando da idade que nossos avós tinham quando entramos na escola secundária no dia 1º de fevereiro de 1946. O que é assombroso é que nós, que não tínhamos a menor idéia de como as coisas iam correr dali em diante, agora sabemos exatamente o que aconteceu. Que os frutos da classe de janeiro de 1950 tenham todos brotado — as perguntas irrespondíveis tenham sido respondidas, o futuro tenha sido revelado —, isso não é uma coisa assombrosa? Ter vivido — e neste país, e neste tempo, e do jeito que somos. Assombroso.

Este é o discurso que não fiz na reunião comemorativa de quarenta e cinco anos de formatura dos meus colegas da escola secundária, um discurso para mim mesmo, mascarado como se fosse um discurso dirigido a eles. Comecei a compor o texto apenas *após* a reunião, no escuro, na cama, tateando às cegas no esforço de compreender o que me havia atingido. O tom — demasiado ruminante para uma festa em um clube campestre e para

o tipo de diversão descontraída que as pessoas esperavam encontrar ali — não me pareceu nem um pouco descabido entre as três e as seis da manhã, enquanto eu tentava, em meu estado superestimulado, compreender a união subjacente à reunião, a experiência comum que nos unira quando garotos. Apesar das gradações de pobreza e de privilégio, apesar do exército de aflições municiado por uma mixórdia espantosamente variada de brigas familiares — brigas que, felizmente, prometiam mais infelicidade do que de fato acarretavam —, alguma coisa poderosa nos unia. E nos unia não apenas ali no local de onde viemos mas também no lugar para onde fomos e no caminho que nos levou até lá. Possuíamos novos meios e novos fins, novas lealdades e novos propósitos, novas entranhas — uma nova *tranqüilidade*, um pouco menos de agitação em face das exclusões que os góis ainda queriam preservar. E de que contexto essas transformações emergiram — de que drama histórico, encenado de maneira distraída por seus pequenos protagonistas, representado em salas de aula e cozinhas, sem a menor semelhança com o grande teatro da vida? O que, exatamente, se chocou com o que, para produzir em nós essa centelha?

Eu ainda estava acordado e ainda me sentia agitado, formulando essas perguntas e suas respostas em minha cama — borrões confusos, insones, dessas perguntas e de suas respostas —, umas oito horas depois de ter voltado de carro de New Jersey, onde, em um domingo ensolarado no final de outubro, em um clube campestre em um subúrbio judeu longe do fracasso que predominava agora nas ruas da nossa infância, varridas pelo crime, infestadas pelas drogas, a reunião que começou às onze da manhã se prolongou em ebulição por toda a tarde. Foi realizada em um salão de bailes na extremidade do campo de golfe do clube, para um grupo de adultos idosos que, como crianças de Weequahic nos anos 30 e 40, teriam pensado que um *nibblick* (que naquele tempo era o que se chamava um taco de ferro número 8) não era o nome de um taco de golfe mas sim um pedaço de arenque ensopado. Agora eu não conseguia dormir — a última coisa de que eu conse-guia me lembrar era o manobreiro trazendo meu carro até a escada da varanda e a mestre-de-cerimônias da reunião, Selma Bresloff, gentilmente me perguntando se eu me divertira, e eu lhe respondi:

— É como voltar para o nosso velho alojamento militar depois de Iowa Jima.

Por volta das três da manhã, saí da cama e fui até a minha escrivaninha, minha cabeça vibrando com a estática de pensamentos inconclusos. Acabei

trabalhando ali até as seis da ma-nhã, ocasião em que tinha o discurso pronto para ser lido, tal como transcrito acima. Só depois de eu ter chegado à peroração emocionada que culmina na palavra "assombroso", me vi suficientemente desassombrado pela força de meus sentimentos para me sentir capaz de dormir durante algumas horas — ou ter algo parecido com o sono pois, pelo menos durante metade dele, fui uma biografia em movimento perpétuo, memória até o tutano dos meus ossos.

Sim, mesmo para uma festa benigna como uma reunião de colegas da escola secundária, não é tão simples assim resumir toda uma existência por trás da venda da continuidade e da rotina. Talvez, se eu tivesse trinta ou quarenta anos, a reunião se houvesse desfeito mansamente no decorrer das três horas que levei para voltar de carro para casa. Mas não existe um jeito de dominar com facilidade acontecimentos desse tipo quando a gente está com sessenta e dois anos, e apenas um ano depois de uma cirurgia para extrair um câncer. Em vez de recapturar o tempo passado, fui capturado por ele no presente, de modo que, embora eu parecesse estar deixando para trás o mundo do tempo, na verdade eu disparava como um foguete na direção do seu âmago secreto.

Naquelas horas em que estivemos juntos, sem fazer nada além de abraçar, beijar, contar anedotas, rir, debruçar-nos uns sobre os outros recordando dilemas e desastres que a longo prazo acabaram não fazendo a menor diferença para ninguém, gritando "Olhe só quem está ali!" e "Ah, já faz tanto tempo" e "Lembra de mim? Eu me lembro de você", perguntando uns aos outros "Uma vez nós não fomos...", "Não foi você o garoto que...", pedindo uns aos outros — com essas três palavras lancinantes que ouvi as pessoas repetirem a tarde inteira, enquanto eram puxadas pelo braço e arrastadas por várias conversas ao mesmo tempo — "Não vá embora!"... e, é claro, dançar, de rosto colado, dançar com os nossos passos antiquados ao som de um "homem-orquestra", um rapaz barbado, de smoking, testa cingida por um lenço vermelho (um rapaz nascido pelo menos duas décadas completas depois de termos saído jun- tos do auditório da escola, ao som de "Iolanthe", num ritmo tão estimulante quanto um hino entoado no final da missa), que se acompanhava com um sintetizador enquanto imitava Nat "King" Cole, Frankie Laine e Sinatra — naquelas poucas horas, a cadeia do tempo, a enxurrada maldita de tudo o que chamamos tempo, parecera tão fácil de compreender quanto as dimensões da rosquinha que, sem o menor esforço, engolimos com o café da manhã. O homem-orquestra

com o lenço na testa tocava "Mule Train" enquanto eu pensava: o Anjo do Tempo está passando por nós e aspirando em cada respiração tudo aquilo que vivemos — o Anjo do Tempo inequivocamente tão presente no salão de baile do Cedar Hill Country Club quanto aquele rapaz cantando "Mule Train" igual a Frankie Laine. Às vezes eu me via olhando para todo o mundo como se ainda estivesse em 1950, como se "1995" fosse apenas o enredo futurista de um baile de formatura ao qual todos comparecemos portando cômicas máscaras de papelão de nós mesmos, tal como pareceríamos ao se encerrar o século XX. O tempo daquela tarde não fora inventado para ludibriar ninguém senão nós mesmos.

Dentro da caneca comemorativa que Selma presenteou a cada um de nós na hora de ir embora, havia meia dúzia de pequenos *rugelach* embrulhados com papel de seda de cor laranja, cuidadosamente fechados em celofane laranja e amarrados com uma fita crespa e listrada de marrom e laranja, as cores de nossa escola. Os *rugelach*, que estavam tão frescos quanto os melhores que belisquei em casa depois da escola — naquele tempo, assados pela minha mãe, a atravessadora de receitas do seu clube de *mahjong* —, eram um brinde de um de nossos colegas de turma, dono de uma confeitaria em Teaneck. Cinco minutos após deixar a reunião, desfiz o duplo embrulho e devorei todos os seis *rugelach*, cada um igual a uma lesminha de massa de confeitaria com açúcar polvilhado por cima, as pequenas cavidades revestidas de canela microscopicamente enfeitadas com passas miúdas e nozes picadas. Ao devorar rapidamente, um bocado depois do outro, aquelas casquinhas cuja maravilha farinhenta — misturando manteiga, creme de leite, baunilha, requeijão, gema de ovo e açúcar — eu adorava desde a infância, talvez eu tenha descoberto se desmanchando em Nathan aquilo que, segundo Proust, se desmanchou em Marcel no instante em que ele reconheceu "o sabor da pequena *madeleine*": a apreensão com relação à morte. "Um mero sabor", escreve Proust, e "a palavra 'morte' [não tem] [...] nenhum sentido para ele". Assim, comi esfomeado, como um glutão, me recusando a refrear por um só momento aquela deglutição lupina de gordura saturada mas, no final, sem ter nem um pouco da sorte de Marcel.

Vamos falar um pouco mais da morte e do desejo — como é bastante compreensível para um velho, um desejo sem a menor esperança — de evitar a morte, de resistir a ela, de recorrer a todos os meios necessários para ver a morte de nenhuma outra forma, *nenhuma* outra, senão com

clareza.

Um dos rapazes vindos da Flórida — segundo o folheto da reunião que todos recebemos na entrada, vinte e seis pessoas, de uma turma de formandos constituída de cento e setenta e seis alunos, viviam agora na Flórida... um bom sinal, uma vez que ainda havia um número maior do nosso pessoal vivendo na Flórida do que a soma daqueles que já haviam morrido; e a tarde inteira, aliás, nem notei que os homens eram chamados de rapazes, e as mulheres, de garotas — me contou que, a caminho de Livingston, vindo do aeroporto de Newark, onde o seu avião tinha pousado e ele havia alugado um carro, teve de parar duas vezes em um posto de gasolina e pedir a chave do banheiro, tão agitado ficou com a emoção de vir à festa. Era Mendy Gurlik, eleito em 1950 o rapaz mais bonito da turma, em 1950 ele tinha os ombros largos, um bonitão de cílios grandes, nosso mais destacado dançarino de *jitterburgger*, que adorava sair dizendo para as pessoas: "Firme, Jackson!". Uma vez foi convidado pelo seu irmão mais velho para ir a um puteiro de negros na rua Augusta, onde os cafetões vagueavam na calçada, quase na esquina seguinte à loja de bebidas do pai, em Branford Place — um puteiro onde, mais tarde Mendy confessou, ele ficava sentado totalmente vestido, esperando em uma ante-sala, folheando uma revista *Mecânica Ilustrada* que havia achado em uma mesa, enquanto seu irmão era quem "ia lá" — Mendy era o mais próximo de um delinqüente que nossa turma havia produzido. Foi Mendy Gurlik (agora Garr) que me levara ao Adams Theater a fim de ouvir Illinois Jaquet, Buddy Johnson e a "cria de Newark" chamada Sarah Vaughan; foi ele quem comprou os ingressos e me levou para ouvir Mr. B., Billy Eckstine, em um concerto no Mosque; foi ele quem, em 49, comprou os ingressos para irmos ver o concurso de beleza para Miss América Sépia no Laurel Garden. Foi Mendy quem, três ou quatro vezes, me levou para ver, ao vivo, o programa de rádio de Bill Cook, o disc-jóquei negro de voz macia da estação WAAT de New Jersey. *Musical Caravan*, o show de Bill Cook, eu geralmente o ouvia no meu quarto, de luz apagada, nas noites de sábado. O tema de abertura era "Caravan", de Duke Ellington, muito exótico, muito sofisticado, ritmos afro-orientais, uma cadência de dança do ventre — só por isso já valia a pena sintonizar o programa; "Caravan", na interpretação do próprio Duke, me fazia sentir gostosamente ilícito, mesmo enfiado entre as cobertas recém-lavadas da minha mãe. Primeiro, a abertura do tambor, a seguir, em uma oscilação curvilínea, se erguia para fora da casbá o grande e

enfumaçado trombone, e depois a insinuante flauta, como uma serpente. Mendy a chamava de "música desossadora".

Para chegar à WAAT — e ao estúdio de Bill Cook — tomávamos o ônibus 14, para o centro, e apenas alguns minutos depois de nos termos instalado em total silêncio, como se fôssemos crentes na igreja, na fila de cadeiras do lado de fora da sua salinha de vidro, Bill Cook saía de trás do seu microfone para vir nos cumprimentar. Em um "recorde de corrida", enquanto o prato da vitrola rodava — para os ouvintes ainda timidamente instalados em suas casas — Cookie cordialmente vinha apertar as mãos dos dois brancos altos, magricelas, muito arrumadinhos em seus ternos com paletó de um só botão, da American Shop, e com suas camisas da Custom Shoppe, com colarinhos largos. (As roupas que eu vestia foram emprestadas por Mendy, especialmente para aquela noite.) "E o que posso tocar para vocês, cavalheiros?", Cookie indagava gentilmente em uma voz cuja rica ressonância Mendy imitava toda vez que falava ao telefone. Eu pedia alguma coisa melodiosa, "senhorita" Dinah Washington, "senhorita" Savannah Churchill — e como era arrebatador naquela época o lascivo galanteio dos disc-jóqueis, "senhoritas" —, ao passo que o gosto de Mendy, mais apimentado, bem mais impositivo do ponto de vista racial, tendia para músicos como o mal-afamado pianista de bar Roosevelt Sykes, para Ivory Joe Hunter ("*Quando*... perdi meu *beeeem*... eu, *a-ai*... *quase* fiquei *louco*"), e por um quarteto que, aos meus olhos, Mendy parecia apreciar de forma exagerada, chamando-o de "*Ray*-O-Vacs", enfatizando a primeira sílaba exatamente como fazia o rapaz negro de South Side, Melvyn Smith, que fazia entregas para a loja do pai de Mendy, depois do horário do colégio. (Mendy e seu irmão faziam as entregas aos sábados.) Mendy, audaciosamente, acompanhara Melvyn Smith, certa noite, para ouvir música bebop ao vivo na sala de espe-ra do boliche da rua Bacon, Lloyd's Manor, um lugar aonde poucos brancos se atreviam a ir, afora alguma imprudente Desdêmona de um dos músicos. Foi Mendy Gurlik quem primeiro me levou para a Record Shack, a rádio da rua Market onde escolhíamos discos em promoção na prateleira de dezenove cents e podíamos ouvir um disco inteiro em uma cabine, antes de comprá-lo. Durante a guerra, quando, a fim de manter o moral alto no fronte doméstico, havia um baile por semana nos meses de julho e agosto no campo esportivo da avenida Chancellor, Mendy costumava se meter no meio da multidão animada — os pais do bairro, jovens e crianças que ficavam acordadas até tarde correndo agitadas para

um lado e para o outro pelas bases de beisebol pintadas no chão com tinta branca, o campo onde jogávamos nosso eterno beisebol simplificado de verão — oferecendo, para quem se desse ao trabalho de escutar, um tipo de prazer musical menos convencional do que os arranjos inspirados em Glenn Miller e Tommy Dorsey, que quase todo o mundo gostava de dançar sob a luz embaçada dos refletores nos fundos do colégio. Sem dar atenção à música dançante que a banda porventura estivesse tocando no pal-co embandeirado, Mendy passava voando no meio das pessoas durante boa parte da noite cantarolando "Cal*do*nia, Cal*do*nia, o que faz sua cabeça grande ser tão *dura*? Rochas!". Ele cantava segundo proclamava, exultante, "livre de despesas", tão empolgado quanto Louis Jordab e seus Timpany Five o faziam no disco que Mendy sempre obrigava todos os incautos a ouvir, sob qualquer pretexto teimoso (jogar pôquer aberto de sete cartas com limite de aposta a um dólar, examinar pela milionésima vez os desenhos de sacanagem da sua revistinha *Tillie the Toiler* e, em algumas raras ocasiões, para promover uma ses-são de masturbação coletiva), toda vez que entrávamos em seu quarto fatídico quando não tinha mais ninguém em casa.

E aqui estava agora Mendy, em 1995, o garoto de Wee-quahic com o maior talento do mundo para não ser nada me-nos do que uma digna criança modelo, uma personalidade a meio caminho entre a timidez ligeiramente repulsiva e a audácia, a dissidência invejável, entre o persuasivo e o ofensivo. Aqui estava o Fino, o Sujo, o Doido Mendy Gurlik, não na cadeia (onde eu tinha certeza de que ele ia terminar quando nos mandava sentar em círculo no chão do seu quarto, quatro ou cinco do time dos Destemidos com as calças abaixadas, competindo para ver quem seria o primeiro a "disparar" e ganhar os dois dólares guardados dentro de um pote), não no inferno (para onde eu tinha certeza de que ele seria despachado depois de morrer esfaqueado em Lloyd's Manor, por um negro "cheio de erva na cabeça" — fosse o que fosse que isso quisesse dizer), mas simplesmente um dono de restaurante aposentado — dono de três casas especializadas em carne chamadas Garr's Grill, na zona suburbana de Long Island —, ali estava ele, em um lugar de reputação tão inocente como aquela reunião de quarenta e cinco anos de formatura dos meus colegas de escola secundária.

— Você não tem por que se preocupar, Mendy... Você ainda mantém a velha forma física, a aparência. Você me espanta. Está mesmo ótimo.

E estava mesmo: pele corada, corpo esguio, um praticante de corridas diárias, alto, de rosto estreito, calçando botinas pretas de couro de jacaré e uma camisa de seda preta por baixo de um casaco de caxemira. Apenas a cabeça, transbordante de cabelos branco-prateados, parecia de forma duvidosa não pertencer a ele na verdade, dando a impressão de que tivera uma vida anterior, como a cauda de um gambá.

— Eu me cuido, esse é o meu lema. Liguei para o Mutty — Marty "Mutty" Sheffer, famoso arremessador de bolas de efeito dos Destemidos, o time em que nós três jogávamos na liga do nosso playground e, segundo os dados biográficos contidos no folheto da reunião, um "consultor financeiro" e, também (ao contrário do que parecia quando recordei que, de uma timidez paralisante diante de garotas, o Mutty com cara de bebê fizera do manuseio do pênis a principal diversão da sua adolescência), genitor de "filhos, 36, 34, 31 anos", e "netos, 2 e 1 anos" —, eu disse ao Mutty — prosseguiu Mendy — que se ele não sentasse ao meu lado eu não viria. No meu trabalho, tive de lidar com pessoas realmente ordinárias. Lidei com gente barra-pesada mesmo. Mas isto aqui eu não seria capaz de enfrentar, de jeito nenhum. Não foram só duas vezes, Saltador, mas sim *três* vezes que parei o carro na estrada para cagar.

— Bem — falei —, após anos e anos pintando a nós mesmos com cores opacas, isto aqui nos leva direto de volta ao tempo em que tínhamos certeza de que éramos transparentes.

— É mesmo?

— Talvez. Quem sabe.

— Vinte da nossa turma mortos. — Ele me mostrou na parte de trás do livreto a página intitulada "In Memoriam". — Onze dos rapazes morreram — disse Mendy. — *Dois* do nosso time dos Destemidos. Bert Bergman. Utty Orenstein. — Utty era o apanhador que fazia dupla com Mutty. Bert jogava na segunda base. — Câncer na próstata. Os dois. E os dois nos últimos três anos. Fiz o exame de sangue. Faço o exame a cada seis meses desde que soube do caso de Utty. Você já fez o exame?

— Fiz. — É claro, não fazia exame porque já não tinha próstata.

— Com que freqüência?

— Uma vez por ano.

— Não é o bastante — ele me disse. — A cada seis meses é melhor.

— Tudo bem, farei isso.

— Tem passado bem? — perguntou, segurando-me pelos ombros.

— Estou em boa forma — respondi.

— Ei, fui eu quem ensinei você a se masturbar, sabia disso?

— Foi você mesmo, Mendel. Entre noventa e cento e vinte dias antes que eu descobrisse tudo por mim mesmo. Foi você quem me iniciou.

— Fui eu — disse Mendy, rindo às gargalhadas — que ensinei Saltador Zuckerman a se masturbar. Essa glória eu reivindico para mim. — E nos abraçamos, o careca da primeira base e o grisalho arremessador do lado esquerdo do campo, jogadores do fraco time do Clube Atlético Destemido. O torso que eu podia pressentir por trás de suas roupas atestava o quanto ele cuidava de si mesmo.

— Ainda estou inteiro — disse Mendy com alegria. — Cinqüenta anos depois. Um recorde dos Destemidos.

— Não tenha tanta certeza — retruquei. — Pergunte ao Mutty.

— Soube que você teve um ataque do coração — disse ele.

— Não, só uma ponte de safena. Anos atrás.

— Essa merda de ponte de safena. Eles enfiam um tubo pela sua garganta abaixo, não é?

— É sim.

— Vi meu cunhado com o tubo enfiado na garganta. Essa não — disse Mendy. — Não quero ficar ali daquele jeito horrível, mas Mutty vive me ligando e dizendo: "Você não vai viver para sempre". E eu vivo dizendo para ele: "*Vou* sim, Mutt. Eu preciso!". Então fui idiota o bastante para vir aqui e a primeira coisa que vi quando abri este livreto foram os obituários.

Quando Mendy se afastou para pegar um drinque e encontrou Mutty, procurei o seu nome no livreto: "Dono de restaurante aposentado. Filhos, 36, 33, 28 anos. Netos, 14, 12, 9, 5, 5, 3 anos". Fiquei imaginando se seriam os seis netos, inclusive os que pareciam ser dois gêmeos, que deixavam Mendy tão temeroso da morte ou se haveria outras razões, como divertir-se ainda com prostitutas e ter prazer de usar roupas elegantes. Eu devia ter perguntado.

Eu devia ter perguntado às pessoas um monte de coisas naquela tarde. Porém, depois, embora me lamentando de não ter feito isso, compreendi que obter respostas para qualquer uma de minhas perguntas que começassem com "Mas o que foi que aconteceu com..." não teria explicado por que eu experimentava a sensação esquisita de que o que existe *por trás* do que se vê é justamente aquilo que eu estava vendo. Não seria preciso mais do que ouvir uma das garotas quando ela falou para o fotógrafo, um

segundo antes de tirar a foto de conjunto da turma, "Cuidado para as rugas não aparecerem", não seria preciso mais do que rir junto com todo o mundo daquela piadinha oportuna, para sentir que o Destino, o mais antigo enigma do mundo civilizado — e o nosso primeiro tema de redação como calouros na faculdade, no curso de mitologia grega e romana, quando escrevi "as Parcas são três deusas, chamadas de Moiras, cujos nomes são Clotó, a que fia, Láquesis, a que determina o comprimento do fio, e Átropos, a que corta o fio da vida" —, o Destino se tornou perfeitamente compreensível ao passo que todas as coisas destituídas de qualquer mistério, tal como ficar de pé para tirar uma fotografia na terceira fileira com um dos braços apoiado no ombro de Marshall Goldstein ("Filhos, 39, 37 anos. Netos, 8, 6 anos.") e o outro no ombro de Stanley Wernikoff ("Filhos, 39, 38 anos. Netos, 5, 2 anos, 8 meses."), tornaram-se inexplicáveis.

Um jovem estudante de cinema da Universidade de Nova York chamado Jordan Wasser, neto do zagueiro Milton Wasser-berger, viera junto com Milt a fim de produzir um documentário de nossa reunião para um de seus cursos; de vez em quando, enquanto eu vagava pelo salão documentando o evento a meu próprio modo antiquado, entreouvi Jordan entrevistando alguém sob o foco da câmera.

— Era diferente de todos os colégios — explicava-lhe Marilyn Koplik, de sessenta e três anos de idade. — O pessoal era formidável, tínhamos bons professores, o pior crime que podíamos cometer era mascar chiclete...

— O melhor colégio das redondezas — disse George Kirschenbaum, de sessenta e três anos. — Os melhores professores, os melhores alunos...

— Olhando um por um — disse Leon Gutman, de sessenta e três anos de idade —, este é o grupo de pessoas mais inteligentes com que eu já trabalhei.

— O colégio era bem diferente naquele tempo — disse Rona Siegler, de sessenta e três anos de idade, e à pergunta seguinte Rona respondeu com uma risada, uma risada sem muita alegria. — Mil novecentos e cinqüenta? Foi só alguns anos atrás, Jordan.

— Sempre conto às pessoas — alguém comentou comigo —, quando perguntam se estudei no mesmo colégio que você, como você escreveu aquele trabalho para mim na aula do Wal-lach. Sobre o romance *O emblema vermelho da coragem.*

— Mas eu não escrevi.

— Escreveu sim.

— O que eu podia saber sobre *O emblema vermelho da coragem*? Só fui ler o livro na faculdade.

— Não. Você escreveu um trabalho para mim sobre *O emblema vermelho da coragem*. Tirei A mais. Entreguei o trabalho com uma semana de atraso e depois Wallach me disse: "Valeu a pena esperar".

A pessoa que me contava essa história, um homem pequeno, curvado, com uma barba branca e curta, uma cicatriz violenta embaixo de um dos olhos e dois aparelhos de audição, era um dos poucos que vi naquela tarde em quem o tempo fizera um trabalho caprichado; nele, o tempo havia trabalhado fazendo hora extra. Caminhava mancando e conversava comigo apoiado em uma bengala. Sua respiração era pesada. Eu não o reconheci, não quando o olhei de frente, a quinze centímetros de distância, e nem mesmo depois de ler, estampado no crachá, que o seu nome era Ira Posner. Quem era Ira Posner? E por que eu lhe teria prestado aquele favor, sobretudo quando eu não poderia fazê-lo? Será que escrevi o texto para Ira sem me dar ao trabalho de ler o livro?

— Seu pai significava muito para mim — disse Ira.

— É mesmo? — perguntei.

— Nos poucos momentos da minha vida em que estive com ele me senti melhor do que todo o tempo que passei com meu próprio pai.

— Eu não sabia disso.

— Meu pai foi uma pessoa muito periférica em minha vida.

— O que ele fazia? Eu não lembro.

— Ganhava a vida raspando assoalhos. Passou a vida inteira raspando assoalhos. O seu pai vivia incentivando você a tirar as melhores notas. A idéia que meu pai fazia de me estimular para subir na vida era comprar para mim um jogo de material de engraxate, assim eu poderia ganhar vinte e cinco cents engraxando sapatos na rua, ao lado de uma banca de jornais. Foi isso que ele me deu de presente quando me formei na escola secundária. Uma besta quadrada. Sofri um bocado naquela família. Uma família da idade das trevas. Penei feito o diabo com aquelas pessoas. Você foi empurrado para a frente pelo seu pai, Nathan, e virou um cara fino. Eu tive um irmão que foi preciso internar em um hospício. Você não sabia disso. Ninguém sabia. Não podíamos sequer mencionar o nome dele. Eddie. Quatro anos mais velho do que eu. Ele tinha acessos de raiva terríveis e mordia as mãos até sangrar. Gritava feito um coiote até que meus pais vinham acalmá-lo. Na escola, perguntavam se eu tinha irmãos e irmãs e

eu escrevia: “Não”. Enquan-to eu estava na faculdade, meus pais redigiram uma autorização para o hospício e então fizeram uma lobotomia no Eddie, ele entrou em coma e morreu. Pode imaginar? Mandar que eu fosse engraxar sapatos na calçada da rua Market, em frente ao fórum... Isso é que é conselho para um pai dar ao filho.

— E o que você foi fazer em lugar disso?

— Sou psiquiatra. Foi com o seu pai que tive a idéia de seguir essa carreira. Ele era médico.

— Não exatamente. Vestia um jaleco branco mas era só calista.

— Toda vez que eu ia com os colegas à sua casa, sua mãe sempre servia um pote de frutas e seu pai sempre me perguntava: “Qual a sua opinião sobre este assunto, Ira? Qual a sua opinião sobre este outro assunto, Ira?”. Pêssegos. Ameixas. Nec-tarinas. Uvas. Nunca vi uma maçã na minha casa. Minha mãe tem noventa e sete anos. Agora, eu a coloquei em uma clínica de repouso. Ela fica lá chorando em uma poltrona o dia inteiro mas eu francamente não creio que ela esteja mais deprimida do que já estava quando eu era garoto. Suponho que seu pai tenha morrido.

— Sim. E o seu?

— O meu tratou de morrer assim que pôde. O fracasso subiu à cabeça dele de um jeito incrível.

E mesmo assim eu não tinha ainda a menor idéia de quem podia ser Ira nem do que é que estava falando, porque, por mais que eu me lembrasse de um ou outro dia de tudo o que aconteceu, muito mais permanecia tão fora do alcance de minhas lembranças que era como se nunca tivesse ocorrido na verdade, não importa quantos Ira Posner viessem postar-se a minha frente, cara a cara comigo, jurando que tinha acontecido assim e assado. No que me diz respeito, quando Ira se achava em minha casa sendo inspirado pelas idéias do meu pai, eu podia muito bem nem ter nascido. Era perda de energia tentar lembrar, ainda que vagamente, o meu pai perguntando o que Ira pensava enquanto Ira comia uma de nossas frutas. Trata-se de uma dessas coisas que são arrancadas de dentro da gente e atiradas no esquecimento porque não importam grande coisa. E todavia, aquilo que eu perdera completamente se enraizara fundo em Ira e havia mudado toda a sua vida.

Portanto, não era preciso ir procurar muito além de mim e de Ira para ver por que passamos pela vida com a sensação geral de que todo o mundo está errado, exceto nós mesmos. E como a gente não só esquece as coisas

simplesmente porque elas não importam mas também esquece as coisas porque elas importam muito — porque cada um de nós recorda e esquece segundo um padrão cujas curvas labirínticas representam um sinal de identificação não menos individual do que uma impressão digital —, não é de admirar que os fragmentos da realidade que uma pessoa acolhe zelosamente como constituintes da sua biografia possam parecer a uma outra, que, digamos, tenha comido dez mil jantares na mesma mesa de cozinha, na-da mais do que uma caprichosa excursão no terreno da mitomania. Mas afinal ninguém vai se dar ao trabalho de mandar seus cinqüenta dólares para uma reunião comemorativa de quarenta e cinco anos de formatura da escola secundária para vir apresentar um protesto público contra a opinião dos outros sobre como era ou não era o passado; a coisa realmente importante, o prazer supremo daquela tarde consistia simplesmente em descobrir que a gente ainda não tinha o nome inscrito na página intitulada "In Memoriam".

— Há quanto tempo seu pai morreu? — Ira me perguntou.

— Foi em 1969. Há vinte e seis anos. Um bocado de tempo — respondi.

— Para quem? Para ele? Eu não creio. Para os mortos — disse Ira — é uma gota no oceano.

Nesse instante, logo atrás de mim, ouvi a voz de Mendy Gurlik dizendo para alguém:

— Em quem você pensava quando batia punheta?

— Lorraine — respondeu um outro homem.

— Claro. Todo o mundo. Eu também — disse Mendy.

— Diane.

— Certo. Diane. Sem dúvida. Quem mais?

— Selma.

— Selma? Eu nunca ia imaginar — disse Mendy. — Estou surpreso de ouvir isso. Não, eu nunca quis trepar com a Selma. Muito miúda. Para mim, eram sempre as atletas. Via quando faziam ginástica no campo depois da aula e depois ia para casa e batia punheta. A maquiagem na cara. A maquiagem com cor de cacau. Nas pernas delas. Eu ficava doido. Já notou uma coisa? No conjunto, os rapazes não parecem muito mal, muitos deles praticam esportes, mas as garotas, você sabe... Não, uma reunião de quarenta e cinco anos de formatura não é o melhor lugar para se procurar uma bunda para comer.

— É verdade, é verdade — respondeu o outro homem, que falava macio

e parecia não ter encontrado naquela ocasião a mesma licenciosidade nostálgica que Mendy manifestava. — O tempo não foi generoso com as mulheres.

— Sabe quem morreu? Bert e Utty — disse Mendy. — Câncer na próstata. Passou para a espinha. Se espalhou. De-vorou os dois. Todos os dois. Graças a Deus eu faço o exame. Você faz o exame de sangue?

— Que exame de sangue? — perguntou o outro.

— Caralho, você não faz o exame? Ei, Saltador — exclamou Mendy, me puxando para longe de Ira. — O Meisner não faz o exame.

Agora o Meisner estava igualzinho ao senhor Meisner, seu pai, Abe Meisner, um homem baixo, de pele escura, corpulento, com ombros inclinados para a frente e uma cabeça saltada, proprietário da Lavanderia Meisner — "serviço de lavagem a seco em cinco horas" —, situada na avenida Chancellor, entre a loja de consertos de sapatos, onde o rádio ficava sempre ligado na estação italiana enquanto a gente esperava na cadeira atrás da porta de vaivém até que o Ralph consertasse nosso salto descolado, e o salão de beleza, Roline's, de onde minha mãe certa vez trouxe para casa um exemplar de *Silver Screen*, onde li um artigo que me espantou chamado "George Raft é um homem solitário". A senhora Meisner, uma criatura baixa e indestrutível como o marido, trabalhava com ele na loja e um ano também vendeu selos e bônus de guerra com minha mãe em uma barraquinha bem na avenida Chancellor. Alan, o filho deles, freqüentara a escola comigo, começando no jardim-de-infância, pulando as mesmas séries que eu pulei, e seguindo comigo todo o curso primário. O professor costumava arrastar a mim e Alan Meisner para uma sala fechada e, como se fôssemos George S. Kaufman e Moss Hart, mandava que inventássemos alguma coisa toda vez que precisavam de uma pequena peça de teatro para encenar na comemoração de algum feriado nacional. Durante duas temporadas logo depois da guerra, o senhor Meisner — por obra e graça de algum milagre — conseguiu ser contratado para lavar a seco os uniformes dos Newark Bears, o time da segunda divisão associado aos Yan-kees Triple A, e em um dia de verão, aliás um grande dia, Alan me chamou para ajudá-lo a carregar os uniformes limpos dos Bears, pegando três ônibus, até o vestiário do Ruppert Stadium, no final da avenida Wilson.

— Alan. Meu Deus! — exclamei. — Você está igualzinho ao seu pai.

— E com o pai de quem eu devia parecer? — retrucou e, tomando meu rosto entre as mãos, me deu um beijo.

— Al — disse Mendy —, conte ao Saltador o que foi que você ouviu o Schrimmer contando para a esposa dele. O Schrimmer arranjou uma esposa nova, Saltador. Um metro e oitenta e dois. Três anos atrás ele foi a um psiquiatra. Estava deprimido. O psiquiatra disse para ele: "No que você pensa quando lhe peço para imaginar o corpo da sua mulher?". "Penso que eu devia cortar minha garganta", disse Schrim. Portanto ele se divorciou e casou com a secretária *shiksa*. Um metro e oitenta e dois. Trinta e cinco anos. Pernas que chegam até o teto. Al, conte ao Saltador o que ela disse, a *langer loksh*.

— Ela disse ao Schrim — contou Alan, nós dois sorrindo enquanto apertávamos os bíceps mirrados um do outro —, ela disse: "Por que todos eles se chamam Mutty e Utty e Dutty e Tut-ty? Se o nome dele é Charles, por que chamam o sujeito de Tutty?". "Eu não devia ter trazido você aqui", retrucou o Schrim. "Eu sabia que não devia trazer você. Não posso explicar por que é assim", disse Schrim para ela. "*Ninguém* pode explicar. Está *além* de toda e qualquer explicação. *Simplesmente é assim*."

E o que era Alan agora? Criado por um dono de lavanderia que lavava a seco, Alan, na época, trabalhava para um dono de lavanderia depois do horário da escola, ele mesmo igualzinho a um dono de lavanderia, era na verdade juiz de um tribunal superior em Pasadena. Na lavanderia minúscula do seu pai havia um cartaz em rotogravura de Franklin Delano Roosevelt, emoldurado na parede acima da máquina de passar, ao lado de uma foto autografada do prefeito Meyer Ellenstein. Lembrei dessas fotos quando Alan me contou que por duas vezes ele fo-ra membro de delegações republicanas para a convenção presidencial. Quando Mendy perguntou se Alan poderia arranjar para ele ingressos para o Rose Bowl, Alan Meisner, com quem eu ia até o Brooklyn para ver a rodada dupla de partidas no Dodger Sunday no ano em que Robinson estreou, Alan Meis-ner, com quem eu saía às oito da manhã e juntos pegávamos um ônibus na nossa esquina até a Penn Station, no centro da cidade, passávamos para o trem na direção de Nova York e, já em Nova York, pegávamos o metrô para o Brooklyn, tudo isso para chegar ao Ebbets Field e comer nossos sanduíches trazidos em lancheiras, antes que os treinos para batedor começassem — Alan Meisner, que, tão logo o jogo embalava, deixava todo o mundo em volta maluco com suas descrições repetidas e minuciosas, lance por lance, num tom de voz sem qualquer modulação, do início ao fim da rodada dupla de partidas —, esse mesmo Alan Meisner pegou no bolso do paletó um

caderninho de anotações e cuidadosamente escreveu um recado para si mesmo. Vi o que ele tinha escrito por cima do seu om-bro: "R. B. Ingressos para Mendy G.".

Insignificante? Banal? Nada de sensacional nesse episódio? Bem, a conclusão que a gente tira depende do lugar onde foi criado e como a vida se desenrolou para cada um. Ninguém podia dizer que Alan Meisner tinha saído do nada; no entanto, recordando como ele parecia um caipira que não conseguia parar de tagarelar no seu assento nas arquibancadas do Ebbets Field, recordando como ele saía pelas ruas para entregar as roupas lavadas a seco nas tardes de inverno, sem chapéu e com uma japona toda salpicada de neve, a gente poderia facilmente imaginar que Alan estava destinado a qualquer coisa, menos ao Torneio das Rosas.*

Só depois que o café e o *strudel* tinham rematado a galinha servida no jantar, o qual, para todo o mundo que fosse capaz de ficar sentado muito tempo em um mesmo lugar para comer, havia exigido quase a tarde inteira para chegar ao fim; depois que as crianças de Maple se levantaram na tribuna e cantaram a canção da avenida Maple School; depois que todos os colegas de turma, um por um, haviam pegado o microfone para dizer "Foi uma vida ótima", ou "Estou orgulhoso de todos vocês"; depois que as pessoas terminaram de dar palmadinhas nos ombros umas das outras e cair nos braços umas das outras; depois que os dez membros da comissão organizadora da reunião ficaram de pé na pista de dança e se deram as mãos enquanto o homem-orquestra tocava a canção-tema, composta por Bob Hope, "Obrigado pela recordação", e nós aplaudimos em reconhecimento por todo o seu árduo trabalho; depois que Martin Lieb, cujo pai vendeu ao meu o nosso Pontiac e oferecia a cada um de nós, garotos, um grande charuto para fumar toda vez que íamos pegar Marvin na casa dele para sair, me contou a respeito de suas mazelas com as pensões alimentícias — "Um cara pensa mais antes de ir dar uma mijada do que eu pensei antes de me casar duas vezes" — e Julius Pincus, que sempre fora o sujeito mais gentil do mundo e que agora, por causa de tremores provocados pela ingestão de ciclosporina, essencial para a sobrevivência a longo prazo do seu órgão transplantado, tivera de abandonar o seu trabalho de optometria, contou-me com tristeza como obtivera o seu novo rim — "Se uma menina de catorze anos não tivesse morrido de hemorragia cerebral em outubro passado, eu hoje estaria morto" — e depois que a alta e jovem esposa de Schrimmer me disse "Você é o escritor da turma, talvez possa

explicar o caso: por que todos eles se chamam Utty, Dutty, Mutty e Tutty?"; só depois que deixei chocado Shelly Minskoff, outro do time dos Destemidos, com um aceno afirmativo da cabeça quando ele me perguntou "É verdade aquilo que você disse no microfone, que não tem filhos nem nada?", só depois que Shelly pegou minha mão na sua e disse "Pobre Saltador", só então descobri que Jerry Levov, tendo chegado mais tarde, estava entre nós.

3

Eu nem tinha pensado em procurar por ele. Sabia, por intermédio do Sueco, que Jerry morava na Flórida mas também, o que vinha mais ao caso, que ele sempre fora um garoto tão isolado, tão pouco ligado a qualquer outra coisa que não os seus interesses abstrusos, que não parecia nem um pouco provável que Jerry tivesse agora mais vontade do que antes para suportar a sabedoria dos seus colegas de turma. No entanto, apenas alguns minutos depois que Shelly Minskoff se despediu de mim, Jerry se aproximou muito animado, um homem grandalhão vestindo um jaquetão azul igual ao meu, mas com um peito semelhante a uma grande gaiola, e a cabeça careca, salvo por um risco de cabelo branco igual a um cordão correndo no topo do crânio. Seu corpo adquirira, de fato, uma forma estranha: apesar do torso imponente que substituíra o peito de rolo de pastel do garoto desengonçado, ele se locomovia com as mesmas pernas desconchavadas que o tornaram conhecido por ter o jeito de andar mais ridículo da escola, pernas tão fracas e tão sem forma quanto as de Olívia Palito na história em quadrinhos do Popeye. O rosto, eu o reconheci no mesmo instante, daquelas tardes em que meu próprio rosto representava o alvo da sua animosidade concentrada, quando eu costumava vê-lo dançando furiosamente em torno da mesa de pingue-pongue, vermelho de beligerância e de intenções letais — sim, o cerne daquele rosto, eu jamais poderia esquecer, o rosto pequeno e franzido de Jerry, com seus traços salientes, a máscara obsti- nada da fera à espreita que não deixa a gente em paz até nos tirar da toca, a cara de doninha que declara: “Não me venha falar em fazer um acordo! Eu não quero saber de acordo com ninguém!”. Agora, nesse rosto se encontrava a obstinação de *uma vida inteira* disparando com toda a força a bola de volta no meio da cara do seu oponente. Eu podia imaginar que Jerry se tivesse tornado importante para as pessoas por um caminho distinto daquele do irmão.

— Eu não esperava ver você aqui — disse Jerry.

— Eu não esperava ver você.

— Não achei que este fosse um palco grande o bastante para você aparecer — disse ele, rindo. — Eu tinha certeza de que ia achar repulsivo

esse sentimentalismo.

— Exatamente o que eu estava pensando de você.

— Você é uma pessoa que baniu da vida todos os sentimentos supérfluos. Nada dessa saudade burra de voltar para o lugar onde nasceu. Nenhuma paciência para o que não for essencial. Dedicar o tempo só para aquilo que é indispensável. Afinal de contas, isso que eles ficam chamando de "passado", quando se reúnem ali sentados, não é sequer um fragmento de um fragmento do passado. É o passado não detonado... Na verdade, nada é trazido de volta, nada. É nostalgia. É conversa fiada.

Essas poucas frases me explicando o que eu era, o que *tudo* era, teriam servido não só para quatro esposas, mas sim para oito, dez, dezesseis delas. O narcisismo de todo o mundo ganha força em uma reunião, mas aquela era uma efusão de outra magnitude. O corpo de Jerry podia ser dividido entre o garoto magricela e o homem grandalhão, mas não era o que acontecia com o seu caráter — ele tinha o caráter de uma criatura grande e coesa, friamente habituado a que o ouvissem falar. Que tremenda evolução, o garoto excêntrico transformado em um homem ferozmente seguro de si mesmo. Os desgraciosos impulsos originais pareciam ter sido forçados a entrar brutalmente em um acordo com a inteligência e a tenacidade enormes; o efeito não era apenas o de alguém que dava as cartas do jogo e nem em sonho aceitaria fazer o que outra pessoa mandasse, mas também o de alguém em quem a gente podia contar para levar a cabo um projeto. Parecia ainda mais verdadeiro agora do que no tempo em que éramos meninos que, se Jerry enfiasse uma idéia na cabeça, por mais improvável que fosse, alguma coisa grande ia acabar saindo dali. Eu podia entender por que me sentia empolgado com ele, quando criança; compreendi pela primeira vez que minha fascinação não tinha decorrido unicamente do fato de ele ser irmão do Sueco, mas de que o irmão do Sueco era um sujeito muito estranho, com sua masculinidade tão imperfeitamente socializada em comparação com a masculinidade dos alunos que ganhavam medalhas nos esportes.

— Por que *você* veio? — perguntou Jerry.

A respeito do susto do câncer no ano anterior e do impacto da cirurgia de próstata que se seguiu sobre o funcionamento do meu sistema urogenital, eu nada comentei de maneira direta. Ou antes, disse tudo o que era necessário — e talvez não apenas para mim mesmo — quando respondi:

— Porque tenho sessenta e dois anos. Achei que, de todas as formas de

nostalgia idiota disponíveis, esta era a que tinha menos probabilidade de ser posta em prática sem provocar algumas surpresas perturbadoras.

Jerry gostou disso.

— Você gosta de surpresas perturbadoras.

— Também. Por que você veio?

— Calhou de eu estar por aqui. No fim da semana, eu tive mesmo de vir para cá, assim vim logo à festa de uma vez. — Sorrindo para mim, ele disse: — Acho que não esperavam que o escritor da turma fosse tão lacônico. Acho que não esperavam tanta *modéstia*.

Tendo em mente o que eu julgava ser o espírito daquela ocasião, quando fui chamado para falar ao microfone, perto do final do almoço, pelo mestre-de-cerimônias (Erwin Levine, filhos, 43, 41, 38, 31 anos. Netos, 9, 8, 1 ano, 6 semanas), eu disse apenas: "Sou Nathan Zuckerman. Fui vice-presidente de nossa turma no último ano e membro da comissão organizadora do baile de formatura. Não tenho filhos nem netos mas tive, dez anos atrás, cinco pontes de safena no coração, das quais sinto muito orgulho. Muito obrigado". Essa foi a história que lhes contei, apenas o mínimo necessário, do ponto de vista médico ou qualquer outro — o bastante para me mostrar um pouquinho divertido e depois ir me sentar outra vez.

— O que você estava esperando? — perguntei.

— Isto. Exatamente isto. Simplicidade. O homem comum de Weequahic. O que mais? Você sempre agiu de maneira contrária à expectativa deles. Mesmo quando era criança. Sempre encontrava um método prático de garantir a sua liberdade.

— Eu diria que essa é uma descrição que se adapta melhor a você, Jer.

— Não, não. Meu método nada tinha de prático. A temeridade em pessoa, o pequeno senhor Cabeça Quente... Ficava maluco e começava a gritar quando não conseguia ter as coisas do meu modo. Você é que tinha a visão ampla das coisas. Você era mais teórico do que o resto de nós. Mesmo naquele tempo, já sentia necessidade de ligar tudo com os seus pensamentos. Apreender a situação, tirar conclusões. Você se observava de forma penetrante. Toda a loucura que ficava por dentro. Um garoto perspicaz. Não, bem diferente de mim.

— Bem, ambos investimos muito na vontade de estar certos — falei.

— Pois é, estar errado — disse Jerry — era uma coisa insuportável para mim. Absolutamente insuportável.

— E agora ficou mais fácil?

— Não tenho que me preocupar com isso. A sala de cirurgia transforma a gente em um pessoa que nunca está errada. Bem parecido com escrever.

— Escrever transforma a gente em uma pessoa que está sempre errada. A ilusão que a gente tem de que algum dia pode vir a acertar é a loucura que nos empurra para diante. O que mais seria capaz de fazer isso? A exemplo do que acontece com os fenômenos patológicos, isso não arruína *completamente* a nossa vida.

— E como é a sua vida? Onde você mora? Li em algum lugar, nas costas de algum livro, que você estava morando na Inglaterra com uma aristocrata.

— Moro na Nova Inglaterra, sem nenhuma aristocrata.

— E no lugar dela?

— Ninguém no lugar dela.

— Não pode ser. O que você faz para não jantar sozinho?

— Não janto.

— Por enquanto. A Sabedoria da Ponte de Safena. Mas a minha experiência é que as filosofias pessoais têm uma vida útil de cerca de duas semanas. As coisas vão mudar.

— Olhe, isto aqui foi aonde a vida me levou. Raramente vejo alguém. Onde moro, em Massachusetts, um lugarzinho lá nas montanhas, converso com o cara que toma conta do mercadinho e com a senhora que trabalha no correio. A carteira. E é só.

— Qual o nome da cidade?

— Você nunca ouviu falar. Fica no meio do mato. A dezesseis quilômetros de uma cidade universitária chamada Athena. Encontrei um escritor famoso lá, quando eu estava começando a carreira. Ninguém fala mais dele, sua noção de virtude é muito estreita para os leitores atuais, mas na época ele era adorado. Vivia que nem um eremita. O isolamento pareceu terrivelmente austero para um garoto como eu. Ele argumenta- va que o isolamento resolvia os seus problemas. Agora, resolve os meus.

— Quais problemas?

— Alguns problemas foram extraídos da minha vida... Esse é o problema. No mercadinho, o Red Sox; no correio, o tem-po... e pronto, esse é todo o meu discurso social. Se merecemos o tempo que está fazendo. Quando vou pegar minha correspondência e o sol está brilhando no céu, a carteira me diz: “Não merecemos o tempo que está fazendo”. Contra isso eu não posso discutir.

— E bocetas?

— Acabou. Vivo sem jantar, vivo sem bocetas.

— Quem é você? Sócrates? Não engulo essa. Exclusiva-mente um escritor. O escritor obstinado. E nada mais.

— Nada mais do que isso, o tempo todo, e se tivesse sido assim eu poderia ter me poupado de um monte de dores de cabeça. De um jeito ou de outro, é mesmo tudo de que eu dispunha para manter a merda à distância.

— De que merda você está falando?

— A imagem que temos uns dos outros. Camadas e camadas de enganos. A imagem que temos de *nós* mesmos. Falsa. Presunçosa. Totalmente deturpada. Só que vamos em frente e *vivemos* em função dessas imagens. "Ela é assim, ele é assim, eu sou assim. Isso aconteceu assim, aquilo aconteceu *por isso*..." Chega. Sabe quem encontrei uns meses atrás? Seu irmão. Ele contou a você?

— Não, não contou.

— Ele me escreveu uma carta e me convidou para jantar em Nova York. Uma carta bonita. Totalmente inesperada. Fui de carro até lá para me encontrar com ele. Estava redigindo um tributo para o pai. Na carta, ele pedia a minha ajuda. Fiquei curioso de saber o que ele tinha em mente. Fiquei curioso por ele ter me escrito uma carta para dizer que queria escrever alguma coisa. Para você, ele é só um irmão... Para mim, ainda é "o Sueco". A gente leva esses caras na memória para sempre. Eu *tinha* de ir até lá. Mas no jantar ele não mencionou nem uma vez o tal tributo. Apenas ficamos falando bobagens. Em um restaurante chamado Vincent's. E foi só isso. Como sempre, ele parecia ótimo.

— Ele morreu.

— Seu irmão morreu?

— Morreu na quarta-feira. O enterro foi dois dias atrás. Sexta. É por isso que eu estava em New Jersey. Vim ver meu grande irmão morrer.

— De quê? *Como*?

— Câncer.

— Mas ele fez a cirurgia de próstata. Ele me disse que retirou o câncer.

Com impaciência, Jerry retrucou:

— E o que mais ele podia dizer a você?

— Ele estava um pouco magro, só notei isso.

— Não era só isso.

Então, o Sueco também. Aquilo que, para espanto de Men-dy Gurlik,

estava dizimando metade do time dos Destemidos; aquilo que, para meu espanto, um ano antes havia feito de mim "exclusivamente um escritor"; aquilo que, no rasto de todas as demais perdas isoladoras, no rasto de tudo o que se fora e de todas as pessoas que se foram, me espoliou a ponto de me tornar alguém cujas forças envelhecidas possuíam agora apenas um único e inexorável propósito, um homem que ia procurar seu consolo, gostasse disso ou não, exclusivamente em frases escritas, conseguira a mais espantosa proeza de todas ao arrebatar para sempre o herói indestrutível da região de Weequahic, no tempo da guerra, o talismã do nosso bairro, o legendário Sueco.

— Ele sabia — perguntei — que estava encrencado, quando estive com ele?

— Tinha algumas esperanças, mas é claro que sabia. Metás-tase. Por todo o corpo.

— Lamento saber disso.

— A sua reunião de cinqüenta anos de formatura seria no mês que vem. Sabe o que ele disse no hospital na terça-feira? Para mim e para seus filhos, um dia antes de morrer? Na maior parte do tempo, ele estava incoerente, mas por duas vezes disse, de forma que pudéssemos entender: "Vou participar da reunião de cinqüenta anos". Ele vivia escutando todo o mundo da sua turma perguntando: "Será que o Sueco vai lá?". E ele não queria decepcioná-los. Foi muito estóico. Era um sujeito muito simples, bom, estóico. Não era um cara divertido. Não era um cara apaixonado. Apenas um sujeito de bom coração cujo destino foi se foder todo em benefício de um punhado de malucos. De certo ponto de vista, ele podia ser considerado completamente banal e convencional. Uma ausência de valores negativos e nada mais. Criado para ser um tolo, formado para seguir as convenções e assim por diante. Aquela vidinha co-mum e decente que todos eles desejam levar, e pronto. As normas sociais, e pronto. Benévolo, e pronto. Mas o que ele estava tentando fazer era sobreviver, manter seu grupo intato. Ele estava tentando sair da guerra com o seu pelotão intato. Para ele, foi uma guerra, sempre. Havia um lado nobre nesse su- jeito. Algumas renúncias cruciantes marcaram a sua vida. Foi apanhado por uma guerra que ele não começou, lutou para manter as coisas nos seus lugares e, no final, acabou derrotado. Banal, convencional... talvez sim, talvez não. As pessoas podiam pensar assim. Não quero julgar nada. Meu irmão era o melhor que se poderá encontrar neste país, por um longo tempo.

Enquanto ele falava, eu me perguntava se essa também seria a apreciação de Jerry acerca do Sueco enquanto ele estava vivo, se não haveria talvez ali alguns traços retocados por um irmão de luto, o remorso por uma opinião dura, bem ao estilo de Jerry, que ele porventura possa ter tido em outros tempos em relação ao irmão mais velho, bonito, saudável, bem adaptado, tranqüilo, normal, alguém a quem todo o mundo admirava, o herói do bairro, ao qual o Levov mais novo fora eternamente comparado, enquanto ele próprio se tornava algo ligeiramente semelhante a um sucedâneo. Aquele juízo bondosamente não judicante a respeito do Sueco poderia muito bem ser um progresso recente da parte de Jerry, uma compaixão nascida poucas horas antes. Isso pode acontecer quando as pessoas morrem — a desavença entre elas se extingue e as pessoas, tão defeituosas enquanto respiravam que às vezes se mostravam simplesmente insuportáveis, agora se apresentam da forma mais atraente do mundo, e aquilo que anteontem nos parecia a coisa mais desagradável se torna, na limusine atrás do carro funerário, um motivo não só de diversão benévola mas de admiração. Em qual estimativa se encontra mais realidade — a avaliação inclemente que nos foi oferecida antes do enterro, forjada, sem nenhum palavrório oco, na escaramuça da vida cotidiana, ou a que nos afoga em tristeza na reunião de família que se segue ao enterro — nem mesmo um observador isento é capaz de julgar. A visão de um caixão descendo para baixo da terra pode produzir uma grande mudança de sentimentos — de uma hora para outra, a gente descobre que não está tão desapontado assim com a pessoa que morreu —, mas o que a vi-são de um caixão faz pela mente em sua busca da verdade, isso eu não preconizo saber.

— Meu pai — disse Jerry — era um tremendo sacana. Dominador. Onipresente. Não sei como as pessoas agüenta-vam trabalhar para ele. Quando eles mudaram para a avenida Central, a primeira coisa que meu pai mandou os homens da mudança carregarem foi a sua escrivaninha, e o primeiro lugar onde a colocou não foi no escritório envidraçado mas bem no meio do galpão da fábrica, de onde ele podia vigiar todo o mundo. Você nem pode imaginar o barulho que fazia ali, as máquinas de costura ganindo, as máquinas de prensar martelando, centenas de máquinas funcionando todas ao mesmo tempo, e bem no meio a sua escrivaninha e o seu telefone e o grande homem em pessoa. O dono da fábrica de luvas de couro, mas ele mesmo sempre varria o chão, sobretudo em volta das

máquinas de cortar, onde cortavam o couro, porque queria ver, pelo tamanho das sobras, quem estava desperdiçando o seu dinheiro. Eu disse para o meu irmão, bem cedo, para cair fora logo, mas Seymour não era como eu. Tinha uma natureza grande, generosa e com isso eles faziam dele gato e sapato, toda essa gente miserável. O pai eternamente insatisfei- to, as esposas eternamente insatisfeitas, e a pequena assassina em pessoa, a filha monstruosa. A monstruosa *Merry*. Em outros tempos, como ele era sólido. Na Artigos de Couro para Senho-ras Newark, ele foi um sucesso absoluto, inequívoco. Com seu encanto, conseguia fazer muita gente dar tudo de si para a fábrica. Um homem de negócios muito hábil. Sabia como cortar uma luva, sabia como costurar um negócio. Tinha influência na Sétima Avenida junto ao pessoal da moda. Os estilistas de lá contavam tudo para ele. Era assim que ele ficava sempre em dia com a moda. Em Nova York, ele vivia visitando as lojas de departamento, comprando os produtos dos concorrentes, procurando alguma coisa diferente nos produtos dos outros, vivia nas lojas espiando o couro, testando a flexibilidade das lu- vas, fazendo tudo do jeito que meu pai lhe havia ensinado. Ele mesmo fazia a maior parte das vendas. Negociava em pessoa com todos os principais clientes. Quando os compradores eram mulheres, ficavam malucas pelo Seymour. Você pode imaginar. Ele vinha para Nova York, levava essas peruas judias tapadas para jantar, compradoras que podiam ferrar com você ou então lavar a égua, pedia vinho e as divertia, e elas caíam de quatro pelo cara. No final, em vez de Seymour ficar bajulando as mulheres, eram elas que ficavam puxando o saco dele. Na época do Natal, elas enviavam para o meu irmão os ingressos do teatro e a caixa de uísque, em vez de ser o contrário. Seymour sabia como ganhar a confiança dessa gente simplesmente sen-do ele mesmo. Descobria qual era o tipo de caridade favorito de um cliente, comprava um ingresso para o jantar anual no Waldorf-Astoria, aparecia vestindo um smoking, que nem um astro do cinema, e sob a luz dos refletores fazia um donativo para o câncer, a distrofia muscular, o que fosse, a Sedução Judaica Unida... e logo em seguida a Artigos de Couro para Senhoras Newark tinha um novo cliente. Sabia tudo: quais as cores que iam predominar na estação seguinte, se o comprimento ia subir ou baixar. Um cara atraente, responsável, trabalhador. Algumas greves desagradáveis nos anos 60, um bocado de tensão. Mas os empregados estão lá fora no piquete, vêem o Seymour estacionar o carro e então as mulheres que costuravam as luvas começam a pedir mil desculpas

por não estarem nas máquinas. Elas eram mais leais a meu irmão do que ao seu sindicato. Todo o mundo o adorava, um sujeito absolutamente correto, que poderia para sempre se ver livre de qualquer sentimento idiota de culpa. Não havia razão nenhuma no mundo para ele saber de outra coisa que não fossem luvas. Em vez disso, ele vai e se sente assolado pela vergonha, pela incerteza, pela dor, pelo resto da vida. O incessante questionamento típico de uma pessoa adulta consciente nunca foi algo capaz de obstruir o caminho do meu irmão. Ele encontrou um sentido para a sua vida de um outro jeito. Não quero dizer que era um sujeito simplório. Algumas pessoas achavam que ele era um simplório porque se mostrou muito gentil a vida inteira. Mas Seymour nunca foi tão simples assim. As pessoas *simples* nunca são tão simples assim. No entanto, o autoquestionamento levou mesmo algum tempo para alcançá-lo. E se existe alguma coisa pior do que o autoquestionamento chegar muito cedo na vida de alguém, essa coisa é o autoquestionamento chegar muito tarde. A vida dele foi devastada por essa bomba. A verdadeira vítima desse atentado a bomba foi ele.

— Que bomba?

— A bomba querida da pequenina Merry.

— Não sei o que significa "a bomba querida da pequenina Merry".

— Meredith Levov. A filha de Seymour. A "Terrorista de Rimrock" era a filha de Seymour. A aluna da escola secundária que explodiu o correio e matou o médico. A menina que parou a Guerra do Vietnã mandando um sujeito pelos ares quando punha no correio uma carta às cinco horas da manhã. Um médico a caminho do hospital. Criança adorável — disse ele em uma voz que era toda desprezo e, no entanto, não parecia conter a carga de desprezo e ódio que ele de fato sentia. — Trouxe a guerra de volta para Lyndon Johnson explodindo uma agência de correio dentro do mercadinho. A cidadezinha é tão pequena que o correio fica dentro do mercadinho, nada mais do que uma janelinha nos fundos do mercado e duas fileiras de pequenos armários com chaves, e é só isso a agência do correio. Compre seus selos ali, trazendo na mão o sabão Rinso e o sabonete Lifebuoy e o Lux. A Velha América. Seymour se encontrava na Velha América. Mas a menina não. Seymour levou a menina para fora do tempo real e ela o trouxe, de cabeça, de volta para o tempo real. Meu irmão achou que podia levar sua família para longe da confusão humana, indo lá para Old Rimrock, e a menina os trouxe de volta. De algum jeito, ela meteu uma bomba

atrás da janela da agência do correio e, quando explodiu, também mandou pelos ares o mercadinho. E acabou com o tal cara também, o médico, que havia parado na caixa de correio a fim de deixar ali sua carta. Adeus, Velha América: alô, tempo real.

— Eu desconhecia tudo isso. Não fazia a menor idéia.

— Foi em 68, quando o comportamento selvagem ainda era uma novidade. As pessoas de repente se viram obrigadas a dar sentido à loucura. Toda aquela exibição pública. A queda das inibições. A impotência da autoridade. A garotada ficando doida. Intimidando todo o mundo. Os adultos não sabem o que fazer, não sabem como agir. Será uma encenação? Será a "revolução" uma coisa real? Será que é um jogo? Será que é uma brincadeira de polícia e ladrão? O que está acontecendo? Ga-rotos virando o país de pernas para o ar, e aí os adultos também começam a enlouquecer. Mas Seymour não era um deles. Era um dos que sabia qual o seu caminho. Entendia que alguma coisa estava andando errado, mas não era um ho-chi-minhista, como sua querida filha gorducha. Era só um pai bonzinho e liberal. O rei-filósofo da vida comum. Criou a filha com todos os preceitos modernos de racionalidade em relação aos filhos. Tudo é permissível, tudo é perdoável, e a menina odiava isso. As pessoas não gostam de admitir como detestam os filhos dos outros, mas essa menina tornava isso uma coisa muito fácil. Ela era uma desgraça, hipócrita, a merdinha nunca valeu nada desde o dia em que nasceu. Olhe, eu tive filhos, filhos às pencas, sei como são os filhos quando estão crescendo. O buraco negro da auto-admiração não tem fundo. Mas uma coisa é deixar você engordar, uma coisa é deixar seu cabelo crescer, uma coisa é ouvir rock-and-roll alto demais, e outra coisa bem diferente é ir para a rua e jogar uma bomba. Esse crime não se justifica nunca. Depois dessa bomba, meu irmão ficou arrasado. Essa bomba explodiu a vida dele. A sua vida perfeita havia chegado ao fim. Exatamente o que ela queria. É por isso que eles aprontaram essa para o Seymour, a filha e os amigos dela. Meu irmão estava completamente apaixonado pela própria boa sorte, e eles o odiavam exatamente por causa disso. Uma vez es-távamos todos reunidos na casa dele no Dia de Ação de Graças, a senhora Dwyer, o irmão caçula de Dawn, Danny, a esposa de Danny, todos os Levov, nossos filhos, todo o mundo, e Seymour se levantou para fazer um brinde e disse: "Não sou um homem religioso, mas quando olho em volta dessa mesa sei que algo está brilhando no fundo de mim". Era o Seymour que eles queriam pegar na verdade. E

conseguiram. Acabaram com ele. A bomba podia muito bem ter explodido na sala de estar da casa deles. A violência cometida contra a vida de Seymour foi terrível. Medonha. Nunca em sua vida Seymour teve ocasião de perguntar a si mesmo: "Por que as coisas são do jeito que são?". Por que deveria ele se preocupar com isso, uma vez que as coisas corriam sempre de um jeito simplesmente perfeito? Por que as coisas são do jeito que são? A pergunta para a qual não existe resposta, e até aquele momento ele fora um homem tão afortunado que nem sequer sabia que essa pergunta existia.

Será que Jerry, antes, estivera também tão consciente assim da vida e da história do seu irmão? Não me surpreenderia se toda a despótica determinação concentrada naquela cabeça esquisita nunca tivesse permitido que ele dividisse muito sua atenção. Não que a morte normalmente entre em choque com a majestade da auto-obsessão; em geral, ela até a intensifica: "E eu? E se isso acontecer comigo?".

— Ele contou para você como foi horrível?

— Uma vez. Só uma vez — retrucou Jerry. — Não, Seymour se continha, se continha bem. Você podia ser um peso para ele, e um peso bem chato, e mesmo assim ele continuava a se esforçar — disse Jerry, com amargura. — Pobre filho da mãe, esse era o seu destino... criado para agüentar o peso dos outros e suportar essa merda — e quando Jerry disse isso, lembrei aquele monte de jogadores que se atiravam em cima dele no futebol americano e como o Sueco se desvencilhava intato daquele tumulto, sempre ainda agarrado à bola, e como eu me apaixonara profundamente por ele naquela tarde de um final de outono, muito tempo atrás, quando ele transformou toda minha existência de dez anos de idade ao me escolher para ingressar na fantasia da vida de Sueco Levov — quando por um momento parecera que eu também fora escolhido para coisas importantes e que nada no mundo poderia jamais obstruir meu caminho agora que o semblante do nosso deus benévolo havia derramado especialmente sobre mim a sua luz. "Essas coisas nunca acontecem no basquete, Saltador." Com que força cativante essa inocência falou à minha própria inocência. Como isso me fez sentir importante. Eu era tudo o que um menino podia querer ser, em 1943.

— Nunca se deixava abater. Podia ser bem durão. Lembra, quando éramos crianças, e ele ingressou na fuzilaria naval para combater os japas? Bem, ele *foi* um tremendo fuzileiro. Só fraquejou uma vez, lá na Flórida — disse Jerry. — Aquilo foi demais para ele. Seymour tinha trazido toda a

família para nos visitar, os filhos e a segunda senhora Levov, extraordinariamente egoísta. Isso foi há dois anos. Fomos todos àquele restaurante especializado em caranguejo. Doze pessoas para jantar. Uma barulheira, as crianças fazendo algazarra e rindo. Seymour adorava isso. Toda a família simpática ali reunida, a vida do jeito que devia ser. Mas quando serviram o café e a torta, ele se levantou da mesa e, quando Seymour demorou a voltar, fui procurá-lo e o encontrei. No carro. Chorando. Se sacudindo todo com os soluços. Eu nunca tinha visto Seymour assim. Meu irmão, a rocha. Ele disse: "Sinto falta da minha filha". Eu perguntei: "Onde está ela?". Eu sabia que ele sabia muito bem on-de ela estava. Seymour ia visitar a filha escondido fazia muitos anos. Eu achava que ele a via com freqüência. Seymour disse: "Ela está morta, Jerry". A princípio, não acreditei. Aquilo era para me despistar, pensei. Pensei que ele devia ter estado com a filha pouco tempo antes, em algum lugar. Pensei, Seymour ainda vai aonde quer que ela esteja e trata essa assassina como se fosse sua filha... essa assassina que está agora com quarenta anos enquanto todo o mundo que ela matou continua morto. Mas então Seymour atirou seus braços em volta de mim e desatou a chorar, e aí eu pensei, será verdade, será que a porra do monstro da família está mesmo morto? Mas por que ele está chorando se ela está morta? Se Seymour tivesse a cabeça no lugar, teria entendido que era uma coisa esquisita demais ter uma filha feito aquela, se ele tivesse a cabeça no lugar, teria ficado furioso com aquela menina e se afastado dela desde muito tempo. Há muito tempo ele deveria ter mandado essa filha para o inferno e deixado ela pra lá. A filha zangadinha que vai ficando cada vez mais maluca... e a causa santa de ir suportando as suas loucuras. Chorar desse jeito... por ela? Não, essa eu não podia engolir. Eu lhe disse: "Não sei se você está mentindo para mim ou se está me contando a verdade. Mas se estiver me dizendo a verdade, que ela está mesmo morta, é a melhor notícia que já recebi. Ninguém no mundo vai te falar uma coisa dessas. Todo o mundo vai mostrar compaixão. Mas eu cresci com você. Sempre fui franco com você. A melhor coisa que te aconteceu é ela estar morta. Ela não fazia parte de você. Não fazia parte de nada que você era. Não fazia parte de nada que ninguém era. *Você* jogava beisebol... havia um campo. Ela não estava no campo. Não estava nem perto. É só isso. Ela estava fora das linhas de jogo, uma pirada de nascença, *muito* longe do campo de jogo. Tem de parar de se lamentar por ela. Você manteve essa ferida aberta por vinte e cinco anos. E vinte e cinco anos é o

suficiente. Isso deixou você maluco. Mantenha a ferida aberta mais tempo ainda e isso vai acabar te matando. Ela morreu? Ótimo! Deixe que ela se vá! De outro modo, vai apodrecer dentro de você e levar também a sua vida". Foi isso que eu disse para ele. Pensei que eu podia soltar a raiva de dentro dele. Mas Seymour apenas chorava. Não conseguiu se livrar daquilo. Eu disse que o cara ia acabar morrendo por causa dessa coisa, e morreu mesmo.

Jerry disse que ia acontecer e aconteceu. A teoria de Jerry é que o Sueco era bom, quer dizer, passivo, quer dizer, tentava sempre fazer a coisa certa, um caráter socialmente controlado que nunca perde a cabeça, nunca se deixa dominar pela raiva. Não admitiria ter a faculdade da ira no seu passivo, portanto não a incluía tampouco entre os itens do seu ativo. Segundo essa teoria, foi a falta de raiva que o matou, no final. Supondo-se que a agressão seja higiênica e curativa.

Tinha-se a impressão de que o que mantinha Jerry em atividade, sem incertezas ou remorsos e infatigavelmente devotado ao próprio jeito de ver as coisas, era que ele tinha um talento especial para a raiva e um outro talento especial para não olhar para trás. Não olha para trás de jeito nenhum, pensei. In-vulnerável à memória. Para ele, olhar para trás é sempre nostalgia e conversa fiada, inclusive quando o Sueco se voltava para o passado, para vinte e cinco anos antes, para a sua filha antes que aquela bomba explodisse, olhar para trás e chorar desbragadamente por tudo o que foi pelos ares com aquela explosão. Uma justa raiva da filha? Sem dúvida, teria ajudado. É incontestável que nada é mais estimulante em nossa vida do que uma raiva justa. Mas, em vista das circunstâncias, não seria pedir demais sugerir que o Sueco ultrapassasse o limite que o identificava justamente como o Sueco? As pessoas deviam ter dito isso a ele durante toda a sua vida, supondo que, como fora outrora aquele personagem mítico, o Sueco não havia de ter nenhum limite. Eu fizera algo semelhante no restaurante Vincent's, esperando infantilmente ficar assombrado pela sua divindade mas, em vez disso, simplesmente deparei com uma humanidade absolutamente comum. O preço que a gente paga por ser considerado um deus é a inabalável ilusão de nossos acólitos.

— Sabe qual era a "atração fatal" de Seymour? Fatalmente atraído pelo seu dever — disse Jerry. — Fatalmente atraído pela responsabilidade. Ele podia ter jogado beisebol onde bem entendesse, mas foi para Upsala porque meu pai queria que ele ficasse perto de casa. Os Giants ofereceram

a ele um contrato de primeira classe, podia ter jogado um dia com Willie Mays... Em vez disso, foi para a avenida Central a fim de trabalhar para a Artigos de Couro para Senhoras Newark. Meu pai o fez começar em um curtume. Pôs Seymour trabalhando seis meses em um curtume na avenida Frelinghuysen. Acordava seis vezes por semana às cinco horas da manhã. Você tem idéia do que é um curtume? Um curtume é uma merda só. Lembra aqueles dias do verão? Um vento forte batia do leste e o fedor do curtume varria o Weequahic Park e cobria toda a vizinhança. Bem, ele saiu do curtume, o Seymour, forte feito um touro, e meu pai o pôs sentado junto a uma máquina de costura durante mais seis meses e Seymour não soltou um pio. Dominou a porra da máquina feito um mestre. Se a gente desse a ele as partes soltas de uma luva, Seymour era capaz de montar tudo melhor do que as costureiras, e na metade do tempo. Podia ter se casado com qualquer mulher linda que escolhesse. Em vez disso, ca-sou-se com a senhorita Dwyer bunda-grande. Você deveria ter visto os dois juntos. Um casal maravilha. Os dois eram só sorrisos em sua viagem para o interior dos EUA. Ela é pós-católica, ele é pós-judeu, juntos eles irão lá para Old Rimrock a fim de criar seus pequenos filhos pós-doçuras. Em vez disso, tiveram aquela filha sacana.

— O que havia de errado com a senhorita Dwyer?

— Nenhuma casa estava boa para ela. Nenhuma quanti- dade de dinheiro no banco era bastante para ela. Seymour pôs a esposa para trabalhar com gado. Não deu certo. Pôs a es- posa para trabalhar com plantas ornamentais. Não deu certo. Levou-a para a Suíça para fazer no rosto a melhor operação plástica do mundo. Não tinha nem cinqüenta anos, ainda estava com quarenta e poucos, mas era isso o que a mulher queria, portanto lá foram eles para Genebra para uma cirurgia plástica com o mesmo cara que operou a princesa Grace. Seymour faria melhor se tivesse passado seu tempo jogando beisebol. Faria melhor se estivesse comendo umas garçonetes lá em Phoenix e jogando na primeira base para os Mudhens. Aquela menina sacana! Ela gaguejava, sabia? E para que ninguém prestasse mais atenção na sua gagueira, fez explodir aquela bomba. Seymour a levou a fonoaudiólogos. Levou-a a médicos, psiquiatras. Não havia nada que ele não fizesse por ela. E a recompensa? Bum! Por que aquela menina odiava o pai? Esse grande pai, esse pai realmente ótimo. Bonito, gentil, provedor, que não pensa em nada senão nos filhos, na família... por que ela quis acabar com ele? Como o nosso ridículo pai foi gerar um pai assim tão

formidável... e como Seymour foi gerar alguém como *ela*? Será que alguém pode me dizer o que provocou uma coisa dessas? A necessidade genética de separar? E para isso a sacana tinha de fugir de Seymour Levov e cair nos braços de Che Guevara? Não, não. Que veneno provocou isso, fez com que esse coitado fosse banido da sua vida pelo resto da vida? Ele continuou observando de fora a sua própria vida. A grande luta da sua existência foi enterrar essa coisa. Mas será que ele podia fazer isso? Como? Como é que um grande e doce e afável panaca feito o meu irmão poderia assimilar essa história de bomba? Um dia, a vida começou a rir da cara dele, e nunca mais parou.

Nós fomos até esse ponto, o maior arrazoado que jamais ouvi de Jerry — qualquer outra coisa que eu quisesse saber, teria de descobrir sozinho — porque naquele momento uma mulher miúda, de cabelo grisalho, vestindo um terninho marrom, veio e se apresentou, e Jerry, um homem pouco afeito por natureza a permanecer mais de cinco segundos quando outra pessoa solicitava a atenção de seus ouvintes, me dirigiu um aceno de despedida meio jocoso e sumiu, e, quando depois fui procurar por ele, me disseram que Jerry tinha ido embora, para pegar o avião em Newark de volta para Miami.

Depois que eu já tinha escrito a respeito do seu irmão — que é o que farei durante os próximos meses: pensar no Sueco por seis, oito, às vezes dez horas seguidas, trocar a minha solidão pela dele, habitar essa pessoa em tudo diferente de mim, desaparecer dentro dele, tentar dia e noite avaliar uma pessoa aparentemente vazia, inocente e simples, mapear a sua debacle, torná-lo, com o passar do tempo, a figura mais importante da minha vida —, pouco antes de alterar os nomes e disfarçar os sinais mais evidentes de identificação, tive o impulso amadorístico de enviar ao Jerry uma cópia do manuscrito para perguntar o que ele achava. Foi um impulso que reprimi: eu já não escrevia nem publicava havia quase quarenta anos, tempo de sobra para saber, a essa altura, como reprimir um impulso desses. "Não é o meu irmão", Jerry me teria dito, "de jeito nenhum. Você o representou de forma errada. Meu irmão não poderia pensar desse jeito, não poderia falar assim" etc.

Sim, a essa altura, Jerry podia muito bem ter recuperado a objetividade que o abandonara logo depois do enterro e, com isso, ter recuperado também o velho ressentimento que o ajudava a transformar-se no médico com quem todo o mundo no hospital tinha medo até de falar, porque ele

nunca estava errado. Além disso, ao contrário da maioria das pessoas cujos entes queridos se tornam um modelo para a aula de desenho da vida, Jerry Levov, em lugar de ter raiva, provavelmente acharia graça do meu fracasso em captar a tragédia do Sueco segundo ele a via. Uma forte possibilidade: Jerry folheando com ironia as minhas páginas e me dando, item por item, as más notícias. "A esposa não era assim, a filha não era assim... até o meu pai você apresentou de forma errada. Não vou comentar o que você fez comigo. Mas errar desse jeito quanto ao meu pai, puxa, é não enxergar um elefante no meio da rua. Lou Levov era um bruto, cara. Este sujeito aqui é um banana. Ele é *cativante*. É *conciliador*. De jeito nenhum, tínhamos sobre nós algo que estava a muitos anos-luz de distância disto aqui. Tínhamos uma espada. O pai violento... estabelecia a lei e o assunto estava encerrado. Não, nada tem a menor semelhança com... aqui, por exemplo, ao dotar meu irmão de uma mente, de uma consciência. Este cara reage com consciência às suas perdas. Mas o meu irmão era um sujeito que tinha problemas *cognitivos*... isto aqui, *de maneira alguma*, se parece com a cabeça que ele tinha. Esta é justamente a cabeça que ele *não tinha*. Caramba, você chegou até a dar a ele uma amante. Um erro total de julgamento, Zuck. Absolutamente errado. Como é que um grande homem como você pode fazer uma cagada dessas?"

Bem, Jerry não teria arrancado de mim nenhuma palavra de protesto, caso essa fosse mesmo a sua reação. Eu fora até Newark e localizara a fábrica abandonada em um terreno baldio na parte baixa da avenida Central. Fui até a região de Wee-quahic para ver a casa deles, agora em petição de miséria, e fui ver a avenida Keer, uma rua onde não me pareceu uma boa idéia sair do carro e caminhar pela calçada até a garagem em que o Sueco costumava treinar suas tacadas durante o inverno. Três garotos negros estavam sentados nos degraus na frente da casa olhando para mim, dentro do carro. Expliquei a eles:

— Um amigo meu morava aqui antigamente. — Como não obtivesse resposta, acrescentei: — Nos anos 40.

E depois fui embora. Fui até Morristown para ver a escola secundária onde Merry estudou e depois segui para oeste, rumo a Old Rimrock, onde achei a grande casa de pedra na estrada de Arcady Hill, onde em outros tempos os Seymour Levov haviam morado como uma família jovem e feliz; de- pois, na aldeia, tomei um café no balcão do mercadinho novo (McPherson's) que substituíra o antigo mercadinho (Hamlin's), cuja agência

de correio a filha adolescente dos Levov havia explodido a fim de "trazer a guerra de volta para a América". Fui até Elizabeth, onde a maravilhosa Dawn do Sueco nasceu e foi criada, e caminhei pelo seu delicioso bairro, o setor residen- cial de Elmora; passei de carro pela igreja freqüentada pela família dela, St. Genevieve, depois tomei a direção leste, rumo ao bairro do pai dela, o velho porto no rio Elizabeth, onde os imigrantes cubanos e seus descendentes tomaram o lugar, nos anos 60, dos últimos imigrantes irlandeses e seus descendentes. Consegui achar o escritório do concurso de Miss América de New Jersey, para desencavar ali uma fotografia lustrosa de Mary Dawn Dwyer, vinte e dois anos de idade, sendo coroada Miss New Jersey em maio de 1949. Achei um outro retrato dela — em um exemplar de 1961 de uma revista semanal do município de Morris — de pé, muito empertigada, diante do consolo de sua lareira, vestindo um blazer, saia e suéter de gola rulê, uma foto com legenda: "A senhora Levov, ex-Miss New Jersey de 1949, adora morar em uma casa de cento e sessenta anos, um ambiente que, segunda ela, reflete os valores da sua família". Na biblioteca pública de Newark, escaneei microfilmes de páginas esportivas do jornal *Newark News* (extinto em 1972), em busca de comentários e de placares das partidas em que o Sueco havia brilhado no time da escola secundária de Wee-quahic (*in extremis*, 1995) e do Upsala College (extinto em 1995). Pela primeira vez em cinqüenta anos, reli os livros sobre beisebol de John R. Tunis e no mesmo instante passei a pensar no meu livro sobre o Sueco como *O garoto da avenida Keer*, copiando o título do livro para meninos de Tunis, de 1940, que contava a história do órfão de Tomkinsville, Connecticut, cujo único defeito, como jogador da liga principal, era manter o ombro direito um pouco abaixado e arremessar a bola um pouco alta, mas um defeito, ai de mim, grande o bastante para incitar os deuses a destruí-lo.

No entanto, apesar de todo esse esforço para descobrir o que eu pudesse acerca do Sueco e do seu mundo, eu estava pronto a admitir que o meu Sueco não era o Sueco original. Eu estava, é claro, trabalhando com vestígios; é claro, o essencial daquilo que o Sueco havia sido para Jerry desaparecera, expurgado do meu retrato, coisas que eu ignorava ou que não desejava saber; é claro que o Sueco se achava concentrado em minhas páginas de modo diferente do que se concentrara em carne e osso. Mas se isso significava que eu tinha imaginado uma criatura inteiramente fantástica, completamente destituída da substância peculiar da pessoa autêntica; se

isso significava que minha concepção do Sueco era mais falaciosa do que a concepção sustentada por Jerry (a qual ele dificilmente admitiria ter qualquer coisa de falacioso); se o Sueco e sua família ganharam em mim uma vida, por pouco que seja, menos verdadeira do que no seu irmão — bem, quem sabe? Quem *pode* saber? Quando se trata de elucidar alguém tão opaco quanto o Sueco, de compreender esses caras normais de quem todo o mundo gosta e que passam pela vida mais ou menos incógnitos, acho que é perda de tempo querer saber quem é mais e quem é menos rigoroso.

— Você não se lembra de mim, não é? — perguntou a mulher que pôs Jerry para correr. Sorrindo com simpatia, ela havia segurado minhas duas mãos. Abaixo do cabelo curto, sua cabeça parecia extremamente bem-feita, grande e durável, sua mas-sa angulosa semelhante a uma antiga cabeça de pedra de al-gum soberano romano. Embora as amplas superfícies de seu rosto se mostrassem marcadas por sulcos profundos, como os produzidos por um cinzel, a pele por baixo da maquiagem rosada parecia estar seriamente enrugada apenas em torno da boca, que, após quase seis horas trocando beijinhos de cumprimentos, havia perdido a maior parte do seu batom; afora isso, havia uma suavidade quase juvenil na sua carne, indicando que talvez ela não tivesse experimentado uma única das muitas e variadas formas de sofrimento disponíveis para uma mulher ao longo de uma vida.

— Não olhe para o meu nome no crachá. Quem sou eu?

— Diga você mesma — respondi.

— Joyce. Joy Helpern. Eu tinha um suéter de angorá cor-de-rosa. Originalmente era da minha prima. Estelle. Ela era três anos mais velha do que nós. Ela está morta, Nathan... Sob a terra. Minha linda prima, Estelle, que fumava e saía para namorar com caras mais velhos. Na escola secundária, ela saía com um cara que fazia a barba duas vezes por dia. Os pais dela tinham uma loja de vestidos e espartilhos na avenida Chancellor. Grossman's. Minha mãe trabalhava lá. Você me levou para um passeio de noite ao ar livre com a turma da escola. Acredite ou não, antigamente eu era Joy Helpern.

Joy: uma deslumbrante garotinha de cabelo ruivo e encaracolado, sardas, um rosto redondo, uma menina cuja provocativa redondez não passava despercebida para o senhor Roscoe, nosso robusto professor de espanhol, de nariz vermelho, que, nas manhãs em que Joy vinha para a escola de suéter, sempre pedia para que se pusesse em pé ao lado da carteira e

recitasse seu trabalho de casa. O senhor Roscoe a chamava de senhorita Covinhas. É de admirar o que se podia fazer impunemente naquela época, quando eu tinha a impressão de que ninguém podia fazer nada impunemente.

Em virtude da associação de palavras não de todo implausível, a figura de Joy continuara a me hipnotizar, não menos do que ao senhor Roscoe, muito depois de eu a ter visto pela última vez saltitando pela avenida Chancellor a caminho do colégio, naquelas estranhas mas excitantes galochas desafiveladas, obviamente grandes demais, na certa dadas a Joy pelo irmão mais velho, assim como o suéter de angorá daquela sua prima maravilhosa. Sempre que, por alguma razão, dois versos famosos de John Keats vinham ao meu pensamento, eu invariavelmente lembrava a sensação farta, rechonchuda de Joy ao meu lado, a esplêndida fofura dela que o meu aguçado radar de adolescente pressentia mesmo através do meu grosso casaco de lã naquele passeio noturno ao ar livre. Os versos são da "Ode à melancolia": "...aquele cuja língua impetuosa/ Pode romper o bago da Alegria [*Joy*] contra o seu delicado palato".

— Recordo aquele passeio noturno ao ar livre, Joy Hel-pern. Você não foi tão boazinha comigo como podia ter sido.

— E agora estou parecida com o Spencer Tracy — disse ela, soltando uma risada. — Agora que já não estou mais apavorada, já é tarde demais. Antigamente eu era tímida... Já não sou mais tímida. Ah, Nathan, a velhice — lamuriou-se ela, enquanto nós dois nos abraçávamos —, a velhice, a velhice... é tão estranho. Você queria tocar nos meus peitos.

— Eu teria pagado por isso.

— Pois é — disse ela. — Na época eles eram novos.

— Você tinha catorze anos e eles tinham mais ou menos um ano só.

— *Sempre* houve uma diferença de treze anos. Naquele tempo, eu era treze anos mais velha do que os meus peitos e agora eles são treze anos mais velhos do que eu. Mas nós nos beijamos, não foi, meu querido?

— Beijamos e beijamos muitas vezes.

— Eu tinha treinado. A tarde inteira fiquei treinando beijar.

— Em quem?

— Meus dedos. Eu *devia* ter deixado você soltar meu sutiã. Solte agora se você tem vontade.

— Receio que eu não tenha mais coragem de desabotoar um sutiã na frente da turma.

— Que surpresa. Logo agora que estou pronta, Nathan fi-cou velho.

Ficamos troçando um do outro, os braços de um apertados em torno do corpo do outro, que, curvados para trás a partir da cintura, nos permitia ver claramente o que havia acontecido com o rosto e as feições do outro, a forma exterior que meio século de vida havia trabalhado.

Sim, o avassalador encantamento que continuávamos a exercer um sobre o outro, até o final, com a superfície do cor-po, que, conforme suspeitei naquele passeio noturno, vinha a ser a coisa mais séria que existia na vida. O corpo, do qual a pessoa não pode se despir por mais que tente, e do qual a pessoa não se liberta senão na morte. Mais cedo, olhando para Alan Meisner, eu via o pai dele, e agora olhando para Joy eu via a mãe dela, a vigorosa costureira com suas meias enroladas até os joelhos nos fundos da loja Grossman's Dress Shop, na avenida Chancellor... Mas em quem eu estava pensando mesmo era no Sueco, o Sueco e a tirania que seu corpo exercia sobre ele, o forte, o glorioso, o solitário Sueco, a quem a vida nunca tornou astuto, que não queria passar pela vida como um rapaz maravilhoso e um grande astro da primeira base, que em vez disso queria ser uma pessoa séria, para quem os outros eram mais importantes do que ele mesmo, e não um bebê para cujas necessidades, unicamente, todo o vastíssimo mundo das satisfações teria sido organizado. Ele queria ter nascido algo mais do que uma maravilha física. Como se para alguém no mundo esse dom já não fosse o bastante. O Sueco queria aquilo que ele considerava uma missão mais elevada, e sua má sorte foi encontrar algo assim. A responsabilidade do herói da escola o acompanha por toda a vida. *Noblesse oblige*. Você é o herói, portanto tem de se comportar de um certo modo — existe uma prescrição para esse caso. Você precisa ser modesto, precisa ser paciente, precisa ser respeitoso, precisa ser compreensivo. E tudo começou — essa manobra heroicamente idealista, esse desejo estranho, espiritual, estratégico de ser um baluarte do dever e do compromisso ético — por causa da guerra, por causa de todas as terríveis incertezas geradas pela guerra, por causa da intensidade com que uma comunidade emotiva, cujos filhos queridos se achavam longe, enfrentando a morte, havia voltado as atenções para um rapaz esguio, musculoso e austero, cujo talento consistia em agarrar tudo o que qualquer pessoa jogasse para perto dele. Tudo começou para o Sueco — e o que não começa assim? — por um acaso absurdo.

E terminou com um outro. Uma bomba.

Quando nos encontramos no restaurante Vincent's, talvez ele insistisse em salientar como seus três filhos estavam indo bem na vida porque supunha que eu soubesse acerca da bom-ba, acerca da filha, a Terrorista de Rimrock, e eu o julguei com severidade, como também devem ter feito outras pessoas. Uma coisa assim tão sensacional na sua vida — mesmo vinte e sete anos depois, como é que alguém podia não ter sabido ou então ter esquecido? Talvez isso explique por que ele não podia deixar, mesmo se quisesse, de me falar de forma interminável a respeito da infinidade de proezas não violentas de Chris, Steve e Kent. Talvez isso, acima de tudo, explique o que ele queria conversar comigo. "Os dissabores" que haviam atingido os entes queridos do seu pai eram apenas a filha — *ela* era "os dissabores" que haviam atingido todos eles. *Isso* é o que ele queria conversar comigo — queria que eu o ajudasse a *escrever* sobre isso. E eu não entendi — eu, que me vanglorio de nunca ser ingênuo, me mostrei muito mais ingênuo do que o cara com quem eu estava conversando. Ali sentado no Vincent's, limitando-me à visão mais superficial possível do Sueco, quando a história que ele queria me contar era essa, a revelação da vida interior que era desconhecida e impossível de ser conhecida, a história que era trágica e terrível e impossível de se ignorar, a história suprema da reunião da minha turma de escola, e eu a perdi completamente.

O pai era só o disfarce. O tema candente era a filha. Em tudo isso, de quanto ele tinha consciência? De tudo. Ele tinha consciência de tudo — também isso entendi errado. O inconsciente ali era eu. Ele sabia que estava morrendo, e essa coisa terrível que acontecera com ele — essa coisa que ao longo dos anos ele fora, em parte, capaz de manter enterrada, que em algum ponto ele conseguira de algum modo subjugar — voltara a cair sobre si, agora pior do que nunca. Pusera aquilo de lado da melhor maneira possível, uma nova esposa, novos filhos — os três garotos formidáveis; sem dúvida, ele me parecia ter posto de lado também a noite de 1985 em que eu o vira no Shea Stadium, com o pequeno Chris. O Sueco havia se levantado do chão, e conseguira — um segundo casamento, uma segunda arrancada para uma vida unida, controlada pelo bom senso e pelas restrições clássicas, mais uma vez a convenção moldando tudo, o grande e o pequeno, e servindo como uma barreira contra as coisas improváveis — uma segunda arrancada no papel de marido tradicional e pai dedicado, jurando fidelidade mais uma vez às regras e normas tradicionais que constituem o cerne da ordem familiar. Ele tinha talento para isso, tinha o necessário para evitar

qualquer coisa fora dos eixos, qualquer coisa especial, qualquer coisa imprópria, qualquer coisa difícil de avaliar ou entender. E no entanto nem mesmo o Sueco, abençoado com todos os atributos de uma monumental normalidade, conseguia se livrar daquela garota do jeito que Jerry, o Estripador, lhe dissera para fazer, não conseguia se desvencilhar totalmente do febril espírito possessivo, da reivindicação paterna, do amor obsessivo pela filha perdida, não conseguia apagar todos os vestígios daquela garota, daquele passado e abolir para sempre a histeria da "minha filha". Se ao menos ele pudesse simplesmente ter deixado que ela desaparecesse. Mas nem mesmo o Sueco era capaz de algo assim.

Ele aprendera a pior lição que a vida pode ensinar — que ela não faz sentido. E quando isso acontece, a felicidade nunca mais é espontânea. É artificial e, mesmo então, obtida ao preço de um tenaz alheamento de si mesmo e da própria história. O homem bom e gentil, com seu jeito brando de lidar com o conflito e a contradição, o ex-atleta que se mostrava confiante, sensato e desembaraçado em qualquer confronto com um adversário que se mostrasse correto, se defronta com um adversário que nada tem de correto — o mal inextirpável das relações humanas — e pronto, ele está acabado. O Sueco, cuja nobreza natural consistia em ser exatamente aquilo que parecia ser, havia padecido sofrimentos demais para voltar a ser ingenuamente indiviso outra vez. Nunca mais o Sueco estará contente, naquela maneira confiante, típica do Sueco, que, para o bem de sua segunda esposa e de seus três filhos — para o bem da integridade *deles* —, continua implacavelmente a fingir que está. Ele estoicamente reprime o seu horror. Aprende a viver por trás de uma máscara. Uma experiência de resignação que abarca uma vida inteira. Uma encenação sobre ruínas. Sueco Levov vive uma vida dupla.

E agora ele está morrendo e aquilo que o sustentava em uma vida dupla já não pode mais sustentá-lo, e esse horror misericordiosamente semi-submerso, dois terços submerso, e até às vezes nove décimos submerso, retorna destilado apesar da criação heróica daquele segundo casamento e da paternidade dos rapazes maravilhosos; nos meses finais do câncer, a coisa volta pior do que nunca; *ela* volta pior do que nunca, a primeira filha, que representou o cancelamento de tudo, e uma noite, na cama, em que não consegue dormir, quando fracassa todo o esforço para controlar seus pensamentos desembestados, ele se sente tão exaurido pela angústia que pensa: "Tem aquele cara que era da turma do meu irmão, e ele é escritor,

quem sabe se eu contasse para ele...". Mas o que aconteceria se contasse tudo para o escritor? Ele nem mesmo sabia. "Vou escrever uma carta para ele. Sei que escreve sobre pais, sobre filhos, assim vou escrever para ele falando do meu pai... será que vai entender? Talvez ele perceba." A isca para a qual eu devia ser o peixe. Mas fui lá porque ele era o Sueco. Não precisava de nenhuma isca. Ele era a isca.

Sim, a história voltou pior do que nunca, e ele pensou: "Se eu puder transmitir tudo para um profissional...", mas quando se viu ali frente a frente comigo, não conseguiu. Uma vez que havia obtido minha atenção, ele já não a queria mais. Pensou duas vezes. E estava certo. Não era da minha conta. Que bem isso teria feito a ele? Nenhum. A gente procura uma pessoa e pensa: "Vou contar isso para ele". Mas por quê? O impulso é de que contar vai nos trazer algum alívio. E é por isso que a gente se sente horrível depois — você se aliviou e, caso se trate mesmo de algo terrível e trágico, estar aliviado não é melhor, é pior — o exibicionismo inerente a uma confissão só faz piorar a agonia. O Sueco se deu conta disso. Ele não era nem um pouco o cabeça-de-bagre que eu julgava que fosse, e havia compreendido tudo isso de uma forma muito simples. Com-preendeu que não havia nada a obter por meu intermédio. Sem dúvida, não queria chorar na minha frente do jeito que fizera diante do irmão. Eu não era seu irmão. Eu não era ninguém — foi isso que o Sueco viu quando me viu. Portanto limitou-se a ficar tagarelando pachorrentamente a respeito dos filhos, foi para casa e, sem contar a sua história, morreu. E eu não entendi nada. Entre todas as pessoas que conhecia, ele procurou por mim, estava consciente de tudo, e eu não entendi nada.

E agora Chris, Steve, Kent e sua mãe estariam na casa em Rimrock, talvez com a velha mãe do Sueco, a senhora Levov. A mãe deve estar com noventa anos. Observando o luto de sete dias aos noventa anos pelo seu adorado filho Seymour. E a filha, Meredith, Merry... obviamente não tinha ido ao enterro, não com aquele tio grandalhão por perto, o tio que odiava a cara dela, aquele tio vingativo que podia até entregá-la à polícia ali mesmo. Mas com Jerry agora já distante, ela se atreve a deixar seu esconderijo e vir se juntar aos lamentos da família pelo morto, vem para Old Rimrock, talvez disfarçada, e ali, ao lado de seus irmãos paternos, de sua madrasta e da avó Levov, chora sem parar a morte do pai... Mas não, ela tam- bém morreu. Se o Sueco estivesse dizendo a verdade quando falou com Jerry, a filha escondida tinha morrido — talvez em seu esconderijo ela tenha sido

assassinada, ou tenha ela mes-ma tirado a própria vida. Qualquer coisa podia ter acontecido — e "qualquer coisa" era uma coisa que não devia acontecer, não a ele.

A brutalidade da destruição desse homem indestrutível. O Que Quer Que Tenha Acontecido com Sueco Levov. Sem dú-vida, não foi o mesmo ocorrido ao Garoto de Tomkinsville. Mesmo quando crianças, devíamos saber que não podia ter sido tão fácil para ele como parecia, devíamos saber que uma parte daquilo era uma mística, mas quem poderia ter imaginado que sua vida seria feita em pedaços daquela maneira terrível? Uma lasca do cometa do caos americano se soltara e viera rodopiando pelo espaço até atingir em cheio Old Rimrock e o Sueco. Sua ótima aparência, sua vitalidade maior do que a vida, sua glória, nossa sensação de que ele era isento de toda dúvida a respeito de si mesmo por causa do seu papel heróico — o fato de todas aquelas virtudes viris haverem precipitado um assassinato político me levava a pensar na história arrebatadora não do martirizado Garoto de Tomkinsville de John R. Tunis, mas sim na história de Kennedy, John F. Kennedy, apenas uma década mais velho do que o Sueco e outro filho privilegiado da fortuna, outro homem de glamour, irradiando o espírito americano, assassinado ainda com quarenta e poucos anos, apenas cinco anos antes de a filha do Sueco protestar violentamente contra a guerra de Kennedy-Johnson e mandar pelos ares a vida do pai. Pensei: Mas é claro. Ele é o nosso Kennedy.

Enquanto isso, Joy me contava coisas acerca da sua vida que eu nunca soubera, quando eu era apenas um garoto com a idéia fixa de procurar no meu bairro um bago de uva para estourar no céu da boca — Joy atirava para dentro daquele turbulento caldeirão de memórias chamado "a reunião" mais coisas de que ninguém até então tinha notícia, coisas que ninguém *tinha* de saber naqueles tempos em que nossos relatos sobre nós mesmos eram ainda eloqüentemente ingênuos. Joy me contava como o pai morrera de ataque do coração quan-do ela só tinha nove anos de idade e a família morava no Brooklyn; como ela, a mãe e Harold, seu irmão mais velho, se mudaram do Brooklyn para Newark, vindo se instalar na loja de roupas Grossman's; como, no sótão em cima da loja, ela e a mãe dormiam na cama de casal no seu único e espaçoso aposento, enquanto Harold dormia na cozinha, em um sofá que ele abria todas as noites e fechava todas as manhãs, pa- ra que pudessem tomar o café ali antes de ir para o colégio. Ela perguntou se eu me lembrava de Harold, agora um far-macêutico

aposentado em Scotch Plains, e me contou como, justamente na semana anterior, ela fora ao cemitério do Broo-klyn para visitar o túmulo do pai — como fazia regularmen- te uma vez por mês, ia até o Brooklyn, me disse ela, e ficava surpresa ao ver como aquele cemitério agora era importante para ela.

— O que você faz no cemitério?

— Sem nenhuma vergonha, falo com meu pai — respondeu Joy. — Quando eu tinha dez anos, não era nem de longe tão ruim como é hoje. Na época, eu pensava que era muito esquisito que as pessoas tivessem pai e mãe. Nossa vida a três parecia muito boa.

— Bem — eu lhe disse enquanto estávamos ali de pé, nos balançando ao som do homem-orquestra que encerrava o dia cantando "Sonhe... quando estiver triste... sonhe... é o que se deve fazer" —, eu não sabia de nada disso — falei — sob o luar no nosso passeio ao ar livre, em outubro de 1948.

— Eu não queria que você soubesse. Não queria que ninguém soubesse. Não queria que ninguém soubesse que Harold dormia na cozinha. É por isso que não deixei você abrir meu sutiã. Não queria que você fosse meu namorado, viesse me pegar em casa e visse onde meu irmão tinha de dormir. Não tinha nada a ver com você, meu querido.

— Bem, sinto-me melhor por saber disso. Gostaria que tivesse me contado antes.

— Eu também gostaria — disse ela, e primeiro rimos e depois, de forma inesperada, Joy se pôs a chorar e, talvez em virtude daquela música desgraçada, "Dream", que antigamente dançávamos com as luzes apagadas no porão da casa de amigos e conhecidos, na época em que os Pied Pipers ainda tinham Jo Stafford e cantavam a música do jeito que devia ser cantada, com harmonia fixa, naquela batida catatônica dos anos 40, com o tilintar etéreo do xilofone soando veladamente atrás das vozes, ou talvez porque Alan Meisner tivesse se tornado um republicano e Bert Bergman, o homem da segunda base, ti- vesse se tornado um cadáver e Ira Posner, em vez de engraxar sapatos ao lado da banca de jornais na calçada em frente ao fórum do condado de Essex, escapara de sua família dostoievskiana e se tornara um psiquiatra, porque Julius Pincus tivesse tremores que o deixavam incapaz de trabalhar por causa dos medicamentos que evitavam que seu corpo rejeitasse o rim da menina de catorze anos que o mantinha vivo e porque Mendy Gurlik fosse ainda um garotão tarado de dezessete anos e por que o irmão de Joy, Harold, tivesse dormido durante dez anos

em uma cozinha e porque Schrimmer tivesse se casado com uma mulher com quase a metade da sua idade e que tinha um corpo que não lhe dava vontade de cortar a própria garganta mas para quem ele agora precisava explicar cada pequeno detalhe a respeito do passado, ou talvez porque eu parecesse solitário por ter acabado sem filhos, sem netos, nem, nas palavras de Minskoff, "qualquer coisa do tipo", ou talvez porque depois de todos aqueles anos de separação essa reunião de pessoas totalmente estranhas umas para as outras tivesse ido um pouco longe demais, um fardo de emoções ingovernáveis começava a deslizar sobre mim também e lá estava eu de novo pensando no Sueco, no sentido funesto que uma filha criminosa havia conferido à vida dele e da família durante a Guerra do Vietnã. Um homem cujas insatisfações eram praticamente desconhecidas de si mesmo, despertando, já na meia-idade, para o horror da auto-reflexão. Toda aquela normalidade interrompida pelo assassinato. Todos os pequenos problemas que uma família espera encontrar no caminho exacerbados por algo que tornava para sempre impossível qualquer reconciliação. A ruptura do futuro americano previsto, que consistia simplesmente no desenrolar do consistente passado americano, no fato de cada geração se tornar mais esperta que a anterior — mais esperta por conhecer as inadequações e limitações das gerações precedentes —, no ímpeto de cada geração para romper um pouco mais com o paroquialismo, no desejo de ir até o limite na América apoiados nos nossos direitos, formando a nós mesmos como pessoas ideais que se desvencilham dos hábitos judeus tradicionais, que se libertam das inseguranças pré-América e das antigas e limitadoras obsessões, de forma a levar a vida sem ter de pedir desculpas, como um igual entre iguais.

E então a perda da filha, a quarta geração americana, uma filha foragida que devia ter sido a imagem aperfeiçoada dele mesmo como ele fora a imagem aperfeiçoada do pai, e seu pai fora a imagem aperfeiçoada do pai do seu pai... a filha irritada, aborrecida, que babava de raiva, sem o menor interesse em ser o próximo Levov de sucesso, enxotando o pai para fora do seu esconderijo como se ele fosse um fugitivo acuado — iniciando o Sueco no desajuste de uma América completamente distinta, a filha e a década fazendo picadinho da sua forma particular de pensamento utópico, a América da peste se infiltrando no castelo do Sueco e, ali, infectando todo o mundo. A filha que o transporta para fora da sonhada pastoral americana e para dentro de tudo o que representa a sua antítese e o seu inimigo, para a

fúria, a violência e o desespero da contrapastoral — para a selvageria nativa americana.

O antigo toma-lá-dá-cá intergerações que vigorava no interior do país nos velhos tempos, quando todo o mundo sabia o seu papel e levava as regras à risca, o vaivém da aculturação sob o qual todos nós crescemos aqui, a luta ritual pós-imigração para alcançar o sucesso se tornando algo patológico justamente no castelo do cavalheiro rural, o nosso extraordinário Sueco. Um cara talhado certinho, como uma pilha de cartas de baralho, para que as coisas se desenrolassem de uma forma totalmente diferente. Nem de longe preparado para aquilo que iria se abater sobre ele. Como poderia, com toda a sua bem calibrada bondade, ter imaginado que os riscos de viver de forma obediente eram tão elevados? A obediência está contida na idéia de *baixar* os riscos. Uma esposa linda. Uma casa linda. Cuida dos negócios como um brinco. Lida com o seu quinhão de pai com muita competência. Estava, de fato, levando a vida que pediu a Deus, a sua versão do paraíso. É assim que vivem os bem-sucedidos. São bons cidadãos. Sentem-se afortunados. Sentem-se gratos. Deus está sorrindo lá de cima para eles. Existem problemas, eles dão um jeito. E de repente tudo muda e fica impossível. Nada está sorrindo lá de cima para ninguém. E quem é que pode dar um jeito nisso? Ali estava alguém despreparado para o caso de a vida ser infeliz, muito menos para o impossível. Mas quem é que está preparado para o impossível que vai acontecer? Quem é que está preparado para a tragédia e para o absurdo do sofrimento? Ninguém. A tragédia do homem despreparado para a tragédia — esta é a tragédia do homem comum.

Ele continuou observando de fora a própria vida. A grande luta da sua existência foi enterrar essa coisa. Mas como poderia?

Nunca na vida teve ocasião de perguntar a si mesmo: "Por que as coisas são do jeito que são?". Por que deveria se dar a esse trabalho quando as coisas corriam sempre de um modo perfeito? Por que as coisas são do jeito que são? A pergunta para a qual não existe resposta e, até aquele momento, ele fora um homem tão afortunado que nem sequer sabia que essa pergunta existia.

Após todo o ímpeto efervescente de ressuscitar a inocência de meio século da nossa turma — juntas, cem pessoas idosas descuidadamente fazendo o relógio andar para trás até um tempo em que a passagem do tempo era um assunto que só despertava nossa indiferença — com as brincadeiras da tarde por fim chegando ao término, me pus a meditar sobre

aquilo que devia ter deixado o Sueco perplexo até o momento de sua morte: como viera a se tornar um joguete da história? A história, a história americana, esse troço que a gente lê nos livros e estuda na escola, havia aberto caminho até a tranqüila e desengarrafada Old Rimrock, New Jersey, para o interior onde ela não se havia manifestado de nenhuma forma digna de nota desde quando o exército de Washington passou dois invernos nas montanhas adjacentes a Morristown. A história, que não fizera qualquer incursão abrupta na vida diária do povo local des-de a Guerra Revolucionária, trilhou seu caminho de volta para aquelas montanhas enclausuradas e, de forma improvável, com toda a sua previsível imprevisibilidade, irrompeu aos trancos e barrancos na pacata vida doméstica dos Seymour Levov e a deixou em bagaços. As pessoas pensam na história a longo prazo, mas a história, na realidade, é uma coisa muito repentina.

Com seriedade, ali mesmo e naquele momento, enquanto oscilava abraçado com Joy ao som daquela música fora de mo-da, me pus a tentar compreender por minha própria conta o que exatamente havia moldado um destino tão distinto de tudo o que podia ser imaginado para o famoso atleta premiado de Weequahic no tempo em que essa música e sua exortação sentimental tinham tudo a ver, quando o Sueco, seu bairro, sua cidade e seu país se achavam em seu exuberante passeio ao ar livre, no cume da confiança, inflados com todas as ilusões geradas pela esperança. Com Joy Helpern outra vez em meus braços e soluçando em silêncio ao ouvir a velha canção popular que comovia a todos nós, velhos de sessenta estranhos anos de idade, "Sonhe... e pode virar realidade", fiz o Sueco subir ao palco. Naquela noite, no restaurante Vincent's, por mil variadas e excelentes razões, ele não conseguiu tomar coragem e me pedir para fazer isso. Que eu saiba, ele não tinha a menor intenção de me pedir tal coisa. Fazer com que eu escrevesse a sua história podia não ser o motivo de ele estar ali comigo. Talvez fosse apenas o motivo de eu estar ali.

Essas coisas nunca acontecem no basquete.

Ele evocara em mim, quando eu era apenas um menino — assim como fizera com centenas de outros garotos —, a mais poderosa fantasia que jamais tive de ser outra pessoa. Mas desejar viver por dentro a glória de outra pessoa, como um menino ou como um homem, é uma impossibilidade, algo insustentável em termos psicológicos se você não for um escritor, e em termos estéticos, se você é escritor. No entanto, abraçar

nosso herói em sua desgraça — deixar a vida do nosso herói acontecer dentro de nós enquanto tudo o mais tenta subtraí-lo do mundo, imaginar a nós mesmos no infortúnio dele, envolver-nos não com a ascendência desmiolada do Sueco, quando ele mesmo representa o ponto fixo da nossa adulação, mas com a perplexidade da sua queda trágica — bem, é uma coisa digna de se pensar.

Pois bem... Estou lá na pista de dança com Joy e penso no Sueco e no que aconteceu com o seu país em apenas vinte e cinco anos, entre os dias triunfais de Weequahic na Segunda Guerra Mundial e a explosão da bomba da sua filha, em 1968, nessa transição misteriosa, perturbadora, histórica, extraordinária. Penso nos anos 60 e na desordem provocada pela Guerra do Vietnã, penso em como certas famílias perderam seus filhos e outras não, e penso em como os Seymour Levov foram uma dessas famílias que perderam um filho — famílias cheias de tolerância e de uma boa vontade liberal e bem-intencionada, e foram deles os filhos que partiram para a violência, ou acabaram na cadeia, ou desaparecem nos subterrâneos, ou fugiram para a Suécia ou para o Canadá. Penso na grande derrocada do Sueco e em como ele deve ter imaginado que isso decorria de algum lapso de responsabilidade da parte dele. É por aí que é preciso começar. Não importa que ele tenha sido ou não a causa de alguma coisa. Ele se torna responsável de qualquer jeito. O Sueco fez isso a vida inteira, se tornava artificialmente responsável, mantendo sob controle não apenas a si mesmo mas o que quer que ameaçasse se tornar incontrolável, dedicando-se de corpo e alma a manter o seu mundo coeso. Sim, para ele, a causa do desastre tem de ser uma transgressão. De que outro modo o Sueco poderia explicar aquilo para si mes-mo? Tinha de ser uma transgressão, uma transgressão específica, mesmo que fosse ele o único a identificar aquilo como uma transgressão. A desgraça que se abate sobre ele começa com um lapso de responsabilidade, *tal como ele a imaginava*.

Mas o que poderia ter sido?

Dissipando a aura em torno do jantar no restaurante Vincent's, quando me apressei em tirar a conclusão mais inconseqüente — que o simples *era* mesmo muito simples — fiz subir ao meu palco o rapaz que todos havíamos de seguir para o interior da América, nosso chefe de pelotão na incursão seguinte, em casa, aqui, do jeito que os brancos-protestantes-anglo-saxões se sentiam em casa, aqui, um americano não por um simples esforço, não por ser um judeu que inventa uma vacina importante ou um judeu na

Suprema Corte, não por ser o mais brilhante, o mais eminente ou o melhor. Em vez disso — em virtude do seu isomorfismo em relação ao mundo dos brancos-protestantes-anglo-saxões — o Sueco leva isso a cabo da maneira usual, da maneira natural, a maneira do homem americano comum. Sob os apelos melosos da canção "Dream", me transportei para fora de mim mesmo, me transportei para fora da reunião, e sonhei... sonhei uma crônica realista. Eu me pus a sondar a vida do Sueco — não a sua vida de deus ou semideus com cujas vitórias eu podia exultar quando era criança, mas sua vida como mais um homem passível de ser atacado — e, inexplicavelmente, o que equivale a dizer "fique muito atento", fui encontrá-lo em Deal, New Jersey, em uma casa de praia, no verão em que sua filha tinha onze anos, no tempo em que ela não conseguia ficar longe do colo do pai nem conseguia parar de chamar o pai por apelidos carinhosos, não conse- guia "resistir", como ela mesma dizia, à tentação de examinar com a ponta dos dedos como as orelhas do pai ficavam coladas à cabeça. Enrolada em uma toalha, ela passava correndo pela casa até a corda do varal para pegar um maiô seco, gritando "Ninguém olha!" enquanto corria, e várias noites ela entrava de repente no banheiro onde o pai estava tomando banho e, quando ela o via, soltava um grito:

— Oh, pardonnez-moi... j'ai pensé que...

— Vá embora — dizia ele. — Sumalogodaqui-moi.

Voltando da praia sozinha com ele no carro, um dia, naquele verão, inebriadamente entorpecida pelo sol, aconchegada ao seu ombro nu, ela virou o rosto para ele e, meio inocente, meio audaciosa, precocemente representando o papel da garota crescida, disse:

— Pai, me beije do jeito que você b-b-b-beija a ma-ma-ma-mamãe.

Inebriado pelo sol ele também, voluptuosamente fatigado de brincar com ela a manhã inteira nas ondas que batiam pesadas, ele baixou os olhos e viu que uma das tiras do ombro do traje de banho da filha tinha deslizado pelo braço expon- do seu mamilo, a dura e avermelhada picada de abelha que era o seu mamilo.

— N-n-n-não — disse ele, e ambos ficaram aturdidos. — E ajeite seu maiô — acrescentou com voz frouxa.

Sem dizer nada, ela obedeceu.

— Desculpe, gatinha...

— Ah, eu mereço — disse ela, tentando com toda a força conter as lágrimas e ser de novo a doce e meiga companheira do pai. — É a mesma

coisa na escola. É a mesma coisa com meus amigos. Fico agitada com uma coisa e não consigo mais parar. Sou l-l-l-levada cada vez mais pa-pa-pa-pa...

Fazia muito tempo que ele não via a filha ficar branca daquele jeito, nem o rosto dela tão contorcido como estava agora. Ela lutou em busca da palavra mais tempo do que o pai era capaz de agüentar, naquele dia em especial. "Pa-pa-pa..." E no entanto ele sabia melhor do que ninguém o que não se devia fazer quando, como Merry dizia, ela "começava a ratear até não poder mais". Era no pai que ela podia sempre confiar para não ficar tropeçando nas palavras toda vez que abria a boca para falar.

— Tenha calma — dizia ele para Dawn —, relaxe, deixe Merry à vontade. — Mas Dawn não conseguia se conter. Merry começava a gaguejar horrivelmente e Dawn punha as mãos cravadas na cintura e os olhos cravados nos lábios da menina, olhos que diziam: "Sei que você vai conseguir!", enquanto ao mesmo tempo diziam: "Sei que você não vai conseguir!". A gagueira de Merry deixava sua mãe louca e isso deixava Merry louca.

— O problema não sou eu... é a minha mãe!

E, do mesmo modo, o problema era a professora quando ela tentava poupar Merry evitando lhe fazer perguntas diante da turma. O problema era todo o mundo quando começava a ter pena dela. E quando de repente Merry se mostrava fluente e livre da gagueira, o problema eram os cumprimentos que recebia. Ela se magoava terrivelmente ao ser elogiada por sua fluência e, tão logo recebia um elogio, perdia completamente o desembaraço — às vezes, Merry dizia, ao ponto de ela ter medo de "pôr em curto todo o meu *sistema*". Era admirável a maneira pela qual aquela menina ainda conseguia reunir forças para fazer brincadeira com isso — o precioso e alegre espírito brincalhão que seu pai adorava! Se ao menos estivesse ao alcance de Dawn se mostrar ela mesma um pouco mais bem-humorada a respeito daquela coisa. Mas era só o Sueco que conseguia ser quase perfeito com a filha, embora ele mesmo tivesse de fazer das tripas coração para não berrar exasperado: "Se você parar com isso e falar direito, qual é a coisa terrível que você pensa que vai acontecer?". A exasperação nunca vinha à tona: ele não ficava torcendo as mãos feito a mãe, quando Merry estava com dificuldade, o pai não ficava olhando para os lábios dela nem ficava pronunciando suas palavras ao mesmo tem- po que ela, como fazia a mãe, não transformava a filha, toda vez que ela falava, na pessoa mais importante não apenas ali na sala, mas no mundo inteiro — ele fazia

todo o possível para não colocar o estigma de Merry como um obstáculo no caminho para se tornar uma Einstein. Em vez disso, os olhos do pai tranqüilizavam a filha, assegurando que ele faria todo o possível para ajudá-la mas que, quando ela estivesse com ele, podia gaguejar o quanto quisesse, se isso fosse necessário. E apesar disso, ele lhe respondera assim: "N-n-n-não". Ele tinha feito aquilo que Dawn preferia morrer a fazer — havia zombado da filha.

— Pa-pa-pa-pa...

— Ah, gatinha — disse o pai e, no exato momento em que ele havia entendido que a mútua e aparentemente inofensiva encenação das férias de verão — os dois se embriagando com uma intimidade deliciosa demais para admitirem a idéia de se tornarem abstêmios, e que, no entanto, não devia de maneira alguma ser levada a sério, não devia ser algo para se preocupar, algo a que se desse uma importância excessiva, uma coisa totalmente não carnal, que se dissiparia quando as férias ter- minassem e a filha estivesse na escola o dia inteiro e o pai tivesse voltado a trabalhar, nada de que eles dois não pudessem facilmente sair —, no exato momento em que ele havia compreendido que o romance do verão requeria alguns reajustes, logo aí ele foi perder o senso de proporção de que tanto se vangloriava, puxou-a para perto de si com um braço e beijou sua boca gaguejante com a paixão que ela vinha pedindo durante o mês inteiro, tendo apenas uma idéia vaga do que estava pedindo.

Era de esperar que o Sueco se sentisse desse jeito? Acon-teceu antes que ele pudesse pensar. A filha tinha só onze anos. Momentaneamente, foi assustador. Aquilo não era uma coisa com a qual até então ele tivesse se preocupado, nem por um segundo, aquilo era um tabu no qual a gente nem sequer pensa como um tabu, algo que nos é proibido de fazer e que nos parece absolutamente natural que não se faça, não requer nenhum esforço especial — mas aí então, embora momentaneamente, *isso*. Nunca, em toda a sua vida, como filho, marido, pai, mesmo como patrão, nunca o Sueco deu margem a algo tão alheio às regras emocionais pelas quais ele era governado e, mais tarde, se perguntou se aquele estranho passo em falso paterno não teria sido o lapso de responsabilidade pelo qual teve de pagar durante o resto de sua vida. O beijo não tinha a menor semelhança com nada sério, não era uma imitação do que quer que fosse, jamais se repetiu, durou apenas cinco segundos... dez no máximo... mas após a catástrofe, quando ele saiu obsessivamente em busca das origens do seu sofrimento,

foi aquele momento anômalo — quando a filha tinha onze anos e o pai trinta e seis e os dois, estimulados pelo mar forte e pelo sol ardente, voltavam alegres e sozinhos da praia para casa — que ele recordou.

Mas então o Sueco também se perguntou se, após esse dia, ele não teria se afastado da filha de maneira muito drástica, não teria se tornado fisicamente mais distante do que o necessário. Sua intenção era simplesmente deixar claro para a filha que ela não precisava se preocupar, ele não voltaria a perder o equilíbrio, ela não tinha necessidade de se preocupar com a sua *própria* paixão perfeitamente natural, e o resultado pode muito bem ter sido o de haver exagerado as conseqüências daquele beijo, ter superestimado o que constituía apenas um pretexto, ele quis alterar o vínculo completamente espontâneo e inofensivo e, com isso, apenas exacerbou o fardo de autodesconfiança que pesa sobre uma criança gaga. E a única coisa que ele queria era ajudar a filha, promover sua cura!

Então, qual era a ferida? O que podia ter ferido Merry? A indelével imperfeição em si mesma ou aqueles que haviam infundido nela essa imperfeição? Mas de que maneira? O que eles tinham feito senão amar, cuidar dela, incentivar, dar o apoio, a orientação e a independência que lhes pareciam razoáveis — e no entanto a indevassável Merry ficara marcada! Desfigurada! Louca! Com o quê? Milhares e milhares de jovens gaguejaram no mundo — e ao crescer não saíram jogando bombas por aí! O que deu errado com a Merry? O que fizera com ela de tão errado? O beijo? Aquele beijo? Tão medonho assim? Como é que um beijo pode transformar alguém em um criminoso? As conseqüências do beijo? O afastamento? Foi esse o seu ato ignóbil? Mas não foi como se ele nunca mais fosse abraçar, tocar ou beijar a filha outra vez — ele a *amava*. Ela *sabia* disso.

Uma vez que o inexplicável havia começado, o tormento do auto-exame nunca mais teve fim. Por mais insatisfatórias que fossem as respostas, ele nunca ficava sem perguntas para responder, logo ele que antes nada tinha de realmente sério para perguntar a si mesmo. Depois da bomba, o Sueco nunca mais foi capaz de aceitar a vida naturalmente ou acreditar que sua vida não fosse algo muito diferente daquilo que percebia. Viu-se de repente recordando a própria infância feliz, o sucesso que fora a sua juventude, como se aí residisse a causa da sua aniquilação. Todos os triunfos, quando ele os investigava, pareciam superficiais; ainda mais espantoso, mesmo as suas virtudes tomaram a aparência de vícios. Não havia mais qualquer inocência naquilo que ele recordava do passado. Via que, em tudo o que

falamos, dizemos mais ou dizemos menos do que pretendíamos; e tudo o que fazemos produz um efeito maior ou um efeito menor do que pretendíamos. O que a gente disse e fez teve peso, está certo, mas não o peso que a gente pretendia.

O Sueco, tal como ele sempre conhecera a si mesmo — o bem-intencionado, bem-comportado, bem-ordenado Seymour Levov —, se evaporou, deixando apenas em seu lugar a auto-observação. Ele não conseguiu se desembaraçar da idéia de que era responsável, assim como tampouco conseguiu recorrer à idéia, diabolicamente tentadora, de que tudo era acidental. Ingressara em um mistério ainda mais assombroso do que a gagueira de Merry: não existia fluência em parte alguma. *Tudo* gaguejava. Na cama, de noite, ele representava o conjunto da sua vida como uma boca gaguejante e um rosto torcido por uma careta — o conjunto da sua vida sem razão ou sentido e completamente destroçada. Já não tinha mais nenhuma noção de ordem. Não existia ordem. Nenhuma. Visualizava sua vida como o pensamento de um gago, desvairadamente fora de controle.

O outro grande amor de Merry naquele ano, além do pai, era Audrey Hepburn. Antes de Audrey Hepburn, houvera a astronomia e antes da astronomia a escola agrícola, e mais adiante um pouco, para desgosto do pai, houve até uma fase ca- tólica. Sua avó Dwyer a levava para rezar na igreja de St. Genevieve sempre que Merry ia visitá-la em Elizabeth. Aos poucos, as quinquilharias católicas foram se infiltrando no quarto de Merry — e contanto que ele pudesse pensar naquilo como quinquilharias, contanto que ela não passasse dos limites, tudo estava bem. Primeiro, foi a folha de palmeira curvada em forma de cruz que a avó dera para a neta depois do Domingo de Ramos. Até aí, tudo bem. Qualquer criança podia ter vontade de colocar aquilo na parede. Depois veio a vela, em um vidro grosso, com uns trinta centímetros de altura, a Vela Eterna; no rótulo havia um retrato do Sagrado Coração de Jesus e uma prece que começava assim: "Ó Sagrado Coração de Jesus, que disse 'Peça e receberás'". Isso já não era tão fácil de aceitar, mas como parecia que Merry não ia acender a vela e ficar com o fogo ardendo no quarto, como a vela parecia que ia apenas ficar ali de pé decorando a cômoda, não havia motivo para criar caso. Depois, para pendurar acima da cama, veio o retrato de Jesus de perfil, rezando, uma coisa que não ficava nada bem, e embora nada tenha dito para a filha, para Dawn, nem para a avó Dwyer, o Sueco disse a si mesmo: "É

inofensivo, é um retrato. Para ela, um retrato bonito de um homem bom. Que diferença faz?".

O problema foi a estátua, a estátua de gesso da Mãe Abençoada, uma versão menor das estátuas grandes que ficavam no aparador da sala de jantar da vovó Dwyer e na cômoda do quarto da vovó Dwyer. Foi a estátua que levou o Sueco a sentar a filha a seu lado e perguntar se ela faria o favor de retirar os retratos e o ramo de palmeira da parede e colocá-los dentro do armário, junto com a estátua e a Vela Eterna, quando vovó e vovô Levov viessem visitá-los. Com toda a calma, explicou que, embora o quarto dela fosse o quarto dela e Merry tivesse todo o direito de pendurar nas paredes o que bem entendesse, vovó e vovô Levov eram judeus e portanto, está claro, ele também era judeu e, certo ou errado, os judeus não etc. etc. E como ela era uma boa menina que queria tratar bem as pessoas e agradar o pai acima de tudo, Merry devia fazer essa gentileza e tomar todo o cuidado para que nada oferecido a ela pela vovó Dwyer ficasse à vista na próxima vez em que os pais do Sueco viessem visitar Old Rimrock. E assim, um dia, tudo o que era católico desceu das paredes e da cômoda para sempre. Ela era uma perfeccionista que fazia as coisas de maneira apaixonada, vivia intensamente cada novo interesse e depois a paixão de repente parecia esgotada, e tudo, inclusive a paixão, era atirado dentro de uma caixa e Merry passava para outra coisa.

Agora era Audrey Hepburn. Vasculhava todo jornal e revista em que conseguia pôr as mãos à cata de fotos ou do nome da estrela do cinema. Até mesmo os quadradinhos que anunciavam os filmes — *Bonequinha de luxo*, 2, 4, 6, 8 e 10 — eram recortados do jornal depois do jantar e colados no álbum de Audrey Hepburn. Durante meses, ela caminhava para lá e para cá fingindo ser magrinha e sapeca em vez de ser ela mesma, andava para o seu quarto com um arzinho petulante como se fosse um duende do bosque, sorrindo com olhos tímidos e sugestivos diante de qualquer superfície espelhada, rindo com o que chamam de riso "contagioso" toda vez que seu pai dizia alguma coisa engraçada. Merry comprou a trilha musical do filme *Bonequinha de luxo* e ficava tocando o disco no seu quarto horas e horas. O pai podia ouvir a filha lá dentro cantando "Moon river" do mesmo jeito charmoso de Audrey Hepburn, e de maneira absolutamente fluente — e assim, por mais ostentosa e peculiarmente calculada que fosse aquela encenação desavergonhada, ninguém na casa jamais deu sinal de que achava aquilo enfadonho, muito menos ridículo, um sonho improvável de

purificação que havia tomado posse dela. Se Audrey Hepburn podia ajudá-la a parar de gaguejar só um pouquinho, então que ela continuasse sua encenação ridícula à vontade, uma garota abençoada por uma cabeleira dourada, uma mente lógica, um QI elevado e um senso de humor adulto até a respeito de si mesma, abençoada por braços e pernas esbeltos, por uma família rica e pelo dom de sua própria persistência tenaz — abençoada por tudo, exceto fluência. Segu-rança, saúde, amor, todas as vantagens imagináveis — faltava apenas a capacidade de pedir um hambúrguer no balcão sem se humilhar.

Como ela se esforçou! Por duas tardes, foi à aula de balé depois da escola e duas tardes Dawn a levou a Morristown para consultar uma fonoaudióloga. No sábado, ela levantou cedo, tomou o café da manhã e depois andou de bicicleta oito quilômetros rumo à cidadezinha de Old Rimrock, até o pequeno escritório do psiquiatra itinerante que fazia ponto no local, e que tinha uma linha de trabalho que deixou o Sueco furioso quando viu a gagueira de Merry piorar ao invés de melhorar. O psiquiatra levou Merry a pensar que a gagueira era uma opção dela, um jeito de parecer especial que ela mesma tinha escolhido e no qual ela se viu depois aprisionada, quando consta- tou como funcionava bem. O psiquiatra perguntou-lhe: "Como você acha que seu pai se sentiria a seu respeito caso não gaguejasse? Como você acha que sua mãe ia se sentir?". E perguntou: "Existe alguma coisa que a gagueira traga para você?". O Sueco não entendia de que modo era possível ajudar a filha levando a menina a se sentir responsável por algo que ela simplesmente não podia fazer, e assim ele fez uma visita ao sujeito. Quando saiu de lá, estava com vontade de matá-lo.

Parecia que a etiologia do problema de Merry tinha a ver, em grande parte, com o fato de ela ter uma aparência muito boa e pais muito bem-sucedidos. Até onde o Sueco conseguia acompanhar o raciocínio do homem, a boa fortuna dos pais de Merry era simplesmente demais para a menina e assim, para fugir da competição com a mãe, para deixar a mãe sem ação e obrigá-la a centrar seu foco na filha e, enfim, para deixar a mãe irritada a ponto de subir pelas paredes — e, além disso tudo, para arrebatar o pai maravilhoso das garras da mãe —, Merry resolveu estigmatizar a si mesma com uma grave gagueira, des-se modo manipulando todo o mundo a partir de uma posição de aparente fraqueza.

— Mas Merry fica arrasada com a sua gagueira — argumentou o Sueco.

— Foi por isso que a trouxemos para consultar o senhor.

— Os benefícios podem ultrapassar em muito as desvan-tagens.

Naquele momento, o Sueco não conseguiu compreender o que o médico estava explicando e retrucou:

— Mas, não, não... Ver Merry gaguejar está *acabando* com a minha esposa.

— Talvez, para Merry, este seja um dos benefícios. Ela é uma jovem extremamente sagaz e manipuladora. Se não fosse, o senhor não estaria tão aborrecido comigo por eu estar dizendo ao senhor que gaguejar pode ser um tipo de comportamento extremamente manipulador, extremamente útil e até mesmo vingativo.

Ele me odeia, pensou o Sueco. Tudo por causa da minha aparência. Me odeia por causa da boa aparência de Dawn. Ele está obcecado por nossa aparência. É por isso que nos odeia... Não somos baixinhos e feios como ele!

— É difícil — explicou o psiquiatra —, para uma menina, crescer como a filha de alguém que recebeu tantas atenções por algo que, aos olhos dela, às vezes parece uma bobagem. É duro, no ponto culminante da competição natural entre mãe e filha, ver as pessoas perguntando a uma menininha: "Quando crescer, você gostaria de ser também Miss New Jersey como a sua mãe?".

— Mas ninguém pergunta a ela nada disso. Quem foi que perguntou? Nós nunca falamos sobre isso, nunca foi mencionado. Por que seria? Minha esposa não é a Miss New Jersey. Minha esposa é a *mãe* dela.

— Mas as outras pessoas perguntam isso para ela, senhor Levov.

— Bem, pelo amor de Deus, as pessoas perguntam para as crianças um monte de coisas que não têm nenhum significado... não é esse o *problema* aqui.

— Mas sem dúvida o senhor percebe como uma criança que tem motivos para sentir que não pode se equiparar à mãe, que não pode chegar aonde ela chegou, pode muito bem resolver adotar...

— Ela não *adotou* coisa nenhuma. Escute aqui, acho que talvez o senhor tenha colocado um peso injusto nos ombros da minha filha, levando a menina a acreditar que isso é uma "escolha". Ela *não tem* escolha. É um inferno para ela quando gagueja.

— Nem sempre é isso que ela me diz. Sábado passado, perguntei a ela à queima-roupa: "Merry, por que você gagueja?". E ela respondeu: "É que é

mais fácil gaguejar".

— Mas o senhor sabe o que ela quis dizer com isso. É óbvio o que ela quis dizer. Quis dizer que assim não precisa passar por tudo aquilo por que tem de passar quando tenta *não* gaguejar.

— Pois acho que Merry estava me dizendo algo além disso. Acho que Merry pode até ter a impressão de que, se não gaguejar, aí então, ah, meu Deus, as pessoas vão descobrir qual é o problema verdadeiro que há com ela, sobretudo sob a pressão constante que existe em uma família perfeccionista na qual as pessoas tendem a atribuir um valor quimericamente elevado a cada episódio de sua gagueira. "Se eu não gaguejar, aí então é que minha mãe vai puxar minhas orelhas para valer, aí é que ela vai descobrir os meus *verdadeiros* segredos."

— Quem foi que disse que nossa família é perfeccionista e vive sob constante pressão? Puxa. Somos uma família comum. O senhor está repetindo as palavras de Merry? Foi isso que ela lhe disse a respeito da mãe? Que ela ia *puxar as suas orelhas*?

— Não exatamente.

— É porque não é *verdade* — retrucou o Sueco. — O motivo não é esse. Às vezes tenho a sensação de que Merry gagueja porque o cérebro dela é muito ligeiro, é muito mais ligeiro do que a sua língua...

Ah, a cara de pena com que ele está me olhando e ouvindo a minha explicação patética. Sacana metido a besta. Sacana frio, sem coração. Sacana *burro*. Isso é que é o pior — a burrice. E tudo só porque ele tem essa aparência e eu tenho a minha e Dawn tem a dela e...

— É muito comum encontrarmos pais que não conseguem admitir, que se recusam a acreditar...

Ah, essa gente não serve para nada mesmo! Só sabem tornar as coisas ainda piores! De quem foi a idéia de procurar esse psiquiatra cretino?

— Não se trata de *admitir* coisa nenhuma, que inferno. Eu mesmo trouxe Merry aqui — disse o Sueco. — Faço tudo o que qualquer profissional disser para eu fazer a fim de apoiar os esforços de Merry para parar de gaguejar. Eu só queria saber do senhor que bem está trazendo à minha filha, com suas caretas e seus tiques e suas contrações nas pernas e seus socos na mesa e seu rosto ficando branco, com toda essa dificuldade, que bem está trazendo a ela pensar, ainda por cima, que está fazendo todas essas coisas a fim de *manipular* sua mãe e seu pai.

— Bem, quem é que está no comando da situação quando ela dá socos

na mesa e fica com a cara branca? Quem é que está por cima nessas horas?

— *Ela* é que não pode ser, de jeito nenhum! — retrucou o Sueco, irritado.

— O senhor acha que tenho uma opinião muito pouco compassiva a respeito dela — disse o médico.

— Bem... de certo modo, como pai dela, sim. Parece que o senhor nunca examinou a possibilidade de uma causa *fisiológica* para o caso.

— Não, eu não diria isso, senhor Levov. Posso expor para o senhor teorias orgânicas, se preferir. Mas cheguei à conclusão de que essa não é a maneira mais eficaz de agir.

Seu diário da gagueira. Quando ela sentava à mesa da cozinha depois do jantar e escrevia as anotações relativas àquele dia no seu diário da gagueira, era nessa hora que o Sueco tinha mais vontade de matar o psiquiatra que, por fim, se viu na obrigação de lhe informar — ele, um dos pais que "não conseguiam admitir, se recusavam a acreditar" — que Merry só ia parar de gaguejar quando não fosse mais necessário para ela gaguejar, quando ela quisesse "relacionar-se" com o mundo de um modo diferente — em suma, quando ela encontrasse um substituto mais eficiente para a sua manipulação. O diário da gagueira era um caderno com três argolas no qual, segun- do uma sugestão da sua fonoaudióloga, Merry registrava as ocorrências da sua gagueira. Poderia ela ser uma inimiga mais dedicada da sua gagueira do que quando se sentava ali e escrupulosamente recordava e anotava como a gagueira havia oscilado ao longo do dia, em que contexto parecia menos provável que ela gaguejasse, quando parecia mais provável que acontecesse e com quem? E poderia alguma coisa ser mais comovente para o pai do que ler aquele diário na sexta-feira à noite, quando Merry ia ao cinema com as amigas e por acaso deixava o caderno aberto sobre a mesa? "Quando gaguejo? Quando alguém me pergunta alguma coisa que exige uma resposta inesperada, que não pude preparar antes, é aí que é mais provável eu gaguejar. Quando as pessoas estão olhando para mim. Pessoas que sabem que eu gaguejo, sobretudo quando *elas* estão olhando para mim..." E assim por diante, página por página, na sua caligrafia admiravelmente clara — e tudo que ela parecia estar dizendo era que gaguejava em todas as situações. Merry tinha escrito: "Mesmo quando pareço estar falando bem, não consigo parar de pensar: 'Quanto tempo vai demorar para que ele descubra que sou gaga? Quanto tempo vai demorar para que eu comece a gaguejar e estrague tudo?'". Entre-tanto, apesar de todas as frustrações, ela sentava onde os pais pudessem vê-la e trabalhava

no seu diário da gagueira todas as noites, inclusive nos finais de semana. Ela elaborava na fonoaudiologia as diferentes "estratégias" a serem empregadas com estranhos, vendedores nas lojas, gente com quem Merry tinha conversas relativamente seguras; elaborava estratégias a empregar com pessoas mais próximas a ela — professores, amigas, rapazes e, por fim, seus avós, seu pai, sua mãe. Anotava as estratégias em seu diário. Fazia a lista dos assuntos que provavelmente iriam surgir nas conversas com diferentes pessoas, anotava as coisas que ela tentaria dizer, prevendo em que situações seria mais provável que gaguejasse e, assim, se preparando da melhor maneira possível. Como é que ela conseguia suportar a provação de toda essa autoconsciência? O planejamento exigia que ela transformasse o espontâneo em não-espontâneo, a tenacidade com que ela se recusava a fugir dessas tarefas enfadonhas — era isso que aquele sacana arrogante quis chamar de "exercício vingativo"? Um compromisso árduo, como o Sueco jamais havia experimentado, nem mesmo naquele outono em que o transformaram em jogador de futebol americano e, com relutância em face da idéia de sair dando cabeçadas em um esporte cuja violência, na verdade, ele nunca apreciou, o Sueco fez o que pediam, e se saiu de forma brilhante, "em nome da escola".

Mas nada daquilo que Merry aplicadamente punha em prática lhe fazia o menor bem. No casulo sereno e seguro do consultório da sua fonoaudióloga, retirada do seu mundo, Merry se mostrava incrivelmente à vontade consigo mesma, falava com fluência, fazia piadas, imitava outras pessoas, cantava. Mas quando saía dali outra vez, via aquilo voltando, começando a cercá-la de novo, e Merry então faria qualquer coisa, *qualquer coisa*, para evitar a próxima palavra que começasse com a letra *b* e daqui a pouco lá estava ela espirrando perdigotos para todo lado e que mão-de-obra o psiquiatra tinha no sábado seguinte para esmiuçar a letra *b* e "o que isso inconscientemente significava para ela". Ou o que as letras *m* ou *c* ou *g* "inconscientemente significavam para ela". Todavia, nada do que ele especulava significava coisa alguma. Nenhuma de suas formidáveis idéias desembaraçava a filha de uma só de suas dificuldades. Nada que qualquer pessoa dissesse adiantava coisa alguma e tampouco, no final, fazia o menor sentido. O psiquiatra não adiantava, a fonoaudióloga não adiantava, o diário da gagueira não adiantava, ele não adiantava, Dawn não adiantava, nem sequer a pronúncia brejeira, ondulante, de Audrey Hepburn fazia a menor diferença. Merry simplesmente estava nas mãos de uma coisa de que

ela não conseguia se libertar.

E então já era tarde demais: como uma criatura inocente em um conto de fadas que foi traiçoeiramente convencida a ingerir uma poção envenenada, a criança acrobata que costumava escalar e descer com alegria todas as peças de mobília da casa e subia em todo e qualquer colo disponível, vestindo sua malha preta de ginástica, de uma hora para outra cresceu, inchou, ficou corpulenta — estufou nas costas e no pescoço, parou de escovar os dentes e pentear o cabelo; não comia qua-se nada que lhe serviam em casa, mas na escola e na rua quase não fazia outra coisa senão comer chisbúrgueres com batatas fritas, pizzas, sanduíche de alface, tomate e bacon, rodelas de cebola fritas, milk-shake de baunilha, um suco de raízes e ervas fermentado, açucarado e com uma bola de sorvete por cima, sorvete com calda quente de chocolate, bolos de todo tipo, de tal forma que quase da noite para o dia virou uma menina de dezesseis anos grandalhona, balofa, desmazelada, que andava bamboleando o corpo, com quase um metro e oitenta, apelidada por seus colegas de escola Ho Chi Levov.

E seu problema virou o facão de cozinha com o qual ela fazia picadinho de todos os mentirosos.

— Seu louco sa-sa-sa-sa-sacana! Seu monstro mi-mi-mi-mi-miserável e cruel! — rosnava ela para Lyndon Johnson sempre que o rosto dele aparecia no noticiário das sete. Para a cara televisionada de Humphrey, o vice-presidente, ela berrava: — Seu bundão, cala essa boca me-me-me-me-mentirosa, seu ca-ca-cagão, nojento co-co-co-colaboraci-ci-ci-cionista!

Quando seu pai, como membro de um grupo denominado Empresários de New Jersey Contra a Guerra, foi para Wash- ington com uma comissão a fim de ter uma audiência com o seu senador, Merry recusou o convite para acompanhá-lo.

— Mas — disse o Sueco, que nunca antes pertencera a nenhum grupo político e jamais teria se juntado àquele e jamais teria se apresentado como voluntário na comissão para ir a Washington e jamais teria pagado mil dólares para publicar o seu protesto no jornal *Newark News* caso não alimentasse a esperança de que o seu manifesto envolvimento pudesse desviar um pouco da raiva da filha para longe dele — esta é a sua chance para dizer o que você pensa para o senador Case. Pode falar com ele cara a cara. Não é isso que você quer?

— Merry — falou a *petite* mãe para a filha grandalhona e enraivecida —, talvez você possa influenciar o senador Case...

— C-c-c-c-c-c-c-c-case! — explodiu Merry e, para assom-bro de seus pais, deu uma cusparada nos ladrilhos do chão da cozinha.

Agora, ela vivia o tempo todo ao telefone, a menina que antes tinha de lançar mão da "estratégia" do telefone para garantir que, quando atendesse uma ligação, seria capaz de pronunciar a palavra "Alô" em menos de trinta segundos. Ela havia dominado a angustiante gagueira, mas não do modo que seus pais e a terapeuta esperavam. Não, Merry concluiu que o que estava desfigurando sua vida não era a gagueira mas sim o esforço frívolo para dar cabo dela. Aquele esforço maluco. A importância ridícula que Merry atribuíra àquela gagueira a fim de ir ao encontro das expectativas dos seus pais, professores e amigos que a haviam levado a superestimar algo tão secundário quanto seu jeito de falar. Não o que ela falava mas sim como falava, era só isso que tinha importância para eles. E, na verdade, tudo o que Merry precisava fazer para se livrar da gagueira era não dar a menor bola se essas pessoas se sentiam infelizes quando ela precisava pronunciar a letra *b*. Sim, ela parou totalmente de se preocupar com o abismo que se abria sob os pés de todo o mundo quando ela começava a gaguejar; sua gagueira não ia mais ser o centro da sua existência — e ela não ia dar a menor chance para que aquilo fosse o centro da vida deles. Com veemência, renegou a aparência e a fidelidade da menina boazinha que tinha feito tanta força para ser adorável e gentil como todas as outras meninas boazinhas de Old Rimrock — repudiou suas maneiras medíocres, suas simpáticas preocupações sociais, os valores "burgueses" da sua família. Já havia perdido muito tempo lutando por sua própria causa.

— Não vou passar minha vida inteira brigando dia e noite com a merda de uma gagueira quando crianças estão sendo b-b-b-b-b-bomb-b-b-b-queimadas vivas por Lyndon B-b-b-b-baines B-b-b-b-bomba Johnson!

Toda a energia agora vinha à tona, desenfreada, a força de resistência que antes fora empregada com outro fim; e já sem dar a menor bola para o antigo obstáculo, Merry pela primeira vez na vida experimentava não apenas sua plena liberdade como também o poder exultante da completa infalibilidade. Uma Merry novinha em folha havia começado, alguém que descobrira na oposição à guerra "ig-ig-ig-ig-ignóbil" uma causa difícil de enfrentar e que pagava, enfim, o preço de todo aquele seu esforço incontestavelmente formidável. Ela chamava o Vietnã do Norte de República Democrática do Vietnã, o país do qual ela falava com tanto ardor patriótico que, segundo Dawn, dava a impressão de que ela havia nascido

não no Beth Israel de Newark mas sim no Beth Israel de Hanói.

— "A República Democrática do Vietnã"... Se eu ouvir Merry falar isso mais uma vez, Seymour, juro, vou perder a cabeça!

Ele tentou convencer a esposa de que talvez aquilo não fosse tão ruim quanto parecia.

— Merry tem um credo, Dawn, Merry tem uma posição política. Pode ser que não exista muita sutileza nessa posição, talvez ela mesma não seja a melhor porta-voz de suas idéias, mas existe um pensamento por trás disso, existe sem dúvida um bocado de emoção por trás disso, existe bastante *compaixão* por trás disso...

Mas já não havia mais nenhuma conversa que ela tivesse com a filha que não levasse Dawn, se não a perder a cabeça, pelo menos a sair de casa e procurar abrigo no estábulo. O Sueco ouvia de longe Merry brigando com a mãe toda vez que as duas ficavam sozinhas por dois minutos.

— Muitos jovens — dizia Dawn — se sentiriam perfeitamente *felizes* por terem pais que são pessoas de classe média bem ajustadas.

— Me desculpe se a minha lavagem cerebral ainda não foi tão completa para que eu virasse um desses jovens — retrucava Merry.

— Você é uma menina de dezesseis anos — dizia Dawn — e posso muito bem lhe dizer o que você deve fazer e *vou* dizer o que deve fazer.

— Só porque tenho dezesseis anos não quer dizer que eu seja uma m-m-m-m-m-menina! Eu faço o que eu q-q-q-q-quero!

— Você não é antiguerra — dizia Dawn. — Você é *antitudo*.

— E o que você é, mãe? Você é pró-v-v-v-v-vaca!

Agora, noite após noite, Dawn ia para a cama chorando.

— O que é essa menina? O que é isso? — perguntava para o Sueco. — Se alguém desafia descaradamente sua autoridade, o que você pode fazer? Seymour, estou completamente perdida. Como foi que isso aconteceu?

— Essas coisas acontecem — dizia ele. — Merry é uma menina com uma vontade muito forte. Com uma idéia. Com uma causa.

— De onde é que essas coisas *vieram*? É inexplicável. Será que sou uma mãe ruim? Será que é isso?

— Você é uma ótima mãe. Uma mãe maravilhosa. Não é nada disso.

— Não entendo por que ela se voltou contra mim desse jeito. Não tenho a menor idéia do que fiz a ela nem do que Merry acha que fiz a ela. Não sei o que aconteceu. Quem *é* ela? De onde *ela* veio? Não consigo controlar Merry. Não consigo *reconhecer* Merry. Pensei que ela era esperta. Mas não é

nem um pouco esperta. Ela ficou *burra*, Seymour; ela fica mais burra a cada vez que a gente conversa.

— Não, é só um tipo muito grosseiro de agressão. Não está muito bem resolvido. Mas ela ainda é esperta. É bastante esperta. Os adolescentes são desse jeito. Há esse tipo de mudança muito turbulenta. Não tem nada a ver com você nem comigo. Eles simplesmente se opõem a tudo de uma maneira amorfa.

— Tudo isso é por causa da gagueira, não é?

— Estamos fazendo tudo o que podemos para curar a gagueira dela. Sempre fizemos.

— Ela está enfurecida porque gagueja. Não faz amigos — disse Dawn — porque gagueja.

— Ela sempre teve amigos. Ela tem muitos amigos. Além disso, Merry tinha a gagueira sob controle. A gagueira não é a explicação.

— É sim. Ninguém tem a gagueira sob controle — disse Dawn. — A pessoa vive sob um medo constante.

— Mas isso, Dawnie, não é uma explicação para o que está acontecendo.

— Ela está com dezesseis anos... Será *essa* a explicação? — perguntou Dawn.

— Bem, se for — disse ele — e talvez em boa parte seja mesmo, faremos o melhor que pudermos até que ela não tenha mais dezesseis anos.

— E depois? Quando ela não tiver mais dezesseis anos, vai ter dezessete.

— Aos dezessete anos, ela não será mais a mesma. Aos dezoito anos, ela não será mais a mesma. As coisas mudam. Ela vai descobrir novos interesses na vida. Vai entrar para a faculdade... vai ter objetivos acadêmicos. Vamos conseguir dar um jeito, pode deixar. O importante é não parar de conversar com ela.

— Não posso. Não consigo conversar com ela. Agora ela tem até mesmo ciúmes das vacas. É de enlouquecer.

— Então eu vou continuar a conversar com ela. O importante é não a abandonar e não capitular diante dela, e continuar a conversar, mesmo que eu tenha de dizer a mesma coisa mil vezes seguidas. Não importa se tudo parece inútil. Não se pode esperar que o que a gente fala produza um impacto imediato.

— É o que ela retruca que produz esse *impacto*!

— Não importa o que ela retruque. Precisamos continuar a dizer a ela o que temos de dizer, mesmo que isso pareça não ter fim. Precisamos

determinar o limite. Se não fizermos isso, aí então é certo que ela não vai mais nos obedecer. Se determinarmos um limite, teremos pelo menos cinqüenta por cento de chances de que ela obedeça.

— E se mesmo assim ela não obedecer?

— Tudo o que podemos fazer, Dawn, é continuar a ser razoáveis, continuar a ser firmes e não perder a esperança e a paciência, e chegará o dia em que ela vai superar essa mania de contestar tudo.

— Ela *não quer* superar nada.

— Agora. Hoje. Mas há sempre amanhã. Existe um vínculo entre nós, e ele é poderoso. Contanto que não a deixemos desamparada, contanto que continuemos a conversar com ela, o amanhã virá. É claro que Merry é de enlouquecer. Está irreconhecível para mim também. Mas se a gente não deixar que ela esgote nossa paciência e se a gente continuar a conversar com ela e não desistir dela, Merry no final vai voltar a ser ela mesma outra vez.

E assim, por mais desesperadora que a situação parecesse, ele falava, ele ouvia, ele se mostrava razoável; por mais interminável que parecesse ser a luta, ele se mantinha paciente e, sempre que via a filha indo longe demais, mostrava a ela o limite. Não importava que aquilo a deixasse completamente enfurecida e respondesse agressivamente ao pai, não importava o quanto suas respostas fossem sarcásticas, cáusticas, falaciosas e desonestas, o Sueco continuava a questioná-la acerca de suas atividades políticas, acerca do seu paradeiro após a escola, acerca de seus novos amigos; com uma persistência delicada que a deixava furiosa, ele interrogava a filha sobre suas viagens a Nova York no sábado. Merry podia berrar o que bem entendesse em casa — ela ainda não passava de uma criança de Old Rimrock, e a simples idéia de quem ela poderia estar vendo em Nova York deixava seu pai alarmado.

Conversa número 1 sobre Nova York.

— O que você faz quando vai a Nova York? Quem você vê em Nova York?

— O que faço? Vou passear por Nova York. É isso que faço.

— O que você faz lá, Merry?

— Faço o que todo o mundo faz. Vou ver vitrines. O que mais faria uma menina?

— Você anda metida com gente de política, em Nova York.

— Não sei do que você está falando. Tudo é político. Es-covar os *dentes* é

político.

— Você anda metida com gente de política em Nova York, pessoas contrárias à guerra no Vietnã. Não são elas que você encontra lá? Sim ou não?

— São pessoas sim, pessoas com idéias e algumas delas não acred-d-d-d-ditam na guerra. A maioria deles não acred-d-d-d-dita na guerra.

— Bem, eu mesmo não concordo com a guerra.

— Então, qual é o problema?

— Quem são essas pessoas? Que idade têm? O que fazem para ganhar a vida? São estudantes?

— Por que você quer saber?

— Porque eu gostaria de saber o que você anda fazendo. Você fica sozinha em Nova York todo sábado. Não são muitos os pais que deixariam uma filha de dezesseis anos ir tão longe sozinha.

— Eu vou no... eu, você sabe, há pessoas, cachorros e ruas...

— Você volta para casa com todos esses textos comunistas. Volta para casa trazendo todos esses livros, panfletos e revistas.

— Estou tentando *aprender*. Você me ensinou que eu de-via *aprender*, não foi? C-c-c-c-comunista...

— Mas *é* comunista. Está escrito que é material comunista.

— Os comunistas têm idéias que nem sempre são sobre o comunismo.

— Por exemplo?

— Sobre a pobreza. Sobre a guerra. Sobre a injustiça. Eles têm idéias sobre muitas coisas. Só porque você é judeu não quer dizer que só tenha idéias sobre o judaísmo. Bem, o mes-mo vale para o comunismo.

Conversa número 12 sobre Nova York.

— Onde você faz suas refeições em Nova York?

— Não no Vincent's, graças a Deus.

— Onde é, então?

— Onde todo o mundo come. Restaurantes. Cafeterias. No apartamento das pessoas.

— Quem são as pessoas que moram nesses apartamentos?

— Meus amigos.

— Onde você os conheceu?

— Conheci alguns aqui, outros na cidade...

— Aqui? Onde?

— Na escola secundária. Sh-sh-sh-sh-sh-sherry, por exemplo.

— Nunca vi essa Sherry.

— Sh-sh-sh-sh-sh-sherry é aquela que tocava violino em todas as peças de teatro da turma, você lembra? Ela vai a Nova York porque tem aula de música.

— Ela também anda metida em política?

— Pai, tudo é político. Como é que ela poderia não estar metida em política se ela tem um céreb-b-b-b-bro?

— Merry, não quero ver você metida em nenhuma encrenca. Você se sente revoltada com a guerra. Um monte de gente se sente revoltada com a guerra. Acontece que há pessoas que estão revoltadas com a guerra mas não têm limites. Você sabe quais são os limites?

— Limites. É só nisso que você sabe pensar. Não ir ao extremo. Bem, às vezes a gente tem de ir mesmo até o extremo, e que se foda o resto. O que você acha que é a guerra? A guerra é uma coisa extrema. Não é como essa vidinha besta aqui na pequena Old Rimrock. Aqui, nada chega muito ao extremo.

— Você já não gosta mais de viver aqui. Quer morar em Nova York? Gostaria de viver lá?

— Não sei se vou para a faculdade. Olhe só como é a administração dessas faculdades. Olhe só o que eles fazem com os estudantes que são contra a guerra. Como posso ter vontade de entrar na faculdade? Instrução superior. Pois para mim é instrução inferior. Talvez eu vá para a faculdade, talvez não vá. Não vou ficar fazendo planos por enquanto.

Conversa número 18 sobre Nova York, quando ela não voltou para casa no sábado à noite.

— Você nunca mais vai fazer isso. Nunca mais vai passar a noite com pessoas que nós não conhecemos. Quem são essas pessoas?

— Nunca diga nunca.

— Quem são essas pessoas com quem você ficou?

— São amigos da Sh-sh-sherry. Da escola de música.

— Não acredito em você.

— Por quê? Você não consegue ac-c-c-c-creditar que eu possa ter amigos? Que as pessoas possam gostar de mim... você não ac-c-c-c-credita nisso? Que alguém p-p-p-p-p-possa me chamar para ficar de noite na sua casa... você não ac-c-c-c-credita nisso? Então em que você ac-c-c-c-credita?

— Você tem dezesseis anos. Tem de voltar para casa. Não pode dormir em Nova York.

— Quer parar de ficar me lembrando quantos anos eu tenho? Todo o mundo tem a idade que tem.

— Quando você saiu de casa ontem, pensamos que ia voltar às seis horas. Às sete da noite você ligou para dizer que ia dormir lá. Nós respondemos que não ia. Você insistiu. Disse que tinha um lugar para ficar. Aí acabei deixando.

— Você me deixou ficar. É claro.

— Mas não pode fazer isso de novo. Se fizer isso de novo, nunca mais poderá ir para Nova York sozinha.

— Quem disse?

— O seu pai.

— Vamos ver.

— Faço um trato com você.

— Qual é o trato, *papai*?

— Se você alguma vez for a Nova York e perceber que está ficando tarde e vai ter de passar a noite lá, fique na casa dos Umanoff.

— Os *Umanoff*?

— Eles gostam de você, você gosta deles, eles te conhecem desde que nasceu. Têm um apartamento muito bom.

— Bem, as pessoas com quem eu fiquei também têm um apartamento muito bom.

— Quem são eles?

— Já disse, amigos da Sh-sherry.

— Quem são eles?

— Bill e Melissa.

— E quem são Bill e Melissa?

— São p-p-p-p-pessoas. Feito todo o mundo.

— O que fazem na vida? Que idade têm?

— Melissa tem vinte e dois anos. E Bill tem dezenove.

— São estudantes?

— São. Agora estão organizando as pessoas para ajudar os vietnamitas.

— Onde moram?

— O que é que você vai fazer? Correr para lá e me apanhar?

— Eu gostaria de saber onde eles moram. Existem bairros de todo tipo em Nova York. Alguns são bons, outros são ruins.

— Eles moram em um p-p-p-prédio muito bom.

— Onde?

— Moram em Morningside Heights.

— São estudantes da Universidade de Columbia?

— São sim.

— Quantas pessoas ficam no apartamento?

— Não vejo por que eu tenho de responder todas essas perguntas.

— Porque você é minha filha e tem dezesseis anos.

— Quer dizer então que, pelo resto da minha vida, só porque sou sua filha...

— Não, quando tiver dezoito anos e tiver terminado a escola secundária, pode fazer o que bem entender.

— Quer dizer que a diferença que estamos discutindo aqui são só dois anos?

— Isso mesmo.

— E que coisa extraordinária é essa que vai acontecer em dois anos?

— Você será uma pessoa independente que pode se sustentar sozinha.

— Eu podia muito bem me sustentar sozinha agora, se eu q-q-q-q-quisesse.

— Não quero que você fique com Bill e Melissa.

— P-p-p-p-p-por quê?

— É minha responsabilidade cuidar de você. Quero que fique na casa dos Umanoff. Se você concordar com isso, pode ir a Nova York e passar a noite na casa deles. De outro modo não terá autorização nem sequer para ir lá. A escolha é sua.

— Vou para ficar com as pessoas com quem eu quiser.

— Então você não vai mais para Nova York.

— Vamos ver.

— Não tem nada de "vamos ver". Você não vai mais e ponto final.

— Só quero ver como é que você vai me impedir.

— Pense bem. Se você não pode concordar em ficar na casa dos Umanoff, não poderá ir mais para Nova York.

— Mas e quanto à guerra...

— Minha responsabilidade é com você, e não com a guerra.

— Ah, eu sei que você não se responsabiliza nem um pou-co pela guerra... é por isso mesmo que tenho de ir para Nova York. Porque as p-p-p-p-pessoas lá se sentem responsáveis. Se sentem responsáveis quando a América b-b-b-bomb-b-b-b-b-bardeia cidadezinhas vietnamitas. Se sentem responsáveis quando a América está b-b-b-bomb-b-b-b-bardeando b-b-b-b-

be-b-b-b-bezinhos do Vietnã. Mas você não se sente responsável, e mamãe também não. *Vocês* não se importam com isso o bastante para passar a noite em outro lugar. Vocês não ficam acordados de noite até tarde preocupados com isso. Na verdade, pai, vocês não se importam nem um pouco.

Conversas número 24, 25 e 26, sobre Nova York.

— Não posso conversar mais assim, pai. Não quero! Me recuso! Quem é que fica conversando com os pais desse jeito?

— Se você é menor de idade e fica fora de casa o dia todo e não volta para casa de noite, então tem de conversar com os pais, sim, senhora.

— Mas v-v-v-v-você me deixa doida, com esse seu jeito de pai sensato, t-t-t-t-tentando o tempo todo ser comp-p-p-preensivo! Não quero ser compreendida... quero ser livre!

— Você preferia que eu fosse um pai insensível e não tentasse compreender você?

— Preferia sim! Acho que preferia! Porra, por que você não t-t-t-t-tenta logo fazer assim p-p-p-p-para eu ver, hem, cacete?

Conversa número 29 sobre Nova York.

— Não, você não pode romper com a nossa vida familiar antes de se tornar maior de idade. Aí então faça o que bem entender. Mas enquanto não tiver dezoito anos...

— Você só consegue falar, só consegue pensar, só consegue dar imp-p-p-p-portância ao b-b-b-bem-estar da porra dessa familiazinha de merda!

— Não é só nisso que você pensa? Não é só com isso que você fica zangada?

— N-n-n-não! N-n-n-n-nunca!

— É sim, Merry. Você fica revoltada com as famílias no Vietnã. Fica revoltada porque estão sendo destruídas. Também são famílias. São famílias iguaizinhas a nossa, que gostariam de ter o direito de ter uma vida como a nossa família tem. Não é isso que você mesma deseja para eles? O que Bill e Melissa querem para eles? Que eles possam ter uma vida segura e pacífica como a nossa?

— Ter de viver aqui no meio desse fim de mundo privilegiado? Não, não acho que seja isso que B-b-b-b-bill e Melissa desejam para eles. Não é o que eu quero para eles.

— Não quer? Então pense bem. Acho que ter essa vida nesse privilegiado fim de mundo os deixaria muito satisfeitos, francamente.

— Eles só querem ir p-p-p-p-para cama de noite, em seu próprio p-p-p-p-

país, levando sua p-p-p-p-própria vida, e sem ter de pensar que vai cair uma b-b-b-b-bomba na cabeça deles e fazer tudo em pedaços enquanto estiverem d-d-d-d-dormindo. Fazer tudo em pedaços para que as pessoas p-p-p-p-p-p-privilegiadas de New Jersey possam continuar levando sua vidinha p-p-p-p-pacífica, segura, aquisitiva, vazia e p-p-p-p-p- p-parasitária!

Conversa número 30 sobre Nova York, depois que Merry passou uma noite na casa dos Umanoff.

— Ah, eles são tão lib-b-b-b-b-berais, B-b-b-b-barry e Mar-cia. Com a sua vidinha b-b-b-b-b-burguesa confortável.

— São professores, são acadêmicos sérios, contrários à guerra. Havia mais alguém lá?

— Ah, tinha um professor inglês contrário à guerra, um professor de sociologia que é contra a guerra. Pelo menos ele compromete a família na luta contra a guerra. Todos vão juntos para as pas-pas-pas-pas-passeatas. Isso é o que eu chamo de uma família. E não essas v-v-v-v-v-vacas fedorentas.

— Então quer dizer que foi bom ficar lá.

— Não. Quero ficar com meus amigos. Não quero ir para a casa dos Umanoff às oito horas da noite. Tudo que acontece acontece sempre *depois* das oito horas! Se eu quisesse ficar com os seus amigos depois das oito horas, era melhor ficar aqui mesmo em Old Rimrock. Quero ficar com meus amigos depois das oito horas!

— Mesmo assim, deu certo. Cumprimos nosso trato. Você não ficou com seus amigos depois das oito horas, mas pôde passar o dia todo com eles, o que já é bem melhor do que nada. Sinto-me muito melhor com o que você concordou em fazer. Você também devia se sentir assim. Vai ficar lá no próximo sábado?

— Não faço p-p-p-p-p-planos dessas coisas com anos de antecedência.

— Se for lá no próximo sábado, é melhor telefonar para os Umanoff antes e avisá-los de que está indo.

Conversa número 34 sobre Nova York, depois que Merry não foi passar a noite na casa dos Umanoff.

— Muito bem, então estamos conversados. Você fez um trato e o rompeu. Não vai mais sair desta casa no sábado.

— Estou sob prisão domiciliar.

— Indefinidamente.

— Do que é que você tem tanto medo? O que você acha que eu vou

fazer? Saio com meus am-m-m-m-migos. Conver-samos sobre a guerra e outras coisas importantes. Não sei por que você quer saber tantas coisas. Você não fica me fazendo um p-p-p-p-p-porrilhão de perguntinhas cr-cr-cr-cr-cretinas to-da vez que vou à loja do Hamlin. Do que tem tanto medo? Você é só um b-b-b-b-b-bolo de medo. Não consegue parar de se esconder aqui no meio do mato. Pare de vomitar todo o seu medo em cima de mim e de me fazer ficar tão medrosa quanto a mamãe. Você só sabe mesmo é lidar com v-v-v-v-vacas. V-v-v-v-vacas e árvores. Bem, existem outras coisas além de v-v-v-vacas e árvores. Existem pessoas. Pessoas que sofrem de verdade. Por que você não fala? Tem medo de que eu vá para a cama com alguém? É disso que você tem medo? Não sou nenhuma debilóide para ser tapeada assim, não. O que foi que fiz na vida de irresponsável?

— Você rompeu nosso trato. Esse é o final do assunto.

— Mas a gente não é uma emp-p-p-p-p-presa. Isso aqui não é um negócio, pai. Prisão domiciliar. Cada dia nessa casa é como estar sob prisão domiciliar.

— Não gosto muito de você quando age desse modo.

— Ah, pai, cala a boca. Eu também não gosto de você. Nun-ca gostei.

Conversa número 44 sobre Nova York. No sábado seguinte.

— Não vou levar você de carro até a estação de trem. Você não vai sair de casa.

— O que é que vai fazer? Pôr uma b-b-b-b-b-barricada em volta de mim? Como é que vai me deter? Vai me amarrar na minha cadeirinha de bebê? É assim que você trata a sua filha? Não posso acreditar que meu pr-pr-pr-pr-pr-próprio pai me ameace com força física.

— Não estou ameaçando você com força física.

— Então como é que vai me segurar dentro de casa? Não sou uma das v-v-v-v-v-vaquinhas idiotas da mamãe! Não vou morar aqui para sempre a vida toda. Senhor C-c-c-calmo, Sen-sato e Controlado. Do que é que você tem tanto medo, hem? Por que é que tem tanto medo das pessoas? Nunca ouviu falar que Nova York é um dos maiores centros culturais do mundo? As pessoas vêm do mundo inteiro para conhecer Nova York. Você sempre quis que eu conhecesse tudo. Por que não posso conhecer Nova York? Melhor do que essa b-b-b-b-b-bosta aqui. Por que está tão irritado? Só porque tive uma idéia com a minha própria cabeça? Uma coisa que você não pensou antes de mim? Uma coisa que não é um de seus planos respeitáveis para a família e como as coisas deveriam funcionar? O que eu

vou fazer é simplesmente pegar a porra daquele trem e ir para a cidade. Milhões de homens e mulheres fazem isso todos os dias para ir trabalhar. Me meter com as pessoas erradas. Deus me livre de algum dia fazer uma coisa dessas. Você se casou com uma católica irlandesa. O que é que a sua família acha de você ter se metido com pessoas erradas? Ela se casou com um judeu. O que é que a família da mamãe acha de ela ter se metido com as pessoas erradas? O que posso fazer pior do que isso? Talvez ir morar com um cara com cabelo afro... É disso que você tem medo? Não acho que seja isso, *papai*. Por que você não se preocupa com alguma coisa que seja importante de verdade, que nem a guerra por exemplo, em vez de saber se a sua filhinha privilegiada vai ou não vai pegar um trem sozinha para a cidade grande?

Conversa número 53 sobre Nova York.

— Você ainda não me dissse qual é a porra desse d-d-d-d-destino horrível que me aguarda se eu pegar a porra desse trem para a cidade. Também tem apartamentos e telhados em Nova York, sabia? Também tem portas e fechaduras lá. Uma fechadura não é coisa exclusiva de Old Rimrock, New Jersey. Já pensou nisso, por acaso, "Seymour Levov rima com love"? Você acha que tudo o que é estranho a você tem de ser ruim. Nunca pensou que existem coisas estranhas a você que são boas? E que eu, como sua filha, devo ter algum instinto para escolher as pessoas certas na hora certa? Você tem sempre certeza de que vou acabar fodendo tudo, de um jeito ou de outro. Se você tivesse alguma confiança em mim, pensaria que eu ia morar com as pessoas certas. Você não me dá o menor crédito.

— Merry, você sabe do que estou falando. Você anda metida com militantes políticos radicais.

— Radicais. Só porque não c-c-c-c-c-concordam com você têm de ser radicais.

— Essas pessoas que têm idéias políticas muito extremadas...

— Esse é o único jeito de fazer com que as coisas aconteçam de verdade, pai, tendo idéias fortes.

— Mas você tem só dezesseis anos e eles são muito mais velhos e muito mais sofisticados do que você.

— Está bem. Assim talvez eu aprenda alguma coisa. Uma coisa extremada é b-b-b-b-bomb-b-b-b-bardear um país pequeno por causa de um punhado de idéias confusas sobre liberdade. Isso é uma coisa extremada. B-b-b-b-bomb-b-b-b-bardear pernas e cab-b-b-b-beças de crianças, isso é uma coisa

extremada, pai. Pegar um ônib-b-b-b-bus ou um trem para Nova York e passar uma noite em um apartamento seguro, trancado à chave, não consigo enxergar o que pode haver de extremado numa coisa dessas. Acho que as pessoas, se podem, dormem em algum apartamento todas as noites. Me diga o que há de tão extremado nisso. Você acha a guerra uma coisa ruim? Ah... que idéia extremada, pai. Não é a idéia que é extremada... é o fato de alguém se preocupar com uma coisa a ponto de tentar mudar a situação. Você acha isso extremado? Pois esse é o *seu* problema. Pode significar mais para alguém tentar salvar a vida de outras pessoas do que se f-f-f-f-f-f-formar em Columbia. Isso é ser extremado? Não, extremado é o contrário.

— Você está falando de Bill e Melissa?

— É sim, ela saiu da faculdade porque existem coisas mais importantes para ela do que um dip-p-p-p-p-ploma. Parar a matança é mais importante para ela do que a palavra b-b-b-b-bacharel escrita em um pedaço de papel. E você acha isso extremado? Não, para mim extremado é continuar a viver como sempre quando essas loucuras todas estão acontecendo, quando as pessoas estão sendo exploradas em toda parte, e você pode simplesmente ir vivendo, vestir seu paletó e sua gravata todos os dias e ir trabalhar satisfeito. Como se não estivesse acontecendo nada. Isso é extremado. Isso é uma b-b-b-b-b-burrice extremada, é isso o que é, se quer saber.

Conversa número 59 sobre Nova York.

— Quem são eles?

— Eles estudaram na Universidade de Columbia. Depois saíram. Já *contei* para você tudo isso. Moram em Morningside Heights.

— Isso não me diz grande coisa, Merry. Existem drogas, existem pessoas violentas, é uma cidade perigosa. Merry, você pode acabar se metendo em um monte de encrenca. Pode acabar sendo estuprada.

— Só p-p-p-p-porque não dei ouvidos ao meu papai?

— Não é impossível.

— As garotas acabam sendo estupradas de todo jeito, dan-do ou não dando ouvido aos pais. Às vezes são os pais mesmos que cometem o estupro. Os estupr-pr-pr-pr-pradores também têm filhos. É isso que faz deles pais.

— Diga a Bill e Melissa para virem passar um final de semana conosco.

— Ah, eles vão mesmo adorar ficar aqui nesta casa.

— Escute, que tal ir para uma escola fora daqui em setembro? Para os

dois últimos anos do seu curso secundário. Talvez você já tenha vivido demais em casa, conosco.

— Sempre fazendo planos. Sempre tentando imaginar o caminho mais sensato.

— E o que é que eu devia fazer? Não fazer plano nenhum? Sou um homem. Sou um marido. Sou um pai. Dirijo uma empresa.

— Dirijo uma empr-pr-pr-pr-presa, logo existo.

— Existem escolas de todos os tipos. Existem escolas com todos os tipos de pessoas interessantes, com todo tipo de liberdade... Converse com o seu orientador educacional, eu também vou fazer uma pesquisa... e caso você esteja mesmo cansada e cheia de morar com a gente aqui, pode ir para uma escola longe de casa. Compreendo que já não tem muita coisa para você fazer por aqui. Vamos pensar seriamente a respeito da idéia de ir para uma escola fora daqui.

Conversa número 67 sobre Nova York.

— Você pode ser tão ativista contra a guerra quanto quiser aqui mesmo em Morristown e em Old Rimrock. Pode organizar as pessoas contra a guerra, aqui na sua escola...

— Pai, eu quero fazer isso do meu j-j-j-jeito.

— Escute, por favor, me escute. As pessoas aqui em Old Rimrock não são contra a guerra. Ao contrário. Você quer ficar na oposição? Seja da oposição aqui mesmo.

— Aqui não tem nada que se possa fazer para isso. O que vou fazer? Uma passeata até o mercadinho?

— Pode organizar as pessoas daqui.

— Rimrockianos Contra a Guerra? Vai ser mesmo uma beleza. A Escola Secundária de Morristown Contra a Guerra.

— É isso mesmo. Traga a guerra para a sua terra. Não é esse o slogan? Então faça isso, traga a guerra para a sua cidade. Você gosta de ser impopular? Pois vai ser tremendamente impopular, posso te garantir.

— Não estou querendo ser impopular.

— Bem, pois vai ser. Porque aqui essa é uma opinião impopular. Se você se opuser à guerra aqui com toda a sua força, acredite, vai criar o maior impacto. Por que não orienta as pessoas daqui a respeito da guerra? Também é uma parte da Amé-rica, você sabe.

— Uma parte mínima.

— Essas pessoas são americanas, Merry. Você pode ser uma ativista

contra a guerra aqui mesmo em nossa cidadezinha. Não precisa ir para Nova York.

— É sim, posso ser contra a guerra na nossa sala de estar.

— Pode ser contra a guerra no Clube Comunitário.

— Aquela multidão de vinte pessoas.

— Morristown é a sede do município. Vá para Morristown aos sábados. Tem gente lá que é contra a guerra. O juiz Fon-tane é contra a guerra, você sabe disso. O senhor Avery é contra a guerra. Eles assinaram o anúncio no jornal comigo. O ve-lho juiz foi até Washington comigo. As pessoas por aqui não gostaram muito de ver o meu nome ali, sabe. Mas essa é a minha posição. Você pode organizar uma passeata em Morris-town. Pode se dedicar à passeata.

— E o jornal da escola secundária de Morristown vai cobrir o acontecimento. Isso vai tirar as tropas do Vietnã.

— Sei que você já falou com muita eloqüência sobre a guerra na escola secundária de Morristown. Por que se deu a esse trabalho se acha mesmo que não faz nenhuma diferença? Na verdade, você acha que importa sim. A opinião de todo o mundo na América importa, no que diz respeito a essa guerra. Comece pela sua cidade natal, Merry. É assim que se pode pôr um fim a essa guerra.

— Rev-v-v-v-v-voluções não começam no interior.

— Ninguém está falando de revolução.

— *Você* é que não está falando de revolução.

E essa foi a última conversa que tiveram sobre Nova York. Deu certo. Interminável, mas ele se mostrou paciente, sensato e firme, e deu certo. Que ele soubesse, Merry nunca mais foi para Nova York. Aceitou o conselho do pai, ficou em casa e, depois de transformar a sala de estar da sua casa em um campo de batalha, depois de transformar a escola secundária de Morristown em um campo de batalha, um dia ela foi para a rua e mandou pelos ares a agência do correio, destruindo ao mes-mo tempo o doutor Fred Conlon e o mercadinho da cidade, uma pequena construção de madeira com um quadro comunitário de avisos na frente, uma velha bomba hidráulica Sunoco e o mastro de metal onde Russ Hamlin — que, com sua esposa, era o proprietário do mercadinho e dirigia a agência do correio — hasteava a bandeira americana todas as manhãs, desde o tempo em que Warren Gamaliel Harding fora presidente dos Estados Unidos.

II
A QUEDA

4

Uma garota miúda, branca feito osso, que parecia ter a idade de Merry mas dizia ser seis anos mais velha, uma certa senho rita Rita Cohen, procurou o Sueco quatro meses depois do sumiço de Merry. Ela se vestia como o sucessor do doutor King, Ralph Abernathy, usava um macacão igual ao das pessoas que viajavam para o Sul a fim de combater a segregação racial; uns sapatões feiosos e uma floresta de cabelos eriçados emoldurava enfaticamente o meigo rosto de bebê. O Sueco devia ter identificado imediatamente quem era — pelos quatro meses que vinha esperando por essa mesma pessoa —, mas ela era tão miúda, tão jovem, com um ar tão ineficiente que ele mal podia acreditar que estivesse na Universidade da Escola Whar-ton de Administração e Finanças da Pennsylvania (fazendo uma tese sobre a indústria de produtos de couro em Newark, New Jersey), muito menos que fosse ela a agitadora transformada em mentora de Merry na revolução mundial.

No dia em que ela apareceu na fábrica, o Sueco não sabia que Rita Cohen se havia enredado por caprichosos desvios — entrando e saindo pela porta do porão, embaixo do galpão de cargas — a fim de despistar a equipe de vigilância que o FBI designara para observar, da avenida Central, a chegada e a partida de todo o mundo que visitasse o escritório do Sueco.

Três, quatro vezes por ano, alguém telefonava ou escrevia pedindo autorização para visitar a fábrica. Nos velhos tempos, Lou Levov, ocupado como devia ser, sempre arranjava tempo para as visitas das turmas de alunos da escola de Newark, ou das turmas de escoteiros, ou de pessoas importantes ciceroneadas por um funcionário da prefeitura ou da Câmara de Co- mércio. Embora o Sueco não sentisse nem de longe o prazer paterno por ser considerado uma autoridade na produção e comércio de luvas, embora não reclamasse para si a autoridade do pai em nada relativo à indústria de produtos de couro — assim como em nenhum outro assunto, tampouco —, de vez em quando ele atendia algum estudante, respondendo a suas perguntas pelo telefone ou, se o estudante lhe parecesse uma pessoa especialmente séria, oferecendo a ele uma breve visita à fábrica.

Claro, se ele soubesse de antemão que aquela estudante não era

estudante coisa nenhuma mas sim uma emissária da filha foragida, o Sueco jamais teria permitido esse encontro na fábrica. O motivo por que Rita não lhe explicara de quem ela era emissária, e nada dissera a respeito de Merry até que a visita à fábrica estivesse terminada, era sem dúvida alguma que assim teria tempo de avaliar o Sueco primeiro; ou talvez ela nada tenha dito por tanto tempo para desfrutar mais demoradamente o prazer de enganá-lo. Talvez apenas estivesse desfrutando o seu poder. Talvez ela fosse apenas mais um político, e o deleite com o poder fosse subjacente a muita coisa que fazia.

Como a mesa do Sueco se achava separada do setor de produção por divisórias de vidro, ele e as mulheres nas máquinas podiam ter uma boa visão uns dos outros. O Sueco insti-tuíra esse arranjo a fim de abafar a barulhada das máquinas ao mesmo tempo em que preservava o acesso fácil entre sua sala e a fábrica. Seu pai se recusara a ficar confinado em um escritório, envidraçado ou como quer que fosse: simplesmente fincou sua escrivaninha no meio das duzentas máquinas de costura do setor de produção — o direito de realeza bem no coração da colméia superpopulosa, enxameando a sua volta, lamuriosa como o zunido de serra elétrica semelhante ao zumbido das abelhas, enquanto ele conversava com clientes e fornecedores ao telefone e ao mesmo tempo ia abrindo caminho a duras penas na papelada referente aos negócios. Alegava que só ali do piso da fábrica podia distinguir, em meio ao contínuo contraponto das máquinas, o som de uma Singer fora de ordem e, com sua chave de fenda em punho, caía de um salto sobre a tal máquina antes mesmo que a costureira tivesse alertado sua contramestra a respeito do problema. Vicky, a contramestra ne-gra mais velha da fábrica, assim testemunhou (com uma pitada de admiração irônica) no banquete em homenagem à aposentadoria de Lou Levov. Enquanto tudo corria sem o menor problema, Lou estava sempre impaciente, irrequieto — em suma, disse Vicky, um patrão insuportável —, mas quando uma cortadeira vinha reclamar do contramestre, quando o contramestre vinha reclamar de uma cortadeira, quando couros chegavam com meses de atraso ou danificados ou eram de má qualidade, quando Lou descobria um fornecedor de forros que o estava ludibriando nos pagamentos ou um escriturário de expedição roubando às escondidas, quando ele descobria que o talhador de luvas com um Corvette vermelho e óculos escuros era um disfarçado anotador de apostas de um jogo de números que corria entre os seus empregados, aí então ele estava

em seu elemento natural e, à sua maneira inimitável, entrava em campo a fim de pôr as coisas em ordem — de tal modo que, quando elas *estavam* em ordem, disse o penúltimo orador, o filho orgulhoso, apresentando o pai no mais demorado e laudatório dos encômios bem-humorados daquela noite, "ele podia deixar a si mesmo maluco — e a nós também — com a sua preocupação incessante. Mas aí, sempre esperando pelo pior, ele nunca ficava decepcionado por muito tempo. Também nunca era apanhado de surpresa. Tudo isso vem mostrar que, assim como tudo o mais em nossa fábrica, preocupar-se *funciona*. Senhoras e senhores, o homem que foi meu mestre da vida inteira — e não apenas na arte de se preocupar —, o homem que fez da minha vida uma educação que dura uma vida inteira, uma educação às vezes difícil mas sempre lucrativa, o homem que me explicou, quando eu era um menino de cinco anos, como produzir um produto perfeito — 'Você dá duro nele', me dizia —, senhoras e senhores, um homem que deu duro de verdade e alcançou o sucesso, desde o dia em que começou, curtindo couros, com catorze anos de idade, o luveiro dos luveiros, o homem que sabe mais sobre comércio e produção de luvas do que qualquer pessoa viva, o senhor Artigos de Couro para Senhoras Newark, meu pai, Lou Levov".

— Escutem — começou o senhor Artigos de Couro para Senhoras Newark —, não deixem ninguém gozar com a cara de vocês esta noite. Eu gosto de trabalhar, gosto de trabalhar com luvas, gosto do desafio, não gosto da idéia de me aposentar, acho que é o primeiro passo para a sepultura. Mas nada disso me importa, por uma grande razão: porque sou o homem de mais sorte no mundo. Sorte por causa de uma palavra. A grande palavrinha é esta aqui: família. Se eu estivesse sendo afastado por um competidor, não estaria aqui sorrindo desse jeito, vocês me conhecem, eu estaria de pé aí embaixo, dando berros. Mas quem está me afastando é meu próprio e amado filho. Fui abençoado com a família mais maravilhosa que um homem pode desejar: uma esposa maravilhosa, dois garotos maravilhosos, netos maravilhosos...

O Sueco pediu a Vicky que trouxesse uma pele de carneiro para o escritório e a depositou nas mãos da universitária de Wharton para que a sentisse.

— Essa pele já ficou em banho de ácido mas ainda não foi curtida — explicou a ela. — É uma pele de carneiro de pêlos. Eles não têm lã como a ovelha doméstica, mas pêlos.

— O que acontece com o pêlo? — a moça quis saber. — É usado para alguma coisa?

— Boa pergunta. O pêlo é usado para fazer tapete. Em Amsterdam, Nova York. Bigelow. Mohawk. Mas o valor principal está na pele. O pêlo é um subproduto, e como se tira o pêlo da pele, e tudo o mais, é uma outra história. Antes de inventarem o material sintético, o pêlo era usado sobretudo na fabricação de tapetes baratos. Há uma empresa que comprava todo o pêlo dos curtumes e o revendia aos fabricantes de tapete, mas você não está interessada nessa história — disse o Sueco, observando como, antes mesmo de terem começado a tratar do assunto, ela já havia enchido de anotações a primeira folha de um bloquinho amarelo pautado. — Mas se estiver interessada — acrescentou, comovido e também atraído pelo seu jeito minucioso —, pois eu creio que no final tudo isso está mesmo interligado, eu podia dar um jeito de apresentar você para esse pessoal. Acho que a família ainda mexe com isso. É um nicho de mercado de que pouca gente tem notícia. É interessante. *Tudo* isso é interessante. Você escolheu um tema muito interessante, senhorita.

— Acho que sim — disse ela, sorrindo com simpatia.

— Mas, como eu ia dizendo, essa pele — o Sueco tomara a pele de volta das mãos da moça e a acariciava com o lado do polegar como a gente acaricia um gato para que ele continue a ronronar — é chamada *cabretta*, na terminologia do nosso ramo. Ovelha pequena. Só vivem a vinte ou trinta graus ao norte e ao sul do equador. Fazem parte de uma espécie de criação semi-selvagem. As famílias em certas aldeias da África possuem, cada uma, quatro ou cinco ovelhas dessas, ficam todas juntas em um rebanho e circulam soltas pelo mato. O que você tem nas mãos já não é mais o couro cru. Nós o compramos no estágio que chamamos de "salmoura". O pêlo foi retirado e foi executado o procedimento preliminar a fim de garantir a conservação do couro até chegar aqui. Antes, nós o comprávamos ainda cru, fardos enormes amarrados com cordas e tudo isso, peles que haviam secado ao ar livre. Na verdade, eu tenho um inventário da carga de um navio... está em algum lugar por aqui, posso encontrar se você quiser ver... uma cópia de um inventário da carga de um navio de 1790, no qual as peles eram trazidas e desembarcadas em Boston de um jeito semelhante ao material que recebemos até o ano passado. E vinham dos mesmos portos da África.

Podia ser o pai dele falando. Sem tirar nem pôr, cada palavra de cada

frase pronunciada pelo Sueco, ele as ouvira da boca do próprio pai antes de terminar a escola primária, e depois duas ou três mil vezes de novo durante as décadas em que os dois dirigiram a fábrica juntos. Falar de negócios era uma tradição nas famílias de luveiros, que remontava a centenas de anos — nas melhores delas, o pai transmitia os segredos para o filho, juntamente com toda a história e a sabedoria acumulada. Era assim nos curtumes, onde o processo de curtir é semelhante à arte culinária e as receitas são passadas de pai para filho, e era assim nas lojas de luva e nas oficinas onde as luvas eram cortadas. Os velhos cortadores italianos treinavam seus filhos e ninguém mais, e esses filhos aceitavam as instruções do pai, como este por sua vez aceitara muito antes as instruções do seu pai. Começando quando era um menino de cinco anos e se prolongando até a idade madura, o pai como autoridade era incontestável: aceitar a sua autoridade era algo inseparável de receber dele a sabedoria que fizera da Artigos de Couro para Se-nhoras Newark a melhor fábrica de luvas femininas do país. O Sueco rapidamente passou a amar da mesma maneira apaixonada as mesmas coisas que seu pai amava e, na fábrica, passou a pensar mais ou menos como ele. E a falar como ele também — se não a respeito de todos os assuntos, pelo menos toda vez que a conversa se voltava para o couro, Newark e luvas.

Desde quando Merry havia desaparecido, o Sueco não se sentira nem de longe tão loquaz quanto agora. Até aquela ma-nhã, tudo o que ele havia desejado era chorar e se esconder; mas como tinha de cuidar de Dawn, dirigir uma empresa e amparar os pais, como todo o mundo estava paralisado pela descrença e abalado até a raiz, nem uma dessas inclinações haviam ainda erodido a capa protetora que ele proporcionava à família e apresentava para o mundo. Mas agora as palavras afluíam de roldão, subiam à tona com força, as palavras do seu *pai* liberadas pela visão dessa mocinha miúda que anotava suas palavras com ar estudioso. Ela era quase tão pequena, pensou o Sueco, quanto as crianças da terceira série primária de Merry, que um dia no final da década de 50 saíram de sua escolinha rural e viajaram sessenta quilômetros de ônibus para que o pai de Merry pudesse lhes mostrar como fabricava luvas, mostrar sobretudo o lugar preferido de Merry, a mesa modeladora, onde, no final do processo de produção, os homens modelavam e esticavam cada luva, puxando-a cuidadosamente em volta de mãos metálicas aquecidas a vapor e cromadas. As mãos ficavam perigosamente quentes, brilhavam e se destacavam voltadas para cima,

muito salientes sobre a mesa, formando uma fileira, com o aspecto fino como o de mãos achatadas por uma calandra e depois amputadas, mãos lindamente amputadas dos braços pairando no espaço que nem as almas dos mortos. Quando menina, Merry se sentia fascinada pelo enigma das mãos, as chamava de "mãos panqueca". Quando menina, Merry dizia a suas coleguinhas de turma: "Você quer ganhar cinco dólares a dúzia", que era o que os luveiros viviam dizendo e ela ouvia o tempo todo desde quando nascera — cinco dólares a dúzia, era isso o que se queria ganhar, a qualquer preço. Merry cochichou para o seu professor: "As pessoas trapaceiam com as comissões por produção, isso é sempre um problema. Meu pai teve de despedir um sujeito. Ele estava roubando tempo" — e o Sueco disse para ela: "Meu doce, deixe o papai guiar a visita, está bem?". Merry, ainda pequena, fazendo alarde com a idéia espantosa de roubar *tempo*. Merry correndo de um pavimento para o outro da fábrica, tão orgulhosa e proprietária, ostentando sua familiaridade com todos os empregados, ainda inconsciente da violação da dignidade, inerente à exploração implacável do trabalhador pelo patrão sequioso de lucros, o qual injustamente detém a propriedade dos meios de produção.

Não admira que ele se sentisse tão impetuoso, ávido para deixar as palavras extravasarem. Por um momento, era de novo *antigamente* — nada havia explodido, nada fora arruinado. Como uma família, eles ainda se achavam em sua grande jornada, voando no foguete do imigrante, a inexorável trajetória do imigrante, sempre para cima, do bisavô escravo para o avô livre, para o autoconfiante, realizado e independente pai, para o mais bem-sucedido de todos eles, o jovem da quarta geração para quem a América deveria ser o paraíso transformado em realidade. Não admira que o Sueco não conseguisse parar de falar. Era impossível parar de falar. O Sueco estava sucumbindo ao desejo humano comum de viver de novo no passado — passar alguns momentos auto-ilusórios, inofensivos, no salutar ambiente de vida dura do passado, quando a família resistia graças a uma verdade de maneira alguma fundada em incitar a destruição, mas sim em esquivar-se e sobreviver à destruição, subjugando suas misteriosas investidas mediante a criação da utopia de uma existência racional.

Ele a ouviu perguntar:

— Quantas vêm em um navio?

— Quantas peles? Umas vinte e quatro mil.

— Quanto tem um fardo?

Ele gostou de descobrir que ela estava interessada em cada detalhe. Sim, conversando com essa estudante atenta da Universidade Wharton, ele se sentiu subitamente capaz de gostar de alguma coisa de um jeito como não vinha sendo mais capaz de gostar de nada, tolerar nada, nem sequer compreender nada que visse pela frente, durante os seus últimos e apáticos quatro meses. Na verdade, o Sueco vinha se sentindo aniquilado diante de tudo.

— Ah, umas cento e vinte peles — respondeu.

Ela continuou a tomar notas enquanto perguntou:

— Elas vêm direto para o seu departamento de expedição?

— Vão para o curtume. O curtume é uma firma contratada. Compramos o material e entregamos a eles, e fornecemos para eles o processo que devem usar e depois eles transformam as peles em couro para nós. Meu avô e meu pai trabalharam no curtume aqui mesmo em Newark. E eu também, durante seis meses, quando comecei a trabalhar na empresa. Você já esteve em um curtume?

— Ainda não.

— Bem, você tem de visitar um curtume se vai mesmo escrever sobre couro. Vou cuidar disso para você, se não se importar. São lugares primitivos. A tecnologia aprimorou algumas coisas, mas o que você vai ver não é lá muito diferente do que teria visto centenas de anos atrás. Um trabalho terrível. Dizem que é a indústria mais antiga que existe, da qual foram encontrados vestígios em toda parte do mundo. Vestígios de curtumes de seis mil anos atrás foram encontrados em um lugar... Tur-quia, eu acho. As primeiras roupas eram simplesmente peles que eram curtidas por defumação. Eu lhe disse que é um assunto interessante quando a gente se aprofunda. Meu pai é o grande erudito do couro. É com ele que você devia conversar, mas agora ele mora na Flórida. Comece a conversar com meu pai sobre luvas e ele vai ficar dois dias corridos falando sem parar. Aliás, isso é bem típico. Os luveiros adoram o seu ramo de trabalho e tudo o que diga respeito a ele. Diga, você alguma vez já viu alguma coisa ser fabricada, senhorita Cohen?

— Não posso dizer que tenha visto.

— Então nunca viu nada sendo feito?

— Via minha mãe fazendo bolo quando era pequena.

Ele riu. Ela o fez rir. Uma inocente irrequieta, ávida para aprender. Sua filha era tranqüilamente uns trinta centímetros mais alta do que Rita Cohen,

clara onde ela era escura, mas, a despeito disso, Rita Cohen, por mais que parecesse apenas uma coisinha feiosa, havia começado a fazer o Sueco se lembrar de Merry antes que a repugnância da filha se manifestasse e ela começasse a se tornar uma inimiga deles. A inteligência jovial que exalava de Merry e se derramava pela casa quando ela voltava da escola transbordando com tudo o que tinha aprendido na aula. Como o Sueco se lembrava de tudo isso. Tudo criteriosamente anotado no caderno de Merry e memorizado à noite.

— Vou lhe dizer o que vamos fazer. Vamos levar você ao longo de todo o processo de produção. Venha. Vamos fazer um par de luvas para você e vai ver as luvas sendo fabricadas do início até o fim. Que tamanho você usa?

— Não sei. Pequeno.

Ele se levantou da escrivaninha, aproximou-se dela e segurou sua mão.

— Bem pequeno. Meu palpite é o tamanho 4.

Ele já havia retirado da gaveta de cima da sua escrivaninha uma fita métrica com uma fivelinha em forma de D na extremidade, e então passou a fita em volta da mão de Rita, enfiou a ponta na fivela e puxou a fita em volta da palma da mão da moça.

— Vamos ver se eu sou bom para dar palpites. Feche a mão. — Ela cerrou o punho, levando a mão a se expandir um pouco e o Sueco leu o tamanho indicado em polegadas francesas. — É tamanho 4 mesmo. Para uma luva de senhora, é o menor que se fabrica. Abaixo disso é um tamanho infantil. Va-mos. Vou mostrar a você como se faz.

Ele se sentiu como se tivesse caído de volta direto para dentro da boca do passado quando começaram, lado a lado, a subir os degraus de madeira da velha escada. O Sueco ouviu a própria voz lhe explicando (enquanto ao mesmo tempo ouvia a voz do seu pai explicando para a moça):

— A gente sempre seleciona as peles na ala norte da fábrica, onde o sol nunca bate direto. Desse jeito, a gente pode realmente avaliar a qualidade das peles. Onde a luz do sol bate, não dá para avaliar. O setor de corte e a seleção, sempre na ala norte. A seleção em cima. No segundo andar fica o setor de corte. E no primeiro andar, de onde você veio, a confecção. No andar de baixo, o acabamento e a expedição. Vamos fazer o caminho de cima para baixo.

Assim fizeram. E ele estava feliz. Não conseguia se conter. Não era certo. Não era real. Alguma coisa tinha de ser feita para interromper aquilo. Mas a moça estava ocupada tomando notas e o Sueco não conseguia se conter —

uma moça que sabia o valor do trabalho duro, prestava toda atenção e se interessava pelas coisas certas, se interessava pela preparação do couro e pela fabricação de luvas, e para o Sueco era impossível parar.

Quando alguém sofre como o Sueco sofria, pedir que se deixe desenganar por um momentâneo acesso de senso crítico, por mais duvidosa que seja a sua base racional, é fazer um pedido demasiado cruel.

No setor de corte, havia vinte e cinco homens trabalhando, cerca de seis em uma bancada, e o Sueco levou a moça até o mais velho deles, que apresentou como "o Mestre", um sujeito pequeno, careca, com um aparelho auditivo na orelha, que continuou trabalhando em um pedaço retangular de couro — "Este é o pedaço de couro do qual se fazem as luvas", disse o Sueco, "é chamado de *trank*" —, trabalhando no couro com uma régua e uma tesoura durante todo o tempo em que o Sueco explicava à moça quem era o tal Mestre. Com alegria. Ainda flutuando livre. Não fazia nada para se conter. Deixando fluir à vontade o palavrório paterno.

O setor de corte era o lugar onde o Sueco foi convencido a seguir o caminho do pai na fabricação de luvas, o lugar onde ele acreditava que havia se transformado de menino em ho-mem. O setor de corte, elevado e repleto de luz, fora o seu local predileto na fábrica desde o tempo em que era criança e os velhos cortadores europeus vinham trabalhar vestidos todos eles de forma idêntica, de terno e colete, camisas brancas engomadas, gravatas, suspensórios e abotoadura nos punhos. Todos os cortadores tiravam cuidadosamente o paletó e penduravam no armário, mas nenhum, segundo a memória do Sueco, jamais tirou a gravata, e apenas uns poucos desciam à informalidade de tirar o colete; nem sequer pensavam em arregaçar as mangas da camisa antes de envergar um avental muito bran- co e estender a primeira pele, desenrolando-a do invólucro de musselina úmida e dando início ao trabalho de esticar a peça de couro. A parede de janelas grandes voltadas para o norte iluminava as bancadas de corte, feitas de madeira maciça, com a luz tranqüila, constante, necessária para classificar, combinar e cortar o couro. A suavidade polida da borda arredondada da bancada, aplainada ao longo dos anos pelo contato com todas as peles de animais estendidas sobre ela e repuxadas à sua máxima extensão, parecia algo tão provocador aos olhos do menino que sempre tinha de refrear a vontade de correr para tocar a concavidade da sua bochecha na convexidade da madeira — ele o fazia mesmo quando estava sozinho. Havia uma fileira difusa de marcas de pés no ponto do assoalho de

madeira onde os homens ficavam de pé o dia inteiro, junto às bancadas de corte, e, quando não havia mais ninguém no local, ele gosta- va de postar-se ali, posicionando os sapatos exatamente no lu-gar onde o piso estava gasto. Vendo os cortadores trabalhar, ele entendeu que formavam a elite, e que sabiam disso, e que o patrão sabia disso. Embora eles se considerassem mais aristocráticos do que quaisquer outros na fábrica, inclusive o patrão, a mão com que o cortador trabalhava se apresentava orgulhosamente coberta de calos, de tanto cortar com suas grandes e pesadas tesouras. Por baixo daquelas camisas brancas havia braços, peitos e ombros cheios da força de um trabalhador braçal — tinham de ser vigorosos para puxar o couro com toda a força a vida inteira, para espremer todos os pedaços de pele até extrair deles cada centímetro de couro que houvesse.

Tinha muita língua lambendo, um bocado de saliva entrava na fabricação de cada par de luvas mas, como seu pai dizia brincando, "o freguês nunca vai saber disso". O cortador cuspia no papel coberto de tinta seca, no qual esfregava o pincel para o estêncil que numerava as peças que cortava de cada pedaço de couro. Após cortar um par de luvas, ele tocava a ponta do dedo na língua a fim de molhar as peças numeradas, para grudar uma na outra antes que fossem presas por um elástico e passadas para a contramestra da costura e para as costureiras. Uma coisa que nunca deixou de impressionar o menino eram aqueles cortadores alemães empregados na fábrica do pai que costumavam ter uma caneca de cerveja ao lado e de vez em quando sorviam um gole, diziam eles, "para molhar o bico" e manter a saliva sempre correndo. Bem depressa, Lou Levov baniu aquela cerveja, mas e a saliva? Não. Ninguém podia querer banir a saliva. Aquilo era uma parte essencial de tudo o que eles amavam, o filho e herdeiro não menos do que o pai pioneiro.

— Harry pode cortar uma luva melhor do que qualquer um. — Harry, o Mestre, estava de pé ao lado do Sueco, indiferente às palavras do seu patrão e fazendo o seu trabalho. — Ele trabalha há apenas quarenta e um anos na fábrica mas faz o serviço direito. O cortador tem de visualizar como a pele pode ser aproveitada para fornecer o maior número de luvas. Depois, ele tem de cortar. É necessária uma grande habilidade para cortar uma luva direito. O corte do couro é uma arte. Não existem duas peles iguais. As peles vêm todas diferentes, conforme a dieta e a idade de cada animal, cada uma diferente da outra no que diz respeito à elasticidade, e a habilidade necessária para fazer cada luva nascer igualzinha às outras é enorme. É a

mes-ma coisa no setor de costura. O tipo de trabalho que as pessoas já não querem mais fazer. Não dá para simplesmente pegar uma costureira que saiba manejar uma máquina de costura tradicional, ou que saiba costurar vestidos, e colocar essa mesma costureira aqui trabalhando com luvas. Ela vai ter de passar por um treinamento de três ou quatro meses, precisa ter destreza nos dedos, precisa ter paciência, e demora seis meses para que ela se torne efetivamente capaz e atinja pelo menos oitenta por cento de eficiência. Costurar luvas é um processo terrivelmente complicado. Se você quer fazer uma luva de qualidade superior, tem de gastar dinheiro e treinar os empregados. Exige um bocado de trabalho duro e atenção, todas as voltas e curvas na costura da junção dos dedos... é muito difícil. Nos tempos em que meu pai começou a trabalhar com uma oficina de luvas, as pessoas ficavam trabalhando ali a vida inteira... Harry é o último deles. Este setor de corte é um dos últimos que existem neste hemisfério. Nossa produção ainda continua na capacidade máxima, o tempo todo. Ainda temos aqui pessoas que sabem muito bem o que estão fazendo. Ninguém mais corta luvas desse jeito, não neste país, onde já não se encontra ninguém para cortar luvas assim, tampouco em qualquer outro lugar, exceto talvez em uma ou outra pequena fábrica de luvas familiar em Nápoles ou Grenoble. As pessoas que trabalhavam aqui antigamente eram pessoas que ficavam a vida toda no mesmo emprego. Nasciam na produção de luvas e morriam na produção de luvas. Hoje em dia, estamos sempre treinando de novo os empregados. Hoje em dia, nossa economia funciona de tal modo que uma pessoa arranja um emprego aqui e, se aparece alguma outra coisa para ela fazer ganhando mais cinqüenta centavos por hora, vai embora.

A moça anotou isso no bloquinho.

— Quando comecei a trabalhar na fábrica e meu pai me mandou para cá a fim de aprender a cortar, tudo o que fiz foi ficar de pé bem aqui neste lugar, ao lado da bancada de corte, e olhar para esse sujeito. Aprendi como se trabalhava no estilo antigo. De fio a pavio. Meu pai me fez começar varrendo o chão, literalmente. Passei por cada seção da fábrica, me familiarizando com cada tarefa, e entendo por que era assim. Com o Harry, aprendi como cortar uma luva. Não digo que eu fosse um perito cortador de luvas. Se eu cortava dois, três pares em um dia, já era muito, mas aprendi os princípios rudimentares... certo, Harry? Um professor exigente, este sujeito aqui. Quando ele mostra como se faz uma coisa, é pra valer. Ter de aprender com o Harry quase me fez sentir saudades do meu pai. No

primeiro dia que vim aqui, Harry não fez por menos: me disse que, onde ele morava, os garotos batiam na porta da sua casa e pediam: "Pode me ensinar como ser um cortador de luvas?". E ele respondia: "Primeiro você tem de me pagar quinze mil dólares, porque esse é o preço do tempo e do couro que você vai destruir até que chegue ao ponto de conseguir ganhar um salário mínimo". Eu o observei durante dois meses inteiros antes que Harry me deixasse pelo menos chegar perto de um couro. Um cortador em média consegue cortar três, três dúzias e meia por dia. Um cortador bom, ligeiro, corta cinco dú- zias por dia. Harry cortava cinco dúzias e meia por dia. "Você acha que sou bom, é?", ele me perguntava. "Pois devia ter visto o meu pai." E aí me contava sobre o seu pai e o homem alto do Circo Barnun e Bailey. Lembra, Harry? — Harry fez que sim com a cabeça. — Quando o Circo Barnum e Bailey veio a Newark... isso foi em 1917, 1918? — De novo, Harry concordou com um gesto de cabeça, sem parar de trabalhar. — Bem, eles vieram para a cidade e tinham na equipe um homem muito alto, com quase dois metros e setenta, mais ou menos, e o pai de Harry o viu uma vez na rua, andando à toa pela calçada, na esquina da Broad com a Market, e ficou tão empolgado que correu para o homem alto, tirou o cadarço do próprio sapato, mediu com ele a mão direita do sujeito ali mesmo no meio da rua, foi para casa e fez um par de luvas perfeito, do tamanho 17. O pai do Harry cortou a luva e sua mãe costurou, foram até o circo e entregaram a luva para o homem alto, e assim a família inteira ganhou ingressos grátis para o circo, e uma ótima história sobre o pai de Harry foi publicada no *Newark News* no dia seguinte.

Harry corrigiu o Sueco:

— No *Star-Eagle*.

— Certo, antes que ele se fundisse com o *Ledger*.

— Maravilhoso — disse a moça, rindo. — Seu pai deve ter sido mesmo muito habilidoso.

— Não sabia falar uma palavra de inglês — contou Harry.

— Não sabia, é? Bem, isso vem mostrar que a gente não precisa saber inglês — disse ela — para cortar um perfeito par de luvas para um homem de dois metros e setenta de altura.

Harry não riu, mas o Sueco sim, riu e passou o braço em torno dos ombros da moça.

— Esta é Rita. Vamos fazer para ela um par de luvas finas, tamanho 4. Preto ou marrom, minha querida?

— Pode ser marrom?

De um fardo de couros embrulhados e úmidos ao lado, Harry pegou uma peça marrom de tonalidade clara.

— Essa é uma cor difícil de escolher como cortar — disse o Sueco. — Um bronzeado britânico. Como pode ver, há todo o tipo de variações na cor... Está vendo como está mais claro aqui, como aqui embaixo fica mais escuro? Tudo bem. Isso é pele de carneiro curtida. A que você viu no meu escritório era uma pele "na salmoura". Esta aqui já foi curtida. Isto é couro. Mas ainda dá para ver o animal. Se você estivesse vendo o animal — disse o Sueco —, neste lugar aqui ficaria a cabeça, o traseiro, as pernas da frente, as pernas de trás, e aqui o lombo, onde o couro é mais duro e mais grosso, como é também nas nossas costas...

Querida. Ele começou a chamá-la de querida no setor de corte e não conseguiu parar, e isso mesmo antes de compreender que, só por estar ao lado dela, o Sueco se achava mais perto de Merry do que em qualquer outro momento desde que o mercadinho fora pelos ares e a sua querida filha desaparecera. Isto é uma régua francesa, tem mais ou menos uma polegada a mais do que a régua americana... Isto é chamado de escardilho, sem gume, com a lâmina enviezada mas sem ponta... Agora ele está puxando o couro para baixo desse jeito, em toda a sua extensão de novo... Harry gosta de apostar que vai conseguir cortar exatamente segundo o modelo sem sequer tocar no modelo, mas eu não aposto contra ele porque não gosto de perder... Isto aqui é chamado de garfo... Veja, é feito de maneira minuciosa... Ele vai cortar sua luva e depois vai me entregar, para levarmos até o setor de confecção, lá embaixo... Isto é chamado de talhador, minha querida. O único processo mecânico em toda a fábrica. Uma prensa e uma matriz, e o talhador trabalha quatro couros ao mesmo tempo...

— Puxa. É um processo complicado — disse Rita.

— É mesmo. É muito difícil obter lucro na produção de lu-vas porque requer mão-de-obra intensiva... um processo que exige muito tempo, muitas operações para coordenar. Quase todas as fábricas de luvas eram empresas familiares. De pai para filho. Empresas muito tradicionais. Para a maioria dos fabricantes, um produto é apenas um produto. O cara que fabrica, em geral, não tem a menor idéia do que é o seu produto. A produção de luvas não funciona assim. Este ramo tem uma história realmente muito antiga.

— Será que outras pessoas encaram a saga da produção de luvas do

mesmo jeito que você, senhor Levov? O senhor tem uma verdadeira paixão por esta fábrica e pelo processo todo. Acho que é isso que faz de você um homem feliz.

— Eu, feliz? — perguntou, e sentiu como se fosse ser dissecado, retalhado a faca, aberto de ponta a ponta e toda a sua desgraça fosse ser posta a nu. — Acho que sou, sim.

— Você é o último dos moicanos?

— Não, acho que a maior parte das pessoas nesse ramo tem o mesmo ardor pela tradição, esse mesmo amor. Porque é preciso mesmo amor e um legado para motivar alguém a persistir em um ramo de negócio como esse. É preciso ter vínculos fortes com ele para conseguir ir para a frente. Vamos — disse o Sueco, tendo conseguido temporariamente rechaçar tudo o que o entristecia e ameaçava, e foi capaz ainda de falar com grande precisão, apesar de a moça haver dito que era um homem feliz. — Vamos voltar para o setor de confecção.

Aqui se faz a costura com fios de seda, é uma história à parte, mas é o que ela faz primeiro... Isto é chamado de máquina de *piqué*, dá os pontos de costura mais delicados, chamados *piqué*, requer muito mais habilidade do que os outros pontos... Isto é chamado de máquina polidora e isto aqui é chamado de máquina extensora e você é chamada de querida e eu sou chamado de papai e isto se chama vida e aquilo se chama morte e isso se chama loucura e isso se chama sofrimento e isso se chama inferno, puro inferno, e é preciso ter vínculos fortes para ser capaz de ir em frente, isso se chama tentar-ir-em-frente-como-se-nada-tivesse-acontecido e isso se chama pagar-o-preço-mais-alto-do-mundo-mas-afinal-por-que-em-nome-de-Deus-por-quê, isso se chama ter-vontade-de-estar-morto-e-ter- vontade-de-ver-minha-filha-e-matá-la-e-salvá-la-do-que-quer-que-ela-esteja-passando-onde-quer-que-esteja-neste-momento, essa efusão desenfreada se chama arrebentar-com-tudo *e não dá certo, estou meio maluco, a força desagregadora dessa bom-ba é grande demais*... E depois eles voltaram para o escritório outra vez, à espera de que as luvas de Rita chegassem do setor de acabamento, e o Sueco repetia para ela um dos comentários prediletos do pai, algo que este lera em algum lugar e sempre usava para impressionar os visitantes, e o Sueco ouviu a própria voz repetindo a mesma coisa, palavra por palavra, como se fossem palavras dele mesmo. Se ao menos ele pudesse fazer a moça ficar, não ir embora, se ele conseguisse continuar a lhe falar sobre luvas, sobre luvas, sobre peles, sobre o seu

horrível enigma, implorar para ela, suplicar para ela, *Não me deixe sozinho com esse enigma horrível...*

— Macacos, gorilas, eles têm cérebro e nós temos cérebro, mas eles não têm isto aqui, o polegar. Não podem opor o polegar aos outros dedos, como nós. O dedo interno na mão do homem, este pode ser o traço físico distintivo entre nós e o resto dos animais. E a luva protege esse dedo interno. A luva feminina, a luva do soldador, a luva de borracha, a luva de beisebol etc. Essa é a raiz da humanidade, o polegar opositor. Ele nos torna capazes de fabricar ferramentas, construir cidades e tudo o mais. Mais do que o cérebro. Talvez alguns outros animais possuam cérebros maiores do que o nosso em relação ao tamanho do corpo. Não sei. Mas a mão em si mesma é uma coisa complicadíssima. Ela se mexe. Não existe outra parte do corpo humano que se cubra de alguma roupa e seja uma estrutura móvel tão complicada...

E foi nesse momento que Vicky apareceu de repente na porta com as luvas prontas, tamanho 4.

— Aqui está o seu par de luvas — disse Vicky, e entregou para o patrão, que as examinou e depois inclinou-se para o lado oposto da escrivaninha a fim de mostrar as luvas para a moça.

— Está vendo as costuras? A largura da costura na beirada do couro... é aí que reside a qualidade do trabalho artesanal. Esta margem tem provavelmente trinta duodécimos de polegada entre os pontos da costura e a borda. E isso requer um alto grau de perícia, muito mais elevado do que o normal. Se uma luva não estiver bem costurada, esta borda pode chegar a um oitavo de polegada. Também não vai ficar direito. Olhe bem como essas costuras são exatas. É por isso que uma luva da Artigos de Couro para Senhoras Newark é uma luva boa, Rita. Por causa das costuras exatas. Por causa do couro de qualidade. É bem curtido. É macio. É dobrável. Cheira igual a um carro novo por dentro. Adoro o couro bom, adoro luvas boas e fui criado com base na idéia de fabricar a melhor luva possível. Está no meu sangue, e nada me dá mais prazer — ele se aferrou com unhas e dentes à própria efusividade, assim como uma pessoa doente se aferra ao menor sinal de saúde, por mais diminuto que seja — do que dar a você estas lindas luvas. Tome aqui — disse ele — com nossos cumprimentos — e, sorrindo, entregou as luvas de presente para a moça, que, excitada, enfiou nelas suas mãozinhas. — Devagar, devagar... Sempre vista uma luva pelos dedos — disse o Sueco — depois o polegar, depois ponha o pulso na posição

correta... na primeira vez, sempre vista a luva devagar — e ela levantou os olhos, sorrindo para ele com a satisfação que qualquer criança sente quando recebe um presente, mostrou para ele, com as mãos erguidas no ar, como as luvas eram bonitas, como haviam caído bem nela.

— Feche a mão, fique de punho cerrado — disse o Sueco. — Sente como a luva se expande no ponto onde sua mão também se expande e como ela se ajusta direitinho ao seu tamanho? É isso o que o cortador faz quando executa direito o seu trabalho... Nenhuma folga no comprimento, ele puxou o couro daquele jeito na bancada de corte porque não queremos que os dedos fiquem com folga, mas é preciso que haja uma medida exata de folga oculta na largura. Essa folga na largura é resultado de um cálculo preciso.

— Sim, sim, é uma beleza, absolutamente perfeita — disse ela, abrindo e fechando as mãos, alternadamente. — Deus abençoe os calculadores precisos deste mundo — disse a moça, rindo — que põem uma folga oculta na largura. — E só depois que Vicky havia fechado a porta do seu escritório envidraçado e voltara para a barulheira do setor de confecção, Rita acrescentou com voz bem suave: — Ela quer o seu álbum de recortes de Audrey Hepburn.

Na manhã seguinte, o Sueco encontrou Rita no estacionamento do aeroporto de Newark a fim de entregar a ela o álbum de recortes. Do escritório, ele foi primeiro até Branch Brook Park, quilômetros na direção oposta ao aeroporto, onde saiu do carro para fazer uma caminhada sozinho. Andou na vereda onde as cerejeiras japonesas floresciam. Ficou sentado um tem-po em um banco, olhando para os velhos com seus cães. De-pois, de volta ao carro, começou a dirigir — pela parte italiana de Newark, ao norte da cidade, e subiu até Belleville, fazendo curvas à direita durante meia hora até ter certeza de que não estava sendo seguido. Rita o advertira de que não deveria fazer o trajeto até o local de encontro a não ser assim.

Na segunda semana, no estacionamento do aeroporto, ele entregou as sapatilhas e a malha de balé que Merry havia usado pela última vez quando tinha catorze anos. Três dias depois disso, foi a vez do seu diário da gagueira.

— Sem dúvida — disse ele, havendo resolvido que agora, com o diário em suas mãos, havia chegado a hora de repetir as palavras que sua esposa lhe dissera antes de cada um desses encontros com Rita, encontros nos quais o Sueco escrupulosamente não fizera nada mais do que aquilo que Rita pedia e, cautelosamente, não lhe perguntava nada —, sem dúvida você

agora já pode me dizer alguma coisa sobre Merry. Se não onde ela está, pelo menos como vai.

— Sem dúvida não posso dizer nada — respondeu Rita, com secura.

— Eu gostaria de conversar com ela.

— Bem, ela não gostaria de conversar com você.

— Mas se ela quer essas coisas de volta... por que outro motivo poderia ela querer essas coisas?

— Porque são dela.

— Nós também somos dela, senhorita.

— Ela nunca diria uma coisa dessas.

— Não posso acreditar.

— Ela odeia você.

— Me odeia? — perguntou o Sueco mansamente.

— Ela acha que você devia ser fuzilado.

— É, também isso?

— O que você paga para os seus empregados na sua fábrica em Ponce, Porto Rico? O que você paga aos trabalhadores que costuram luvas para você em Hong Kong e Taiwan? O que você paga às mulheres que estão ficando cegas nas Fili-pinas costurando à mão modelos finos para satisfazer os caprichos das compras das madames na Bonwit's? Você não passa de um capitalistazinho de merda que explora as pessoas de pele morena e amarela do mundo todo e vive no luxo da sua mansão atrás das grades de segurança contra os negros.

Até então o Sueco se mostrara educado e manso com Rita, por mais ameaçadora que ela tivesse sido com ele. Ela era tudo o que eles tinham, era indispensável e, embora ele não tivesse nenhuma esperança de modificar Rita guardando suas emoções para si mesmo, a cada vez ele se endurecia por dentro a fim de não demonstrar qualquer sinal de desespero. Insultá-lo era o projeto que ela mesma traçara; impor sua vontade sobre essa história de sucesso de um metro e noventa de altura, vestido de maneira conservadora e com milhões no bolso, proporcionava-lhe claramente um dos melhores momentos da sua vida. Mas naqueles dias, tudo eram grandes momentos. Eles tinham Merry, a gaga de dezesseis anos de idade. Tinham um ser humano vivo e sua família para brincar. Rita não era mais um mortal comum e titubeante, muito menos uma novata na vida, mas sim uma criatura em harmonia clandestina com a maneira brutal do mundo, autorizada, em nome da justiça histórica, a ser simplesmente tão

terrível quanto o opressor capitalista Seymour Levov.

A *irrealidade* de estar nas mãos dessa criança! Essa criança repugnante com a cabeça entupida de fantasias sobre "a classe trabalhadora"! Essa criaturazinha que não ocupava no carro sequer o espaço do cão dos Levov, fingindo que estava no centro do palco do mundo! Essa resto de couro que se joga fora, totalmente insignificante! O que era toda aquela absurda situação senão uma zanga e um egoísmo infantil mal e porcamente disfarçado de identificação com os oprimidos? A sua grave responsabilidade com os trabalhadores do mundo! A patologia do egoísmo se eriçava nela como o cabelo que proclamava desvairado: "Vou para onde eu quiser, até onde eu quiser... tudo o que interessa é o que eu quero!". Sim, a cabeleira insólita constituía metade da sua ideologia revolucionária, uma justificativa mais ou menos tão consistente para suas ações quanto a outra metade — o palavrório exagerado sobre mudar o mundo. Rita tinha vinte e dois anos, não mais do que um metro e sessenta de altura, e havia enveredado em uma aventura imprudente, com uma coisa muito mais poderosa do que ela podia entender, e que se chama poder. Não havia a menor necessidade de pensar. Ao lado da ignorância deles, o pensamento simplesmente empalidecia até se apagar. Eram oniscientes sem sequer ter de pensar. Não admira que o tremendo esforço do Sueco para esconder sua agitação tenha fraquejado momentaneamente diante da raiva incontrolável e, com rispidez, tenha dito a ela — como se ele não estivesse preso à missão obsecadamente inflexível de Rita da forma mais inimaginável que havia, como se para o Sueco ainda pudesse importar que ela tivesse uma opinião boa a seu respeito:

— Você não sabe nada do que está dizendo! As empresas americanas fabricam luvas em Hong Kong, Taiwan, Índia e Pa-quistão e em toda parte... mas não a minha! Tenho duas fábricas. *Duas*. Uma delas, você visitou em Newark. Viu como meus empregados são infelizes. É por isso que eles trabalharam para nós durante quarenta anos, porque são explorados e miseráveis. A fábrica em Porto Rico emprega duzentas e sessenta pessoas, senhorita Cohen, pessoas que nós treinamos, e treinamos a partir do zero, pessoas em quem confiamos, pessoas que antes de nossa chegada a Ponce nem tinham onde trabalhar. Fornecemos empregos onde antes havia falta de empregos, ensinamos técnicas de costura para pessoas do Caribe que conheciam pouco ou nada dessas técnicas. Você não sabe de nada. Não sabe nada de coisa nenhuma. Não sabia sequer o que *era* uma fábrica, antes

de eu mostrar a você!

— Sei o que é uma fazenda em um país tropical, senhor Legree... quer dizer, senhor Levov. Sei o que significa dirigir uma fazenda dessas. Vocês cuidam muito bem dos seus pretos. É claro que sim. Isso se chama capitalismo paternalista. Vocês são donos deles, dormem com eles e, quando eles estão no bagaço, vocês mandam todos para o inferno. Linchar, só quando for necessário. Usar os pretos para a sua diversão e para o seu lucro...

— Por favor, não tenho um pingo de interesse nesses clichês infantis. Você não sabe o que é uma fábrica, não sabe o que é produzir alguma coisa, não sabe o que é capital, não sabe o que é trabalho, não tem a menor idéia do que seja estar empregada em uma firma ou estar desempregada. Não tem a menor idéia do que seja *trabalhar*. Nunca teve um emprego na sua vida e, ainda que se dê ao trabalho de achar um, não vai ficar lá nem sequer um dia, nem como trabalhadora, nem como gerente, nem como proprietária. Chega dessa maluquice. Que-ro que me diga onde está minha filha. É só isso que quero ouvir de você. Ela precisa de ajuda, precisa de ajuda séria, não de clichês ridículos. Quero que me diga onde posso encontrá-la!

— Merry não quer ver você nunca mais. *Nem* aquela mãe.

— Você não sabe nada da mãe de Merry.

— Lady Dawn? Lady Dawn da Casa Senhorial? Sei tudo o que interessa sobre Lady Dawn. Tão envergonhada de sua origem de classe que tem de fazer da filha uma debutante na alta sociedade.

— Merry removeu excrementos de vaca do curral com uma pá desde os seis anos de idade. Você não sabe do que está falando. Merry cursou a escola agrícola para jovens. Merry dirigiu tratores. Merry...

— Falso. Tudo falso. A filha da rainha da beleza e do capitão do time de futebol americano... que pesadelo para uma moça com espírito! As blusinhas finas, os sapatinhos, um monte de frescurazinhas. O tempo todo inventando bobagens com os cabelos dela. Você acha que ela queria arrumar o cabelo de Merry porque amava a filha e a sua aparência ou porque estava enojada dela, enojada porque Merry não podia ser uma rainha da beleza infantil e crescer à imagem da mãe para se tornar Miss Rimrock? Merry teve de ter aulas de dança. Teve de ter aulas de tênis. Me admira que não tenha feito operação plástica no nariz.

— Você não sabe do que está falando.

— Por que você acha que Merry ficou tão empolgada com Audrey Hepburn? Porque pensou que era o melhor jeito de lidar com a sua mãezinha fútil. A Miss Futilidade 1949. É difícil acreditar que se possa enfiar tanta futilidade em uma silhuetazinha tão mimosa. Ah, mas dá sim, dá para enfiar sim, perfeitamente. Só que aí não sobra muito lugar para Merry, não é?

— Você não sabe o que está dizendo.

— Não há a menor imaginação para uma pessoa que não é bonita, charmosa e desejável. Nada. A mentalidade frívola, banal da rainha da beleza e nenhuma imaginação para a própria filha. "Não quero ver nada feio, não quero ver nada escuro." Mas o mundo não é assim, Dawnizinha querida... ele *é* feio, ele *é* escuro. É *medonho*!

— A mãe de Merry trabalha na fazenda o dia inteiro. Trabalha com animais o dia inteiro, lida com máquinas agrícolas, trabalha das seis da manhã até...

— Falso. Falso. Falso. Ela trabalha na fazenda como a babaca de uma madame da alta sociedade...

— Você não tem a menor idéia de nada disso. Onde es- tá minha filha? Onde ela está? Nossa conversa é inútil. Onde está Merry?

— Você não se lembra da festa "Agora você É uma Mu-lher"? Para comemorar a primeira menstruação dela?

— Não estamos falando de festa nenhuma. Que festa é essa?

— Estamos falando da humilhação da filha pela mãe rainha da beleza. Estamos falando de uma mãe que colonizou completamente a auto-imagem da filha. Estamos falando de uma mãe que não possui uma gota de sentimento pela filha, que tem a profundidade dessas luvas que você fabrica. Uma família inteira, e a única porra com que vocês se importam é couro. Ectoderma. Superfície. Mas do que está por baixo vocês não têm a menor idéia. Você acha que era afeto verdadeiro que ela sentia por aquela menina gaga? Ela tolerava aquela menina gaga, mas você não sabe reconhecer a diferença entre afeição e tolerância porque é muito burro, também. Mais um dos seus contos de fadas escrotos. Uma festa de menstruação. Uma festa para isso! Meu Deus!

— Você se refere... *não*, não foi isso. A festa? Aquela vez em que ela levou todas as amigas para jantar em Whitehouse? Foi quando ela fez doze anos. Que babaquice é essa de "Agora Você É Uma Mulher"? Foi uma festa de *aniversário*. Não tinha nada a ver com menstruação. *Nada*. Quem

contou isso a você? Merry não contou nada disso. Eu me lembro dessa festa. *Ela* se lembra dessa festa. Foi uma festinha simples de aniversário. Levamos todas aquelas meninas para um restaurante em Whi-tehouse. Elas se divertiram à beça. Eram dez meninas de doze anos. E tudo se quebrou. Uma pessoa está morta. Minha filha é acusada de assassinato.

Rita estava rindo.

— Aí está a porra do Senhor Cidadão Respeitador da Lei de New Jersey, um punhadinho de afeição fingida parece até amor, para ele.

— Mas isso que você está descrevendo nunca *aconteceu*. O que você está dizendo nunca *aconteceu*. Se tivesse acontecido, também não teria importância, mas na verdade *não aconteceu*.

— Você não sabe o que fez de Merry Merry? Dezesseis anos morando em uma casa onde ela era odiada pela mãe.

— Odiada por quê? Me diga, odiada *por quê*?

— Porque ela era tudo o que a Lady Dawn não era. A mãe odiava Merry, Sueco. É uma vergonha que você só descubra isso tão tarde. Odiava por não ser elegante, por não ser capaz de puxar o cabelo para trás daquele jeitinho rural ah-tão-chique. Merry foi odiada com essa aversão que se infiltra na gente feito uma toxina. Lady Dawn não poderia ter feito um trabalho melhor se tivesse instilado um pouco de veneno na comida de Merry todo dia. Lady Dawn olhava para ela com aquela cara de ódio e Merry acabou virando um punhado de merda.

— Não havia nenhuma cara de ódio. Pode ser que alguma coisa tenha dado errado... mas não foi assim. Não foi ódio. Sei do que ela está falando. Isso que você chama de ódio era a aflição de sua mãe. Conheço a cara. Mas era por causa da gagueira. Meu Deus, não era *ódio*. Era o *contrário*. Era preocupação. Era angústia. Era *desespero*.

— Sempre protegendo essa sua esposa — retrucou Rita, rindo dele de novo. — Uma insensibilidade inacreditável. Sim-plesmente incrível. Sabe por que outro motivo ela odiava Merry? Tinha ódio dela porque você era o pai. Não tem importância que a Miss New Jersey se case com um judeu. Mas criar uma judia? Isso é uma outra história. Você tem uma esposa *shiksa*, Sueco, mas não tem uma filha *shiksa*. A Miss New Jersey é uma piranha, Sueco. Merry estaria melhor mamando nas tetas das vacas se quisesse um pouco de leite e afeto maternos. Pelo me-nos as vacas têm sentimentos maternais.

Ele deixara Rita falar, ele se permitira ouvir só porque queria saber; se

algo havia dado errado, é claro que ele queria saber. Qual *é* o rancor? Qual *é* a mágoa? Esse era o mistério central: como Merry chegara a ser o que era? Mas nada disso explicava coisa alguma. Não poderia ser essa a raiz do problema. Não podia ser isso que estava por trás da explosão do mercadinho. Não. Um homem desesperado estava se abrindo diante de uma moça traiçoeira não porque ela pudesse, de alguma maneira, ter a menor idéia do que saíra errado, mas sim porque não havia mais ninguém com quem ele pudesse se abrir. O Sueco se sentia menos como alguém em busca de uma resposta do que como uma pessoa imitando alguém em busca de uma resposta. Todo esse bate-boca tinha sido um ridículo equívoco. Esperar que essa pirralha falasse alguma coisa verdadeira. Ela não conseguia parar de insultar o Sueco. Toda a vida deles se transformava radicalmente à luz do ódio *dela*. *Ali* estava a fonte do ódio, essa criança insurgente!

— Onde ela está?

— Por que quer saber onde ela está?

— Quero falar com ela — disse o Sueco.

— Por quê?

— É minha filha. Uma pessoa morreu. Minha filha está sendo acusada de assassinato.

— Você cismou mesmo com isso, não é? Sabe quantos vietnamitas foram mortos nos poucos minutos em que nos da-mos ao luxo de ficar aqui discutindo se Dawnie ama ou não ama sua filha? Tudo é relativo, Sueco. A morte é completamente relativa.

— Onde está ela?

— Sua filha está a salvo. Sua filha é amada. Sua filha está lutando por aquilo que acredita. Sua filha está finalmente tendo uma experiência verdadeira do mundo.

— Porra, onde ela está?

— Ela não é uma propriedade sua, sabia? Não é um bem seu. Não está mais indefesa. Você não possui Merry do jeito que possui sua casa em Old Rimrock e sua empresa e seu condomínio na Flórida e sua fábrica em Newark e sua fábrica em Porto Rico e seus empregados porto-riquenhos e todos os seus Mercedes e todos os seus jipes e todos os seus lindos ternos feitos sob medida. Sabe o que compreendi a respeito de vocês, ricos humanamente liberais, donos do mundo? Nada está mais distante de sua compreensão do que a natureza da realidade.

Ninguém nasce assim, refletiu o Sueco. Ela não pode ser assim na realidade. Essa criança malcriada, essa irritante, cabeçuda, birrenta criança malcriada não pode ser a protetora da minha filha. Ela era, sim, a sua carcereira. Merry, com toda a sua inteligência sob o feitiço dessa crueldade infantil e ignóbil. Existe mais sentimento humano em uma só página do diário da gagueira do que em todo o idealismo sádico que entope a cabeça desnorteada dessa pirralha. Ah, esmagar esse craniozinho cabeludo dela — agora mesmo, entre as mãos fortes do Sueco, esmagar esse crânio com toda a força até que todas as idéias doentes saíssem escorrendo pelo seu nariz!

Como é que uma criança chega a se transformar em uma coisa dessas? Pode alguém ser completamente destituído de capacidade de reflexão? A resposta é sim. Seu único contato com a filha era essa criança que não sabia de nada, não diria nada e com toda a certeza não faria nada — essa criança capaz de recorrer a qualquer coisa a fim de se excitar. As opiniões dela eram todas meros estímulos: o objetivo era a excitação.

— O modelo — disse Rita, falando com o Sueco com o canto da boca, como se desse jeito fosse muito mais fácil arruinar a vida dele. — O perfeito modelo mimado e triunfante, mas que na verdade não passa de um criminoso. O grande Sueco Levov, o criminoso capitalista cem por cento americano.

Rita era uma astuta criança fanática, deliciando-se até fartar em uma travessura totalmente inventada por ela, uma criança lunática que merecia umas palmadas e que jamais pusera os olhos em Merry, exceto por escrito; uma maluquinha "politizada", era só isso — as ruas de Nova York estavam coalhadas dessa gente —, uma criança judia enlouquecida de forma criminosa que havia colhido migalhas de fatos sobre a nossa vida nos jornais, na tevê e com colegas de escola de Merry, todos apregoando a mesma frase sempre citada: "A pitoresca Old Rimrock está madura para uma grande surpresa". Pelo que diziam, Merry tinha circulado pela escola no dia anterior à explosão da bomba repetindo isso para quatrocentas crianças. Essa era a prova contra ela, todas aquelas crianças na tevê afirmando que ouviram Merry dizer isso — aquele boato e depois o sumiço de Merry constituíam as únicas provas. A agência do correio foi pelos ares, e o mercadinho foi junto, mas ninguém viu Merry nas proximidades do local, ninguém viu Merry pôr a bomba, ninguém sequer teria imaginado que ela era a terrorista se não tivesse desaparecido.

— Ela foi enganada! — Durante vários dias Dawn andou à roda da casa

gritando: — Ela foi raptada! Ela foi enganada! Está em algum lugar sofrendo uma lavagem cerebral! Por que todo o mundo está dizendo que ela fez uma coisa dessas? Ninguém tinha o menor *contato* com ela. Merry não tem *o menor* vínculo com isso. Como podem acreditar que *uma criança* faria uma coisa dessas? Dinamite? O que é que Merry tem a ver com dinamite? Não! Não é verdade! Ninguém sabe *de nada*!

O Sueco devia ter informado o FBI a respeito da visita de Rita Cohen no dia em que ela veio pedir o álbum de recortes — na pior das hipóteses, o Sueco deveria ter pedido a ela provas da existência de Merry. E ele deveria ter revelado o que estava acontecendo a outra pessoa que não Dawn, deveria ter discutido uma estratégia de ação com alguém menos capaz de se suicidar caso ele agisse de uma forma diferente daquilo que o desespero dela exigia. Atender às exigências de uma esposa desnorteada pela dor, sem a menor condição de pensar ou agir, exceto movida pela histeria, foi um erro imperdoável. Ele devia ter dado ouvidos à sua desconfiança e feito contato imediatamente com os agentes que haviam entrevistado a ele e a Dawn em sua casa no dia seguinte à explosão da bomba. Ele devia ter pegado o telefone no momento em que compreendeu quem era Rita Cohen, enquanto ela ainda estava em seu escritório. Mas em vez disso o Sueco foi de carro direto para casa e, como sempre fora incapaz de avaliar uma decisão independente do seu impacto emocional sobre aqueles que acreditavam no seu amor; como os ver sofrer era a sua mais dura provação; como ignorar suas solicitações e se contrapor às suas expectativas, mesmo quando não discutiam de maneira razoável ou pertinente, parecia-lhe um uso ilegítimo da sua força superior; como ele não podia desiludir ninguém no tocante ao tipo de filho, marido e pai generoso que era; como ele fora tão altamente *recomendado* para todo o mundo, o Sueco se sentou diante de Dawn à mesa da cozinha e a viu durante certo tempo pronunciar um longo discurso entrecortado de soluços e semidemente, um apelo para nada revelar ao FBI.

Dawn suplicou para que o Sueco fizesse tudo o que a moça quisesse: havia uma chance de Merry continuar solta se eles a mantivessem fora de vista até que a destruição do mercadinho — e a morte do doutor Conlon — tivesse sido esquecida. Se eles pudessem escondê-la em algum lugar, sustentá-la quem sabe em um outro país, até que terminasse essa caça às bruxas enlouquecida sob o efeito da guerra e começasse um novo tempo; aí então ela poderia ser tratada de maneira correta por uma coisa que ela

nunca, nunca teria sido capaz de fazer.

— Ela foi *enganada*!

E o próprio Sueco acreditava nisso — no que mais podia um *pai* acreditar? — até ouvir a idéia repetida cem vezes seguidas, dia após dia, na boca de Dawn.

Portanto entregou o álbum de recortes de Audrey Hep-burn, a malha de balé, as sapatilhas de balé, o diário da gagueira; e agora ele ia ao encontro de Rita Cohen em um quarto no Hilton de Nova York, dessa vez levando cinco mil dólares em notas de vinte e dez, livres de marcas. E assim como compreendeu que devia ter chamado o FBI quando ela pediu o álbum de recortes, agora compreendia também que caso aceitasse mais uma de suas atrevidas e perversas exigências já não haveria fim para aquilo, mas só desgraça, em uma escala incompreensível para qualquer um deles. Com o álbum de recortes, a malha, as sapatilhas de balé e o diário da gagueira, ele fora habilmente preparado; agora começava o desastroso pagamento.

Mas Dawn estava convencida de que, se o Sueco viajasse para Manhattan, se misturasse no meio da multidão, aí então, na hora marcada da tarde marcada, seguro de que não estava sendo seguido, quando ele seguisse rumo ao hotel, Merry em pessoa estaria lá à espera dele — uma esperança digna de um absurdo conto de fadas, para a qual não existia um pingo de justificativa, mas à qual ele não tinha a coragem de se contrapor, quando via sua esposa perdendo mais uma camada de sanidade toda vez que o telefone tocava.

Pela primeira vez, ela foi acordada de saia e blusa, uma roupa ostensivamente floral e comprada em uma ponta de estoque, e com sapatos de salto alto; quando ela atravessou o tapete com passos trôpegos naqueles sapatos, parecia menor ainda do que nas botas de trabalhador. O penteado estava tão selvagem quanto antes, mas seu rosto, em geral um pouco murcho, apagado e sem enfeites, fora adornado com batom, pintado com sombra para os olhos, e suas faces estavam destacadas com ruge. Ela parecia uma estudante da terceira série que tivesse pilhado o quarto da mãe, a não ser pelo fato de os cosméticos só servirem para tornar sua aparência inexpressiva ainda mais aterradoramente psicopata do que quando seu rosto se mostrava apenas desumanamente destituído de cor.

— Tenho o dinheiro — disse o Sueco, de pé, na porta do quarto do hotel, muito mais alto do que ela e ciente de que o que estava fazendo era a maior besteira que se podia fazer. — Tenho o dinheiro — repetiu, e preparou-se

para ouvir a réplica sobre o sangue e o suor dos trabalhadores de quem ele havia roubado aquilo.

— Ah, ih. Entre — disse a moça. *Queria apresentar a você os meus pais. Mamãe e papai, este é Seymour*. Um padrão na fábrica, outro no hotel. — Por favor, entre. Fique à vontade.

Ele trazia o dinheiro embrulhado em sua pasta, não só os cinco mil dólares em notas de dez e vinte que ela pedira, mas também mais cinco mil dólares em notas de cinqüenta. Um total de dez mil dólares — e sem saber absolutamente para quê. Que bem aquilo traria para Merry? Merry não veria um só centavo daquele dinheiro. Todavia, ele disse outra vez, reunindo todas as suas forças para não perder a cabeça:

— Trouxe o dinheiro que você pediu. — Ele continuava fazendo um enorme esforço para continuar a existir como ele mesmo, apesar da insensatez daquilo tudo.

Ela se acomodara sobre a colcha estendida na cama e, com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos e dois travesseiros enfiados embaixo da cabeça, começou a cantar suavemente:

— Oh, Lédia, oh, Lédia, minha enciclopédia, oh, Lédia, a tatuada Lady...

Era uma das velhas e tolas canções que ele ensinara para a filhinha quando notaram que, cantando, ela sempre se mostrava fluente.

— Veio foder Rita Cohen, é?

— Vim entregar o dinheiro — disse ele.

— Vamos f-f-f-f-f-foder, p-p-p-p-p-papai.

— Se você tem algum sentimento diante daquilo que todos estão passando...

— Não enche, Sueco. O que é que você sabe sobre "sentimentos"?

— Por que está nos tratando desse jeito?

— Ai, ai! Sem essa. Você veio aqui para trepar comigo. Pergunte a todo o mundo. Por que um cão capitalista de meia-idade vem a um quarto de hotel para encontrar uma gatinha jovem? Para trepar com ela. Diz, vai, é só dizer. "Vim para trepar com você. Vim para comer você todinha." Diz, Sueco, diz.

— Não tenho a menor vontade de dizer uma coisa dessas. Pare com isso, por favor.

— Tenho vinte e dois anos. Faço o que bem entender. Fa-ço tudo. Diz, Sueco.

Será que isso poderia levar a Merry, esse surto de escárnio e zombaria? Ela não conseguia parar de insultar o Sueco. Estaria ela encarnando alguém,

representando um personagem de um roteiro preparado de antemão? Ou estaria o Sueco lidando com uma pessoa com quem era impossível se relacionar simplesmente porque era louca? Ela era como um componente de uma gangue. Seria ela o líder da gangue, essa assassina miudinha de cara branca? Em uma gangue, a autoridade é concedida ao que for mais implacável. Seria ela a mais implacável ou existiriam outros ainda piores, aqueles que estavam mantendo Merry prisioneira nesse momento? Talvez ela seja a mais inteligente. A atriz deles. Talvez seja a mais corrupta. Sua prostituta em botão. Talvez tudo isso seja um *jogo* para eles, moleques de classe média fazendo uma farra.

— Eu não te agrado? — perguntou ela. — Será que não existem desejos brutos em um cara grandão como você? Ah, vamos lá, não sou uma pessoa tão fácil de assustar. Talvez você tenha encontrado nesta pequenininha aqui uma mulher à sua altura. Olhe só para você. Parece um garoto levado. Um menino morrendo de medo de se meter em uma encrenca. Será que não existe aí dentro mais nada além da sua famosa pureza familiar? Aposto que sim. Aposto que você tem um tremendo mastro aí por baixo — disse ela. — O pilar da nossa sociedade.

— Qual o propósito de toda essa conversa? Pode me dizer?

— O propósito? Claro. Trazer você para a realidade. Este é o propósito.

— E quanta crueldade é necessária para isso?

— Para te mostrar como é a realidade? Para levar você a admirar a realidade? Para fazer você partilhar a realidade? Para te levar até as fronteiras da realidade? Não vai ser nenhum piquenique, meu camarada.

O Sueco lutara para não se deixar enredar na repugnância que Rita sentia por ele, para não se sentir ofendido por nada que ela dissesse. Estava preparado para a violência verbal e preparado, dessa vez, para não reagir. Rita não era burra e não tinha medo de dizer nada — ele sabia disso muito bem. Mas não contava com a luxúria, um ataque surpresa — ele não esperava sofrer o assédio de outra coisa que não a violência verbal. Apesar da repugnância provocada pela brancura doentia da pele de Rita, pela maquiagem comicamente infantil e pelas roupas de algodão baratas, reclinada na cama se achava uma mulher jovem, e o próprio Sueco, o super-homem das certezas, era uma das pessoas com quem ele mesmo não conseguia lidar.

— Coitado — disse Rita, com escárnio. — O garotinho rico de Old Rimrock. Todo enrolado desse jeito. Vamos trepar, p-p-p-p-papai. Vou levar

você para ver sua filha. Vamos lavar o seu pau, fechar sua braguilha e depois vou levar você para onde ela está.

— Você vai mesmo? Como posso saber que vai mesmo fazer isso?

— Espere só. E veja o resultado. O pior que pode acontecer é você comer uma xoxota de vinte e dois anos. Vem, papai. Vem aqui para a cama, p-p-p-p...

— Pare com isso! Minha filha não tem nada a ver com *nada* disso! Minha filha não tem nada a ver com *você*! Sua merdinha... você não serve nem para engraxar os *sapatos* da minha filha! Minha filha não tem nada a ver com essa bomba. Você sabe disso!

— Acalme-se, Sueco. Acalme-se, doce amante. Se quer mesmo ver sua filha tanto quanto está dizendo, é só se acalmar, vir aqui para a cama e dar para Rita Cohen uma trepada bem caprichada. Primeiro foder, depois a recompensa.

Ela havia erguido os joelhos na direção do peito e agora, com os dois pés plantados na cama, deixou as pernas se abrirem. A saia com flores estampadas se embolou no seu quadril e Rita não usava roupas de baixo.

— Aqui — disse ela com voz macia. — Coloque bem aqui. Ataque aqui. Tudo é permitido, meu bem.

— Senhorita Cohen... — Ele não sabia o que procurar no seu valioso cofre-forte de reações... aquela ebulição de uma coisa profundamente visceral, sem a retórica do ataque para o qual ele havia se preparado. Rita trouxera para o hotel uma carga de dinamite para detonar. Era isso. Explodir com *ele*.

— O que foi, meu querido? — ela insistiu. — Você tem de falar em voz alta, feito um homem, se quer ser ouvido.

— O que essa encenação tem a ver com o que aconteceu?

— Tudo — respondeu ela. — Você vai ficar surpreso com as descobertas que essa encenação vai colocar diante dos seus olhos. — Rita aproximou as duas mãos dos pêlos púbicos. — Olhe bem para isso — ela lhe disse e, entreabrindo os lábios vaginais com os dedos, expôs o tecido membranoso cortado de veias, matizado, ceroso, com a umidade lustrosa, cor de tulipa, da carne aberta. O Sueco desviou o rosto.

— É uma selva aqui embaixo — disse ela. — Nada está no seu lugar. Nada do lado esquerdo é igual ao que está do lado direito. Quantos elementos extras existem? Ninguém sabe. São muitos para ficar contando. Existem glândulas aqui. Tem um outro buraco também. Tem abas. Você não

percebe o que isso tem a ver com o que aconteceu? Pois olhe só. Dê uma boa olhada.

— Senhorita Cohen — disse o Sueco, fitando os olhos dela, a única coisa bonita que possuía, olhos de criança, ele descobriu, olhos de uma *boa* criança, que nada tinham em comum com aquilo que ela estava fazendo ali —, minha filha desapareceu. Uma pessoa morreu.

— Você ainda não entendeu. Você não entendeu coisa nenhuma. Olhe bem. Descreva para mim. Tenho alguma coisa errada aqui? O que você está vendo? Está vendo alguma coisa? Não, não está vendo nada. Não vê nada porque não olha para nada.

— Isso não faz sentido — disse o Sueco. — Você não está subjugando ninguém dessa maneira. Só a si mesma.

— Sabe que tamanho ela tem? Vamos ver se você é bom para dar palpites. É pequena. Aposto que é do tamanho 4. Para uma senhora, é o menor tamanho para uma boceta. Abaixo disso, é tamanho de criança. Vamos ver como você se encaixa em um estreitinho tamanho 4. Vamos ver se um tamanho 4 não proporciona a mais gostosa, a mais quente, a mais aconchegante trepada que você jamais sonhou ter. Você ama o couro bom, você ama luvas boas... então enfie. Mas devagar, devagar. A primeira vez, enfie sempre devagar.

— Por que não pára com isso agora mesmo?

— Tudo bem, se é essa a sua decisão, se você é um homem tão corajoso que nem sequer vai dar uma espiada nela, feche os olhos, se adiante um passo e sinta o cheiro dela. Dê um passo a frente e experimente dar uma cheirada. O pântano. Ela *chupa* você para dentro. Sinta o cheiro, Sueco. Você sabe qual é o cheiro de uma luva. Tem o cheiro de um carro novo por dentro. Bem, o cheiro da vida é este aqui. Sinta o cheiro disso. Sinta o cheiro de uma boceta novinha em folha por dentro.

Os olhos escuros de criança de Rita. Repletos de excitação e alegria. Cheios de audácia. Cheios de insensatez. Cheios de excentricidade. Cheios de *Rita*. E só metade deles era encenação. Para agitar. Para enfurecer. Para provocar. Ela se achava em um estado de perturbação. O moleque da subversão. O gênio da calamidade. Como se, ao se tornar a torturadora do Sueco e a destruidora da sua família, ela tivesse encontrado o sentido maligno da própria existência. Kid Hematoma.

— Sua capacidade de controle físico é admirável — disse ela. — Será que não existe nada capaz de desviar você? Não acredito que ainda exista no

mundo outro igual. Qualquer outro homem teria sido derrotado pelo tesão há muito tempo. Você *é* um espécime em extinção. *Sinta só o gosto*.

— Você não é uma mulher. Isso não faz de você uma mulher de maneira alguma. Isso faz de você um *travesti* de mulher. Isso é repugnante. — Respondendo aos tiros dela rapidamente, como um soldado sob ataque.

— E um homem que nem olha, é um travesti de quê? — perguntou Rita. — Não é parte da natureza *humana* olhar? O que se pode pensar de um homem que vive desviando os olhos porque tudo na realidade parece muito forte para ele? Porque nada se acha em harmonia com o mundo que ele conhece. Ele *pensa* que conhece as coisas. Então *venha sentir o gosto disso*! É *claro* que é repugnante, seu grande Escoteiro... sou uma *depravada*! — e, rindo alegremente da sua recusa em baixar os olhos um centímetro sequer, ela gritou: — *Aqui*!

Ela deve ter enfiado a mão toda dentro da boceta, sua mão deve ter sumido dentro dela, porque um instante depois era a sua mão inteira que ela estendia erguida para ele. As pontas dos dedos traziam o aroma dela direto para o Sueco. Disso ele não podia fugir, o cheiro fecundo que vinha de dentro dela.

— Isso vai revelar o mistério. Você quer saber o que isso tem a ver com o que aconteceu? — disse ela. — Pois isso vai te explicar.

Havia tanta emoção nele, tanta incerteza, tantas inclinações e contra-inclinações, ele estava de tal forma estourando sob a pressão dos impulsos e contra-impulsos que já não podia mais saber qual deles representava a fronteira que não devia ser ultrapassada. Todo o seu pensamento parecia estar falando em uma língua estrangeira, mas apesar disso ele ainda tinha noção suficiente das coisas para não passar do limite. Não ia agarrar Rita e jogá-la pela janela. Não ia agarrar Rita e jogá-la contra o chão. Não ia agarrar Rita por nenhum motivo. Toda a força que restara nele seria designada para mantê-lo paralisado junto à beirada da cama. Não ia chegar perto dela.

A mão que Rita lhe oferecera, ela agora levava lentamente na direção do próprio rosto, fazendo no ar pequenos círculos cômicos, doidos, enquanto aproximava a mão do rosto. Então, um por um, ela deslizou os dedos entre os lábios para limpá-los.

— Sabe que gosto tem? Quer que eu diga a você? Tem o gosto da sua f-f-f-f-f-filha.

Então ele saiu do quarto às pressas. Com toda a sua energia.

Não dava mais. Dez, doze minutos e estava tudo acabado. Quando o FBI

atendeu o seu telefonema e foi ao hotel, Rita já tinha ido embora, assim como a pasta que o Sueco deixara com ela. O Sueco fugira não da crueldade e perversidade infantis, nem mesmo da provocação doentia, mas sim de algo que ele já não podia mais nomear.

Confrontado com uma coisa que não podia nomear, ele acabou fazendo tudo errado.

Passaram-se cinco anos. Em vão, o pai da Terrorista de Rim-rock espera que Rita reapareça no seu escritório. Ele não tem uma foto dela, não tem suas impressões digitais — não, toda vez que se encontravam, durante aqueles poucos minutos, ela, uma criança, era a chefe. E agora Rita havia desaparecido. Com um agente e um desenhista para ajudá-lo, o Sueco tenta elaborar um retrato falado de Rita para o FBI, enquanto por conta própria vasculha o jornal diário e as revistas semanais em busca da Rita verdadeira. Espera que uma foto de Rita apareça. Ela está fadada a aparecer ali. Bombas estouram em toda parte. Em Boulder, Colorado, bombas destroem o escritório do serviço militar obrigatório e o escritório central da unidade de treinamento de oficiais da reserva na Universidade de Colorado. Em Michigan, ocorrem explosões na universidade e ataques com dinamite contra a central de polícia e contra o escritório do alistamento militar. Em Wisconsin, uma bomba destrói o arsenal da Guarda Nacional; um aviãozinho passa voando e joga dois vasos cheios de pólvora em uma fábrica de munição. Prédios de faculdade são atacados com bombas na Universidade de Wisconsin. Em Chicago, uma bomba destrói a estátua construí-da em homenagem a um policial morto nos distúrbios de Haymarket. Em New Haven, alguém atira uma bomba incendiária na casa do juiz que conduzia o julgamento de dezenove Pan-teras Negras acusados de planejar destruir lojas de departamento, a delegacia de polícia e a estação ferroviária de New Haven. Explodem bombas em prédios de universidades no Oregon, em Missouri e no Texas. Um centro comercial em Pittsburgh, uma boate em Washington, um tribunal em Maryland — todos vão pelos ares. Em Nova York ocorre uma série de explosões — no cais da United Fruit Line, no banco Marine Midland, na Asso-ciação dos Industriais, na General Motors, no escritório central de Manhattan das empresas Mobil Oil, IBM e General Telephone and Eletronics. Um escritório do serviço militar no centro de Manhattan foi pelos ares. O prédio da corte penal sofreu um atentado a bomba. Três coquetéis Molotov explodiram em uma escola secundária em Manhattan. Bombas explodiram em cofres de segurança em

bancos de oito cidades. Ela deve ter colocado alguma dessas bombas. Vão encontrar Rita, apanhá-la com a mão na massa — prender o bando inteiro — e ela os levará até onde está Merry.

De pijama, na cozinha, o Sueco fica observando a janela todas as noites, à espera do seu rosto coberto de fuligem. Fica sentado sozinho na cozinha, esperando que seu inimigo, Rita Cohen, volte.

Um jato da TWA sofreu um atentado em Las Vegas. Uma bomba explodiu no *Queen Elizabeth*. Uma bomba explodiu no Pentágono — em um banheiro feminino no quarto andar de um setor da aeronáutica do Pentágono! O terrorista deixou um bilhete: "Hoje atacamos o Pentágono, o centro do comando militar dos Estados Unidos. Estamos reagindo em um momento em que é cada vez maior o bombardeio despejado, por forças aéreas e navais, sobre os vietnamitas; enquanto minas e navios de guerra americanos são usados para bloquear os portos da República Democrática do Vietnã; enquanto planos para um combate em escala ainda maior estão sendo traçados em Washington". *A República Democrática do Vietnã — se eu ouvir Merry falar isso outra vez, Seymour, juro, vou perder a cabeça.* É a filha deles! Merry pôs a bomba no Pentágono.

— P-p-p-papai! — Acima do ruído das máquinas de costura, o Sueco escuta a voz de Merry chamando por ele em seu escritório. — P-p-p-p-papai!

Dois anos depois do desaparecimento de Merry, uma bom-ba explodiu em uma casa elegante, no estilo grego, na mais tranqüila rua residencial de Greenwich Village — três explosões e um incêndio destruíram o velho prédio de quatro andares feito de tijolos. O prédio pertencia a um próspero casal nova-iorquino em férias no Caribe. Após a explosão, duas moças entontecidas saem trôpegas do prédio, contundidas e esfoladas. Uma delas, nua, é descrita como uma jovem entre dezesseis e dezoito anos. As duas são acolhidas pela vizinha. Ela lhes deu roupas para vestir mas, enquanto a vizinha corria até o prédio em chamas para ver o que ainda podia fazer, as duas moças sumiram. Uma delas, de vinte e cinco anos, era a filha dos donos do prédio, membro de uma facção revolucioná- ria violenta dos Estudantes para uma Sociedade Democrática, chamada os Meteorologistas. A outra moça não foi identificada. A outra é Rita. A outra é *Merry*. Eles a envolveram nisso também!

O Sueco aguarda a noite inteira na cozinha pela filha e a jovem Meteorologista. O lugar está seguro agora — a vigilância da casa, da fábrica,

a monitoração dos telefones foram suspensas havia mais de um ano. Não havia problema em vir ali. Ele descongela uma sopa para alimentá-las. Recorda a época em que Merry começou a dar sinais de interesse por assuntos científicos. Por causa do gado de Dawn, Merry pensou que seria veterinária. Também foi a gagueira que a dirigiu para a ciência, porque quando ela estava concentrada em um de seus projetos de ciência, trabalhando de forma constante, a gagueira sempre diminuía um pouco. Nenhum pai no mundo poderia perceber a ligação disso com uma bomba. Todo o mundo teria deixado escapar a possibilidade dessa ligação, não só ele. O interesse de Merry por ciência era completamente inocente. *Tudo era inocente*.

O corpo de um homem jovem encontrado nos escombros da casa incendiada foi identificado no dia seguinte como um ex-estudante da Universidade de Columbia, veterano de manifestações violentas contra a guerra, o fundador de uma fração radical dos Estudantes para uma Sociedade Democrática, chamada Cães Loucos. No dia seguinte, a segunda moça que fugiu do local da explosão foi identificada: outra ativista radical, mas não Merry — uma moça de vinte e seis anos, filha de um advogado esquerdista de Nova York. Pior ainda foram as notícias de um outro cadáver encontrado nos escombros do prédio do Village: o torso de uma mulher jovem. "O corpo de uma segunda vítima da explosão não foi imediatamente identificado e o doutor Elliott Gross, médico-legista, declarou: 'Vai demorar algum tempo até que possamos ter alguma idéia de quem seja essa moça'."

Sozinho na mesa da cozinha, o pai da moça sabe quem é ela. Sessenta bananas de dinamite, trinta cápsulas detonadoras; um depósito secreto de bombas de fabricação caseira — canos de vinte e nove polegadas cheios de dinamite — foi encontrado há apenas seis metros do corpo. Foi um cano recheado de dinamite que explodiu o mercadinho Hamlin's. Ela estava juntando os ingredientes de uma nova bomba, fez alguma coisa errada e mandou pelos ares o prédio de tijolos. Primeiro, Hamlin's, depois, ela mesma. Ela conseguiu, ofereceu uma grande surpresa para a cidadezinha pitoresca — e aquele era o resultado. "O doutor Gross confirmou que o torso tem numerosos ferimentos em forma de pequenos furos, provocados por pregos, dando crédito ao relato de uma fonte da polícia segundo a qual aparentemente as bombas estavam sendo preparadas para produzir um efeito mais contrapessoal do que agirem meramente como artefatos explosivos."

No dia seguinte, mais explosões se verificaram em Ma- nhattan: três prédios na parte intermediária da cidade explodiram simultaneamente, por volta de uma e quarenta da madrugada. O torso não é dela! Merry está viva! Não é dela o corpo desfigurado por pregos e cortado ao meio! "Em resposta ao aviso por telefone, a polícia chegou ao prédio à uma e vinte e evacuou vinte e quatro faxineiros e outros funcionários antes de ocorrer a explosão." O terrorista da cidade e o terrorista de Rimrock *deviam* ser a mesma pessoa. Se ela tivesse pensado melhor e telefonado antes de sua primeira bomba explodir, ninguém teria morrido e hoje ela não seria procurada por assassinato. Então quer dizer que ela pelo menos aprendeu alguma coisa, pelo menos ela está viva e existe razão para ficar sentado todas as noites na cozinha esperando para ver Merry aparecer na janela, com Rita.

O Sueco lê a respeito dos pais das duas moças que sumiram e são procuradas por envolvimento na explosão do prédio de tijolos. A mãe e o pai de uma delas fazem um apelo à filha na televisão para revelar quantas pessoas estavam no prédio quando a bomba explodiu. "Se não houver mais ninguém", diz a mãe, "a busca pode ser suspensa até que as paredes em redor sejam demolidas. Eu acredito em você", diz a mãe para a filha desaparecida, que, juntamente com seus camaradas dos Estudantes para uma Sociedade Democrática, usava a casa como fábrica de bombas, "e sei que você não desejaria acrescentar mais sofrimento a essa tragédia. Por favor, por favor, telefone ou escreva ou peça para alguém telefonar por você trazendo essa informação. É só isso que precisamos saber, além de que você está bem e segura, e não precisamos dizer mais nada, a não ser que amamos você e queremos desesperadamente ajudar."

Exatamente as mesmas palavras ditas para os jornais e a televisão pelo pai da Terrorista de Rimrock quando *ela* desapareceu. *Amamos você e queremos ajudar*. "Indagado se tinha 'bom relacionamento' com a filha, o pai da terrorista do prédio de tijolos respondeu", tão sincero e infeliz quanto o pai da Terrorista de Rimrock ao responder uma pergunta semelhante: "'Como pais, temos de responder que não, não nos últimos anos'." Sua filha é citada por ele como uma militante em favor daquilo que Merry também — em seus acessos na mesa de jantar, denunciando o egoísmo da mãe, do pai e da sua vida burguesa — proclama ser o motivo de sua luta: "Mudar o sistema e transferir o poder para noventa por cento do povo que não possui agora nenhum controle político ou econômico".

Comenta-se que o pai da outra moça desaparecida é um investigador da

polícia, considerado “muito pouco comunicativo”. Diz apenas: “Não tenho a menor idéia do seu paradeiro”. E o pai da Terrorista de Rimrock acredita nele, compreende muito bem sua falta de comunicabilidade, sabe melhor do que qualquer outro pai americano a carga de angústia oculta na declaração fria “Não tenho a menor idéia do seu paradeiro”. Se não houvesse acontecido também com ele, provavelmente teria se espantado com a fachada impassível do pai. Mas o Sueco sabe que a verdade é que os pais da moça desaparecida estão sufocando exatamente como ele, se afogando dia e noite em explicações insatisfatórias.

Um terceiro corpo é encontrado nos escombros, o corpo de um homem adulto. Em seguida, uma semana depois, o jornal publica uma declaração atribuída à mãe da segunda mo- ça desaparecida, que dissipa a compaixão do Sueco por to- dos aqueles pais. Indagada acerca da filha, a mãe responde: “Sabemos que está viva”.

A filha matou três pessoas e eles sabem que ela está viva, enquanto a respeito da sua, que ninguém provou ter matado pessoa alguma — a respeito da sua filha, que vem sendo utilizada por moleques assassinos radicais, como esses terroristas ricos do prédio de tijolos, sua filha que foi acusada falsamente, que é *inocente* —, ele não sabe nada. O que o Sueco tem a ver com eles? *Sua* filha *não* fez nada disso. Ela não pôs a bomba no mercadinho Hamlin’s, tampouco pôs a bomba que explodiu no Pentágono. Desde 1968, milhares de bombas explodiram na América, e sua filha não teve nada a ver com uma única dessas explosões. Como é que o Sueco sabe disso? Porque Dawn sabe. Porque Dawn tem certeza absoluta. Porque se a filha fosse fazer uma coisa dessas, nunca ia ficar rodando pela escola dizendo para todo o mundo que a cidadezinha de Old Rimrock ia ter uma bela surpresa. A filha deles era inteligente demais para fazer isso. Se fosse fazer uma coisa dessas, ela não teria dito nada.

Passaram-se cinco anos, cinco anos em busca de uma explicação, recordando tudo, recapitulando as circunstâncias que moldaram Merry, as pessoas e os fatos que a influenciaram, e nada daquilo se prestava nem sequer para começar a explicar a explosão de uma bomba, até que ele se lembrou dos monges budistas, a auto-imolação dos monges budistas... É claro que Merry tinha apenas dez anos de idade na época, talvez onze, e no período entre aquela época e a atual havia acontecido um milhão de coisas com ela, com todos eles, com o mundo inteiro. Embora Merry tenha ficado aterrorizada durante semanas depois daquilo, chorando por causa do que

tinha aparecido na televisão naquela noite, e falasse sobre o assunto, e acordasse assustada de noite sonhando com aquilo, de maneira alguma o fato havia feito a menina perder a cabeça. E no entanto, quando o Sueco se lembrou da filha sentada vendo o monge arder em chamas — tão despreparada quanto o resto do país para aquilo que estava vendo, uma criança assistindo despreocupada às notícias com a mãe e o pai depois do jantar —, ele adquiriu a certeza de que havia conseguido desencavar o motivo de tudo o que aconteceu depois.

Foi em 1962 ou 63, mais ou menos na época do assassinato de Kennedy, antes de a Guerra do Vietnã começar para valer, quando, até onde todo o mundo tinha notícia, a América se achava apenas na periferia da loucura que estava comendo solta por aquelas bandas. O monge que fez aquilo tinha setenta e poucos anos, magro, cabeça raspada e vestia um manto cor de açafrão. De pernas cruzadas e costas eretas, em uma rua vazia de uma cidade em algum ponto do Vietnã do Sul, sentado com elegância diante de uma multidão de monges que se reuniram ali a fim de testemunhar o evento, como se fossem participar de um ritual religioso, o monge ergueu um grande vasilhame de plástico, derramou gasolina ou querosene, o que fosse, sobre si mesmo e encharcou o asfalto à sua volta. Depois riscou um fósforo e um nimbo de chamas enfurecidas subiu em ondas do seu corpo.

Às vezes, no circo, há um artista, apresentado como comedor de fogo, que faz as chamas aparentemente saírem da própria boca, e lá na rua de alguma cidade do Vietnã do Sul aquele monge de cabeça raspada de algum modo dava a impressão de que as chamas, ao invés de o atacarem de fora, estavam disparando de dentro dele para o ar em volta, não apenas da boca, no entanto, mas em uma erupção instantânea do crânio careca, do rosto, do peito, do colo, das pernas, dos pés. Como ele permanecesse perfeitamente ereto, sem dar o menor sinal de que se sentia ardendo em chamas, como não mexia sequer um músculo, muito menos gritasse, a princípio deu a impressão de que se tratava de um truque de circo, como se o que estava sendo consumido pelo fogo não fosse o monge mas sim o ar; o monge teria ateado fogo ao ar e nenhum dano o afetaria. Sua postura permaneceu exemplar, a postura de alguém absolutamente longe dali, levando uma outra vida, um servo dedicado à contemplação abnegada, meditativa, serena, um mero elo na cadeia do ser, intocado pelo que pudesse estar lhe acontecendo diante dos olhos do mundo inteiro. Nenhum grito, nenhuma contorção, apenas sua calma no coração das labaredas — nenhuma dor

registrada em ninguém sob o foco da câmera, exceto em Merry, no Sueco e em Dawn, juntos e horrorizados na sala de estar. De repente, despencando do nada bem no meio da sala, o nimbo de chamas, o monge impassível e a súbita liquefação, antes que ele tombasse de lado; na casa deles, todos aqueles monges sentados no meio-fio olhando impassíveis para a frente, alguns com as mãos unidas diante de si, no gesto asiático de paz e unidade; em sua casa, na estrada de Arcady Hill, o cadáver enegrecido e carbonizado, caído de costas, naquela rua vazia.

Foi isso que provocara tudo. Em sua casa, o monge veio para ficar, o monge budista sentado enquanto ardia, como se fosse um homem ao mesmo tempo totalmente consciente e anestesiado. A televisão, ao transmitir a imolação, *deve* ter provocado tudo. Se o aparelho deles por acaso estivesse sintonizado em outro canal, ou desligado, ou com defeito, se todos tivessem saído juntos como uma família que dá um passeio à noite, Merry nunca teria visto o que não deveria ter visto e assim nunca teria feito o que não deveria ter feito. Que outra explicação poderia haver?

— Essa gente tão b-b-b-b-boazinha — disse ela, enquanto o Sueco a segurava no colo, a frágil menina de onze anos, segurou-a bem junto de si, balançando a filha sem parar em seus braços. — Essa gente tão b-b-b-b-boazinha... — No princípio ela ficou tão apavorada que não conseguia nem chorar... só conseguia soltar essas três palavras. Apenas mais tarde, pouco depois de ir para a cama, quando se levantou e, com um uivo, saiu correndo do quarto para o corredor e dali para o quarto dos pais, e pediu, como não fazia desde os cinco anos de idade, para ficar na cama com eles, só então Merry foi capaz de deixar tudo fluir de dentro dela, todas as coisas horríveis que estava pensando. Todas as luzes ficaram acesas no quarto e os pais a deixaram tagarelar sem parar, sentada na cama entre os dois e falando até que dentro de Merry não houvesse mais palavras para provocar nela pânico ou terror. Quando ela adormeceu, um pouco depois das três horas, as luzes ainda estavam todas acesas — ela não deixou que os pais apagassem — mas pelo menos, a essa altura, Merry já tinha extravasado bastante e chorado o suficiente para sucumbir à própria exaustão.

— Será que a gente tem de d-d-d-d-d-derreter o corpo da gente no fogo para fazer as p-p-p-p-p-pessoas ent-t-t-tenderem? Será que alguém liga para os outros? Será que alguém tem consciência? Será que neste mundo alguém ainda tem consciência? — Toda vez que a palavra "consciência" lhe passava pelos lábios, ela começava a chorar.

O que podiam dizer a ela? Como poderiam responder? Sim, algumas pessoas têm consciência, muita gente tem consciência, mas infelizmente existem pessoas que não têm consciência, isso é verdade. Você tem sorte, Merry, você tem uma consciência bem desenvolvida. É admirável para alguém da sua idade ter uma consciência assim. Temos orgulho de ter uma filha com tanta consciência e que se importa tanto com o bem-estar dos outros e que é capaz de se compadecer com o sofrimento dos outros...

Merry não conseguiu dormir sozinha em seu quarto durante uma semana. O Sueco lia cuidadosamente os jornais a fim de ser capaz de explicar a ela por que o monge fizera aquilo. Tinha a ver com o presidente do Vietnã do Sul, general Diem, tinha a ver com corrupção, com eleições, com complexos conflitos políticos e regionais, tinha a ver com algo inerente ao budismo... Mas para Merry só tinha a ver com os extremos a que as pessoas são obrigadas a recorrer em um mundo onde a grande maioria não dispõe de um grama de consciência.

Justamente quando ela parecia ter superado a auto-imolação daquele monge ancião budista naquela rua do Vietnã do Sul e começava a ser capaz de dormir no próprio quarto, sem luz acesa e sem acordar aos berros duas ou três vezes por noite, aconteceu outra vez, um outro monge no Vietnã ateou fogo a si mesmo, depois um terceiro, um quarto... e uma vez iniciada a cena, o Sueco descobriu que não conseguia afastar a filha do televisor. Se ela perdesse uma auto-imolação no noticiário da noite, acordava cedo a fim de ver a cena repetida no noticiário da manhã, antes de ir para a escola. Eles não sabiam como de-ter a filha. O que ela fazia ao ver aquilo e ficar vendo como se não quisesse nunca mais parar de ver? O Sueco não queria que ela ficasse indiferente, mas não queria que se envolvesse daquele jeito. Estaria ela simplesmente tentando entender? Ten-tando dominar o próprio medo diante daquilo? Estaria tentando imaginar como alguém seria capaz de fazer uma coisa dessas a si mesmo? Estaria Merry imaginando a si mesma como um daqueles monges? Estaria assistindo com tanta atenção porque ainda estava apavorada ou agora assistia porque estava excitada? O que começava a abalar o Sueco, o que começava a deixá-lo com medo era a idéia de que Merry pudesse agora estar menos assustada do que curiosa, e logo ele mesmo acabou ficando obcecado, embora não, como Merry, pelos auto-imoladores no Vietnã, mas pela mudança de comportamento na sua filha de onze anos. O fato de Merry sempre ter desejado saber as coisas o deixara tremendamente orgulhoso da filha, desde o tempo em que era pequena,

mas será que ele queria mesmo que Merry soubesse tanto acerca de algo assim?

Será que é um pecado pôr fim à própria vida? Como os outros podem simplesmente ficar ali parados, olhando? Por que ninguém o deteve? Por que não apagaram as chamas? Ficam parados em volta e deixam que a cena seja transmitida pela tevê. Eles *querem* que a tevê transmita. Onde foi parar a *moralidade* dessa gente? E a moralidade das equipes de tevê que estão lá filmando?... Seriam essas as perguntas que Merry fazia a si mesma? Seria isso uma parte necessária do seu desenvolvimento intelectual? O Sueco não sabia. Ela assistia em absoluto silêncio, tão imóvel quanto o monge no centro das chamas, e depois não falava nada; mesmo quando o Sueco se dirigia a ela e perguntava, Merry apenas permanecia paralisada diante do televisor durante minutos sem fim, seu olhar perdido em algum ponto remoto, que não a tela faiscante, o olhar voltado para dentro — para dentro de si mesma, onde se supunha que estivessem a coerência e a certeza, onde tudo que ela não sabia iniciava uma gigantesca revolta, onde tudo que ficasse registrado jamais se apagaria...

Embora eles não soubessem como deter Merry, o Sueco tentou descobrir formas de desviar sua atenção, de fazer a filha esquecer essa loucura que estava acontecendo do outro lado do mundo por razões que nada tinham a ver com ela e com a sua família — levou-a com ele à noite para dar tacadas em bolas de golfe, levou-a para ver algumas partidas dos Yankees, levou a filha e Dawn para uma rápida viagem até a fábrica em Porto Rico e uma semana de férias em Ponce, na praia, e então, um dia, Merry acabou mesmo esquecendo, mas não devido a nada que ele tivesse feito. Tinha a ver com as imolações — elas cessaram. Houve cinco, seis, sete imolações e a seguir mais nenhuma, e pouco depois disso Merry tornou-se de novo ela mesma, voltou a pensar em coisas imediatas do seu cotidiano e mais adequadas para uma menina da sua idade.

Quando aquele presidente sul-vietnamita, Diem, o homem contra quem os monges mártires budistas dirigiam seu protesto — quando alguns meses depois ele foi assassinado (segundo um programa dominical matutino da CBS, assassinado pelos EUA, pela CIA, que antes o haviam levado ao poder), as notícias pareciam passar indiferentes por Merry, e o Sueco não as transmitiu para ela. Nessa altura, o lugar chamado Vietnã não existia mais para Merry, a não ser como um estranho e inimaginável pano de fundo para um vago programa de televisão que se havia encravado na sua mente

impressionável quando tinha onze anos de idade.

Merry nunca mais falou a respeito do martírio dos monges budistas, mesmo depois de se tornar tão comprometida com o seu protesto político. O destino daqueles monges naquele remoto ano de 1963 parecia não ter absolutamente nada a ver com o que deu ímpeto à expressão, em 1968, de uma veemência recém-desabrochada contra o envolvimento imperialista da América capitalista em uma guerra camponesa de libertação nacional... e no entanto seu pai gastava dias e noites tentando convencer a si mesmo de que não existia outra explicação, de que nenhuma outra coisa suficientemente horrível tinha acontecido com ela, não havia nenhuma outra razão nem de longe grande o bastante ou chocante o suficiente para explicar como a filha pôde ter se tornado uma terrorista.

Passaram-se cinco anos. Angela Davis, uma professora ne-gra de filosofia mais ou menos da idade de Rita Cohen — nascida no Alabama em 1944, oito anos antes do nascimento da Terrorista de Rimrock em New Jersey —, uma professora comunista na UCLA, que era contra a guerra, é julgada em San Francisco por seqüestro, assassinato e conspiração. É acusada de fornecer as armas usadas em uma tentativa de libertar à força três negros prisioneiros em San Quentin, durante o julgamento deles. Um tiro que matou o juiz de instrução foi atribuído a uma ordem de Angela Davis, alguns dias antes da batalha judicial. Durante dois meses ela viveu na clandestinidade, ludibriando o FBI, até ser presa em Nova York e extraditada para a Califórnia. No mundo inteiro, até na França, na Argélia e na União Soviética, seus simpatizantes alegam que ela é vítima de uma farsa política. Por toda parte em que a mulher é transportada pela polícia como prisioneira, negros e brancos aguardam nas ruas próximas, segurando cartazes para as câmeras de tevê e gritando: “Libertem Angela! Basta de repressão política! Basta de racismo! Basta de guerra!”.

O cabelo dela faz o Sueco se lembrar de Rita Cohen. Toda vez que vê aquela moita rodeando sua cabeça, ele recorda o que devia ter feito naquela tarde no hotel. Não devia ter deixado que Rita escapasse, não importa o que ele fizesse.

Agora o Sueco assiste aos noticiários para ver o rosto de Angela Davis. Lê tudo o que pode a respeito dela. Sabe que An-gela Davis pode conduzi-lo a sua filha. Lembra como, quando Merry ainda estava em casa, ele entrou no quarto dela, num sábado em que ela estava fora, em Nova York, abriu a gaveta de baixo da cômoda e, sentado na escrivaninha, leu tudo o que

havia ali, todos aqueles textos políticos, folhetos, brochuras, apostilas mimeografadas com os cartuns satíricos. Havia um exemplar do *Manifesto comunista*. Onde Merry tinha arranjado aquilo? Não foi em Old Rimrock. Quem a estava municiando com toda aquela literatura? Bill e Melissa. Não eram apenas diatribes contra a guerra — eram coisas escritas por pessoas que desejavam pôr abaixo o capitalismo e o governo dos EUA, pessoas que clamavam por violência e revolução. Era horrível para o Sueco topar com trechos que, confirmando que Merry era uma boa estudante, ela havia sublinhado com zelo, mas mesmo assim ele não conseguia parar de ler... e agora ele acredita que pode lembrar-se de alguma coisa escrita por Angela Davis naquela gaveta. Não havia mais como ter certeza, pois o FBI tinha confiscado todo o material, tinham colocado todas aquelas publicações em sacos usados para guardar provas, tinham lacrado os sacos e retirado tudo da casa. Eles haviam esquadrinhado o quarto de Merry de ponta a ponta, em busca de um conjunto confiável de impressões digitais que pudessem comparar com qualquer indício incriminador. Juntaram as contas de telefone da casa a fim de rastrear as ligações de Merry. Vasculharam o quarto dela em busca de esconderijos; levantaram tábuas do assoalho por baixo do tapete, removeram os lambris das paredes, retiraram o globo de luz do teto — revistaram as roupas de Merry no armário, à cata de coisas escondidas nas mangas. De-pois da explosão da bomba, a polícia estadual interrompeu o tráfego na estrada de Arcady Hill, bloqueou toda a área e doze agentes do FBI passaram dezesseis horas vasculhando a casa, do sótão ao porão; quando finalmente, na cozinha, fuçavam o saco de lixo do aspirador de pó em busca de "papéis", Dawn soltou um grito. E tudo porque Merry andava lendo Karl Marx e Angela Davis! Sim, agora o Sueco recorda nitidamente de haver sentado na escrivaninha de Merry e ter tentado ele mesmo ler Angela Davis, refletindo sobre tudo aquilo, imaginando como sua filha conseguira fazer uma coisa dessas, pensando. Ler aquele material é como mergulhar no fundo do mar. É como vestir um escafandro com uma janelinha colada na cara, respirar o ar injetado direto na boca, e não ter lugar nenhum para ir, lugar nenhum para se deslocar, lugar nenhum para enfiar um pé-de-cabra e fugir. É como ler aqueles minúsculos folhetos e cartõezinhos ilustrados sobre os santos que a velha senhora Dwyer costumava dar para Merry em Elizabeth. Felizmente a criança superou aquilo, mas, durante certo tempo, sempre que perdia sua caneta-tinteiro, Merry rezava para santo Antônio, e toda vez que achava que

não havia estudado o suficiente para uma prova, ela rezava para são Judas, e toda vez que a mãe a fazia passar a manhã de sábado limpando o seu quarto imundo, Merry rezava para são José, o padroeiro dos trabalhadores. Certa vez, quando tinha nove anos e alguns carolas em Cape May juraram que a Virgem Maria tinha aparecido para seus filhos na churrasqueira da sua casa e acorreu um monte de gen-te de toda parte, de lugares a quilômetros dali, para ver o lugar e manter vigília no quintal da casa deles, Merry sentiu-se fascinada, talvez menos pelo mistério da aparição da Virgem em New Jersey do que pelo fato de uma criança ter sido a escolhida para vê-la.

— Eu gostaria de ter visto — disse Merry ao pai, e lhe contou como aparições da Virgem Maria tinham ocorrido para três crianças pastoras em Fátima, Portugal, e o Sueco assentiu com um gesto de cabeça e conteve a língua; entretanto, quando o avô de Merry ouviu a neta falar da visão de Cape May, comentou com ela:

— Aposto que da próxima vez vão vê-la na leiteria Queen — um comentário que Merry repetiu quando foi para Elizabeth.

A vovó Dwyer então rezou para santa Ana a fim de ajudar Merry a continuar católica, apesar da sua criação, mas, após alguns anos, santos e preces haviam desaparecido da vida dela; parou de usar a Medalha Milagrosa, com a imagem da Virgem Maria estampada em relevo, a qual Merry tinha jurado para a avó Dwyer que usaria "perpetuamente", sem tirar nem mesmo para tomar banho. Merry superou os santos do mesmo modo que teria superado o comunismo. E ela *teria mesmo* superado aquilo — Merry superava tudo. Era só uma questão de meses. Talvez semanas, e toda a tralha metida naquela gaveta seria esquecida completamente. Tudo o que ela precisava fazer era esperar. Se pelo menos pudesse ter esperado. Essa era a história de Merry, em síntese. Ela era impaciente. Sempre foi impaciente. Talvez fosse a gagueira que a deixava impaciente, não sei. Mas o que quer que despertasse sua paixão, a paixão durava um ano, ela se fartava em um ano e depois se livrava daquilo da noite para o dia. Mais um ano e ela estaria pronta para entrar na faculdade. E aí teria descoberto uma coisa nova para odiar, uma coisa nova para amar, uma coisa nova para se envolver intensamente, e seria só isso.

Na mesa da cozinha, certa noite, Angela Davis apareceu diante do Sueco, assim como Nossa Senhora de Fátima para aquelas crianças em Portugal, assim como a Virgem Maria lá em Cape May. Ele pensa: Angela Davis pode me levar aonde Merry está — e lá estava Angela Davis. Sozinho na cozinha

à noite, o Sueco começa a ter bate-papos muito francos com Angela Davis, primeiro sobre a guerra, depois sobre tudo o que era importante para ambos. Da maneira que a vê, ela tem cílios compridos, usa grandes brincos em forma de argola e é ainda mais bonita do que parece na televisão. Suas pernas são longas e ela veste minivestidos para deixá-las à mostra. O cabelo é extraordinário. Desafiadoramente, Angela perscruta o mundo de dentro de sua cabeleira, como um porco-espinho. O cabelo diz: "Não se aproxime se não quer se machucar".

O Sueco conta para Angela tudo o que ela deseja saber, e em tudo o que ela diz ele acredita. Tem de acreditar. Ela elogia a sua filha, a quem chama de "soldado da liberdade, uma pioneira na grande luta contra a repressão". O Sueco deveria se orgulhar da bravura política da filha, diz Angela Davis. O movimento antiguerra é um movimento anti-imperialista e, ao levar a cabo um protesto da única maneira que a América compreende, Merry, aos dezesseis anos, representa a vanguarda do movimento, uma Joana D'Arc do movimento. Sua filha é a ponta-de-lança da resistência popular a um governo fascista e à supressão terrorista dos dissidentes. O que ela fez era um crime apenas porque aquilo era definido como um crime por um Estado criminoso ele mesmo, e perpetrará implacáveis agressões em qualquer parte do mundo a fim de preservar a dis- tribuição desigual da riqueza e as instituições opressoras da dominação de classe. A desobediência às leis opressivas, ela explica para o Sueco, inclusive a desobediência violenta, remonta ao movimento abolicionista — sua filha é igualzinha a John Brown!

O ato de Merry não era um ato criminoso, mas sim político, na luta pelo poder entre os fascistas contra-revolucionários e as forças de resistência — negros, chicanos, porto-riquenhos, índios, jovens que se recusavam a prestar serviço militar, ativistas antiguerra, jovens brancos heróicos como a própria Merry, trabalhando, quer por meios legais, quer por aquilo que Angela Davis denomina meios extralegais, para derrubar o estado policial de inspiração capitalista. E o Sueco não devia temer pela vida da sua fugitiva — Merry não está sozinha, é parte de um exército de oito mil jovens radicais que passaram para a clandestinidade a fim de melhor combater as injustiças sociais promovidas por uma ordem econômico-política opressiva. Angela lhe diz naquela noite que tudo o que o Sueco tinha ouvido a respeito do comunismo era mentira. Ele tinha de ir a Cuba, se queria ver uma ordem social que aboliu a injustiça racial e a exploração do trabalho e que funcionava em harmonia com as necessidades e aspirações do seu

povo.

Obediente, ele escuta. Ela diz que o imperialismo é uma arma usada pelos brancos ricos para pagar menos aos trabalhadores negros pelo seu trabalho, e aí ele aproveita correndo a oportunidade para falar com ela acerca da contramestra negra, Vicky, que trabalha há trinta anos na sua fábrica, uma mulher miúda, de perspicácia, vigor e honestidade impressionantes, com filhos gêmeos, formados na Newark Rutgers, Donny e Blaine, ambos agora cursando a faculdade de medicina. O Sueco conta para Angela Davis como Vicky ficou sozinha na fábrica com ele, o tempo todo, durante a revolta de 1967. Pelo rádio, a prefeitura mandava todo o mundo abandonar a cidade imediatamente, mas ele havia ficado, porque pensou que, permanecendo ali, talvez pudesse proteger o prédio dos vândalos e também porque as pessoas ficam em casa quando um furacão ataca, pois não podem deixar para trás as coisas que amam. Por uma dessas razões, Vicky também ficou.

Para acalmar os sediciosos que pudessem vir da avenida South Orange com suas tochas acesas, Vicky fizera cartazes e pregou-os onde ficassem bem visíveis, nas janelas do primeiro andar da Artigos de Couro para Senhoras Newark, grandes cartazes de cartolina branca com letras pretas: "A maioria dos empregados desta fábrica é NEGRA". Duas noites depois, todas as janelas com um cartaz colado foram espatifadas por um bando de brancos, ou vigilantes voluntários do norte de Newark ou, como Vicky desconfiava, policiais de Newark em um carro sem placa. Deram tiros nas janelas e fugiram, e esse foi o único da-no sofrido pela fábrica Artigos de Couro para Senhoras Newark durante os dias e noites em que Newark pegou fogo. E o Sueco conta tudo isso para santa Angela.

Um pelotão da jovem Guarda Nacional, que estava na rua Bergen para isolar a zona da revolta, montou acampamento ao lado do galpão de cargas da Artigos de Couro para Senhoras Newark, no segundo dia dos conflitos e, quando o Sueco e Vicky desceram levando café quente, Vicky conversou com todos eles — garotos uniformizados, de capacete e botas, ostensivamente armados com facas, fuzis e baionetas, garotos brancos do interior, do sul de Jersey, morrendo de medo. Vicky lhes disse:

— Pensem bem antes de atirar na janela de alguém! Não são "franco-atiradores"! São gente! São pessoas boas! Pensem bem!

Na tarde de sábado, o tanque estacionou em frente à fábrica — e o Sueco, vendo-o ali, pôde enfim telefonar para Dawn e dizer a ela "Conseguimos"

—, Vicky foi até lá e bateu com a mão fechada na tampa do tanque até que abrissem.

— Não façam loucuras! — gritou ela para os soldados lá dentro. — Não fiquem malucos, não, hem! As pessoas vão ter de viver aqui depois que vocês forem embora! Este lugar é a *casa* delas!

Depois, houve muitas críticas ao governador Hughes por ter enviado tanques, mas não da parte do Sueco — aqueles tanques puseram fim ao que poderia ter se tornado uma calamidade total. No entanto, isso ele não contou para Angela Davis.

Durante os dois piores dias, os mais apavorantes, sexta e sábado, 14 e 15 de julho de 1967, enquanto o Sueco se mantinha em contato com a polícia estadual por meio de um walkie-talkie e com o seu pai, pelo telefone, Vicky não saiu do seu lado. Ela disse:

— Isto também é meu. Você é só o dono.

Ele conta para Angela que sabia como eram as coisas entre Vicky e a família dele, sabia que era uma relação antiga e duradoura, sabia como todos eram muito chegados, mas jamais havia entendido exatamente que a devoção de Vicky à fábrica não era menor do que a dele próprio. O Sueco conta para Angela como, após todos os distúrbios, após viver sitiado com Vicky a seu lado, ele se sentiu resolvido a permanecer ali sozinho, não deixar Newark e não abandonar seus empregados negros. O Sueco, está claro, não conta para Angela que não teria hesitado — e ainda agora não hesitaria — em juntar tudo e mudar para outro lugar, não fosse pelo seu medo de que, caso ele se juntasse ao êxodo das empresas que ainda não tinham sido incendiadas, Merry teria afinal um argumento irrefutável contra ele. *Prejudicar os negros e a classe trabalhadora e os pobres só por causa dos lucros, por causa da ganância sórdida!*

Nos slogans idealistas não havia realidade nenhuma, nem uma gota, e no entanto o que mais ele podia fazer? Não podia fornecer à filha a justificativa para que cometesse uma loucura. Por isso ficou em Newark e, após os distúrbios, Merry acabou fazendo algo mais louco do que a loucura. Os distúrbios de Newark, depois a Guerra do Vietnã; a cidade, depois o país inteiro, e isso dava cabo da família Seymour Levov da estrada de Arcady Hill. Primeiro, o desastre colossal — sete meses depois, em fevereiro de 1968, a devastação do desastre seguinte. A fábrica sitiada, a filha sem rumo, e isso dava cabo do futuro deles.

E ainda por cima, depois que cessaram os tiros dos franco-atiradores,

depois que as chamas foram extintas, depois que contaram vinte e um habitantes de Newark mortos por tiros e a Guarda Nacional se retirou da cidade e Merry havia desaparecido, a qualidade da produção da Artigos de Couro para Senhoras Newark começou a cair por causa da negligência e da indiferença dos empregados do Sueco, um sensível declínio na qualidade da mão-de-obra que produzia o efeito de uma sabotagem, ainda que ele não pudesse usar esses termos. Por mais que sentisse a tentação de fazê-lo, o Sueco não contou para Angela Davis acerca do conflito com o pai, que sua decisão de permanecer em Newark havia precipitado; isso poderia despertar em Angela uma antipatia por Lou Levov e impedir que ela os levasse até onde estava Merry.

— O que temos agora — sustentava seu pai toda vez que vinha da Flórida para suplicar ao filho que desse o fora de lá antes que uma outra revolta destruísse o resto da cidade — é que cada etapa da produção daqui para a frente vai exigir não só uma, mas duas, três, quatro etapas. A cada passo fora do caminho, é preciso voltar e refazer tudo, cortar de novo, costurar de novo, e ninguém consegue alcançar a cota de produção do dia, ninguém está trabalhando direito. Uma empresa inteira está indo por água abaixo por causa desse filho da puta do LeRoi Jones, esse cascateiro cara-de-pau, sei lá como é que ele chama a si mesmo, metido naquele chapéu de merda. Eu construí isto aqui *com as minhas mãos*! Com o meu sangue! Eles pensam que alguém me deu isto aqui? Quem foi? Quem foi que me deu? Quem foi que alguma vez me deu alguma coisa? Ninguém! O que eu tenho, eu construí! Com trabalho, tra-ba-lho! Mas aí eles tomaram conta da cidade e agora vão tomar conta desta empresa e de tudo o que eu construí, dia a dia, *centímetro* por centímetro, e depois vão deixar *tudo* em ruínas! E isso vai trazer um bem enorme para todos eles! Tacam fogo nas próprias ca-sas, ah, isso vai mostrar uma coisa para esses brancos safados! Não consertem, não. Queimem. Ah, isso faz maravilhas pelo orgulho negro de um ser humano, uma cidade completamente em ruínas para a gente morar! Uma grande cidade transformada em uma nulidade completa! Eles vão adorar viver num lugar assim! E *eu* contratei essa gente! Não é mesmo engraçado? *Eu contratei essa gente!* "Você é doido, Levov." Era isso que meus amigos na sauna me diziam antigamente: "Para que está contratando *schwartzes*? Não vão fabricar luvas, Levov, vão fabricar bosta". Mas eu contratei os negros, tratei-os como seres humanos, papariquei Vicky durante vinte e cinco anos, todo ano comprei para todas as moças um peru na droga do Dia

de Ação de Graças, toda manhã chegava preocupado, aflito para paparicar ao máximo todas elas. "Como vai todo o mundo?", eu dizia. "Como vamos, hem, estou sempre à disposição de vocês, não quero que tenham nada para reclamar de mim, aqui nesta mesa não está apenas um patrão, aqui está um aliado de vocês, um companheiro, um amigo." E a festa que dei para os gêmeos de Vicky quando se formaram? E como eu era bobo! *Sou* bobo. Até hoje! Estou na beira da piscina e meus esplêndidos amigos levantam os olhos do jornal, dizem que deveriam colocar os negros em fila e fuzilar todos eles, e sou eu quem tem de lembrar a eles que foi isso que Hitler fez com os judeus. E sabe o que é que eles me respondem? "Como pode comparar os *schwartzes* com os judeus?" Eles me dizem que era melhor fuzilar os negros e eu esbravejo que não, e enquanto isso é a minha empresa que eles estão arruinando porque não conseguem fazer uma luva que vista direito. Corte ruim, a costura está errada... a luva nem mesmo *encaixa*. Gente descuidada, descuidada, e isso é imperdoável. Uma operação dá errado, todo o processo fica prejudicado, de ponta a ponta, e apesar disso eu ainda fico lá discutindo com aqueles fascistas escrotos, Seymour, homens judeus, homens da minha idade que viram as mesmas coisas que eu vi, que deviam saber muito bem, *deviam estar fartos de saber* que quando estou discutindo com eles *estou indo contra aquilo que eu deveria estar defendendo*!

— Bem, às vezes a gente acaba mesmo fazendo isso — falou o Sueco.

— Por quê? Me diga por quê!

— Suponho que seja uma questão de consciência.

— *Consciência*? E onde está a consciência *deles*, desses *schwartzes*? Onde foi parar a consciência *deles* depois de trabalhar para mim durante vinte e cinco anos?

Por mais que tivesse lhe custado negar ao pai alívio para o seu sofrimento, contestando teimosamente a verdade do que ele estava dizendo, o Sueco não podia se deixar dobrar pelos argumentos do velho pela simples razão de que, se Merry viesse a saber — e ela saberia, por intermédio de Rita Cohen, se Rita Cohen tivesse mesmo alguma coisa a ver com ela — que a Artigos de Couro para Senhoras Newark havia deixado a fábrica na avenida Central, ela teria enorme prazer em poder pensar assim: "Ele fez a mesma coisa! É tão podre quanto o resto! Meu próprio pai! Tudo se justifica pelo princípio do lucro! Tudo! Newark é apenas uma colônia de negros para o meu próprio pai explorar. Explorar, explorar e depois,

quando houver algum problema, que se fodam!".

Esses pensamentos, e outros ainda mais idiotas — engendrados na mente da filha por coisas do tipo do *Manifesto comunista* — acabariam sem dúvida eliminando toda e qualquer chance de voltar a ver Merry. A despeito de tudo o que o Sueco pudesse contar para Angela Davis capaz de influenciar favoravelmente a filha no tocante à sua recusa em abandonar Newark e seus empregados negros, o Sueco sabe que as complicações pessoais decorrentes dessa decisão podem não se coadunar com as supremas transcendências do ideal de santa Angela, e assim ele resolve, em vez disso, explicar para uma miragem que ele é um dos curadores brancos (não é verdade — o pai de um amigo é o curador) de uma organização de combate à pobreza que se reúne regularmente em Newark a fim de promover a volta das empresas para Newark, coisa em que ele ainda acredita (também não é verdade — como poderia acreditar?). Conta para Angela que participa de reuniões em toda Newark, apesar dos receios de sua esposa. Tem tentado fazer todo o possível para a libertação da gente dela. O Sueco lembra a si mesmo de repetir essas palavras para Angela todas as noites: a libertação da gente dela, as colônias negras da América, a desumanidade da sociedade, a humanidade em guerra.

Ele não conta para Angela que sua filha está se gabando infantilmente, mentindo a fim de impressioná-la, que sua filha não conhece nada sobre dinamite ou revolução, que isso para ela são só palavras que sua filha esbraveja para se sentir poderosa, apesar do seu problema de dicção. Não, Angela é a pessoa que conhece o paradeiro de Merry e, se Angela veio até ele desse jeito, não é uma mera visita social. Por que diabos Angela Davis iria despencar de repente no meio da cozinha da casa dos Levov em plena Old Rimrock, à meia-noite, todas as noites, se não fosse ela a líder revolucionária destinada a zelar pelo bem-estar de sua filha? Que outro motivo poderia haver para ela — por que outra razão ela continuaria a voltar?

Portanto o Sueco lhe diz *sim*, sua filha *é* um soldado da liberdade, sim, ele *está* orgulhoso, sim, tudo o que ele ouviu sobre o comunismo *é* mentira, sim, os Estados Unidos *só estão* preocupados em tornar o mundo seguro para os negócios e evitar que os desprivilegiados ataquem os privilegiados — sim, os Estados Unidos são responsáveis pela opressão *em toda parte*. Tudo é justificado pela causa de Angela Davis, de Huey Newton, de Bobby Seale, de George Jackson, de Merry Levov. Enquanto isso, o Sueco não

menciona o nome de Angela Davis para ninguém, sem dúvida não para Vicky, que acha que Angela Davis é uma arruaceira e que vive dizendo isso para as moças na fábrica. Sozinho e em segredo, o Sueco reza — reza ardorosamente para Deus, para Jesus, para qualquer um, para a Virgem Maria, para santo Antônio, são Judas, santa Ana, são José — em favor da libertação de Angela Davis. E quando isso afinal acontece, ele se sente exultante. Ela está livre! Mas não lhe envia a carta que escreve sentado na cozinha naquela noi-te, e tampouco algumas semanas depois, quando Angela, em Nova York, atrás de uma barragem de vidro a prova de balas e diante de quinze mil simpatizantes entusiasmados, pede a liberdade de prisioneiros políticos detidos sem um julgamento adequado e presos injustamente. Libertem a Terrorista de Old Rimrock! Libertem a minha filha! Libertem Merry, por favor, gri-ta o Sueco.

— Creio que é chegada a hora — afirma Angela Davis — de todos nós começarmos a dar aos governantes deste país algumas lições. — Sim, grita o Sueco, sim, *é* chegada a hora, uma revolução socialista nos Estados Unidos da América! No entanto, ele permanece sozinho na mesa da cozinha de sua casa porque ainda não pode fazer nada daquilo que devia fazer, nem acreditar em nada daquilo em que devia acreditar, e nem sequer conseguia mais saber direito em que ele acreditava realmente. Será que Merry fez mesmo aquilo ou não fez? Ele devia ter trepado com Rita Cohen, se assim pudesse descobrir — foder a terroristazinha sexual conivente até que ela virasse sua escrava! Até que ela o levasse ao esconderijo onde eles fabricavam bombas! *Se você quer mesmo ver sua filha tanto quanto está dizendo, é só ficar calmo, vir aqui e dar uma trepadinha bem gostosa com Rita Cohen*. Ele devia ter olhado para a boceta dela, devia ter sentido o seu gosto e devia ter trepado com ela. Seria isso o que qualquer outro pai teria feito? Se ele era ca-paz de fazer qualquer coisa por Merry, por que não aquilo? Por que ele fugiu?

E isso é só uma parte do que significa "Passaram-se cinco anos". Uma parte bem pequena. Tudo o que ele lê, vê ou ouve tem uma única significação. Nada é percebido de maneira impessoal. Durante um ano inteiro ele não consegue ir à vila sem olhar para o local onde o mercadinho ficava anteriormente. Para comprar um jornal, um litro de leite ou um butijão de gás, o Sueco precisa ir de carro direto até Morristown, e a mesma coisa faz todo o mundo em Old Rimrock. A mesma coisa para comprar um selo. A vila é praticamente uma rua. Seguindo para leste, há uma igreja

presbiteriana nova, um prédio pseudocolonial que não chama muita atenção e substituiu a antiga igreja presbiteriana, que se incendiou até as fundações na década de 20. Um pouco além da igreja ficam os Carvalhos, um par de carvalhos de duzentos anos de idade que são o orgulho da cidade. Uns trinta metros depois dos Carvalhos, fica a antiga oficina de ferreiro que foi transformada, pouco antes do ataque a Pearl Harbor, na Loja do Lar, onde as mulheres da região compram papel de parede, abajures e bugigangas, e ouvem os conselhos

da senhora Fowler a respeito da decoração de interiores. Na extremidade da rua, fica a oficina mecânica dirigida por Perry Hamlin, um primo beberrão de Russ Hamlin, que também sabe empalhar cadeiras, e depois, além da oficina, abrangendo uns quinhentos acres, fica o terreno ondulado da fazenda leiteira de Paul Hamlin, que trabalha ali e vem a ser o irmão caçula de Perry. Morros como esses onde os Hamlin vêm criando gado há duzentos anos se estendem de nordeste para sudoeste, numa faixa de cinqüenta ou sessenta quilômetros de largura, atravessando o norte de Jersey ao lado de Old Rimrock, uma cadeia de pequenas montanhas que continuam e adentram pelo estado de Nova York onde se transformam nas montanhas Catskills, e daí seguem toda vida até o Maine.

Em uma linha diagonal, diante do lugar onde ficava o mercadinho, se encontra o prédio da escola, recoberto de reboco amarelo, com seis salas de aula. Antes de a enviarem à escola Montessori e depois à escola secundária em Morristown, Merry fora aluna daquela escola, durante as quatro séries primárias. Todas as crianças que vão estudar ali vêem todos os dias o lugar onde ficava o mercadinho, assim como as professoras, assim como os pais quando vêm de carro para a cidade. O Clube Comunitário se reúne na escola, servem ali sua sopa de galinha, as pessoas votam na escola e todo o mundo que vai de carro até lá e vê o lugar onde ficava o mercadinho pensa na explosão e no bom homem que a bomba matou, pensa na menina que colocou a bomba e, com graus variados de compaixão e de desprezo, pensa na família dela. Algumas pessoas se mostram francamente amigáveis; outras, o Sueco sabe, tentam de todas as formas evitar encontros com ele. Recebe cartas anti-semitas. É tão sórdido que ele fica doente durante vários e vários dias. Ele ouve comentários por acaso. Dawn ouve comentários por acaso. “Morei aqui a vida inteira. Nunca vi nada igual a isso antes.” “Mas o que se pode esperar? Eles não têm nada o que fazer aqui.” “Pensei que fossem boas pessoas, mas a gente nunca sabe direito.” Um editorial no

jornal local, registrando a tragédia e recordando o saudoso doutor Conlon, é fixado com percevejos no mural de avisos do Clube Comunitário e fica ali pendurado, bem em frente à rua. Não existe uma maneira de o Sueco retirar o jornal dali, por mais que ele desejasse fazê-lo,

ao menos pelo bem de Dawn. Era de se pensar que, exposto à chuva, ao vento, ao sol e à neve, o papel fosse se esfarelar em semanas, mas ele não só permanece intato como também quase completamente legível durante um ano inteiro. O editorial se intitula "Doutor Fred". "Vivemos em uma sociedade em que a violência vem se tornando cada vez mais presente... não sabemos por que, e talvez nunca venhamos a entender... a raiva que todos nós sentimos... nossos sentimentos se voltam todos para a vítima e sua família, para os Hamlin, e para toda uma comunidade que está tentando compreender e enfrentar o que aconteceu... um homem excelente e um médico maravilhoso que cativava a nós todos... um fundo especial em memória ao 'Doutor Fred'... para contribuir nessa homenagem em memória dele, um fundo para ajudar as famílias pobres da cidade que necessitem de cuidados médicos... neste tempo de dor, devemos agir com compaixão em sua memória..." Ao lado do editorial, há um artigo intitulado "A distância cura todas as mágoas", que começava assim: "Nós todos esquecemos logo..." e continua, "...que a distância tranqüilizadora vem mais depressa para uns do que para outros... O reverendo Peter Baliston da Primeira Igreja Congregacional, em seu sermão, tentou encontrar um ponto positivo em toda essa tragédia... fará a comunidade se unir mais na dor compartilhada... O reverendo James Viering da igreja de St. Patrick fez uma homilia emocionada...". Ao lado desse artigo, vinha uma outra matéria, que não tinha nada a ver com as outras, mas o Sueco não podia rasgar esse texto, assim como não podia rasgar os outros, portanto o papel também ficou ali espetado durante um ano. É uma entrevista com Edgar Bartley — a entrevista e a fotografia de Edgar no jornal, mostrando-o de pé diante da casa da sua família, com uma pá e seu cachorro, e atrás dele o caminho para a porta da casa, de onde a neve fora varrida pouco antes. Edgar Bartley é o menino de Old Rimrock que levou Merry ao cinema em Morristown, dois anos antes da explosão da bomba. Estava um ano adiantado em relação a ela, na escola secundária, um garoto da altura de Merry e, até onde o Sueco se lembrava dele, com uma boa aparência, embora tremendamente tímido e um pouquinho biruta. A matéria do jornal apresenta o menino como o namorado de Merry na época da explosão, todavia, até onde os pais de

Merry estavam informados, o encontro de Merry com Edgar dois anos antes foi a única vez em que os dois saíram juntos, a única vez em que Merry saiu com um menino. Por uma razão ou outra, alguém sublinhou de preto todas as citações atribuídas a Edgar. Talvez algum amigo dele tivesse sublinhado o texto, a título de brincadeira, uma brincadeira de colegas da escola secundária. Talvez o artigo com a foto dele tivesse sido preso ali por brincadeira. Mas, brincadeira ou não, continua ali, mês após mês, e o Sueco não consegue se livrar dele. "Não parece uma coisa real... nunca pensei que ela fosse fazer uma coisa dessas... Para mim, ela era uma menina muito legal. Nunca a ouvi falar coisas ruins. Tenho certeza de que algum parafuso se soltou na cabeça dela... Espero que a encontrem para que receba a ajuda de que necessita... Sempre achei que Old Rimrock era um lugar onde nada de ruim podia acontecer com a gente. Mas agora sou que nem todo o mundo, vivo olhando para trás. Vai passar muito tempo antes que as coisas voltem ao normal... Estou tentando reagir. Eu preciso. Tenho de esquecer tudo isso. Como se nada tivesse acontecido. Mas é muito triste."

O único consolo que o Sueco pode tirar do quadro de avisos do Clube Comunitário é que ninguém prendeu ali a matéria cujo título diz: "Suspeita de ser terrorista é descrita como inteligente, talentosa, mas 'de temperamento teimoso'". Essa ele *teria* rasgado. Teria de ir até lá no meio da noite e rasgar o jornal. Essa matéria não é pior do que qualquer uma das demais publicadas na ocasião, não só no semanário local como também nos jornais de Nova York — o *Times*, o *Daily News*, o *Daily Mirror*, o *Post*; nos diários de Jersey — o *Newark News*, o *Newark Star-Ledger*, o *Morristown Record*, o *Bergen Record*, o *Trenton Times*, o *Paterson News*; nos jornais dos arredores da Pennsylvania — o *Philadelphia Inquirer*, o *Philadelphia Bulletin* e o *Easton Express*; e nas revistas *Time* e *Newsweek*. A maioria dos jornais e agências de notícias deixou a história de lado após a primeira semana, mas o *Newark News* e o *Morris-town Record* em especial não queriam abandonar o assunto de jeito nenhum — o *News* pôs três repórteres importantes cui-dando do caso, e os dois jornais ficaram repisando suas histórias sobre a Terrorista de Rimrock todos os dias durante se-manas. O *Record*, voltado para o público local, não parava de lembrar seus leitores que a explosão da bomba em Rimrock fora a maior calamidade no município de Morristown desde o dia 12 de setembro de 1940, quando a Fábrica de Pólvora Hér-cules explodiu, a uns vinte quilômetros dali, em Kenvil, matando cinqüenta e duas pessoas e ferindo trezentas. Houve um

assassinato de um pastor protestante e de um mestre de coro de igreja no final da década de 20, no município de Middlesex, em um beco na saída de New Brunswick, e na aldeia de Morris de Brookside acontecera um assassinato cometido por um paciente internado no asilo para doentes mentais em Greystone, que fugiu do hospício, foi até a casa do tio em Brookside e abriu a cabeça do homem com um machado — e essas histórias, também, foram desencavadas e requentadas pelo jornal. E, é claro, o rapto de Lindbergh lá em Hopewell, New Jersey, o seqüestro e assassinato do filho pequeno de Charles A. Lindbergh, o famoso aviador que cruzou o Atlântico — isso, também, os jornais recontavam de forma sensacionalista, repetindo detalhes de trinta anos atrás sobre o resgate, o cadáver do bebê massacrado, o julgamento de Flemington, reprodução de textos do jornal de abril de 1936 sobre a eletrocussão de um condena- do por rapto e assassinato, um carpinteiro imigrante chamado Bruno Hauptman. Dia após dia, Merry Levov é citada no contexto da escassa história das atrocidades da região — seu nome surge diversas vezes ao lado do nome de Hauptman — e mesmo assim nada do que foi escrito o magoa de maneira tão feroz quanto a história sobre o "temperamento teimoso" da filha no semanário local. Há algo oculto ali — ainda que de forma implícita — um certo grau de esnobismo provinciano, de ingenuidade, de pura burrice, que o deixa tão enraivecido que ele não poderia tolerar ver aquilo exposto para que todo o mundo lesse e balançasse a cabeça diante do quadro de avisos do Clube Comunitário. Seja lá o que Merry tivesse feito, o Sueco não poderia permitir que a vida dela ficasse exposta daquele jeito diante da escola.

SUSPEITA DE SER A TERRORISTA
É DESCRITA COMO INTELIGENTE,
TALENTOSA, MAS COM UM
"TEMPERAMENTO TEIMOSO"

Para seus professores na Escola Comunitária de Old Rimrock, Meredith "Merry" Levov, acusada de explodir uma bomba no mercadinho Hamlin's e matar o doutor Fred Conlon, era conhecida como uma menina de muito talento, uma ótima aluna e uma criança que jamais contestava a autoridade dos mais velhos. Pessoas que investigam sua infância em busca de alguma explicação para o ato violento de que é suspeita continuam intrigadas quando se recordam dela como uma menina gentil, cheia de vitalidade.

"Não conseguimos acreditar", disse Eileen Morrow, a diretora da escola, a respeito da suspeita de ser ela a terrorista. "É difícil entender por que isso aconteceu."

Como aluna na escola primária com seis salas de aula, disse a diretora Morrow, Merry Levov "era muito gentil e nunca dava trabalho".

"Ela não era o tipo de pessoa que faria isso", afirmou a senhora Morrow. "Pelo menos, não quando a conhecemos, aqui."

Na escola comunitária, Merry Levov teve sempre conceito A e participava de todas as atividades escolares, disse a senhora Morrow, e era estimada pelos alunos e pelos professores.

"Ela era dedicada e entusiasmada, e exigia muito de si mesma", disse a senhora Morrow. "Seus professores a respeitavam como uma aluna de qualidade e seus colegas a admiravam."

Na escola comunitária de Old Rimrock, Merry Levov era uma talentosa aluna nas aulas de arte e uma líder nas equipes esportivas, sobretudo em *kickball*. "Era uma menina normal que estava crescendo", disse a senhora Morrow. "Isso é uma coisa que nós nunca sonhamos que pudesse um dia ocorrer", declarou a diretora. "Infelizmente, ninguém pode adivinhar o futuro."

A senhora Morrow declarou que, na escola, Meredith se ligava a "alunos exemplares", embora demonstrasse um "temperamento teimoso", por exemplo recusando-se às vezes a fazer tarefas escolares que julgava desnecessárias.

Outros também recordaram o temperamento teimoso da suposta terrorista, quando ela se tornou aluna da escola secundária de Morristown. Sally Curren, uma colega de turma de dezesseis anos, descreveu Meredith como alguém com uma atitude que definiu como "arrogante e superior a todo o mundo".

Mas Barbara Turner, de dezesseis anos, disse que Meredith "parecia uma menina legal, embora tivesse suas convicções".

Apesar de os alunos da escola secundária de Morristown indagados sobre Merry terem impressões diferentes, todos os que a conheceram concordam que ela "falava à beça sobre a Guerra do Vietnã". Alguns alunos recordam de Merry "berrando enfurecida" quando alguém se opunha ao seu modo de encarar a presença de tropas americanas no Vietnã.

Segundo o seu professor de estudo dirigido, senhor William Paxman, Meredith "estudava muito e tirava boas notas, A e B", e manifestou um forte interesse em cursar a universidade em que ele mesmo estudara, Penn State.

"Quando a gente fala da família dela, todo o mundo diz 'Que família boa'", comentou o senhor Paxman. "Simplesmente não dá para acreditar que isso tenha realmente acontecido."

A única palavra sombria acerca das atividades de Meredith proveio de um dos professores da suposta terrorista, que foi entrevistado por agentes do FBI. "Eles me disseram: 'Recebemos um bocado de informações interessantes a respeito da senhorita Levov'."

Durante um ano, persiste "o lugar onde ficava o mercadinho". Depois começa a construção de um novo mercadinho e, mês após mês, o Sueco observa o prédio ir se erguendo. Certo dia, aparece uma grande faixa vermelha, branca e azul — "Am-pliado! Novo! Novo! Novo! Mercadinho McPherson's!" — anunciando a grande inauguração no dia 4 de julho. O Sueco teve de fazer Dawn sentar à sua frente e dizer-lhe que iam fazer compras no novo mercado como todo o mundo e, embora por um tempo aquilo não fosse ser fácil para eles, no final... Mas nunca é fácil. Ele não consegue entrar no novo mercado sem lembrar o antigo, muito embora Russ Hamlin tenha se aposentado e o novo mercado seja propriedade de um casal jovem de Easton que não liga a mínima para o passado e que, além de um mercadinho ampliado, instalou também uma padaria e confeitaria que faz bolos e tortas deliciosos, bem como pães e rocamboles fresquinhos todos os dias. Nos fundos do merca- dinho, ao lado da janela da agência do correio, há agora um pequeno balcão onde se pode tomar uma xícara de café e comer um bolinho fresco, sentar e conversar fiado com seu vizinho ou ficar lendo o seu jornal, se quiser. McPherson's representa

uma tremenda melhora em relação ao antigo Hamlin's, e logo todo o mundo parece ter esquecido o rústico mercadinho, velho e fora de moda, exceto os próprios Hamlin e os Levov. Dawn não conseguia nem chegar perto do novo mercado, simplesmente se recusava a entrar lá, ao passo que o Sueco considerava uma obrigação sua, todo sábado de manhã, sentar-se no balcão com seu jornal e uma xícara de café, a despeito do que possam estar pensando as pessoas que o vêem ali sentado. Ele compra o seu jornal de domingo ali também. Compra os selos ali. Podia trazer selos do escritório para casa, podia despa- char toda a correspondência da família em Newark, mas prefere prestigiar o guichê da agência de correio do mercadinho McPherson's e ficar ali debruçado batendo papo sobre o tempo com a jovem Beth McPherson, do modo como antes desfrutava o mesmo momento com Mary Hamlin, a esposa de Russ.

Isso era a vida exterior. Usando ao máximo sua habilidade, o Sueco conduzia essa vida exatamente do jeito que era antes. Mas agora vinha acompanhada de uma vida interior, uma horrível vida interior feita de obsessões tirânicas, fantasias tenebrosas, conversas imaginárias, perguntas sem possibilidade de resposta. Insônia e autopunição, noite após noite. Enorme solidão. Remorsos implacáveis, mesmo daquele beijo quando Merry tinha onze anos e ele, trinta e seis, e os dois, com trajes de banho, iam juntos de carro para casa, de volta da praia Deal. Teria *isso* provocado tudo? Poderia *alguma coisa* ter provocado tudo? Será que *nada* tinha provocado tudo?

Me beije do jeito que você b-b-b-b-beija a m-m-m-mamãe.

E, no mundo cotidiano, nada se pode fazer senão levar a vida adiante, de forma respeitável, a gigantesca farsa de viver como se ele ainda fosse o mesmo de antes, com toda a vergonha de trazer no rosto a máscara do homem ideal.

5

1o de setembro de 1973

Caro senhor Levov,

Merry está trabalhando no antigo hospital de cães e gatos de New Jersey, na avenida Railroad, no setor ferroviário de Newark, avenida Railroad 115, N.J., a cinco minutos da Penn Station. Todo dia ela está lá. Se o senhor esperar do lado de fora, pode ver Merry saindo do trabalho e indo para casa logo depois das quatro da tarde. Ela não sabe que estou escrevendo esta carta para o senhor. Cheguei ao meu limite e não posso continuar. Quero ir embora mas não tenho com quem deixá-la. O senhor precisa tomar conta dela. Mas advirto o senhor de que, caso diga a Merry que soube do seu paradeiro por meu intermédio, vai estar fazendo a sua filha um grande mal. Ela é um espírito incrível. Mudou tudo para mim. Entrei nisso de cabeça porque não pude resistir à força dela. Isso já não vem ao caso aqui. O senhor tem de acreditar em mim quando lhe digo que eu nunca disse nada nem fiz nada senão aquilo que Merry me pedia para dizer e fazer. Ela é uma força avassaladora. O senhor e eu estivemos no mesmo barco. Só menti para ela uma vez. Foi sobre aquilo que aconteceu no hotel. Se eu tivesse contado a Merry que o senhor se recusou a fazer amor comigo, ela teria recusado a idéia de ficar com o dinheiro. Ela teria voltado a mendigar nas ruas. Eu jamais teria feito o senhor sofrer assim se eu não tivesse a força do meu amor por Merry para me ajudar. Para o senhor, isso vai parecer maluquice. Mas estou dizendo que foi assim mesmo. Sua filha é divina. A gente não pode ficar diante de um sofrimento como esse sem sucumbir à sua força sagrada. O senhor não sabe a nulidade que eu era antes de conhecer Merry. Eu estava destinada ao esquecimento. Mas não posso mais continuar. O SENHOR NÃO DEVE CITAR MEU NOME PARA MERRY A NÃO SER COMO UMA PESSOA QUE O ATORMENTOU EXATAMENTE COMO FIZ NA REALIDADE. NÃO MENCIONE ESTA CARTA, SE O SENHOR SE IMPORTA COM A SOBREVIVÊNCIA DE MERRY. O senhor deve tomar muitas precauções antes de ir ao hospital. Ela não conseguiria sobreviver ao FBI. Seu nome é Mary Stoltz. Ela deve ter a chance de cumprir o seu destino. Podemos somente assistir como testemunhas à angústia que a santifica.

A discípula que chama a si mesma "Rita Cohen"

O Sueco nunca conseguiu extirpar a coisa inesperada. A coisa inesperada estaria ali, aguardando por ele, invisível, pelo resto da sua vida, amadurecendo, pronta para explodir, apenas um milímetro atrás de todo o resto. A coisa inesperada era o outro *lado* de todo o resto. Ele já se separara de tudo, depois refizera tudo, e agora, quando tudo parecia estar voltando a ficar sob o seu controle, o Sueco se via compelido a se separar de tudo outra vez. E se isso acontecesse, se a coisa inesperada se transformasse na única coisa que existia...

Coisa, coisa, coisa, coisa — mas que outra palavra seria tolerável? Eles não podiam viver para sempre escravizados à porra dessa coisa! Durante cinco anos o Sueco estivera esperando por uma carta assim — tinha de chegar. Toda noite, na cama, ele suplicava a Deus que fizesse chegar a carta

na manhã seguinte. E então, naquele espantoso ano de transição de 1973, o ano do milagre de Dawn, durante aqueles meses em que Dawn se dedicava de corpo e alma a planejar como seria a casa nova, o Sueco havia começado a temer o que poderia encontrar no correio da manhã, ou o que poderia ouvir cada vez que atendia o telefone. Como ele poderia permitir que a coisa inesperada voltasse para a vida deles agora que Dawn expulsara dela para sempre a incongruência daquilo que havia acontecido? Fazer sua esposa voltar a ser ela mesma tinha sido como atravessar de avião uma tempestade de cinco anos. Ele havia satisfeito todas as exigências. A fim de desembaraçá-la do seu horror, nada havia que o Sueco não tivesse feito. A vida havia revertido mais ou menos às suas proporções reconhecíveis. Agora, rasgue essa carta e jogue fora. Finja que ela nunca chegou.

Como Dawn tinha sido internada em uma clínica perto de Princeton devido a uma depressão suicida, o Sueco se habituara a pensar que o dano seria permanente e que ela só seria capaz de viver sob o cuidado de psiquiatras, tomando sedativos e medicamentos antidepressivos — que viveria entrando e saindo de hospitais psiquiátricos e que ele passaria o resto da vida visitando Dawn nesses hospitais. O Sueco imaginava que uma ou duas vezes por ano haveria de ver-se sentado ao lado da cama de Dawn, em um quarto sem fechadura na porta. Haveria flores, que ele enviaria para ela, em uma jarra sobre a escrivaninha; no peitoril da janela, as heras que ele traria do escritório dela, pensando que talvez a ajudasse ter alguma coisa para cuidar; sobre a mesinha de cabeceira, fotografias emolduradas do Sueco, de Merry, dos pais e do irmão de Dawn. Ao lado da cama estaria ele mesmo, segurando a mão de Dawn, enquanto ela, meio sentada, com a cabeça apoiada nos travesseiros, com sua calça Levi's e um grande suéter de gola rulê, chorava:

— Estou assustada, Seymour. Fico o tempo todo assustada.

Ele ficaria sentado com toda a paciência ao lado dela, sempre que começasse a tremer, e diria a sua esposa para simplesmente respirar com calma, devagar, e pensar no lugar mais agradável no mundo que ela conhecia, imaginar a si mesma no lugar mais maravilhoso e mais calmo do mundo inteiro, uma praia tropical, uma montanha magnífica, uma paisagem de férias da sua infância... e o Sueco faria a mesma coisa quando a tremedeira tivesse sido provocada por insultos que Dawn dirigira contra ele. Meio sentada na sua cama, enrolando-se nos próprios braços como se quisesse se esquentar, ela ocultaria o corpo todo dentro do suéter —

convertia o suéter em uma tenda, levantando a gola rulê até o queixo, esticando as costas até cobrir a bunda e puxando a parte da frente por sobre os joelhos dobrados, até cobrir as pernas inteiras e passar a beirada do suéter por baixo dos pés. Muitas vezes, ela ficaria assim, embaixo de uma tenda, todo o tempo que o Sueco estivesse ali.

— Sabe que uma vez fui a Princeton? Fui sim! Fui convidada pelo governador. Para a mansão dele. Aqui, em Princeton, para a mansão dele. Jantei na mansão do governador. Eu tinha vinte e dois anos... usava um vestido de noite e morria de medo. O motorista dele me trouxe de Elizabeth e eu dancei com a minha coroa na cabeça com o governador de New Jersey... e aí como é que *isso* foi acontecer? Como é que vim parar *aqui*? Você, foi por isso! Você não me deixava em paz! *Tinha* de ficar comigo! *Tinha* de casar comigo! Eu só queria ser professora! É isso que eu *queria*. Eu *tinha* um emprego. Eu tinha um emprego me *esperando*. Ensinar música às crianças nas escolas de Elizabeth, e que os rapazes me deixassem em paz, e era só isso que eu queria. Nunca quis ser Miss América! Nunca quis casar com *ninguém*. Mas você não me deixava nem *respirar* — não me deixava sumir da sua *vista*. Tudo o que sempre quis foi apenas cursar minha faculdade e ter aquele emprego. Eu nunca deveria ter saído de Elizabeth! Nunca! Sabe o que a Miss New Jersey fez pela minha vida? Arruinou tudo. Eu fui lá apenas para conseguir a maldita bolsa de estudos, para que Danny pudesse entrar para a faculdade e meu pai não precisasse pagar. Você acha que se o meu pai não tivesse o enfarte eu teria entrado para o concurso de misses do município de Union? Não! Eu só queria ganhar o dinheiro, e assim Danny poderia entrar para a faculdade sem pesar no bolso do meu pai! Não fiz isso para que os rapazes ficassem andando atrás de mim por toda parte, eu estava tentando ajudar as coisas em casa! Mas aí você chegou. Você! Essas mãos! Esses ombros! Enorme na minha frente com esse seu *queixo*! Esse animal enorme de que eu não conseguia me livrar! Você não me deixava viver! Toda vez que eu erguia o rosto, lá estava o meu namorado, todo bobo porque eu era uma ridícula rainha da beleza! Você era que nem uma *criança*! Você tinha de me transformar em uma *princesa*. Bem, olhe só onde eu vim parar! Em um hospício! Sua princesa, em um *hospício*!

Durante anos e anos, Dawn ficaria pensando como é que o que aconteceu com ela pôde lhe acontecer, e culpava o Sueco por tudo. Ele trazia para Dawn a comida de que ela mais gostava, frutas, doces e

biscoitos, na esperança de que comesse alguma coisa além de pão e água, e trazia revistas na esperança de que conseguisse se concentrar na leitura pelo menos meia hora por dia, e trazia roupas para ela vestir enquanto passeava pelo terreno do hospital, roupas adequadas ao clima quando mudava de uma estação para outra. Toda noite, às nove horas, o Sueco colocava na gaveta da cômoda de Dawn o que quer que ele tivesse trazido para ela e a segurava nos braços, lhe dava um beijo de despedida, a abraçava e dizia que viria vê-la na noite seguinte depois do trabalho, e depois viajava de carro durante uma hora, na volta melancólica para Old Rimrock, recordando o terror estampado no rosto dela quando, quinze minutos antes de terminar o horário de visita, a enfermeira colocava a cabeça na porta a fim de avisar educadamente ao senhor Levov que já estava quase na hora de ir embora.

Na noite seguinte, ela estava de novo zangada. O Sueco a desviara de suas ambições verdadeiras. Ele e o concurso de Miss América haviam desviado Dawn do seu projeto. Ela continuava a falar e o Sueco não conseguia interromper. Nem tentava. O que é que todas essas coisas de que Dawn estava falando tinham a ver com o motivo pelo qual ela estava sofrendo? Todo o mundo sabia que o que provocara o seu colapso nervoso já era algo mais do que suficiente em si mesmo, e que o que ela estava dizendo não tinha o menor fundamento. Na primeira vez em que ela ficou no hospital, o Sueco limitou-se a ouvir e concordar com um gesto de cabeça, e por mais estranho que fosse ouvir Dawn imprecando furiosa contra uma aventura que, na época, ele tinha certeza de que ela havia adorado mais do que tudo, o Sueco às vezes se perguntava se não seria melhor para Dawn identificar o que ocorrera com ela em 1949, e não o que ocorrera em 1968, como o problema em questão.

— Durante todo o tempo que cursei a escola secundária, as pessoas me diziam: "Você devia ser a Miss América". Eu achava isso ridículo. Baseada em que eu devia ser Miss América? Depois da aula e nas férias de verão, eu era balconista em uma loja de tecidos, e as pessoas chegavam na caixa registradora e me diziam: "Você devia ser Miss América". Eu não agüentava mais aquilo. Não agüentava quando as pessoas diziam que eu devia fazer uma coisa por causa da minha aparência. Mas quando recebi um convite da organização do concurso de misses do município de Union para ir naquele chá, o que é que podia fazer? Eu era uma criança. Pensei que era um jeito de ganhar algum dinheiro e assim meu pai não precisaria trabalhar tanto.

Então preenchi o formulário de inscrição e fui, e depois que todas as outras moças tinham ido embora, veio aquela mulher, pôs o braço em volta de mim e disse para todas as pessoas presentes: "Quero que vocês saibam que acabaram de passar a tarde com a próxima Miss América". Pensei: "Isso tudo é tão tolo. Por que as pessoas ficam o tempo todo me falando essas coisas? Não quero fazer nada disso". E quando venci o concurso Miss Município de Union, as pessoas já me diziam: "Vamos ver você lá em Atlantic City". Pessoas que sabiam o que estavam dizendo garantiam que eu ia vencer aquele troço, e então como é que eu podia cair fora? Não podia. A primeira página inteira do *Elizabeth Journal* era sobre a minha vitória no concurso de Miss Município de Union. Fiquei mortificada. Fiquei *mesmo*. Pensei se havia algum jeito de eu manter tudo aquilo em segredo, apenas pegar o dinheiro e pronto. Eu era uma *criança*! Tinha certeza *pelo menos* de que não ia vencer o concurso de Miss New Jersey, eu estava *segura* disso. Olhava em volta de mim e havia aquele mar de moças lindas e todas elas sabiam o que fazer, e eu não sabia de nada. Elas sabiam como usar rolinhos de cabelo, como colocar cílios postiços, e eu só consegui enrolar meu cabelo direito meio ano depois de me tornar Miss New Jersey. Pensei: "Ah, meu Deus, olhe só a maquiagem delas". Tinham roupas lindas e eu só tinha meu vestido do baile de formatura e umas roupas emprestadas, e assim estava convencida de que não ganharia *de jeito nenhum*. Eu era tão *introvertida*. Sem sofisticação *nenhuma*. Mas *venci* outra vez. E aí vieram me instruir como eu devia sentar, ficar em pé, até como eu devia *ouvir*... me mandaram para uma agência de modelos a fim de aprender a *andar*. Eles não gostavam do meu jeito de andar. Eu não ligava a mínima para o meu jeito de andar... eu *andava* e pronto! Andava bem o suficiente para me tornar Miss New Jersey, não era? Se não andasse bem o bastante para virar Miss América, azar! Mas a gente tem de *deslizar*. Não! Vou andar do jeito que eu ando! Não balance muito os braços, mas também não fique com eles duros ao lado do corpo. Todos aqueles macetezinhos da profissão me deixavam tão consciente e atenta que eu mal conseguia me *mexer*! Não apoiar o pé no calcanhar, mas na planta do pé... Era esse tipo de coisa que eu aprendia. Quem me dera poder fugir daquilo tudo! Como é que eu podia cair fora daquilo? Me deixem em paz! Todo o mundo, me deixem em paz! Para começo de conversa, eu nunca quis esse negócio todo! Você sabe por que casei com você? *Agora* você compreende? Uma única razão! Eu queria alguma coisa que parecesse normal! Depois daquele ano, eu tinha uma

necessidade desesperada de uma coisa que fosse *normal*! Como eu gostaria que tudo isso nunca tivesse acontecido! *Nada disso*! Eles colocam a gente no alto de um pedestal, que eu não tinha pedido, e depois derrubam a gente de lá tão depressa que a gente fica até *cega*! E eu não tinha pedido *nada* disso! Não tinha nada em comum com aquelas outras moças. Eu tinha ódio delas e elas tinham ódio de mim. Aquelas moças altas com seus pés grandes! Nenhuma delas tinha cabeça. Todas tão *debilóides*! Eu era uma aplicada estudante de música! Tudo o que eu queria era que me deixassem em paz, e não ter aquela coroa medonha cintilando loucamente na minha cabeça! Nunca quis *nada* disso! *Nunca*!

Era uma grande ajuda para o Sueco, enquanto dirigia seu carro para casa, de volta de uma dessas visitas, lembrar-se da esposa como a moça que ela era naquele tempo, a moça que, segundo se lembrava, nada tinha a ver com a moça cujo retrato ela agora pintava naqueles discursos enfurecidos. Em setembro de 1949, durante a semana que precedeu o concurso de Miss América, quando Dawn telefonava para Newark, toda noite, do Hotel Dennis para dizer a ele o que havia acontecido com ela na condição de candidata a Miss América, o que irradiava de sua voz era o puro *prazer* de ser ela mesma. O Sueco nunca antes ouvira Dawn falar assim — era quase assustador, aquela exultação sem disfarces por ela estar ali e por ser quem era. De repente, a vida pulsava de forma arrebatadora, e apenas para Dawn Dwyer. A surpresa desse descomedimento novo e nada característico chegou a fazer o Sueco se perguntar se, quando a semana tivesse terminado, ela conseguiria se contentar com Seymour Levov. E imagine se ela ganhasse. Que chance ele teria contra todos os homens que se apresentariam querendo casar com a Miss América? Atores viriam atrás dela. Milionários viriam atrás dela. Iam formar um rebanho em volta dela... A nova vida que se abriria diante de Dawn poderia atrair uma multidão de pretendentes novos e poderosos, e acabariam deixando o Sueco para trás. Todavia, na condição de pretendente atual, ele se sentia fascinado com a perspectiva da vitória de Dawn; quanto mais real essa possibilidade, mais razões ele tinha para ruborizar-se e transpirar.

Conversavam em telefonemas interurbanos até durante uma hora a cada ligação — ela estava excitada demais para dormir, muito embora ficasse para cá e para lá sem parar desde o café da manhã, que ela tomava na sala de jantar com sua dama de companhia, só as duas em uma mesa, a dama de companhia era uma mulher grandalhona, moradora da cidade, que usava

um chapeuzinho, enquanto Dawn usava sua faixa de Miss New Jersey presa ao vestido e, nas mãos, luvas brancas de cabrito, luvas extremamente caras, um presente da fábrica Artigos de Couro para Senhoras Newark, onde o Sueco começava seu treinamento para assumir a direção da firma. Todas as moças usavam o mesmo estilo de luvas brancas de cabrito, com quatro botões de extensão, subindo acima do pulso. Mas só Dawn conseguira suas luvas de graça, juntamente com um segundo par — com comprimento de noite de ópera, luvas pretas, a luva de gala da Artigos de Couro para Senhoras Newark, com dezesseis botões de extensão e feita de couro de cabrito (custava uma pequena fortuna na Saks), o corte artesanal executado com a mesma perícia de qualquer produto vindo da Itália ou da França — e, em acréscimo, um terceiro par que ia até acima do cotovelo, feito sob medida para combinar com seu vestido de noite. O Sueco pedira a Dawn um metro do mesmo tecido do seu vestido, e um amigo da família, que fabricava luvas de pano, fez aquelas luvas para Dawn como cortesia para a Artigos de Couro para Senhoras Newark. Três vezes por dia, sentadas diante das damas de companhia com seus chapeuzinhos, as moças, com seus lindos cabelos, penteados de forma elegante e delicada, usando vestidos bonitos e luvas de quatro botões, tentavam fazer sua refeição, pelo menos um pouquinho de cada prato servido, em meio aos autógrafos que tinham de dar para todo o mundo que tinha vindo para a sala de jantar a fim de olhar boquiaberto para as moças e dizer de onde tinha vindo. Como Dawn era a Miss New Jersey e os hóspedes do hotel estavam *em* New Jersey, ela era de longe a moça mais popular e, assim, tinha de dizer uma palavra gentil para todo o mundo, sorrir, dar autógrafos e ainda tentar comer alguma coisa.

— É isso que a gente tem de fazer — dizia ela ao telefone para o Sueco. — É por isso que dão o quarto de graça para a gente ficar.

Quando Dawn chegou na estação de trem, puseram-na em um pequeno carro conversível, um Nash Rambler com o nome de Dawn e o seu estado inscritos, e sua dama de companhia também seguia a seu lado no conversível. A dama de companhia era a esposa de um vendedor de terrenos, morador da cidade, e onde quer que Dawn fosse, a dama de companhia ia também — entrou no carro quando ela entrou, e saiu do carro quando ela saiu.

— Ela não sai do meu lado, Seymour. Eu não vejo nem um homem o tempo todo, exceto os juízes. A gente não pode nem sequer *falar* com um

homem. Tem alguns namorados das moças aqui. Alguns são até noivos. Mas de que adianta? As moças não têm autorização para ver seus namorados. Tem um livro de regulamentos tão grande que mal consegui ler até o final. "Pessoas do sexo masculino não podem conversar com as candidatas exceto na presença de suas damas de companhia. Em nenhuma circunstância a candidata poderá visitar um bar onde sirvam coquetéis nem ingerir bebidas alcoólicas. Outras regras proibem o uso de enchimento nas roupas..."

O Sueco riu.

— Ha, ha!

— Deixe-me terminar, Seymour... as regras não acabam nunca. "Ninguém pode ter uma entrevista com uma candidata sem que a dama de companhia esteja presente a fim de preservar os interesses da candidata..."

Não só Dawn como todas as moças recebiam um pequeno conversível Nash Rambler para circular — mas não era delas. Só ganharia o carro quem ficasse com o título de Miss América. Então seria aquele o carro de onde a vencedora ia acenar para a multidão que lotava o estádio quando a Miss América fosse levada em volta do campo nas partidas de futebol americano mais importantes do campeonato universitário. O concurso de Miss América obrigava o uso do Rambler porque a fábrica American Motors era um dos patrocinadores.

Quando ela chegou no quarto, havia uma caixa de puxa-puxa Fralinger's Original e um buquê de rosas; todas as moças ganharam a mesma coisa, gentileza do hotel, mas as rosas de Dawn nunca desabrocharam, e os quartos escolhidos para as moças — pelo menos as moças instaladas no hotel de Dawn — eram pequenos, feios e voltados para os fundos. Mas o hotel mesmo, tal como Dawn o descrevia com entusiasmo, situado no ponto em que o calçadão de madeira junto ao mar se encontrava com a avenida Michigan, era um dos mais chiques, onde toda tarde elas tomavam um chá muito bom, com uns sanduichinhos, enquanto os hóspedes pagantes jogavam croqué no gramado, e para eles eram reservados merecidamente os quartos grandes e bonitos, com vista para o mar. Toda noite ela voltava exausta para o feio quarto de fundos com o papel de parede desbotado, verificava se as rosas tinham desabrochado e depois telefonava a fim de responder as perguntas do Sueco sobre as suas chances de vitória.

Ela era uma das quatro ou cinco moças cujas fotos apareciam o tempo

todo nos jornais, e todo o mundo dizia que uma dessas moças teria de ganhar — o pessoal da organização do concurso de misses de New Jersey tinha certeza de que sua candidata era uma vencedora, sobretudo quando as fotos dela começaram a pipocar nos jornais todas as manhãs.

— Detesto ter de decepcionar essas pessoas — disse- lhe ela.

— Você não vai decepcionar ninguém. Você vai vencer — disse o Sueco.

— Não, aquela garota do Texas vai ganhar. Eu sei. Ela é tão bonita. Tem um rosto redondo. Tem uma covinha. Não chega a ser uma perfeição, mas é muito charmosa. E tem um bom porte. Morro de medo dela. É de alguma cidadezinha perdida lá no meio do Texas, faz sapateado e ela é que vai ganhar.

— Ela aparece nos jornais com você?

— Sempre. É uma das quatro ou cinco que *sempre* aparecem. Estou lá porque aqui é Atlantic City e eu sou a Miss New Jersey, e as pessoas no calçadão de madeira me vêem com minha faixa e ficam todas loucas, mas a mesma coisa acontece com a Miss New Jersey *todos* os anos. E ela *nunca* vence. Mas a Miss Texas está nos jornais, Seymour, porque vai ganhar.

Earl Wilson, famoso colunista de vários jornais do país, era um dos dez juízes e, quando soube que Dawn era de Elizabeth, comentou-se que ele teria dito a alguém no desfile de carros abertos, no qual Dawn passou diante do calçadão de madeira à beira-mar junto com duas outras moças no carro do seu hotel, que o antigo prefeito de Elizabeth, Joe Brophy, era amigo seu. Earl Wilson contou a alguém que contou a alguém que depois contou para a dama de companhia de Dawn. Earl Wilson e Joe Brophy eram velhos amigos — foi só isso que Earl Wilson disse, ou pôde declarar em público, mas a dama de companhia de Dawn tinha certeza de que ele havia dito isso porque, depois de ver Dawn em seu vestido de noite, no carro aberto, ela se tornara a candidata favorita dele ao título.

— Ótimo — disse o Sueco. — Um já foi, faltam nove. Você está chegando lá, Miss América.

O que ela mais conversava com sua dama de companhia era sobre quem seria sua concorrente mais forte; aparentemente era só isso que todas as garotas conversavam com suas damas de companhia e era o que acabavam conversando quando telefonavam para casa, muito embora, entre elas, fingissem adorar-se umas às outras. As garotas do Sul em especial, Dawn contou para o Sueco, exageravam: “Ah, você está maravilhosa, seu cabelo está maravilhoso...”. A veneração do cabelo tinha um certo ar de

extravagância para uma moça tão prática como Dawn; a gente podia até pensar, ao ouvir a conversa das outras moças, que as possibilidades da vida estavam todas concentradas no cabelo — não nas mãos do seu destino, mas nas mãos do seu cabelo.

Junto com as damas de companhia, elas visitaram o Steel Pier e jantaram peixe no famoso restaurante de frutos do mar e bar flutuante chamado Captain Starn's, e jantaram carne no restaurante chamado Jack Guischard's Steak House, e na terceira manhã foram tirar sua fotografia de conjunto diante do Salão de Convenções, onde um funcionário da organização do concurso de misses disse às moças que elas guardariam aquela fotografia como um tesouro pelo resto da vida, que as amizades que elas estavam fazendo iam durar pelo resto da vida, que elas se manteriam em contato umas com as outras pelo resto da vida, que quando chegasse a hora elas dariam às filhas os nomes umas das outras — e, enquanto isso, quando os jornais chegavam de manhã, as moças diziam para suas damas de companhia: "Ah, meu Deus, não estou aqui. Ah, meu Deus, essa garota parece que vai ganhar".

Todos os dias tinha ensaio e toda noite, durante uma semana, elas davam um espetáculo. Ano após ano, as pessoas visitavam Atlantic City só para assistir ao concurso de Miss América e compravam ingressos para o espetáculo da noite, e vinham todas muito bem vestidas para ver as garotas no palco exibindo individualmente seus talentos e se mostrando em conjunto, em números musicais com roupas típicas. A garota que tocava piano executou "Clair de lune" na sua apresentação solo, e assim Dawn resolveu tocar uma música mais animada, um sucesso na época chamado "Till the End of Time", um arranjo dançante de uma polonaise de Chopin.

— Virei artista de espetáculos musicais. Não paro o dia inteiro. A gente não tem um minuto de sossego. Como New Jersey é o estado anfitrião do concurso, todas as atenções ficam concentradas em mim, e eu não quero decepcionar ninguém, não quero de jeito nenhum, eu não ia suportar...

— Você não vai decepcionar ninguém, Dawn. Earl Wilson já está no papo, e ele é o mais famoso entre os juízes. Estou com essa sensação. Eu sei disso. Você vai ganhar.

Mas ele estava enganado. A Miss Arizona venceu. Dawn não ficou nem entre as dez primeiras. Naquele tempo, as garotas esperavam nos bastidores enquanto as vencedoras eram anunciadas para o público. Havia filas e mais filas de espelhos, e mesas dos vários estados alinhadas em ordem alfabética,

e Dawn estava bem no meio de todo o mundo quando o resultado foi anunciado, portanto ela teve de começar a sorrir loucamente e aplaudir feito doida porque tinha perdido e então, para piorar ainda mais as coisas, teve de voltar ao palco e desfilar ao lado das outras perdedoras, cantando com o mestre-de-cerimônias Bob Russel a canção da Miss América daquela época: "Cada flor, cada rosa, se ergue na ponta dos pés... quando a Miss América passa desfilando!". Enquanto isso uma moça tão baixa, pequena e escura quanto ela — a miúda Jacque Mercer do Arizona, que venceu o concurso de maiôs mas que Dawn nunca imaginou que fosse ganhar o título — recebia a coroa no Salão de Convenções sob uma chuva de aplausos. Mais tarde, no baile de despedida, embora para Dawn tivesse sido uma terrível frustração, ela não parecia nem de longe tão abatida quanto a maioria das moças. A mesma coisa que Dawn ouvira do pessoal do concurso de Miss New Jersey, elas ouviram do pessoal dos concursos em *seus* estados: "Você vai conseguir. Você vai ser a Miss América". E assim o baile, Dawn contou para o Sueco, foi a coisa mais triste que ela já tinha visto na vida.

— A gente tem de ir e ficar sorrindo, e é tudo uma coisa horrível — disse ela. — Eles trazem aqueles homens da guarda costeira ou sei lá de onde... Annapolis. Vestem uns uniformes brancos muito enfeitados, com fitinhas e cordõezinhos. Acho que são considerados inofensivos o bastante para que nos deixem dançar com eles. Assim dançam com a gente com o queixo muito encolhido para trás, a noite acaba e a gente volta para casa.

No entanto, durante meses, essa aventura superestimulante se recusou a morrer; mesmo enquanto ela foi Miss New Jersey e ia para um lado e outro cortando fitas de inauguração e acenando para as pessoas e inaugurando lojas de departamento e revendedoras de carros, Dawn se perguntava em voz alta se alguma coisa tão maravilhosa e única como aquela semana em Atlantic City jamais voltaria a acontecer em sua vida. Ela conservou ao lado da cama o *Livro do Ano Oficial do Concurso de Miss América de 1949*, um folheto preparado pela organização do concurso, vendido durante aquela semana em Atlantic City: fotos individuais das moças, quatro em cada página, cada uma com um pequenino desenho do mapa do seu estado e uma biografia sintética. Onde aparecia a foto da Miss New Jersey — sorrindo timidamente, Dawn em seu vestido de noite, com as luvas de doze botões feitas do mesmo tecido — o canto da folha fora nitidamente dobrado. "Mary Dawn Dwyer, 22 anos, Elizabeth, N.J., morena, a esperança

de New Jersey no concurso deste ano. Formada no Upsalla College, East Orange, N.J., onde se especializou em educação musical, Mary Dawn tem a ambição de se tornar professora de música em uma escola secundária. Tem um metro e cinqüenta e oito, olhos azuis, seus passatempos prediletos são nadar, dançar quadrilha e cozinhar. (*No alto, à esquerda.*)" Com relutância em abandonar uma excitação como nunca experimentara antes, ela ficava falando sem parar sobre o conto de fadas que fora para uma menina de Hillside Road, filha de um encanador da Hillside Road, ter ficado diante de todas aquelas pessoas, concorrendo ao título de Miss América. Ela mal conseguia acreditar na coragem que havia demonstrado.

— Ah, aquela rampa, Seymour. Tem uma rampa comprida, uma passarela comprida à beça, um caminho enorme só para a gente ficar sorrindo...

Em 1969, quando chegou a Old Rimrock o convite para a vigésima reunião das candidatas a Miss América do ano de Dawn, ela havia voltado ao hospital pela segunda vez, desde o desaparecimento de Merry. Foi no mês de maio. Os psiquiatras se mostraram tão gentis quanto da primeira vez, o quarto era muito agradável, a vista ondulada era muito bonita e os passeios eram ainda mais bonitos, com tulipas em volta dos chalés onde os pacientes moravam, os campos verdes enormes em redor, paisagens lindas, lindas... e como essa *era* a segunda vez em dois anos, e como o lugar *era* maravilhoso, e como na hora em que o Sueco chegava vindo direto de Newark no início da noite, depois que tinham acabado de aparar a grama, havia no ar um cheiro fresco e penetrante como o aroma de cebolinha, tudo isso era ainda mil vezes pior. E assim ele não mostrou para Dawn o convite da reunião das candidatas de 1949. As coisas já estavam muito ruins sem isso — as coisas que ela vivia dizendo para ele já eram loucas o bastante; o lamento incessante da sua vergonha, da sua mortificação, a futilidade da sua vida, tudo isso já era muito triste — para acrescentar ainda por cima mais essa história de Miss New Jersey.

E então aconteceu a mudança. Algo a fez querer ser livre da coisa inesperada, improvável. Dawn não ia deixar que usurpassem dela sua própria vida.

O heróico renascimento teve início com o levantamento facial, na clínica de cirurgia plástica em Genebra, sobre a qual Dawn lera uma reportagem na revista *Vogue*. Antes de ir para a cama, o Sueco a vira diante do espelho do banheiro puxando a polpa das bochechas para trás, entre os dedos indicadores, ao mesmo tempo em que puxava a pele do queixo para trás e

para cima com os polegares, segurando com firmeza a carne frouxa até haver extirpado mesmo as pregas naturais do rosto, até que estivesse fitando uma cara que parecia o caroço envernizado de um rosto. E embora estivesse claro para o seu marido que ela havia começado a parecer uma mulher de cinqüenta e cinco anos quando tinha apenas quarenta e cinco, o remédio sugerido pela *Vogue* não apresentava o menor interesse; tão distante estava aquilo da desgraça que se abatera sobre eles, que o Sueco não viu a menor razão para discutir com ela, achando que Dawn sabia a verdade melhor do que ninguém, por mais que ela preferisse imaginar a si mesma como mais uma leitora de *Vogue* prematuramente envelhecida, em vez da mãe da Terrorista de Rimrock. Mas como Dawn tinha deixado para trás os psiquiatras, os remédios, e como morria de medo com a perspectiva de uma terapia com choques elétricos caso tivesse de ser internada uma terceira vez, veio o dia em que o Sueco a levou para Genebra. Foram recebidos no aeroporto por um motorista uniformizado e uma limusine, e Dawn se internou na clínica do doutor LaPlante.

Em sua suíte, o Sueco dormia na cama ao lado da cama de Dawn. Na noite anterior à operação, quando ela não conseguia parar de vomitar, ele estava ali para limpar e confortar a mulher. Durante os dias que se seguiram, em que ela chorava de dor, o Sueco se sentava ao seu lado, na cama, e, como fizera noite após noite na clínica psiquiátrica, segurava sua mão, certo de que aquela cirurgia grotesca, aquela provação absurda e fútil estava apenas apressando a cena final da decadência da esposa como um ser humano reconhecível como tal: longe de ajudar em sua recuperação, o Sueco via a si mesmo agindo como o cúmplice involuntário da sua mutilação. Olhava para a cabeça dela oculta por trás das ataduras e sentia que podia muito bem estar testemunhando os preparativos para o sepultamento do cadáver da mulher.

Estava completamente enganado. Como se viu depois, apenas alguns dias antes de a carta de Rita Cohen chegar ao seu escritório, calhou de ele passar pela escrivaninha de Dawn e ver ali uma breve carta manuscrita ao lado de um envelope dirigido ao cirurgião plástico em Genebra: “Caro doutor LaPlante, um ano se passou desde que o senhor refez meu rosto. Tenho a impressão de que, quando estive com o senhor, eu não compreendia direito o que me havia dado. Que o senhor tenha despendido cinco horas do seu tempo em benefício da minha beleza me enche de espanto. Como posso dizer o quanto sou grata? Sinto que levei esses doze meses para me

recuperar da cirurgia. Acho, como o senhor disse, que o meu sistema estava mais fragilizado do que eu imaginava. Agora é como se eu tivesse ganhado uma vida nova. Tanto de dentro, como de fora. Quando encontro velhas amigas que não via há certo tempo, elas ficam admiradas com o que aconteceu comigo. Eu não conto nada para elas. É maravilhoso, meu caro doutor, e sem o senhor nada disso teria sido possível. Muito carinho e muito obrigada, Dawn Levov".

Quase imediatamente após a reversão do seu rosto à perfeição ousada e em formato de coração da época pré-atentado, Dawn resolveu construir uma casinha em estilo contemporâneo em um lote de dez acres do outro lado da cordilheira de Rim-rock e vender o velho casarão, as casas anexas e seus peculiares cem acres de terra. (O gado de corte de Dawn e as máquinas da fazenda foram vendidos em 1969, um ano depois de Merry se tornar uma foragida da justiça; a essa altura, estava claro que aquele negócio era árduo demais para Dawn continuar a administrá-lo sozinha, e assim o Sueco publicou um anúncio em uma das revistas mensais de criadores de gado e, após algumas poucas semanas, havia se livrado da máquina de separar fardos, do motor de cortar feno, do ancinho e do gado — o negócio todo.) Quando o Sueco ouviu de passagem a esposa dizendo ao arquiteto, o seu vizinho Bill Orcutt, que ela sempre detestara sua casa, o Sueco ficou tão chocado como se Dawn estivesse dizendo para Orcutt que ela sempre detestara o marido. Ele foi dar uma longa caminhada, precisou caminhar quase os oito quilômetros até a vila para conseguir convencer a si mesmo de que era a *casa* que ela disse que sempre detestara. Mas mesmo que ela não quisesse dizer nada além disso, o Sueco sentiu-se tão infeliz que foi preciso recorrer a todo o seu enorme poder de contenção para se obrigar a dar a volta e ir almoçar em casa, onde Dawn e Orcutt iriam examinar com ele os primeiros esboços do projeto da casa nova.

Ela detestava a velha casa de pedras, a adorada, primeira e única casa deles? Como ela podia detestar? O Sueco havia sonhado com aquela casa desde os dezesseis anos de idade e, viajando com o time de beisebol para jogar uma partida contra Whippany — sentado no ônibus da escola no seu uniforme, esfregando com indolência os dedos nas curvas da luva de beisebol enquanto percorriam as estradas estreitas e sinuosas que levavam para oeste através dos montes da zona rural de Jersey —, ele viu uma grande casa de pedra com venezianas pretas, erguida em uma pequena elevação atrás de umas árvores. Uma garotinha estava em um balanço preso

a um galho baixo de uma daquelas árvores grandes, balançando-se bem alto no ar, parecendo, ele imaginou, a criança mais feliz do mundo. Foi a primeira casa feita de pedra que ele viu na vida e, para um garoto da cidade, era uma maravilha da arquitetura. O desenho aleatório das pedras lhe *dizia* "Casa", como nem mesmo a de tijolos da avenida Keer conseguia dizer, apesar do porão bem-acabado onde ele ensinou Jerry a jogar pingue-pongue e damas; apesar da varanda dos fundos, cercada por uma tela, onde ele ficava no escuro sobre o velho sofá e, nas noites quentes, escutava no rádio as partidas dos Giants; apesar da garagem onde, quando menino, ele usava um rolo de fita preta para prender uma bola na ponta de uma corda amarrada em uma viga no teto e, durante todo o inverno, assumindo sua postura alta, ereta, segura, ele aplicadamente passava meia hora por dia batendo na bola com o bastão de beisebol depois que vinha do treino de basquete, a fim de não perder a forma; apesar do quarto sob o beiral do telhado, com as duas janelas de água-furtada, onde um ano antes de entrar na escola secundária ele adormecera lendo e relendo *O garoto de Tomkinsville* — "Um homem de cabelos grisalhos com uma camisa desbotada e um boné de beisebol azul surgiu diante dos seus olhos, empurrou um monte de roupas para o Garoto e indicou qual o seu armário. 'Cinqüenta e seis. Na fileira de trás, ali.' Os armários eram compartimentos de madeira lisa com cerca de um metro e oitenta de altura, com uma prateleira mais ou menos a meio metro do topo. A porta do seu armário estava aberta e, na beirada de cima, estava colado 'TUCKER, Nº 56'. Ali estava o seu uniforme com a palavra 'DODGER'S' inscrita em letras azuis na parte da frente e o número 56, nas costas da camisa...".

Aos seus olhos, a casa de pedra não seduzia apenas pelo seu aspecto engenhoso — toda aquela irregularidade regularizada, um quebra-cabeça montado com muita paciência naquela forma quadrada, sólida, a fim de compor um abrigo maravilhoso — como também pelo seu ar indestrutível, uma casa inexpugnável que jamais poderia ser queimada até as fundações e que na certa devia estar ali de pé desde o início do país. Pedras primitivas, pedras rudimentares do tipo que a gente via espalhadas entre as árvores quando andava pelas trilhas do Weequahic Park, e ali elas formavam uma casa. O Sueco não conseguia parar de admirar aquilo.

Na escola, ele se apanhava pensando com qual das moças de cada uma de suas aulas ele iria casar e levar para morar naquela casa. Após a viagem com o time para Whippany, bastava ouvir alguém falando "pedra" — ou

apenas dizendo “oeste” — e ele logo imaginava a si mesmo voltando para casa depois do trabalho, para aquela casa atrás das árvores, e vendo ali a sua filha, sua filhinha bem alto, no ar, sentada no balanço que ele tinha montado para ela. Embora fosse apenas um aluno do segundo ano da escola secundária, o Sueco era capaz de imaginar sua filha correndo para vir beijá-lo, via a menina se precipitando em direção a ele, via a si mesmo levando a filha nos ombros para dentro daquela casa e seguindo direto para a cozinha, onde, de pé junto ao fogão com o avental enrolado na cintura, preparando o jantar para eles, estaria a dedicada mãe daquela menina, que seria qualquer garota de Weequahic que porventura se tivesse instalado na poltrona em frente a ele no cinema Roosevelt na sexta-feira anterior, o cabelo da garota pendendo solto por trás das costas da poltrona, a uma distância que permitiria uma carícia, caso o Sueco se atrevesse a fazer isso. A vida toda, o Sueco tivera essa habilidade de imaginar completamente a si mesmo. Tudo sempre acabava se encaixando em um conjunto harmonioso e completo. Como poderia ser de outro modo, quando ele na verdade sentia *a si mesmo* se encaixando muito bem, se encaixando exatamente em um todo único?

Então ele viu Dawn em Upsala. Ela atravessava o refeitório na direção de Old Main, onde os alunos do dia faziam hora no intervalo das aulas; Dawn ficava de pé embaixo dos eucaliptos conversando com umas meninas que moravam em Kenbrook Hall. Certa vez, ele a seguiu até a rua Prospect, na direção do ponto de ônibus da igreja Brick quando, de repente, Dawn parou diante da vitrine da Best & Co. Depois que ela entrou na loja, ele se aproximou da vitrine para olhar o manequim que vestia uma saia comprida estilo “new look” e imaginou Dawn Dwyer em uma cabine de provas experimentando a saia por cima da combinação. Ela era tão encantadora que o Sueco ficava terrivelmente tímido, até mesmo para olhar para Dawn, como se olhar já fosse tocar ou segurar, como se, caso ela soubesse (e como poderia deixar de saber?) que ele estava olhando para ela sem conseguir se conter, faria o que qualquer moça sensata e razoável faria, o desdenharia como um animal de rapina. O Sueco tinha sido fuzileiro naval, tinha noivado com uma moça na Carolina do Sul, a pedido da família havia rompido o noivado, e fazia anos que ele pensava naquela casa de pedras com venezianas pretas e o balanço na frente. Esplendidamente bonito como era, recém-saído do serviço militar e um astro glamouroso do atletismo universitário, por maior que fosse sua determinação em refrear a vaidade e

pôr de lado o seu papel de destaque, o Sueco levou um semestre inteiro para se aproximar de Dawn e marcar um encontro com ela, não só porque defrontar-se abertamente com a sua beleza lhe dava uma má consciência e o deixava envergonhado com a sensação de ser um voyeur, mas também porque, uma vez tendo se aproximado dela, não haveria mais como impedir que Dawn olhasse bem fundo para ele, entrasse em sua mente e visse sem disfarces como o Sueco pintava para si mesmo a imagem de Dawn: de pé ali junto ao fogão da cozinha da casa de pedra quando ele entrava de supetão com a filha, Merry, nos ombros — "Merry" por causa da alegria que a filha sentia no balanço que o Sueco havia montado para ela. De noite, ele tocava sem parar na vitrola uma canção popular daquele ano chamada "Peg o'My Heart". Um verso da música dizia: "É o seu coração irlandês que eu procuro". E toda vez que o Sueco via Dawn Dwyer nas veredas de Upsala, pequena e charmosa, ele passava o resto do dia sem notar que ficava assobiando aquela maldita canção o tempo todo sem parar. Ele se surpreendia assobiando a música mesmo durante uma partida, enquanto sacudia nas mãos um par de bastões de beisebol no círculo do batedor, aguardando que o placar anunciasse sua vez de jogar. Ele vivia, então, sob dois céus — o céu de Dawn Dwyer e o céu natural, no alto.

Todavia não a abordou de imediato, com medo de que ela percebesse o que ele estava pensando e risse do modo como ele estava intoxicado por ela, aquela inocência presunçosa do ex-fuzileiro naval a respeito da Rainha da Primavera de Upsala. Dawn acharia que o fato de o Sueco haver imaginado, antes mesmo de os dois terem sido *apresentados*, que ela era especialmente talhada para ser a esposa que iria satisfazer os anseios de Seymour Levov significava que ele ainda era uma criança, um menino convencido e mimado, quando na verdade, para o Sueco, isso significava que ele estava dominado por um objetivo, desde muito antes de qualquer outra pessoa que ele conhecesse, impregnado por propósitos e ambições próprios de um homem maduro, alguém que com entusiasmo antevê, em todos os detalhes, o desfecho da sua história. Ele voltara do serviço militar aos vinte anos com uma disposição feroz de ser "maduro". Se era uma criança, seria apenas na medida em que se via antecipadamente assumindo a responsabilidade de um homem maduro, com a mesma ansiedade de um menino que fita a vitrine de uma loja de doces.

Compreendendo muito bem por que ela queria vender a casa antiga, o Sueco concordou com o desejo de Dawn sem sequer tentar fazê-la

compreender que o motivo pelo qual ela queria ir embora — porque Merry ainda estava ali, em cada cômodo, Merry com um ano, cinco anos, dez anos — era o mesmo motivo pelo qual ele queria ficar, um motivo não menos importante do que o dela. Porém, como talvez Dawn não sobrevivesse caso ficassem ali — e ele, ainda parecia, era capaz de suportar qualquer coisa, por mais brutalmente que fosse atirada no rosto de suas próprias inclinações —, ele concordou em abandonar a casa que amava, apesar das recordações da filha foragida ali guardadas. Concordou em mudar para uma casa novinha em folha, aberta para o sol em todos os lados, repleta de luz, grande o bastante só para eles dois, com apenas um quarto extra para os hóspedes, em cima da garagem. Uma casa moderna, saída de um sonho — "suntuosamente austera", assim Orcutt definiu a casa para Dawn, depois de a ouvir expor tudo o que tinha em mente —, com aquecimento elétrico no rodapé (em vez do intolerável exaustor de ar quente que dava sinusite em Dawn) e móveis embutidos na linha dos móveis Shaker (em vez daquela tenebrosa mobília de época) e luzes embutidas no teto (em vez de mil abajures de pé, embaixo das soturnas vigas de carvalho) e janelas grandes, de batentes, por toda parte (em vez daquelas velhas venezianas de subir e baixar, que viviam prendendo), e com um porão tão tecnologicamente atualizado quanto um submarino nuclear (em vez daquele subterrâneo cavernoso aonde seu marido levava as visitas para ver o vinho que ele havia "deixado descansar" para só beber quando ficasse velho, advertindo os visitantes, enquanto andavam temerosos entre as emboloradas paredes de pedra, a se manterem alerta com os canos de esgoto feitos de ferro fundido que passavam um pouco abaixo do teto: "Sua cabeça, cuidado, olhe ali..."). O Sueco compreendia tudo, tudo isso, compreendia muito bem como era terrível para ela e, assim, o que poderia fazer senão concordar?

— A propriedade é uma responsabilidade — disse Dawn. — Sem maquinário e sem gado, o capim vai crescer depressa. Vamos ter de mandar capinar duas ou três vezes por ano para conservar o terreno em ordem. Vamos ter de mandar passar o trator segador, não podemos deixar que tudo cresça e vire um matagal. A gente tem de mandar capinar e fica absurdamente caro, é uma loucura ter de gastar todo ano esse dinheirão. É preciso evitar que os celeiros desabem, existe uma *responsabilidade* em relação à terra. A gente não pode simplesmente deixar para lá. O melhor a fazer, a *única* coisa a fazer — ela lhe disse — é mudar.

Tudo bem. Mudaram-se. Mas por que ela teve de dizer a Orcutt que

detestara aquela casa “desde o dia em que a vimos”? Que estava na casa só porque o seu marido a havia “arrastado” para lá quando ela ainda era jovem demais para ter a menor idéia do que significava tentar administrar um enorme, antiquado e escuro pardieiro no qual sempre tinha alguma coisa vazando, apodrecendo ou necessitando de reparos? A razão pela qual Dawn começou a trabalhar com gado, explicou ela ao seu vizinho, foi poder sair daquela casa horrível.

E se fosse mesmo verdade? Descobrir isso a essa altura do campeonato! Era como descobrir uma infidelidade — todos esses anos Dawn fora infiel a casa. Como ele pôde ficar ali feito um pateta acreditando que estava fazendo sua esposa feliz quando não existia a menor justificativa para os seus sentimentos, quando eles eram absurdos, quando, entra ano, sai ano, ela fervia o tempo todo de raiva daquela casa? Como ele tinha adorado ser o provedor da família! Quisera ter tido a chance de ser o provedor de *mais* do que apenas três pessoas. Se ao menos eles tivessem mais filhos naquela casa grande, se ao menos Merry tivesse sido criada entre irmãos e irmãs a quem ela amasse e que a amassem também, tudo isso talvez nunca tivesse acontecido com eles. Mas Dawn queria da vida alguma coisa além do que ser a mãe escravizada por meia dúzia de pirralhos e a babá de uma casa de duzentos anos — ela queria criar gado de corte. Como era sempre apresentada, não importa aonde fosse, como uma “ex-Miss New Jersey”, Dawn tinha certeza de que, mesmo se tivesse o diploma de bacharel, as pessoas sempre a depreciariam como uma sereia de maiô, uma bonequinha de louça sem nada na cabeça, incapaz de qualquer atividade produtiva para a sociedade senão andar para um lado e para o outro e se mostrar bonita. Não importa quantas vezes Dawn lhes explicasse, com toda a paciência, quando mencionavam o título, que só ingressara no concurso de misses do município de Union porque seu pai havia tido um enfarte e o dinheiro estava curto, e o seu irmão Danny estava estudando na Universidade St. Mary, e ela pensou que se ganhasse — e achou que tinha uma chance de ganhar, não por ter sido a Rainha da Primavera de Upsala, mas porque era especializada em educação musical e tocava piano clássico — ela poderia usar o dinheiro da bolsa de estudos que acompanhava o prêmio para pagar a instrução universitária de Danny, desse modo aliviando as despesas da família...

Mas não importa o que ela dissesse, ou quantas vezes dissesse, ou quantas vezes mencionasse o piano: ninguém queria acreditar nela.

Ninguém, na verdade, acreditava que nunca tivesse desejado ser mais bonita do que todo o mundo. Eles simplesmente pensavam que existem mil outras maneiras de arranjar uma bolsa de estudos, sem ter de ir até Atlantic City e ficar andando para lá e para cá com sapatos de salto alto e de maiô. Dawn vivia dizendo para as pessoas quais foram as razões sérias que a levaram a se tornar Miss New Jersey e ninguém lhe dava ouvidos. Sorriam. Para eles, Dawn não podia ter razões sérias. Eles não queriam que ela tivesse razões sérias. Para eles, tudo o que ela podia ter era aquele rosto. Depois podiam ir embora dizendo uns para os outros: "Ora, ora, ela não é nada mais do que um rostinho bonito", e fingindo não ter inveja nem se sentir intimidados com sua beleza.

— Ainda bem — diria Dawn para o Sueco, em um sussurro — que eu não ganhei o título de Miss Simpatia. Se eles acham que a Miss New Jersey só pode ser uma imbecil, imagine só se eu tivesse ganhado o troféu dos bobos. Se bem — acrescentava ela, melancólica — que teria sido bom trazer para casa os mil dólares do prêmio.

Depois que Merry nasceu, quando eles começaram a freqüentar a praia de Deal no verão, as pessoas olhavam muito para Dawn quando estava de traje de banho. É claro que ela nunca usava o maiô Catalina branco de uma só peça que vestira na passarela em Atlantic City, com o logotipo, logo abaixo do quadril, da tradicional jovem nadadora com sua touca de natação. O Sueco adorava aquele maiô, caía nela maravilhosamente bem, mas, depois de Atlantic City, Dawn nunca mais voltou a usá-lo. Olhavam para ela qualquer que fosse a cor ou o estilo do seu traje de banho e, às vezes, se aproximavam e tiravam uma foto e pediam um autógrafo. Mais perturbador, contudo, do que ficar olhando e tirar fotos era a *desconfiança* deles.

— Por alguma estranha razão — dizia Dawn — as mulheres sempre acham que, por eu ser uma ex-qualquer coisa, estou sempre a fim de roubar o marido delas.

E provavelmente, refletia o Sueco, o que tornava a situação tão ameaçadora para as mulheres é que elas acreditavam que Dawn poderia de fato roubar-lhes o marido — elas notavam como os homens olhavam para Dawn e como prestavam atenção nela aonde quer que fosse. O Sueco havia percebido aquilo ele mesmo, mas nunca se preocupou, não em se tratando de uma esposa tão correta como Dawn, que fora criada de maneira tão rigorosa quanto o era ela própria. Mas tudo isso deixava Dawn tão exasperada que, a princípio, desistira de ir ao clube de praia vestindo traje

de banho, qualquer traje de banho; depois, por mais que gostasse de brincar nas ondas, desistiu totalmente de ir ao clube de praia e, sempre que tinha vontade de nadar, viajava de carro seis quilômetros e meio até Avon, onde, quando criança, costumava passar uma semana de férias com a família no verão. Na praia de Avon, ela era apenas uma pequena e simples garota irlandesa, com o cabelo puxado para trás, a quem ninguém dava nenhuma importância.

Dawn ia para Avon a fim de fugir da sua beleza, mas não podia fugir dela, do mesmo modo que não podia ostentá-la abertamente. É preciso desfrutar com satisfação o poder, é preciso ter certa crueldade, para aceitar a beleza e não se lamentar com o fato de que ela mesma faz sombra em tudo o mais. A exemplo de qualquer traço muito saliente que nos destaca e nos transforma em uma pessoa excepcional — e invejável, e detestável —, para aceitar nossa beleza, para aceitar o efeito que ela produz nos outros, para brincar com ela, para fazê-la render o máximo, o mais sensato é desenvolver o senso de humor. Dawn não era uma pessoa sem graça, tinha espírito e vivacidade, e podia ser mordaz de um modo bastante divertido, mas não se tratava de maneira alguma do tipo de humor interior necessário para dar conta do recado e torná-la livre. Só depois que se casou e já não era mais virgem, descobriu o lugar onde era muito bom ser linda como era, e esse lugar, para benefício tanto do marido quanto da esposa, era ao lado do Sueco, na cama.

Costumavam chamar Avon de Riviera irlandesa. Os judeus que não tinham muito dinheiro iam para a praia Bradley e os irlandeses que não tinham muito dinheiro iam para Avon, pertinho de onde moravam, um balneário com dez quarteirões de comprimento. Os irlandeses ricos — que tinham dinheiro, os juízes, os empreiteiros, os cirurgiões exorbitantes — iam para Spring Lake, para além dos imponentes portões senhoriais ao sul de Belmar (mais uma cidade de veraneio, que era mais ou menos uma mistura de todo o mundo). Dawn costumava ficar em Spring Lake, na casa da irmã de sua mãe, Peg, que casara com Ned Mahoney, um advogado de Jersey City. Se você fosse um advogado irlandês naquela cidade, o pai de Dawn lhe dizia, e quebrasse uns galhos para a prefeitura, o prefeito Hague "Eu-Sou-a-Lei" tomava conta de você direitinho. Como o tio Ned, um puxa-saco, jogador de golfe, bonitão, estivera empregado em alguma rendosa mamata na prefeitura de Hudson desde o dia em que havia se formado na Faculdade de Direito John Marshal, e prestava serviços para uma firma

poderosa do outro lado da rua bem ali na Journal Square, e como ele parecia adorar a bonita Mary Dawn mais do que qualquer outra de suas sobrinhas e sobrinhos, todo verão, depois que a menina tinha passado uma semana em uma pensão em Avon com o pai, a mãe e Danny, ela ia sozinha para passar a semana seguinte com Ned e Peg e todos os filhos de Mahoney no enorme e antigo Essex e Sussex Hotel, bem em frente ao mar, em Spring Lake, onde toda manhã, na arejada sala de jantar voltada para o mar, ela comia torradas francesas com calda de bordo Vermont. O guardanapo branco engomado que cobria seu colo era grande o bastante para dar a volta na cintura, como um sarongue, e a prataria cintilante pesava uma tonelada. No sábado, iam todos juntos para a igreja de St. Catherine, a mais deslumbrante que a menina já vira. Entrava-se lá cruzando uma ponte — a ponte mais encantadora que ela já vira, estreita, curvada para cima, toda feita de madeira — que se erguia sobre o lago atrás do hotel. Às vezes, quando se sentia triste no clube de natação, Dawn ia de carro até um pouco além de Avon, para Spring Lake, e recordava como antigamente Spring Lake surgia do nada todos os verões, brotava a sua frente em um passe de mágica, a Brigadoon de Mary Dawn. Ela lembrava como sonhava se casar na igreja de St. Catherine, ser uma noiva ali, de vestido branco, casar com um advogado rico como o seu tio Ned e morar em uma daquelas grandes casas de verão cujas varandas amplas dão para o lago, para as pontes e para a cúpula da igreja, e ficam a poucos minutos do retumbante oceano Atlântico. Ela bem que podia ter feito isso, também, podia ter conseguido tudo isso apenas com um estalar de dedos. Mas sua escolha foi apaixonar-se e casar com Seymour Levov, de Newark, em lugar de qualquer um de tantos e tantos rapazes católicos doidos por ela, que Dawn conhecera por intermédio de seus primos Mahoney, os rapazes espertos, valentões, de Holy Cros e Boston College, e assim sua vida não estava em Spring Lake mas lá em Deal, e no alto de Old Rimrock, com o senhor Levov.

— Bem, foi assim que as coisas aconteceram — diria sua mãe, com ar triste, para quem fosse que quisesse ouvir. — Podia ter uma vida maravilhosa lá, como Peg. Melhor do que a de Peg. As igrejas de St. Catherine e St. Margaret ficam lá. A de St. Catherine fica bem na beira do lago. Uma construção linda. Linda mesma. Mas Mary Dawn é a rebelde da família... sempre foi. Sempre fez só o que quis e, desde o tempo em que saiu de casa para participar daquele concurso, levar sua vida direitinho igual a de todo o mundo parece não ser uma coisa que ela queira.

Dawn ia para Avon estritamente a fim de nadar. Ainda detestava deitar na areia para tomar sol, ainda se ofendia por ter sido obrigada pelos organizadores do concurso de Miss New Jersey a expor ao sol sua pele bonita todos os dias — na passarela, eles diziam, o maiô branco teria um impacto maior contra o fundo de uma pele bem bronzeada. Como uma jovem mãe, ela tentava se afastar o máximo possível de tudo o que a assinalava como uma "ex-qualquer coisa", e de tudo o que despertasse um desprezo insano em outras mulheres e a deixasse infeliz, sentindo-se uma excêntrica. Ela chegou a doar para instituições de caridade todas as roupas que o diretor do concurso (que tinha lá suas próprias idéias sobre que tipo de garota deveria ser apresentada por New Jersey aos juízes do Miss América) havia escolhido para ela nas vitrines dos estilistas de Nova York durante a viagem de compras de um dia inteiro antes de seguir para Atlantic City. O Sueco achava que ela ficava deslumbrante naqueles vestidos e detestou que se perdessem, mas pelo menos, atendendo a seus pedidos insistentes, ela conservou a coroa estadual, e algum dia, no futuro, ainda poderia mostrá-la para suas netas.

E mais tarde, depois que Merry entrou na escola primária, Dawn resolveu demonstrar de uma vez por todas para o mundo feminino que ela podia se destacar por outra coisa que não a boa aparência. Decidiu criar gado. Essa idéia, também, remontava a sua infância — ao avô, o pai da sua mãe, que em 1880, com vinte e um anos, desembarcou vindo do condado de Kerry, na Irlanda, casou, estabeleceu-se no sul de Elizabeth perto de St. Mary, e foi pai de onze crianças. A princípio, ganhou a vida como trabalhador braçal no cais, mas comprou duas vacas a fim de prover o leite para a família, acabou vendendo o excedente para gente importante na rua West Jersey — os Moore, das Tintas Moore, a família do almirante "Touro" Halsey, e o vencedor do Prêmio Nobel Nicholas Murray Butler — e logo se tornou um dos principais fornecedores independentes de leite em Elizabeth. Tinha cerca de trinta vacas na rua Murray e, embora não possuísse muitas terras, isso não tinha importância — naquele tempo, podiam deixar as vacas pastando em qualquer parte. Todos os seus filhos foram trabalhar no mesmo ramo de negócio, e continuaram até depois da guerra, quando vieram os grandes supermercados e deram cabo dos pequenos comerciantes. O pai de Dawn, Jim Dwyer, havia trabalhado para a família da mãe dela e foi assim que os pais de Dawn vieram a se conhecer. Quando ele era ainda apenas um menino, antes de existir a geladeira, Jim Dwyer

costumava sair com o caminhão de leite à meia-noite e ficar trabalhando até de manhã, entregando o leite que transportava na parte de trás do caminhão. Mas detestava o trabalho. Uma vida dura demais. Que tudo isso vá para o inferno, disse ele, afinal, e começou a trabalhar como encanador. Dawn, quando bem criança, adorava visitar as vacas e, aos seis ou sete anos, um de seus primos a ensinou como ordenhar, e essa emoção — fazer o leite esguichar daqueles úberes, enquanto os animais se deixavam ficar ali de pé, tranqüilamente, comendo feno e permitindo que ela puxasse e espremesse as tetas até saciar o coração — ela nunca esqueceu.

Com gado de corte, porém, ela não precisava da força masculina para ordenhar e podia gerir a empresa quase inteiramente sozinha. A raça Simmental, que produzia muito leite mas era também de bons animais para o corte, ainda não era uma espécie de gado registrada nos Estados Unidos naquela época, portanto ela poderia começar o negócio em posição vantajosa. O cruzamento de raças — Simmental com Hereford sem chifres — era o que a interessava, o vigor genético, o vigor híbrido, o aprimoramento repentino que resultava do cruzamento. Dawn estudava os livros, comprava as revistas, os catálogos começaram a chegar pelo correio e, à noite, ela chamava o Sueco até o local onde estava folheando um catálogo e dizia:

— Não é uma novilha bonita? Tenho que ir lá dar uma olhada de perto.

Logo eles estavam viajando juntos para exposições e feiras de gado. Dawn adorava os leilões.

— Isso me lembra demais Atlantic City — cochichava ela para o Sueco. — É o concurso de Miss América para vacas.

Ela usava um crachá de identificação — "Dawn Levov, Criadores de Arcádia", que era o nome da sua empresa, retirado do seu antigo endereço de Old Rimrock, Caixa 62, estrada de Arcady Hill — e achava muito difícil resistir à tentação de comprar uma vaca bonita.

Uma vaca ou um touro eram trazidos para o palco, desfilavam em volta do tablado enquanto os patrocinadores forneciam as informações acerca do animal, o pai, a mãe e o que fizeram, seu potencial, depois as pessoas apresentavam seus lances e, embora Dawn comprasse com cautela, sua satisfação em simplesmente erguer a mão e superar o lance anterior era legítima. Por mais que o Sueco quisesse mais filhos, e não mais vacas, ele tinha de admitir que Dawn nunca lhe parecera tão fascinante, nem mesmo quando a vira pela primeira vez em Upsala, quanto naqueles momentos nos

leilões em que sua beleza surgia sedutoramente encoberta pela excitação de dar lances e comprar. Antes da chegada de Conde — o touro campeão que ela comprou por dez mil dólares assim que nasceu, quantia pela qual o marido, que sempre a apoiava inteiramente, viu-se obrigado a adverti-la por representar uma soma pesada — o contador do Sueco examinava as cifras relativas à firma Criadores de Arcádia ao final de cada ano e lhe dizia:

— Isso é ridículo, não pode continuar desse jeito.

Mas eles não podiam sair perdendo na verdade, pois era sobretudo o tempo de Dawn que ela punha na empresa, e assim o Sueco respondia ao contador:

— Não se preocupe, ela vai acabar ganhando algum dinheiro.

Ele nem sonhava em interromper a atividade da mulher, mesmo que no final Dawn não conseguisse ganhar um centavo, porque, como dizia a si mesmo quando a observava com sua cadela junto ao rebanho: "Esses são os seus amigos".

Dawn trabalhava feito louca, sozinha, acompanhando o progresso das crias, fazendo os bezerrinhos novos beberem em uma garrafa plástica com um bico de borracha, caso não demonstrassem interesse em mamar, substituindo a nutrição materna antes de devolver as crias para o rebanho. Para fazer a cerca, teve de contratar um homem, mas ficava ali com ele, enfardando feno, mil e oitocentos, dois mil fardos de feno, que os abasteciam durante o inverno, e quando Conde estava velho e se perdeu em um dia de inverno, Dawn saiu heroicamente em busca do seu touro, durante três dias vasculhou as matas atrás dele, até que o encontrou onde ele havia se enfiado, em uma ilhazinha no meio do pântano. Trazê-lo de volta para o celeiro foi uma guerra. Dawn pesava quarenta e sete quilos e tinha um metro e cinqüenta e oito de altura, e o Conde pesava mil cento e trinta quilos, um animal muito grande, muito bonito, com uma grande mancha marrom em torno de cada olho, pai das crias mais cobiçadas. Dawn conservava todas as crias do touro, reprodutores para outros donos de gado, que por sua vez manteriam esses touros em seus rebanhos; as novilhas, ela não as vendia com freqüência, mas quando queria vender, sempre havia alguém interessado em comprar. A prole do Conde ganhava prêmios todo ano nas feiras nacionais e o investimento retornava multiplicado muitas e muitas vezes. Mas um dia Conde foi encalhar no meio do pântano porque deslocou o joelho; a terra estava congelada e ele deve ter metido a pata em um buraco, entre raízes e, quando percebeu que para

sair daquela ilhazinha teria de atravessar a lama encharcada, desistiu, e passaram três dias antes que Dawn o encontrasse. Então, com a cadela e Merry, ela pegou um cabresto de corda e tentou tirar o touro dali, mas ele sentia muita dor e não queria se levantar. Assim voltaram mais tarde trazendo umas pílulas, entupiram o bicho de cortisona e outras coisas e ficaram ali sentadas, ao lado dele, durante mais algumas horas sob a chuva, e então tentaram de novo levantar o touro. Tinham de conduzi-lo através de um terreno cheio de raízes, pedras e lama funda, ele andava um pouquinho e parava, andava um pouquinho e parava, a cadela se colocava atrás dele e latia, e com isso o touro andava mais alguns passos, e assim eles prosseguiram durante horas. Traziam o touro amarrado em uma corda e, quando ele sacudia a cabeça, aquela cabeça enorme, com o pêlo todo encaracolado e aqueles olhos lindos e puxava a corda para trás, fazia as duas se desequilibrarem, Dawn e Merry juntas — e catapumba no chão! Aí elas se levantavam e começavam tudo outra vez. Haviam trazido um punhado de grãos e Conde comia um pouco de vez em quando e, nessas horas, ele andava um pouquinho mais depressa mas, no todo, levaram quatro horas para tirar o touro do mato. Em geral, Conde andava muito bem, mas tinha se machucado de tal forma que elas tiveram de levá-lo para casa quase que um pedaço de cada vez. Ver sua pequena esposa — uma mulher que poderia, se assim quisesse, ter sido apenas um rostinho bonito — e sua filhinha encharcadas e cobertas de lama quando apareceram com o touro no campo ensopado de chuva atrás do celeiro era uma coisa que o Sueco nunca ia esquecer. “Isso está certo”, pensou ele. “Ela está feliz. Temos Merry e isso basta.” Ele não era um homem religioso mas, naquele momento, deu graças, dizendo em voz alta: “Uma luz está brilhando sobre mim”.

Para trazer o touro para o celeiro, Dawn e Merry levaram mais uma hora, e ali ele ficou estirado sobre o feno durante quatro dias. Trouxeram o veterinário e o homem disse:

— Ele não tem mais jeito. Posso fazer o touro se sentir melhor, é só isso que posso fazer.

Dawn trazia água em baldes para Conde beber, e trazia comida, e um dia (como Merry costumava contar para todo o mundo que aparecesse em sua casa) o touro resolveu, “Ei, estou bem”, e então se levantou, saiu andando por ali, se acalmou, e foi nessa época que se apaixonou por uma velha égua e os dois se tornaram inseparáveis. No dia que tiveram de embarcar o

Conde — enviá-lo para o matadouro — Dawn chorava sem parar e repetia: "Não posso fazer isso", e o Sueco respondia: "Você precisa fazer", e assim foi feito.

Por um passe de mágica (palavras de Merry), na noite anterior à partida de Conde, ele concebeu uma novilha perfeita, o seu lance de despedida. A novilha tinha as manchas marrons em torno dos olhos — "Ele esp-p-p-palhava olhos marrons para todo lado" — mas, após isso, embora os touros fossem bons animais, nunca houve outro que se comparasse com o Conde.

Portanto tinha mesmo alguma importância que Dawn dissesse às pessoas que detestava sua casa? O Sueco era agora, de longe, o componente mais forte do casal, e ela era, de longe, o mais fraco; o Sueco era o felizardo, sem dúvida não merecia ter recebido tanta coisa — mas, que diabo, com tudo que ela pedia ele concordava. Se havia algo que ele podia tolerar e Dawn não, não conseguia conceber outra coisa *senão* concordar. Era o único jeito que o Sueco conhecia de um homem continuar sendo um homem, sobretudo em se tratando de alguém com tanta sorte como ele. Desde o começo de tudo, fora um esforço muito maior para o Sueco suportar as frustrações dela do que suportar as suas próprias; as frustrações de Dawn pareciam perigosamente roubá-lo de si mesmo — uma vez absorvidas as frustrações de Dawn, parecia impossível não fazer nada a respeito delas. Colocar panos quentes não ia resolver. Seu esforço para chegar àquilo que Dawn desejava sempre tinha de ser fervoroso; nunca se libertava do seu sereno fervor. Nem mesmo quando tudo caía em cima dele, nem mesmo quando, ao dar a todos na fábrica o que solicitavam dele e ao dar a todos em casa o que precisavam que desse — negociando com presteza as trapalhadas dos fornecedores, as exigências dos sindicatos, as queixas dos compradores; lutando com um mercado incerto e enfrentando todas as dores de cabeça que vinham do outro lado do oceano; atendendo imediatamente às exigências importunas de uma filha gaga, de uma esposa de espírito independente, de um pai pretensamente aposentado e de pavio muito curto — lhe ocorria que esse impiedoso uso impessoal de si mesmo pudesse um dia vir a derrubá-lo. Não pensava desse jeito mais do que o chão em que pisava poderia pensar. O Sueco parecia nunca entender ou, mesmo em momentos de cansaço, nunca admitir que suas limitações não eram inteiramente aviltantes e que ele não era uma casa de pedra de cento e setenta anos, com seu peso amparado de forma imperturbável por vigas talhadas em carvalho bruto — algo mais transitório e misterioso.

De um jeito ou de outro, não era essa casa que Dawn detestava na verdade; o que ela detestava eram as lembranças de que não conseguia se desvencilhar, todas associadas com a casa, lembranças que o Sueco, é claro, partilhava. Merry, quando aluna da escola primária, deitada no chão do escritório ao lado da escrivaninha de Dawn, fazendo desenhos de Conde, enquanto Dawn fazia a contabilidade da fazenda. Merry competindo com a concentração da mãe, apreciando trabalhar com a mesma disciplina, silenciosamente se deleitando em sentir-se igual a ela, tomando parte de uma busca comum e, de alguma forma rudimentar, oferecendo a eles um vislumbre de si mesma como uma mulher adulta — sim, como a amiga adulta deles que um dia Merry havia de ser. Lembranças sobretudo de quando eles não estavam sendo aquilo que os pais são noventa por cento das vezes — os fiscais de tarefas, os exemplos, as autoridades morais, os chatos que vivem dizendo pegue-isso-pegue-aquilo e você-vai-se-atrasar, controladores do dia-a-dia de suas rotinas e deveres —, lembranças, na verdade, de quando pais e filha se viam com olhos desarmados, para além das tensões entre, de um lado, a autoridade paterna e materna e, de outro, a insegurança e a inépcia infantis, lembranças daqueles momentos de repouso em uma vida familiar, nos quais eles podiam alcançar uns aos outros com serenidade.

As manhãs em que ele fazia barba no banheiro enquanto Dawn ia acordar Merry — ele não conseguia imaginar um início melhor para a manhã do que olhar de relance esse ritual. Nunca houve um despertador na vida de Merry — Dawn era o seu despertador. Antes das seis horas, ela já estava lá no celeiro, mas às seis e trinta em ponto parava de cuidar da sua criação, voltava para a casa e ia para o quarto da filha, onde, sentada na beirada da cama, dava início à reconfortante cerimônia do despertar. Começava sem uma palavra — Dawn simplesmente afagava a cabeça adormecida de Merry, uma pantomima que poderia prosseguir durante dois minutos inteiros. A seguir, quase cantarolando as palavras sussurradas, perguntava delicadamente: “Algum sinal de vida?”. Merry reagia, não abrindo os olhos, mas apenas mexendo o dedo mindinho. “Um outro sinal de vida, por favor?” E a brincadeira se prolongava — Merry prosseguia torcendo o nariz, umedecendo os lábios, soltando um suspiro que mal dava para ouvir — até que, afinal, ela se levantava da cama e estava pronta. Era uma brincadeira que corporificava uma perda, para Merry, de uma situação em que se achava inteiramente protegida, e para Dawn, do projeto de

proteger completamente aquilo que antes parecia completamente passível de ser protegido. Acordar a filha: aquilo continuou até que ela tivesse quase doze anos, o único rito da infância ao qual Dawn não conseguia deixar de se render, e que nenhuma das duas se mostrava nem um pouco ansiosa em deixar para trás.

Como o Sueco adorava ver as duas fazendo aquilo que mães e filhas fazem. Aos olhos do pai, uma parecia ampliar a outra. Em trajes de banho, correndo juntas para fora das ondas e apostando corrida até as toalhas — a esposa, agora, já um pouco além do ápice do seu vigor, e a filha começando a se aproximar do seu próprio momento culminante. Um esboço da natureza cíclica da vida que deixava o Sueco com a sensação de que possuía uma compreensão ampla do sexo feminino em seu conjunto. Merry, com sua curiosidade crescente sobre os ornamentos da feminilidade, experimentando em si mesma as jóias de Dawn enquanto, a seu lado diante do espelho, Dawn a ajudava a se arrumar. Merry revelava a Dawn, em tom de confidência, seus temores de cair no ostracismo — de as outras crianças a ignorarem, de suas amiguinhas se voltarem contra ela. Naqueles momentos tranqüilos dos quais o Sueco se via excluído (a filha confiando na mãe, Dawn e Merry emocionalmente contidas uma dentro da outra, como aquelas bonequinhas russas), Merry parecia, de forma mais pungente do que nunca, não uma pequena réplica de sua esposa, ou dele mesmo, mas sim uma criaturazinha independente — um pouco parecida, uma versão deles, todavia distinta e nova — pela qual ele sentia a mais apaixonada afinidade.

Não era a casa que Dawn detestava, na verdade — o que ela detestava, o Sueco sabia, era que o motivo para cuidar da casa (para fazer as camas, pôr a mesa, lavar as cortinas, planejar os feriados, distribuir as energias e dividir seus afazeres ao longo do dia e da semana) fora destruído juntamente com o mercadinho de Hamlin; a palpável plenitude dos dias, a serena regularidade que outrora constituíra os alicerces de toda a vida deles só sobrevivia nela como uma ilusão, como uma fantasia escarnecedoramente inatingível, maior do que a própria vida, verdadeira para todas as famílias de Old Rimrock, exceto a sua. O Sueco sabia disso não apenas por causa do milhão de recordações que tinha mas também porque, na gaveta de cima da escrivaninha, guardava ainda à mão um exemplar de dez anos atrás do semanário local, *Denville-Randolph Courier*, apresentando na primeira página o artigo sobre Dawn e sua criação de gado. Ela aceitara ser

entrevistada na condição de que o jornalista não mencionasse ter sido Dawn a Miss New Jersey de 1949. O jornalista concordou e a matéria tinha o título "Mulher de Old Rimrock sente-se feliz de amar o trabalho que faz", e concluía com um parágrafo que, em toda a sua simplicidade, deixava o Sueco orgulhoso da mulher, toda vez que voltava a ler o texto: "'As pessoas têm sorte se conseguem fazer aquilo que amam e são boas no que fazem', declarou a senhora Levov".

A matéria do *Courier* atestava o quanto ela havia amado a casa, assim como tudo o mais em suas vidas. Abaixo de uma fotografia de Dawn, de pé, diante dos pratos de estanho alinhados acima do consolo da lareira — vestindo sua blusa branca de gola rulê e um blazer cor creme, com o cabelo penteado no estilo pajem e as mãos delicadas na frente do corpo, os dedos decorosamente entrelaçados, mostrando um ar doce mas um pouquinho sem graça —, a legenda dizia: "A senhora Levov, ex-Miss New Jersey de 1949, adora morar em uma casa de cento e setenta anos, um ambiente que, segundo ela, reflete os valores de sua família". Quando Dawn telefonou para o jornal enfurecida por terem mencionado a Miss New Jersey, o jornalista respondeu que havia cumprido a promessa de não mencionar o assunto na matéria; o editor é que redigira a legenda da foto.

Não, ela não detestava a casa, é claro que não — e isso não tinha nenhuma importância. A única coisa que interessava agora era resgatar o bem-estar de Dawn; os comentários tolos que ela pudesse fazer sobre isso ou aquilo não tinham nenhuma conseqüência fora do âmbito da sua recuperação. Talvez o que estivesse perturbando o Sueco fosse o fato de que os ajustes por meio dos quais Dawn vinha construindo sua recuperação não tinham, no que se referia a ele, um caráter regenerador ou inteiramente louvável; pareciam-lhe algo como uma afronta. Não podia dizer para os outros — e sem dúvida não conseguia convencer a si mesmo — que detestava as coisas que amava...

Isso tudo não lhe saía do pensamento. Mas não tinha como impedi-lo, não quando lembrava como Merry, aos sete anos, adoeceu de tanto comer massa crua enquanto, na cozinha, preparava duas dúzias de bolinhos com pedacinhos de chocolate e nozes, e uma semana depois eles ainda encontravam de vez em quando bocadinhos de massa espalhados por todo lado, até em cima da geladeira. Desse modo, como o Sueco podia detestar a geladeira? Como podia permitir que suas emoções fossem remodeladas, como podia imaginar a si mesmo sendo salvo, a exemplo de Dawn, ao

deixar tudo isso para trás, em troca de uma geladeira novinha e silenciosa, que descongelava automaticamente, o Rolls-Royce das geladeiras? Ele não poderia de jeito nenhum dizer que detestava a cozinha em que Merry costumava assar seus bolinhos e derreter seus sanduíches de queijo e fazer seu *ziti* assado, mesmo que os armários não fossem de aço inoxidável e as pias não fossem de mármore italiano. O Sueco não podia dizer que detestava o porão aonde ia brincar de esconde-esconde com as amiguinhas dela, que gritavam muito, ainda que às vezes até ele mesmo ficasse com um pouco de medo de se encontrar ali embaixo, no inverno, com aqueles camundongos correndo por todos os lados. Não podia dizer que detestava a pesada lareira enfeitada com o antigo caldeirão de ferro que, aos olhos de Dawn, de uma hora para outra, passou a ser considerado a coisa mais cafona do mundo, não quando o Sueco lembrava como, no início de todo mês de janeiro, ele picava a árvore de Natal e lançava os pedaços no fogo da lareira, tudo de uma só vez, de modo que a chama explosiva dos galhos muito secos, o grande rumor do fogo, os estalidos estridentes e a dança das sombras, demônios que subiam aos pinotes pelas quatro paredes até o teto, transportavam Merry para um delírio de contentamento e temor. O Sueco não podia dizer que detestava a banheira arredondada e com pés de ferro imitando garras onde ele costumava dar banho na filha, só porque décadas de indeléveis nódoas minerais provocadas pelo fluxo da água riscaram o esmalte e traçaram um círculo em torno do ralo. Não podia nem mesmo detestar a privada, cujo mecanismo de descarga requeria um sacolejar especial para que o troço parasse de jorrar água, não quando ele lembrava a filha de joelhos ao lado da privada e vomitando, enquanto ele mesmo se punha de joelhos a seu lado, segurando sua testinha abatida.

Tampouco podia dizer que detestava a filha pelo que havia feito — quem dera pudesse dizer! Quem dera, em vez de viver caoticamente no mundo onde ela não estava mais e no mundo onde ela estivera antes e no mundo onde ela agora deveria estar, o Sueco pudesse vir a odiar a filha o bastante para não mais se importar nem um pouco com o mundo dela, antes *ou* agora. Se ao menos pudesse voltar a pensar como qualquer pessoa, de novo um homem totalmente natural em vez dessa dilaceradora sinceridade de charlatão, um Sueco singelo por fora e um Sueco atormentado por dentro, um estável Sueco visível e um sitiado Sueco oculto, um Sueco descontraído, sorridente e fingido encobrindo o Sueco que jazia enterrado vivo. Se ao menos ele pudesse, ainda que de forma pálida, reconstituir a unidade

indivisa de sua existência, que garantira a sua confiança e a sua liberdade física espontânea, antes de se tornar o pai de uma suposta assassina. Se ao menos ele pudesse ser tão inconsciente quanto algumas pessoas o julgavam — se ao menos pudesse ser tão perfeitamente simples quanto era a lenda do Sueco Levov forjada pelo culto aos heróis das crianças do seu tempo. Se ao menos *ele* pudesse dizer: "Eu detes-to essa casa!". Aí sim ele seria outra vez o Sueco Levov de Weequahic. Se pudesse dizer: "Eu odeio essa filha! Nunca mais quero vê-la!". E depois ir em frente, para todo o sempre deserdá-la, desprezá-la, repudiá-la, a ela e à visão das coisas que ela havia abraçado, se não matar, pelo menos abandonar cruelmente a própria família, uma visão que nada tinha a ver com "ideais" mas sim com desonestidade, crime, megalomania e insanidade. Um antagonismo cego e um desejo infantil de ameaçar — *esses* eram os ideais dela. Sempre em busca de algo para odiar. Sim, ia além, muito além da sua gagueira. Aquele ódio violento pela América era em si mesmo uma doença. E o Sueco amava a América. Amava ser um *americano*. Mas, naquele tempo, ele nem sequer se atrevia a começar a explicar à filha por que ele era assim, com medo de desencadear os demônios, com medo de ofender. Eles viviam apavorados com a língua gaguejante de Merry. E, nessa altura, o Sueco já não tinha mais a menor influência sobre ela. Dawn não tinha mais nenhuma influência. Seus pais não tinham mais nenhuma influência sobre ela. De que modo Merry ainda seria "dele" agora se já não era dele nem mesmo naquele tempo, sem dúvida nenhuma não era mais dele, pois, para desencadear na filha a sua aterrorizante mentalidade de *blitzkrieg*, bastava que o pai começasse apenas a explicar por que suas afeições tendiam a favor do país onde nascera e crescera. Piranhazinha gaga e troca-letras! Que porra ela pensa que é?

Imagine só a perversidade com que Merry teria atacado o pai caso este revelasse a ela que, quando era pequeno, só de repetir o nome dos quarenta e oito estados do país ficava todo emocionado. A verdade é que mesmo os mapas das estradas já produziam um tremendo choque nas suas emoções, quando no posto de gasolina distribuíam gratuitamente um folheto rodoviário. Assim também a maneira imprevista pela qual viera a receber o seu apelido. No seu primeiro dia na escola secundária, no ginásio, se preparando para a sua primeira aula de educação física, ele apenas corria, quicando a bola de basquete, enquanto os outros meninos ainda se achavam sentados em volta, calçando os tênis. A quatro metros e meio de

distância, ele encestou duas bolas direto — vupt! vupt! — só para esquentar. E depois, aquele jeito descontraído com que Harry "Doc" Ward, o jovem e popular professor de educação física e treinador de luta recém-saído de Montclair State, gritou de gozação da porta do seu gabinete — gritou chamando aquele menino louro e magrelo de catorze anos, com um olhar azul fulgurante e o estilo de jogar natural, tranqüilo, o menino que ele nunca vira antes em seu ginásio — "Onde é que você aprendeu isso, Sueco?". Como o nome diferenciava Seymour Levov do Seymour Munzer e do Seymour Wishnow, que também constavam da lista de chamada da turma, o apelido se espalhou por todos que freqüentavam o ginásio durante o seu primeiro ano no colégio; a seguir, outros professores e treinadores adotaram o apelido, depois os colegas no colégio e, mais tarde, enquanto Weequahic continuou a ser a velha Weequahic dos judeus e enquanto as pessoas por lá ainda se importavam com o passado, Doc Ward era sempre conhecido como a pessoa que havia batizado o Sueco Levov. O apelido pegou. Foi muito simples, um velho apelido americano, proferido por um professor de educação física, difundido em um ginásio, um nome que o tornaria mítico de um modo que o nome Seymour nunca teria sido capaz, mítico não apenas durante seus anos de escola mas também para seus colegas, na memória, pelo resto de seus dias. Ele o levava consigo como um passaporte invisível, enquanto prosseguia cada vez mais fundo na vida americana, evoluindo de forma decidida até se tornar um grande, tranqüilo americano otimista, de um modo que seus antepassados francamente rústicos — inclusive o pai obstinado, que reivindicava para si a cidadania americana de maneira nem um pouco tímida — nunca sonhariam possível para um elemento da sua família.

O jeito que seu pai falava com as pessoas, isso também marcou o Sueco, o jeito americano com que seu pai falava com o cara do posto de gasolina, "Enche aí, Mac. Dá uma olhada na frente também, tá legal, meu chapa?". O entusiasmo de suas viagens no DeSoto. Os diminutos e bolorentos chalés em que paravam a fim de passar a noite enquanto perambulavam pelas bonitas paisagens das estradas vicinais do estado de Nova York para ver as Quedas do Niagara. A viagem para Washington quando Jerry já era um pirralho encapetado. Sua primeira folga na fuzilaria naval, a peregrinação até o Hyde Park com os pais e Jerry para ficarem todos de pé, como uma família, contemplando o túmulo de fdr. Recém-saído do campo de treinamento de recrutas e ali de pé junto ao túmulo de Roosevelt, o Sueco

sentia que alguma coisa importante estava acontecendo; fortalecido e intensamente bronzeado após o treinamento durante os meses mais quentes do ano em um campo de exercícios militares onde a temperatura em alguns dias subia até sessenta graus, ele ficou em silêncio, vestindo com orgulho seu novo uniforme de verão, a camisa engomada, a calça cáqui lustrosa e sem bolsos de trás, muito bem passada, a gravata bem esticada, o quepe bem no meio da cabeça raspada, sapatos de couro preto lustrados com esmero, cintilantes, e o cinto — o cinto que, mais do que tudo, o fazia sentir-se um fuzileiro naval, aquele cinto de pano cáqui trançado bem firme, com uma fivela de metal — cingindo uma cintura que se submetera a uns dez mil abdominais quando recruta em Parris Island. Quem era ela para fazer pouco disso tudo, para rejeitar tudo isso, para odiar tudo isso e querer destruí-lo? A guerra, vencer a guerra — será que ela também odiava isso? Os vizinhos, em plena rua, gritando e se abraçando no Dia da Vitória, buzinando os carros, marchando à roda dos gramados, diante das casas, batendo com toda a força no fundo das panelas. O Sueco ainda estava em Parris Island, então, mas sua mãe descrevera para ele em uma carta de três páginas. A festa de comemoração na quadra de esportes, nos fundos da escola naquela noite, todo o mundo que eles conheciam, amigos da família, amigos da escola, o açougueiro do bairro, o merceeiro, o farmacêutico, o alfaiate, até mesmo o anotador de apostas da loja de doces, todos eufóricos, longas filas de pessoas de meia-idade muito sóbrias imitando loucamente Carmen Miranda e dançando conga, um-dois-três *chute*, um-dois-três *chute*, até depois das duas da madrugada. A guerra. Vencer aquela guerra. Vitória, vitória, a vitória tinha chegado! Morte e guerra tinham acabado!

Em seus últimos meses de escola secundária, o Sueco lia o jornal todas as noites, acompanhando os fuzileiros através do Pacífico. Viu as fotos na *Life* — fotos que assombravam o seu sono — dos corpos amarfanhados de fuzileiros mortos em Peleliu, uma ilha em um arquipélago chamado Palaus. Em um local chamado pico do Nariz Sangrento, velhas minas de fosfato foram ardilosamente instaladas pelos japas, que depois iam torrar até virar carvão sob o fogo dos lança-chamas, e deram cabo de centenas e centenas de jovens fuzileiros navais, de dezoito anos, dezenove anos, rapazes apenas um pouquinho mais velhos do que ele. O Sueco tinha um mapa no seu quarto, com alfinetes espetados, alfinetes com que ele ia assinalando onde os fuzileiros navais, fechando o cerco sobre o Japão, haviam atacado pelo mar um pequeno atol ou um arquipélago onde os japas, metidos em

fortalezas de coral, disparavam um fogo feroz de morteiros e fuzis. Okinawa foi invadida a 1º de abril de 1945, domingo de Páscoa do seu último ano na escola secundária, e exatamente dois dias depois ele conseguiu um ponto duplo e um *home run* em uma partida de beisebol já perdida contra o West Side. A Sexta Divisão da fuzilaria naval conquistou Yontan, uma das duas ilhas que serviam de base aérea, a três horas da costa. Tomaram a península Motobu em treze dias. Bem em frente à praia de Okinawa, dois pilotos kamikazes atacaram o porta-aviões e nau capitânia *Bunker Hill* no dia 14 de maio — um dia depois de o Sueco ter empatado a partida contra Irvington High, com um simples, um triplo e dois duplos — mergulhando em cheio seus aviões abarrotados de bombas na pista de pouso repleta de aviões americanos, todos abastecidos e prontos para decolar, e carregados de munição. O fogo subiu a trezentos metros de altura no céu e, na tempestade explosiva que rugiu depois durante oito horas, quatrocentos marinheiros e pilotos morreram. Fuzileiros da Sexta Divisão capturaram o monte Pão de Açúcar no dia 14 de maio de 1945 — mais três duplos para o Sueco na partida em que seu time venceu o East Side —, talvez o dia de luta mais terrível e bárbaro na história dos fuzileiros navais. Talvez o pior dia da história da humanidade. As cavernas e túneis que abriam favos de mel no monte Pão de Açúcar, na extremidade sul da ilha, onde os japas haviam fortificado e escondido seu exército, foram varridos com lança-chamas e depois lacrados com granadas e cargas de demolição. A luta corpo-a-corpo prosseguia dia e noite. Atiradores japoneses com rifles e metralhadoras, encurralados em suas posições e sem ter por onde se retirar, combatiam até morrer. No dia em que o Sueco se formou na escola secundária de Weequahic, 22 de junho — tendo alcançado o recorde de pontos duplos em uma única temporada na Liga Municipal de Newark —, a Sexta Divisão da fuzilaria naval ergueu a bandeira americana na segunda base aérea de Okinawa, Kadena, e a plataforma final para a invasão do Japão estava garantida. De 1º de abril até 21 de junho de 1945 — por coincidência, alguns dias a mais ou a menos, a última e melhor temporada do Sueco como homem da primeira base no time da escola secundária — uma ilha com cerca de oitenta quilômetros de comprimento fora ocupada por forças americanas ao preço de quinze mil vidas americanas. Os mortos japoneses, militares e civis, chegaram a cento e quarenta e um mil. Conquistar a pátria dos japoneses, ao norte, e dar cabo da guerra podia levar o número de mortos de cada lado a uma cifra dez, vinte ou trinta vezes mais elevada. E

mesmo assim o Sueco partiu e, a fim de tomar parte do ataque final ao Japão, ingressou na fuzilaria naval que, em Okinawa, assim como em Tarawa, Iwo Jima, Guam e Guadal-canal, havia sofrido baixas aterradoras.

Os fuzileiros. Ser um fuzileiro. O campo de treinamento de recrutas. Chutavam a gente para um lado e para o outro. Xingavam a gente de todo jeito, física e mentalmente assassinavam a gente durante três meses, e foi a melhor experiência que eu já tive na vida. Aceitei aquilo como um desafio e consegui encarar. Meu nome virou "Eh-oh". Era assim que os instrutores de ginástica sulistas pronunciavam o nome Levov, engolindo o *L* e os dois vês — todas as consoantes lançadas ao mar — e esticando as duas vogais. "Eh-oh!" Feito um burro zurrando. "Eh-oh!" "Sim, senhor!" O major Dunleavy, o diretor esportivo, um cara grandalhão, treinador de futebol americano de Purdue, parou o pelotão um dia e o sargento pesadão que chamávamos de Bóia gritou chamando o soldado raso Eh-oh, e lá fui eu correndo com o capacete na cabeça, e meu coração martelava porque pensei que minha mãe tinha morrido. Estava apenas a uma semana de ser enviado para o campo Lejeune, na Carolina do Norte, para o treinamento avançado com armamentos, mas o major Dunleavy cortou minha onda e assim eu nunca atirei com um fuzil automático Browning. E foi por isso que entrei para a fuzilaria naval — queria, mais do que tudo, atirar com um fuzil automático Browning, deitado de barriga no chão, com o cano apoiado em um morrinho de terra. Dezoito anos de idade e isso era para mim o corpo dos fuzileiros navais, a metralhadora de disparo rápido e refrigerada a ar, calibre 30. Que garoto patriota era aquele garoto inocente. Queria atirar com a matadora de tanques, a bazuca lança-foguetes portátil, queria provar para mim mesmo que não estava assustado e era capaz de fazer aquilo tudo. Granadas, lança-chamas, rastejar sob arames farpados, explodir casamatas, atacar abrigos subterrâneos. Queria desembarcar na praia em um veículo militar anfíbio. Queria ajudar a vencer a guerra. Mas o major Dunleavy recebera uma carta de um amigo em Newark contando como aquele tal de Levov era um jogador formidável, uma carta entusiasmada dizendo como eu era incrível e assim eles me transferiram e me transformaram em instrutor de ginástica a fim de me manter na ilha para jogar — a essa altura, já tinham lançado a bomba atômica e a guerra já estava mesmo encerrada. "Você está na minha unidade, Sueco. Estou feliz de ter você aqui." Uma tremenda água fria, na verdade. Quando meu cabelo cresceu, eu era de novo um ser humano comum. Em vez de ser chamado o tempo todo de "cabeça de

bosta", ou "mexa-se-cabeça-de-bosta", de repente eu era o instrutor de ginástica a quem os recrutas chamavam de "senhor". Os instrutores chamavam os recrutas assim: "Vamos lá, rapaziada! Abaixem o corpo, rapaziada! De pé, rapaziada! Duas vezes, rapaziada, duas vezes, *hup*!". Incrível, uma experiência incrível para um garoto da avenida Keer. Caras que eu nunca teria encontrado na vida. Sotaques de toda parte do país. Do Meio-Oeste. Nova Inglaterra. Uns rapazes do interior do Texas e do extremo Sul que eu não conseguia nem entender quando falavam. Mas os conheci lá. Vim a gostar deles. Rapazes durões, pobres, um monte de atletas da escola secundária. Vivia com os lutadores de boxe. Vivia com o pessoal da recreação. Tinha um outro cara judeu, Manny Rabinowitz, de Altoona. O judeu mais durão que já vi na minha vida. Que lutador. Um grande amigo. Nem chegou a terminar a escola secundária. Nunca tive um amigo feito ele, nem antes nem depois. Nunca ri com tanta força na minha vida como ria com Manny. Manny para mim era como ter dinheiro no banco. Ninguém incomodava a gente com piadinhas de judeu e coisas assim. Ficávamos um pouco discretos no campo de treinamento de recrutas, mas era isso mesmo. Quando Manny lutava, os caras apostavam seus cigarros nele. Para nós, Buddy Falcone e Manny Rabinowitz eram sempre os dois vencedores, onde quer que enfrentássemos os lutadores de outra base. Depois de lutar com Manny, o adversário sempre dizia que ninguém nunca o acertara tão forte em toda a sua vida. Manny comandava a diversão comigo, os organizadores das lutas de boxe. O duo — os fuzileiros judeus. Manny pegava o recruta metido a engraçadinho que criava um monte de encrenca e com sessenta e cinco quilos de peso e colocava o sujeito para lutar com um cara de setenta e dois quilos, um cara que Manny tinha certeza de que ia fazer picadinho dele.

— Sempre escolha um cara de cabelo ruivo, Eh-oh — dizia Manny. — Ele vai nos dar a melhor luta do mundo. Os ruivos nunca amolecem.

Manny, o cientista. Manny, embarcando para Norfolk a fim de enfrentar um marinheiro, um lutador peso médio, antes da guerra, e massacrá-lo. Exercitando o batalhão antes do café da manhã. Marchando com os recrutas até a piscina todas as noites para ensiná-los a nadar. Praticamente empurrávamos os recrutas para dentro da água — a maneira antiga de ensinar a nadar, mas era preciso nadar para ser um fuzileiro. Era preciso estar sempre pronto para fazer dez flexões de braço a mais do que qualquer outro recruta. Eles me desafiaram, mas eu estava em forma. Pegar o ônibus

e ir jogar. As longas distâncias que a gente viajava. Bob Collins no time, o grandalhão de St. John. Meu colega de equipe. Um atleta incrível. Gostava de encher a cara. Fiquei bêbado pela primeira vez na vida com Bob C., fiquei falando durante duas horas sem parar sobre jogar bola para Weequahic e depois vomitei no convés inteiro. Caras irlandeses, italianos, poloneses, eslovacos, e uns poucos rapazes da Pennsylvania, garotos que tinham fugido dos pais que trabalhavam nas minas e batiam neles com cinto de fivela e com os punhos fechados — eram esses os caras com quem eu vivia, comia e dormia. Tinha até um índio, um cherokee, que jogava na terceira base. Eu o chamava Corta Mijo, o mesmo nome que dávamos ao nosso capitão. Nem me pergunte por quê. Nem todos eram pessoas corretas mas no conjunto eram gente boa. Caras legais. Um monte de saídas organizadas para apertar umas meninas. Jogamos contra Fort Benning. Cherry Point, Carolina do Norte, a base aérea da marinha. Vencemos. Vencemos o Estaleiro da Marinha de Charleston. Tínhamos no nosso time uns garotos que sabiam lançar a bola muito bem. Um arremessador saiu para jogar nos Tigers. Fui para Rome, na Georgia, para jogar, depois para Waycross, na Georgia, para uma base do exército. Chamava os caras do exército de vira-latas. Vencer a *eles*. Vencer todo o mundo. Vi o Sul. Vi coisas que nunca tinha visto. Vi a vida que os negros levavam. Encontrei todo tipo de gentio que se pode imaginar. Encontrei lindas garotas sulistas. Encontrei prostitutas comuns. Usei preservativo. Deitei e rolei com elas. Vi Savanah. Vi New Orleans. Em uma partida de beisebol, pularam em cima de mim em um *rundown* em Mobile, Alabama, quando me senti muito feliz de ver que a patrulha da marinha estava bem ali a postos, do meu lado. Jogar basquete e beisebol com o vigésimo segundo regimento. Tinha de ser um fuzileiro naval dos Estados Unidos. Tinha de usar o emblema com a âncora e o globo. “Não tem arremessador nenhum lá, Eh-oh, mande essa bola para longe daqui, Eh-oh...” Tinha de ser Eh-oh para os caras de Maine, New Hampshire, Louisiana, Virginia, Mississippi, Ohio — caras sem instrução vindos de toda a América me chamavam de Eh-oh, e só. Para eles, eu era apenas Eh-oh. Adorava isso. Me desliguei da fuzilaria no dia 2 de junho de 1947. Casei com uma moça linda chamada Dwyer. Fui dirigir uma empresa que meu pai construiu, um homem cujo pai nem sequer sabia falar inglês. Fui morar no lugarzinho mais bonito do mundo. Odiar a América? Por quê? Ele vivia na América do mesmo jeito que vivia dentro da própria pele. Todos os prazeres dos seus anos de juventude foram prazeres americanos,

todo o seu sucesso e sua felicidade foram americanos, e ele não precisava mais manter a boca fechada a respeito disso só para amortecer o ódio doentio da filha. A solidão que devia sentir como alguém privado de todos os seus sentimentos americanos. A saudade que sentiria se tivesse de viver em outro país. Sim, tudo o que dava sentido às suas conquistas era americano. Tudo o que ele amava estava aqui.

Para ela, ser americana era ter nojo da América, mas amar a América era uma coisa que o Sueco já não podia deixar de fazer, assim como não podia deixar de amar o pai ou a mãe, assim como não podia abandonar a sua decência. Como é que ela podia "odiar" esse país quando não tinha sequer uma *idéia* a respeito desse país? Como é que uma filha dele podia ser tão cega a ponto de injuriar o "sistema podre" que dera à sua própria família toda a oportunidade de alcançar o sucesso? Injuriar seus pais "capitalistas" como se a riqueza deles fosse o produto de alguma outra coisa que não o incansável trabalho de três gerações. Os homens de três gerações, inclusive ele mesmo, chafurdando na lama fedorenta de um curtume. A família que começara em um curtume, sozinhos, trabalhando lado a lado com os mais baixos trabalhadores — agora, para ela, eram os "cães capitalistas". Não havia muita diferença, *e ela sabia disso*, entre odiar a América e odiar a eles. O Sueco amava a América que ela odiava e culpava por tudo o que havia de imperfeito na vida e queria violentamente destruir, ele amava os "valores burgueses" que ela odiava e ridicularizava e queria subverter, ele amava a esposa, a mãe que ela odiava e a quem, fazendo o que fez, a filha só não havia assassinado. Piranhazinha escrota e ignorante! O preço que eles tiveram de pagar! Por que *não deveria* o Sueco rasgar a carta de Rita Cohen? Rita Cohen! Eles estavam de volta! Os malfeitores sádicos com seu infinito talento para a contestação, que haviam extorquido dinheiro dele, que, por pura diversão, haviam tirado dele o álbum de recortes de Audrey Hepburn, o diário da gagueira e as sapatilhas de balé, aqueles jovens bárbaros delinqüentes que se autodenominavam "revolucionários", que haviam, de maneira tão perversa, brincado com as suas esperanças cinco anos atrás resolveram que havia chegado de novo a hora de rir um bocado da cara de Sueco Levov.

Podemos simplesmente assistir como testemunhas à angústia que a santifica. A discípula que chama a si mesma "Rita Cohen". Estavam debochando dele. *Tinham* de estar debochando. Porque a única coisa pior do que tudo isso, ser uma piada de mau gosto, era *não ser* uma piada de

mau gosto. *Sua filha é divina*. Minha filha pode ser tudo o que quiserem, menos isso. Ela é muito fraca, desorientada, ressentida — minha filha é um caso perdido! Por que foi contar a ela que dormiu comigo? E ainda vem me dizer que era *ela* que queria que você fosse para a cama comigo! Você só diz essas coisas porque nos odeia. E nos odeia porque nós *não* fazemos essas coisas. Você nos odeia não porque somos imprudentes, mas porque somos prudentes, sensatos, laboriosos e concordamos em respeitar as leis. Você nos odeia porque não fracassamos. Porque trabalhamos duro e honestamente para nos tornarmos os melhores no ramo e por causa disso prosperamos, portanto você nos inveja, nos odeia e quer nos destruir. E por isso a usou. Uma menina de dezesseis anos com um problema de gagueira. Não, com vocês nada é pequeno. Fizeram dela uma "revolucionária" cheia de grandes idéias e elevados ideais. Filhos da puta. Vocês *apreciam* o espetáculo da nossa devastação. Sacanas covardes. Não foram os clichês que a escravizaram, foram *vocês* que a escravizaram com o mais pretensioso e rasteiro dos clichês — e essa criança magoada, com seu ódio de gaga pelas injustiças, não teve nenhuma proteção. Vocês a levaram a acreditar que estava em sintonia com as pessoas tiranizadas — e a transformaram em sua marionete, sua cúmplice. E em conseqüência o doutor Fred Conlon está morto. Foi ele que vocês mataram a fim de parar a guerra: o chefe de equipe do hospital de Dover, o cara que, em um pequeno hospital comunitário, criou uma unidade de tratamento coronariano com oito leitos. Esse foi o crime *dele*.

Em vez de explodir no meio da noite, quando a cidade estava vazia, a bomba, de forma deliberada ou por algum engano, detonou às cinco horas da manhã, uma hora antes de o mercadinho Hamlin's abrir e um instante depois de Fred Con-lon ter deixado na caixa de correio envelopes contendo cheques para pagar as contas da sua casa, que ele havia preenchido em sua escrivaninha na noite anterior. Estava a caminho do hospital. Um fragmento de metal voou do armazém e acertou-o na parte de trás do crânio.

Dawn estava sob o efeito de sedativos e não podia ver ninguém, mas o Sueco fora até a casa de Russ e Mary Hamlin manifestar seus sentimentos pelo mercadinho, disse aos Hamlin como o mercadinho era importante para Dawn e para ele, como o mercadinho era uma parte de suas vidas tanto quanto para qualquer outro habitante da comunidade; depois foi ao velório — no caixão, Conlon parecia bem, tranqüilo, tão afável como sempre — e na semana seguinte, com seu médico já cuidando da internação de Dawn, o

Sueco foi sozinho visitar a viúva de Conlon. Como ele conseguiu chegar à casa dessa mulher para tomar chá é uma história à parte — um *livro* à parte — mas fez isso, fez mesmo, e heroicamente ela serviu chá ao Sueco enquanto ele prestava à família seus pêsames com as palavras que revisara mentalmente quinhentas vezes mas que, ao serem ditas, nem assim soaram boas, ainda mais ocas do que as que dissera para Russ e Mary Hamlin: "um profundo e sincero pesar... a angústia da sua família... minha esposa gostaria que a senhora soubesse...". Após ouvir tudo o que ele tinha a dizer, a senhora Conlon respondeu com serenidade, dando mostras de um ar tão tranqüilo, gentil e compassivo que o Sueco teve vontade de sumir, esconder-se feito uma criança, enquanto ao mesmo tempo continha um impulso avassalador de se atirar aos pés dela e ficar ali estirado para sempre, suplicando o seu perdão.

— Vocês são bons pais e criaram sua filha da melhor maneira possível — disse ela. — Não foi culpa sua e eu não tenho nada contra vocês. Não foram comprar a dinamite. Não fizeram a bomba. Não instalaram a bomba. Vocês não têm nada a ver com a bomba. Se, como parece, sua filha tiver sido a responsável, não vou considerar ninguém a não ser ela como responsável pela morte do meu marido. Lamento muito pelo senhor e pela sua família, senhor Levov. Perdi o marido, meus filhos perderam o pai. Mas o senhor perdeu algo ainda maior. São pais que perderam a filha. Não há um único dia em que o senhor não esteja em meus pensamentos e em minhas orações.

O Sueco só conhecera Fred Conlon superficialmente, em coquetéis e reuniões beneficentes, em que ambos se sentiam igualmente entediados. O Sueco o conhecia sobretudo pela reputação, um homem que zelava com a mesma devoção pela sua família e pelo hospital — um homem que trabalhava muito, um bom sujeito. Sob a sua direção, o hospital começara a organizar um programa de expansão, o primeiro desde a sua construção, e além da nova unidade de tratamento coronariano, durante a sua administração, teve lugar uma modernização das instalações do serviço de emergência, que havia muito já se fazia necessária. Mas quem é que quer saber do serviço de emergência de um hospital comunitário no meio do mato? Quem é que quer saber de um mercadinho rural que funciona sob a gestão do mesmo dono desde 1921? Estamos falando da *humanidade*! Quando é que houve progresso para a humanidade sem alguns pequenos tropeços e enganos? O povo está aborrecido e se manifestou! Violência

provocará violência, a despeito das conseqüências, até que o povo seja libertado! A América fascista perde uma agência de correio, prejuízo total.

Embora, como se soube depois, o mercadinho Hamlin's não fosse uma agência de correio oficial, nem os Hamlin funcionários do correio americano — o deles era apenas um bico, uma agência postal contratada por *x* dólares, a fim de receber pequenas encomendas postais. A agência de correio de Hamlin era um posto do governo tanto quanto o é o escritório onde o contador da gente preenche os formulários fiscais. Mas isso não passa de um detalhe técnico secundário para os revolucionários mundiais. Instalações destruídas! Mil e cem habitantes de Old Rimrock forçados, por um ano e meio, a percorrer de carro oito quilômetros para comprar selos, pesar as encomendas e enviar qualquer carta registrada ou remessas especiais. Isso vai mostrar ao Lyndon Johnson quem é que manda por aqui.

Eles estavam debochando do Sueco. *A vida* estava debochando dele.

A senhora Conlon havia dito:

— Vocês são vítimas dessa tragédia tanto quanto nós. A diferença é que, no nosso caso, embora a recuperação vá levar certo tempo, sobreviveremos como família. Vamos sobreviver como uma família afetuosa. Vamos sobreviver com nossas lembranças intatas e com nossas recordações para nos amparar. Não será mais fácil para nós do que para vocês compreender e aceitar uma coisa tão absurda. Mas somos a mesma família que éramos quando Fred estava aqui, e vamos sobreviver.

A nitidez e a força com que ela sugeria que o Sueco e a sua família *não* iriam sobreviver fizeram com que ele ficasse pensando, nas semanas que se seguiram, se a bondade e a compaixão dela seriam mesmo tão abrangentes como a princípio ele quisera acreditar.

O Sueco nunca mais foi visitá-la.

Ele disse à sua secretária que ia para Nova York, até o consulado tcheco, onde já tivera conversas preliminares sobre uma viagem à Tchecoslováquia no final do outono. Em Nova York, ele examinara algumas luvas, bem como sapatos, cintos, agendas de bolso e carteiras manufaturadas na Tchecoslováquia, e agora os tchecos estavam fazendo planos para o Sueco visitar as fábricas em Brno e Bratislava, e assim ele poderia ver de perto a fabricação das luvas e examinar amostras mais significativas do trabalho deles, em plena produção e no momento mesmo em que o produto sai da fábrica. Não havia mais dúvida de que na Tchecoslováquia os produtos de couro poderiam ser fabricados a um preço mais baixo do que em Newark

ou Porto Rico — e talvez com mais qualidade também. A qualidade da mão-de-obra, que começara a decair na fábrica de Newark desde os distúrbios de rua, continuara a se deteriorar, sobretudo quando Vicky se aposentou da função de contramestra do setor de confecção. Mesmo admitindo que o que ele tinha visto no consulado tcheco não fosse representativo na produção normal, o material deixara uma impressão muito boa. Nos anos 30, os tchecos inundaram o mercado americano com ótimas luvas; ao longo dos anos, excelentes cortadores tchecos foram empregados na fábrica Artigos de Couro para Senhoras Newark e o mecânico que trabalhara em tempo integral durante trinta anos fazendo a manutenção das máquinas de costura da fábrica, mantendo aquelas bestas de carga funcionando sem parar — substituindo cabos, alavancas, lançadeiras, bobinas, regulando de maneira incansável a velocidade e a tensão de cada máquina —, era um tcheco, um operário esplêndido, especialista em todas as máquinas de costurar luva que existiam no mundo, capaz de consertar qualquer coisa. Muito embora o Sueco houvesse garantido ao pai que não tinha a menor intenção de negociar qualquer ponto de sua produção com um governo comunista antes de voltar de lá com um relatório completo da situação, o Sueco tinha certeza de que sair de Newark não estava nem um pouco fora de cogitação.

Nessa época, Dawn já estava de cara nova e começara sua espantosa recuperação, e quanto à Merry... bem, querida Merry, doce Merry, minha adorada e única filha Merry, como é que posso ficar na avenida Central lutando para manter minha produção em dia, levando todos os trancos que levamos dos negros que já não se importam mais nem um pouco com a qualidade do meu produto — pessoas descuidadas, pessoas que fazem de mim gato e sapato porque sabem que não tem mais ninguém em Newark que possa ser treinado para substituí-las — só porque tenho medo de que, se eu deixar a avenida Central, você vai me chamar de racista e nunca mais vai querer me ver? Esperei tanto tempo para ver *você* de novo, sua mãe esperou, vovô e vovó esperaram, todos esperamos vinte e quatro horas por dia, todos os dias durante cinco anos seguidos, esperamos ver você de novo, ter notícias suas ou, de algum modo, receber uma mensagem sua, e agora já não podemos mais adiar nossas vidas. É 1973. Sua mãe é uma mulher nova. Se algum dia vamos voltar a viver, é agora que devemos começar.

Todavia ele não foi ao consulado tcheco esperar pelo simpático cônsul, que lhe daria as boas-vindas com um copo de *slivovitz* (como seu pai ou

sua esposa pensariam caso ligassem para o seu escritório), mas sim esperar em frente ao hospital de cães e gatos na avenida Railroad de New Jersey, a dez minutos de carro da Artigos de Couro para Senhoras Newark.

A apenas dez minutos. E durante anos? Em Newark, durante anos? Merry estava morando no único lugar do mundo que ele nunca teria imaginado, mesmo que lhe dessem mil chances de adivinhar onde ela estava. Será que o Sueco era pobre de inteligência, ou Merry era tão provocadora, tão perversa, tão doida que ele ainda não conseguia ter a *mínima* idéia do que ela era capaz? Será que ele também era pobre de imaginação? Mas que pai não o seria? Era absurdo. Sua filha estava morando em Newark, trabalhando do outro lado dos trilhos da estrada de ferro da Pennsylvania, e não na extremidade do setor ferroviário, onde os portugueses estavam recuperando as pobres ruas de Down Neck, mas logo ali, na parte mais a oeste do setor ferroviário, à sombra do viaduto da ferrovia que bloqueava a avenida Railroad ao longo de todo o lado oeste. Aquela fortificação austera era a muralha da China da cidade, pedras de arenito pardo empilhadas até alcançar seis metros de altura, se estendendo por mais de um quilômetro e meio e cortada apenas por meia dúzia de imundas passagens de nível. Ao longo dessa rua desolada, tão execrável agora quanto qualquer outra rua em qualquer outra cidade arruinada na América, se espichava, com um alongamento de réptil, um muro desprotegido, incapaz de despertar sequer o interesse dos pichadores. Exceto pelas ervas murchas que conseguiam sobressair nas fendas no concreto nu onde o reboco havia rachado e despencado, o muro do viaduto era totalmente estéril e mudo, a não ser pela afirmação da luta prolongada e triunfante de uma cidade industrial exaurida para conferir um aspecto monumental à sua feiúra.

No lado leste da rua, as velhas fábricas sombrias — fábricas do tempo da Guerra Civil, fundições, ferrarias, indústrias pesadas enegrecidas pela fumaça que bombeava das chaminés havia cem anos — agora não tinham mais janelas, a luz do sol bloqueada por tijolos e argamassa, suas entradas e saídas lacradas com blocos de concreto feitos de cinzas. Eram essas as fábricas onde as pessoas perdiam dedos e braços e tinham os pés esmagados e o rosto escaldado, onde outrora crianças trabalhavam no calor e no frio, as fábricas do século XIX que espremiam as pessoas e expeliam produtos e agora eram túmulos impenetráveis, herméticos. Era Newark mesma que estava sepultada ali, uma cidade que nunca mais ia se pôr em movimento. As pirâmides de Newark: tão enormes, escuras e

aterradoramente impermeáveis quanto tinham o direito histórico de ser as construções fúnebres de qualquer grande dinastia.

Os revoltosos amotinados não haviam atravessado por baixo dos trilhos elevados da ferrovia — se o tivessem feito, essas fábricas, todo o conjunto delas, seriam agora um monte de entulho incendiado, como as fábricas da rua West Market, atrás da Artigos de Couro para Senhoras Newark.

O pai do Sueco costumava lhe dizer:

— Arenito pardo e tijolo. Esse era o grande negócio. A pedreira do arenito ficava aqui mesmo. Sabia? Em frente de Bel-leville, ao norte, seguindo o rio. Esta cidade tinha tudo. Que negócio incrível deve ter sido. O cara que vendia tijolo e arenito pardo para Newark... este sujeito, sim, é que estava por cima da carne-seca.

Nas manhãs de sábado, o Sueco ia de carro até Down Neck junto com o pai para apanhar a cota semanal de luvas terminadas com as famílias italianas pagas por peça produzida na própria casa. Enquanto o carro avançava sacudindo pelas ruas pavimentadas de tijolos, passando por uma série de casas pobres com vigas de madeira, o sólido viaduto da estrada de ferro continuava o tempo todo arruinadamente à vista deles. Não queria desaparecer. Esse foi o primeiro encontro do Sueco com o sublime construído por mãos humanas, que divide e amesquinha, e que no começo lhe parecia assustador, um menino como ele suscetível mesmo naquela época ao ambiente, com uma propensão para se deixar abraçar por ele e, em troca, abraçá-lo também. Seis ou sete anos de idade. Talvez cinco, talvez Jerry nem tivesse nascido ainda. As pedras humilhantes fazendo com que a cidade parecesse ainda mais gigantesca do que já era para o Sueco. O horizonte feito por mãos humanas, o corte brutal no corpo da cidade gigante — dava a sensação de que eles estavam penetrando nas sombras do inferno, quando tudo o que o menino estava vendo era apenas a resposta da ferrovia à cruzada populista para erguer os trilhos acima do nível do chão e desse modo pôr fim aos acidentes e à carnificina de pedestres.

— Arenito pardo e tijolo — dizia seu pai com admiração. — *Este* sim era um sujeito que não tinha mais nada com que se preocupar na vida.

Tudo isso tinha ocorrido antes de se mudarem para a avenida Keer, quando moravam em frente à sinagoga em uma casa partilhada por três famílias na extremidade mais pobre da rua Wainwright. Na época, seu pai não possuía sequer um sótão para trabalhar, mas conseguia suas peles com um colega também de Down Neck, que traficava em sua garagem tudo o

que os operários do curtume conseguissem surrupiar dentro de suas grandes botas de borracha ou enrolado no corpo por baixo do macacão. O fornecedor clandestino de couro era também trabalhador de um curtume, um polonês grandalhão, rude, com tatuagens cobrindo os braços musculosos, e o Sueco tinha vagas lembranças do pai, de pé, junto à única janela da garagem, segurando os couros limpos contra a luz e procurando defeitos, depois esticando as peças sobre os joelhos antes de fazer sua escolha.

— Sinta isto aqui — dizia ele para o Sueco, quando já estavam de volta no carro, e o menino dobrava nos dedos uma delicada pele de cabrito, como vira seu pai fazer pouco antes, apalpando a suavidade com ar de admiração, a textura aveludada do grão compacto e firme do couro. — *Isto* é couro — seu pai lhe dizia. — O que é que faz a pele do cabrito ficar tão delicada, Seymour?

— Não sei.

— Bem, o que é um cabrito?

— O filhote da cabra.

— Certo. E o que é que ele come?

— Leite?

— Certo. Tudo o que o bicho comeu foi somente leite, por isso o grão do seu couro é tão macio e bonito. Olhe os poros dessa pele com uma lente de aumento e vai ver que são tão fininhos que mal dá para enxergar. Mas quando o cabrito começa a comer capim, a história é outra. O bode come capim e logo a sua pele fica feito uma lixa. O melhor couro para fazer uma luva social, qual é, Seymour?

— De cabrito.

— Este é o meu garoto. Mas não é só o cabrito, meu filho, é o jeito de curtir, também. É preciso conhecer o trabalho do curtume. É a mesma diferença entre um cozinheiro bom e um cozinheiro ruim. A gente pega um pedaço de carne boa e um cozinheiro ruim pode estragar tudo. Como é que uma pessoa faz um bolo ótimo e a outra não? Um fica macio e bonito e o outro fica todo ressecado. A mesma coisa com o couro. Já trabalhei em um curtume. São os produtos químicos, é o tempo, é a temperatura. É daí que vem a diferença. É isso que resolve, e não sair por aí comprando couro de baixa qualidade. Custa tanto curtir uma pele boa quanto uma pele ruim. Custa até mais caro curtir uma pele ruim... dá mais trabalho. Linda, linda — disse ele —, que coisa linda — mais uma vez amassando entre os dedos a

pele de cabrito. — Sabe o que a gente faz para ela ficar assim, Seymour?

— O que, pai?

— Tem que trabalhar pra burro em cima da pele.

Havia oito, dez, doze famílias de imigrantes espalhadas por Down Neck, para as quais Lou Levov distribuía as peles segundo seus próprios critérios, trabalhadores de Nápoles que foram luveiros na terra natal, entre os quais os mais habilidosos acabaram indo trabalhar na Artigos de Couro para Senhoras Ne-wark assim que Lou Levov pôde pagar o aluguel do pequeno sótão na rua West Market, no último andar da fábrica de cadeiras. O velho avô italiano ou o pai fazia o trabalho de corte na mesa da cozinha, com a régua francesa, as tesouras e o cutelo que ele trouxera da Itália. A avó ou a mãe fazia a costura, e as filhas cuidavam dos acabamentos — passavam as luvas a ferro — à maneira antiga, com ferros aquecidos em uma caixa colocada em cima do fogão de paredes bojudas, na cozinha. As mulheres trabalhavam em antigas máquinas Singer, máquinas do século XIX que Lou Levov, o qual aprendera a montar e desmontar essas máquinas, tinha comprado por uma ninharia e depois consertado ele mesmo; pelo menos uma vez por semana, tinha de ir até Down Neck à noite e passar uma hora para colocar uma máquina quebrada funcionando direito outra vez. Afora isso, passava dia e noite percorrendo Jersey de cima a baixo, oferecendo na rua as luvas que os italianos tinham fabricado para ele, vendendo-as primeiro no porta-malas do seu carro, bem no meio de uma rua no centro da cidade e, depois, diretamente para as lojas de roupa ou lojas de departamento que foram os primeiros fregueses firmes da Artigos de Couro para Senhoras Newark. Foi em uma cozinha pequena, a menos de oitocentos metros de onde o Sueco se achava agora de pé, que o garoto vira um par de luvas cortadas pelo mais velho dos velhos artesãos napolitanos. Ele achava que era capaz de lembrar de ter ficado sentado no colo do pai enquanto Lou Levov provava um copo do vinho da família, feito em casa, diante de um cortador que diziam ter cem anos de idade e que teria feito luvas para a rainha da Itália, enquanto alisava os cantos de uma pele com meia dúzia de volteios de sua faca de lâmina cega.

— Olhe só para ele, Seymour. Está vendo como a pele é pequena? A coisa mais difícil de cortar direito no mundo é uma pele de cabrito. Por que é muito pequena. Mas olhe só como ele faz. Você está diante de um gênio e de um artista. O cortador italiano, meu filho, se julga sempre mais artístico. E este aqui é o mestre de todos eles.

Às vezes, almôndegas fritavam em uma frigideira e o Sueco lembrava um dia em que um cortador italiano que sempre ronronava "*Che belezza...*" e o chamava de *Picirell'*, coisinha fofa, afagando-lhe o cabelo louro, ensinou-o como molhar o crocante pão italiano em um pote de molho de tomate. Por menor que fosse o quintal, sempre havia pés de tomate crescendo na terra, e uma videira, e uma pereira, e em todas as casas tinha sempre um avô. Era ele que tinha feito o vinho e a quem Lou Levov dizia, em um dialeto napolitano acompanhado do que supunha ser a gesticulação adequada, a única frase em italiano do seu repertório: "*Na mano lava 'nad*" — uma mão lava a outra —, quando estendia sobre o encerado as notas de um dólar correspondentes ao trabalho daquela semana. Em seguida, o garoto e seu pai se levantavam da mesa com as luvas prontas e seguiam para casa, onde Sylvia Levov examinaria as luvas uma por uma com um esticador, um meticuloso exame de cada costura de cada dedo e de cada polegar de todas as luvas.

— As luvas de um par — dizia o pai ao Sueco — devem combinar perfeitamente, o grão do couro, a coloração, a graduação da cor, tudo. A primeira coisa que ela verifica é se as luvas estão combinando uma com a outra.

Enquanto sua mãe trabalhava, explicava ao menino todos os erros que podem ocorrer na fabricação de uma luva, erros que ela aprendera a reconhecer como esposa do seu marido. Um ponto de costura saltado pode resultar em um junção aberta, mas não dá para enxergar isso, explicou ela ao menino, sem colocar o esticador dentro da luva e tensionar a costura. Existem falhas da costura que não deveriam estar ali, mas estão, porque a costureira errou e depois decidiu ir adiante assim mesmo. Há uma coisa chamada corte de açougueiro, que ocorre quando o animal foi cortado muito fundo, na hora de ser esfolado. Mesmo depois de a pele ser raspada, as marcas permanecem ali e, embora elas não apareçam necessariamente quando a gente tensiona a luva com o esticador, podem muito bem se abrir quando a pessoa vestir a luva. Em cada lote de luvas que veio de Down Neck, seu pai encontrou pelo menos uma luva em que o polegar não combinava direito com a palma. Isso o deixou furioso.

— Está vendo isto aqui? Olhe só, o cortador estava tentando executar toda sua cota em uma mesma pele, e não conseguiu cortar um polegar do mesmo pedaço de couro do resto da luva, e aí então ele trapaceia, pega uma outra pele e corta o polegar, e não combina, e isso para mim não é

nada bom. Está vendo isto aqui? Dedos tortos. Era isso o que Mario estava mostrando para você, hoje de manhã. Quando você está cortando uma *fourchette* ou um polegar, ou qualquer coisa, tem de puxar bem firme. Se não puxar bem firme, depois vai dar problema. Se ele puxasse essa *fourchette* enviesada, na diagonal, então quando fosse costurar as partes de trás e da frente uma na outra, o dedo ia ficar torcido em uma espiral, feito esta aqui. É isso que sua mãe está verificando. Porque, lembre bem *e não esqueça*, um Levov faz uma luva que tem de ser *perfeita*.

Sempre que sua mãe encontrava alguma coisa errada, dava a luva para o Sueco, que espetava um alfinete no local defeituoso, através dos pontos da costura, nunca através do couro.

— Furos no couro nunca desaparecem — seu pai o prevenia. — Não é como pano, onde os furos podem sumir. Sempre através da costura, sempre!

Depois que o menino e sua mãe tinham inspecionado um lote, a mãe usava uma linha especial para alinhavar as luvas umas nas outras, uma linha que rompia com facilidade, seu pai explicava, de modo que, quando o comprador separar as luvas, os nós costurados em cada extremidade não vão rasgar o couro. Depois que os pares de luvas estavam alinhavados, a mãe do Sueco as envolvia em papel de seda — estendia um par em uma folha de papel de seda, dobrava o papel por cima das luvas, e dobrava uma segunda vez, para que as luvas de cada par ficassem protegidas juntas. Doze pares, contados em voz alta para ela pelo Sueco, iam depois para dentro de uma caixa. No início, não era uma caixa enfeitada, apenas uma caixa marrom, lisa, com uma escala de tamanhos marcada na ponta, indicando o tamanho da luva. A caixa preta enfeitada com a faixa dourada e o nome Artigos de Couro para Senhoras Newark estampado em letras douradas só surgiu quando seu pai conseguiu abrir à força uma brecha na fortaleza da grande loja Bamberger's, que virou sua cliente, e depois na Maccy's Little Acessory Shop. Uma caixa vistosa, elegante, com o nome da firma e a marca costurada em dourado e preto em cada luva tinham enorme importância não só para a loja como também para o freguês altamente exigente.

Todo sábado, quando iam até Down Neck para recolher as luvas feitas naquela semana, eles levavam consigo as que o Sueco marcara com alfinetes nos locais em que sua mãe tinha descoberto algum defeito. Se uma luva se ouriçava com três alfinetes ou mais, seu pai teria de advertir a família

que a fizera de que, caso quisessem continuar trabalhando para ele, não poderiam tolerar trabalho malfeito. "Lou Levov não vende uma luva cortada a mão a menos que seja uma luva perfeita", dizia ele. — Não estou aqui para brincar. Estou aqui pelo mesmo motivo de vocês: para ganhar dinheiro. "*Na mano lava 'nad*", *e não esqueçam*.

— O que é uma pele de novilho, Seymour?

— É a pele de um bezerro novinho.

— Como é o grão do couro?

— É compacto, bem fechado. Muito liso. Lustroso.

— É usada para quê?

— Sobretudo para luvas masculinas. É forte.

— O que é um *cabo*?

— É a pele de um carneiro de pêlos da África do Sul.

— *Cabretta*?

— Não é o carneiro que produz lã, mas o que tem pêlos.

— De onde?

— América do Sul. Brasil.

— Isso é só uma parte da resposta. Os animais vivem um pouco ao norte e ao sul do equador. Em qualquer parte do mundo. Sul da Índia. Norte do Brasil. Uma faixa ao longo da África...

— Os nossos vêm do *Brasil*.

— Certo. É verdade. Você tem razão. Só estou lhe dizendo que eles também podem vir de outros países. Então você já sabe. Qual é a operação crucial na preparação das peles?

— O esticamento.

— E nunca esqueça isso. Neste trabalho, a décima sexta parte de uma polegada faz a maior diferença do mundo. Esticar! Esticar direito garante cem por cento do acerto. Quantas partes tem um par de luvas?

— Dez, doze se tiver ligadura.

— Diga o nome das partes.

— Seis *fourchettes*, dois polegares, duas faces.

— A unidade de medida na produção de luvas?

— Botões.

— O que é uma luva de um botão?

— Uma luva de um botão tem dois centímetros e meio de comprimento se a gente medir da base do polegar até em cima.

— Aproximadamente dois centímetros e meio. O que é a costura de seda?

— As três fileiras de pontos de costura nas costas da luva. Se a gente não fizer uma volta na ponta, todo o fio de seda vai se soltar.

— Ótimo. E eu não perguntei nada sobre a volta na ponta do fio. Ótimo. Qual é a costura mais difícil de se fazer em uma luva?

— *Piqué* completo.

— Por quê? Pode pensar com calma, filho... é difícil. Diga, por quê?

A costura suprema. A costura padrão. Pontos isolados. Pontos de lança. Pele de gamo. Camurça. Tipo inglês. Deixar de molho. Raspar o pêlo. Pôr na salmoura. Escolher. Avaliar. O remate do grão. O remate do aveludado. Forros grudados. Armação do forro. Lã tricotada sem costura. Lã tricotada, cortada e depois costurada...

Enquanto iam e voltavam de carro até Down Neck, aquilo nunca parava. Todo sábado de manhã, dos seis aos nove anos de idade do Sueco, e a Artigos de Couro para Senhoras Newark se tornou uma empresa com o seu sótão próprio.

O hospital de cães e gatos ficava na esquina, em um prédio pequeno e decrépito, feito de tijolos, vizinho a um terreno baldio, um lugar onde se jogavam fora pneus velhos, com um capim quase da altura do Sueco, a ruína retorcida de uma cerca de tela de arame trançado caída na beirada da calçada onde ele esperava a filha... que vivia em Newark... havia quanto tempo... e onde, em que tipo de lugar desta cidade? Não, ele já não era mais pobre de imaginação — imaginar o horrível não exigia agora nenhum esforço, muito embora fosse ainda impossível visualizar como ela viera de Old Rimrock para cá. Não havia mais nenhuma fraude a que ele pudesse se agarrar para amenizar a surpresa que viria a seguir.

Esse lugar onde Merry trabalhava sem dúvida não dava a impressão de que ela continuava a acreditar que sua missão era mudar o rumo da história americana. A escada de incêndio enferrujada do prédio desabaria, se desprenderia de suas junções e desmoronaria no meio da rua se alguém tocasse os degraus com os pés — uma escada de incêndio cuja função não era salvar vidas se houvesse um, mas ficar ali pendurada sem nenhuma utilidade, oferecendo um testemunho da imensa solidão inerente à vida. Para o Sueco, ela estava destituída de qualquer outro significado — nenhum sentido poderia se adaptar melhor a esse prédio. Sim, estamos sós, profundamente sós, e para sempre, uma reserva guardada para nós, uma camada de solidão cada vez mais espessa. Não há nada que possamos fazer para nos livrar disso. Não, a solidão não devia nos surpreender, por mais

espantosa que seja essa experiência. A gente pode tentar se virar pelo avesso, mas tudo o que a gente consegue então é ficar do lado avesso e solitário, em vez de do lado direito e solitário. Minha querida e idiota, idiota Merry, mais idiota ainda do que o idiota do seu pai, nem mesmo explodir prédios resolve. É solitário se os prédios estão de pé e é solitário se os prédios vêm abaixo. Não existe protesto que se possa fazer contra a solidão — nem todos os atentados terroristas à bomba da história provocaram um único arranhão na solidão. O explosivo mais letal criado pelos homens não é capaz de tocá-la. Fique de queixo caído não com o comunismo, minha filha idiota, mas sim com a solidão comum, cotidiana. No dia 1º de maio, vá para a rua e marche com seus amigos para a glória suprema dela, a superpotência das superpotências, a força que sobrepuja tudo e todos. Aplique seu dinheiro nisso, aposte nisso, cultue isso — curve-se em submissão não a Karl Marx, minha filha gaga, irritada e idiota, não a Ho Chi Minh e Mao Tsé-Tung — curve-se à grande deusa Solidão!

Eu sou solitária, ela costumava lhe dizer quando era bem pequena, e ele ficava imaginando de onde sua filha teria desencavado aquela palavra. Solitária. A palavra mais triste que se pode ouvir de uma menina de dois anos de idade. Mas ela aprendera a falar tanta coisa tão cedo, no início falava com tanta facilidade, com tanta *inteligência* — talvez *isso* é que esteja por trás da sua gagueira, todas aquelas palavras que ela misteriosamente sabia falar antes de as outras crianças conseguirem sequer pronunciar seus nomes, a sobrecarga emocional de um vocabulário que incluía até mesmo "eu sou solitária".

Era com o Sueco que ela conseguia conversar. "Pai, vamos bater um papo." Com muita freqüência, as conversas giravam em torno da mãe. Ela dizia que sua mãe falava demais sobre as suas roupas, falava demais sobre o seu cabelo. A mãe queria vesti-la com um aspecto mais adulto do que as outras crianças. Merry queria ter o cabelo comprido como a Patti, e a mãe queria o seu cabelo curto.

— Mamãe ficaria bem contente se eu tivesse de usar um uniforme, como ela fazia em St. Genevieve.

— Sua mãe é conservadora, só isso. Mas você gosta de fazer compras com ela.

— O que eu mais gosto quando vou fazer compras com mamãe é que você prepara um lanchinho bem gostoso para a gente. E às vezes é bom ficar escolhendo roupas. Mas a mamãe sempre f-f-f-f-f-fala demais.

Na merenda da escola, Merry nunca come o que a mãe prepara.

— Salsicha com pão branco é nojento. Salsicha de fígado é nojento. Atum na lancheira molha tudo. A única coisa que eu gosto é presunto Virgínia, mas *sem* a casquinha. Gosto de s-s-s-s-sopa quente.

Mas quando ela levava sopa quente para a escola, sempre acabava quebrando a garrafa térmica. Se não fosse na primeira semana, seria na segunda. Dawn arranjou umas garrafas térmicas especiais, à prova de choques, mas mesmo essas Merry conseguia quebrar. Tamanha era a extensão da sua destrutividade.

Após a escola, quando ia cozinhar com sua amiga Patti, Merry tinha sempre de quebrar os ovos porque Patti tinha nojo de quebrar ovos. Merry achava isso besteira e assim, certa tarde, ela quebrou o ovo bem diante de Patti e ela vomitou. *E essa era a sua destrutividade — quebrar a garrafa térmica e quebrar um ovo*. E jogar fora tudo o que a mãe preparasse para ela lanchar. Nunca reclamava, apenas não comia. E quando Dawn começou a desconfiar e perguntou o que ela comera no lanche, viu que Merry podia ter jogado fora sem ao mesmo ver o que era.

— Às vezes você é uma menina bem difícil — disse-lhe Dawn.

— Não sou, não. Não sou d-d-d-d-difícil se você não me perguntar o que foi que lanchei.

Exasperada, sua mãe dizia:

— Nem sempre é fácil ser você mesma, não é, Merry?

— Acho que é mais fácil ser eu mesma, mãe, do que talvez estar p-p-p-p-perto de mim.

Ao pai, ela confidenciava:

— Achei que a fruta não estava tão boa assim, por isso também joguei fora.

— E o leite que você jogou fora?

— O leite estava um pouco frio, pai.

Mas sempre tinha uma moedinha no fundo da lancheira para tomar um sorvete e, assim, era isso que Merry comia. Não gostava de mostarda. Essa era uma outra queixa constante nos anos anteriores às queixas a respeito do capitalismo.

— E qual é a criança que gosta? — perguntava Merry ao pai.

A resposta era Patti. Patti comia sanduíches com mostarda e queijo pasteurizado; Merry, como revelava ao pai em suas conversas, não conseguia “de maneira nenhuma” compreender isso. Sanduíche de queijo

derretido era o que Merry preferia. Queijo Muenster derretido e pão branco. Depois da aula, Merry trazia Patti para casa e, como Merry tinha jogado fora o seu lanche, elas faziam sanduíches de queijo derretido. Às vezes, apenas derretiam queijo em uma chapa quente. Merry tinha certeza de que poderia sobreviver perfeitamente apenas comendo queijo derretido, se fosse necessário, disse ela ao pai. Isso foi, provavelmente, a coisa mais irresponsável que a menina jamais fizera — depois da escola, com Patti, derreter queijo em uma chapa quente e engolir com sofreguidão — até o dia em que explodiu uma bomba no mercadinho. Ela nem mesmo conseguia reunir forças para dizer o quanto Patti a chateava, com medo de ferir os sentimentos da amiga.

— O problema é que quando alguém vem para a casa da gente, depois de um certo tempo, a gente começa a ter raiva da pessoa.

Mas, diante de Dawn, Merry sempre se comportava como se quisesse que Patti ficasse mais tempo. *Manhê, a Patti pode jantar com a gente? Manhê, a Patti pode dormir aqui? Manhê, a Patti pode calçar minhas botas? Manhê, você pode levar a Patti e eu de carro até a cidade?*

Na quinta série, ela deu à mãe um presente do Dia das Mães. Em um trabalho escolar, pediram que os alunos escrevessem contando alguma coisa que fariam por suas mães, e Merry escreveu que faria o jantar toda sexta-feira, uma oferta muito generosa para uma menina de dez anos, mas que Merry cumpriu rigorosamente e de bom grado, em grande parte porque assim ela podia ter certeza de que uma noite por semana eles teriam *ziti* assado para comer; além disso, se ela fizesse o jantar, não teria de lavar a louça depois. Com a ajuda de Dawn, ela às vezes fazia lasanha ou canelone recheado, mas o *ziti* assado Merry preparava sozinha. Às vezes, na sexta-feira, tinha macarrão com queijo, mas em geral era mesmo *ziti* assado. O mais importante, ela dizia ao pai, era verificar se o queijo derretia, se bem que era igualmente importante ter certeza de que o *ziti* de cima tinha ficado durinho e crocante. Era o pai quem fazia a limpeza quando Merry preparava o *ziti* assado, e sempre havia muita coisa para lavar. Mas o Sueco adorava tudo.

— Cozinhar é divertido e lavar não é — Merry lhe confessava, mas não era essa a experiência dele quando a filha cozinhava. Quando o Sueco ouviu um comprador da Bloomingdale dizer que um restaurante na rua 49 Oeste fazia o melhor *ziti* assado de Nova York, passou a levar a família para o Vincent's uma vez por mês. Iam para Radio City ou para um musical da

Broadway e depois para o Vincent's. Merry adorava o Vincent's. E um jovem garçom chamado Billy adorava Merry porque, como se soube depois, tinha um irmão caçula que também gaguejava. Ele conversava com Merry sobre os astros da tevê e as estrelas do cinema que vinham comer no Vincent's.

— Está vendo onde seu pai está sentado? Está vendo a cadeira dele, *signorina*? Danny Thomas sentou nessa mesma cadeira ontem à noite. Sabe o que Danny Thomas diz quando uma pessoa chega perto da sua mesa e se apresenta para ele?

— N-n-n-não sei — respondeu a *signorina*.

— Diz assim: "Prazer em conhecê-lo".

E na segunda-feira, na escola, Merry repetia para Patti tudo o que Billy tinha contado para ela no Vincent's, em Nova York, no dia anterior. Será que já houve no mundo uma criança mais feliz? Uma pequena *signorina* mais amada pela mãe e pelo pai?

Não.

Uma mulher negra de calças amarelas apertadas, uma mulher colossal como um cavalo de tração com sua enorme garupa, se aproximou dele a trote nos sapatos de salto alto, estendendo em sua direção um pedacinho de papel em uma das mãos. Seu rosto estava violentamente marcado por uma cicatriz. O Sueco soube logo que a mulher vinha informá-lo de que sua filha estava morta. Era isso que estava escrito no papel. Era um bilhete de Rita Cohen.

— Senhor — disse ela —, poderia me informar onde fica o Exército da Salvação?

— E isso existe? — perguntou o Sueco. A mulher não parecia pensar que o Exército da Salvação de fato existisse. Mas ela retrucou:

— Acho que sim. — Mostrou para ele o pedaço de papel. — É o que dizem aqui. O senhor sabe onde fica?

Qualquer coisa começando ou terminando com "senhor" em geral queria dizer "estou a fim de dinheiro", por isso o Sueco meteu a mão no bolso, deu a ela umas notas e a mulher se foi, sacudindo o corpo, desapareceu na passagem de nível sob a estrada de ferro, com os sapatos que não calçavam direito, e depois ele não viu mais ninguém.

Esperou quarenta minutos e teria esperado outros quarenta, teria esperado ali até o dia escurecer, podia ficar até muito depois disso, um homem com um terno feito sob medida ao preço de setecentos dólares, com as costas apoiadas em um poste de luz como um vagabundo que

vestisse farrapos puídos, um homem que a julgar pela aparência tinha de comparecer a reuniões com hora marcada, tinha negócios para fechar e compromissos sociais para cumprir, vadiando ali meio sem jeito em uma rua desolada perto da estação ferroviária, quem sabe um forasteiro rico com a impressão enganadora de que havia chegado a uma zona de prostituição, fingindo olhar ao acaso para o vazio enquanto sua cabeça na verdade se achava repleta de segredos e seu coração estava (como realmente estava) batendo com toda a força. No caso, já atroz em si mesmo, de Rita Cohen estar dizendo a verdade e sempre ter dito a verdade, o Sueco poderia permanecer ali de vigília a noite inteira e toda a manhã seguinte, de pé, encostado no poste, na esperança de ver Merry *chegando* ao trabalho. Porém, misericordiosamente, se é que era essa mesma a palavra, em apenas quarenta minutos ela apareceu, uma figura alta e feminina mas que ele nunca teria tomado por sua filha, caso não lhe dissessem para esperar por ela ali.

Mais uma vez, faltou-lhe imaginação. O Sueco sentia-se como se não tivesse nenhum controle sobre os músculos que ele tão bem dominava desde os dois anos de idade — não teria ficado surpreso se tudo, inclusive seu sangue, tivesse esguichado para fora dele, numa torrente, direto para a calçada. Aquilo era demais para ele enfrentar. Era demais para levar para casa e pôr diante do rosto novo de Dawn. Nem mesmo clarabóias operadas eletronicamente no alto de uma cozinha moderna cujo núcleo vinha a ser uma ilha culinária que representava a última palavra em tecnologia poderiam ajudar Dawn a se recuperar de uma coisa como aquela. Mil e oitocentas noites à mercê da imaginação de um pai de uma assassina ainda não o haviam preparado para a personalidade secreta da filha. Não teria sido necessário tudo isso para enganar o FBI. Como ela conseguira chegar a isso era algo horrível demais para o Sueco refletir. Mas fugir da própria filha? Fugir de medo? Havia a *alma* dela para zelar. "Vida!" O Sueco advertiu a si mesmo. "Não posso deixar Merry ir embora! A nossa vida!" A essa altura, Merry já o tinha visto e, mesmo que isso ainda lhe fosse possível, ele não perdeu a cabeça nem fugiu correndo pela rua, porque já era tarde demais para sair correndo.

E para onde, afinal de contas, ele teria corrido? Para aquele Sueco que fez tudo isso sem o menor esforço? Para aquele Sueco afortunadamente esquecido de si mesmo e de seus pensamentos? Para aquele Sueco Levov que em outros tempos... Ele poderia muito bem ter ido atrás daquela

mulher negra, pesadona, com a cara marcada por uma cicatriz, para lhe pedir ajuda, na esperança de conseguir encontrar a si mesmo e lhe perguntar: “Madame, a senhora por acaso sabe dizer onde é que eu estou? A senhora tem alguma idéia de onde é que eu fui parar?”.

Merry tinha visto o Sueco. Como poderia deixar de ver? Como poderia deixar de ver o pai, mesmo se estivesse em uma rua onde houvesse vida e não morte, onde houvesse uma multidão de gente afobada, aflita, ansiosa e resoluta, e não esse vazio funesto. Lá estava o seu pai bonito, com um metro e noventa de altura, perfeitamente reconhecível, o pai mais bonito que uma filha jamais sonhou ter. Ela atravessou a rua correndo, aquela criatura frágil e, como a criança despreocupada que antigamente ele gostava de olhar, quando ele mesmo também era uma criança despreocupada — a menina que vinha correndo do seu balanço na frente da casa de pedra —, Merry se atirou ao encontro do peito do Sueco, enrolou os braços em volta do pescoço do pai. Por baixo do véu que ela usava na parte de baixo do rosto — encobrindo a boca e o queixo, um véu diáfano que era o pé esfarrapado de uma velha meia de náilon — ela disse para o homem que havia detestado, “Papai! Papai!”, sem gaguejar, como qualquer outra criança falaria, e dando a impressão de ser uma pessoa cuja tragédia consistia em nunca ter sido filha de ninguém.

Eles estão chorando com toda a força, o pai leal cujo núcleo é a fonte de toda a ordem que existe, o pai que não poderia fazer vista grossa ou sancionar nem mesmo o mais ligeiro sinal de caos — o pai para quem manter o caos longe, ao largo, tinha sido o caminho escolhido por intuição para chegar ao que é certo e seguro, a abnegada e rigorosa vida cotidiana — e a filha, que é o próprio caos.

6

Ela se tornara jainista. Seu pai não sabia o que isso queria dizer até que a filha, em sua fala desembaraçada e melodiosa — a pronúncia desenvolta com a qual ela teria falado em casa se um dia fosse capaz de dominar a gagueira enquanto morasse sob a salvaguarda dos pais —, explicou-lhe com paciência. Os jainistas eram uma seita indiana relativamente pequena — isso o Sueco podia admitir como um fato. Mas se as práticas de Merry eram tradicionais ou inventadas por ela mesma, quanto a isso ele não podia ter certeza, mesmo que Merry assegurasse que tudo o que ela fazia, em todos os detalhes, representava uma expressão da sua crença religiosa. Ela usava o véu a fim de não fazer mal algum aos organismos microscópicos que habitam o ar que respiramos. Não tomava banho porque venerava toda vida, inclusive os vermes. Não se lavava, ela explicou, a fim de "não fazer mal nenhum à água". Ela não andava de noite, nem mesmo dentro do seu quarto, com medo de esmagar sob os pés algum ser vivo. Existem almas, ela explicou, aprisionadas em todas as formas da matéria; quanto mais baixa a forma de vida, maior a dor da alma aprisionada ali dentro. O único modo de se tornar livre da matéria e chegar àquilo que ela descreveu como a "ventura auto-suficiente para toda a eternidade" era se tornar o que ela reverentemente denominava "uma alma perfeita". Só se alcança essa perfeição mediante os rigores do ascetismo e da renúncia, e por meio da doutrina do *ainsa*, ou não-violência.

Os cinco "votos" que ela havia assumido estavam batidos à máquina em fichas de arquivo, pregadas na parede acima do colchão de espuma estreito, sujo, estendido no chão empoeirado. Era ali que Merry dormia e, uma vez que não havia nada mais além daquele colchão rústico em um canto do quarto e uma pilha de trapos — suas roupas — no canto oposto, devia ser também ali que ela sentava para comer seja lá o que fosse que a mantinha viva. Muito, muito pouco, a julgar pela sua aparência; a julgar por sua aparência, ela poderia estar não a cinqüenta minutos a leste de Old Rimrock, mas em Delhi ou Calcutá, quase morrendo de fome, não como um devoto purificado por suas práticas ascéticas, mas como um elemento desprezado da mais baixa casta, circulando na mais completa miséria com

as pernas esquálidas de um intocável.

O quarto era diminuto, claustrofobicamente ainda menor do que a cela da prisão de delinqüentes juvenis onde, quando não conseguia dormir, o Sueco se imaginava visitando a filha depois que ela tivesse sido presa. Haviam chegado ao quarto dela caminhando do hospital de cães e gatos até a estação, depois virando para oeste através de uma passagem de nível sob o viaduto da ferrovia que levava para a rodovia McCarter, uma passagem de nível com no máximo quarenta e cinco metros de comprimento, mas do tipo que compele os motoristas a baixar o botão da tranca na porta do carro. Não tinha luz em cima e as calçadas estavam cheias de móveis quebrados, latas de cerveja, garrafas, volumes de objetos que nem dava para identificar. Eles pisaram em placas de carro. O lugar não era limpo fazia uns dez anos. Talvez nunca tivesse sido limpo. A cada passo que Merry dava, caquinhos de vidro estalavam triturados embaixo dos seus sapatos. Havia um banco de bar colocado de pé bem no meio da calçada. De onde é que aquilo tinha vindo? Quem foi que trouxe? Havia um par de calças masculinas enroscadas. Fedorentas. Quem tinha sido o seu dono? O que aconteceu com ele? O Sueco não teria ficado surpreso se visse ali um braço ou uma perna. Um saco de lixo bloqueou o caminho deles. Plástico escuro. Fechado com um nó. O que havia lá dentro? Era grande o bastante para caber o corpo de um defunto. E havia também corpos vivos, gente circulando no meio da imundície, pessoas de aspecto perigoso, recuadas no escuro. E acima das vigas enegrecidas no teto, o trovejar de um trem — o barulho dos trens rolando para a estação, ouvido por baixo das suas rodas. Quinhentos, seiscentos trens por dia rolando em cima da cabeça da gente.

Para chegar ao local onde Merry alugava um quarto, bem perto da rodovia McCarter, era preciso atravessar uma passagem de nível não só mais perigosa do que qualquer outra de Newark, mas também mais perigosa do que todas as passagens de nível do mundo inteiro.

Eles iam a pé porque ela não queria ir de carro com o Sueco. “Eu só ando a pé, papai, não viajo em veículos motorizados.” E assim ele deixara seu carro na avenida Railroad para quem quisesse vir roubá-lo e caminhou ao lado de Merry durante dez minutos, até chegarem ao quarto, um passeio que teria feito o Sueco se desmanchar em lágrimas nos primeiros dez passos, se ele não ficasse repetindo sem parar para si mesmo: “Isto é vida! Isto é a nossa vida! Não posso deixar que ela vá embora!”, e se não tivesse segurado a mão dela na sua e, quando atravessaram juntos aquela

aterradora passagem de nível, não tivesse lembrado: "Isto é a mão dela. A mão de Merry. Nada tem importância, a não ser a mão dela". O Sueco teria chorado porque, quando Merry tinha seis e sete anos, ela adorava brincar de fuzileiro naval, ele gritando para ela ou ela gritando para ele "Seeen*ti*do! Descaaan*sar*!"; ela adorava marchar com ele — "Ordinário, *marche*! Esquerda, vol*ver*! Meia volta, vol*ver*! Na diagonal, *marche*!"; ela adorava fazer a ginástica dos fuzileiros com o pai — "No solo, pessoal!"; ela adorava chamar o chão de "solo", chamar o banheiro de "sanitário", chamar sua cama de "beliche" e a comida de Dawn de "rancho"; mas acima de tudo ela adorava contar para o Sueco a cadência da marcha de Parris Island, enquanto ela atravessava o pasto — montada nos ombros do pai — ao encontro das vacas da sua mãe. "Um dois três quatro, quatro três dois um, êh um dois três, um dois três quatro, quatro três dois um..." E tudo sem gaguejar. Quando brincavam de fuzileiro naval, ela não gaguejava uma só palavra.

O quarto ficava no térreo de uma casa que, cem anos atrás, podia ter sido uma pensão, e nada ruim, uma pensão respeitável, arenito pardo abaixo da sala de estar, uma parede de tijolos bem-feita dali para cima, corrimões recurvos feitos de ferro batido acompanhando a escada de tijolos até a porta dupla da entrada. Mas a antiga pensão era agora uma ruína abandonada em uma ruazinha estreita onde só haviam restado mais duas casas. Por incrível que pareça, dois dos antigos plátanos de Newark também tinham sobrevivido ali. A casa ficava espremida entre armazéns abandonados e terrenos baldios, com capim alto e cheios de pedaços de ferro enferrujado, um monte de entulho mecânico espalhado no meio do mato.

O frontão triangular que ficava em cima da porta tinha sumido, arrancado à força; as cornijas também tinham sido arrancadas, roubadas cuidadosamente para serem vendidas em alguma loja de antiguidades de Nova York. Por toda Newark, os prédios mais antigos haviam perdido suas cornijas ornamentais feitas de pedra — cornijas até do quarto andar eram arrancadas em plena luz do dia com a ajuda de um guindaste que levanta um homem dentro de um cesto, um equipamento que custava cem mil dólares; mas o guarda está dormindo ou levou uma grana e ninguém detém o sujeito que está ali ganhando um dinheirinho por fora, seja qual for o órgão público de onde tenha saído o guindaste. O friso em estilo turco que contornava as paredes externas do antigo mercado público em Essex, na esquina da Washington com a Linden, o friso com ornatos turcos em

terracota e as enormes cornucópias transbordando de frutas — roubado. O prédio pegou fogo e o friso sumiu durante a noite. As grandes igrejas dos negros (batista de Bethany fechada, lacrada com tábuas, pilhada, depredada; presbiteriana de Wycliffe catastroficamente devorada pelo fogo) — cornijas roubadas. Canos de alumínio, mesmo de prédios com moradores instalados, de prédios ainda de pé — roubados. Bueiros, calhas, canos — roubados. Tudo o que se podia levar se foi. É só esticar a mão e pegar. Tubulações de cobre em fábricas com portas e janelas lacradas com tábuas, arranque tudo e venda. Qualquer lugar onde as janelas se foram e estão cobertas com tábuas indicam imediatamente para as pessoas: "Vamos entrar e depenar. Tudo o que tiver sobrado, arranque, roube, venda". Material depenado — essa é a cadeia alimentar. Passe por um lugar onde uma tabuleta indica que uma casa está à venda e veja que não tem mais nada lá, não tem nada para vender. Tudo foi roubado por gangues de carro, roubado por homens que circulam pela cidade com carrinhos de supermercado, roubado por ladrões que agem sozinhos. As pessoas estão desesperadas e pegam qualquer coisa. Saem pela rua "catando" coisas do mesmo jeito que um tubarão nada para caçar.

— Se ainda existir um tijolo em cima do outro — gritava o pai do Sueco — logo bate na cabeça deles a idéia de que a *argamassa* pode ser útil, e aí eles separam os tijolos e *levam* também. Por que não? A argamassa! Seymour, essa cidade não é uma cidade... é uma carcaça! Vá embora de uma vez!

A rua onde Merry morava era calçada com tijolos. Não poderia existir mais do que uma dúzia dessas ruas de tijolos ainda intatas na cidade inteira. A última rua, calçada com pedras, bonita e antiga, fora saqueada três semanas após os distúrbios de rua. Enquanto os escombros exalavam o cheiro de fumaça nos locais onde a devastação fora pior, um empreiteiro do subúrbio viera por volta de uma hora da madrugada com três caminhões e uma turma de trabalhadores de uns vinte homens, que agiram furtivamente durante a noite, sem que aparecesse um único guarda para incomodá-los; eles arrancaram as pedras da rua estreita que passava na diagonal nos fundos da fábrica Artigos de Couro para Senhoras Newark e carregaram tudo nos caminhões. Quando o Sueco veio trabalhar na manhã seguinte, a rua tinha desaparecido.

— Agora estão roubando ruas também? — perguntou o pai. — Newark não consegue nem garantir suas ruas? Seymour, saia logo daí! — Seu pai

havia se tornado a voz da razão.

A rua de Merry tinha apenas uns sessenta metros de comprimento, espremida num triângulo entre a McCarter — onde, como sempre, o tráfego pesado de caminhões roncava dia e noite sem parar — e as ruínas da rua Mulberry. A Mulberry que o Sueco podia recordar como um bairro pobre chinês na década de 30, quando os Levov de Newark, Seymour, Jerry, mamãe e papai, subiam em fila indiana a escadinha estreita que levava a um dos restaurantes familiares para jantar *chop suey* em uma noite de domingo e, mais tarde, voltando de carro para sua casa na avenida Keer, seu pai contava aos garotos histórias incríveis sobre as "guerras das sociedades secretas chinesas" na rua Mulberry de antigamente.

Antigamente. Histórias de antigamente. Já não havia mais histórias de antigamente. Já não havia mais nada. Havia um colchão, todo ensopado e desbotado, recostado em um poste, como um bêbado de caricatura de jornal. O poste ainda tinha uma placa indicando em que esquina a gente estava. E era só isso que existia.

Acima e além da linha do telhado da casa dela, o Sueco podia ver a silhueta da parte comercial de Newark, a uns oitocentos metros dali, e aquelas três palavras conhecidas e tranqüilizadoras, as palavras mais reconfortantes da língua inglesa, caindo em forma de cascata por aquele penhasco íngreme, enfeitado com elegância, que foi outrora o foco principal de um centro comercial vibrante — com dez andares de altura, letras brancas e retas proclamando a confiança fiscal, a permanência institucional, o progresso cívico, a oportunidade e o orgulho, letras indestrutíveis que podiam ser lidas do assento do avião a jato quando a gente vinha do Norte para aterrissar no aeroporto internacional: PRIMEIRO BANCO FIDELIDADE.

Foi isso que restou, essa mentira. Primeiro. *Último.* ÚLTIMO BANCO FIDELIDADE. Do andar térreo onde a filha agora morava na esquina da Columbia com a Green — onde sua filha morava em condições piores até do que seus bisavós imigrantes recém-chegados da terceira classe do navio, em seu cortiço na rua Prince — dava para ver um cartaz colossal destinado a ocultar a verdade. Um cartaz no qual só um louco seria capaz de acreditar. Um letreiro de um conto de fadas.

Três gerações. Todas prosperando. O trabalho. A economia. O êxito. Três gerações entusiasmadas com a América. Três gerações se integrando estreitamente com um povo. E agora, na quarta, tudo isso se transformara

em coisa nenhuma. A completa devastação do seu mundo.

O quarto de Merry não tinha janela, apenas uma estreita bandeira acima da porta que se abria para um corredor sem luz, um mictório de seis metros de comprimento cujas paredes, de onde o reboco despencava, o Sueco teve vontade de pôr abaixo com os próprios punhos, no instante em que entrou na casa e sentiu o cheiro. O corredor levava para a rua passando através de uma porta sem tranca nem maçaneta, nem vidro no caixilho duplo. Em parte alguma do quarto ele viu um aquecedor ou uma torneira. O Sueco não conseguia imaginar como seria o banheiro, ou onde ficaria, e imaginou se o corredor não seria para ela o banheiro, assim como para os vagabundos que entravam ali vindo da auto-estrada ou descendo da rua Mulberry. Ela estaria vivendo melhor, muito melhor, se fosse uma das vacas de Dawn, no abrigo onde o gado se reunia quando o tempo ficava muito ruim, aproximando uns dos outros suas carcaças para se aquecer, e com os pêlos espessos que cresciam em seus corpos durante o inverno, e a mãe de Merry, mesmo sob chuva de granizo, mesmo sob um dia gelado e ventoso de inverno, antes das seis horas da manhã já estava carregando fardos de feno para alimentar seus animais. O Sueco imaginava que o gado não devia sentir-se nem um pouco infeliz, ali, no inverno e pensava naqueles dois que eles chamavam de os "abandonados", o gigante aposentado de Dawn, o Conde, e a velha égua Sally, cada um deles comparável, em termos humanos, a alguém de setenta ou setenta e cinco anos de idade, que se conheceram quando ambos já estavam meio gagás e, a partir daí, se tornaram inseparáveis — para onde um deles fosse, o outro logo ia atrás, fazendo juntos tudo aquilo que os deixasse bem e contentes. Era fascinante observar sua rotina e a vida maravilhosa que levavam. Lembrando como, quando o dia estava ensolarado, os dois se estendiam ao sol para aquecer o couro, o Sueco pensou, quem dera Merry tivesse virado um animal.

Era uma coisa além da compreensão, não apenas como Merry conseguia viver nesse pardieiro feito um pária, não apenas como Merry podia ser uma foragida da justiça procurada por assassinato, mas também como ele e Dawn podiam ser a fonte de tudo isso. Como é que as inocentes fraquezas do caráter deles puderam engendrar esse ser humano? Se nada disso tivesse ocorrido, se Merry tivesse ficado em casa, terminado direitinho a escola secundária e se tivesse ido para a faculdade, teriam acontecido problemas também, é claro, grandes problemas; ela era precoce na sua rebeldia e teria havido problemas, mesmo sem a guerra do Vietnã. Ela podia ter chafurdado

por um longo tempo nos prazeres da contestação e no desafio de descobrir até que ponto conseguia se mostrar arrebatada. Mas ela estaria em casa. Em casa, a gente faz umas pequenas loucuras, e pronto. A gente não tem o prazer de experimentar o prazer *em estado bruto*, a gente não chega ao ponto de fazer tantas pequenas loucuras e tantas vezes que acaba concluindo que, se afinal isso é mesmo tão legal, por que não fazer logo de uma vez uma loucura gigantesca? Em casa, não há oportunidade para mergulhar fundo nessa imundície. Em casa, não se pode viver na desordem. Em casa, não se pode viver onde tudo corre desenfreado. Em casa, existe essa tremenda discrepância entre o modo que ela imagina que seja o mundo e o modo como o mundo é de fato para ela. Bem, já não existe mais essa dissonância para perturbar o seu equilíbrio. Aqui estão suas fantasias de Old Rimrock, e o seu ponto culminante é tenebroso.

A desgraça deles fora tragicamente cunhada pelo tempo —não tiveram tempo bastante ao lado da filha. Quando o filho está sob a tutela dos pais, quando ele está ali perto, é possível agir. Quando os pais têm contato permanente com o filho no decorrer do tempo, as coisas que estão fora dos eixos — os erros de julgamento cometidos de ambas as partes — vão, de algum modo, mediante esse contato firme e paciente, melhorando cada vez mais, até que por fim, centímetro por centímetro, dia a dia e centímetro por centímetro, vem o remédio, vem a satisfação comum de ver recompensada a paciência paterna, de ver as coisas enfim funcionando direito... Mas, e isso? Onde é que está o remédio para *isso*? Poderia o Sueco trazer Dawn ali para ver a filha, Dawn com sua cara nova, lisa e radiante, e Merry sentada de pernas cruzadas no colchão rústico, com seu suéter esfarrapado, calças amarfanhadas e sandálias de plástico, humildemente resguardada atrás daquele véu nojento? Como estavam largos os ossos dos seus ombros. Iguais aos do Sueco. Mas pendendo desses ombros não havia coisa alguma. O que ele via sentado à sua frente não era uma filha, uma mulher ou uma menina; o que via, nas roupas de um espantalho, ossuda e escaveirada como um espantalho, era o mais miserável emblema da vida jamais visto em um terreiro de fazenda, um simulacro travestido de ser humano, tão escassa a semelhança com um Levov que só poderia mesmo enganar um pássaro. Como ele poderia trazer Dawn até ali? Vir com Dawn de carro pela rodovia McCarter, sair da McCarter e depois entrar nessa rua, os armazéns, o entulho, o lixo, os escombros... Dawn olhando para esse quarto, sentindo o cheiro desse quarto, suas mãos tocando as paredes desse quarto, e o que

dizer da pele que nunca se lava, o cabelo pegajoso e cortado de qualquer jeito...

O Sueco se ajoelhou para ler as fichas pregadas no mesmo lugar em que, em outros tempos, ao lado da sua cama em Old Rimrock, Merry reverenciava as fotos de Audrey Hepburn, recortadas de revistas.

> Renuncio a matar todo e qualquer ser vivo, tanto o mais ínfimo quanto o mais pesado, seja ele móvel ou imóvel.
>
> Renuncio a todos os vícios da fala mentirosa decorrentes da raiva, da ganância, do medo ou do júbilo.
>
> Renuncio a tomar para mim toda e qualquer coisa que não me tenha sido dada, seja numa aldeia, numa cidade, numa floresta, seja pouco ou seja muito, seja pequeno ou seja grande, sejam coisas animadas ou inanimadas.
>
> Renuncio a todos os prazeres sexuais, com divindades, seres humanos ou animais.
>
> Renuncio a todos os vínculos, poucos ou muitos, pequenos ou grandes, animados ou inanimados; não devo formar, eu mesma, esses vínculos, nem levar outras pessoas a formá-los, nem consentir em que as pessoas o façam.

Como homem de negócios, o Sueco era bem astuto e, caso necessário, por baixo da superfície cordial do homem humano — "superfície cordial" grafado com letras maiúsculas — ele podia se mostrar tão ladino em seus cálculos quanto o negócio em questão exigisse. Mas ele não conseguia perceber de que modo mesmo o cálculo mais frio poderia ajudá-lo ali. Tampouco todo o talento paterno do mundo, compilado, reunido e mobilizado em um único homem. Ele leu de novo os cinco votos da filha, ponderou a respeito deles da forma mais séria que pôde, enquanto se assombrava com a idéia: pela pureza — em nome da pureza.

Por quê? Porque Merry tinha matado uma pessoa, ou precisaria de pureza mesmo que nunca tivesse matado sequer uma mosca? Será que tinha a ver com ele? Aquele beijo bobo? Isso já tinha ficado dez anos para trás, e além do mais não havia acontecido nada na verdade, aquilo não dera em nada, não pareceu ter significado grande coisa para ela, nem naquela época. Será que algo tão insignificante, tão banal, tão efêmero, tão compreensível, tão perdoável, tão inocente... Não! Como é que se poderia ficar exigindo dele que levasse a sério coisas que não eram sérias? No entanto foi esse o apuro a que Merry arrastou seu pai, desde o tempo em que, na mesa de jantar, ela esbravejava sobre a imoralidade da vida burguesa que eles levavam. Como é que alguém podia levar a sério aquele palavrório infantil? O Sueco havia se conduzido da melhor forma possível para qualquer pai — ouvia a filha com atenção, quando isso era tudo o que ele podia fazer, não se levantar da mesa de jantar e ir embora antes que ela tivesse vomitado toda a sua raiva; ele fazia que sim com a cabeça, concordava com qualquer coisa capaz de,

mesmo que de forma marginal, despertar sua concordância e, quando se opunha à filha — digamos, no tocante à eficácia moral do estímulo do lucro —, era sempre de maneira contida, com toda a sensatez paciente que conseguia recrutar. E isso não era nada fácil para o Sueco, uma vez que era o estímulo do lucro que uma criança que exigia dezenas de milhares de dólares em serviços de ortodontia, psiquiatria e fonoaudiologia — para não falar das aulas de balé, de equitação, de tênis, todas essas atividades que Merry, à medida que ia crescendo, de tempos em tempos se dizia absolutamente convencida de que eram indispensáveis para ela — deveria honrar, senão com alguma lealdade, pelo menos com uma minúscula parcela de gratidão. Talvez o *erro* fosse ter tentado com tanto empenho levar a sério algo que de maneira nenhuma era sério; talvez o que ele devesse ter feito, em vez de ouvir com tanta atenção, tanto *respeito*, a discurseira ignorante da filha, era esticar o braço sobre a mesa e dar uma boa bolacha na boca da menina.

Mas o que isso teria ensinado a ela acerca do estímulo do lucro — o que isso lhe teria ensinado a respeito do pai? Mas se ele tivesse feito isso, *se*, aí então a boca encoberta pelo véu poderia ser levada a sério. O Sueco poderia acusar a si mesmo: "Sim, eu fiz isso a ela, fiz isso com os meus acessos violentos, com a minha cabeça quente". Mas parecia que ele tinha feito tudo o que fizera com a filha justamente porque não conseguia *conformar-se* com a idéia de ficar de cabeça quente, não quisera isso ou não tivera a ousadia de ficar de cabeça quente. Ele havia criado tudo isso beijando a filha. Mas não era possível uma coisa dessas. *Nada disso era possível.*

E no entanto era assim mesmo. Aqui estamos. Aqui está *ela*, aprisionada nesta toca de ratazanas, com esses "votos".

Ela estava melhor quando encharcada de desprezo. Se o Sueco tivesse de escolher entre a Merry irritada, gorda, gaguejando ofensas comunistas, e *essa* Merry nova, com véu, serena, suja, infinitamente compassiva, esse espantalho esfarrapado imitando a sua Merry... Mas afinal por que teria de escolher? Por que ela deveria sempre estar se escravizando à idéia mais desmiolada que lhe aparecesse à frente? No momento em que Merry se tornou grande o bastante para pensar por si mesma, em vez de fazer isso, ela se deixou tiranizar pelas idéias de fanáticos pirados. O que fizera o Sueco para gerar uma filha que, após ter um desempenho brilhante na escola durante anos, recusou-se a pensar por si mesma — uma filha que

tinha de ser ou violentamente contra tudo o que via, ou pateticamente *a favor* de tudo, até dos microorganismos no ar que respiramos? Por que uma menina tão arguta quanto Merry *se empenhava* tanto em deixar que outras pessoas pensassem por ela? Por que estava fora do seu alcance empenhar-se — tal como o Sueco fizera todos os dias de sua vida — em ser tudo aquilo que uma pessoa é, na verdade, em ser fiel a *isso*?

— Mas aqui quem não pensa com a própria cabeça é *você*! — Merry dissera ao pai uma vez, quando ele sugeriu que ela talvez estivesse apenas papagueando os clichês ditos por outras pessoas. — *Você* é o exemplo vivo da pessoa que *nunca* pensa com a própria cabeça!

— Sou mesmo? — retrucou o Sueco, rindo.

— É sim! Você é o homem mais conformista que já vi em toda a minha vida! Você só faz o que esp-esp-esp-esperam de você!

— E isso também é horrível?

— Isso não é *pensar*, pap-p-p-p-pai! Não é, não! Isso é ser um aut-aut-aut-autômato id-d-d-d-diota! Um rob-b-b-b-bô!

— Bem — retrucou o Sueco, supondo que tudo aquilo era uma fase passageira, uma fase de mau gênio que a filha logo iria superar —, acho que você vai ter que se virar com este pai conformista mesmo... Melhor sorte para você da próxima vez. — E fingiu que não tinha ficado horrorizado com a visão dos lábios tensos, trêmulos, espumantes da filha, quando martelaram a palavra "rob-b-b-b-bô" bem na cara do pai, com a fúria de uma máquina de cravar rebites enlouquecida. Uma fase, pensou ele, e sentiu-se reconfortado, e nem por um instante sequer cogitou de que pensar que aquilo era "uma fase" pudesse constituir um bom exemplo do que significa não pensar com a própria cabeça.

Fantasia e mágica. Sempre fingindo ser outra pessoa. Aquilo que havia começado de forma bastante benigna, quando ela brincava de Audrey Hepburn, havia evoluído no curso de apenas uma década até se transformar naquele esdrúxulo mito de abnegação. Primeiro, o absurdo abnegado do Povo; agora, o absurdo abnegado da Alma Perfeita. O que viria a seguir, a Cruz da vovó Dwyer? Um retorno ao absurdo abnegado da Vela Eterna e do Sagrado Coração de Jesus? Sempre alguma grandiosa irrealidade, a mais remota abstração que existisse — *nunca* o interesse próprio, nem em um milhão de anos. O horror desumano, mentiroso, de toda essa abnegação.

Sim, o Sueco preferia sua filha quando ela era tão egoísta quanto qualquer um, e não como estava agora, ungida por uma fala impecável e

um altruísmo monstruoso.

— Há quanto tempo você mora aqui? — perguntou ele.

— Onde?

— Neste quarto. Nesta rua. Em Newark. Há quanto tempo está em Newark?

— Vim seis meses atrás.

— Você esteve... — Como havia tanta coisa para falar, para perguntar, tanta coisa que queria saber, ele não conseguiu dizer mais nada. Seis meses. Em Newark havia seis meses. Não havia mais aqui e agora para o Sueco, só havia duas palavras incandescentes, pronunciadas como se fossem a coisa mais trivial do mundo: seis meses.

Ele estava de pé diante da filha, toda a sua força chapada de encontro à parede, oscilando de forma quase imperceptível sobre os saltos dos sapatos, como se desse modo ele pudesse levar sua filha *através* da parede, depois balançando para a frente na ponta dos sapatos, como se a qualquer momento ele fosse segurar Merry, arrebatar a filha nos braços e fugir dali correndo. O Sueco não podia simplesmente voltar para casa e dormir na perfeita segurança de Old Rimrock sabendo que ela estava metida naqueles trapos, com aquele véu na cara e em cima daquele colchão, parecendo a pessoa mais solitária do mundo, dormindo a poucos centímetros de um corredor que mais cedo ou mais tarde ia acabar engolindo Merry.

Essa menina já estava louca quando tinha quinze anos e, com bondade e burrice, o Sueco havia tolerado sua loucura, supondo que ela não tivesse nada mais grave do que um ponto de vista que não o agradava, e que isso ela sem dúvida acabaria superando, junto com a adolescência revoltada. E agora, olhe só como ela estava. A mais feia filha de dois pais bonitos que já existiu no mundo. Renuncio a isso! Renuncio àquilo! Renuncio a tudo! *Isso* não pode ser verdade, pode? Tudo isso só para renunciar à boa aparência do Sueco e de Dawn? Tudo isso só porque a mãe, tempos atrás, tinha sido a Miss New Jersey? Será que a vida é tão mesquinha? Não pode ser. Essa eu não engulo!

— Há quanto tempo você é jainista?

— Um ano.

— Como veio a conhecer tudo isso?

— Estudando as religiões.

— Quanto você pesa, Meredith?

— Mais do que o suficiente, papai.

As órbitas dos olhos dela estavam enormes. Um centímetro acima do véu, grandes, grandes olheiras escuras e, alguns centímetros acima das órbitas dos olhos, o cabelo, que já não pendia escorrido pelas costas, mas parecia apenas ter surgido por acaso sobre a sua cabeça, ainda louro como o do pai, mas não mais comprido nem espesso, por causa do corte que era, em si mesmo, um ato de violência. Quem tinha feito aquilo? Ela mesma ou outra pessoa? E com o quê? Merry, em sua fidelidade aos votos, não poderia ter renunciado a nenhum vínculo de maneira tão furiosa quanto renunciara aos cabelos outrora lindos.

— Mas você parece que não come *nada* — e, apesar da sua intenção de afirmar aquilo de uma forma destituída de emoção, ele quase gemeu, uma voz espontânea emergiu do fundo do Sueco, miseravelmente castigado por toda aquela desolação. — O que é que você *come*?

— Destruo vida vegetal. Ainda sou insuficientemente piedosa para renunciar a isso.

— Quer dizer que come vegetais. É isso o que você quer dizer? O que há de errado nisso? Como é que se pode renunciar a isso? Por que alguém *deveria* renunciar a isso?

— É uma questão de santidade pessoal. Trata-se de uma reverência à vida. Sou obrigada a não fazer mal a nenhuma forma de vida, humana, animal ou vegetal.

— Mas você vai *morrer* se não fizer isso. Como é que pode ser "obrigada" a uma coisa dessas? Não vai comer nada?

— Você fez uma pergunta profunda. É um homem muito inteligente, papai. Você pergunta: "Se você respeita a vida em todas as suas formas, como poderá viver?". A resposta para isso é que não se pode viver. A maneira tradicional de um homem santo jainista terminar sua vida é pela *salla khana*, a auto-inanição. A morte ritual por *salla khana* é o preço que o jainista perfeito paga para alcançar a perfeição.

— Não consigo acreditar que você é assim. Desculpe, mas tenho de dizer para você o que eu penso.

— Claro que sim.

— Não consigo acreditar que, inteligente como você é, saiba o que está dizendo ou o que está fazendo aqui, e por quê. Não consigo acreditar que você está me dizendo que vai chegar um momento em que vai resolver que não vai mais destruir vida vegetal, e que não vai comer mais nada, e que vai simplesmente se condenar à morte. Por quem, Merry? Para quê?

— Está tudo bem. Está tudo bem, papai. Acredito que você não consiga acreditar que eu saiba o que estou dizendo, ou o que estou fazendo, e por quê.

Ela se dirigia ao pai como se *ele* fosse o filho e *ela*, a mãe, com nada menos do que uma compreensão afetuosa, com aquela tolerância amorosa que o Sueco, tempos atrás, de maneira tão desastrosa, usara com a filha. E isso o deixou irritado. A condescendência de uma lunática. Todavia ele não correu feito louco porta afora nem saltou sobre ela para fazer o que tinha de ser feito. Persistiu na sua condição de pai sensato. O pai sensato de uma menina louca. Faça alguma coisa! Qualquer coisa! Em nome de tudo o que é sensato, pare de ser sensato. Essa menina precisa de um hospital. Não poderia se encontrar em um perigo maior se estivesse à deriva, em alto-mar, agarrada a uma tábua. Ela tombou para fora pela borda do navio — como isso aconteceu não é uma questão importante no momento. Ela precisa ser salva imediatamente!

— Diga-me onde você estudou religião.

— Nas bibliotecas. Ninguém procura a gente lá. Eu ficava muito tempo nas bibliotecas, por isso lia. Li muito.

— Você lia muito quando era pequena.

— É mesmo? Gosto de ler.

— Foi lá que você se tornou um membro dessa religião. Em uma biblioteca.

— Foi.

— E a igreja? Você vai a algum tipo de igreja?

— Não tem igreja no centro da cidade. Não tem nenhum deus no centro da cidade. Deus está no centro da tradição judeu-cristã. E Deus pode dizer: "Tomem a vida". E aí isso não só é permissível como também obrigatório. Está em toda parte no Velho Testamento. Existem exemplos mesmo no Novo Testamento. No judaísmo e no cristianismo, fica estabelecido que a vida pertence a Deus. A vida não é algo sagrado, Deus é sagrado. Mas no centro, para nós, não está uma crença na soberania de Deus, mas uma crença na santidade da vida.

A cantilena monótona dos doutrinados, dos ideologicamente encouraçados dos pés à cabeça — a cantilena monótona, enfeitiçada, daqueles cuja turbulência só pode ser enjaulada pela sufocante camisa-de-força do sonho mais supercoerente que existe. O que havia desaparecido das suas palavras agora sem vestígios de gagueira não era a santidade da

vida — o que havia desaparecido era o som da vida.

— Quantos de vocês existem? — perguntou o Sueco, fazendo uma força desesperada para se adaptar aos esclarecimentos com os quais ela apenas o deixava ainda mais assombrado.

— Três milhões.

Três milhões de pessoas como ela? Não podia ser. Em quartos como esse? Trancadas em três milhões de quartos horríveis?

— Onde estão essas pessoas, Merry?

— Na Índia.

— Não estou perguntando a respeito da Índia. Não me importo com a Índia. Não moramos na Índia. Na América, quantos de vocês existem?

— Não sei. Não tem importância.

— Imagino que bem poucos.

— Não sei.

— Merry, você é a única?

— Eu empreendi sozinha a minha exploração espiritual.

— Não entendo. Merry, não entendo. Como é que você passou de Lyndon Johnson para isso? Como é que pulou do ponto A para o ponto Z, onde não existe *nenhum* ponto de contato? Merry, essa história não está se encaixando.

— Existe um ponto de contato. Garanto a você que existe. Tudo se encaixa muito bem. Você é que não está vendo.

— E *você*?

— Eu vejo.

— Então me diga. Quero que você me explique qual é o ponto de contato para que eu entenda o que *aconteceu* com você.

— Existe uma lógica, papai. Não deve erguer sua voz assim. Vou explicar. Tudo está interligado. Refleti muito a respeito disso. É assim. *Ainsa*, o princípio jainista da não-violência, atraiu Mahatma Gandhi. Ele não era jainista. Era hinduísta. Mas quando estava à procura de um grupo, na Índia, que fosse autenticamente indiano, não ocidental, capaz de apresentar obras tão piedosas quanto as dos missionários cristãos, ele deparou com os jainistas. Somos um grupo pequeno. Não somos hinduístas, mas nossas crenças são afins às dos hinduístas. Somos uma religião fundada no século VI a.C. Mahatma Gandhi aprendeu conosco o conceito de *ainsa*, a não-violência. Somos o cerne da verdade que criou Mahatma Gandhi. E Mahatma Gandhi, em sua não-violência, é o cerne da verdade que criou

Martin Luther King. E Martin Luther King é o cerne da verdade que criou o movimento dos direitos civis. E, no final desta vida, quando ele já estava transitando para além do movimento dos direitos civis, em direção a uma compreensão mais ampla, quando ele fazia oposição à guerra no Vietnã...

Sem gaguejar. Antigamente, falar essas coisas forçaria Merry a retorcer o rosto com caretas, ficar branca e dar socos na mesa — transformaria Merry em uma oradora belicosa, atacada pelas palavras e, obstinadamente, contra-atacando com elas — e agora sua fala saía mansa, afável, naquela cantilena monótona, é verdade, mas guarnecida com o tom mais bondoso de firmeza espiritual. Tudo o que não pudera alcançar com uma fonoaudióloga, com um psiquiatra e com um diário da gagueira ela havia realizado de forma esplêndida ao enlouquecer. Submetendo-se ao isolamento, à imundície e ao perigo terrível, ela havia alcançado o controle, mental e físico, de todos os sons que pronunciava. Uma inteligência já desembaraçada do estorvo da gagueira.

E inteligência era aquilo que o Sueco estava ouvindo, a cabeça rápida, aguçada, estudiosa de Merry, a mente lógica que ela tivera desde a mais recuada infância. E ouvir isso fez eclodir nele uma dor tal como nunca antes imaginara. A inteligência se achava intata e no entanto Merry estava louca, sua lógica era uma variedade de lógica totalmente destituída do poder de raciocinar, com a qual ela já se havia cingido quando tinha dez anos de idade. Era um absurdo — mostrar-se sensato com a filha constituía a loucura *do pai*. Sentar-se ali e tentar agir como se ele tivesse respeito pela religião de Merry quando a religião dela representava um absoluto fracasso de compreender o que a vida é e não é. Os dois estavam agindo como se ele tivesse vindo ali a fim de ser instruído. Ter uma *aula* com ela!

— ...não compreendemos de maneira alguma a salvação como a união da alma humana com algo para além dela mesma. O espírito da piedade do jainismo vive na afirmação do fundador Mahavira: "Ó, homem, tu és teu próprio amigo. Por que razão procuras um amigo fora de ti mesmo?".

— Merry, você fez aquilo? Tenho de perguntar agora. Você fez mesmo aquilo?

Era a pergunta que ele queria fazer à filha desde o início, desde o instante em que chegaram ao quarto dela e antes de tudo o mais que era horrível começar a ser dolorosamente esquadrinhado e revolvido. O Sueco pensou que havia esperado porque não queria que Merry imaginasse que seu primeiro pensamento pudesse ser qualquer outra coisa senão que a estava

revendo finalmente depois de um tempo enorme, e que queria saber como estava, zelar pelo seu bem-estar; mas agora que já tinha feito a pergunta, entendeu que não havia ainda perguntado antes porque na verdade não ia conseguir suportar a resposta.

— Fiz o que, pai?

— Pôs a bomba na agência do correio?

— Sim.

— Você queria explodir também o mercadinho Hamlin's?

— Não havia outro jeito.

— A não ser não fazer isso. Merry, agora você tem de me contar quem foi que a obrigou a fazer isso.

— Lyndon Johnson.

— Assim não dá. Essa não! Me responda direito. Quem foi que *envolveu* você nisso? Quem foi que fez uma lavagem cerebral em você? Quem foi que obrigou você a fazer isso?

Tinha de haver forças exteriores. A prece dizia: "Não me deixeis cair em tentação". Se as pessoas não fossem levadas por outras, por que existiria aquela famosa prece? Uma criança que fora contemplada com todos os privilégios não podia ter feito uma coisa dessas sozinha. Contemplada com amor. Contemplada com uma família próspera, ética e afetuosa. Quem havia recrutado e seduzido Merry para se envolver nisso?

— Com que força você ainda alimenta a idéia — disse ela — do seu rebento inocente.

— Quem foi? Não proteja essa gente. Quem é o responsável?

— Pai, você pode ter ódio só de mim mesmo. Está tudo bem.

— Quer dizer que você fez tudo sozinha? Sabendo que o mercadinho também seria destruído? É isso que está me dizendo?

— Sim. Sou uma abominação. Me *odeie*.

O Sueco então lembrou-se de uma coisa que Merry tinha escrito na sexta ou sétima série, antes de ir para a escola secundária de Morristown. Os alunos na sua turma da escola Montessori responderam dez perguntas a respeito da "filosofia" deles, uma pergunta por semana. Na primeira semana, a professora perguntou: "Por que estamos aqui?". Em vez de escrever como as outras crianças — estamos aqui para fazer o bem, para tornar o mundo um lugar melhor etc. — Merry respondeu com uma outra pergunta: "Por que os macacos estão aqui?". Mas a professora achou essa resposta inadequada e disse a Merry para ir para casa e refletir com mais

seriedade acerca da pergunta — "Desenvolva o tema", disse a professora. Assim, Merry foi para casa, agiu conforme as instruções e, no dia seguinte, entregou uma frase adicional: "Por que os cangurus estão aqui?". Foi nesse ponto que Merry recebeu pela primeira vez de uma professora a informação de que tinha um "temperamento teimoso". A última pergunta dirigida à turma era "O que é a vida?". A resposta de Merry foi algo que provocou muitas risadas no pai e na mãe, naquela noite. Segundo Merry, enquanto os demais alunos quebravam a cabeça para formular seus pensamentos pretensamente profundos, ela — após uma hora de reflexão em sua escrivaninha — escreveu uma única frase declarativa totalmente fora do comum: "A vida é apenas o breve período de tempo em que estamos vivos".

— Sabe de uma coisa? — disse o Sueco. — É mais inteligente do que parece. Ela é uma criança... como pôde perceber que a vida é breve? Ela tem alguma coisa diferente, é a nossa filha precoce. Essa menina vai acabar em Harvard.

Porém, mais uma vez, a professora não concordou, e escreveu embaixo da resposta de Merry: "É *só* isso?". Sim, o Sueco refletia agora, é só isso. Graças a Deus, é só isso; pois só isso já é insuportável.

A verdade era que ele já sabia disso o tempo todo: sem a ajuda de nenhum agente da tentação, tudo o que havia de irado dentro de Merry irrompera. Ela não fora coagida, ela *não se deixava coagir*, essa criança que escrevera para a professora não, como as outras crianças, que a vida era um dom maravilhoso, uma grande oportunidade, uma nobre missão, uma bênção de Deus, mas que era apenas o breve período de tempo em que estamos vivos. Sim, a idéia fora só dela mesma. Tinha de ser. A contestação de Merry tendia ao assassinato, e nada menos do que isso. De outro modo, essa serenidade louca não teria sido o resultado de tudo.

O Sueco tentou deixar que a razão emergisse outra vez. Que força ele fez. O que é que um homem sensato diz depois disso? Se, após ser destroçado e mais uma vez arrastado à beira das lágrimas por aquilo que acabara de ouvir, dito da forma mais indiferente — tudo o que havia de mais inacreditável, dito da forma mais indiferente —, se ainda assim um homem podia insistir em se mostrar sensato, o que é que ele ia encontrar para dizer? O que um pai sensato e responsável diz se ainda for capaz de se sentir incólume como um pai?

— Merry, posso dizer a você o que penso? Acho que está aterrorizada

com a idéia de ser punida por aquilo que fez. Acho que, mais do que se esquivar da punição, você tomou o castigo nas próprias mãos. Não creio que seja uma conclusão tão difícil assim de se chegar, meu anjo. Não creio que eu seja a única pessoa no mundo que, ao ver você aqui, ao ver você desse jeito, pensaria desse modo. É uma boa menina e por isso deseja fazer uma penitência. Mas isto não é uma penitência. Nem mesmo o Estado castigaria você desse modo. Tenho de dizer essas coisas, Merry. Tenho de dizer a você com toda a sinceridade como estou vendo tudo isso.

— É claro que sim.

— Olhe bem o que fez a si mesma... Você vai *morrer* se continuar assim. Mais um ano desse jeito e você *vai* morrer... de auto-inanição, de desnutrição, de *imundície*. Não pode ir e vir todo dia através daquela passagem de nível sob os trilhos da estrada de ferro. Aquela passagem é o lar de delinqüentes... delinqüentes que não seguem as mesmas regras que você. O mundo deles é um mundo sem leis, Merry, um mundo terrível... um mundo *violento*.

— Eles não vão me fazer mal. Sabem que eu sinto amor por eles.

As palavras deixaram o estômago do Sueco embrulhado, a flagrante infantilidade, a grandiosidade sentimental do auto-engano. O que é que ela enxergava nos inúteis afazeres daquela gente desprezível que pudesse justificar uma idéia dessas? Delinqüentes e amor? Ser um delinqüente que mora em uma passagem de nível significa ter massacrado a socos, em si mesmo, cem vezes seguidas, a mais ínfima *suscetibilidade* para o amor. Isso era terrível. Agora que a fala de Merry se encontra finalmente depurada da gagueira, tudo o que vem à tona é só lixo. Aquilo com que o Sueco havia sonhado — que um dia a sua filha maravilhosa e talentosa ia parar de gaguejar — tinha enfim ocorrido. Ela havia dominado milagrosamente a turbulenta gagueira, apenas para revelar, no olho do furacão que vinha a ser a sua personalidade que agora jorrava com todo ímpeto, essa lucidez e essa serenidade dementes. Que grande vingança ela conseguira: é isso que você queria, papai? Bem, aqui está.

Sua capacidade de falar e explicar com sucesso constituía, agora, a pior coisa de todas.

A rispidez que ele sentia mas não desejava que a filha percebesse estava, porém, na sua voz quando falou:

— Desse jeito, você vai ter um fim violento, Meredith. Continue pondo essa gente à prova duas vezes por dia, continue fazendo isso e vai acabar

descobrindo o que eles acham do seu amor. A fome deles, Merry, não é de amor. Alguém vai acabar matando você!

— Mas apenas para depois eu renascer.

— Duvido muito, meu anjo. Tenho sérias dúvidas sobre isso.

— Você admitiria que as minhas suposições são tão boas quanto as suas, papai?

— Será que não dava para tirar essa máscara pelo menos enquanto estamos conversando? Para que assim eu pudesse ver você.

— Você quer dizer, me ver gaguejar?

— Bem, não sei se estar usando esse negócio no rosto tem ou não tem alguma influência no desaparecimento da sua gagueira. Você diz que tem. Diz que gaguejar era apenas a sua maneira de não cometer alguma violência com o ar e com as coisas que vivem no ar... não é isso? Será que entendi direito o que você falou?

— Sim.

— Bem... mesmo se eu admitisse isso, tenho de dizer a você que acho que no final você talvez tivesse vivido melhor *com* a sua gagueira. Não estou minimizando o sofrimento que isso trazia para você. Mas se for mesmo verdade que você tinha de levar as coisas até esse extremo a fim de se livrar da maldita gagueira... então fico pensando se... bem, se essa troca é mesmo o melhor negócio para você.

— Não pode explicar o que fiz por meio de motivos, papai. Sem dúvida, eu não explicaria por meio de motivos o que *você* fez.

— Mas na verdade eu *tenho* motivos. *Todo o mundo* tem motivos.

— Você não pode reduzir a jornada de uma alma a esse tipo de psicologia. Não é digno de você.

— Então explique *você*. Explique para mim, *por favor*. Como explica que, quando assumiu toda essa... o que me parece ser miséria e nada mais, que quando você fez isso, assumiu para si um sofrimento real, pois afinal é disso mesmo que se trata, o sofrimento que você *escolheu*, Merry, o sofrimento real, nem mais nem menos do que sofrimento — a voz do Sueco tremia, mas ele foi em frente, sensato até o fim, responsável até o fim —, *então*, e só *então*, entende o que estou dizendo?, a gagueira desapareceu?

— Eu já disse. Pus fim aos desejos e ao egoísmo.

— Minha querida, minha doce menina, minha filha. — Ele sentou-se no meio da imundície do chão, incapaz de fazer qualquer outra coisa senão tentar com todas as forças não perder a cabeça.

No minúsculo quarto, onde agora os dois se achavam a não mais do que um braço de distância um do outro, não havia outra fonte de luz a não ser a que descia da bandeira da porta. Ela vivia sem luz. Por quê? Será que tinha também renunciado ao vício da eletricidade? Ela vivia sem luz, vivia sem nada. Foi nisso que a vida deles havia resultado: Merry vivia em Newark sem nada, ele vivia em Old Rimrock com tudo, menos a filha. Seria a boa sorte do Sueco a culpada também por isso? A vingança dos que não têm nada contra aqueles que têm tudo. Todos os que se fazem passar por despossuídos, as Rita Cohen que faziam o maior teatro tentando se associar aos piores inimigos dos pais, moldando a si mesmas à luz do que havia de mais repugnante para aqueles que mais as amavam.

Havia um slogan que ela escrevera com lápis de cera, de duas cores, em um pedaço de cartolina, um cartaz feito à mão que Merry prendera acima da sua escrivaninha, no lugar da flâmula de futebol americano de Weequahic do Sueco; o cartaz ficara ali pendurado, sem ninguém mexer, durante um ano inteiro antes do desaparecimento de Merry. Antes, ela havia cobiçado timidamente a flâmula de Weequahic porque a namorada do Sueco na escola secundária a havia levado para a aula de corte e costura e bordara no feltro, junto à borda de baixo do triângulo marrom e laranja, com um fio branco e grosso, "Para Levov, o ídolo da cidade, XXXX. Arlene". O cartaz foi a única coisa que o Sueco ousou retirar do quarto de Merry e destruir, e só para fazer isso levou três meses; tomar posse da propriedade de outra pessoa, adulto ou criança, era para ele uma coisa simplesmente repugnante. Mas três meses depois da explosão, o Sueco subiu a escada, entrou no quarto dela e rasgou o cartaz. O cartaz dizia: "Somos contra tudo o que é bom e decente na América dos brancos nojentos. Vamos saquear, queimar e destruir. Somos a incubação dos piores pesadelos da mãe de vocês". Em grandes letras de forma, o crédito: "LEMA DOS METEOROLOGISTAS". E como o Sueco era um homem tolerante, também havia tolerado aquilo. "América dos brancos nojentos", na boca da filha. Pendurado ali durante um ano inteiro na sua própria casa, todas as letras vermelhas reforçadas brutalmente com um lápis preto.

E como, apesar de não ter gostado daquilo nem um pouco, ele não acreditasse ser direito dela blá-blá-blá-blá, como — em respeito à propriedade e à liberdade pessoais da filha — ele não podia tirar da parede nem mesmo aquele cartaz medonho, como ele não era capaz sequer dessa violência plenamente justificada, agora a aterradora realização do pesadelo

viera pôr à prova, de forma ainda mais intensa, os limites da sua tolerância esclarecida. Merry acredita que, se levantar a mão, vai esmagar e matar um micróbio inocente que passa voando inocentemente perto dela — ela se acha em um contato tão estreito com o seu ambiente que qualquer movimento que faça provocará as conseqüências mais assombrosamente diretas — e o Sueco acredita que, se retirar da parede um cartaz detestável e repugnante que Merry colocou ali, causará danos à integridade da filha, à sua psique, aos seus direitos assegurados na Primeira Emenda da Constituição. Não, ele não era um jainista, refletiu o Sueco, mas podia muito bem ter sido — era não violento da mesma forma patética e ingênua. A idiotice da probidade dos objetivos que impusera a si mesmo.

— Quem é Rita Cohen? — perguntou o Sueco.

— Não sei. Quem é?

— A moça que me procurou em seu nome. Em 68. Depois que você desapareceu. Ela veio ao meu escritório.

— Ninguém jamais procurou você em meu nome, nunca mandei ninguém ir.

— Foi sim, uma moça baixinha. Muito pálida. Tinha o cabelo no estilo afro. Cabelo escuro. Dei a ela as sapatilhas de balé, o álbum de recortes de Audrey Hepburn e o diário. Foi ela quem envolveu você nessa história? Foi ela quem fez a bomba? Você costumava conversar com uma pessoa no telefone quando ainda estava em casa... aquelas conversas secretas que você tinha. — As conversas secretas que, a exemplo do cartaz, o Sueco também "respeitava". Se ao menos ele tivesse rasgado aquele cartaz, arrancado da parede o fio do telefone e trancado a filha no quarto! — Ela era essa pessoa? — perguntou o Sueco agora. — Diga a verdade, por favor.

— Só falo a verdade.

— Dei a ela dez mil dólares para entregar a você. Em dinheiro vivo. Recebeu ou não recebeu esse dinheiro?

A risada de Merry foi bondosa.

— Dez mil dólares? Ainda não recebi, papai.

— Então talvez eu tenha uma resposta para lhe dar. Quem é a Rita Cohen que me disse onde eu poderia encontrar você? Ela é a tal Melissa de Nova York?

— Você me encontrou — retrucou Merry — porque andou me procurando. Nunca esperei não ser encontrada por você. Você me procurou porque *precisava* me procurar.

— Veio para Newark a fim de me ajudar a encontrar você? Foi para isso que veio para cá?

Mas ela respondeu:

— Não.

— Então *por que* veio? Em que você estava pensando? Será que *estava* pensando alguma coisa? Você sabe onde fica o meu escritório. Sabe como ele fica perto daqui. Onde está a lógica, Merry? Assim tão perto e...

— Peguei uma carona e vim parar aqui, nada mais.

— Só isso. Coincidência. Sem lógica. Sem lógica nenhuma.

— O mundo não é um lugar sobre o qual eu tenha influência ou deseje ter qualquer influência. Abdico a toda influência sobre qualquer coisa. Quanto ao que possa ser uma coincidência, você e eu, papai...

— Você "abdica" a toda influência? — gritou ele. — *Você*, a "*toda* influência"? — A conversa mais exasperante de toda a sua vida. O sabe-tudismo implícito na solenidade da filha, absurdamente inocente, profundamente insana e sem a menor sombra de gagueira, a medonha sinceridade do quarto e da rua lá fora, a medonha sinceridade de *tudo* que lhe era exterior e que o dominava de uma maneira tão poderosa. — Você exerce uma influência sobre *mim* — gritou o Sueco —, você está influenciando a *mim*! Você, que não quer matar um micróbio, está matando a *mim*! Isso que você fica aí sentada chamando de "coincidência" *é* influência, sua ausência de poder é poder exercido sobre *mim*, inferno! Sobre a sua mãe, sobre o seu avô, sobre a sua avó, sobre todo o mundo que ama você... Vestir esse véu é palhaçada, Merry, uma completa e absurda *palhaçada*! Você é a pessoa com mais poder no mundo inteiro!

Não havia consolo algum em pensar: isto *não* é a minha vida, isto é o *sonho* da minha vida. Pensar assim não ia fazer o Sueco se sentir nem um pouco menos infeliz. Tampouco a sua raiva da filha, tampouco a raiva em relação à pequena criminosa que ele permitiu que fizesse o papel de sua salvadora. Uma picareta espertinha e malvada que o fez de trouxa sem o menor esforço. Arrancou dele tudo o que podia desejar em quatro visitas de dez minutos. A degeneração. A audácia. Os nervos inabaláveis. Só Deus sabe de onde saem esses jovens.

Aí o Sueco lembrou que um deles tinha saído da sua própria casa. Rita Cohen apenas saiu da casa de alguma outra pessoa. Eles eram criados em casas iguais à dele. Eram criados por pais iguais a ele. E tantos desses jovens eram moças, moças cuja identidade política era total, moças que não eram

nem um pouco menos agressivas e militantes, nem um pouco menos propensas à "ação armada" do que os rapazes. Existe algo aterradoramente "puro" na violência delas e na sua sede de autotransformação. Elas renunciam às suas raízes para tomar como modelos os revolucionários cuja convicção é levada a efeito da forma mais implacável. Como máquinas que não podem ser desligadas, elas fabricam a abominação que impele o seu idealismo duro como aço. A raiva delas é combustível. Estão dispostas a fazer qualquer coisa que possam imaginar para mudar o rumo da história. Não são nem de longe obrigadas a fazer isso; se candidatam livremente e com destemor a cometer atos terroristas contra a guerra, assaltos à mão armada, muito bem equipadas para mutilar e matar por meio de explosivos, imunes ao medo, às dúvidas e às contradições internas — moças na clandestinidade, moças perigosas, violentas, extremistas implacáveis, totalmente insociáveis. O Sueco lia nos jornais os nomes das moças procuradas pela polícia por crimes supostamente derivados de atividades contra a guerra, moças que ele imaginava que Merry conhecia, moças cuja vida ele imaginava que estivesse entrelaçada com a vida da filha: Bernardine, Patricia, Judith, Cathlyn, Susan, Linda... O pai do Sueco, depois de assistir feito um pateta a uma reportagem especial na tevê sobre a caçada policial a um grupo de Meteorologistas que viviam na clandestinidade, entre eles Mark Rudd, Katherine Boudin e Jane Alpert — todos com vinte e poucos anos, judeus de classe média, com nível universitário, violentos em nome da luta contra a guerra, comprometidos com a transformação revolucionária da sociedade e determinados a derrubar o governo dos Estados Unidos —, acabou dizendo:

— Me lembro de quando os garotos judeus ficavam em casa estudando. O que foi que aconteceu? Que diabo aconteceu com os nossos garotos judeus inteligentes? Se, Deus me perdoe, seus pais conseguem ficar um tempinho sem ser oprimidos, eles logo saem correndo para onde acham que podem encontrar opressão. Não conseguem viver sem isso. Antigamente, os judeus fugiam da opressão; agora eles fogem da falta de opressão. Antigamente, eles fugiam da pobreza; agora, fogem da riqueza. É uma loucura. Eles têm pais a quem não podem mais odiar porque são muito bons com os filhos, aí então eles odeiam a América.

Mas Rita Cohen era um caso à parte: uma prostituta depravada e uma pilantra comum.

Assim, como é que o Sueco ia explicar a carta dela, se era só isso que Rita

Cohen era? O que aconteceu com os nossos garotos judeus inteligentes? Eles *estão* malucos. Alguma coisa os está *deixando* malucos. Alguma coisa fez com que eles se voltassem contra tudo. Alguma coisa os está arrastando para a catástrofe. Esses não são os garotos judeus inteligentes, resolutos, que subiam na vida fazendo melhor do que qualquer um aquilo que os pais mandavam fazer. Eles só se sentem bem fazendo melhor do que qualquer um aquilo que os pais mandam *não* fazer. A desconfiança é a loucura à qual eles foram convocados.

E aqui no chão está o resultado, em uma de suas formas mais deploráveis: a conversão religiosa. Se a gente fracassa na tentativa de sujeitar o mundo, a gente então se sujeita ao mundo.

— Eu *amo* você — disse o Sueco a Merry —, você *sabe* que eu ia procurar por você. Você é minha *filha*. Mas como é que eu poderia encontrá-la, mesmo em um milhão de anos, usando essa máscara, pesando trinta e cinco quilos e vivendo desse jeito? Como é que alguém conseguiria encontrar você, mesmo aqui? Onde você *estava*? — gritou ele, tão furioso quanto o pai mais furioso já traído por uma filha ou um filho, tão furioso que teve medo de que sua cabeça vomitasse os miolos, como fez Kennedy quando levou um tiro. — Onde é que você *andou*? Me responda!

Então Merry contou onde tinha andado.

E como foi que ele ouviu? Perguntando a si mesmo: se houve algum sentido, na vida deles, *anterior* ao momento em que Merry tomou o caminho errado, onde e quando estaria? Pensando: não existia esse sentido, eles nunca conseguiram controlar Merry, por mais longos que tenham sido os anos durante os quais ela conseguiu enganá-los, conseguiu parecer que pertencia a eles de um modo incontestável e que vivia sob a sua autoridade. Pensando: completamente inúteis, todas as coisas que ele tinha feito. Os preparativos, os exercícios, a obediência; a dedicação abnegada ao essencial, às coisas que mais importam; o sistemático sistema de aperfeiçoamento, o exame paciente de todo e qualquer problema, grande ou pequeno; nenhum desvio, nenhum descanso, nenhum desleixo; fielmente cumprindo todas as obrigações, atendendo com presteza às exigências de todas as situações que surgissem... uma lista tão comprida quanto a Constituição americana, os seus artigos de fé — e tudo isso uma inutilidade. A sistematização da inutilidade é tudo o que ele sempre fizera na vida. Tudo o que ele conseguira refrear por meio da sua responsabilidade fora ele mesmo.

Pensando: ela não está sob o meu poder e jamais esteve. Ela se acha sob o poder de alguma coisa, que não está ligando para nada. Alguma coisa maluca. Todos estamos assim. Os antepassados não são responsáveis por isso. Eles mesmos não são responsáveis por isso. O responsável é uma outra coisa.

Sim, aos quarenta e seis anos, em 1973, decorridos já quase três quartas partes do século que, sem a menor consideração pelas frescuras das cerimônias rituais de sepultamento, havia espalhado cadáveres de crianças mutiladas e de seus pais mutilados por toda parte, o Sueco descobriu que estamos todos sob o poder de alguma coisa maluca. É só uma questão de tempo, seu branco nojento. Estamos todos assim!

Ele os ouviu dando risadas, os Meteorologistas, os Panteras Negras, o furioso exército esfarrapado formado pelos violentos Incorruptíveis que o chamavam de criminoso e morriam de ódio dele por que era um daqueles que tinham e possuíam. *O Sueco finalmente descobriu!* Eles deliravam de alegria, de prazer, por terem destruído sua filha outrora mimada e por terem arruinado a sua vida de privilegiado, por terem afinal conseguido guiá-lo como um carneirinho até a verdade deles, a verdade tal como eles a conheciam para todos os vietnamitas, homens, mulheres, jovens e crianças, para todos os negros colonizados na América, para todo o mundo em toda parte que tivesse sido sacaneado pelos capitalistas e por sua ganância insaciável. A coisa que está maluca, seu branco nojento, é a história da América! É o império americano! É o Chase Manhattan, a General Motors, a Standard Oil e a Artigos de Couro para Senhoras Newark! Bem-vindo a bordo, cão capitalista! Bem-vindo à raça humana sacaneada pela América!

Merry lhe contou que, durante as primeiras setenta e duas horas após a explosão da bomba, ficara escondida em Morris-town na casa de Sheila Salzman, sua fonoaudióloga. Em segurança, ela procurou a casa de Sheila, foi recebida ali e ficou escondida em uma ante-sala do consultório de Sheila durante o dia e no consultório, propriamente dito, durante a noite. Em seguida, começou sua perambulação clandestina. Em apenas dois meses, usou quinze pseudônimos e se mudava a cada quatro ou cinco dias. Mas em Indianápolis, onde recebeu a ajuda de um pastor ligado ao movimento, que só sabia que Merry era uma ativista contra a guerra que entrara na clandestinidade, ela escolheu um nome em uma lápide do cemitério, o nome de um bebê nascido um ano depois dela mesma e que morrera no começo da vida. Merry solicitou uma segunda via da certidão de nascimento

no nome do bebê e assim se tornou Mary Stoltz. Depois disso, obteve uma ficha de inscrição na biblioteca, um número de inscrição no Seguro Social e, quando completou dezessete anos, tirou a carteira de motorista. Durante quase um ano, Mary Stoltz lavou pratos na cozinha de um asilo de idosos — um trabalho que arranjou por intermédio do pastor — até que, certa manhã, ele ligou para Merry de um telefone público e disse que precisava abandonar o trabalho imediatamente e ir ao seu encontro na estação de Greyhound. Lá, entregou a ela uma passagem para Chicago, disse para ficar lá dois dias, depois comprar uma passagem para o Oregon — ao norte de Portland, havia uma comunidade onde poderia procurar refúgio. O pastor lhe deu o endereço da comunidade e algum dinheiro para comprar roupas, comida e as passagens, e assim Merry partiu para Chicago, onde ela foi estuprada na mesma noite em que chegou. Foi raptada, estuprada e roubada. Com apenas dezessete anos.

Na cozinha de uma espelunca, menos acolhedora do que a cozinha do asilo de idosos, Merry lavava pratos para ganhar o dinheiro necessário para ir ao Oregon. Não havia pastor algum para lhe dar conselhos em Chicago e Merry tinha medo de, caso tentasse entrar em contato com o círculo clandestino, fazer alguma coisa errada e acabar sendo presa. Estava assustada demais até para usar um telefone público a fim de ligar para o pastor em Indianápolis. Foi estuprada de novo (na quarta pensão onde foi morar) mas dessa vez não foi roubada e assim, após seis semanas lavando pratos, tinha economizado dinheiro bastante para partir rumo à comunidade.

Em Chicago, a solidão foi avassaladora, Merry a experimentava como uma corrente fluindo através dela. Não se passava um dia, em certos dias não se passava uma hora sem que ela tivesse vontade de telefonar para Old Rimrock. Mas, em vez disso, antes de lembrar que seu quarto da infância podia arruiná-la completamente, Merry encontrava um restaurante simples ou uma lanchonete, sentava em um banco junto ao balcão, pedia um sanduíche de alface, tomate e bacon e um milk-shake de baunilha. Ao pronunciar as palavras familiares, ao observar o bacon se encrespar na grelha quente, ao ver suas torradas saltarem na torradeira, ao retirar cuidadosamente os palitos do sanduíche quando o serviam, ao comer o sanduíche arrumado em camadas entre ligeiros goles de milk-shake, ao se concentrar em mastigar as fibras sem gosto da alface, ao sorver do bacon crocante a gordura com aroma de fumaça e os sumos viçosos do tomate

tenro, ao embeber tudo na pasta das torradas revestidas de maionese, ao moer tudo pacientemente na mandíbula e nos dentes, ao pulverizar pensativamente cada bocado do sanduíche em um bolo de forragem a fim de esfriar a cabeça — ao se concentrar no sanduíche com a mesma fixidez com que os bois e vacas da mãe fitavam a forragem na gamela — Merry ganhava coragem para ir adiante sozinha. Comia o sanduíche e bebia o milk-shake, lembrava como fora parar ali e ia em frente. Quando partiu de Chicago, Merry havia descoberto que já não precisava mais de um lar; nunca mais sucumbiria às saudades da família e do lar.

No Oregon, ela se envolveu em dois atentados à bomba.

Ao invés de representar um obstáculo, matar Fred Conlon só servira para estimular Merry; depois de Fred Conlon, em vez de ser castigada pela consciência, ela se viu desembaraçada de todo e qualquer resíduo de medo e contrição. O horror de ter matado, ainda que de forma inadvertida, um homem inocente, um dos melhores homens que ela podia sonhar em conhecer na vida, não ensinara a Merry nada a respeito da proibição suprema, que, de uma maneira assombrosa, não fora capaz de aprender a respeitar, tendo sido criada e educada por Dawn e pelo Sueco. Matar Conlon apenas serviu para ratificar o ardor de Merry como uma revolucionária idealista, que não titubeava em utilizar todos os meios, mesmo os mais cruéis, para atacar o sistema maligno. Ela provara que estar em oposição a tudo o que havia de decente na América dos brancos nojentos não significava apenas pendurar cartazes espalhafatosos com pichações nas paredes do seu quarto.

O Sueco disse:

— Você instalou as bombas.

— Fui eu, sim.

— No mercadinho Hamlin's e no Oregon, foi você que pôs as bombas.

— Sim.

— Alguém morreu no Oregon?

— Sim.

— Quem?

— Pessoas.

— Pessoas — ele repetiu. — Quantas pessoas, Merry?

— Três — respondeu ela.

Havia muito o que comer na comunidade. Eles plantavam boa parte da própria comida e assim não havia necessidade, como ocorrera quando ela

estivera em Chicago, de revirar lixo à cata de alimentos murchos na porta dos supermercados, à noite. Na comunidade, ela começou a dormir com uma mulher pela qual se apaixonou, a esposa de um tecelão cujo tear Merry aprendeu a usar quando não estava trabalhando com as bombas. Montar bombas se tornara a sua especialidade, depois que havia posto para explodir a segunda e a terceira. Ela adorava a paciência e a precisão necessárias para ligar com segurança a dinamite à cápsula de detonação, e a cápsula de detonação ao despertador Woolworth. Foi então que a gagueira pela primeira vez começou a desaparecer. Merry nunca gaguejava quando estava mexendo com dinamite.

Então alguma coisa aconteceu entre a mulher e o marido, uma discussão violenta que acabou exigindo que Merry fosse embora da comunidade a fim de restaurar a paz.

Foi quando estava escondida no leste de Idaho, onde trabalhava em uma plantação de batata, que Merry resolveu fugir para Cuba. À noite, nos alojamentos dos trabalhadores da fazenda, ela começou a estudar espanhol. Morando nos alojamentos com outros trabalhadores, Merry sentiu-se ainda mais apaixonadamente comprometida com suas convicções, embora os homens fossem assustadores quando se embriagavam e, de novo, houve incidentes sexuais. Ela acreditava que, em Cuba, pudesse viver entre trabalhadores sem precisar ter medo da sua violência. Em Cuba, ela poderia ser Merry Levov e não Mary Stoltz.

A essa altura, ela já havia chegado à conclusão de que, na América, nunca haveria uma revolução capaz de erradicar as forças do racismo, da reação e da ganância. A guerrilha urbana era fútil contra uma superpotência termonuclear que não se deteria diante de coisa alguma para defender o princípio do lucro. Uma vez que ela não podia contribuir para gerar uma revolução na América, sua única esperança era entregar-se à revolução que já existia. Isso marcaria o fim do seu exílio e o verdadeiro início da sua vida.

O ano seguinte foi dedicado a encontrar um caminho para chegar a Cuba, a Fidel, que havia emancipado o proletariado e que erradicara a injustiça com o socialismo. Mas, na Flórida, Merry teve sua primeira escaramuça com o FBI. Havia um parque em Miami repleto de refugiados dominicanos. Era um bom lugar para praticar o seu espanhol e logo ela se viu dando aulas de inglês para os garotos dali. Afetuosamente, eles a chamavam de La Farfulla, a gaga, o que não os impedia de gaguejar maldosamente quando repetiam as palavras em inglês que Merry lhes ensinava. Em espanhol, sua pronúncia

era impecável. Outra razão para fugir para os braços da revolução mundial.

Certo dia, contou Merry ao pai, ela reparou em um jovem negro vagabundo, novato no parque, que a observava dando aulas para os garotos. Soube no mesmo instante o que aquilo significava. Mil vezes antes disso, Merry pensara que seria o FBI, e mil vezes ela se enganara — no Oregon, em Idaho, no Kentucky, em Maryland, o FBI a vigiava em lojas onde ela trabalhava atendendo no balcão; vigiava os pequenos restaurantes e cafeterias onde lavava pratos; vigiava as ruas miseráveis onde morava; vigiava as bibliotecas onde se escondia para ler os jornais e estudar os pensadores revolucionários, dominar Marx, Marcuse, Malcom X e Frantz Fanon, um teórico francês cujas frases, repetidas em forma de litania, à noite, na cama, como uma súplica, haviam amparado Merry de uma forma bem semelhante ao sacramento ritual do milk-shake de baunilha e do sanduíche de alface, tomate e bacon. *É preciso ter constantemente no pensamento que a mulher argelina comprometida com a causa aprende ao mesmo tempo e de maneira instintiva seu papel como uma "mulher sozinha nas ruas" e sua missão revolucionária. A mulher argelina não é uma agente secreta. É sem aprendizado, sem aulas, sem alarde que ela parte para a rua com três granadas na bolsa. Ela não tem a sensação de que representa um papel. Não existe um personagem a ser imitado. Ao contrário, existe uma intensa dramatização, uma continuidade entre a mulher e a revolucionária. A mulher argelina se eleva de forma direta ao nível da tragédia.*

Pensando: e a menina de New Jersey decai ao nível da imbecilidade. A menina de New Jersey que mandamos para a escola Montessori porque era tão inteligente, a menina de New Jersey que na escola secundária de Morristown só tirava A e B — a menina de New Jersey se eleva de forma direta ao nível da psicose.

Em toda parte, em todas as cidades onde ela ia se esconder, achava que via o FBI — mas foi em Miami que ela foi, enfim, descoberta enquanto gaguejava no banco de um parque, tentando ensinar seus garotos a falar inglês. E no entanto como poderia não ensiná-los? Como Merry poderia dar as costas àqueles que nasceram para nada, que estavam condenados ao nada, que até aos próprios olhos pareciam ser o lixo da humanidade? No segundo dia que foi ao parque e viu o mesmo vagabundo negro fingindo dormir em um banco próximo, embaixo de um cobertor feito de folhas de jornal, Merry voltou para a rua, começou a correr e não parou mais, até que

viu uma mulher cega pedindo esmola na rua, uma mulher negra e grandalhona, com um cachorro. A mulher fazia tilintar uma caneca na mão e repetia com voz mansa "cega, cega, cega". Na calçada, aos pés da mulher, jazia um casacão de lã esfarrapado no qual Merry concluiu que poderia se esconder. Mas não podia simplesmente tomar o casaco da mulher; em vez disso, perguntou se podia ajudar a mulher a pedir esmola, e a mulher respondeu que sim, é claro, e Merry perguntou se podia usar os óculos escuros da mulher e o seu casaco, e a mulher respondeu: "O que você quiser, meu bem". E assim Merry ficou de pé, sob o sol de Miami, naquele velho casacão pesado, de óculos escuros, sacudindo a caneca enquanto a mulher repetia a cantilena "cega, cega, cega". Naquela noite, ela se escondeu sozinha embaixo de uma ponte, mas no dia seguinte voltou a pedir esmolas com a mulher negra, de novo disfarçada com o casaco e com os óculos, e no final foi morar com a mulher e seu cachorro e passou a tomar conta dela.

Foi nessa ocasião que começou a estudar religiões. Bunice, a mulher negra, cantava para ela de manhã, quando as duas acordavam na cama onde dormiam, ela, Merry e o cachorro. Mas quando Bunice teve câncer e morreu, foi o pior de tudo: os médicos, a enfermaria, o enterro no qual Merry era a única pessoa a chorar a morta, perder a pessoa a quem mais amava no mundo... isso foi a coisa mais difícil de todas.

Durante os meses em que Bunice estava morrendo, Merry encontrou na biblioteca livros que a levaram a deixar definitivamente para trás a tradição judeu-cristã e encontrar o seu caminho para o supremo imperativo ético do *ainsa*, a reverência sistemática pela vida e o compromisso a não fazer mal a nenhum ser vivo.

O pai de Merry já não se perguntava mais em que ponto ela perdera o controle sobre a sua vida, já não pensava mais que tudo o que ele havia feito fora futilidade e que ela se achava sob o poder de alguma coisa enlouquecida. Em vez disso, o Sueco pensava agora que Mary Stoltz não era sua filha, pela simples razão de que sua filha não poderia ter absorvido tanta dor. Era uma menina de Old Rimrock, uma criança privilegiada no paraíso. Não poderia ter trabalhado em uma plantação de batata, dormido embaixo de uma ponte e vivido apavorada, durante cinco anos, com a idéia de ser presa. Ela nunca poderia ter dormido com a mulher cega e seu cachorro. Indianápolis, Chicago, Portland, Idaho, Kentucky, Maryland, Flórida — Merry nunca poderia ter vivido sozinha em todos esses lugares,

uma errante solitária lavando pratos, se escondendo da polícia e fazendo amizade em bancos de parques com gente desamparada. E ela nunca acabaria parando em Newark. Não. Viver por seis meses a dez minutos do pai, caminhar até a zona ferroviária da cidade por baixo de uma passagem de nível, usar aquele véu e caminhar completamente sozinha, toda manhã e toda noite, passando por todos aqueles delinqüentes e por toda aquela sujeira — não! A história toda era mentira, seu propósito era destruir o grande vilão do ponto de vista deles, ou seja, o Sueco. A história era uma caricatura, uma caricatura sensacionalista, e ela era uma atriz, essa moça era uma profissional, contratada e incumbida de atormentá-lo porque ele era tudo o que eles não eram. Eles queriam dar cabo do Sueco por intermédio daquela história de uma pária exilada no mesmo país onde sua família havia criado raízes de forma vitoriosa em todos os aspectos que se possa imaginar, e assim ele se recusava a acreditar em qualquer coisa que Merry dissesse. O Sueco pensou: O estupro? As bombas? Uma vítima fácil para qualquer maluco que aparecesse? Isso era mais do que uma dura prova. Era o inferno. Merry não poderia sobreviver a *nada* disso. Ela não poderia ter sobrevivido após assassinar quatro pessoas. Não poderia ter assassinado a sangue-frio e sobrevivido a isso.

E depois ele compreendeu que ela não havia mesmo sobrevivido. Qualquer que fosse a verdade, o que quer que tivesse realmente acontecido com ela, a decisão de deixar para trás, em ruínas, a vida desprezível de seus pais havia arrastado Merry para a desgraça de destruir, enfim, a si própria.

É claro que tudo isso poderia ter acontecido com ela. Coisas assim acontecem todos os dias no mundo inteiro. O Sueco não tinha a menor idéia de como as pessoas se comportavam nesses casos.

— Você não é minha filha. Você não é Merry.

— Se você prefere acreditar que não sou, não tem importância. Talvez seja melhor assim.

— Por que você não me pergunta sobre a sua mãe, Meredith? Será que eu é que devo perguntar? Onde sua mãe nasceu? Qual é o nome de solteira da sua mãe? Qual o nome do pai dela?

— Não quero falar sobre a minha mãe.

— Porque você não sabe nada a respeito dela. Nem sobre mim. Nem sobre a pessoa que você finge ser. Conte-me sobre a casa na beira da praia. Diga o nome da sua professora na primeira série primária. Quem foi a sua professora na segunda série? Diga por que está fingindo que é minha filha!

— Se eu responder essas perguntas, você vai sofrer mais ainda. Não sei quanto sofrimento você quer.

— Ah, não se preocupe com o meu sofrimento, jovem senhorita... apenas responda às perguntas. Por que está fingindo que é minha filha? Quem é você? Quem é "Rita Cohen"? O que vocês duas estão querendo aprontar? Onde está minha filha? Vou levar toda essa história ao conhecimento da polícia a menos que você me conte agora o que é que está acontecendo por aqui e onde está minha filha.

— Nada do que eu faço é passível de acusação legal, papai.

O medonho legalismo. Não apenas o medonho jainismo, mas também essa outra palhaçada.

— Não — disse ele —, *agora* não é... agora é só uma coisa horrível! E quanto ao que você *fez*?

— Matei quatro pessoas — retrucou Merry, com a voz mais inocente que já usara ao falar com o pai. — Assei biscoitinhos com pedaços de nozes e chocolate esta tarde.

— Não! — gritou o Sueco. O jainismo, o legalismo, a egrégia inocência, tudo isso era desespero, tudo isso era para se afastar das quatro pessoas que morreram. — Isso não vai funcionar! Você não é uma mulher argelina! Você não é da Argélia e não é da Índia! É uma menina americana de Old Rimrock, New Jersey! Uma menina americana com o miolo muito, muito mole! Quatro pessoas? Não!

E agora *ele* se recusava a acreditar naquilo, agora era para ele que a culpa não fazia o menor sentido e não podia existir. Ela recebera muitos cuidados e privilégios para que isso fosse verdade. Assim como ele também recebera. O Sueco nunca poderia criar uma filha que matasse quatro pessoas. Tudo o que a vida proporcionara a Merry, tudo o que a vida oferecera a ela, tudo o que a vida pedira dela, tudo o que aconteceu com Merry desde o dia em que nasceu tornava aquilo *impossível*. Matar pessoas? Não era um dos problemas deles. Felizmente a vida havia omitido isso de suas existências. Matar gente estava o mais longe possível de tudo o que os Levov fizeram. Não, ela não era, não podia ser sua filha.

— Se você leva mesmo tão a sério essa história de não mentir e não fazer mal a nada, pequeno ou grande, toda essa bosta, Merry, toda essa bosta totalmente sem pé nem cabeça, imploro a você que me conte a verdade!

— A verdade é simples. Aqui está a verdade. A gente deve pôr fim aos desejos e ao egoísmo.

— Merry — gritou ele —, Merry, Merry — e, o impulso desenfreado desatando-se dentro dele, impotente para *não* atacar, o Sueco se atirou sobre ela com toda a sua musculatura viril, de qualquer jeito, ali em cima do colchão imundo. — Não é você! Você não poderia fazer isso!

Ela não opôs qualquer resistência quando ele lhe arrancou do rosto o véu recortado da ponta de uma meia. Onde deveria estar o calcanhar, estava o seu queixo. Nada existe de mais fétido do que algo onde esteve enfiado um pé e, exatamente nesse local, ela mete a boca. Nós a amamos, ela nos amava — e o resultado é que ela enfia a cara dentro de uma meia.

— *Agora* fale! — o Sueco ordena.

Mas ela não falou. O Sueco abriu à força a boca da filha, desrespeitando uma linha divisória que ele nunca antes ultrapassara — a proibição acerca da violência. Foi o fim de toda e qualquer compreensão. Não havia mais como existir alguma compreensão, muito embora ele soubesse que a violência é uma coisa desumana e fútil, e a compreensão — falar coisas razoáveis um para o outro durante o tempo que for necessário para surgir algum entendimento — é a única forma capaz de alcançar um resultado duradouro. O pai que não podia nunca usar a força com o seu filho, o pai para quem a força era a encarnação da falência moral, abriu à força a boca da filha e, com os dedos, segurou sua língua. Faltava um dos dentes da frente, um de seus lindos dentes. Isso *provava* que não era Merry. Todos aqueles anos com aparelho nos dentes, o tracionador, o aparelho noturno, todas aquelas geringonças para corrigir o jeito de morder, para salvar suas gengivas, para embelezar o seu sorriso — *essa não podia ser a mesma menina*.

— Fale! — ordenou ele, e então o verdadeiro cheiro de Merry chegou até ele, o mais baixo dos cheiros humanos, excetuados apenas o fedor dos vivos em putrefação e dos mortos em putrefação. Estranhamente, embora ela lhe tivesse dito que não tomava banho a fim de não fazer mal à água, o Sueco não sentira cheiro algum até então — nem quando se abraçaram na rua, nem sentado diante dela na penumbra em frente ao colchão —, nada senão aquela coisa acre, enjoativamente estranha, que ele atribuiu ao prédio encharcado de mijo. Mas o cheiro que o Sueco sentia agora, enquanto abria à força a boca da filha, era o cheiro de um ser humano, não de um prédio, um ser humano maluco que se espoja gostosamente nos próprios excrementos. A loucura da filha o alcançara. Ela é nojenta. Sua filha é uma pocilga humana fedendo a dejeções humanas. O cheiro dela é o cheiro de

tudo o que existe de orgânico se decompondo. É o cheiro da incoerência. É o cheiro de tudo aquilo em que ela se transformou. Ela poderia fazer tudo isso, e fez mesmo, e essa reverência pela vida é a obscenidade final.

O Sueco tentou localizar um músculo em algum ponto da cabeça para bloquear a abertura na saída da garganta, algo que o detivesse e evitasse que os dois escorregassem ainda mais fundo na imundície, mas esse músculo não existia. Um espasmo de secreções gástricas e comida mal digerida começou o empuxo intestinal e, em uma torrente amarga, ácida, afluiu de forma nauseante sobre a sua língua e, quando ele gritou "*Quem é você?*", vomitou aquilo de mistura com as palavras sobre a cara da filha.

Mesmo na penumbra daquele quarto, assim que ficou deitado sobre ela, o Sueco soube muito bem quem era ela. Não havia necessidade de ela falar com o rosto desprotegido para informá-lo de que o inexplicável havia para sempre desarrumado tudo o que ele outrora pensara saber. Se ela não se achava mais estigmatizada, como Merry Levov, pela sua gagueira, estava marcada de forma inequívoca pelos olhos. Dentro das órbitas, grandes demais, talhadas a golpes de formão, os olhos eram os do Sueco. A altura era a dele e os olhos eram os dele. Ela era toda dele. O dente que faltava fora arrancado ou partido com um soco.

Merry não olhou para o Sueco quando ele recuou em direção à porta, mas olhava aflita em volta, para o seu quarto apertado, como se o Sueco, em seu frenesi, tivesse espancado da forma mais brutal os indefesos microorganismos que moravam ali, com ela, em sua solidão.

Quatro pessoas. Não admira que ela tivesse desaparecido. Não admira que ele também tivesse desaparecido. Essa era sua filha e estava irreconhecível. Essa assassina é minha. O vômito do Sueco estava sobre a cara dela, um rosto que, exceto pelos olhos, era muito diferente do da mãe ou do pai. O véu havia caído mas, por trás do véu, existia um outro véu. Não é o que sempre acontece?

— Venha comigo — suplicou o Sueco.

— Vá você, papai. Vá.

— Merry, está me pedindo para fazer uma coisa horrivelmente dolorosa. Está me pedindo para deixá-la. Eu acabei de encontrar você. Por favor — suplicou —, venha comigo. Venha comigo.

— Pai, me deixe em paz.

— Mas preciso ver você. Não posso deixar você aqui. Preciso ver você!

— Você já me viu. Por favor, agora vá. Se me ama, papai, vai me deixar.

A menina mais perfeita que já se viu, a filha de alguém, foi estuprada.

Tudo o que o Sueco conseguia pensar era nas duas vezes em que ela fora estuprada. Quatro pessoas morreram em explosões por causa dela — tão grotesco, tão desmesurado, que era inimaginável. Tinha de ser. Ver os rostos, ouvir os nomes, saber que uma das vítimas era mãe de três filhos, a outra um recém-casado, a terceira vítima estava quase se aposentando... Será que *ela* sabia o que ou quem eram eles... será que se importava em saber quem eram...? O Sueco não conseguia imaginar nada disso. Não poderia. Só o estupro era imaginável. Imaginar o estupro, e o resto fica bloqueado: os rostos deles permanecem fora de vista, seus óculos, seus penteados, suas famílias, seus empregos, suas datas de nascimento, seus endereços, sua absoluta inocência.

Não apenas um Fred Conlon — quatro Fred Conlons.

O estupro. O estupro lançava sombra em tudo o mais. Concentre-se no estupro.

Quais *eram* os detalhes? Quem eram esses homens? Seria alguém que fazia parte dessa vida, um homem contra a guerra e foragido da justiça como ela, seria alguém que ela conhecia ou um estranho, um vagabundo das ruas, um viciado, um louco que a seguiu até sua casa e entrou no prédio com uma faca? O que aconteceu? Eles a seguraram e ameaçaram com uma faca? Bateram nela? O que obrigaram Merry a fazer? Não havia ninguém para ajudá-la? O que exatamente eles a forçaram a fazer? O Sueco era capaz de matá-los. Merry tinha de dizer quem eram eles. Quero saber quem são esses caras. Quero saber onde aconteceu. Quero saber quando aconteceu. Vamos voltar lá e encontrar esses caras e aí eu vou matar todos eles!

Agora que o Sueco não conseguia parar de imaginar os estupros, não havia mais alívio algum, nem por um segundo, do desejo de ir para a rua e matar alguém. Com todos os muros que ele havia erguido, sua filha é estuprada. Toda aquela proteção e ele não conseguiu impedir que sua filha fosse estuprada. Conte-me tudo a respeito! Vou matar esses caras!

Mas era tarde demais. Já havia acontecido. Não podia fazer nada para impedir que acontecesse. Para que não acontecesse, ele teria de matar os estupradores antes de acontecer — e como poderia fazer isso? Sueco Levov? Fora do campo de jogo, onde foi que Sueco Levov alguma vez encostou a mão em alguém? Nada havia sido tão rechaçado nesse homem musculoso quanto o emprego da força física.

Os lugares em que ela se meteu. As pessoas. Como foi que sobreviveu

sem companhia? Esse lugar em que ela está agora. Os lugares em que morou seriam todos assim, ou até piores? Tudo bem, ela não devia ter feito o que fez, nunca deveria ter feito isso, mas só de pensar no jeito que ela teve de viver...

O Sueco estava sentado diante de sua escrivaninha. Tinha de encontrar algum alívio por ver aquilo que não queria ver. A fábrica estava vazia. Só havia o vigia que viera cumprir seu turno com seus cães. Estava lá embaixo, no estacionamento, patrulhando o perímetro da cerca de tela de arame trançado, de espessura dupla, uma cerca encimada, após os distúrbios de rua, por ornamentos feitos de lâminas afiadas, que serviam para advertir o patrão, todos os dias de manhã, quando ele estacionava seu carro: "Vá embora! Vá embora! Vá embora!". O Sueco estava sentado sozinho na última fábrica que restara na pior cidade do mundo. E era ainda pior do que ficar ali sentado durante os distúrbios de rua, a avenida Spring em chamas, a avenida South Orange em chamas, a rua Bergen sob ataque, as sirenes cantando, armas disparando, franco-atiradores no alto dos telhados estourando as lâmpadas dos postes, multidões de saqueadores enlouquecidos vagando pelas ruas, crianças roubando rádios, lâmpadas e televisores, homens carregando nos braços montes de roupas, mulheres empurrando carrinhos de bebê abarrotados de caixas de papelão de uísque e de cerveja, gente empurrando peças novas de mobília bem no meio da rua, roubando sofás, berços, mesas de cozinha, roubando máquinas de lavar, máquinas de secar e fogões — roubando não às escondidas mas em plena luz do dia. Sua força é tremenda, seu espírito de equipe é impecável. O estilhaçar do vidro das janelas é de arrepiar. Não ter de pagar pelas coisas é intoxicante. O apetite americano pela propriedade é ofuscante demais para a gente olhar de frente. *Isso* sim é que é roubalheira. Tudo o que as pessoas desejam oferecido totalmente grátis, uma alucinante promoção gratuita e sem impostos para quem quiser, todo o mundo incontrolável, dominado pelo pensamento: Está na mão! Apanha! Nas ruas em chamas do grande carnaval de Newark foi liberada uma força que se supõe redentora, algo purificador está acontecendo, algo espiritual e revolucionário, perceptível para todos. A visão surreal de utensílios domésticos no meio da rua, sob a luz das estrelas e radiantes sob o clarão das labaredas que incineravam o centro da cidade, prometia a libertação de toda a humanidade. Sim, está na mão, apanha, sim, a oportunidade gloriosa, um dos raros momentos metamorfoseadores da história humana: as maneiras

antigas de sofrer estão felizmente ardendo em chamas, para nunca mais renascer, para, em vez disso, serem substituídas, em um intervalo de poucas horas, por um sofrimento que há de ser tão monstruoso, tão inexorável e abundante, que sua dissolução levará os próximos quinhentos anos. Agora, o incêndio... e depois? Depois do incêndio? Nada. Nada em Newark, nunca mais.

E o tempo todo o Sueco fica ali na fábrica ao lado de Vicky, esperando sozinho com Vicky a seu lado que chegue a hora de a sua fábrica ir pelos ares, esperando a polícia com revólveres, pelos soldados com submetralhadoras, esperando proteção da polícia de Newark, a polícia estadual, a Guarda Nacional — de *alguém* — antes de incendiarem, até as fundações, a empresa construída pelo pai, confiada a ele pelo pai... e aquilo não foi tão ruim quanto isso, agora. Um carro de polícia abre fogo contra o bar do outro lado da rua, da sua janela o Sueco vê uma mulher cair, dobra os joelhos e cai, fuzilada bem no meio da rua, uma mulher morta a tiros diante dos seus olhos... e nem mesmo aquilo foi tão ruim quanto isso. Gente aos berros, se esgoelando, bombeiros derrubados à bala para não combaterem as chamas; explosões, o som repentino de bongôs, no meio da noite uma salva de tiros de revólver espatifando todas as janelas do andar térreo onde Vicky pusera seus cartazes... e isso, agora, ainda era muito pior. Depois eles foram embora, todo o mundo fugiu dos escombros fumegantes — industriais, comerciantes, bancos, donos de lojas, corporações, lojas de departamento; na zona sul, nos bairros residenciais, vêem-se dois caminhões de mudança por dia em todas as ruas ao longo do ano seguinte, proprietários indo embora, desertando de suas residências modestas, eles levam consigo tudo o que podem... mas o Sueco permanece, recusa-se a partir, a Artigos de Couro para Senhoras Newark fica para trás, e nem mesmo isso impediu que sua filha fosse estuprada. Nem mesmo nos piores momentos o Sueco abandona sua fábrica para os vândalos; ele não abandona seus trabalhadores após a confusão, não dá as costas para essa gente, e *mesmo assim* a sua filha é estuprada.

Pendurada na parede atrás da sua escrivaninha, emoldurada e protegida por um vidro, está uma carta da Comissão Especial de Investigação sobre a Desordem Civil instituída pelo governador, agradecendo ao senhor Seymour I. Levov pelo seu depoimento como testemunha direta dos distúrbios, elogiando-o por sua coragem, por sua devoção a Newark, uma carta oficial assinada por dez cidadãos eminentes, dois bispos católicos,

dois ex-governadores do estado; e, na parede ao lado, também emoldurado e protegido por um vidro, um artigo que seis meses antes fora publicado no *Star-Ledger*, com a sua fotografia e o título: "Fábrica de luvas premiada por permanecer em Newark" — e mesmo assim sua filha foi estuprada.

O estupro estava em sua corrente sangüínea e ele nunca o retiraria dali. O cheiro daquilo estava em sua corrente sangüínea, o rosto, as pernas e os braços e o cabelo e a roupa. Havia os ruídos — o baque, os gritos dela, derrubada à força em um recinto minúsculo. O rugido horrível do homem gozando. Seus grunhidos. Os soluços dela. A exorbitância do estupro obscurecia tudo o mais. Sem suspeitar de nada, ela saíra de casa e aí eles a agarraram pelas costas, a jogaram no chão e ali estava o corpo dela para eles se servirem à vontade. Apenas um pouco de roupa cobria o corpo de Merry e eles rasgaram o pano. Não havia nada entre as mãos deles e o corpo dela. Dentro do corpo dela. Entrar no corpo dela. A força tremenda com que fizeram isso. A força dilaceradora. Arrancaram seu dente a socos. Um deles era louco. Sentou-se em cima dela e soltou uma torrente de merda. Estavam todos em cima dela. Aqueles homens. Falavam uma língua estrangeira. Riam. Faziam tudo aquilo que desejavam fazer. Um esperava atrás do outro. Ela via cada um esperando sua vez. Não havia nada que ela pudesse fazer.

E nada que ele pudesse fazer. O homem fica cada vez mais doido para fazer alguma coisa justamente na hora em que não sobrou mais nada para ele fazer.

O corpo de Merry no berço. O corpo dela na cestinha de vime. O corpo dela quando começa a se deitar de barriga para baixo. Sua barriguinha aparecendo entre a camisa e o calção de brim quando o Sueco chegava em casa do trabalho e ela se pendurava nele de cabeça para baixo. O corpo dela quando pulava do chão para os braços do pai. O entusiasmo do seu corpo quando voava para os braços dele, concedendo-lhe uma autorização paterna especial para tocá-la. A incontestável adoração por ele que existia naquele corpo que saltava, um corpo aparentemente já acabado, uma perfeita criação em miniatura, com todo o encanto da miniatura. Um corpo que ela parecia ter vestido bem depressa, logo depois de ser passado a ferro — sem nenhuma dobra, em parte alguma. A liberdade ingênua com que ela expõe seu corpo. A ternura que isso evoca. Os pés descalços acolchoados como as patinhas de um animal. Novos e sem uso, seus pés imaculados. Os dedos dos pés que agarravam com força. As pernas esguias. Pernas

utilitárias. Firmes. A parte mais musculosa de Merry. A calcinha com cor de sorvete. Na grande linha divisória, sua bundinha de bebê, o desafio à gravidade que ela trazia atrás do corpo, com ar de dificilmente pertencer à Merry pequenina, sem ainda pertencer tampouco à Merry desenvolvida do futuro. Não era gorda. Sem um grama a mais em parte alguma. A fenda, como se uma sovela a tivesse torneado — aquela dobra lindamente biselada que mais tarde irá desabrochar, evoluindo, no decurso de um ciclo de tempo, até se tornar uma vagina de mulher, dobrada como um origami. O implausível umbigo. O torso geométrico. A precisão anatômica das costelas. A maleabilidade da sua espinha. As saliências dos ossos nas costas, como as teclas de um pequeno xilofone. A letargia encantadora dos seios invisíveis antes de começarem a crescer. Todo o turbulento desejo de se transformar, felizmente, felizmente em letargia. No entanto, de algum modo, no pescoço já existe a mulher que está por vir, ali naquele bloco sólido de carne ornado com penugem. O rosto. Isso era a glória. O rosto que ela não levará consigo e que é, no entanto, a impressão digital do futuro. O marcador que vai desaparecer e, contudo, persistir ali cinqüenta anos depois. Como é que tão pouco da história de Merry pode ser revelado pelo rosto infantil do Sueco? Sua juventude é tudo o que ele consegue enxergar. Tão nova no ciclo. Sem nada ainda completamente definido, o tempo se mostra tão poderosamente presente no rosto dela. O crânio é macio. O arroubo do nariz ainda não estruturado já é o nariz inteiro. A cor dos olhos dela. A brancura muito, muito branca. O azul límpido. Olhos desanuviados. É *toda* desanuviada, mas os olhos em especial, janelas, janelas lavadas ainda sem nenhuma revelação do que está por dentro. A história em sua fronte de embrião. Os damascos secos que são suas orelhas. Deliciosas. Quando a gente começa a comê-las, não consegue mais parar. As orelhinhas sempre mais velhas do que ela é. As orelhas que nunca tiveram apenas quatro anos de idade e no entanto não haviam de fato se alterado desde quando Merry tinha catorze meses de idade. A finura sobrenatural dos cabelos. A *saúde* deles. Mais avermelhados, mais semelhantes aos cabelos da mãe do que aos do Sueco, ainda com um jeito de fogo, na época. O cheiro do dia inteiro nos cabelos dela. A descontração, o relaxamento, a espontaneidade daquele corpo nos braços dele. O relaxamento de um felino junto ao pai todo-poderoso, o gigante confortador. É assim, é verdade — no relaxamento do corpo dela nos braços do Sueco, Merry atiça um instinto de segurança tão abundante que deve andar próximo daquilo que Dawn diz que sentia quando estava

amamentando. O que ele sente quando sua filha deixa o solo para pular em seus braços é o caráter absoluto da intimidade que existe entre eles. E embutido nisso sempre se encontra a noção de que não está indo longe demais, de que não pode ir, de que se trata de uma liberdade enorme e um enorme prazer, o equivalente ao vínculo da amamentação entre Dawn e Merry. É verdade. É inegável. Ele se sentia maravilhoso naquilo, e Merry também. Tão maravilhoso. Como foi que tudo isso aconteceu com essa criança maravilhosa? Ela gaguejava. E daí? O que isso tinha de mais? Como foi que tudo isso aconteceu com essa criança perfeitamente normal? A menos que isso seja o tipo de coisa que acontece *de fato* com crianças maravilhosas e perfeitamente normais. Os malucos não fazem coisas assim — as crianças normais fazem. A gente a protege, protege-a com toda a força — e ela é improtegível. Se a gente não a protege, é insuportável; se a gente a protege *de verdade*, é insuportável. Tudo é insuportável. O horror da sua terrível autonomia. O pior do mundo arrebatou sua filha. Se ao menos esse corpo esplendidamente cinzelado nunca tivesse nascido.

O Sueco telefona para o irmão. É o irmão errado quando se trata de procurar consolo, mas o que ele pode fazer? Quando se trata de consolo, é sempre o irmão errado, o pai errado, a mãe errada, a esposa errada, razão pela qual a gente deve sempre se contentar em consolar a si mesmo, ser forte e sair pela vida afora consolando os outros. Mas o Sueco precisa de algum alívio para esse estupro, precisa que o estupro seja retirado do seu coração, onde ele o apunhala até a morte, *o Sueco não consegue agüentar isso*, e assim telefona para o único irmão que tem. Se tivesse outro irmão, ligaria para ele. Mas, em matéria de irmão, ele só tem Jerry, e Jerry só tem a ele. Em matéria de filha, o Sueco só tem Merry. Em matéria de pai, ela só tem o Sueco. Não há por onde fugir. Nada mais pode ser feito para modificar a verdade.

Passam das cinco horas da tarde de uma sexta-feira. Jerry está no trabalho avaliando o quadro pós-operatório dos seus pacientes. Mas pode conversar, diz ele. Os pacientes podem esperar.

— O que foi? O que há de errado com você?

Basta ouvir a voz de Jerry, a impaciência que vibra ali, a seca arrogância que há nessa voz, para o Sueco refletir: ele não serve para me ajudar.

— Eu a encontrei. Acabo de falar com Merry. Encontrei Merry em Newark. Ela está aqui. Em um quarto. Eu a vi. O que essa menina passou, o jeito que ela está, o lugar onde mora... você nem pode imaginar. Não dá

para você sequer começar a imaginar.

Ele vai em frente e repete a história de Merry, sem se deixar abater, tentando reproduzir o que ela lhe disse sobre os lugares onde esteve, como viveu e o que havia ocorrido com ela, tentando incutir tudo isso na própria mente, na mente do Sueco, tentando encontrar na própria mente um espaço para tudo isso, quando ele não conseguia sequer encontrar espaço suficiente para aquele quarto minúsculo onde Merry morava. Por muito pouco ele não chora quando conta ao irmão que ela foi estuprada duas vezes.

— Já terminou? — Jerry pergunta.

— O quê?

— Se você já terminou, se é só isso, me diga o que você vai fazer, agora. O que vai fazer, Seymour?

— Não sei o que há para se fazer. Ela fez aquilo. Explodiu o mercadinho Hamlin's. Matou Conlon. — O Sueco não conseguiu contar ao irmão a respeito do Oregon e das outras três vítimas. — Ela fez tudo sozinha.

— Ora, claro que fez. Puxa vida. E quem você imaginava que tivesse feito? Onde ela está agora? Nesse tal quarto?

— É. Um lugar horrível.

— Então volte para lá e pegue ela.

— Não posso. Ela não vai deixar. Ela quer que eu a deixe viver sozinha.

— *Foda-se* o que ela quer. Volte para a porra do seu carro, vá até lá e arraste ela pelos cabelos para fora da porra daquele quarto. Dê um sedativo a ela. Amarre. Faça qualquer coisa mas traga sua filha. Escute aqui. Você está paralisado. Não sou eu que acha que manter a família unida é a coisa mais importante na existência humana... você é que é assim. Volte para o seu carro, vá até lá e pegue a sua filha!

— Não vai dar certo. Não posso arrastá-la. Há mais coisas envolvidas nisso do que você compreende. Quando a gente chega ao ponto de obrigar alguém, à força, a voltar para casa... depois, o que vai acontecer? A gente faz um grande espalhafato e tudo mais, está certo, mas e depois? É complicado, complicado demais. Não vai dar certo desse jeito.

— É *exatamente* desse jeito que dá certo.

— Ela matou outras três pessoas. Ela matou quatro pessoas.

— *Fodam-se* as quatro pessoas. O que é que há com você, afinal? Está cedendo às vontades dela assim como cedeu às vontades do seu pai, assim como cedeu às vontades de tudo na sua vida.

— Ela foi estuprada. Ela está louca, ficou louca. Basta olhar para ela para a gente logo perceber. Foi estuprada *duas vezes*.

— E o que você pensou que ia acontecer? Parece surpreso. Claro que foi estuprada. Ou você tira a bunda dessa cadeira e faz alguma coisa agora mesmo ou ela vai acabar sendo estuprada pela terceira vez. Você a ama ou não?

— Como pode me perguntar uma coisa dessas?

— Você me obriga a fazer isso.

— Por favor, agora não, não me faça em pedaços, não me sabote. Eu amo minha filha. Nunca amei tanto alguma coisa neste mundo.

— Como uma coisa.

— O quê? O que quer dizer?

— Como uma coisa... Você amou sua filha como se fosse a porra de uma coisa. Do mesmo jeito que ama sua mulher. Ah, se um dia você conseguisse ter consciência do motivo pelo qual você faz o que faz. Quer saber por quê? Tem alguma idéia? É porque você tem medo de criar uma cena desagradável! Tem medo de deixar a fera sair da jaula!

— Do que é que você está falando? Que fera? Que fera?

Não, ele não estava esperando o consolo perfeito, mas esse ataque — por que Jerry está desferindo o seu ataque sem ao menos o pretexto de oferecer um consolo? Por que, quando o Sueco acabou justamente de explicar ao irmão como tudo terminou de uma forma milhares e milhares de vezes pior do que o pior que ele havia esperado?

— O que é você, afinal? Será que sabe? Fica o tempo todo tentando suavizar tudo. Fica o tempo todo tentando ser moderado. O que você faz é nunca dizer a verdade, se acha que isso vai magoar os sentimentos de alguém. O que você faz é sempre transigir. Sempre se mostrar complacente. O que você faz é tentar sempre descobrir o lado bom das coisas. É o cara que tem bons modos. O garoto que nunca quebra os regulamentos. Tudo o que a sociedade determina, você faz. Decoro. Decoro é a *cara* em que a gente cospe. Bem, sua filha cospe no decoro por você, não é? Quatro pessoas, hem? Que tremenda crítica ela fez do decoro.

Se desligar o telefone, o Sueco vai ficar sozinho naquele corredor, atrás do homem que está esperando a vez atrás do homem que está deitado na escada estraçalhando Merry embaixo dele, vai ficar vendo tudo o que não deseja ver, sabendo de tudo o que não consegue suportar saber. Não pode ficar ali imaginando o resto daquela história. Se desligar o telefone, nunca

vai saber o que Jerry tem a dizer depois de dizer todas essas coisas que ele, por alguma razão, quer dizer a respeito da fera. Que fera é essa? Todas as suas relações com as pessoas são assim — não é um ataque contra mim, é o Jerry. Ninguém consegue controlá-lo. Ele nasceu desse jeito. Eu já sabia disso antes de telefonar para ele. Eu soube disso a minha vida inteira. Não vivemos do mesmo modo. Um irmão que não é um irmão. Pânico. Entrei em pânico. Isto é o pânico. Telefonei para a pior pessoa que existe para se telefonar. Esse é um cara que empunha uma faca para ganhar a vida. Cura o que aflige as pessoas com uma faca na mão. Corta fora o que está apodrecendo, com uma faca. Estou encurralado, estou lidando com uma coisa que ninguém consegue manobrar, e para ele isso é um assunto corriqueiro — ele vem para cima de mim com sua faca na mão.

— Não sou um renegado — retruca o Sueco. — Não sou um renegado. Você é que é.

— Não, você não é um renegado. Você é o cara que faz tudo direitinho.

— Não estou entendendo sua conversa. Você fala isso como se fosse um insulto. — Irritado, ele diz: — Que diabo há de errado em fazer as coisas direito?

— Nada. Nada. A não ser que é justamente isso que a sua filha vem dinamitando a vida inteira. Você não se revela para as pessoas, Seymour. Você se mantém em segredo. Ninguém sabe o que você é. Sem dúvida, você nunca deixou sua filha saber quem você é. É isso que ela anda dinamitando, essa fachada. Todas as suas *normas* de merda. Dê uma boa olhada no que ela fez com as suas *normas*.

— Não sei o que você quer de mim. Você sempre foi inteligente demais para mim. Essa é a sua resposta? É isso?

— Você é o campeão. Sempre faz o movimento correto. É amado por todo o mundo. Casa com a Miss New Jersey, ora, pe-lo amor de Deus. Isso dá o que pensar. Por que se casou com ela? Pela aparência. Por que você faz tudo isso? Pela aparência!

— Eu amava Dawn! Amava tanto que fui contra a vontade do meu próprio pai!

Jerry dá uma risada.

— É nisso que acredita? Você acha mesmo que fez frente a ele? Você se casou com ela porque não conseguia se libertar disso. Papai deu o maior esporro nela no escritório dele e você ficou ali, bem quietinho, vendo tudo, e não deu um pio. E então, não é verdade?

— Minha filha está lá naquele quarto, Jerry. O que tudo isso tem a ver com o assunto?

Mas Jerry não o escuta. Só escuta a si mesmo. Por que justamente esse momento virou a ocasião suprema para Jerry dizer a verdade ao irmão? Por que alguém, no meio do nosso pior sofrimento, resolve que chegou a hora de despejar, disfarçado na forma de uma análise da personalidade, todo o desprezo que vem acumulando em relação à gente ao longo de todos esses anos? O que, em nosso sofrimento, torna a superioridade dos outros tão ofensiva, tão vasta, o que torna a sua expressão tão deleitável para eles? Por que Jerry escolheu esse momento para desfechar o protesto por ter vivido na minha sombra? Se Jerry tinha de me dizer tudo isso, por que não me disse quando eu estava por cima, numa boa? Por que ele acredita que ainda esteja na minha sombra? O maior cirurgião cardíaco de Miami! O salvador das vítimas do coração, o grande doutor Levov!

— O papai? O sacana deixou o barco correr de propósito, você não sabia disso, não? Se o papai lhe tivesse dito: "Olhe aqui, você nunca terá minha aprovação para casar com ela, nunca, não quero saber de netos que são metade isso, metade aquilo", aí então realmente você teria de fazer uma escolha. Mas você *nunca* precisou fazer uma escolha. *Nunca*. Porque ele deixou o barco correr. Com você, ele sempre ia deixando o barco correr. E é por isso que, até hoje, ninguém sabe quem você é. Você está incógnito, essa é a verdade, Seymour, *incógnito*. Foi por isso que sua própria filha resolveu mandar você pelos ares. Você nunca é franco a respeito de coisa nenhuma e ela odiava você por isso. Você mantém a si mesmo em segredo. Você *nunca* faz uma escolha de verdade.

— Por que estamos aqui conversando essas coisas? O que você quer que eu escolha? Do que você está falando?

— Você acha que sabe o que é um homem? Você não tem a *menor* idéia do que seja um homem. Você acha que sabe o que é uma filha? Você não tem a *menor* idéia do que seja uma filha. Você acha que sabe o que é este país? Você não tem a *menor* idéia do que seja este país. Você tem uma imagem falsa de *tudo*. Tudo o que você sabe é o que é a porra de uma luva. Este país é *aterrador*. Claro que ela foi estuprada. Com que tipo de gente você acha que ela andou por aí? Claro que na rua ela ia acabar mesmo sendo estuprada. Isso não é Old Rimrock, meu velho... ela está solta na estrada, meu velho, nos EUA. Ela sai por este mundo afora, este mundo pirado, com tudo o que anda acontecendo na rua, e o que é que você

espera que aconteça? Uma menina de Old Rimrock, New Jersey, *é claro* que ela não sabe como se comportar neste mundo, *é claro* que a merda vai bater no ventilador. O que é que ela pode saber? É que nem uma criança selvagem que caiu de repente no meio do mundo. Nunca fica satisfeita, quer sempre mais e mais, ela *ainda* está pintando o sete. Um quarto alugado perto da rodovia McCarter. E por que não? Quem não faria a mesma coisa? Você quis preparar sua filha para a vida ordenhando as vaquinhas? Para que tipo de vida? Forjada, totalmente artificial, de ponta a ponta. Esses *postulados* com que você vive. Você ainda vive no velho mundo de sonhos do seu pai, Seymour, ainda está lá com Lou Levov no paraíso das luvas. Um lar tiranizado pelas luvas, massacrado pelas luvas, a única coisa que importa na vida, luvas de senhoras! Será que ele ainda conta a célebre história daquela mulher que vende luvas lavando as mãos na pia entre uma cor e outra? Ah, onde, meu Deus, ah, onde é que foi parar essa América fora de moda, essa América decorosa em que uma senhora possuía vinte e cinco pares de luvas? Sua filha explodiu e mandou suas normas para os quintos dos infernos, Seymour, e você ainda pensa que sabe o que é a vida!

A vida é apenas o breve período de tempo no qual estamos vivos. Meredith Levov, 1964.

— Você queria a Miss América? Bem, você a conseguiu, e da forma mais chocante: ela é sua filha! Você queria ser um ídolo do esporte americano, um autêntico fuzileiro naval americano, um autêntico americano bem-sucedido com uma deslumbrante gatinha gói nos braços? Você almejava pertencer, como todo o mundo, aos Estados Unidos da América? Bem, agora você conseguiu, garotão, graças à sua filha. A realidade desta terra está agora nua e crua bem diante da sua fuça. Com a ajuda da sua filha, você se afundou na merda o máximo que um homem é capaz, a verdadeira merda maluca americana. A loucura assassina americana! A América homicida! Aqui, ó, Seymour, aqui, ó, que você amava essa filha — vociferou Jerry no telefone, e para o inferno com os pacientes convalescentes à espera do doutor Levov no corredor, para que ele verifique suas novas válvulas e suas novas artérias, os pacientes que diriam a ele como estão gratos pelo novo prazo de vida que receberam, Jerry berra à vontade, berra o que bem entende, se é berrar o que ele quer fazer, ele berra para valer, e para o inferno com as regras do hospital. Ele é um dos cirurgiões que berra: se você discorda de Jerry, ele berra com você, se você o contraria, ele berra

com você, se você simplesmente fica ali parado sem fazer nada, ele berra com você. Ele não faz o que os hospitais lhe dizem para fazer, nem o que os pais esperam que ele faça, nem o que as esposas querem que ele faça, Jerry faz o que *ele* quer, faz o que lhe agrada, diz às pessoas exatamente quem e o que ele é, todos os minutos do dia, de modo que *nada* a respeito dele é segredo, nem suas opiniões, suas frustrações, seus impulsos, suas ansiedades, nem o seu ódio. Na esfera da vontade, ele é inequívoco, intransigente; ele é o rei. Não perde tempo se arrependendo do que fez ou deixou de fazer, nem se justificando perante os outros por se mostrar às vezes muito desagradável. A mensagem é simples: me aceite do jeito que sou — não tem escolha. Jerry não suporta engolir sapos. Solta os cachorros, e que se dane todo o mundo.

E esses dois são irmãos, filhos dos mesmos pais: um, em que a agressão foi extirpada; outro, em que a agressão foi procriada.

— Se você fosse mesmo um pai que amasse sua filha — esbraveja Jerry para o Sueco —, nunca a deixaria ficar nesse tal quarto! Nunca a deixaria sumir da sua vista!

O Sueco estava chorando na sua escrivaninha. É como se Jerry tivesse esperado a vida inteira por esse telefonema. O fato de alguma coisa estar grotescamente destrambelhada deixou Jerry furioso com o irmão mais velho, e agora já não há mais nada que ele não fale. A vida inteira, reflete o Sueco, esperando para me massacrar com essas coisas terríveis. As pessoas são infalíveis: sempre pegam aquilo que a gente quer e nunca mais entregam para a gente.

— Eu não *queria* deixar Merry lá — responde o Sueco. — Você não entende. Não quer entender. Não foi por isso que a deixei lá. Tive vontade de *morrer* quando deixei Merry lá! Você não me entende, não consegue entender. Por que diz que eu não a amo? Isso é terrível. Horrível. — De repente, ele vê o seu vômito no rosto da filha e grita no telefone: — Tudo é horrível!

— *Agora* sim você está pegando o espírito da coisa. É isso aí! Meu irmão está começando a formar um ponto de vista. Um ponto de vista próprio, em vez do ponto de vista dos outros. Está seguindo alguma outra coisa que não a linha do partido. Muito bom. Agora sim estamos chegando a algum lugar. O pensamento está ficando um pouco inquieto. Tudo é horrível. E aí, então, o que é que você vai fazer? Nada. Olhe, quer que eu vá até lá e pegue ela para você? Quer que eu faça isso? Sim ou não?

— Não.

— Então por que telefonou para mim?

— Não sei. Para você me ajudar.

— Ninguém pode ajudar você.

— Você é um sujeito muito duro. É muito duro comigo.

— Pois é, não saio por aí mostrando para todo o mundo como estou ótimo. Nunca faço isso. Pergunte só ao seu pai. É você que sai por aí mostrando para todo o mundo como está ótimo. E olhe só aonde isso levou você. Recusar-se a ofender os outros. Culpar a si mesmo. Respeito tolerante pela posição de todos. Claro, é "liberal", eu sei, um pai liberal. Mas o que é que isso quer dizer? O que está no *centro* disso? Manter sempre as coisas todas unidas. E olhe só aonde essa porra levou você!

— Eu não fiz a Guerra do Vietnã. Não fiz a guerra da televisão. Não fiz do Lyndon Johnson Lyndon Johnson. Você está esquecendo onde tudo isso começou. Por que ela explodiu a bomba. A porra daquela *guerra*.

— Não, você não fez a guerra. Você fez a pirralha mais furiosa da América. Desde quando era pequena, cada palavra que ela *dizia* era uma bomba.

— Dei a ela tudo o que pude, tudo, tudo, eu dei tudo. Juro a você que dei tudo. — E agora ele está chorando desenfreadamente, não existe mais fronteira entre ele e o seu choro, e essa é uma experiência nova e surpreendente, ele está chorando como se chorar desse jeito fosse a sua ambição mais profundamente acalentada, e agora havia alcançado o seu objetivo, agora que lembra tudo o que deu e tudo o que ela tomou, todo o espontâneo movimento de dar e tomar que preencheu suas vidas e que, um dia, de forma inexplicável (a despeito de tudo o que Jerry possa dizer, a despeito de toda a culpa que agora ele tem o prazer de atirar para cima do Sueco), de forma totalmente inexplicável, tornou-se repugnante para Merry.

— Você fala da situação que estou tendo de enfrentar como se fosse uma coisa com que *qualquer* um pudesse perfeitamente lidar. Mas *ninguém* consegue lidar com uma coisa dessas. Ninguém! Ninguém tem as armas para enfrentar isso. Você acha que sou inepto? Acha que sou incompetente? Se sou incompetente, onde é que você vai arranjar pessoas que *sejam* competentes... Se sou... você entende o que estou dizendo? O que acham que eu sou, afinal? Se eu sou incompetente, o que é que as outras pessoas são?

— Ah, eu entendo você, sim.

Chorar sem se conter sempre foi, para o Sueco, tão difícil quanto perder o equilíbrio quando caminhava, ou exercer deliberadamente uma influência ruim sobre outra pessoa; chorar sem se conter era algo que ele às vezes quase invejava nas outras pessoas. Mas quaisquer que fossem os vestígios ou fragmentos da grande barreira viril contra o choro que porventura tivessem restado em pé, a resposta do irmão à sua dor tratou de demolir todos eles.

— Se o que você está me dizendo é que o que eu fui... — hesita o Sueco — não foi, não foi o bastante, então nesse caso... quero lhe dizer... quero dizer para *você* que o que qualquer pessoa é *não é o bastante*.

— Você entendeu! Exatamente! Nós *não* somos o bastante! *Nenhum de nós* é o bastante! Inclusive até o tal homem que faz tudo direito. Fazer as coisas direito — diz Jerry com nojo —, andar por esse mundo afora fazendo as coisas direito. Escute aqui, você vai romper com as aparências e impor sua vontade contra a de sua filha, ou não vai? Lá no *campo* de futebol americano você fazia isso. Era assim que você marcava seus pontos, lembra? Você impunha sua vontade contra a vontade dos outros e *marcava seus pontos*. Finja que é uma partida, se isso ajudar. Não ajuda muito. Para a típica atividade masculina, você estava lá a postos, o homem de ação, mas isso agora não é mais a típica atividade masculina. Tudo bem. Você não consegue ver a si mesmo fazendo isso. Só pode se ver jogando bola, fazendo luvas e casando com a Miss América. Só consegue se ver zanzando para lá e para cá com a Miss América, fazendo papel de bobo e de palhaço. Brincando de ser branco-protestante-anglo-saxão, uma irlandesazinha mixuruca saída do porto de Elizabeth e um rapaz judeu da escola secundária de Weequahic. As vacas. A sociedade vaca. A velha América colonial. E você pensou que toda essa fachada ia sair de graça. Bondoso e inocente. *Mas isso tem um preço, Seymour*. Até *eu* teria jogado uma bomba. Até *eu* teria virado jainista e viria morar em Newark. Essa palhaçada de branco-protestante-anglo-saxão! Eu não sabia que você estava tão completamente embotado por dentro. Mas é assim que você está. Nosso velho pai amarrou você muito bem amarrado nas suas fraldas, não foi? O que é que você quer, Seymour? Quer pular do barco? Isso também é bom. Qualquer um teria pulado do barco há muito tempo. Pois vá em frente, mande tudo para o inferno. Admita que a sua filha despreza a sua vida, e pule fora. Admita que existe uma coisa muito pessoal em você que ela detesta e mande todo o mundo tomar banho e nunca mais vá ver aquela

piranha outra vez. Admita que ela é um monstro, Seymour. Mesmo os monstros têm de sair de algum lugar, mesmo os monstros precisam ter pais. Mas os pais não precisam de monstros. Pule fora! Mas se você *não* vai pular fora, se é por isso que está ligando, então, pelo amor de Deus, vá lá e pegue a sua filha. *Eu* vou lá e pego ela. Que tal? Última chance. Última oferta. Se você quiser que eu vá, ponho todo o mundo para fora do consultório agora mesmo, entro em um avião e vou direto para aí. E então vou até lá e, garanto a você, tiro essa menina da rodovia McCarter, essa merdinha, a porra dessa merdinha egoísta, fazendo essas sacanagens com você! Comigo ela não vai fazer essas palhaçadas, não, pode ter certeza. Quer que eu faça isso, ou não quer?

— Não quero, não. — As coisas que o Jerry pensa que sabe e não sabe. A sua noção de que as coisas estão ligadas umas às outras. Mas não existe ligação *nenhuma*. Como vivíamos e o que ela fez? Onde ela foi criada e o que ela fez? São coisas tão desvinculadas quanto tudo o mais neste mundo, tudo faz parte da mesma barafunda! É *ele* que não entende nada. Jerry grita e não diz nada. Pensa que pode escapar da confusão com discursos bombásticos, berrando, mas tudo o que ele esbraveja está errado. Nada disso é verdade. Causas, respostas claras, qualquer um que estiver à mão para levar a culpa. Razões. Mas não existem razões. Ela é obrigada a ser quem é. Todos nós somos. As razões estão nos livros. O modo como vivemos em família poderia, de alguma maneira, redundar nesse horror bizarro? De jeito nenhum. Não foi isso. Jerry tenta racionalizar a coisa mas não dá. Tudo isso é algo diferente, algo sobre o qual ele não sabe absolutamente nada. Ninguém sabe. Não é racional. É o caos. É o caos do início ao fim. — Não quero isso — diz o Sueco ao irmão. — Não posso fazer isso.

— Brutal demais para você. Neste mundo, brutal demais. A filha é uma assassina, mas isso é brutal demais. Um instrutor de educação física da fuzilaria naval, mas isso é brutal demais. Tudo bem, Grande Sueco, o gigante bondoso. Tenho uma sala de espera cheia de pacientes. Você que se vire.

III
PARAÍSO PERDIDO

7

Era o verão dos interrogatórios do caso Watergate. Os Levov ficavam quase todas as noites na varanda dos fundos assistindo à reprise da sessão diária no canal 13. Antes de o equipamento agrícola e o gado serem vendidos, era dali, no final das tardes quentes, que eles contemplavam o rebanho de Dawn pastando na encosta do morro. No alto, afastado da casa, havia um pasto de dezoito acres e, em certos anos, eles deixavam as vacas lá o verão inteiro e se esqueciam delas. Mas se elas estavam apenas fora de vista, nas imediações da casa, e Merry, de pijama, queria olhar para as vacas antes de ir para a cama, Dawn ia lá fora e chamava "vem cá, mimosa, vem cá, mimosa", o tipo de coisa que as pessoas dizem para chamar as vacas há milhares de anos, e elas mugiam em resposta, vinham do morro e do pântano, vinham de onde quer que estivessem, mugindo suas respostas enquanto seguiam vagarosamente na direção da voz de Dawn.

— Não são uma beleza, as nossas meninas? — perguntava Dawn à filha e, no dia seguinte, Merry e Dawn estariam ao ar livre ao nascer do sol reunindo as vacas de novo e o Sueco ouviria a voz de Dawn dizer: — Tudo bem, vamos atravessar a estrada — e Merry abriria o portão, e apenas com um cajado e o cão Apu, o pastor australiano, a mãe e a pequenina filha poriam em movimento doze ou quinze animais, cada um pesando cerca de novecentos quilos. Merry, Apu e Dawn, às vezes o veterinário e um rapaz, que morava mais adiante na estrada, para ajudar com a cerca e o feno, quando era preciso um trabalho extra. *Levei Merry para me ajudar com o feno. Se tem um animal desgarrado, Merry vai buscá-lo. É só Seymour entrar e aquelas duas vacas logo ficam aborrecidas, batem com as patas no capim, balançam a cabeça para ele — mas quando Merry entra, aí, bem, os animais a conhecem, logo dizem para ela o que desejam. As vacas a conhecem e sabem exatamente o que Merry vai fazer com elas.*

Como é que agora ela podia lhe dizer: "Não quero falar sobre a minha mãe"? Meu Deus do céu, o que foi que a mãe dela fez? Que crime essa mulher cometeu? O crime de ser a meiga dona daquelas vacas complacentes?

No decorrer dessa última semana, enquanto os pais do Sueco estiveram

com eles, vindos da Flórida para sua visita anual de verão, Dawn nem sequer se preocupou em manter os dois entretidos. Sempre que voltava do local onde estava sendo construída a nova casa ou voltava do escritório do arquiteto, eles estavam sentados diante da televisão, enquanto o sogro desempenhava o papel de consultor assistente do comitê de investigação de Watergate. O sogro e a sogra de Dawn assistiam às sessões o dia inteiro e depois viam tudo de novo, à noite. No tempo que tivesse livre durante o dia, o pai do Sueco redigia cartas dirigidas aos membros do comitê, as quais ele lia para todos na hora do jantar. "Prezado senador Weicker, o senhor ficou surpreso com o que estava acontecendo na Casa Branca do Trambiqueiro Trapalhão? Não seja bobo. Harry Truman já tinha percebido com quem estava lidando quando, em 1948, chamou-o de Trambiqueiro Trapalhão." "Prezado senador Gurney, Nixon é igual a uma pessoa contaminada pelo tifo. Envenena tudo em que toca, inclusive o senhor." "Prezado senador Baker, o senhor quer saber POR QUÊ? Porque eles não passam de um bando de criminosos, aí está PORQUÊ!" "Prezado senhor Dash", escreveu ele para o consultor do comitê em Nova York, "aplaudo o senhor. Deus o abençoe. O senhor me deixa orgulhoso de ser americano e judeu."

Seu maior desprezo, ele o reservava para uma figura relativamente insignificante, um advogado chamado Kalmbach que havia dado um jeito de injetar grandes contribuições ilegais na operação Watergate e cuja desonra jamais seria profunda o bastante para contentar o velho. "Prezado senhor Kalmbach, se o senhor era judeu e fez o que fez, todo o mundo vai sair por aí dizendo: Olha só esses judeus, fazem qualquer coisa para ganhar dinheiro. Mas quem é que faz qualquer coisa para ganhar dinheiro, meu prezado senhor Country Club? Quem é o ladrão e o vigarista? Quem é o americano e quem é o gângster? Essa sua fala mansa nunca me enganou, senhor Country Club Kalmbach. O seu golfe nunca me enganou. Suas boas maneiras nunca me enganaram. Suas mãos limpas, eu sempre soube que estavam sujas. E agora o mundo inteiro sabe disso. O senhor devia ter vergonha."

— Vocês acham que vou receber alguma resposta do filho da mãe? Eu devia publicar isso em um livro. Ainda vou achar alguém para imprimir essas cartas e distribuir de graça para que as pessoas saibam o que um americano comum sente quando esses filhos da mãe... olhem, olhem só esse daí, *olhem* para ele. — Erlichman, o ex-chefe do Estado-Maior de

Nixon, havia aparecido na tela.

— Ele me dá náusea — disse a mãe do Sueco. — Ele e essa tal de Tricia.

— Por favor, ela não tem importância nenhuma — retrucou o marido. — Este é um verdadeiro fascista... todos eles, Von Erlichman, Von Haldeman, Von Kalmbach...

— De todo jeito, ela me dá náusea — insistiu sua esposa. — Dá até a impressão de que é uma princesa, do jeito que eles ficando rodando em volta dela.

— Esses pretensos patriotas — disse Lou Levov a Dawn — iam tomar este país e transformá-lo em uma Alemanha nazista. Conhece o livro *Não pode acontecer aqui*? É um livro ótimo, esqueci o nome do autor, mas a idéia não podia ser mais atual. Essa gente nos levou à beira de uma coisa terrível. *Olhem* só para esse filho da mãe.

— Nem sei qual eu odeio mais — diz a esposa —, ele ou o outro.

— São todos a mesma coisa — replicou o velho —, são intercambiáveis, o bando todo.

O legado de Merry. Que o pai do Sueco poderia ter ficado igualmente enfurecido se ela estivesse ali, sentada com todos eles diante da tevê, isso o Sueco admitia, mas agora que sua filha se fora, quem melhor havia para odiar, devido ao que acontecera com ela, do que aqueles sacanas de Watergate?

Foi durante a Guerra do Vietnã que Lou Levov começou a enviar a Merry, pelo correio, cópias das cartas que ele mandava para o presidente Lyndon Johnson, cartas que ele escrevera mais para influenciar o comportamento de Merry do que o do presidente. Ao ver sua neta adolescente tão enfurecida com a guerra quanto ele era capaz de ficar quando as coisas começavam a andar errado demais na sua empresa, o velho ficou tão aflito que levava seu filho para o canto e lhe dizia:

— Por que ela se importa tanto? Onde é que arruma essas coisas para ler? Quem é que dá tudo isso a ela? Afinal, que diferença faz para ela? Será que ela é assim também na escola? Não pode fazer isso na escola, pode prejudicar sua carreira na escola. Pode prejudicar suas chances de entrar na faculdade. Em público, as pessoas não vão tolerar essas coisas, vão quebrar a cabeça dela, é só uma criança...

Para controlar, se conseguisse, não tanto as opiniões de Merry quanto a ferocidade com que ela espirrava perdigotos enquanto vociferava suas opiniões, o pai do Sueco, ostensivamente, aliava-se a ela enviando-lhe

artigos recortados dos jornais da Flórida e anotava nas margens os seus próprios slogans contra a guerra. Quando se achava de visita ao Sueco, Lou Levov lia em voz alta para a neta trechos do seu arquivo de cartas para Lyndon Johnson, que ele carregava pela casa embaixo do braço — em seu esforço de salvá-la de si mesma, grudado atrás da criança como se *ele* fosse a criança.

— Temos que cortar isso ainda em botão — confidenciou Lou Levov ao seu filho. — Esse negócio não vai acabar bem, de jeito nenhum.

— Bem — disse Lou Levov, depois de ler para Merry mais um apelo dirigido ao presidente, recordando que grande país eram os EUA, que grande presidente fora Franklin Delano Roosevelt, o quanto sua própria família devia a este país e que decepção pessoal era para ele e seus queridos familiares ver que os rapazes americanos iam para o outro lado do mundo a fim de combater na guerra dos outros, quando deviam estar em casa com seus entes queridos —, bem, o que você pensa do seu avô?

— J-j-j-j-johnson é um criminoso de guerra — respondeu Merry. — Ele não vai p-p-p-p-parar a guerra, vovô, só porque o senhor mandou.

— Ele é também um homem tentando fazer o seu trabalho, você sabe como é.

— É um cão imperialista.

— Bem, essa é uma opinião.

— Não existe d-d-d-d-diferença entre ele e Hitler.

— Você está exagerando, meu anjo. Não digo que Johnson não fez uma sujeira com a gente. Mas você está esquecendo o que Hitler fez com os judeus, Merry querida. Você ainda não havia nascido, por isso não lembra.

— Ele não fez nada que Johnson não esteja fazendo com os vietnamitas.

— Os vietnamitas não estão sendo colocados em campos de concentração.

— O Vietnã é um *g-g-g-grande* campo de concentração! Os "rapazes americanos" não são a questão. É como dizer: "Tirem as tropas de assalto de Auschwitz na época do Na-na-na-na-natal".

— Mas eu *tenho* de ser político com o sujeito, meu anjo. Não posso escrever para o cara, dizer que ele é um assassino e esperar que ele me dê ouvidos. Certo, Seymour?

— Não acho que isso fosse funcionar — disse o Sueco.

— Merry, todos nós sentimos o mesmo que você — disse o seu avô. — Compreende isso? Acredite, sei muito bem o que é ler o jornal e sentir que a

gente está enlouquecendo. O padre Coughlin, o grande sacana. O herói Charles Lindbergh, pró-nazista, pró-Hitler, e considerado um herói nacional neste país. O senhor Gerald L. K. Smith. O grande senador Bilbo. Claro que temos gente canalha neste país, gente nativa, uma porção deles. Ninguém está negando isso. O senhor Rankin. O senhor Dies. O senhor Dies e o seu comitê. O senhor J. Parnell Thomas de New Jersey. Fascistas, isolacionistas, fanáticos, ignorantes, lá mesmo no Congresso americano, crápulas feito J. Parnell Thomas, crápulas que acabaram na cadeia e tinham seus salários pagos pelo contribuinte americano. Gente horrível. Da pior espécie. O senhor McCarran. O senhor Jenner. O senhor Mundt. Os Goebbels de Wisconsin, o nobre senhor McCarthy, que ele queime nas chamas do inferno. Seu companheiro inseparável, o senhor Cohn. Uma vergonha. Um *judeu* e uma vergonha! Sempre existiram filhos da mãe aqui, como em qualquer país do mundo, e eles foram eleitos para cargos públicos por todos esses gênios aí fora, que têm o direito de votar. E quanto aos jornais? Senhor Hearst. Senhor McCormick. Senhor Weatbrook Pegler. Autênticos fascistas, cães reacionários. E eu tinha ódio da cara deles. Pergunte ao seu pai. Não tinha ódio, Seymour, eu não tinha ódio deles?

— Tinha sim.

— Meu anjo, vivemos em uma democracia. Graças a Deus. Você não precisa ficar com raiva da sua família. Pode escrever cartas. Pode votar. Pode subir em um caixote de sabão e fazer um discurso. Puxa vida, você pode fazer o que o seu pai fez... pode entrar na fuzilaria naval.

— Ah, vovô... os fuzileiros navais são o *prob-prob-prob...*

— Então que se dane, Merry, entre para o *outro* lado — disse ele, perdendo a cabeça por um momento. — Que tal isso? Você pode entrar para a fuzilaria *deles* se quiser. Já aconteceu antes. É verdade. Olhe para a história. Quando você for mais velha, vai poder lutar pelo outro exército, se for o que você deseja. Eu não recomendo. As pessoas não gostam disso e eu acho que você é inteligente o bastante para compreender por que elas não gostam. "Traidor" não é uma coisa bonita de se ser chamado. Mas já aconteceu. É uma opção. Veja o caso de Benedict Arnold. Veja só o caso dele. O sujeito fez isso. Foi para o outro lado, se me lembro bem. Saiu da escola e foi. E acho que eu tenho respeito por ele. Tem coragem. Arriscou a vida por aquilo em que acreditava. Mas calhou de ele estar enganado, Merry, no meu modo de ver. Ele foi lutar do outro lado na Guerra Revolucionária e, no que me diz respeito, o homem estava totalmente

enganado. Agora, você não está enganada. Você está *certa*. Esta família é cem por cento contra essa maldita confusão no Vietnã. Você não precisa se rebelar contra a sua família *porque sua família não está em discordância com você*. Você não é a única pessoa por aqui contra essa guerra. Nós somos contra. Bobby Kennedy é contra...

— *Agora* — disse Merry, com desprezo.

— Tudo bem, agora. Agora é melhor do que nada, não é? Seja realista, Merry... não há vantagem nenhuma em não ser realista. Bobby Kennedy é contra a guerra. O senador Eugene McCarthy é contra a guerra. O senador Javis é contra a guerra, e ele é do Partido Republicano. O senador Frank Church é contra a guerra. O senador Wayne Morse é contra a guerra. E como. Admiro esse homem. Escrevi para ele a fim de lhe dizer isso e recebi a cortesia de uma resposta assinada por ele. O senador Fulbright, é claro, é contra a guerra. Foi Fulbright, é sabido, quem propôs a resolução quanto ao golfo de Tonkin...

— F-f-f-f-ful...

— Ninguém está dizendo...

— Pai — disse o Sueco —, deixe Merry terminar.

— Ful-ful-fulbright é um racista.

— É? Do que você está falando? O senador William Ful-bright do Arkansas? Jogue fora esses seus jornaizinhos. Acho que é deles que você recebe essas informações erradas, minha amiga. — Merry caluniou um dos heróis de Lou Levov, o homem que fez frente a Joe McCarthy, e a fim de conter seu ímpeto de lhe dar uma tremenda lição sobre Fulbright, seu avô teve de recorrer a toda a sua força de vontade. — Mas agora deixe que *eu* termine o que estou dizendo. O que eu *estava* dizendo mesmo? Onde eu estava? Puxa, onde é que eu estava, Seymour?

— Seu argumento — disse o Sueco, agindo de maneira imparcial como se fosse o moderador para aqueles dois dínamos, um papel que ele preferia de bom grado ao de adversário de qualquer um dos dois — é de que tanto o senhor quanto Merry são contrários à guerra e querem que ela termine. Não existe motivo para vocês discutirem sobre esse assunto. Acho que é isso que o senhor estava dizendo. Merry acha que já não se trata mais de escrever cartas para o presidente. Ela acha que isso é fútil. O senhor acha que, fútil ou não, é algo que está dentro de seu alcance e por isso vai fazê-lo, pelo menos para deixar registrada a sua opinião.

— Exatamente! — gritou o velho. — Aqui, escute só o que vou dizer a

ele. “Sou democrata até morrer.” Merry, escute só: “Sou democrata até morrer...”.

Mas nada que ele dissesse ao presidente poderia pôr fim à guerra, e nada que ele dissesse a Merry poderia cortar a catástrofe ainda em botão. No entanto só ele na família vira a catástrofe que se aproximava.

— Vi a coisa chegando. Vi claro como o dia. Eu vi. Eu sabia. Eu pressentia. Lutei contra isso. Ela estava fora do meu controle. Alguma coisa estava errada. Dava para sentir o cheiro. Falei para você: “Algo tem de ser feito a respeito dessa menina. Algo está saindo dos eixos com essa criança”. E minhas palavras entravam por um ouvido e saíam pelo outro. Eu ouvia: “Pai, tenha calma”. Eu ouvia: “Pai, não exagere. Pai, é uma fase. Lou, deixe Merry sossegada, não discuta com ela”. Eu dizia: “Não, *não* vou deixá-la sossegada. Essa é minha neta. Me *recuso* a deixar minha neta sossegada. Me recuso a perder minha neta deixando ela sossegada. Alguma coisa *saiu dos trilhos* com essa menina”. E você olhava para mim como se eu fosse maluco. Vocês todos. Só que eu não estava maluco. Eu estava *certo*. Estava *absolutamente* certo!

Não havia recados para ele quando chegou em casa. Vinha rezando para que tivesse um recado de Mary Stoltz.

— Nada? — perguntou para Dawn, que estava na cozinha preparando uma salada de verduras que havia colhido na horta.

— Nadinha.

Ele serviu um drinque para si mesmo e para o pai, e levou os copos para a varanda dos fundos, onde a televisão ainda estava ligada.

— Vai preparar um bife, querido? — perguntou a mãe do Sueco.

— Bife, milho, salada e os grandes tomates recheados de Merry. — Ele queria dizer “os tomates de Dawn”, mas não se corrigiu depois que falou.

— Ninguém faz bife como você — disse a mãe, depois que o primeiro impacto das palavras do Sueco se desfizera.

— Obrigado, mamãe.

— Meu filho querido. Quem é que poderia desejar um filho melhor? — disse ela e, quando o Sueco a abraçou, as emoções de sua mãe vieram à tona pela primeira vez naquela semana. — Me desculpe. Estava lembrando os telefonemas.

— Eu compreendo — ele respondeu.

— Ela era uma menina. A gente chamava por ela, segurava Merry nos braços e ela dizia “Oi, vó! Adivinha só uma coisa”. “Não sei, meu anjo. O

que foi?" E aí ela me contava.

— Ora, vamos lá, mãe, a senhora foi extraordinária até agora. Pode continuar. Vamos. Não desanime.

— Eu estava olhando as fotos, quando ela era bebê...

— Não fique olhando essas fotos — disse o Sueco. — Tente não olhar para elas. A senhora pode fazer isso, mãe. É preciso.

— Ah, meu querido, você é tão corajoso, é tão encorajador, quando a gente vê você se sente tão revigorada. Adoro tanto você, meu filho.

— Está tudo bem, mãe. Também adoro a senhora. Mas não deve perder o controle diante de Dawn.

— Sim, sim, tudo o que você quiser.

— Esta é a minha menina.

O pai do Sueco, sem desviar os olhos do televisor — e após ter milagrosamente se contido por dez dias inteiros —, disse ao filho:

— Nenhuma notícia.

— Nenhuma notícia.

— Tudo bem — disse o pai, simulando fatalismo. — Tudo bem... Se é assim, é assim, e pronto. — E continuou a ver tevê.

— Você ainda acha que ela está no Canadá, Seymour? — perguntou sua mãe.

— Nunca achei que ela estivesse no Canadá.

— Mas é para lá que foram os rapazes...

— Olhe, por que não deixamos essa conversa para outra hora? Não há nada errado em fazer perguntas, mas Dawn vai ficar indo e vindo da cozinha para cá...

— Desculpe, tem razão — retrucou a mãe. — Mil desculpas.

— A situação não mudou nada, mãe. Tudo está exatamente na mesma.

— Seymour... — ela hesitou. — Querido, só uma pergunta. Se Merry por acaso aparecer agora, o que é que vai acontecer? Seu pai diz que...

— Por que você fica incomodando o Seymour com essa história? — exclamou o pai. — Ele já falou sobre Dawn. Aprenda a se controlar.

— *Eu*, me controlar?

— Mãe, a senhora precisa parar de pensar nessas coisas. Ela se foi. Talvez nunca mais queira ver a gente.

— *Por quê?* — o pai explodiu. — É claro que ela quer nos ver de novo. Nisso eu me recuso a acreditar!

— E agora, quem é que não está se controlando? — perguntou a mãe do

Sueco.

— Claro que ela quer nos ver outra vez. O problema é que *não pode*.

— Lou, meu querido — disse a mãe —, mesmo nas famílias comuns, existem filhos que crescem, vão embora e acabou.

— Mas não com *dezesseis anos*. Pelo amor de Deus, não nessas circunstâncias. Que história é essa de "famílias comuns"? *Nós* somos uma família comum. Essa é uma criança que precisa de ajuda. É uma criança que está em apuros e não somos uma família que dá as costas para uma criança em apuros!

— Ela está com vinte anos, pai. Vinte e um.

— Vinte e um — confirmou a mãe — no mês de janeiro passado.

— Bem, ela não é nenhuma criança — concluiu o Sueco. — Só estou dizendo que vocês não devem alimentar esperanças inúteis, nenhum dos dois.

— Bem, eu não faço mesmo isso — respondeu seu pai. — Não sou tão tolo assim. Garanto a você.

— Bem, assim é melhor. Tenho sérias dúvidas de que um dia voltemos a ver Merry.

A única coisa pior do que nunca mais ver Merry seria vê-la como o Sueco a deixara, no chão daquele quarto. No decorrer dos últimos dias, ele vinha conduzindo seus pais se não no rumo da completa resignação, ao menos no sentido da adaptação, de uma avaliação realista do futuro. Como o Sueco poderia agora contar para eles o que acontecera com Merry, onde encontrar as palavras para descrever a situação aos pais sem destruí-los? Eles não têm a mais vaga idéia do que veriam caso a encontrassem agora. Por que alguém no mundo deveria saber? Por que haveria de ser tão necessário que qualquer um dos dois saiba?

— Você tem alguma razão, meu filho, para dizer que nunca mais voltaremos a vê-la?

— Os cinco anos. O tempo que passou. Isso já é razão suficiente.

— Seymour, às vezes estou andando pela rua, estou atrás de alguém, uma moça vai andando na minha frente, e se ela é alta...

O Sueco segurou a mão da mãe.

— A senhora pensa que é Merry.

— Sim.

— Acontece com todos nós.

— Não consigo impedir.

— Eu compreendo.

— E toda vez que o telefone toca — disse ela.

— Eu sei.

— Já expliquei a ela — comenta o pai — que Merry não iria nos procurar pelo telefone.

— E por que não? — insiste sua esposa. — Por que ela não telefonaria para nós? É a coisa mais segura que ela poderia fazer, ligar para nós.

— Mãe, nenhuma dessas especulações faz sentido. Por que, esta noite, a gente não tenta reduzir tudo isso ao mínimo? Sei que vocês não podem evitar esses pensamentos. Não conseguem se libertar disso, nenhum de nós consegue. Mas precisam tentar. Vocês não podem fazer que uma coisa aconteça só porque pensam muito nela. Tentem se libertar disso um pouco.

— Tudo o que você quiser, meu querido — respondeu a mãe. — Sinto-me melhor agora, depois de falar a respeito. Não consigo segurar essas coisas dentro de mim o tempo todo.

— Eu sei. Mas não podemos ficar cochichando, com Dawn aqui por perto.

Nunca era difícil, como acontecia quando se tratava do seu pai irrequieto — que passava uma boa parte da vida num estado transitório entre a compaixão e a hostilidade, entre a compreensão e a cegueira, entre a intimidade bondosa e a irritação violenta —, saber como agir com a mãe. O Sueco jamais tivera medo de discutir com ela, nunca ficava desorientado, sem saber de que lado ela estava, e tampouco se preocupava em adivinhar por que motivo ela poderia se exasperar em seguida. Ao contrário do marido, ela não passava de uma grande fábrica de puro amor familiar. Tinha uma personalidade simples para a qual o bem-estar dos filhos era tudo. Ao falar com ela, o Sueco sentia, desde menino, como se entrasse direto em seu coração. Já com o pai, a cujo coração o Sueco tinha um acesso mais difícil, era preciso primeiramente entrar em choque com aquele crânio, o crânio de um sujeito brigão, abrir aquela cabeça da forma menos brutal possível, a fim de alcançar o que quer que estivesse lá dentro.

Era de espantar como ela se tornara uma mulher pequena. Mas o que não fora consumido pela osteoporose acabara, nos últimos cinco anos, destruído por Merry. Agora, a mãe vivaz da juventude do Sueco, a mãe que já bem adiantada na meia-idade ainda era cumprimentada pelo seu vigor juvenil, se tornara uma velha senhora, a coluna recurvada e torta, uma expressão magoada e perplexa incrustada nas rugas do rosto. Agora, em

ocasiões em que ela não se dava conta de que as pessoas a estavam olhando, as lágrimas inundavam seus olhos, olhos que portavam a expressão de estarem, simultaneamente, acostumados a viver com o sofrimento há muito tempo e admirados de terem vivido tantos anos com tanta dor. Porém todas as recordações de infância do Sueco (as quais, por mais difícil que fosse lhes dar fé, ele sabia que eram autênticas; até mesmo o inexoravelmente desiludido Jerry, se lhe perguntassem, teria corroborado essas lembranças) eram da sua mãe se alçando acima de todos eles, uma loura alta, saudável, de pele rosada, com um riso maravilhoso, que adorava ser a única mulher naquela casa masculina. Quando pequeno, o Sueco nem de longe achara estranho e admirável, como ocorria agora ao olhar para sua mãe, pensar que se pudesse reconhecer as pessoas tão facilmente pelo riso quanto pelo rosto. O riso dela, no tempo em que ainda encontrava alguma coisa de que rir, era leve e semelhante ao vôo de um pássaro, subindo, subindo e depois, de uma maneira deliciosa, se você fosse filho dela, subindo ainda mais, outra vez. O Sueco nem sequer precisava estar no mesmo quarto para saber onde a mãe se encontrava — ouvia o seu riso e poderia com exatidão espetar um alfinete no mapa da casa que, mais do que estar *no* seu cérebro, *era* o seu cérebro (o seu córtex cerebral se dividia não em lobos frontal, parietal, temporal e occipital, mas em térreo, primeiro andar e porão — a sala de estar, a sala de jantar, a cozinha etc.).

O que vinha angustiando a mãe do Sueco desde o dia em que ela chegara da Flórida na semana anterior era a carta que trazia em segredo na bolsa, uma carta que Lou Levov destinara à segunda esposa que Jerry deixara, a esposa da qual se havia separado pouco tempo antes. Sylvia Levov recebera do marido uma pilha de cartas para enviar, só que essa em especial ela simplesmente não fora capaz de pôr no correio. Em vez disso, ousou se afastar e abrir o envelope às escondidas, e agora ela trouxera o conteúdo para o norte, a fim de mostrá-lo a Seymour.

— Sabe o que aconteceria com Jerry se Susan recebesse essa carta? Pode imaginar a fúria de Jerry? Ele não é um garoto de cabeça fria. Nunca foi. Não é como você, meu querido, ele não é um diplomata. Mas o seu pai tem de meter o nariz em tudo, e para ele não interessam as conseqüências, o seu negócio é meter o nariz onde não é chamado. Para ele, era só mandar essa carta para Susan e deixar o Jerry louco de raiva, e aí o seu irmão ia armar um barulho dos diabos... um inferno que não ia acabar mais.

A carta, de duas páginas, começava assim: “Prezada Susie, o cheque

anexo é para você e ninguém mais precisa saber. É um dinheiro por fora. Guarde num lugar onde ninguém fique sabendo dele. Não vou contar nada e você também não vai contar nada. Quero que saiba que não me esqueci de você em meu testamento. Este dinheiro é seu para fazer o que bem entender. Em relação às crianças, tratarei delas em separado. Mas caso você resolva investir o dinheiro, *e espero vivamente que o faça*, minha sugestão são as ações de empresas exploradoras de ouro. O dólar não vai valer grande coisa. Eu mesmo acabei de aplicar dez mil dólares em três ações de exploradoras de ouro. Vou lhe dar os nomes. Benington Mines. Castorp Development. Schley-Waiggen Mineral Corp. Investimentos sólidos. Obtive os nomes no Boletim Barrington, que nunca me deu uma dica errada".

Grampeado na carta — grampeado para que, quando ela abrisse o envelope, o papel anexo não escorregasse para o lado e sumisse embaixo do sofá — havia um cheque em nome de Susan R. Levov, no valor de sete mil e quinhentos dólares. Um cheque duas vezes maior seguira para a esposa de Jerry um dia depois de ela ter telefonado, soluçando e pedindo ajuda aos gritos, para dizer que naquela manhã Jerry a trocara pela nova enfermeira do seu departamento. O posto da nova enfermeira era o mesmo que Susan ocupara antes de Jerry começar a ter um caso com ela, o que redundara no seu divórcio da primeira esposa. Segundo a mãe do Sueco, quando Jerry tomou conhecimento do cheque de quinze mil dólares, correu para o telefone a fim de chamar seu pai de "todos os nomes feios do dicionário" e, naquela noite, pela primeira vez na vida, Lou Levov teve dores no peito que a obrigaram a telefonar para o médico às duas da madrugada.

E agora, quatro meses depois, ele repetia a dose.

— Seymour, o que devo fazer? Ele fica gritando pela casa: "Mais um divórcio, mais uma família desfeita, *mais* netos em um lar despedaçado, mais três crianças maravilhosas sem orientação paterna". *Você* sabe como ele fica. Começa e não pára mais, repete a mesma coisa mil vezes, até que eu penso que vou ficar louca. "Onde é que o meu filho aprendeu tão bem a se divorciar desse jeito? Quem, na história de toda essa família, jamais se divorciou? Ninguém!" Eu já não posso mais agüentar isso, meu filho. Ele grita comigo: "Por que o seu filho não vai simplesmente para um puteiro? Que ele case logo com uma piranha saída de um puteiro e pronto!". Ele vai brigar de novo com Jerry, e o Jerry não bate leve. Não tem os mesmos escrúpulos que você. Nunca teve. Quando eles dois tiveram aquela briga

sobre o casaco, quando Jerry fez um casaco com peles de ratinhos brancos, você lembra? Talvez você estivesse prestando serviço militar, na época. Peles de ratinhos brancos que Jerry arranjou não sei onde, acho que foi na escola, e emendou uma na outra para fazer um casaco e dar de presente a uma menina. Ele achou que estava fazendo um grande favor a ela. Mas a menina recebeu o troço, acho que foi pelo correio, em uma caixa, toda embrulhada, e o casaco fedia que era um horror, a menina começou a chorar, a mãe dela telefonou e o seu pai ficou louco da vida. Ficou possesso. E os dois tiveram uma discussão, ele e Jerry, e aquilo me deixou morrendo de medo. Um garoto de quinze anos, e gritava tanto com o próprio pai, seus "direitos", seus "direitos", dava para escutar a voz dele lá da rua Broad ou da Market, berrando sobre os seus "direitos". Jerry não recua. Não conhece o sentido da palavra "recuar". Só que agora não vai estar gritando com um homem de quarenta e cinco anos, mas com um homem de *setenta e cinco*, com angina e, dessa vez, mais tarde, não vai ser só uma indigestão. Não vai ser só uma dor de cabeça. Dessa vez vai ser um ataque de coração em grande escala.

— Não vai haver nenhum ataque de coração. Mãe, acalme-se.

— Será que fiz uma coisa errada? Nunca toquei na correspondência de outra pessoa em toda a minha vida. Mas como é que eu podia deixar que ele mandasse essa carta para Susan? Pois ela não vai ficar calada. Vai fazer a mesma coisa que fez da última vez. Vai usar a carta contra Jerry, vai contar para ele. E dessa vez Jerry vai *matar* o seu pai.

— Jerry não vai matar o papai. Ele não quer e não vai matar o papai. Mãe, ponha a carta no correio. Ainda está com o envelope?

— Sim.

— Não está rasgado? Você não rasgou o papel?

— Estou envergonhada de contar a você... não está rasgado, usei vapor. Mas não quero que ele caia *morto*.

— Não vai morrer. Ainda não está na hora dele. Mãe, a senhora deve ficar fora disso. Mande para Susan o envelope com o cheque e a carta. E quando Jerry ligar, saia de casa e vá dar uma volta.

— E quando ele tiver de novo dores no peito?

— Se ele tiver dores no peito outra vez, a senhora vai chamar o médico novamente. Mas fique fora disso. A senhora não pode intervir para protegê-lo dele mesmo. É tarde demais para fazer isso.

— Ah, graças a Deus que tenho você. É a única pessoa em quem eu

posso me apoiar. Todos os seus problemas, tudo o que você passou, e você é o único nessa família que me diz coisas que não são completamente loucas.

— Dawn está indo bem? — perguntou seu pai.

— Muito bem.

— Ela parece bonita como um milhão de dólares — disse o pai. — Essa menina está outra vez como era antes. Livrar-se daquelas vacas foi a coisa mais esperta que vocês já fizeram. Jamais gostei delas. Nunca entendi por que Dawn precisava das vacas. E bendito seja esse levantamento facial. Fui contra a operação mas estava enganado. Totalmente enganado. Tenho de admitir. Esse sujeito fez um trabalho maravilhoso. Graças a Deus a nossa Dawn já não parece mais ter passado por tudo o que sofreu.

— Ele fez mesmo um ótimo trabalho — concordou o Sue-co. — Apagou todo aquele sofrimento. Ele devolveu a Dawn o seu rosto. — Ela já não precisava mais olhar para o espelho e ver o registro de sua desgraça. Tinha sido uma proeza formidável: ela havia removido aquela coisa que estava o tempo todo bem na sua frente.

— Mas ela está esperando. Eu percebo, Seymour. Uma mãe percebe essas coisas. Talvez a gente possa apagar o sofrimento do rosto, mas não pode tirar a memória de dentro da gente. Embaixo desse rosto, a pobrezinha está esperando.

— Dawn não é uma pobrezinha, mãe. É uma lutadora. Ela está bem. Teve um progresso incrível. — É verdade: durante todo o tempo em que o Sueco suportou estoicamente a situação, Dawn tivera mesmo um progresso incrível, achando aquilo *insuportável*, sendo devastada, destruída, e depois despojando-se daquilo. Dawn não resiste aos golpes como ele; ela *recebe* os golpes, se faz em pedaços e, quando se recupera outra vez, resolve reformar a si mesma. Nada existe nisso tudo que não seja digno de admiração: primeiro, abandonar o rosto assolado pela filha; depois, abandonar a casa assolada pela filha. Esta é a sua vida, afinal de contas, e ela vai recolocar a Dawn original de pé e funcionando outra vez, nem que seja a última coisa que faça. — Mãe, vamos parar com isso. Venha aqui fora comigo enquanto acendo o carvão.

— Não — respondeu a mãe, parecendo outra vez prestes a chorar. — Obrigada, querido. Vou ficar aqui com seu pai, vendo televisão.

— Você viu televisão o dia inteiro. Venha aqui fora e me ajude um pouco.

— Não, obrigada, meu querido.

— Ela está esperando para ver o Nixon ser apanhado — comentou o pai. — Quando eles pegarem o Nixon e atravessarem uma estaca no coração dele, sua mãe vai se sentir no sétimo céu.

— E você não vai? — exclamou ela. — Ele não consegue dormir — disse a mãe para o Sueco — por causa do *mamzer*. Lou se levanta da cama no meio da madrugada para escrever cartas para ele. Algumas, eu mesma tenho de censurar, tenho de detê-lo fisicamente, a linguagem é tão obscena.

— Aquele canalha! — exclamou o pai do Sueco, furioso. — Aquele cão fascista desgraçado! — e de dentro dele, com uma força aterradora, irrompeu uma diatribe repleta de insultos e de veneno contra o presidente dos Estados Unidos, a qual, a não ser pela gagueira que nunca deixava de emprestar ao seu ódio a severidade exterminadora de uma metralhadora, nem mesmo Merry, em seus grandes dias, seria capaz de superar. Nixon libera Lou Levov para falar qualquer coisa — assim como Johnson liberava Merry. É como se, no seu livre ódio a Nixon, Lou Levov estivesse simplesmente imitando a aversão insultuosa da neta em relação a Lyndon Johnson. Peguem o Nixon. Peguem o sacana de um jeito ou de outro. Peguem o Nixon e tudo ficará bem. Se pudermos ao menos cobrir Nixon de piche e penas, a América será outra vez a América, sem todas as coisas nojentas e criminosas que hoje rastejam nela, sem toda essa violência, maldade, loucura e ódio. Metam o Nixon numa jaula, enjaulem o crápula e teremos de volta nosso grande país do jeito que era antes!

Dawn veio correndo da cozinha para ver o que estava acontecendo e logo todos eles estavam chorando juntos, abraçando-se uns aos outros, amontoados e chorando naquela grande varanda dos fundos como se a bomba tivesse sido colocada bem embaixo da casa e a varanda fosse tudo o que restara de pé. E nada havia que o Sueco pudesse fazer a fim de contê-los ou a fim de conter a si mesmo.

A família nunca antes parecera tão destroçada como agora. Apesar de todos os recursos que o Sueco pusera em ação, a fim de amenizar os efeitos do choque após o dia de horror e a fim de impedir que *ele mesmo* se fizesse em pedaços — apesar da determinação com a qual ele se rearmara depois de voltar às pressas pela passagem de nível e encontrar seu carro ainda no mesmo local onde o deixara estacionado, intato, naquela rua tenebrosa de Down Neck; apesar da determinação com a qual ele, pela *segunda* vez, se rearmou depois que Jerry o esmurrou pelo telefone; apesar da determinação que o Sueco teve de convocar pela *terceira* vez, quando se

viu abaixo da cerca com pontas afiadas que protege o estacionamento da sua fábrica, com a chave do carro na mão; apesar da autovigilância, apesar da dolorosa representação de invulnerabilidade, apesar da esmerada e falsa fachada de segurança com a qual ele estava resolvido a proteger as pessoas que amava das quatro pessoas que Merry tinha matado — bastava simplesmente o Sueco balbuciar "os grandes tomates recheados de Merry" em vez de "tomates de Dawn", para eles compreenderem que alguma coisa absolutamente horrível havia ocorrido.

Além dos Levov, havia seis convidados para jantar naquela noite. Os primeiros a chegar foram Bill e Jessie Orcutt, o arquiteto de Dawn e sua esposa, que havia muitos anos eram vizinhos bem simpáticos, morando a alguns quilômetros dali, descendo pela estrada, na antiga casa da família Orcutt, os quais se tornaram conhecidos e depois passaram a ser convidados para jantar, quando Bill Orcutt começou a planejar a nova casa dos Levov. A família Orcutt fora por muito tempo uma proeminente família de juristas no município de Morris, advogados, juízes, senadores. Como presidente da associação de defesa do patrimônio local, já consolidada como a consciência histórica de uma nova geração de conservacionistas, Orcutt fora um dos líderes da batalha perdida a fim de impedir que a estrada interestadual 287 atravessasse o centro histórico de Morristown e um vitorioso oponente do aeroporto de aviões a jato que destruiria o Grande Pântano, a oeste de Chatham, e junto com ele destruiria boa parte da vida selvagem do município. Agora ele tentava salvar o lago Hopatcong da devastação provocada pelos poluentes. O adesivo no pára-choques do carro de Orcutt dizia: "Morris verde, calma e limpeza", e ele, em seu entusiasmo, colou um igual no pára-choque do carro do Sueco na primeira vez em que se encontraram.

— Precisamos de toda a ajuda possível — disse ele — para manter as mazelas modernas longe daqui.

Assim que soube que seus novos vizinhos foram crianças criadas na cidade, para quem a zona rural e montanhosa de Morris constituía uma paisagem desconhecida, Orcutt se ofereceu para levá-los em um passeio pela região, uma excursão que se prolongou por um dia inteiro e teria se estendido pelo dia seguinte se o Sueco não tivesse mentido e dito que ele, Dawn e o bebê precisavam ir para Elizabeth, visitar os sogros, no domingo de manhã.

Dawn havia recusado a idéia do passeio logo de saída. Alguma coisa nas

maneiras de grande senhor de terras ostentadas por Orcutt a havia irritado logo no primeiro encontro, algo que ela achara ofensivamente presunçoso na sua cortesia expansiva, levando-a a pensar que, para esse jovem fidalgo rural com maneiras simpáticas, ela não devia passar de uma ridícula irlandesa metida a besta, uma moça que de algum modo havia adquirido certa destreza em imitar as pessoas superiores a ela, de tal forma que agora podia se intrometer burlescamente no quintal de suas terras privilegiadas. A confiança, é isso que mexia com os nervos de Dawn, aquela grande confiança. Sem dúvida, ela fora a Miss New Jersey, mas o Sueco vira sua esposa em algumas ocasiões em companhia daqueles caras ricos da Ivy League, com seus suéteres feitos com lã de Shetland. A atitude defensiva e ofendida de Dawn sempre irrompia de maneira surpreendente. Ela nunca dera sinais de sentir qualquer falta de confiança, até encontrar-se com eles e sentir a ferroada da diferença de classe.

— Me desculpe — dizia ela. — Sei que é apenas o meu ressentimento irlandês, mas não gosto de ser tratada com superioridade.

E embora esse mesmo ressentimento de Dawn sempre tivesse secretamente atraído o Sueco — em face da hostilidade, pensava ele com orgulho, minha esposa não tira o time de campo —, ao mesmo tempo, o perturbava e decepcionava; o Sueco preferia pensar em Dawn como uma jovem de grande beleza e educação, que era demasiado *famosa* para ter de sentir ressentimento.

— A única diferença entre eles e nós — por "eles", Dawn designava os protestantes — é um pouco mais de uísque, da nossa parte. Uma coisa bem insignificante. "Minha nova vizinha celta. *E* o seu marido judeu." Dá até para ouvir a voz dele conversando com a sua patotinha de nobres. Desculpe... se você quiser ir, tudo bem, não me importo, mas é que não consigo engolir o desprezo dele por nossas origens constrangedoras.

A viga mestra da personalidade de Orcutt — e disso Dawn tinha certeza, sem precisar sequer falar com ele — consistia em ter sempre em mente como ele e suas maneiras distintas remontavam a um ilustre passado aristocrático, por isso ela ficou em casa no dia do passeio, muito contente de estar sozinha com o bebê.

Seu marido e Orcutt, às oito horas em ponto, seguiram num trajeto diagonal, rumo à extremidade nordeste do município e depois, voltando pelo mesmo caminho, seguiram a velha e tortuosa cadeia de minas de ferro, ao sul, enquanto Orcutt rememorava o tempo todo os dias gloriosos do

século XIX, quando o ferro era o rei e milhões de toneladas de minério eram extraídas desse mesmo solo; começando por Hibernia e Boonton, até Morristown, as aldeias e vilas eram repletas de oficinas de laminação, fábricas de pregos e cravos, fundições e oficinas de ferreiro. Orcutt mostrou para o Sueco o local da oficina de laminação em Boonton, onde eixos, rodas e trilhos eram manufaturados para a pioneira Estrada de Ferro de Essex e Morris. Mostrou-lhe a fábrica de pólvora em Kenvil que fabricava dinamite para as minas e, depois, para a Primeira Guerra Mundial, produziu TNT e, até certo ponto, preparou o terreno para que o governo construísse o arsenal acima de Picatinny, onde fabricaram as grandes granadas usadas na Segunda Guerra Mundial. Foi na fábrica de Kenvil que ocorreu a explosão do depósito de munições em 1940 — cinqüenta e dois mortos, culpados por negligência, embora a princípio se desconfiasse de espiões e agentes estrangeiros. Orcutt seguiu com o Sueco o velho canal Morris, até certa altura, na direção oeste, por onde barcaças transportaram o antracito vindo de Phillipsburg, a fim de servir de combustível para as fundições de Morris. Com um ligeiro sorriso, Orcutt acrescentou — para espanto do Sueco — que do outro lado do rio Delaware, bem em frente a Phillipsburg, se encontrava Easton, e "era em Easton", disse ele, "que ficava o bordel para os rapazes de Old Rimrock".

O ponto final do canal Morris, na direção leste, tinha sido Jersey City e Newark. O Sueco sabia do terminal do canal em Newark desde o tempo em que era garoto e o seu pai lhe contava, se estivessem na parte baixa da cidade ou em qualquer lugar próximo do bulevar Raymond, que até o ano em que o Sueco nascera um canal de verdade subia pela rua High adentro, perto de onde ficava a Associação Hebraica de Jovens, e descia até o local onde agora existia aquela grande via pública da cidade, o bulevar Raymond, que dava vazão ao tráfego que vinha da rua Broad, passava pela Penn Station e se desviava da velha avenida Passaic, desembocando direto no Elevado.

Na mente jovem do Sueco, o "Morris" do canal Morris nunca se vinculava ao município de Morris — um lugar que, na época, parecia tão distante quanto o Nebraska — mas sim ao irmão mais velho do pai, um homem empreendedor chamado Morris. Em 1918, com vinte e quatro anos, já dono de uma sapataria que administrava com a ajuda da jovem esposa — uma lojinha apertada em Down Neck, na rua Ferry, no meio dos poloneses, italianos e irlandeses, todos pobres, e que havia sido a maior proeza

comercial da família, até que o contrato lavrado durante a guerra com a Corporação Feminina do Exército fez nascer a Artigos de Couro para Senhoras Newark —, Morris faleceu quase de um dia para o outro, vítima da epidemia de gripe. Mesmo em seu passeio pelos arredores do município naquele dia, toda vez que Orcutt mencionava o canal Morris, o Sueco pensava, em primeiro lugar, no tio morto que ele nunca conhecera, um irmão amado cuja ausência era muito sentida por seu pai e em cuja homenagem o menino acabou se convencendo que fora batizado o canal que passava por baixo do bulevar Raymond. Mesmo quando seu pai comprou a fábrica na avenida Central (a não mais de cem metros do mesmo lugar onde o canal virava para o norte na direção de Belleville, uma fábrica que quase fazia fundos com o metrô da cidade, construído abaixo do antigo caminho do canal), ele insistia em associar o nome do canal antes à história das lutas de sua família do que à história mais ampla do estado.

Após passar ao largo do quartel-general de Washington em Morristown — onde, educadamente, ele fingiu já ter visto os mosquetes, as balas de canhão e os velhos óculos quando era aluno da quarta série primária em Newark — o Sueco e Orcutt seguiram rumo ao sul, para fora de Morristown, até um cemitério junto a uma igreja, do tempo da Revolução americana. Soldados mortos na guerra foram enterrados ali, bem como vinte e sete soldados, enterrados em uma vala comum, vítimas da epidemia de varíola que varreu os acampamentos militares do interior, na primavera de 1777. Em meio àquelas lápides antiqüíssimas, Orcutt não se mostrou menos instrutivo, do ponto de vista histórico, do que fora durante toda a manhã, na estrada, de modo que, naquela noite, à mesa de jantar, quando Dawn perguntou aonde o senhor Orcutt tinha levado o seu marido, o Sueco riu.

— Não posso me queixar. O sujeito é uma enciclopédia ambulante. Nunca me senti tão ignorante em toda a minha vida.

— Foi muito chato? — perguntou Dawn.

— Ora, nem um pouco — respondeu o Sueco. — Passamos horas muito agradáveis. Ele é um bom sujeito. Muito gentil. Mais simples do que a gente imagina quando o vê pela primeira vez. Não tem o esnobismo que aparenta. — Ele estava pensando, em especial, no bordel de Easton mas em vez disso falou: — Sua família vem do tempo da Revolução.

— Isso não é nenhuma surpresa — retrucou Dawn.

— O cara conhece tudo — disse o Sueco, fingindo indiferença ante o sarcasmo da mulher. — Por exemplo, aquele antigo cemitério aonde fomos

fica no alto do morro mais alto nos arredores, portanto a chuva que cai no lado norte do telhado da velha igreja vai descendo na direção norte até chegar ao rio Passaic e, no final, até a baía de Newark, ao passo que a chuva que cai no lado sul do telhado vai descendo na direção sul, até encontrar uma ramificação do Raritan, e por fim segue para New Brunswick.

— Não acredito nisso — exclamou Dawn.

— Bem, pois é verdade.

— Me recuso a acreditar. *Não* para New Brunswick.

— Ah, não seja criança, Dawn. É interessante, em termos *geológicos*. — E acrescentou, em um tom enfático: — Muito interessante — a fim de mostrar a Dawn que ele não compartilhava o seu ressentimento irlandês. Isso estava abaixo dele e, na verdade, abaixo dela também.

Na cama, naquela noite, o Sueco pensou que, quando Merry estivesse freqüentando a escola, ele persuadiria Orcutt a levar sua filha para uma excursão exatamente igual àquela, a fim de que ela aprendesse em primeira mão a história do município onde estava sendo criada. O Sueco queria que Merry visse o local onde, na virada do século, passava uma estrada de ferro e subia até entrar em Morristown, vindo de Whitehouse, para trazer os pêssegos dos pomares do município de Hunterdon. Cinqüenta quilômetros de estrada de ferro só para transportar pêssegos. Entre as pessoas abastadas, nas grandes cidades, havia na época uma paixão por pêssegos, e os frutos eram embarcados em Morristown para seguir até Nova York. O chamado Expresso do Pêssego. Não era uma coisa incrível? Um belo dia, setenta vagões de pêssego eram rebocados dos pomares de Hunterdon. Dois milhões de pessegueiros floresciam ali, antes que uma praga desse cabo de tudo. Mas o Sueco mesmo poderia lhe contar acerca desse trem, dessas árvores e dessa praga quando chegasse a hora, levaria sua filha no seu carro para lhe mostrar onde os trilhos ficavam, antigamente. Não seria preciso pedir a Orcutt que fizesse isso por ele.

— O primeiro Orcutt no município de Morris — contou Orcutt ao Sueco, no cemitério, apontando para uma lápide marrom, gasta pelo tempo, decorada no alto com um anjo de asas nas costas, entalhado em relevo, uma lápide situada perto da parede dos fundos da igreja. — Thomas. Imigrante protestante do norte da Irlanda. Chegou em 1774. Com vinte anos de idade. Alistou-se em uma milícia local. Soldado raso. A dois de janeiro de 1777, combateu na segunda batalha de Trenton. Batalha que preparou o terreno

para a vitória de Washington em Princeton, no dia seguinte.

— Não sabia disso — comentou o Sueco.

— Foi parar na base logística do exército, em Morristown. Comissário assistente do trem Continental usado para transportar a artilharia. Após a guerra, comprou uma fundição em Morristown. Foi destruída por uma enxurrada, em 1795. Duas enxurradas, 94 *e* 95. Apoiou Jefferson com entusiasmo. Uma nomeação política do governador Bloomfield salvou sua vida. Delegado suplente do município de Morris. Chefe do tribunal de justiça. No final, clérigo do município. Aí está ele. O enérgico e fecundo patriarca.

— Interessante — disse o Sueco. Interessante, ao mesmo tempo em que achava aquilo tudo a coisa mais chata do mundo. O que *era* de fato interessante era que ele nunca tinha conhecido alguém assim antes.

— Ali adiante — disse Orcutt, levando o Sueco uns seis metros à frente, até uma outra velha lápide marrom com um anjo entalhado no alto, esta com um poema indecifrável de dez versos inscritos perto da base. — O filho dele, William. Dez filhos. Um morreu com trinta e poucos anos mas os demais tiveram vida longa. Espalharam-se por todo o município de Morris. Nenhum era fazendeiro. Juízes de paz. Xerifes. Proprietários de bens alodiais. Chefes de correio. Há Orcutts em toda parte, até em Warren e em Sussex. William foi o mais próspero. Abria estradas e cobrava pedágio. Banqueiro. Eleitor presidencial por New Jersey em 1828. Apoiou Andrew Jackson. A vitória de Jackson lhe rendeu uma importante nomeação jurídica. Para o mais elevado corpo de justiça do estado. Nunca tinha sido advogado. Na época, isso não tinha importância. Morreu como um juiz muito respeitado. Está vendo ali na lápide? "Um cidadão honrado e útil." É filho *dele*... ali do outro lado, esse aí... seu filho George, que foi escrivão de August Findley e se tornou seu sócio. Findley era um legislador do estado. A questão da escravidão acabou levando-o para o Partido Republicano...

Segundo o que o Sueco contou a Dawn, quisesse ela ouvir ou não — não queria, ela *não* queria ouvir —, "foi uma verdadeira aula de história americana. John Quincy Adams. Andrew Jackson. Abraham Lincoln. Woodrow Wilson. O avô dele foi colega de classe de Woodrow Wilson. Em Princeton. Ele me disse qual foi a turma deles. Agora me esqueci. Mil oitocentos e setenta e nove? Foi um monte de datas, Dawnie. Ele me contou *tudo*. E ficamos o tempo todo andando por um cemitério nos fundos de uma igreja no alto de um morro. Uma coisa fora do comum. Foi um *curso*

completo".

Só que uma vez era o bastante. O Sueco prestara a máxima atenção possível, tentando sempre fixar na mente o progresso dos Orcutt ao longo de quase dois séculos — entretanto, toda vez que Orcutt dizia "Morris", como no caso do município de Morris, o Sueco associava "Morris" a seu tio Morris Levov. Ele não conseguia lembrar-se de outra ocasião em sua vida em que se sentisse mais parecido com o pai — não com o filho do seu pai, mas com o seu *pai* — do que se sentiu enquanto caminhava entre os túmulos daqueles Orcutt. Sua família não podia competir com a dos Orcutt no tocante a ancestrais — teriam esgotado seus ancestrais em apenas dois minutos. Assim que a memória recuava ao tempo anterior a Newark, de volta à velha terra natal, ninguém sabia mais de nada. Antes de Newark, eles não sabiam seus nomes nem coisa alguma a respeito da família, como ganhavam a vida, muito menos em quem votaram. Mas Orcutt podia ficar discorrendo sobre seus ancestrais a vida inteira. Para cada degrau que os Levov galgassem na América, haveria ainda outro degrau para subir; esse cara já tinha saído bem *na frente*.

Terá sido por isso que Orcutt exagerou um pouquinho suas atenções? Terá sido para deixar claro aquilo que Dawn o acusava de deixar claro só pelo jeito de Orcutt sorrir para a gente — quem ele era e quem a gente não era? Não, isso seria pensar não tanto como Dawn mas sim de um jeito *muito* parecido com o do pai do Sueco. O ressentimento judeu podia ser tão ruim quanto o irlandês. Podia ser até pior. Eles não se mudaram para cá a fim de serem envolvidos por esse tipo de confusão. O Sueco não era nem de longe um membro da Ivy League. Fora educado, assim como Dawn, na modesta Upsala, em East Orange, e pensava que "Ivy League" era o nome de um tipo de roupa, antes de saber que a expressão tinha alguma coisa a ver com uma universidade. Pouco a pouco a imagem foi entrando em foco, é claro — um mundo de gentios ricos onde os prédios eram cobertos de hera, as pessoas tinham muito dinheiro e se vestiam de uma determinada maneira. Não admitiam judeus, não conheciam judeus, provavelmente não gostavam muito de judeus. Talvez não gostassem também dos católicos irlandeses — ele levou a sério quando Dawn afirmou que era mesmo assim. Talvez também tratassem com desprezo os irlandeses. Mas Orcutt era Orcutt. Tinha de ser julgado segundo seus próprios valores e não pelos valores da "Ivy League". Enquanto se mostrar respeitoso e gentil comigo, também vou me mostrar respeitoso e gentil com ele.

Na mente do Sueco, o problema se resumia no fato de que o sujeito podia se tornar um bocado chato quando falava sobre o passado. O Sueco não iria além disso, até que alguém provasse que era diferente. Eles não tinham ido morar tão longe só para criar caso com vizinhos que residiam do outro lado do morro, vizinhos cuja casa eles nem sequer podiam ver — tinham ido morar lá porque, como o Sueco gostava de dizer brincando à mãe, "eu quero possuir as coisas que o dinheiro não pode comprar". Todas as pessoas que estavam fazendo as malas e indo embora de Newark rumavam para uma das aconchegantes ruas suburbanas em Maplewood ou South Orange, ao passo que eles, em contraste, haviam procurado uma região erma e afastada. Durante os dois anos em que viveu na Carolina do Sul com os fuzileiros navais, costumava se empolgar quando lhe vinha o pensamento: "Este é o velho Sul. Estou abaixo da fronteira Mason-Dixon. Estou no extremo Sul!". Bem, ele não podia ir de trem do extremo Sul até o trabalho todo dia, mas podia passar por cima de Maplewood e South Orange, pular carniça nas costas da reserva de South Mountain e seguir em frente, na direção oeste, o mais longe que pudesse de New Jersey, contanto que desse para ir todo dia para a avenida Central em uma hora de viagem. Por que não? Cem acres de América. Terra desbravada, a princípio, não para a agricultura mas para fornecer madeira àquelas velhas fundições de ferro que consumiam mil acres de madeira por ano. (A proprietária das terras que o Sueco estava interessado em adquirir revelou conhecer quase tanto da história local quanto Bill Orcutt, e mostrou-se tão generosa quanto ele, ao servir o passado em fartas conchas de sopa para um comprador potencial vindo das ruas de Newark.) Um celeiro, um açude para mover o moinho, uma calha para levar água ao moinho, persistiam as fundações de um moinho de cereais que havia fornecido grãos para as tropas de Washington. Em algum local nos fundos do terreno, havia uma mina de ferro abandonada. Logo após a Revolução, a casa original, uma estrutura de madeira e a serraria haviam pegado fogo e a casa fora substituída por essa outra — segundo uma data entalhada em uma pedra acima da porta do porão e também cinzelada em uma viga de canto no quarto da frente, construída em 1786, suas paredes exteriores foram feitas de pedras recolhidas dos fogões de campanha dos antigos acampamentos do exército revolucionário nas montanhas da região. Uma casa de pedra como ele sempre sonhara, tinha até um telhado de duas águas quebradas, à holandesa, e no que antigamente fora a cozinha e agora era a sala de jantar,

havia uma lareira diferente de qualquer outra que já vira, grande o bastante para assar um boi, guarnecida de uma porta de forno e de uma haste móvel para balançar um caldeirão de ferro acima do fogo; um dintel de cinqüenta centímetros de altura se estendia ao longo de cinco metros, por toda a largura do aposento. Quatro lareiras menores em outros cômodos, todas funcionando, com as cornijas originais, os entalhes na madeira e os frisos originais quase imperceptíveis por baixo de mil camadas depositadas por cento e sessenta anos de pinturas sucessivas, mas estavam ali a postos, prontinhas para serem restauradas e reveladas. Um corredor central de três metros de largura. Uma escada com balaústres e corrimões entalhados em madeira de bordo tigrino, com faixas descoloridas — segundo a ex-proprietária o bordo tigrino era uma raridade na região, naquela época. Dois quartos de cada lado da escada, tanto no andar de cima como no térreo, somando ao todo oito quartos, mais a cozinha, mais a grande varanda nos fundos... Por que diabos a casa não haveria de ser dele? Por que ele não haveria de ser o seu dono?

— Não quero morar numa casa colada à casa de outra pessoa. Já fiz isso. Cresci assim. Não quero olhar pela janela e ver o telhado do alpendre. Quero ver a *terra*. Quero ver riachos correndo em toda parte. Quero ver as vacas e os cavalos. A gente segue um pouco adiante pela estrada e logo encontra *cachoeiras*. Não *precisamos* viver como todo o mundo, podemos viver do jeito que bem entendermos, agora. Fizemos isso. Ninguém nos deteve. Não podiam. Estávamos casados. Podemos ir aonde quisermos, podemos fazer qualquer coisa. Dawnie, somos livres!

De mais a mais, ter ficado livre não foi um processo indolor, ainda mais com a pressão do pai para que comprassem uma casa em um condomínio no subúrbio de South Orange, uma casa moderna com tudo novinho em folha, em vez de um "mausoléu" decrépito.

— Você nunca vai conseguir aquecer essa casa — prognosticou Lou Levov em um sábado, quando pela primeira vez pôs os olhos na enorme e desocupada casa de pedra com a tabuleta de "vende-se" pregada na frente, uma casa à beira de uma estrada montanhosa no interior, perdida no fim do mundo, a dezoito quilômetros a oeste da estação de trem mais próxima, a estação de Lackawanna, em Morristown, onde os vagões verdes, de portas de correr, com os bancos de junco amarelados, levavam as pessoas até a distante Nova York. Como vinha junto com os cem acres de terra, um celeiro em petição de miséria e um moinho de cereais em ruínas, como

estivera vazia e posta à venda durante quase um ano, ia custar cerca de metade do preço de casas situadas em lotes de apenas dois acres, em Newstead. — Aquecer essa casa vai lhe custar uma fortuna, e mesmo assim vocês vão morrer gelados aí dentro. Quando nevar aqui, Seymour, como é que você vai fazer para chegar à estação de trem? Por essas estradas é que não vai dar. E afinal de contas, para que diabos ele precisa de tanta terra? — perguntou Lou Levov voltando-se para a mãe do Sueco, que estava de pé entre os dois homens, vestindo o casaco e fazendo de tudo para se manter fora da discussão, inspecionando o cume das árvores à beira da estrada. (Ou ao menos foi isso o que o Sueco pensou; mais tarde, ele veio a saber que na verdade sua mãe estivera olhando em vão para baixo da estrada, na esperança de enxergar as luzes da cidade.) — O que é que você vai fazer com toda essa terra? — o pai perguntou a ele. — Alimentar os armênios famintos? Sabe de uma coisa? Você está sonhando. Eu até me pergunto se você tem a menor idéia de onde é que nós estamos. Vamos falar francamente sobre essa... essa região estreita e fanática. A Klan floresceu aqui nos anos 20. Sabia disso? A Ku Klux Klan. As pessoas ateavam fogo às cruzes em suas terras, nesta região.

— A Ku Klux Klan já não existe mais.

— Ah, não existe, não? Pois isto aqui é a inflexível New Jersey republicana, Seymour. É inteirinha republicana, da cabeça aos pés.

— Pai, Eisenhower é o presidente... o *país* inteiro é republicano. Eisenhower é o presidente e Roosevelt está morto.

— Sim, e este lugar aqui era republicano quando Roosevelt estava bem *vivo*. Republicano durante o New Deal. Pense bem nisso. Por que odiavam Roosevelt por aqui, Seymour?

— Não sei por quê. Porque era um democrata.

— Não, eles não gostavam de Roosevelt porque não gostavam dos judeus, dos italianos e dos irlandeses. Foi por isso que vieram morar aqui, fique sabendo. Não gostavam de Roosevelt porque ele se adaptava a esses novos americanos. Ele compreendia o que essa gente precisava e tentava ajudá-los. Mas não os sacanas daqui. Eles não eram capazes nem de dizer que horas eram para um judeu. Meu filho, eu estou falando de fanáticos. Não de soldados marchando com passo de ganso, mas de ódio, pura e simplesmente. E é aqui que vivem as pessoas cheias de ódio, bem aqui.

A solução era Newstead. Em Newstead, o Sueco não teria de agüentar a dor de cabeça de cem acres de terra. Em Newstead, estaria em território cem

por cento democrata. Em Newstead, ele poderia viver com sua família entre jovens casais judeus, a filha poderia crescer entre amigos judeus e o trajeto diário até a fábrica, logo ali adiante, seguindo direto pela avenida South Orange, levava no máximo meia hora.

— Pai, eu vou de carro até Morristown em quinze minutos.

— Se estiver nevando, não dá. Se você obedecer às regras de trânsito, não dá, não.

— O expresso das oito e vinte e oito me deixa na rua Broad às oito e cinqüenta e seis. Caminho até a avenida Central e estou no trabalho às nove horas e seis minutos.

— Mas e se nevar? Você ainda não me respondeu. E se o trem quebrar?

— Os corretores da Bolsa de Valores pegam esse mesmo trem para ir ao trabalho. Advogados, empresários que vão para Manhattan. Gente rica. Não é o trem do leite, pai, ele não quebra à toa. Nos primeiros trens da manhã, tem até um vagão que serve de sala de reunião privativa para eles, pelo amor de Deus, pai. Não é um trem de matutos.

— Pois a mim é que você não convence — retrucou seu pai.

Mas o Sueco, de maneira bem parecida com alguns dos antigos pioneiros, não se deixaria dobrar. O que representava transtorno e insensatez aos olhos do pai era para ele um ato de bravura. Depois de casar com Dawn Dwyer, comprar aquela casa e os cem acres em torno e mudar para Old Rimrock foi a coisa mais atrevida que ele tinha feito na vida. O que era Marte para o seu pai, era a *América* para ele — o Sueco estava colonizando a New Jersey revolucionária como se fosse pela primeira vez. Lá em Old Rimrock, a América inteira se estendia bem diante da porta da sua casa. Esta era uma idéia que ele adorava. O ressentimento judeu, o ressentimento irlandês — para o inferno com tudo isso. Um marido e uma esposa, ambos com apenas vinte e cinco anos de idade, um bebê com menos de um ano — tinha sido *corajoso* da sua parte seguir para Old Rimrock. Ele já ouvira falar de vários caras enérgicos, inteligentes e talentosos, no ramo dos artefatos de couro, derrotados pelos pais, e não ia permitir que a mesma coisa acontecesse com ele. O Sueco se apaixonara pelo mesmo ramo de atividade do pai, assumira o que era seu por direito hereditário, e agora estava indo além disso tudo, para viver onde bem entendesse.

Não, nós não vamos ter ressentimento de *ninguém*. Estamos cinqüenta e seis quilômetros *além* desse ressentimento. O Sueco não estava dizendo que era fácil misturar-se com as pessoas atravessando as fronteiras

religiosas. Não estava dizendo que não existia preconceito — ele havia enfrentado isso como recruta na fuzilaria naval, em algumas ocasiões no campo de treinamento ele se viu cara a cara com o preconceito, enfrentou-o de cabeça erguida e intimidou seus oponentes. Dawn tivera sua própria escaramuça com o anti-semitismo agressivo no concurso de Miss América em Atlantic City, quando sua dama de companhia referiu-se de forma depreciativa ao ano de 1945, ocasião em que Bees Myerson tornou-se Miss América, como "o ano em que a moça judia venceu". Ela ouvira falar a respeito de um monte de brigas eventuais por causa de judeus quando era criança, mas Atlantic City era o mundo de verdade e isso a deixou chocada. Dawn não contou nada para o Sueco na ocasião porque temia que ele se voltasse contra ela por permanecer educadamente em silêncio, sem dizer na cara daquela mulher burra que era melhor sumir da frente dela, sobretudo quando sua dama de companhia ainda por cima acrescentou: "Admito que ela era bonita, mas mesmo assim foi um grande constrangimento para a organização do concurso". Não que isso tivesse a menor importância, naquela altura. Dawn não passava de uma simples candidata ao título, com vinte e dois anos de idade — o que ela poderia ter dito ou feito? A posição do Sueco era que ambos, com base em experiências diretas, estavam conscientes de que esses preconceitos existiam. Em uma comunidade tão civilizada como Old Rimrock, todavia, as diferenças de religião não podiam pesar tanto quanto Dawn estava querendo fazer crer. Se ela podia casar-se com um judeu, podia sem dúvida ser uma vizinha amigável de um protestante — podia perfeitamente fazer isso, se o marido também podia. Os protestantes são apenas mais uma denominação religiosa entre as demais. Talvez fossem raros na região onde Dawn fora criada — eram raros também na região onde o Sueco tinha sido criado — mas acontece que não eram nada raros na América. Vamos olhar a questão de frente, eles *são* a América. Mas se você não preconiza a superioridade da via católica do jeito que a sua mãe faz, e eu não preconizo a superioridade da via judaica do jeito que o meu pai faz, tenho certeza de que vamos encontrar por aqui um monte de gente que também não preconiza a superioridade da via protestante, do jeito que os pais e as mães deles faziam. Ninguém mais domina ninguém. A guerra aconteceu por causa disso. Nossos pais não estão afinados com as possibilidades, com as realidades do mundo do pós-guerra, onde as pessoas podem viver em harmonia, pessoas de todos os tipos, lado a lado, não importa a sua origem. Esta é uma geração nova e não

há necessidade dessa história de ressentimento para ninguém, nem para eles *nem* para nós. E a classe superior não é nenhum bicho-papão. Sabe o que você vai descobrir quando conhecer essa gente? Que são simplesmente pessoas como todo o mundo, que querem apenas prosperar. Temos de ser sensatos a respeito desse assunto.

Mas, no final da história, o Sueco nunca precisou expor seus argumentos de forma tão extensa para fazer Dawn relaxar a respeito de Orcutt, uma vez que Orcutt jamais se mostrou muito presente na vida deles após a excursão turística, à qual Dawn sempre se referia como o "Passeio ao cemitério da família Orcutt". Nada parecido com uma vida social se desenvolveu naquela ocasião entre os Orcutt e os Levov, nem sequer uma amizade esporádica, embora o Sueco de fato aparecesse aos sábados de manhã no pasto nos fundos da casa dos Orcutt, para a partida semanal de *touch-football* com os amigos de Orcutt e alguns outros caras iguais ao Sueco, ex-pracinhas do município de Essex, que chegavam pingando pouco a pouco, mudando-se com famílias novas para regiões com mais espaço livre.

Entre eles, estava um fabricante de óculos chamado Bucky Robinson, um sujeito baixo, musculoso, com os pés virados para dentro, uma cara redonda e angelical, que fora quarto zagueiro reserva do time da escola secundária de Hillside, o rival tradicional do time de Weequahic no Dia de Ação de Graças, na época em que o Sueco estava concluindo a escola secundária. Na primeira semana em que Bucky apareceu, o Sueco o entreouviu falando com Orcutt acerca do último ano de Seymour Levov na escola, enumerando nos dedos enquanto dizia: "o melhor extrema da cidade inteira no futebol americano; o melhor meio de campo da cidade, do município inteiro no basquete; o melhor homem da primeira base da cidade, do município, do estado inteiro no beisebol...". Embora, em geral, o Sueco não julgasse aquele espanto em relação a ele, demonstrado de maneira tão desinibida, uma coisa do seu agrado, ainda mais em um ambiente em que ele desejava apenas suscitar a simpatia normal da boa vizinhança, um ambiente em que ser simplesmente mais um ali a jogar bola estaria perfeitamente bem para ele, o Sueco pareceu não se importar com o fato de que fosse Orcutt quem estivesse ali de pé, tendo de ouvir o entusiasmo excessivo de Bucky. Ele não travara nenhuma discussão com Orcutt, nem tivera qualquer motivo para isso e, não obstante, ver revelado para Orcutt, nas palavras entusiásticas de Bucky, tudo o que normalmente ele teria preferido manter oculto atrás de um comportamento modesto, lhe

proporcionou um prazer maior do que teria imaginado, quase como a satisfação de um tipo de desejo acerca do qual ele pessoalmente nada sabia — o desejo de vingança.

Quando, durante várias semanas seguidas, Bucky e o Sueco jogaram no mesmo time, o novato mal podia crer na sua boa sorte: enquanto para todo o mundo o novo vizinho era Seymour, Bucky não perdia uma só oportunidade de chamá-lo de Sueco. Não importava quem mais estivesse desmarcado, agitando loucamente os braços no ar — ele era sempre o receptor que Bucky procurava para o seu passe. "Grande Sueco, sempre a melhor opção!", gritava, toda vez que o Sueco vinha de volta para o círculo que o time formava no gramado para combinar a jogada seguinte, depois de ter aproveitado com sucesso mais um passe de Robinson — Grande Sueco, expressão que desde o tempo da escola secundária ninguém a não ser o Jerry havia usado para chamá-lo. E, no caso de Jerry, era sempre com sarcasmo.

Certo dia, Bucky pegou uma carona com o Sueco até uma oficina onde seu carro estava sendo consertado e, no caminho, declarou de forma surpreendente que também era judeu e que ele e sua esposa haviam se tornado membros de um templo em Morristown, pouco antes. Morando aqui, disse Bucky, eles estavam se envolvendo cada vez mais com a comunidade judaica de Morristown.

— Em uma cidade de gentios — disse Bucky ao Sueco — saber que se tem amigos judeus por perto pode representar um grande apoio.

Embora não fosse enorme, a comunidade judaica de Morristown estava bem consolidada, remontava a antes da Guerra Civil e incluía umas poucas pessoas influentes na cidade, entre elas um curador do Morristown Memorial Hospital — cuja insistência permitira, dois anos antes, que os primeiros médicos judeus fossem afinal convidados para fazer parte da equipe — e o proprietário da melhor loja de departamentos da cidade. Família judias bem-sucedidas viviam nas grandes casas revestidas de estuque na avenida Western desde cinqüenta anos atrás, embora no conjunto essa não fosse uma região conhecida por uma simpatia especial em relação aos judeus. Quando criança, Bucky era levado pela família até Mt. Freedom, a cidade de veraneio situada nas montanhas dos arredores, onde eles ficavam uma semana todos os anos no verão, hospedados no Lieberman's Hotel, e onde Bucky pela primeira vez se apaixonou pela beleza e pela calma da zona rural de Morris. Mt. Freedom, nem é preciso

dizer, era ótimo para os judeus: dez ou onze grandes hotéis, todos judeus — os próprios veranistas, em tom de brincadeira, referiam-se ao lugar como "Mt. Friedman". Se você morasse em um apartamento em Newark, Passaic ou Jersey City, uma semana em Mt. Freedom era o paraíso. E quanto a Morristown, embora solidamente gentia, era no entanto uma comunidade cosmopolita de advogados, médicos e corretores da Bolsa de Valores, onde Bucky e sua esposa adoravam ir ao cinema na Associação Comunitária, adoravam as lojas, que eram excelentes, adoravam as construções antigas e bonitas, e onde havia os comerciantes judeus com seus letreiros em luz de néon por toda a extensão da avenida Speedwell. Mas será que o Sueco sabia que, antes da guerra, havia uma suástica rabiscada na tabuleta do curso de golfe que ficava nas cercanias de Mt. Freedom? Por acaso ele sabia que a Klan promovia comícios em Boonton e Dover, com gente do campo, trabalhadores rurais, todos membros da Ku Klux Klan? Por acaso ele sabia que cruzes eram queimadas no gramado das pessoas a menos de oito quilômetros do campo de golfe de Morristown?

A partir desse dia, Bucky não parou de tentar atrair o Sueco, que representaria uma aquisição importante, sempre tentando arrastá-lo para a comunidade judaica de Morristown, levá-lo, se não para unir-se de uma vez ao templo, ao menos para jogar basquete à noite, na Liga Intertemplos, pela equipe que o templo apoiava. A ação missionária de Robinson deixava o Sueco irritado, do mesmo modo que sua mãe, quando ela, alguns meses depois de Dawn engravidar, o deixou atônito ao perguntar se Dawn ia se converter antes de o bebê nascer.

— Um homem para quem a prática do judaísmo não significa nada, mãe, não precisa pedir à sua esposa que se converta.

Ele nunca se mostrara tão severo com a mãe em toda a sua vida e, para seu assombro, ela deu as costas e se retirou à beira das lágrimas, e foram necessários muitos abraços, durante o dia inteiro, para fazê-la compreender que ele não estava "zangado" com ela — apenas quisera deixar claro que já era um adulto, com as prerrogativas de um adulto. Agora o Sueco conversava com Dawn a respeito de Robinson — conversava bastante sobre ele quando os dois estavam na cama, à noite.

— Não vim morar aqui para me meter nessa história. Nunca gostei desse negócio de religião, na verdade. Antigamente eu ia para a sinagoga nos dias santos com meu pai e nunca entendia o que eles estavam fazendo. Até mesmo ver o meu pai ali não fazia sentido para mim. Não era ele, não era

nada que parecesse com ele... Meu pai se curvava perante uma coisa com que ele não tinha nada a ver, uma coisa que ele nem sequer compreendia. Ele estava ali se curvando diante daquilo só por causa do meu avô. Nunca entendi o que toda essa história tinha a ver com o fato de meu pai ser um homem. O que a fábrica de luvas tinha a ver com o fato de ele ser um homem, isso qualquer um podia entender, não havia dúvida quanto a isso. Meu pai sabia do que estava falando quando falava sobre luvas. Mas e quando ele começou a se interessar por religião? Você devia só ouvir o meu pai falando. Se ele soubesse tão pouco sobre couro quanto sabia a respeito de Deus, a família teria acabado em um abrigo de indigentes.

— Ah, mas Bucky Robinson não está falando de Deus, Seymour. Ele só quer ser seu amigo — disse Dawn —, só isso.

— Pode ser. Mas eu nunca me interessei por essas coisas, Dawnie, desde pequeno. Nunca consegui entender. Será que alguém entende? Não sei do que eles estão falando. Entro nas sinagogas e tudo ali é estranho para mim. Sempre foi. Quando eu era garoto e tinha de ir para a escola judaica, o tempo todo que eu ficava naquela sala mal podia esperar a hora de sair para o campo de futebol americano. Eu ficava ali pensando: "Se eu ficar mais tempo sentado aqui nesta sala, vou acabar passando mal". Tinha uma coisa insalubre naqueles lugares. Em qualquer ponto perto de qualquer um desses lugares, eu já sabia que não estava onde gostaria de estar. A fábrica era o lugar onde eu queria ficar, desde menino. O campo de beisebol era o lugar onde eu queria ficar, desde o tempo em que entrei no jardim-de-infância. Que aquele era o lugar onde eu queria ficar, isso eu já sabia desde o momento em que pus os olhos ali. E por que não deveria estar onde eu queria? Por que não deveria estar com *quem* eu queria? Não é esse o espírito deste país? Quero ficar onde quero ficar e não quero ficar onde não quero ficar. É isso o que significa ser americano... não é? Estou aqui com você, estou aqui com o bebê, estou na fábrica durante o dia, o resto do tempo fico aqui por perto, e é o *único* lugar, no mundo inteiro, onde eu quero estar. Nós possuímos um *pedacinho* da América, Dawn. Eu não poderia me sentir mais feliz, por mais que tentasse. Consegui, querida. Eu consegui: fiz aquilo que planejei fazer!

Durante um tempo, o Sueco parou de ir jogar *touch-football* só para não ter de se esquivar de Bucky Robinson, quando ele começava a falar do templo. Com Robinson, ele não se sentia como se fosse o seu pai — sentia-se como se fosse Orcutt...

Não, não. Sabe como é que na verdade ele se sentia? Não durante o intervalo de uma ou duas horas por semana em que recebia os passes de Bucky Robinson, mas como ele se sentia durante o resto do tempo? O Sueco não podia contar para ninguém, é claro: tinha vinte e seis anos, se tornara pai pouco tempo antes e as pessoas teriam rido da sua infantilidade. Até ele ria de si mesmo. Era uma dessas coisas de criança que a gente guarda na cabeça por mais que fique velho, mas a verdade é que em Old Rimrock ele se sentia igual a Johnny Semente de Maçã. Quem é que se importa com Bill Orcutt? Woodrow Wilson conheceu o avô de Orcutt? Thomas Jefferson conheceu o tio do seu avô? Que bom para Bill Orcutt. Johnny Semente de Maçã, este é o homem certo. Não era judeu, não era um católico irlandês, não era um cristão protestante — nada disso, Johnny Semente de Maçã era só um americano feliz. Grande. Corado. Feliz. Na certa, pouco inteligente, mas não tinha necessidade de inteligência — um grande andarilho, é isso que Johnny Semente de Maçã precisava ser. Todo ele era prazer físico. Tinha uma passada larga, um saco de sementes de macieira e uma afeição enorme, espontânea, pelas paisagens e, em toda parte que ia, espalhava sementes. Que história incrível. Ir para toda parte, andar por toda parte. O Sueco havia adorado essa história durante toda a sua vida. Quem foi que escreveu? Ninguém, até onde podia lembrar. Eles apenas tinham estudado a história na escola primária. Johnny Semente de Maçã, em toda parte, plantando macieiras. Aquele saco de sementes nas costas. Eu adorava esse saco. Mas na verdade podia ser o chapéu — será que ele guardava as sementes no chapéu? Não importa.

— Quem foi que mandou ele fazer isso? — perguntou Merry, quando estava grande o bastante para ouvir histórias na cama, antes de dormir, embora ainda fosse pequena o bastante para gritar "Johnny! Eu quero Johnny!", se o Sueco tentasse contar alguma outra história, como aquela sobre o trem que só transportava pêssegos.

— Quem foi que mandou? Ninguém mandou, meu anjo. Ninguém precisa mandar Johnny Semente de Maçã plantar árvores. Ele faz isso por conta própria.

— Quem é a mulher dele?

— Dawn. Dawn Semente de Maçã. Essa é que é a mulher dele.

— Ele tem filho?

— Claro que sim. E sabe qual é o nome da filha dele?

— Qual?

— Merry Semente de Maçã!

— Ela também planta as sementes de maçã no chapéu?

— Claro. Ela não planta as sementes no chapéu, meu anjo, guarda as sementes no chapéu e depois as espalha pelo chão. Atira as sementes o mais longe que pode. E em toda parte que ela lança uma semente, assim que a semente toca na terra, você sabe o que acontece?

— O quê?

— Cresce uma macieira naquele lugar.

E toda vez que o Sueco caminhava até a vila de Old Rimrock, não conseguia se conter — a primeira coisa que fazia no final de semana era calçar suas botas e caminhar os oito quilômetros montanhosos até a vila e os oito quilômetros montanhosos de volta para casa, de manhã bem cedo, percorria toda a distância a pé só para comprar o jornal de sábado, e não conseguia se conter — e pensava no caminho: "Johnny Semente de Maçã!". Que prazer ele tinha! O puro, radiante e incontido prazer de caminhar a passos largos. Ele não se importaria se por acaso não jogasse futebol americano nunca mais — só queria poder sair de casa e caminhar. De algum modo, parecia que ter jogado bola servira apenas para preparar o terreno para *permitir* que ele fizesse isso, caminhar uma hora até a vila, pegar a edição de Lackawanna do *Newark News* no mercadinho com a bomba hidráulica Sunoco na frente e as mercadorias dispostas nos degraus da escada, em caixotes e sacos de aniagem. Era a única loja que existia por lá, nos anos 50, e não havia mudado desde que o filho de Hamlin, Russ, passou a tomar conta do negócio, em substituição ao pai, após a Primeira Guerra Mundial — vendiam tábuas de lavar roupa e tinas para tomar banho, havia uma tabuleta do lado de fora anunciando Frostie, uma bebida suave, uma outra tabuleta pregada nos lambris de madeira anunciava o fermento Fleischmann, uma outra anunciava as tintas Pittsburgh e, na frente, tinha até uma tabuleta dos "Arados Syracuse", pendurada ali desde o tempo em que o mercadinho também vendia equipamento agrícola. Russ Hamlin podia se lembrar, bem no início da sua infância, de uma oficina para consertar rodas de carroça que ficava no outro lado da estrada, ainda conseguia se lembrar de ter visto rodas de carroça roladas para baixo por uma rampa a fim de serem resfriadas no riacho; lembrava, também, quando havia uma destilaria nos fundos, uma das muitas destilarias da região que produziam a famosa sidra local e que só fecharam após a aprovação da Lei Volstead no Congresso. Bem visível, nos fundos do mercadinho, havia uma janela que

era a agência do correio — nada mais do que uma janela, e umas trinta daquelas caixas postais, com chave. O mercadinho Hamlin's, com a agência do correio lá dentro e, na frente, um quadro de avisos, o mastro da bandeira e a bomba de gasolina — foi ele que serviu à antiga comunidade de agricultores como local de reunião desde os dias de Warren Gamaliel Harding, quando Russ se tornou o dono. Do outro lado da rua, numa diagonal, ao lado do local onde antigamente havia ficado a oficina de rodas de carroça, ficava a escola de seis salas que viria a ser a primeira escola da filha dos Levov. As crianças sentavam na escada do mercadinho. A sua garota encontrava você lá. Um local de encontro, um local de cumprimentar as pessoas. O Sueco adorava. O velho e familiar *Newark News* que ele pegava tinha uma seção especial sobre a região, a segunda seção, chamada "Ao longo de Lackawanna". Até mesmo isso agradava o Sueco, não tanto passar os olhos pela seção, em casa, à cata de novidades locais de Morris, mas simplesmente levar o jornal para casa em suas mãos. A palavra "Lackawanna" lhe era, em si mesma, agradável. No balcão da frente, o Sueco pegava o jornal com o nome "Levov" rabiscado no alto com a letra de Mary Hamlin, pedia um litro de leite caso estivessem precisando, um pão, uma dúzia de ovos frescos da fazenda de Paul Hamlin, que ficava mais adiante na estrada, dizia "Obrigado, Russel" para o dono do mercadinho e depois saía e caminhava todo o trajeto de volta para casa, passando pelas cercas brancas dos pastos que adorava, os campos de feno ondulante que adorava, os milharais, os campos de tulipa, os celeiros, os cavalos, as vacas, os poços, os riachos, as fontes, as cachoeiras, os agriões, os juncos lustrosos, os prados, acres e acres de mata que adorava com todo o amor infantil pela natureza, típico de alguém que foi morar no campo há pouco tempo, até que chegava aos pés do bordo com um século de idade, que ele adorava, e à velha casa de pedra que amava — fingindo, enquanto seguia seu caminho, que espalhava sementes de macieira por toda parte.

Certa vez, de uma janela do andar de cima, Dawn viu o Sueco se aproximando da casa, vindo do pé do morro que ficava no seu terreno, no momento em que ele estava justamente fazendo isso, brandindo um braço para um lado, não como se estivesse lançando uma bola ou rebatendo com um bastão de beisebol, mas como se estivesse pegando punhados de sementes no saco da mercearia e jogando com toda a força na cara da terra histórica que agora pertencia tanto a ele quanto a William Orcutt.

— O que é que você estava treinando lá fora? — perguntou Dawn, rindo

para o Sueco, quando ele irrompeu no quarto com uma aparência linda como o diabo, depois de todo aquele exercício ao ar livre, grande, sensual, corado como o próprio Johnny Semente de Maçã, alguém para quem algo maravilhoso estava acontecendo. Quando as pessoas levantam suas taças e erguem um brinde para um jovem, quando lhe dizem: "Que você tenha saúde e felicidade!", a imagem que têm em mente — ou que deveriam ter em mente — é a imagem do espécime humano terrestre, a imagem perfeita da virilidade irrestrita que irrompeu exultante naquele quarto e encontrou ali sozinha uma pequenina fera deslumbrante, sua jovem esposa, despida de todas as restrições que cercam uma mulher solteira, e completamente, radiosamente dele.

— Seymour, o que você anda *fazendo* no mercadinho Hamlin's? Tomando aulas de balé?

Fácil, muito fácil, com aquelas suas grandes mãos protetoras, o Sueco levantou do chão, onde ela estava de pé, os quarenta e sete quilos da mulher descalça, na sua camisola de dormir e, usando toda a sua notável força, ele a trouxe no ar para perto de si e a abraçou como se os dois fossem se unir, se fundir em uma entidade única e indivisível, a maravilhosa e irrepreensível existência do marido e pai Seymour Levov, na estrada de Arcady Hill, em Old Rimrock, New Jersey, EUA. O que ele estivera fazendo lá fora no caminho — e que, como se aquilo fosse um esforço vergonhoso ou superficial, ele não tinha coragem de confessar francamente nem mesmo para Dawn — era fazer amor com a própria vida.

No que diz respeito à intensidade da intimidade física com sua jovem esposa, o Sueco era, na verdade, mais discreto. como, eles se mostravam bastante reservados perto de outras pessoas, e ninguém seria capaz de adivinhar o segredo da sua vida sexual. Antes de Dawn, ele jamais dormira com uma namorada — tinha ido para a cama com duas prostitutas quando estava na fuzilaria naval, mas isso na verdade não contava e, assim, só depois que se casaram eles foram descobrir como podiam ser ardentes. Ele tinha uma disposição tremenda, e uma força tremenda, e a pequenez de Dawn em contraste com a grandeza dele, a facilidade com que podia levantá-la nas mãos, o tamanho do corpo na cama ao lado do corpo da mulher, tudo isso parecia excitar bastante os dois. Dawn dizia que, quando ele dormia depois de fazer amor, ela se sentia como se estivesse dormindo com uma montanha. Às vezes, ela se emocionava ao pensar que estava dormindo ao lado de uma enorme rocha. Quando estava deitada embaixo

do Sueco, ele entrava e saía dela com muita força mas, ao mesmo tempo, mantendo-se a uma certa distância de Dawn, para que ela não fosse esmagada e, graças à sua disposição e à sua força, ele conseguia manter as coisas assim por um longo tempo sem se cansar. Com um braço, ele conseguia levantá-la e girar seu corpo sobre os joelhos, ou podia sentá-la no colo e mover-se com facilidade sob o peso dos seus quarenta e sete quilos. Durante vários meses, após o seu casamento, Dawn se punha a chorar depois de ter alcançado o orgasmo. Ela gozava e chorava, e o Sueco não sabia o que fazer.

— O que foi? — perguntava ele.

— Não sei.

— Machuquei você?

— Não. Eu não sei de onde vem isso. É quase como se o esperma, quando você dispara dentro do meu corpo, desencadeasse as lágrimas.

— Mas eu não machuco você.

— Não.

— Você gosta, Dawnie? Gosta de fazer isso?

— Adoro. Tem uma coisa nisso... vai até um lugar aonde nada mais consegue chegar. E é nesse lugar que estão as lágrimas. Você alcança uma parte de mim que nada mais consegue alcançar.

— Tudo bem. Contanto que eu não machuque você.

— Não, não. Só que é esquisito... é esquisito... é esquisito eu não estar sozinha — dizia Dawn. Ela só parou de chorar quando, pela primeira vez, o Sueco fez cunilíngua nela.

— Desse jeito você não chorou — disse ele.

— Foi tão diferente — respondeu Dawn.

— Como? Por quê?

— Acho... não sei. Acho que estou sozinha de novo.

— De outra vez, você não quer que eu faça mais assim?

— Ah, não é isso — ela riu. — De jeito nenhum.

— Tudo bem.

— Seymour... como foi que aprendeu a fazer isso? Já fez isso antes?

— Nunca.

— Então por que fez? Me explique.

Mas ele não podia explicar as coisas tão bem quanto ela e por isso nem tentou. Sentiu-se apenas subjugado pelo desejo de fazer algo mais, e assim levantou a bunda de Dawn com uma das mãos e ergueu o corpo dela na

altura da boca. Colou o rosto ali e foi em frente. Foi para onde ele nunca antes tinha ido. Em êxtase, cúmplices, ele e Dawn. O Sueco não tinha motivos para acreditar que ela jamais fizesse o mesmo por ele, é claro, mas então, num domingo de manhã, ela fez. Ficou sem saber o que pensar. Sua pequena Dawn pôs sua boquinha linda em volta do seu pau. Ele ficou estupefato. Os dois ficaram. Era um tabu para os dois. A partir de então, aquilo se repetiu por anos e anos. Nunca mais parou.

— Tem uma coisa tão comovente em você — Dawn lhe sussurrava — quando chega ao ponto em que não consegue mais se controlar.

Tão comovente para ela, dizia Dawn, esse mesmo homem recatado, bom, cordial, bem-educado, um homem sempre no pleno domínio da sua força, um homem que havia *subjugado* sua tremenda força e que não tinha em si nenhuma violência, quando ultrapassava o ponto além do qual não se podia mais voltar, o ponto além do qual ninguém mais se sente constrangido com coisa nenhuma, quando ele se achava para além do ponto em que era capaz de julgá-la ou pensar que ela, de alguma forma, fosse uma menina má por querer fazer aquilo tanto quanto ela queria aquilo mesmo da parte dele, quando *ele* só queria aquilo, aqueles últimos três ou quatro minutos que culminariam no formidável orgasmo...

— Isso me faz sentir tão profundamente feminina — ela lhe dizia —, me faz sentir extremamente poderosa... me faz sentir *as duas coisas*.

Quando Dawn saía da cama depois de terem feito amor e ela parecia loucamente desgrenhada, ruborizada e com o cabelo espalhado por todo lado, sua maquiagem dos olhos borrada e os lábios inchados, e ela ia para o banheiro para mijar, o Sueco a seguia, levantava-a do vaso depois que ela havia se limpado e olhava para os dois refletidos juntos no espelho do banheiro, e ela ficava tão admirada quanto ele, não só por ver como parecia linda, por ver como a trepada *permitia* que ficasse linda, mas como parecia *outra pessoa*. A face social tinha ido embora — ali estava Dawn! Mas tudo isso era um segredo para os outros, e tinha de ser. Especialmente para a filha. Às vezes, depois que Dawn tinha passado o dia inteiro ocupada com as vacas, ele puxava sua cadeira para perto dela depois do jantar e roçava os pés nos pés de Dawn, e Merry fechava a cara e dizia:

— Ah, pai, isso é nojento.

Mas essa era a única coisa autenticamente denunciadora que jamais faziam diante da filha. Afora isso, só havia as tradicionais demonstrações de afeto doméstico que as crianças esperam dos pais, e das quais sentiriam

falta se não ocorressem. A vida que levavam juntos por trás da porta do seu quarto era um segredo sobre o qual a filha não sabia mais do que qualquer outra pessoa. E assim continuou, durante anos e anos; nunca parou, até que a bomba explodiu e Dawn teve de ir para o hospital. Foi depois que ela saiu de lá que começou a parar.

Orcutt se casara com a neta de um dos advogados sócios do avô, na Orcutt, Findley, a firma de Morristown na qual se esperava que ele fosse trabalhar. Após se formar em Princeton, no entanto, Bill recusou a proposta de cursar a Faculdade de Direito de Harvard — o estudo de direito em Princeton e em Harvard constituía, havia mais de cem anos, a educação de um jovem Orcutt — e rompendo as tradições do mundo para o qual nascera, mudou-se para um estúdio na parte mais modesta de Manhattan a fim de se tornar um pintor abstrato e um novo homem. Só após três anos deprimentes pintando fervorosamente atrás das janelas sujas acima do tráfego dos caminhões na rua Hudson, ele se casou com Jessie e voltou para Jersey a fim de começar os estudos de arquitetura em Princeton. Nunca abandonou inteiramente seu sonho de uma vocação artística, e embora sua atividade de arquiteto — quase toda voltada para a restauração de casas dos séculos XVIII e XIX nos endinheirados arrabaldes do município de Morris e, desde os municípios de Somerset e Hunterdon até o município de Bucks, na Pennsylvania, voltada para a transformação de velhos celeiros em elegantes residências rústicas — o mantivesse ocupado e feliz, a cada três ou quatro anos havia uma exposição de suas pinturas em uma loja de molduras em Morristown, à qual os Levov, sempre lisonjeados por terem sido convidados para o vernissage, compareciam fielmente.

Não havia ocasião social em que o Sueco se sentisse tão desconfortável quanto se sentia ali, de pé, diante dos quadros de Orcutt que, segundo o folheto distribuído na entrada, seriam influenciados pela caligrafia chinesa mas, para ele, não se pareciam com coisa alguma na verdade, nem mesmo com a caligrafia chinesa. Desde o início, Dawn achou as pinturas "provocadoras de pensamento" — para ela, os quadros revelavam um aspecto bastante insuspeitado de Bill Orcutt, uma sensibilidade da qual Dawn jamais vislumbrara antes sequer o mais leve vestígio — mas o pensamento que a exposição mais provocava no Sueco era o de quanto tempo ele deveria continuar fingindo que olhava uma das telas antes de ir adiante e fingir que estava agora olhando para a tela seguinte. A única inclinação verdadeira que tinha era de se curvar para a frente e ler os títulos

das pinturas colados na parede abaixo de cada um dos quadros, achando que aquilo poderia ajudar, mas depois de ler — e apesar de Dawn pedir que não lesse, puxando o Sueco para trás pelo paletó e cochichando: "Deixe isso para lá, olhe só para as *pinceladas*" — ele ficava ainda mais desanimado do que quando olhava de fato para as pinceladas. *Composição número 16*, *Pintura número 6*, *Meditação número 11*, *Sem título número 12*... e o que estava ali nas telas senão um punhado de compridos borrões cinzentos, muito desbotados, atravessando um fundo branco, dando a impressão de que Orcutt quisera, não pintar o quadro, mas sim apagá-lo? Consultar a descrição da exposição no folheto, redigido e assinado pelo jovem casal proprietário da loja de molduras, também não ajudava. "A caligrafia de Orcutt é tão intensa que as formas se dissolvem. Assim, no resplendor da própria energia, o movimento do pincel dissolve a si mesmo..." Por que diabos um homem como Orcutt, nem de longe um estranho ao mundo natural e ao grande drama histórico deste país — e além do mais um tremendo tenista —, por que diabos um sujeito assim ia querer pintar o nada? Uma vez que o Sueco era obrigado a supor que o cara não era um palerma — afinal, por que uma pessoa tão bem-educada e autoconfiante quanto Orcutt ia devotar todo o seu esforço em bancar o palerma? —, ele podia, por enquanto, atribuir sua confusão à própria ignorância a respeito de arte. De forma intermitente, ele continuaria pensando: "Tem alguma coisa errada nesse sujeito. Existe aqui alguma insatisfação enorme. Esse Orcutt não tem aquilo que deseja". Mas aí o Sueco lia algo como aquilo que estava no folheto da exposição e se dava conta de que, na verdade, ele não sabia do que estava falando. "Duas décadas após os anos de Greenwich Village, a ambição de Orcutt persiste indômita: criar", concluía o folheto, "uma expressão pessoal de temas universais que incluem os dilemas morais permanentes que definem a condição humana."

Nunca passou pela cabeça do Sueco, ao ler o folheto, que se podia dizer qualquer coisa sobre as pinturas justamente porque elas *eram* tão ocas que a gente tinha de afirmar que eram pinturas de tudo *porque* eram pinturas de nada — que todas aquelas palavras eram apenas uma outra maneira de dizer que Orcutt não tinha talento e, por mais que ele se esforçasse, nunca conseguiria espremer para fora de si mesmo uma prerrogativa artística nem, a bem da verdade, qualquer outra exceto aquelas prerrogativas cujas definições rígidas foram amarradas em torno dele junto com as fraldas, desde o nascimento. Não passou pela cabeça do Sueco que ele estivesse

com a razão, que aquele sujeito que parecia tão bem ajustado ao seu papel, tão perfeitamente afinado ao lugar em que morava e às pessoas à sua volta, pudesse estar, de forma inadvertida, divulgando que estar *fora* de sintonia era, na verdade, um segredo e um desejo de longa data, o qual ele não tinha a menor idéia de como realizar, senão se empenhando de uma forma bizarra para pintar quadros que pareciam não parecer nada. Aparentemente, o melhor que ele podia fazer com sua ânsia de ser diferente era aquela confusão. Um caso triste. Seja como for, não importava o quanto era triste, não importava o que o Sueco perguntava ou não, entendia ou não, sabia ou não acerca do pintor, de um jeito ou de outro uma daquelas pinturas caligráficas expressando os temas universais que definem a condição humana acabou indo parar na parede da sala dos Levov, um mês depois de Dawn voltar de Genebra com o seu rosto novo. E foi então que as coisas ficaram um pouco tristes para o Sueco.

Era um monte de riscos marrons, e não cinzentos, que Orcutt tentara apagar do quadro *Meditação número 27*, e o fundo era mais púrpura do que branco. As cores escuras, segundo Dawn, assinalavam uma revolução nos meios formais do pintor. Foi isso que ela lhe disse, e o Sueco, sem saber direito o que responder e sem nenhum interesse no que poderia significar a expressão "meios formais", pontificou um mal-ajambrado "interessante". Quando o Sueco era criança, não havia nenhuma obra de arte pendurada nas paredes de sua casa, muito menos "arte moderna" — não existira arte na sua casa, assim como na casa de Dawn. Os Dwyer tinham quadros religiosos, o que podia ter colaborado para que ela, de uma hora para outra, se tornasse uma entendida em "meios formais": um constrangimento secreto a respeito de ter crescido onde, ao lado das fotos emolduradas de Dawn e do irmãozinho dela, os únicos quadros eram imagens da Virgem Maria e do Sagrado Coração de Jesus. Essas pessoas distintas têm arte moderna na parede, *nós* vamos ter arte moderna na parede. Meios formais na parede. Por mais que Dawn pudesse negá-lo, não estava acontecendo ali alguma coisa desse tipo? *Inveja* irlandesa?

Ela comprara o quadro ainda no estúdio de Orcutt exatamente pela metade do que havia custado o touro Conde, quando ainda era um bezerrinho. O Sueco disse a si mesmo: "Esqueça a grana. Assine logo esse cheque. Não se pode comparar um touro com um quadro". E desse modo conseguiu controlar sua frustração quando viu *Meditação número 27* pendurado no mesmo lugar onde antes estivera o retrato de Merry que ele

adorava, uma imagem esmeradamente perfeita, apesar do exagerado tom cor-de-rosa, da criança radiante, com mechas de cabelo louro na testa, que Merry tinha sido aos seis anos de idade. Fora pintado a óleo para eles por um velho e simpático senhor lá em New Hope, que usava um guarda-pó e uma boina no estúdio — ele se deu ao trabalho de lhes servir sangria e contar como fora o seu aprendizado, copiando pinturas do Louvre — e que viera à casa deles seis vezes para que Merry se sentasse à sua frente, ao piano, e cobrou apenas dois mil dólares pelo quadro *com* a moldura dourada. Mas, conforme o Sueco foi informado, uma vez que Orcutt não pediu os trinta por cento adicionais que teria cobrado caso comprassem o *Número 27* na loja de molduras, os cinco mil eram até uma pechincha.

O comentário do seu pai quando viu o novo quadro foi:

— Quanto o cara cobrou de você por isso? — Com relutância, Dawn respondeu:

— Cinco mil dólares.

— É muita coisa só por uma primeira demão. Ia ser um quadro de quê?

— *Ia ser*? — retrucou Dawn, chocada.

— Bom, não está terminado... Espero que não... Está?

— Não estar "terminado" — explicou Dawn — é justamente a intenção do quadro, Lou.

— Ah, é? — E ele olhou mais uma vez. — Bem, se o cara em algum momento tiver a intenção de terminar, eu posso dizer a ele como fazer.

— Pai — interrompeu o Sueco, a fim de evitar mais críticas. — Dawn comprou o quadro porque gostou — e embora também ele pudesse dizer ao cara como fazer para terminar a pintura (na certa com palavras semelhantes às que o seu pai tinha em mente), o Sueco estava perfeitamente disposto a pendurar qualquer coisa que Dawn comprasse de Orcutt *só porque ela havia comprado e pronto*. Inveja irlandesa ou não, a pintura representava mais um sinal de que o desejo de viver tinha se tornado mais forte em Dawn do que o desejo de morrer que a levara por duas vezes à clínica psiquiátrica.

— Muito bem, o quadro é uma bobagem — disse o Sueco mais tarde ao pai. — A questão é que *ela quis o quadro*. O importante é que *ela quis alguma coisa outra vez*. Por favor — advertiu, sentindo-se (estranhamente, levando em conta a insignificância da provocação) à beira da fúria —, chega de falar desse quadro.

E Lou Levov, por ser Lou Levov, na vez seguinte que visitou Old Rimrock,

a primeira coisa que fez foi se aproximar da pintura e dizer em voz bem alta:

— Sabe de uma coisa? Estou gostando disso aqui. Estou ficando acostumado com ele, e até gosto. Olhe só — disse para a sua esposa. — Olhe como o cara não terminou o quadro. Está vendo isso aqui? Esse borrãozinho? O cara fez de propósito. Isto é arte.

Na traseira da caminhonete de Orcutt estava sua grande maquete em papelão da nova casa dos Levov, pronta para ser exposta aos convidados após o jantar. Esboços e cópias heliográficas vinham se empilhando no escritório de Dawn havia várias semanas, entre eles um diagrama preparado por Orcutt, demonstrando o ângulo em que a luz do sol entraria pelas janelas no primeiro dia de cada mês do ano.

— Uma inundação de luz — disse Dawn. — Luz! — exclamou ela. — Luz! — E, se não da forma direta e brutal capaz de pôr realmente à prova o limite da sua compreensão a respeito do sofrimento dela e da panacéia que havia imaginado, ao menos de forma implícita ela estava mais uma vez amaldiçoando a casa de pedra que o Sueco amava e, também, os velhos bordos que ele amava, as árvores gigantes que faziam sombra sobre a casa, protegendo-a do calor do verão e que, no outono, de uma forma cerimoniosa, sempre revestiam o gramado com uma grinalda dourada, em cujo coração ele havia pendurado o balanço de Merry, muito tempo atrás.

O Sueco não se cansava de admirar aquelas árvores nos seus primeiros anos em Old Rimrock. *Sou o dono dessas árvores*. Era mais espantoso para ele possuir árvores do que ser o proprietário de fábricas, era mais espantoso possuir árvores do que o fato de um menino saído do campo de beisebol da avenida Chancelor e das ruas nada bucólicas de Weequahic viesse a ser o proprietário dessa antiga e imponente casa de pedra, nas montanhas onde Washington por duas vezes instalou seu acampamento de inverno durante a Guerra Revolucionária. Era *intrigante* possuir árvores — elas não constituíam uma propriedade do mesmo jeito que uma empresa, ou mesmo uma casa. No máximo, eram um bem deixado em custódia. Em custódia. Sim, para toda a posteridade, a começar por Merry e os filhos *dela*.

Como proteção contra as tempestades de neve e as ventanias, o Sueco instalou cabos de aço em cada um dos bordos, quatro formando mais ou menos um paralelograma contra o céu, onde os galhos pesados se abriam dramaticamente a uns quinze metros de altura. Os pára-raios que serpenteavam pelo tronco até o ponto mais elevado de cada árvore eram

inspecionados uma vez por ano, só por uma questão de segurança. Duas vezes por ano, as árvores eram borrifadas contra insetos, a cada três anos recebiam fertilizantes e, regularmente, um arboricultor vinha podar os ramos mortos e verificar a saúde geral do parque privado no terreno da sua casa. As árvores de Merry. As árvores da família de Merry.

No outono — como sempre planejara — o Sueco fazia questão de chegar em casa antes do pôr-do-sol, e ela estaria lá — exatamente como planejara — se balançando bem alto sobre as folhas secas caídas em torno do bordo perto da porta da frente, a maior árvore que eles tinham, na qual ele desde o início pendurara aquele balanço para a filha, quando tinha só dois anos de idade. Merry se balançava bem alto, quase mergulhava nas folhas dos galhos que se abriam logo acima do vidro da janela do quarto deles... e, embora para o Sueco esses momentos preciosos no final de cada dia simbolizassem a realização de suas esperanças mais caras, para Merry não significavam coisa alguma. Ela não amara as árvores mais do que Dawn amara a casa. *Ela* estava preocupada era com a Argélia. *Ela* adorava a Argélia. A menina daquele balanço, a menina daquela árvore. A menina daquela árvore, que agora estava no chão daquele quarto.

Os Orcutt tinham chegado cedo, assim Bill e Dawn tiveram tempo para conversar sobre a passagem que ligaria a casa de um só andar com a garagem de dois andares. Orcutt estivera em Nova York por alguns dias e Dawn andava impaciente para tratar logo desse assunto, o seu último problema, resolvido após semanas de muito pensar e repensar a maneira de criar uma relação harmoniosa entre dois prédios tão diferentes. Embora a garagem fosse concebida mais ou menos como um celeiro, Dawn não queria que ficasse perto demais, toldando a sofisticação da casa, mas ela temia que uma passagem com sete metros e meio de comprimento, segundo a sugestão de Orcutt, pudesse dar a impressão de um motel. Ruminavam o problema juntos quase todos os dias, não só no tocante às dimensões mas também, agora, tentando resolver se o efeito não seria antes o de uma estufa que o da simples passagem que a princípio haviam planejado. Sempre que Dawn achava que Orcutt estava tentando lhe impor, ainda que da maneira mais gentil, uma solução que tinha mais a ver com a estética arquitetônica ultrapassada à qual ele tendia, do que com a rígida modernidade que Dawn tinha em mente para sua nova casa, ela podia se mostrar bastante irritada, e chegava mesmo a se perguntar, nessas poucas ocasiões em que ficava completamente irada com Orcutt, se não fora um

erro procurar uma pessoa que, conquanto gozasse de largo prestígio junto aos construtores locais — garantindo-lhe, assim, uma ótima clientela no ramo imobiliário — e uma excelente reputação profissional, era "essencialmente um restaurador de prédios antigos". Anos se passaram desde quando ela se sentira intimidada pelo esnobismo que, recém-chegada de Elizabeth e da casa dos pais (e dos quadros na parede e da estátua no corredor), ela julgara ser ele mais ou menos toda a história de Orcutt. Agora as credenciais de Orcutt como descendente de uma família tradicional da região constituíam justamente o alvo dos comentários mais ferinos de Dawn, quando os dois se desentendiam. O desdém azedo desaparecia, porém, quando Orcutt voltava, em geral depois de vinte e quatro horas, tendo atinado — segundo as palavras de Dawn — "com um projeto absolutamente elegante", seja no que se referia à localização da secadora de roupas, ou da clarabóia do banheiro ou da escada para o quarto de hóspedes acima da garagem.

Orcutt trouxera consigo, junto com a grande maquete um por dezesseis que estava na traseira da caminhonete, amostras do novo plástico transparente que ele queria sugerir a Dawn para as paredes e o telhado da passagem entre a casa e a garagem. Ele fora até a cozinha a fim de apresentar as amostras do plástico para Dawn. E ali os dois ficaram, o arquiteto talentoso e a cliente minuciosa, discutindo tudo mais uma vez — enquanto Dawn lavava a alface, cortava os tomates, descascava duas dúzias de espigas de milho que os Orcutt haviam trazido do quintal em um saco —, os prós e os contras de uma passagem transparente em lugar do abrigo de tábuas corridas que Orcutt propusera, a princípio, a fim de se integrar com o aspecto exterior da garagem. E enquanto isso, na varanda dos fundos que dava para o morro onde, em outros tempos, em uma noite como essa, se podia ver a silhueta do gado de Dawn contra o resplendor do pôr-do-sol do final do verão, o Sueco preparava o carvão para o churrasco. Fazendo-lhe companhia, estava o seu pai e Jessie Orcutt, que nessa época raramente era vista acompanhando Bill em ocasiões sociais, mas que, segundo Dawn, estava atravessando aquilo que fora descrito, de forma enfastiada — por Orcutt, quando telefonou a fim de perguntar se eles não se importariam se sua mulher fosse com ele para o jantar — "a calma que prenuncia o surto de loucura".

Os Orcutt tinham três filhos e duas filhas, todos já crescidos, morando e trabalhando em Nova York, cinco filhos para quem Jessie, ao que tudo

indicava, tinha sido uma mãe dedicada. Foi depois que eles saíram de casa que Jessie começou a beber mais, a princípio só para levantar o ânimo, depois, para abafar sua infelicidade e, no final, só por beber mesmo. No entanto, quando os dois casais se encontraram pela primeira vez, foi a *saúde* de Jessie que chamou a atenção do Sueco: tão fresca, tão afeiçoada à vida ao ar livre, tão alegremente afinada com a vida, nem um pouco falsa ou insípida... ou assim ela pareceu aos olhos do Sueco, se não aos olhos da sua esposa.

Jessie era uma herdeira da Filadélfia que na juventude cursara a escola para moças, que sempre durante o dia, e às vezes também à noite, vestia culotes respingados de lama e que, em geral, trazia o cabelo preso em tranças elegantes e fibrosas. Com aquelas tranças e o rosto puro, redondo, imaculado — atrás do qual, dizia Dawn, se a gente desse uma espiada, ia encontrar não um cérebro mas uma maçã McIntosh —, ela poderia passar perfeitamente por uma jovem criada em uma fazenda no interior de Minnesota, já com quase cinqüenta anos, a não ser naqueles dias em que o seu cabelo estava despenteado e Jessie tanto podia parecer um rapaz quanto uma moça. O Sueco jamais teria imaginado que nos atributos mentais de Jessie havia alguma deficiência capaz de impedir que ela ingressasse na velhice como a mãe louvável e a esposa ativa que fazia uma festa para os filhos de qualquer um que tivessem recolhido as folhas secas do seu terreno com um ancinho, e cujos piqueniques do dia 4 de julho, realizados no gramado da antiga fazenda dos Orcutt, eram uma tradição preciosa entre os seus amigos e vizinhos. Sua personalidade impressionou o Sueco, naquela época, como uma mistura na qual a gente encontrava tudo o que havia de *venenoso* para o desespero e o horror. No cerne de Jessie, ele podia imaginar um núcleo de confiança trançado com nós tão justos e tão exatos quanto as tranças do seu cabelo.

Entretanto a vida de Jessie também estava nitidamente cindida em duas. Agora, o cabelo era um gânglio de cânhamo cinza-ferro, sempre precisando ser escovado, e Jessie era uma velha definhada, aos cinqüenta e quatro anos, uma bêbada subnutrida, escondendo o inchaço de uma barriga de bêbado embaixo de vestidos amorfos feito sacos de pano. A única coisa que ela arranjava para conversar com os outros — nas ocasiões em que conseguia sair de casa e ir ao encontro das pessoas — era a "alegria" que desfrutara antes de ter tomado uma única bebida, antes de ter um marido, um filho, ou um único pensamento na cabeça, antes de sentir-se animada

(como sem dúvida parecera aos olhos do Sueco) pela esplêndida satisfação de ser uma pessoa digna de confiança.

Que as pessoas fossem criaturas polimorfas, não chegava a representar uma surpresa para o Sueco, embora seja sempre um pequeno choque se dar conta disso mais uma vez, quando uma pessoa nos decepciona. O que o estava deixando espantado era como as pessoas pareciam correr para longe de si mesmas, correr para longe da matéria mesma, qualquer que fosse ela, que fizera dessas pessoas aquilo que eram e, assim drenadas de si mesmas, elas se transformavam no tipo de gente de quem, em outros tempos, elas mesmas teriam sentido pena. Era como se, enquanto sua vida estava transcorrendo rica e plena, elas estivessem secretamente fartas de si mesmas e mal pudessem esperar a hora de desembaraçar-se da sanidade, da saúde e de todo o senso de proporção, a fim de poder descer até aquele outro eu, o eu *verdadeiro*, que era sempre um ser imprestável e completamente desiludido. Era como se estar em harmonia com a vida constituísse um acidente que às vezes podia sobrevir a um jovem felizardo mas, por outro lado, era algo com que os seres humanos não tinham qualquer afinidade autêntica. Que estranho. E como o Sueco pareceu estranho a si mesmo ao se ver pensando que ele, que sempre se sentira um felizardo por estar entre as incontáveis pessoas normais e sem conflitos, pudesse na verdade ser a anormalidade, um estranho para a vida real *justamente* por ser tão solidamente enraizado.

— Tínhamos uma casa perto de Paoli — Jessie estava dizendo ao pai dele. — Sempre criamos animais. Quando eu tinha sete anos, aconteceu a coisa mais maravilhosa do mundo. Alguém me deu um pônei e uma charrete. E aí então ninguém me segurava. Eu adorava cavalos. Montei a vida inteira. Participava de rodeios e caçadas. Lá no colégio, na Virginia, tomei parte de uma trilha. Quando fui para o colégio na Virginia, eu era o chicotinho.

— Espere um instante — interrompeu o senhor Levov. — Puxa. Não sei o que é uma trilha e um chicotinho. Vá devagar, senhora Orcutt. Eu não passo de um pobre sujeito de Newark.

Ela franziu os lábios — quando ele a chamou de "senhora Orcutt" — aparentemente por Lou Levov ter se dirigido a ela como se ele fosse socialmente inferior, o que, o Sueco sabia, era em parte, de fato, o motivo pelo qual seu pai a *havia* chamado de "senhora Orcutt". Mas Jessie era a "senhora Orcutt" para Lou Levov também por causa do desdém presunçoso

que sentia em relação à bebida no copo dela, o seu terceiro uísque com água em menos de uma hora, e em relação ao seu cigarro, o quarto, ardendo entre os dedos da mão trêmula. Lou estava assombrado com a falta de controle da mulher, assim como ficava assombrado com a falta de controle de *qualquer pessoa*, mas em especial com a falta de controle de um gói que bebia. Beber era o demônio que espreitava os góis: "Figurões góis", dizia seu pai, "Presidentes de empresas, e são que nem os índios com a água de fogo".

— Jessie — disse ela. — Me chame de Jessie, por favor — seu sorriso penosamente artificial dissimulando, segundo a avaliação do Sueco, cerca de dez por cento da angústia que ela agora experimentava por ter resolvido não ficar em casa sozinha com seus cães, sua tevê e o seu próprio uísque J&B, e, em um ridículo surto de esperança, optando por sair de casa como faz uma esposa em companhia do marido. Em casa, tinha um telefone pertinho do uísque; ela podia soltar o copo, pegar o telefone e discar, e mesmo que não estivesse inteiramente vestida, podia dizer às pessoas conhecidas, sem ter de encarar o terror de olhar para elas de frente, o quanto gostava delas. Podiam passar meses sem que Jessie telefonasse uma única vez, e aí, de repente, ela ligava três vezes, depois que eles já estavam deitados para dormir.

— Seymour, estou ligando para dizer que gosto muito de você.

— Ora, Jessie, obrigado. Também gosto de você.

— Gosta mesmo?

— Claro. Você sabe disso.

— Sim, gosto de você, Seymour. Sempre gostei de você. Sabia que eu gostava?

— Sabia, sim.

— Sempre admirei você. E o Bill também. Sempre admiramos e gostamos de você. Gostamos de Dawn também.

— Bem, nós também gostamos de você, Jessie.

Na noite após a explosão da bomba, por volta da meia-noite, depois que a foto de Merry já tinha aparecido na televisão e todo o mundo na América sabia que no dia anterior ela havia dito para alguém na escola que Old Rimrock ia ter uma grande surpresa, Jessie tentou percorrer a pé os cinco quilômetros até a casa deles para visitar os Levov mas, no meio da estrada de terra, sozinha no escuro, torceu o tornozelo e, duas horas depois, ainda caída ali, quase foi atropelada por uma caminhonete.

— Tudo bem, minha amiga Jessie, me dê uma luz. O que é uma trilha e um chicotinho?

Não se podia dizer que o pai do Sueco não tentasse se dar bem com as pessoas, apesar de todos os motivos para não fazê-lo. Se ela era uma convidada de seus filhos, então era sua amiga, a despeito de quanto ela pudesse ser repulsiva devido aos cigarros, ao uísque, ao cabelo maltratado, aos sapatos gastos, à tenda de estopa que ocultava o corpo estropiado — devido a todos os privilégios que ela esbanjara e à vergonha em que ela transformara a própria vida.

— Uma trilha é uma caçada, e não a uma raposa. A gente segue uma linha que foi deixada por um homem a cavalo, que partiu na nossa frente... ele leva um saco que vai soltando um cheiro, um rastro. É para criar o *efeito* de uma caçada. Os cães de caça seguem a pista. Existem cercas enormes e elas desenham uma espécie de pista. É muito divertido. A gente vai muito depressa. Umas cercas de sebe espessas, enormes mesmo. Dois metros e meio, três metros de largura, com traves em cima. Muito emocionante. Lá, eles praticam muito corrida de obstáculos e tem um monte de excelentes cavaleiros, então todo o mundo sai cavalgando e corre o mais que pode para todos os lados e é tudo muito divertido.

Para o Sueco, tanto a perplexidade de Jessie com a própria condição — uma mulher um pouco embriagada, em uma festa, tagarelando de forma incontrolável — quanto o cordial interrogatório do pai, do tipo sou-só-um-velho-burro, pareciam estar arrastando Jessie para uma forma desastrosa de falar, cada palavra mastigada estimulando sem êxito a boca a tentar produzir uma outra palavra, que ressoasse clara como um sino. Clara como o "Papai!" que repicou com perfeição por trás do véu da sua filha, a jainista.

Ele sabia o que o pai estava pensando sem sequer se dar ao trabalho de erguer os olhos dali onde estava, usando as grandes pinças a fim de fazer uma pirâmide com as brasas mais vermelhas. Diversão, seu pai estaria pensando, o que eles vêem *nisso* de divertido? Que raio de diversão é essa? O que há nisso de tão *divertido*? Seu pai estaria se perguntando, como fazia desde que seu filho comprara a casa e os cem acres a sessenta e quatro quilômetros a oeste da avenida Keer: por que meu filho quer viver com essa gente? Nem vamos falar da bebida. Sóbrios, são ruins do mesmo jeito. Eles me deixam morto de tédio em dois minutos.

Dawn tinha um litígio aberto em relação a eles, e seu pai tinha outro.

— Em todo caso — Jessie estava dizendo, enquanto tentava, com a mão

que segurava o cigarro, trazer à tona algum tipo de conclusão — foi por isso que fui para a escola com o meu cavalo.

— Você foi para a escola com um cavalo?

De novo, ela franziu os lábios com impaciência, na certa porque Lou Levov, que julgava estar ajudando Jessie com suas perguntas, a estava impelindo ainda mais depressa do que o costume para a crise que estava a caminho.

— Sim. Nós dois pegamos o trem ao mesmo tempo — ela explicou. — Não foi mesmo muita *sorte* a minha? — perguntou ela e, para surpresa dos dois Levov, pai e filho, como se ela não estivesse de maneira nenhuma em sérios apuros, como se aquilo fosse apenas uma ilusão risível que pessoas sóbrias, abjetamente presunçosas, insistiam em ter acerca dos bêbados, ela tocou com ar coquete o lado da cabeça de Lou Levov.

— Desculpe, mas não compreendo como você pegou o trem com o cavalo. Qual o tamanho desse cavalo?

— Naquele tempo, os cavalos viajavam em vagões de cavalo.

— Ah, bem — exclamou o senhor Levov, como se o seu permanente espanto com as diversões dos gentios tivesse, enfim, sido aplacado. Ele tirou a mão de Jessie do lugar onde estava, no seu cabelo, e apertou-a com firmeza entre as suas, como se quisesse transmitir para dentro de Jessie tudo o que ele sabia a respeito do sentido da vida e que ela parecia ter esquecido. Enquanto isso, sob o ímpeto daquela força que, por não conseguir apreender direito a situação, a arrastaria para a humilhação antes que a noite tivesse terminado, Jessie seguia em frente, aos trancos e barrancos.

— Eles todos estavam partindo para o torneio de pólo e estavam todos indo para o sul no trem de inverno. O trem parava na Filadélfia. Assim, coloquei o meu cavalo junto com os deles. Coloquei meu cavalo em um vagão que ficava dois vagões atrás do que eu ia viajar, metida em um beliche, acenei com a mão para me despedir da família e foi ótimo.

— Que idade você tinha?

— Treze anos. Não tive nenhuma saudade de casa, e foi tudo apenas uma grande, grande, grande — e aqui ela começou a chorar — diversão.

Treze anos, o pai do Sueco estaria pensando, uma *pisherke*, e acenou com a mão para se despedir da família? Qual era o problema? Qual era o problema deles? Por que diabos você estava se despedindo da sua família com treze anos de idade? Não admira que agora seja uma *shicker*.

Mas o que ele disse foi:

— Tudo bem, pode chorar, não tem importância. Por que não? Você está entre amigos.

Por mais que aquele papel lhe parecesse desagradável, tinha de ser cumprido, e assim ele tirou o copo da mão de Jessie, livrou-a do cigarro recém-aceso, seguro na outra mão, e abraçou-a, o que talvez fosse tudo o que ela vinha desejando desde o início.

— Eu percebo quando tenho de ser um pai outra vez — disse ele a Jessie, com voz macia, e ela não conseguia falar nada, só conseguia chorar e deixar-se embalar nos braços de Lou Levov, a quem, na única vez em que o vira anteriormente, certa ocasião uns quinze anos antes, em que tinham ido fazer um piquenique no gramado da casa de Orcutt para comemorar o dia 4 de julho, ela tentara interessar pela prática do tiro ao prato, mais uma dessas diversões que desafiavam a compreensão judaica de Lou Levov. Puxar um gatilho e disparar balas em pratos no ar, para se "divertir". Eles são uns *meshugeh*.

Foi nesse dia que, no caminho de volta para casa, eles passaram por uma placa feita à mão na estrada, perto da igreja congregacional, que dizia "barracas à venda" e Merry, com o seu jeito insistente, implorou para o Sueco parar e comprar uma para ela.

Se Jessie podia chorar no ombro do pai do Sueco por ter acenado com a mão para se despedir da família quando tinha treze anos de idade, por ter embarcado em um trem sozinha com treze anos sem outra companhia senão um cavalo, por que essa recordação do Sueco — "Papai, *pare*, estão vendendo b-b-b-b-barracas!" — não o levaria também à beira das lágrimas, ao lembrar sua filha, a jainista, quando tinha seis anos de idade?

Imaginando que Orcutt devia saber o que se passava com Jessie e precisando de tempo para recompor a si mesmo, sentindo de repente o peso bruto da situação que ele vinha tão arduamente tentando suprimir do pensamento, pelo menos até que os convidados tivessem ido embora — a situação em que se achava como pai de uma filha que matara não apenas uma pessoa mais ou menos por acidente, mas que, em nome da verdade e da justiça, matara mais três ao acaso, uma filha que, havendo repudiado tudo o que aprendera dele e da mãe, agora passara a rechaçar também quase tudo o que constituía a existência civilizada, começando pela higiene e terminando pela razão —, o Sueco deixou que seu pai cuidasse temporariamente sozinho de Jessie e deu a volta, passando pelos fundos da

casa, até a porta de trás da cozinha, a fim de chamar Orcutt. Através do vidro da porta, ele pôde ver uma pilha de papéis sobre a mesa, uma nova fornada dos desenhos de Orcutt, provavelmente a tal passagem encrencada para a garagem, e depois, perto da pia, viu o próprio Orcutt.

Orcutt vestia suas calças de linho, cor de framboesa e, solta por fora das calças, uma camisa havaiana folgada, decorada com coloridos motivos de flora tropical, mais bem descritos por meio de uma palavra da predileção de Sylvia Levov, usada para designar tudo o que lhe parecia desagradável em termos de vestuário: "berrantes". Dawn sustentava que essa indumentária era apenas uma parte daquela fachada superconfiante de Orcutt, pela qual, na condição de uma jovem recém-chegada a Old Rimrock, ela, tempos atrás, se sentira tão ridiculamente intimidada. Segundo a interpretação de Dawn — que, exposta por ela ao Sueco, deixou-o surpreso por não deixar de perceber ali ainda um vestígio do velho ressentimento —, o recado transmitido pelas velhas camisas havaianas de veraneio era simplesmente o seguinte: sou William Orcutt III e posso vestir o que as outras pessoas daqui não se atrevem a vestir.

— Quanto mais importante a pessoa pensa que é na alta sociedade do município de Morris — disse Dawn — tanto mais espalhafatosa ela acha que pode se mostrar. A camisa havaiana — explicou, abrindo o seu sorriso debochado — é uma forma de extremismo branco-protestante-anglo-saxão, uma fantasia de bufão para eles. Foi isso que aprendi morando aqui... Mesmo William Orcutt, o Terceiro, tem seus pequenos e pálidos momentos de exuberância.

Ainda no ano anterior, o pai do Sueco fizera um comentário semelhante:

— Percebi uma coisa que acontece no verão com esses góis ricos. Esquenta e essa gente correta, reservada, logo começa a vestir as roupas mais esquisitas. — O Sueco riu.

— É uma forma de privilégio — disse ele, repetindo a interpretação de Dawn.

— Ah, é? — perguntou Lou Levov, rindo junto com o filho. — Pode ser — concluiu. — Mesmo assim, tenho de reconhecer uma coisa nesse gói: é preciso ter coragem para vestir essas calças e essas camisas.

Com certeza, ao ver Orcutt vestido daquele jeito lá na aldeia, um cara forte, grande e de aparência sólida, uma pessoa não imaginaria — se essa pessoa fosse o Sueco — que suas pinturas tinham, como traço distintivo, aquela aparência de coisa rasurada. Uma pessoa tão pouco sofisticada no

que se refere à arte abstrata quanto era o Sueco, segundo a opinião de Dawn, poderia facilmente imaginar que o cara que circulava em toda parte com aquelas camisas devia fazer quadros iguais à famosa pintura que mostra Firpo esmurrando Dempsey para fora do ringue de boxe no segundo assalto no antigo estádio de Polo Grounds. Mas obviamente a criação artística não era apreendida de nenhuma maneira ou por nenhuma das razões que o Sueco era capaz de conceber. Segundo sua interpreta-ção, toda a efervescência do sujeito parecia dirigida para vestir aquelas camisas — toda a sua vivacidade, seu atrevimento, sua coragem e talvez, também, sua frustração e seu desespero.

Bem, talvez nem *tudo*, como descobriu quando ficou ali de pé, no grande degrau de granito, espiando para dentro da cozinha através do vidro da porta. O motivo por que ele simplesmente não abriu a porta e entrou direto na cozinha da sua casa para dizer que Jessie estava precisando muito do marido foi a maneira pela qual Orcutt se debruçava sobre Dawn, enquanto ela se inclinava para trás sobre a pia, descascando o milho. No primeiro momento, pareceu ao Sueco que — apesar de Dawn não precisar de nenhuma instrução desse tipo — Orcutt queria mostrar a ela *como* descascar o milho, debruçando-se sobre ela por trás e, com as mãos segurando as mãos dela, ajudando-a a pegar o jeito certo de tirar a palha da espiga. Mas se ele estava apenas ajudando Dawn a aprender a descascar o milho, por que, por baixo da florida vastidão da camisa havaiana, seu quadril e sua bunda se sacudiam daquele jeito? Por que a bochecha dele estava tão apertada de encontro à de Dawn? E por que Dawn estava dizendo — se é que o Sueco estava lendo corretamente os lábios da mulher — "Aqui não, aqui não..."? Por que *não* descascar o milho ali? A cozinha era um lugar muito bom para fazer isso. Não, foi preciso um momento para compreender que, um, eles não estavam apenas descascando milho juntos e, dois, nem toda a efervescência, vivacidade, coragem, atrevimento, frustração e desespero que mordiscavam as beiradas da solidez tradicional de Orcutt eram necessariamente saciados por vestir aquelas camisas.

Então era por *isso* que Dawn vivia perdendo a paciência com Orcutt — para despistar! Fazendo comentários sarcásticos sobre sua falta de fibra, sua criação, sua simpatia vazia, depreciando-o desse jeito *toda vez que estávamos prestes a ir para a cama*. É natural que Dawn fale desse jeito — ela precisa falar assim, está apaixonada por ele. A infidelidade à casa nunca foi infidelidade à casa — foi só infidelidade.

— A coitada da esposa não deve beber à toa. Ele está sempre contendo seus impulsos. Tão preocupado em se mostrar educado — dizia Dawn —, tão Princeton — dizia Dawn —, tão *impecável*. Ele se esforça tanto para apresentar apenas uma única dimensão de si mesmo. Essa cortesia branca-protestante-anglo-saxã. Vivendo unicamente em função daquilo que sua família foi, no passado. O sujeito simplesmente nem está *aqui* na metade do tempo.

Bem, Orcutt estava ali agora, bem ali. O que o Sueco acreditou ter visto, antes de rapidamente voltar para a varanda e para a carne na brasa, foi Orcutt se colocando exatamente onde ele queria estar, enquanto dizia para Dawn exatamente onde ele estava:

— Aí! Aí! Aí! Aí!

E não parecia nem um pouco estar contendo seus impulsos.

8

No jantar — ao ar livre, na varanda dos fundos, com a escuridão descendo de forma tão gradual que a noite parecia, para o Sueco, estar sendo adiada, retida, suspensa, provocando nele a sensação aflitiva de que não viria mais nada depois daquele momento, ou de que nada mais iria acontecer, ou de que ele havia entrado em um caixão entalhado no tempo, de onde nunca mais seria libertado — estavam presentes também os Umanoff, Marcia e Barry, e os Salzman, Sheila e Shelly. Apenas umas poucas horas se passaram desde que o Sueco foi informado de que tinha sido Sheila Salzman, a fonoaudióloga, que havia escondido Merry depois do atentado à bomba. Os Salzman não haviam contado nada a ele. E se pelo menos tivessem contado — se tivessem telefonado assim que Merry apareceu lá, se tivessem cumprido seu dever em relação a ele... Não conseguiu completar o pensamento. Se ele tivesse de olhar de frente tudo o que não teria acontecido caso Merry não tivesse a chance de se tornar uma foragida da justiça... Não pôde completar tampouco esse pensamento. Sentou-se para jantar, eternamente inerte — imobilizado, inútil, inerte, alheio aos entusiasmados atributos de franqueza e vitalidade, conferidos a ele pelo seu hiperotimismo. A agilidade de uma vida inteira como empresário, atleta, fuzileiro naval dos EUA não havia de maneira nenhuma preparado o Sueco para ser um prisioneiro confinado em uma caixa destituída de futuro, onde ele não deveria pensar no que tinha acontecido com a filha, não deveria pensar em como os Salzman a haviam ajudado a fugir, não deveria pensar... no que tinha acontecido com a esposa. Deveria atravessar o jantar sem pensar nas únicas coisas em que ele podia pensar. Esperava-se que ele ficasse assim para sempre. Por mais que desejasse sair dali, deveria se manter imóvel, feito morto, no momento guardado dentro daquela caixa. De outro modo, o mundo iria explodir.

Barry Umanoff, outrora parceiro de equipe do Sueco e seu melhor amigo na escola secundária, era professor de direito em Columbia e, sempre que os pais do Sueco vinham da Flórida, Barry e sua esposa eram convidados para jantar com eles. Ver Barry sempre deixava seu pai contente, em parte porque Barry, filho de um alfaiate imigrante, havia ascendido à condição de

professor universitário, mas também porque Lou Levov — erradamente, se bem que o Sueco fingisse não ligar para isso — creditava a Barry Umanoff o fato de Seymour ter abandonado sua luva de beisebol e começado a trabalhar na empresa do pai. A cada verão, Lou recordava Barry — o "Conselheiro", como ele o chamava desde o tempo da escola secundária — da boa ação que Barry praticara em favor da família Levov, mediante o exemplo da sua seriedade profissional, e Barry respondia que, se ele fosse um jogador com a centésima parte da competência do Sueco, ninguém conseguiria obrigá-lo sequer a chegar perto de uma faculdade de direito.

Foi com Barry e Marcia Umanoff que Merry havia, algumas vezes, passado a noite em Nova York, antes que ele, por fim, a proibisse em definitivo de ir para Nova York, e foi com Barry que o Sueco procurou orientação jurídica após o desaparecimento de Merry de Old Rimrock. Barry levou-o para conversar com Schevitz, o litigante de Manhattan. Quando o Sueco pediu a Schevitz que fosse franco com ele — qual a pior pena a que poderiam condenar sua filha, caso fosse presa e julgada culpada? — ouviu a seguinte resposta:

— De sete a dez anos. Porém — explicou Schevitz —, se o ato foi cometido em meio ao entusiasmo do movimento contra a guerra, se foi cometido por acidente, se foi feito todo o possível para evitar que pessoas se ferissem... Além disso, temos certeza de que ela agiu sozinha? Não temos. Sabemos que foi ela mesma quem pôs a bomba? Não sabemos. Não há nenhuma história política significativa, um monte de retórica, um monte de retórica violenta, mas seria ela uma menina capaz de, sozinha, matar alguém de propósito? Como podemos saber que ela fez a bomba ou instalou a bomba? Para montar uma bomba, é preciso dominar conhecimentos sofisticados... Essa criança sabia riscar um fósforo?

— Ela era ótima em ciências — respondeu o Sueco. —Tirou A no trabalho de química, na escola.

— Por acaso ela fez uma bomba no trabalho de química?

— Não, claro que não...

— Então, não sabemos, não é verdade?, se ela sabia riscar um fósforo ou não. Para ela, podia ser tudo simples retórica. Não sabemos o que ela fez e não sabemos o que pretendia fazer. Não sabemos nada e ninguém mais sabe nada. Ela podia ter ganhado o prêmio Cientista da Westinghouse e mesmo assim não saberíamos. O que pode ser provado? Sem dúvida, muito pouco. O pior, já que é isso que o senhor me pergunta, é de sete a dez

anos. Mas vamos supor que ela seja tratada como menor de idade. De acordo com as leis para delinqüentes juvenis, ela pegaria de dois a três anos, e mesmo que se declare culpada de alguma coisa, o testemunho fica lacrado e ninguém pode examiná-lo. Olhe, tudo depende do papel dela no homicídio. O resultado da história toda não precisa necessariamente ser muito ruim. Se a menina aparecer, mesmo que ela tenha algum envolvimento na história, talvez possamos livrá-la disso tudo praticamente sem maiores transtornos.

E até algumas horas antes — quando o Sueco veio a saber que, na comuna do Oregon, fabricar bombas era a especialidade de Merry, quando, da própria boca sem gagueira de sua filha ele soube que ela não era responsável apenas por uma única morte talvez acidental mas pelo frio assassinato de quatro pessoas — as palavras de Schevitz eram, às vezes, tudo o que ele tinha para não desistir de toda esperança. Esse homem não se ocupava com fantasias. Dava para ver isso logo que se entrava no escritório dele. Schevitz era uma pessoa que gostava de provar que estava com a razão, alguém cuja vontade de prevalecer representava sua *vocação*. Barry, de antemão, deixara claro que Schevitz não era um sujeito interessado em fazer as pessoas se sentirem bem. Não tinha em mente os anseios do Sueco quando lhe disse: *se a menina aparecer, talvez possamos livrá-la disso tudo*. Mas a conversa havia ocorrido quando ainda acreditavam que pudessem encontrar um júri capaz de acreditar que Merry não sabia sequer riscar um fósforo. Ou seja, antes das cinco horas daquela tarde.

A esposa de Barry, Marcia, professora de literatura em Nova York, mesmo segundo a avaliação benévola do Sueco, era "uma pessoa difícil", uma militante não conformista dotada de uma convicção esmagadora, muito afeiçoada a sarcasmos e declarações calculadamente apocalípticas, destinados a gerar desconforto nos soberanos da terra. Não havia nada que ela fizesse ou dissesse que não deixasse bem claro de que lado ela estava. Marcia mal precisava mover um músculo — engolir em seco enquanto a outra pessoa estivesse falando, dar batidinhas com a unha no braço da poltrona, ou simplesmente assentir com um gesto de cabeça como se estivesse de total acordo — para informar ao seu interlocutor que nada do que ele estava dizendo era correto. A fim de abarcar todas as suas convicções, Marcia vestia um grande cafetã folgado, estampado com xilogravuras — uma mulher de interesses abrangentes, para quem uma

aparência largada representava menos um protesto contra as convenções que um sinal de que era uma pensadora que ia direto ao que interessava, sem rodeios. Nenhuma conversa mole, nenhuma trivialidade se interpunha entre ela e as mais severas verdades.

Todavia, Barry tinha afeição por Marcia. Como os dois não poderiam ser mais distintos um do outro, talvez o caso deles fosse um exemplo da assim chamada atração dos opostos. Em Barry, se notava uma atenção muito ponderada e bondosa — ainda no tempo em que era menino, aliás o menino mais pobre que o Sueco havia conhecido, Barry já era um cavalheiro diligente e correto, um seguro apanhador no beisebol e, no final, o orador na formatura da sua turma, o qual, após prestar serviço militar, ingressou na Universidade de Nova York graças à bolsa de estudos concedida aos veteranos das forças armadas. Foi lá que conheceu Marcia Schwartz e casou com ela. Foi duro para o Sueco compreender como um sujeito de constituição forte e nada feio como era Barry podia, aos vinte e dois anos de idade, abrir mão do desejo de estar com quem quisesse no mundo inteiro para ficar só com Marcia Schwartz, já tão dogmática quando era estudante que o Sueco tinha de lutar para ficar acordado na presença dela. No entanto, Barry gostou de Marcia. Ficava sentado a seu lado e a ouvia falar. Não parecia importar-se nem um pouco que ela fosse relaxada, vestindo-se, mesmo na faculdade, como se fosse a avó de alguém, e com aqueles olhos que boiavam, irritantemente ampliados pelas grossas lentes dos óculos. O oposto de Dawn em todos os aspectos. Que Marcia tivesse gerado uma pretensa revolucionária — sim, se Merry tivesse sido criada ao alcance da voz de Marcia... Mas Dawn? A bonita, miúda, apolítica Dawn — por que *Dawn*? Onde é que se pode procurar o motivo? Onde está a explicação para esse despropósito? Não seria apenas uma brincadeira dos seus genes? Durante a Marcha sobre o Pentágono, a passeata para pôr fim à Guerra do Vietnã, Marcia Umanoff fora atirada em um camburão da polícia com outras vinte mulheres e, o que aliás a deixou muito satisfeita, passou a noite presa em uma delegacia de Washington D.C., onde não parou de protestar até que todas elas foram libertadas pela manhã. Se Merry fosse filha *dela*, as coisas *teriam* algum sentido. Quem dera tivesse simplesmente travado uma guerra de palavras, lutado com o mundo apenas com palavras, que nem essa tagarela esporrenta. Nesse caso, ela não seria uma história que começa e termina com uma bomba, e sim uma história completamente diferente. Mas uma bomba. Uma bomba. Uma bomba conta sozinha a porra

dessa história inteira.

Difícil de entender por que Barry casou com essa mulher. Talvez tivesse a ver com o fato de a família dele ser muito pobre. Quem sabe? A agressividade dela, seu ar superior, a sensação que transmitia de ser suja, tudo o que para o Sueco seria intolerável em um amigo, quanto mais em uma esposa — pois bem, eram essas mesmas características que pareciam estimular a afeição de Barry por sua mulher. Era uma charada, uma genuína charada, entender como é que alguém perfeitamente sensato podia adorar aquilo que um outro homem perfeitamente sensato não conseguia agüentar sequer por uma hora. Mas justamente porque era uma charada, o Sueco fazia todo o possível para refrear sua aversão e neutralizar seu julgamento e encarar Marcia Umanoff simplesmente como uma criatura esdrúxula, oriunda de um outro mundo, o mundo acadêmico, o mundo intelectual, onde ser sempre contestador e questionar seja o que for que outras pessoas digam é, aparentemente, encarado como algo digno de admiração. O que eles ganhavam se mostrando assim tão negativos era uma coisa além da compreensão do Sueco; parecia-lhe muito mais produtivo quando todo o mundo acertava suas diferenças e superava seus problemas. No entanto isso não queria dizer que Marcia, na verdade, gostasse de aporrinhar e quebrar o pau com as pessoas, só porque ela tantas vezes aporrinhava e quebrava o pau com as pessoas. O Sueco não podia considerá-la uma pessoa malévola, uma vez que ele havia se dado conta de que essa era a maneira pela qual estava habituada a se socializar em Manhattan; além do mais, ele não conseguia acreditar que Barry Umanoff — que, em certa época, fora mais íntimo dele do que seu próprio irmão caçula — pudesse se casar com uma mulher malévola. Como de hábito, sua reação automática em face de sua incapacidade de apreender a fundo a causa e o efeito consistia (em oposição à cismada desconfiança do seu pai) em recuar à antiga estratégia que sempre usara na vida e mostrar-se tolerante e benévolo. E assim ele se contentava em classificar Marcia como "uma pessoa difícil", permitindo-se no máximo comentar:

— Bem, digamos que ela não é a pessoa mais simpática do mundo.

Mas Dawn a detestava. Detestava Marcia porque sabia que ela, por sua vez, a detestava por ter sido Miss New Jersey. Dawn não conseguia suportar as pessoas que transformavam essa história de miss na sua história toda, e Marcia era especialmente exasperante porque o prazer de explicar Dawn por meio de uma história em que ela mesma jamais se encaixara — e em

que não se encaixaria, muito menos, agora — era manifestado da forma mais presunçosa. Quando elas se conheceram, Dawn contou aos Umanoff acerca do enfarte do pai, explicou que não havia mais dinheiro na sua casa e que ela havia percebido que a porta da faculdade estava prestes a ser fechada na cara do seu irmão... toda a velha história da bolsa de estudo, mas nada disso conseguiu salvar a Miss New Jersey de ser apenas uma piada aos olhos de Marcia Umanoff. Esta mal se preocupava em esconder o fato de que, quando olhava para Dawn Levov, não via ali ninguém, e que a achava metida a besta por criar vacas, achava que estava fazendo isso só pela aparência — não era um empreendimento para valer, esse a que Dawn dedicava doze, catorze horas por dia, sete dias por semana; aos olhos de Marcia, aquilo não passava de uma fantasia do tipo *Casa e Jardim*, levada a efeito por uma mulher rica e tola que morava, não na fedorenta New Jersey, não, não, mas *no interior*. Dawn detestava Marcia por causa da sua escancarada pose de superioridade em relação à riqueza dos Levov, em relação ao gosto deles, em relação ao modo rural de viver que eles adoravam, e a detestava acima de tudo porque estava convencida de que ela, em segredo, se sentia imensamente satisfeita com aquilo que Merry supostamente havia praticado.

O lugar privilegiado nos sentimentos de Marcia estava reservado aos vietnamitas — os vietnamitas do Norte. Ela jamais, nem por um momento, transigiu em suas convicções políticas ou na forma apaixonada de encarar as questões internacionais, nem mesmo quando viu, a quinze centímetros de distância, o infortúnio que havia acometido o mais antigo amigo do seu marido. E era isso que levava Dawn a fazer as acusações que o Sueco sabia serem falsas, não porque ele fosse capaz de afiançar sob juramento a honradez de Marcia, mas porque, para ele, a probidade de Barry Umanoff estava acima de qualquer dúvida.

— Não quero mais saber dessa mulher na minha casa! Até um *porco* é mais humano do que essa mulher! Não me interessa quantos diplomas ela possua, é uma obtusa e uma *cega*! É a mais egocêntrica, estreita e nojenta pessoa metida a inteligente que já vi na vida e não quero mais saber dessa mulher na minha casa!

— Mas não fica bem eu convidar Barry para vir aqui sozinho.

— Então Barry não pode vir.

— Barry tem de vir. Quero que ele venha aqui. Meu pai fica muito contente quando o encontra aqui. Ele *espera* encontrar o Barry aqui. Foi

Barry, Dawn, que me levou até Schevitz.

— Mas essa mulher *escondeu* Merry em sua casa, não está vendo? Era para lá que Merry ia! Para Nova York... para eles! Foi ela quem lhe ofereceu um esconderijo! Alguém fez isso, alguém *tinha* de fazer. Uma verdadeira terrorista na casa dela... isso sim era *excitante*. Ela escondeu Merry de nós, escondeu Merry dos pais, na hora em que ela mais precisava dos pais. Marcia Uma-noff foi quem a encaminhou para a clandestinidade!

— Mas Merry já não queria de jeito nenhum ficar com eles bem antes disso. Ela só ficou duas vezes na casa de Barry. Foi só. Na terceira vez, ela não apareceu lá. Você não se lembra. Merry foi para algum outro lugar para dormir e nunca mais apareceu na casa dos Umanoff.

— Marcia é a *culpada*, Seymour. Quem mais teria as suas ligações? Maravilhoso padre fulano, maravilhoso padre sicrano, fazendo o sangue subir à cabeça dos outros. Tão cheia de chamego com os seus padres contrários à guerra, tão enturmadinha com a sua patota... Mas eles não são padres, Seymour! Padres *não* são grandes liberais de idéias avançadas. Senão eles não *viram* padres. É exatamente isso que *não* se espera dos padres, assim como não se espera que eles parem de rezar pelos rapazes que vão lá para a guerra. O que *ela* gosta nesses padres é que *não são* padres. Ela não gosta deles porque pertencem à Igreja, gosta deles porque estão fazendo uma coisa que, do ponto de vista dela, *corrompe* a Igreja. Porque estão fazendo uma coisa *fora* da Igreja, fora do *papel* normal de um padre. Que esses padres sejam uma afronta àquilo que gente como eu aprendeu a ver como um padre, é *isso* que ela gosta. É isso que essa piranhuda balofa gosta em *tudo*. Eu detesto essa Marcia. Detesto até a cara dela!

— Tudo bem. Por mim, tudo bem. Pode detestar a Marcia o quanto quiser — disse o Sueco — mas não por uma coisa que não tenha feito. Ela não fez isso, Dawn. Você está se deixando enlouquecer por uma coisa que não pode ser verdade.

E não era mesmo verdade. Não fora Marcia quem escondeu Merry. Marcia *era* pura conversa — sempre fora: um palavrório absurdo, espalhafatoso, palavras com o único propósito de exibir-se da forma mais escandalosa, palavras intransigentes, abusadas, exprimindo pouco mais do que sua vaidade intelectual e a estranha crença de que toda aquela pose indicava um espírito independente. Foi Sheila Salzman que escondeu Merry em sua casa, a fonoaudióloga de Morristown, a jovem bonita, de fala macia e gentil,

que durante um tempo transmitiu a Merry tanta esperança e confiança, a professora que forneceu a Merry todas aquelas "estratégias" para passar a perna naquele seu estorvo e reergueu Audrey Hepburn como sua heroína. Nos meses em que Dawn se achava sob o efeito de sedativos e vivia entrando e saindo do hospital; nos meses anteriores a Sheila e o Sueco terem abdicado de fechar os olhos para todo o sentido responsável de suas vidas; nos meses que antecederam o momento em que essas duas pessoas precavidas e bem-comportadas conseguiram se persuadir a parar de pôr em risco sua preciosa estabilidade, Sheila Salzman fora amante de Sueco Levov, a primeira e última.

Amante. Uma novidade deveras anti-Sueco, incongruente, implausível, até mesmo ridícula. "Amante" não faz sentido nenhum no contexto imaculado dessa vida — e no entanto, durante os quatro meses que se seguiram ao desaparecimento de Merry, exatamente isso é que Sheila foi para ele.

No jantar, a conversa girou em torno de Watergate e *Garganta profunda*. Exceto pelos pais do Sueco e pelos Orcutt, todo o mundo na mesa tinha ido ver o filme proibido para menores, estrelado por uma jovem atriz do cinema pornô chamada Linda Lovelace. O filme já não estava mais passando apenas em salas de exibição especiais para adultos, mas se tornara uma sensação no circuito normal de toda New Jersey. O que o deixava surpreso, comentou Shelly Salzman, era que o eleitorado que elegera, de forma avassaladora, para os cargos de presidente e vice-presidente, políticos republicanos que simulavam hipocritamente uma profunda devoção moral, viessem a transformar em um enorme sucesso um filme que caricaturava de forma tão realista cenas de sexo oral.

— Talvez não sejam as mesmas pessoas — disse Dawn — que estão indo ao cinema.

— Então são os eleitores de McGovern? — indagou Marcia Umanoff.

— Nesta mesa, são, sim — respondeu Dawn, já exasperada, logo no início do jantar, por essa mulher que ela não conseguia suportar.

— Por favor — disse o pai do Sueco —, o que essas duas coisas têm a ver uma com a outra é um mistério para mim. Para começo de conversa, não sei por que vocês, meus filhos, pagam um bom dinheiro para assistir a esse lixo. É puro lixo, não estou certo, Conselheiro? — Voltou-se para Barry em busca de apoio.

— É uma espécie de lixo — respondeu Barry.

— Então por que deixam que isso entre na vida de vocês?

— As coisas se infiltram, senhor Levov — respondeu Bill Orcutt, em tom afável —, gostemos ou não. Tudo o que está fora se infiltra para o interior da nossa vida. Vasa para dentro. Não é mais o mesmo mundo, lá fora, caso o senhor ainda não saiba.

— Ah, eu ouvi falar disso, sim, cavalheiro. Venho da falecida cidade de Newark. Ouvi mais do que queria ouvir. Olhe, os irlandeses governaram a cidade, os italianos governaram a cidade, agora vamos deixar que os pretos governem a cidade. O problema para mim não é esse. Não tenho nada contra. Está na vez de os pretos enfiarem a mão na gaveta da caixa registradora? Eu não nasci ontem. Em Newark, a corrupção é a alma do negócio. O que é novo, número um, é a raça; número dois, os impostos. Acrescente *isso* à corrupção, e *aí* está o seu problema completo. Sete dólares e setenta e cinco cents. Esta é a porcentagem corrente na cidade de Newark. Não interessa o quanto você seja grande ou o quanto seja pequeno, eu lhe digo que não dá, de jeito nenhum, para tocar uma empresa com impostos desse tipo. A General Eletric já se transferiu em 1953. GE, Westinghouse, Breyer's, que ficavam no bulevar Raymond, Celluloid, todas elas foram embora da cidade. Todas elas grandes fontes de empregos e, *antes* dos distúrbios de rua, *antes* do ódio racial, já tinham ido embora. Raça é só a glace por cima do bolo. As ruas não são limpas. Ninguém retira os carros queimados. Tem gente morando em prédios abandonados. *Incêndios* em prédios abandonados. Desemprego. Imundície. Pobreza. Mais imundície. Mais pobreza. Ensino inexistente. As escolas são uma calamidade. Em cada esquina, crianças que largaram a escola. Crianças sem ter o que fazer. Vendendo drogas. Arrumando encrenca. Os projetos... ah, não me venha com essa conversa mole de projetos. Polícia sendo subornada. Todas as espécies de doenças conhecidas do ser humano. Já no remoto verão de 1964, eu dizia aqui ao meu filho: "Seymour, vá embora. Vá embora", eu dizia, mas ele não queria me ouvir. Paterson estourou, Elizabeth estourou, Jersey City estourou. A pessoa tinha de ser cega dos dois olhos para não ver qual seria a próxima. E falei o seguinte para Seymour: "Newark é a próxima da lista", eu disse para ele. "Você vai ouvir aqui em primeira mão: vai ser no verão de 1967." Eu previ exatamente com essas palavras. Não foi, Seymour? Previ até quase o *dia* certo.

— É verdade — admitiu o Sueco.

— A atividade industrial se acabou de uma vez em Newark. *Newark* está

acabada. Os distúrbios foram tão ruins, se não piores, em Washington, em Los Angeles, em Detroit. Mas, anote bem minhas palavras, Newark vai ser a cidade que nunca mais se reerguerá. Não pode. E as luvas? Na América? Isso não existe mais. Acabou-se também. Só o meu filho persiste. Mais cinco anos e, afora os contratos com o governo, não vai existir um único par de luvas fabricado na América. Nem em Porto Rico. Já foram para as Filipinas, os pesos pesados. Vai ser a Índia, vai ser a Indonésia, o Paquistão, Bangladesh... você vai ver, todos os cantos do mundo vão fabricar luvas, menos aqui. Mas não foi só o sindicato que liqüidou as empresas. Claro, o sindicato não compreendia, mas alguns empresários também não entenderam: "Não vou pagar para os filhos da mãe mais cinco cents", e aí está o cara dirigindo o seu Cadillac e ficando na Flórida durante o inverno. Não, um monte de empresários não pensavam direito. Mas os sindicatos nunca compreenderam a competição dos outros países e, na minha mente, não existe a menor dúvida de que o sindicato acelerou a ruína da indústria luveira ao se mostrar intransigente e criar uma situação em que as pessoas não conseguiam mais ganhar dinheiro. O preço fixado pelo sindicato para o trabalho feito por empreitada fez um monte de gente desistir do negócio ou se transferir para outros países. Nos anos 30, sofremos uma pesada competição da Tchecolosváquia, da Áustria, da Itália. Veio a guerra e nos salvou. Os contratos com o governo. Setenta e sete milhões de pares de luvas adquiridos pelo chefe da intendência. O luveiro ficou rico. Mas aí a guerra terminou e, vou lhe dizer uma coisa, já naquela época, mesmo nos bons tempos, estava se armando o fim de tudo. Nossa ruína foi que não conseguimos competir com a produção estrangeira. Aceleramos a decadência porque não houve bom senso de ambas as partes. Mas, de um jeito ou de outro, não poderia mesmo haver salvação. A única coisa que poderia reverter a situação, e eu não era a favor disso, não creio que se possa interromper o comércio internacional e nem acho que se deva tentar uma coisa dessas, mas a única coisa que poderia reverter a situação era a gente erguer barreiras comerciais, cobrando impostos não só de cinco por cento, mas de trinta por cento, quarenta por cento...

— Lou — interrompeu sua esposa —, mas o que tudo isso tem a ver com o tal filme?

— Esse filme? Esses malditos filmes? Bem, é claro, eles não são também uma novidade, vocês sabem. A gente tinha um clube de baralho, isso muitos anos atrás... você lembra, o Clube da Noite de Sexta-Feira? E tinha lá

um sujeito que trabalhava no ramo da eletricidade. Você se lembra deles, Seymour, Abe Sacks?

— Claro — confirmou o Sueco.

— Pois bem, detesto dizer isso a você, mas ele tinha um monte de filmes desse tipo ali mesmo na casa dele. Claro que já existiam. Na rua Mulberry, onde a gente ia sempre com as crianças para almoçar comida chinesa, havia um bar onde a gente podia entrar, pagar e assistir a qualquer sujeira que quisesse. E quer saber de uma coisa? Eu vi cinco minutos e então fui para a cozinha e, honra lhe seja feita, também foi comigo o meu grande amigo, já morreu, um sujeito formidável, minha memória está indo embora, aquele cortador de luvas, como era mesmo o nome dele...

— Al Haberman — disse a esposa.

— Certo. Nós dois ficamos ali jogando baralho durante uma hora, até que começou aquele alvoroço na sala onde estavam passando o filme, e o que aconteceu foi que o filme, a câmera e tudo o que estava ali dentro começou a pegar fogo. Eu não podia ter ficado mais contente. Isso foi trinta, quarenta anos atrás, e até hoje me lembro de estar sentado com Al Haberman jogando baralho enquanto o resto deles ficava babando feito idiota dentro da sala.

Nessa altura, ele contava a história voltado diretamente para Orcutt, dirigindo suas palavras unicamente a ele. Como se, apesar da presença denunciadora da mulher bêbada sentada ao lado de Lou Levov, apesar da prova irrefutável de tanta sabedoria judaica, a anarquia de um gentio de família tradicional permanecesse essencialmente inimaginável para ele, e Orcutt, portanto, entre todas as pessoas à mesa, poderia apreciar melhor a banalidade a que ele se referia. São eles que se supõem confiáveis, em pleno controle de si mesmos. Não são? Eles desbravaram a terra. Não foi? Estabeleceram as regras, as mesmas regras que o restante de nós que viemos para cá concordamos em acatar. Como Orcutt não iria admirá-lo por sentar-se naquela cozinha, ficar ali tranqüilamente jogando baralho até que, no final, as forças do bem derrotassem as forças do mal e aquele filme sórdido se desfizesse em fumaça, no remoto ano de 1935?

— Bem, lamento dizer, senhor Levov, que o senhor não pode mais evitar isso simplesmente jogando baralho — disse Orcutt. — É um recurso que já não existe mais para se manter afastado disso.

— Evitar o quê? — perguntou Lou.

— Isso de que o senhor está falando — explicou Orcutt. — A

permissividade. A anormalidade mascarada de ideologia. O protesto perpétuo. Houve um tempo em que era possível se manter afastado disso, a pessoa podia erguer uma barreira contra isso. Como o senhor mesmo apontou, podia ficar simplesmente jogando cartas e assim evitar tudo. Mas hoje em dia está cada vez mais difícil encontrar uma saída. O grotesco está suplantando todas as coisas mais corriqueiras que as pessoas amam neste país. Hoje em dia, ser aquilo que eles chamam de "reprimido" é motivo de vergonha para as pessoas, como antes era não ser reprimido.

— Isso é verdade, isso é verdade. Deixe-me contar a respeito de Al Haberman. Vocês querem conversar sobre o mundo de antigamente e como era tudo naquele tempo, vamos então falar sobre Al. Um sujeito formidável, o Al, um sujeito cativante. Ficou rico cortando luvas. Naquele tempo, isso era possível. Um marido e uma esposa com ambição podiam pegar um punhado de peles e fazer um bocado de luvas. Faziam os acabamentos em uma salinha qualquer, dois homens cortando, duas mulheres costurando, eles podiam fazer luvas, podiam passar as luvas a ferro e despachar a mercadoria. Ganhavam dinheiro, eram seus próprios patrões, podiam trabalhar sessenta horas por semana. Muito, muito tempo atrás, quando Henry Ford pagava a inédita soma de um dólar por dia, um bom cortador de luvas conseguia ganhar cinco dólares por dia. Mas, olhe, naquele tempo, não era nada demais um homem comum ter vinte, vinte e cinco pares de luva. Muito comum. Uma mulher costumava ter um armário só para luvas, luvas diferentes para cada tipo de roupa, cores diferentes, estilos diferentes, comprimentos diferentes. Uma mulher não ia para a rua sem um par de luvas, não importa o tempo. Naquela época, não era nada de extraordinário para uma mulher passar duas, três horas no balcão da luvaria e experimentar trinta pares, e a vendedora atrás do balcão tinha uma pia e lavava as mãos toda vez que mudava a cor da luva. Em uma luvaria fina, tínhamos cada tamanho subdividido em quatro, do número 1 ao número 4, e a numeração chegava até 8 1/2. Cortar luvas é uma profissão formidável, ou pelo menos era. Agora, tudo "era". Um cortador como Al sempre andava de camisa social e gravata. Naquele tempo, um cortador nunca trabalhava sem camisa social e gravata. As pessoas também podiam trabalhar com setenta e cinco e oitenta anos de idade. Podiam começar como Al fez, com quinze anos, ou até antes, e iam até os oitenta. Com setenta, era ainda um franguinho novo. E podiam trabalhar nos dias de descanso, sábado e domingo. Essas pessoas podiam trabalhar de forma incessante. Dinheiro

para mandar os filhos para a escola. Dinheiro para conservar direito suas casas. Al podia pegar um pedaço de couro e me dizer, de brincadeira: "Que tamanho você quer, Lou, oito vírgula dezesseis?". E aí recortava a luva sem sequer usar uma régua, medindo certinho só no olho. O cortador era a *prima dona*. Mas todo esse orgulho de artesão desapareceu, é claro. Entre os cortadores atuais, quem é que conseguiria cortar uma luva branca de dezesseis botões, acho que Al Haberman pode ter sido o último cara na América inteira capaz de fazer isso. A luva longa, é claro, não existe mais. Mais um "era". Havia a luva de oito botões que se tornou muito popular, forrada de seda, mas isso terminou por volta de 1965. Já estávamos pegando luvas mais compridas, cortando as pontas e transformando em luvas mais curtas, e usando as sobras para fazer outra. A partir do ponto onde fica a costura do polegar, a cada polegada, costumavam pregar um botão, por isso a gente ainda fala em botões, para se referir ao comprimento da luva. Graças a Deus, em 1960, Jackie Kennedy andava para lá e para cá com uma luvinha até o pulso, e uma luva até o cotovelo, e uma luva acima do cotovelo, e um chapéu toque, e aí, de uma hora para a outra, as luvas entraram em moda outra vez. A Primeira Dama da indústria luveira. Ela usava o tamanho 6 1/2. As pessoas na indústria luveira rezavam pela felicidade dessa senhora. Ela mesma ia se abastecer em Paris, mas e daí? Essa mulher pôs de novo em circulação as luvas finas de couro para senhoras. Mas quando assassinaram Kennedy e Jacqueline Kennedy deixou a Casa Branca, isso e a minissaia foram o final da moda das luvas para senhoras. O assassinato de John F. Kennedy e a chegada da minissaia, juntos, foram o dobre de finados para as luvas de senhoras. Até então, tínhamos um negócio de doze meses por ano, o ano inteiro vendendo. Houve um tempo em que uma mulher não saía de casa sem levar um par de luvas, mesmo na primavera e no verão. Agora, a luva só serve para o tempo frio, para dirigir ou para praticar esportes...

— Lou — sua esposa interrompeu —, ninguém está falando sobre...

— Deixe-me terminar, por favor. Não me interrompa, por favor. Al Haberman era um grande leitor. Nunca tinha ido à escola, mas adorava ler. Seu escritor favorito era Sir Walter Scott. E Sir Walter Scott, em um de seus livros clássicos, apresenta uma disputa entre o luveiro e o sapateiro para saber quem é o melhor artesão, e o luveiro é que vence. Sabe o que ele diz? "Tudo o que você faz", diz ele ao sapateiro, "é uma luva reta para o pé. Não precisa fazer a articulação de cada um dos dedos." Mas Sir Walter Scott era

filho de um luveiro e assim faz sentido que ele tenha vencido a disputa. Vocês não sabiam que Walter Scott era filho de um luveiro? Sabe quem mais, além de Walter Scott e meus dois filhos? William Shakespeare. O pai era um luveiro que não sabia ler nem escrever o próprio nome. Sabe o que Romeu diz para Julieta quando ela está lá em cima na sacada? Todo o mundo sabe: "Romeu, Romeu, onde está você, Romeu?", é isso o que *ela* diz. Mas o que é que o Romeu responde? Comecei a trabalhar em um curtume com treze anos de idade, mas posso responder essa pergunta graças ao meu amigo Al Haberman, que já se foi faz muito tempo, infelizmente. Com setenta e três anos de idade, ele saiu da sua casa, escorregou no gelo e quebrou o pescoço. Terrível. Foi ele que me contou isso. Romeu diz assim: "Olhe só o seu jeitinho de apoiar o rosto na mão. Quem me dera eu fosse a luva nessa mão, para poder tocar seu rosto". Shakespeare. O escritor mais famoso da história.

— Lou, meu querido — disse Sylvia Levov outra vez, com voz mansa —, o que isso tem a ver com o assunto de que todo o mundo estava falando?

— *Por favor* — disse ele e, com impaciência, usando uma das mãos, sem sequer olhar para ela, fez um gesto de desprezo para a sua objeção. — E McGovern — prosseguiu Lou Levov —, essa é uma idéia que não consigo entender de jeito nenhum. O que é que McGovern tem a ver com esse filme indecente? Votei em McGovern. Fiz campanha no condomínio inteiro a favor dele. Vocês deviam ouvir só o que eu tive de escutar dos judeus, como Nixon era isso e aquilo para Israel, e aí eu recordava a eles, no caso de terem esquecido, que Harry Truman já o havia apelidado de Trambiqueiro Trapalhão em 1948, e agora olhem só, a recompensa que estão recebendo, meus bons amigos que votaram no senhor Von Nixon e sua tropa de assalto nazista. Deixe que eu diga a vocês quem é que vai ver esses filmes: vadios, vagabundos e crianças sem supervisão constante de adultos. Por que o meu filho leva sua adorável esposa para ver esse filme é uma coisa que vou para o túmulo sem entender.

— Para ver — disse Marcia — como vive a outra metade das pessoas.

— Minha nora é uma dama. Ela não tem nenhum interesse nessas coisas.

— Lou — disse a esposa —, talvez nem todo o mundo veja as coisas da mesma maneira que você.

— Não posso acreditar nisso. São pessoas inteligentes, instruídas.

— O senhor atribui um peso grande demais à inteligência — brincou Marcia. — Ela não aniquila a natureza humana.

— Mas a natureza humana são esses filmes? Me diga, o que você fala para as crianças quando elas perguntam sobre esse filme? Que é bom, extremamente divertido?

— Não é preciso dizer nada para as crianças — respondeu Marcia. — Elas não perguntam. Esse tempo já se foi.

E o que intrigava Lou Levov, está claro, é que o que estava acontecendo, então, não parecia desagradá-la nem um pouco, a ela, uma professora, uma professora *judia*... com *filhos*.

— Eu não diria que há crianças indo ver o filme — interveio Shelly Salzman, com o intuito, ao que parece, tanto de interromper o agourento diálogo como de proporcionar algum consolo ao pai do Sueco. — Eu diria que há adolescentes.

— E, doutor Salzman, o senhor aprova *isso*?

Shelly sorriu com o título que Lou Levov insistia em usar ao se dirigir a ele, após tantos anos. Shelly era um homem pálido, rotundo, de ombros curvados para a frente, com uma gravata-borboleta e paletó de algodão listrado, um médico de família que trabalhava duro, incapaz de afastar a gentileza da voz. A palidez e o porte, os antiquados óculos de aro de metal, o topo da cabeça sem cabelos, os cachinhos brancos e fibrosos acima das orelhas — essa involuntária falta de apuro levara o Sueco a sentir-se especialmente compadecido dele durante os meses do caso romântico com Sheila Salzman... Todavia, ele, o bondoso doutor Salzman, havia abrigado Merry em sua casa, havia escondido Merry não só do FBI como também do Sueco, o pai dela, a pessoa de quem ela mais precisava no mundo inteiro.

E eu era o culpado, o Sueco estava pensando, culpado pelo *meu* segredo — mesmo enquanto Shelly dizia gentilmente ao pai dele:

— Minha aprovação ou desaprovação não tem a menor relação com o fato de eles irem ou não assistir a esses filmes.

Quando Dawn propôs pela primeira vez ir fazer um levantamento facial na clínica de um médico de Genebra sobre o qual havia lido uma matéria na revista *Vogue* — um médico que eles não conheciam, um tratamento sobre o qual eles nada sabiam —, o Sueco, com toda a cautela, entrou em contato com Shelly Salzman e foi conversar com ele a sós em seu consultório. O médico da família era um homem que o Sueco respeitava, um homem cuidadoso e bem mais velho do que ele, que aconselharia o Sueco, responderia suas perguntas e tentaria, em consideração a ele, dissuadir Dawn daquela idéia, mas em vez disso o Sueco ligou para Shelly e

perguntou se poderia ir até lá para conversar acerca de um problema familiar. Só quando chegou ao consultório de Shelly, compreendeu que fora até lá a fim de confessar, quatro anos após o fato, ter tido um caso com Sheila no período que se seguiu ao desaparecimento de Merry. Quando Shelly sorriu e perguntou "Como posso ajudá-lo?", o Sueco se viu prestes a responder: "Me perdoando". Ao longo de toda a conversa, toda vez que o Sueco falava, tinha de sufocar o impulso de contar tudo para Shelly, de dizer: "Não estou aqui por causa do levantamento facial. Estou aqui porque fiz algo que nunca deveria ter feito. Traí minha esposa, traí você, traí a mim mesmo". Mas dizer tal coisa seria também trair Sheila, não seria? Ele não poderia justificar a resolução de, por conta própria, confessar tudo ao marido dela, assim como não poderia justificar a resolução de Sheila confessar tudo, por conta própria, para Dawn. Por mais que desejasse se desvencilhar de um segredo que o maculava e o oprimia, e imaginar que uma confissão pudesse livrá-lo desse peso, será que ele tinha o direito de se aliviar à custa de Sheila? À custa de Shelly? À custa de Dawn? Não, afinal existia uma coisa chamada estabilidade ética. Não, ele não podia ser tão cruelmente egoísta. Um golpe baixo, um truque desleal e que, no final, não ia lhe trazer nenhum alívio — no entanto, toda vez que o Sueco abria a boca para falar, sentia a necessidade desesperada de dizer para esse homem bondoso: "Fui o amante da sua mulher", de buscar em Shelly Salzman a restituição mágica do equilíbrio que Dawn, na certa, tinha a esperança de alcançar em Genebra. Mas, em vez disso, só conseguiu dizer para Shelly como se opunha à idéia do levantamento facial, apenas enumerou suas razões contra a operação plástica e então, para sua surpresa, ouviu Shelly dizer que Dawn talvez tivesse começado a nutrir uma idéia potencialmente promissora.

— Se Dawn acha que isso vai ajudá-la a recomeçar a vida — disse Shelly — por que não lhe dar essa oportunidade? Por que não dar a essa mulher *todas* as oportunidades? Não há nada de errado nisso, Seymour. Isso é a vida... não uma condenação à prisão perpétua, mas a vida. Não há nada de imoral em fazer um levantamento facial. Não há nada de frívolo no fato de uma mulher desejar essa operação. Ela teve a idéia lendo a revista *Vogue*? Pois isso não deve deixar você constrangido. Ela simplesmente encontrou aquilo que estava procurando. Você nem imagina quantas mulheres me procuram depois de passarem por um trauma terrível e elas querem apenas conversar sobre qualquer coisa, e no final o que está de fato na cabeça

delas é simplesmente isso, uma cirurgia plástica. E sem ler a revista *Vogue*. As implicações emocionais e psicológicas dessa operação podem ser significativas. O alívio que elas conseguem obter, aquelas que conseguem, não deve ser menosprezado. Não posso dizer que saiba como é que acontece, não estou dizendo que sempre acontece assim, mas já vi acontecer muitas vezes, mulheres que perderam o marido, que estiveram seriamente doentes... Você parece que não está acreditando em mim.

Mas o Sueco sabia qual a sua aparência: um homem com o nome "Sheila" riscado no meio da cara.

— Eu sei — disse Shelly —, parece uma maneira puramente física de tratar algo profundamente emocional, mas para muita gente representa uma maravilhosa estratégia de sobrevivência. E Dawn pode ser uma dessas pessoas. Não creio que você queira ser puritano a respeito do assunto. Se Dawn está entusiasmada com a idéia de um levantamento facial, e se você quiser ajudá-la, se quiser lhe dar apoio...

Mais tarde, nesse mesmo dia, Shelly lhe telefonou na fábrica — havia apurado algumas informações a respeito do doutor LaPlante.

— Temos gente tão boa quanto ele aqui, tenho certeza disso, mas se você quiser ir à Suíça, ficar longe um tempo e deixar que ela se recupere lá, por que não? Esse LaPlante é mesmo de primeira.

— Shelly, obrigado, é muita gentileza sua — disse o Sueco, sentindo-se mais desprezível do que nunca, à luz da generosidade de Shelly... e no entanto era o mesmo cara que, mancomunado com sua esposa conspiradora, havia proporcionado um esconderijo para Merry, não só do FBI mas também do pai e da mãe. O fato mais fantástico que se pode imaginar. Que tipo de máscara todo o mundo está usando? Pensei que essas pessoas estivessem do meu lado. Mas a máscara é tudo o que está do meu lado... é só isso! Durante quatro meses eu usei a máscara de mim mesmo, com ele, com minha esposa, e não consegui agüentar. Fui até lá para dizer isso a ele. Fui contar a ele que eu o havia traído e só não o fiz para não redobrar minha traição, e ele mesmo nunca me revelou como me traiu da forma mais cruel.

— Minha aprovação ou desaprovação — Shelly estava dizendo para Lou Levov — não tem a menor relação com o fato de eles irem ou não assistir a esses filmes.

— Mas você é um médico — insistiu o pai do Sueco —, uma pessoa respeitável, uma pessoa decente, uma pessoa responsável...

— Lou — interrompeu sua esposa —, meu querido, talvez você esteja monopolizando a conversa.

— Deixe-me terminar, *por favor*. — Dirigindo-se a todos na mesa, ele perguntou: — Estou? Estou monopolizando a conversa?

— De maneira alguma — disse Marcia, com ar de simpatia, colocando o braço nas costas de Lou Levov. — É encantador ouvir as suas desilusões.

— Não sei o que isso significa — disse Lou para Marcia.

— Significa que as condições sociais podem ter mudado na América desde o tempo em que o senhor levava seus filhos para comer comida chinesa e Al Haberman cortava luvas vestindo camisa e gravata.

— É mesmo? — exclamou Dawn para Marcia. — Mudaram, é? Ninguém me contou — e, para se conter, levantou e foi para a cozinha. Lá, à espera de suas instruções, estavam duas meninas da escola secundária local que ajudavam a servir e fazer a limpeza sempre que os Levov tinham convidados.

Marcia estava sentada ao lado de Lou Levov, e Jessie Orcutt, do outro lado dele. O novo copo de uísque de Jessie, que na certa ela mesma pegara na cozinha, Lou Levov o havia apanhado e colocado fora do seu alcance, apenas alguns minutos depois de ser servida a sopa fria de pepino. Quando Jessie, então, fez menção de deixar a mesa, ele não permitiu que ela se levantasse.

— Fique sentada — disse ele. — Sente e coma. Você não precisa disso. Você precisa de comida. Coma seu jantar.

Toda vez que ela se mexia um pouquinho na cadeira, Lou Levov colocava a mão firme sobre a dela, para recordá-la de que não ia a lugar nenhum.

Uma dúzia de velas ardiam em dois altos candelabros de cerâmica e, para o Sueco, que tinha de um lado sua mãe e, do outro, Sheila Salzman, os olhos de todo o mundo — e, de forma um tanto enganosa, até mesmo os de Marcia — pareciam, sob aquela luz, ungidos por uma compreensão espiritual, uma lucidez benévola, repletos de todo o sentimento que a pessoa almeja encontrar nos amigos. Sheila, como Barry, sempre estava presente no Dia do Trabalho em virtude do que ela passara a representar para os pais do Sueco. Quando telefonava para a Flórida, ele quase nunca chegava ao fim de uma conversa sem que o pai perguntasse:

— E como vai aquela adorável Sheila, aquela mulher encantadora, como está passando?

— Ela é uma mulher muito digna — dizia sua mãe —, uma pessoa muito

fina. Ela não é judia, meu querido? Pois o seu pai diz que não. Ele teima em dizer que não é.

Por que essa divergência devesse persistir durante tantos anos era algo que o Sueco não conseguia entender exatamente, mas o fato é que o tema das origens religiosas da favorita Sheila Salzman se tornara indispensável à vida dos seus pais. Para Dawn, que tentara durante décadas ser tão tolerante em relação a seus pais imperfeitos quanto ele era em relação à imperfeita mãe dela, aquela era a preocupação mais inexplicável deles — bem como a preocupação mais irritante (sobretudo, como Dawn sabia muito bem, porque, no tocante à sua filha adolescente, Sheila teve uma coisa que Dawn não teve, pois Merry veio a confiar na sua fonoaudióloga de uma maneira que já não conseguia confiar na própria mãe).

— Será que não existem judeus louros no mundo além de você? — perguntava Dawn ao marido.

— Não tem nada a ver com a aparência dela — explicava o Sueco. — Tem a ver com Merry.

— O que o fato de ela ser judia tem a ver com Merry?

— Não sei. Sheila era a fonoaudióloga de Merry. Eles ficam meio assombrados com ela — disse o Sueco — por causa de tudo o que fez por Merry.

— Acontece que ela não era a mãe da menina, ou era?

— Eles sabem disso, querida — respondeu com calma o Sueco — mas por causa da fonoaudiologia, eles a transformaram em uma espécie de mágica.

E assim fez ele também, não tanto enquanto ela fora a fonoaudióloga de Merry — quando o Sueco simplesmente achara a calma de Sheila um curioso estímulo para fantasias sexuais — mas depois que Merry sumiu e a dor baniu sua esposa do mundo.

Derrubado com violência do seu frágil poleiro, o Sueco sentiu abrir-se enorme dentro dele uma necessidade imponderável, uma necessidade sem fundo, e se rendeu a uma solução tão alheia a si próprio que nem sequer reconhecia como era improvável. Na mulher tranqüila, pensativa, que certa vez tornara Merry menos estranha a si mesma ensinando-a como superar sua fobia das palavras e como controlar os complexos mecanismos de circunlocução que, paradoxalmente, serviam apenas para aumentar sua sensação infantil de estar fora de controle, havia uma pessoa que o Sueco desejava incorporar a si mesmo. O homem que vivera corretamente no seu

casamento durante quase vinte anos estava agora resolvido a ficar absurdamente, reverenciosamente apaixonado. Foi três meses antes de ele conseguir entender que isso não ia levar a nada, e foi Sheila que teve de dizer a ele. O Sueco não tinha arranjado uma amante romântica — tinha arranjado uma amante franca. Com todo o bom senso, Sheila lhe explicou o que significava toda a adoração que ele tinha por ela, explicou que não era mais ele mesmo com ela do que Dawn era Dawn na clínica psiquiátrica, explicou que o Sueco estava disposto a sabotar tudo — mas ele se encontrava em tal estado que, apesar de tudo, continuou dizendo a Sheila que, quando eles fugissem juntos para Ponce, ela poderia aprender espanhol e ensinar técnicas de fonoaudiologia na universidade de lá, e ele poderia dirigir a empresa da sua fábrica em Ponce e os dois poderiam morar em uma *hacienda* moderna nas montanhas, entre as palmeiras, acima do mar do Caribe...

O que Sheila não lhe disse foi que Merry tinha ficado na casa dela — que, após o atentado à bomba, Merry se escondera na casa dela. Sheila lhe contou tudo, menos isso. A franqueza parava no ponto exato em que deveria começar.

Será que a mente de todo o mundo era tão pouco confiável quanto a do Sueco? Seria ele o único incapaz de enxergar o que as pessoas estavam aprontando de verdade? Será que todo o mundo escorregava e perdia o caminho feito ele, indo e vindo, indo e vindo, cem diferentes vezes por dia, passando de perspicaz a moderadamente perspicaz, daí a tão idiota quanto qualquer um, e por fim ao sacana mais idiota que o mundo já viu? Seria a burrice que o estava deformando, a ele, o simplório filho de um pai simplório, ou seria a vida apenas uma grande fraude da qual todo o mundo estava a par, menos ele?

Essa sensação de inadaptação ele bem que deveria ter descrito uma vez para *ela*; o Sueco podia falar com Sheila, falar sobre suas dúvidas, sua perplexidade — toda a serenidade dela dava margem a isso, essa mulher mágica que dera a Merry a maior oportunidade que Merry havia atirado no lixo, a mulher que havia suplantado com "um maravilhoso sentimento oscilante", segundo as palavras de Merry, pelo menos metade de sua frustração de gaga, a mulher lúcida cuja profissão consistia em dar aos sofredores uma segunda chance, a amante que sabia tudo, inclusive como esconder uma assassina.

Sheila estivera com Merry e não contou nada ao Sueco.

Toda a confiança entre eles, assim como toda a felicidade que ele jamais havia conhecido (como também o assassinato de Fred Conlon — como *tudo*), fora um acidente.

Sheila havia estado com Merry e não disse nada.

E não contava nada agora também. A sofreguidão com que as outras pessoas falavam parecia, sob a intensidade peculiar do olhar de Sheila, deixá-la fascinada como se estivesse diante de um ramo da patologia. Por que uma pessoa diria uma coisa como *essa*? Ela mesma nada diria a noite inteira, nada acerca de Linda Lovelace, Richard Nixon ou R. H. Haldeman e John Erlichman, e sua vantagem em relação às demais pessoas residia justamente em que sua cabeça não estava ocupada por aquilo que enchia a cabeça dos outros. Esse jeito de Sheila, de ficar à espera, escondida atrás de si mesma, o Sueco considerara, tempos atrás, como a marca da sua superioridade. Agora ele pensava: "Piranha gelada. *Por quê?*". Uma vez, Sheila lhe dissera:

— Você permite que as pessoas exerçam sobre você uma influência absoluta. Nada o cativa tanto como as necessidades das outras pessoas.

E o Sueco tinha respondido:

— Acho que você está descrevendo Sheila Salzman — e, como sempre, ele estava errado.

O Sueco pensava que ela era onisciente e, na verdade, Sheila era apenas fria.

Agora, dentro dele, rodopiava uma frenética desconfiança de todo o mundo. A amputação de certas garantias, as *últimas* garantias, gerou a sensação de que, em apenas um dia, ele saltara de cinco para cem anos de idade. Isso seria um consolo, refletiu o Sueco, isso o teria ajudado bastante, então, se ele, quem dera, soubesse que repousando no pasto, longe da sua mesa de jantar, estava o rebanho de Dawn, com Conde, o grande touro, protegendo a todos. Se Dawn ainda possuísse o Conde, se ao menos o Conde... Um momento pleno de alívio, destituído de realidade, passou antes que se desse conta de que é claro que seria um consolo ter Conde perambulando pelo pasto escuro entre as vacas, porque então Merry estaria perambulando entre os convidados, aqui, Merry, com o seu pijaminha de circo, debruçando-se nas costas da cadeira do pai, cochichando na orelha do pai. *A senhora Orcutt bebe uísque. A senhora Umanoff tem mal cheiro. O doutor Salzman é careca.* Uma inteligência malévola que era completamente inofensiva — naquele tempo, sem nada de anárquico,

apenas infantil e bem delimitada.

Nesse meio tempo, ele ouviu a si mesmo dizendo:

— Pai, pegue um pouco mais de carne — no que reconheceu ser um esforço vão, o esforço de um filho leal, para que seu pai descontrolado ficasse, se não tranqüilo, pelo menos um pouco menos teimosamente mortificado com as imperfeições da raça humana não judia.

— Vou dizer a você para quem vou pegar um pedaço de carne: para esta jovem senhora aqui. — Após espetar uma fatia da bandeja que uma das moças que serviam seguravam ao lado dele, Lou Levov descarregou a carne no prato de Jessie; ele se incumbira de Jessie como de uma missão em grande escala. — Agora pegue sua faca e seu garfo e trate de comer — disse a ela. — Um pouco de carne vermelha vai fazer bem a você. Sente-se reta na cadeira — e, como se ela achasse que Lou Levov poderia perfeitamente recorrer à violência caso não obedecesse, Jessie Orcutt balbuciou com voz embriagada:

— Eu já ia fazer isso mesmo — mas começou a revirar a carne no prato de uma maneira tão desajeitada que o Sueco receou que seu pai fosse, a qualquer momento, tomar a iniciativa de picar a carne para Jessie. Toda aquela energia em estado bruto, por mais que se esforçasse, não conseguiria remediar os males do mundo.

— Mas isso é coisa séria, esse negócio de crianças. — Após convencer Jessie a se alimentar, Lou Levov podia se voltar de novo para *Garganta profunda*. — Se isso não é coisa séria, o que é sério, então?

— Pai — disse o Sueco. — O que Shelly está dizendo não é que o assunto não seja sério. Ele concorda que seja coisa séria. Está dizendo que depois de explicar o que pensamos para um adolescente, não temos mais o que fazer, não se pode pegar esses garotos, trancá-los no quarto e jogar fora a chave.

A filha dele era uma assassina desmiolada escondida no primeiro andar de uma casa de cômodos em Newark, sua esposa tinha um amante que trepava com ela na pia da cozinha da sua própria casa, a ex-amante agira deliberadamente de forma a trazer a desgraça para a sua casa, e ele agora estava tentando aplacar o pai com uma conversa mole do tipo por-um-lado-isso-mas-por-outro-lado-aquilo.

— O senhor ficaria admirado — disse Shelly para o velho — ao ver como a garotada hoje em dia aprende depressa e por conta própria.

— Mas degradar as coisas *não* deveria estar entre aquilo que eles

aprendem! Pois eu digo, *tranquem* os garotos no quarto, sim, se é isso que eles vão aprender por conta própria! Lembro-me de quando as crianças ficavam em casa fazendo os trabalhos da escola e não na rua, vendo filmes como esse. Nós estamos falando é sobre a moralidade de um país. Ora, não é isso? Será que estou doido? É uma afronta à decência e às pessoas decentes.

— E o que é — perguntou Marcia — que existe assim de tão irresistivelmente interessante na decência?

A pergunta deixou Lou Levov tão espantado que ele se viu olhando freneticamente em volta da mesa à procura de alguém com uma opinião culta o bastante para subjugar essa mulher.

Essa pessoa veio a ser Orcutt, esse grande amigo da família. Bill Orcutt vinha em socorro de Lou Levov.

— E o que há de errado com a decência? — indagou Orcutt, dirigindo um largo sorriso para Marcia.

O Sueco não conseguia olhar para ele. Além de todas as coisas sobre as quais não conseguia pensar, havia também duas pessoas — Sheila e Orcutt — que ele não conseguia olhar. Será que Dawn achava Orcutt bonito? O Sueco jamais o havia julgado assim. Cara redonda, nariz pontudo, lábio inferior murcho... um sacana com cara de porco. Deve ser outra coisa que a arrebatou com tanto entusiasmo para cima da pia da cozinha. O quê? A segurança tranqüila? Foi isso que a fez trepar com ele? O conforto de Bill Orcutt por ser Bill Orcutt, o contentamento de Bill Orcutt por ser Bill Orcutt? Seria porque ele nem sequer sonharia em desrespeitar você, mesmo que você e ele soubessem muito bem que você não é lá flor que se cheire? Seriam as suas boas maneiras que levaram Dawn a trepar com ele desse jeito, as suas impecáveis boas maneiras, e o decoro com que Orcutt desempenhava o seu papel de camareiro do passado do município de Morris? Seria a sensação que ele exalava de nunca ter tido de suar a camisa para obter o que quer que fosse, ou de nunca ter tido de ouvir desaforos de quem quer que fosse, ou de nunca ter se sentido desorientado, sem saber como agir, mesmo tendo uma esposa que era uma pau-d'água incurável? Seria porque Orcutt já entrou no mundo com expectativas que nem mesmo um campeão e grande astro dos esportes de Weequahic poderia vislumbrar, que nenhum de nós pode vislumbrar, que o resto de nós, mesmo quando porventura conseguimos essas coisas à custa de muito trabalho duro e calo nas mãos, mesmo assim nunca nos sentimos dotados de um direito genuíno

para possuir essas coisas? Seria essa a razão pela qual Dawn estava tão excitada em cima da pia da cozinha — por causa do sentimento de direito congênito que Orcutt transmitia? Ou seria o seu louvável ambientalismo? Ou seria a arte elevada? Ou seria simplesmente o pau dele? É isso, querida Dawn? Quero uma resposta! Quero a resposta esta noite! *É só por causa do pau dele?*

O Sueco não conseguia parar de imaginar os pormenores de Orcutt trepando com a sua esposa, assim como não conseguia parar de imaginar os pormenores dos estupradores comendo a sua filha. Nessa noite, a imaginação não lhe estava dando sossego.

— Decência? — retrucou Marcia para Orcutt, sorrindo descaradamente. — São muito superestimadas, você não acha?, as seduções da decência, da civilidade e da convenção. Não representam, de jeito nenhum, a resposta mais fecunda à vida que eu gostaria de ter à mão.

— Mas então o *que* você recomenda como "fecundo"? — perguntou Orcutt. — A auto-estrada da transgressão?

O arquiteto aristocrático estava se divertindo com a professora de literatura e com a face ameaçadora que ela tentava suscitar a fim de aterrorizar os caretas. Estava mesmo se divertindo. Divertindo! Mas o Sueco não podia deixar que o seu jantar se transformasse em uma batalha pela posse da esposa. As coisas já estavam ruins o bastante sem ter de entrar em confronto com Orcutt diante dos pais. Tudo o que tinha a fazer era simplesmente não escutar o que ele dizia. Toda vez que Orcutt falava, todas as suas palavras provocavam a hostilidade do Sueco, o deixavam fervendo de ódio e rancor e com pensamentos sinistros; e quando Orcutt não estava falando, o Sueco ficava constantemente olhando para o outro lado da mesa a fim de descobrir o que, afinal de contas, havia naquele rosto que pudesse excitar a esposa.

— Bem — Marcia estava dizendo —, sem transgressão, não existe muito conhecimento, não é mesmo?

— Meu Deus — gritou Lou Levov —, *essa* eu nunca ouvi antes. Me desculpe, professora, mas onde é que a senhora foi arrumar uma idéia dessas?

— Na Bíblia — respondeu Marcia, satisfeita. — Só para começar.

— Na *Bíblia*? Em *qual* Bíblia?

— Naquela que começa com Adão e Eva. Não é isso o que dizem lá no Gênese? Não é disso que nos fala a história do Jardim do Éden?

— O quê? Fala de *quê*?

— Sem transgressão não existe conhecimento.

— Bem, não foi isso que me contaram — retrucou Lou Levov — a respeito do Jardim do Éden. Mas, afinal, eu nunca fui além da oitava série.

— O *que* ensinaram a você, Lou?

— Que quando Deus nas Alturas diz para não fazer uma coisa, é melhor não fazer mesmo... foi isso, sim, que me ensinaram. Desobedeça, e vai pagar o pato, depois. Desobedeça, e vai sofrer pelo resto dos seus dias.

— Obedeça ao senhor Deus nas Alturas — disse Marcia — e todas as coisas terríveis vão desaparecer.

— Bem... sim — respondeu Lou Levov, embora sem muita convicção, percebendo que estavam debochando dele. — Olhe, a gente está se desviando do assunto, não estamos falando sobre a Bíblia. Esqueça a Bíblia. Aqui não é lugar para conversar sobre a Bíblia. Estamos conversando sobre um filme em que uma mulher adulta, segundo dizem, aparece diante de uma câmera de cinema e, em troca de dinheiro, abertamente, para que milhões e milhões de espectadores vejam, crianças, todo o mundo, faz tudo o que se pode imaginar de degradante. É *disso* que estamos falando.

— Degradante para quem? — perguntou Marcia.

— Para *ela*, pelo amor de Deus. Número um, *ela*. Essa mulher se transformou na escória do mundo. Você não vai me dizer que é a favor *disso*.

— Ah, ela não se transformou na escória de coisa nenhuma, Lou.

— Ao contrário — disse Orcutt, rindo. — Ela comeu o fruto da árvore do Conhecimento.

— *E* — acrescentou Marcia — se transformou em uma superestrela. A mais elevada no firmamento. Creio que a senhorita Lovelace está se divertindo a valer.

— Adolf Hitler também se divertiu a valer, professora, atirando montes de judeus para dentro da fornalha. Isso não torna a coisa *direita*. Essa é uma mulher que está envenenando as mentes jovens, envenenando o país e, em troca, *ela* está se transformando na escória do mundo... ponto final!

Não havia nada de inativo em Lou Levov quando ele discutia, e tinha-se a impressão de que apenas poder observar o fenômeno de um homem velho e dogmático, agrilhoado ainda à sua fantasia do mundo, era tudo o que compelia Marcia a insistir. Atrair com uma isca, morder e fazer o sangue correr. O esporte dela. O Sueco tinha vontade de matar Marcia. Deixe-o em

paz! Deixe-o em paz que ele logo se cala! Não tem graça nenhuma ficar fazendo o velho falar cada vez mais — portanto, pare com isso!

Mas esse problema que o Sueco, desde muito tempo, havia aprendido a circunavegar, em parte refreando sua personalidade, aparentemente subjugando-a à personalidade do pai, enquanto manobrava em torno de Lou conforme podia — esse problema em relação ao pai, o problema de manter o amor filial contra as investidas violentas de um pai inflexível —, não era um problema que Marcia tivera de integrar à sua vida ao longo de décadas de experiência. Jerry simplesmente dissera ao pai para ir se foder; Dawn ficava quase maluca com Lou Levov; e Sylvia Levov, estóica e impacientemente, o suportava, sua única forma bem-sucedida de resistência consistia em mostrar-se indiferente e viver no isolamento — e ver um pouco mais de si mesma evaporando a cada ano que passava. Mas Marcia o tomava como o bobo que ele era por ainda acreditar no poder de sua indignação para converter as corrupções do presente nas corrupções do passado.

— Mas, então, o que você gostaria que ela fosse, Lou? Uma garçonete que serve coquetéis?

— Por que não? É um emprego.

— Não é grande coisa — retrucou Marcia. — Não é o tipo de emprego que interessasse a nenhum de nós, aqui.

— Ah? — exclamou Lou Levov. — Quer dizer que preferem isso que ela faz?

— Não sei — disse Marcia. — Vamos ter de fazer uma enquete entre as mulheres. O que você prefere — perguntou a Sheila — garçonete ou estrela pornô?

Mas Sheila não estava disposta a ser tragada pelo deboche de Marcia e, com olhos que pareciam fitar através da pergunta e mergulhar direto na vaidade dela, deu sua resposta inequívoca. O Sueco lembrava que após Sheila ter conhecido Marcia e Barry Umanoff ali na sua casa, em Old Rimrock, ele lhe perguntou:

— Como é que Barry pode amar uma mulher dessas? — e, em vez de responder à pergunta como fizera Dawn, dizendo "porque ele é um prodigioso bunda mole", Sheila respondeu:

— No final de um jantar social, provavelmente todo o mundo está pensando a mesma coisa a respeito de alguém.

— Você está? — perguntou o Sueco.

— Fico pensando isso sobre os casais o tempo todo — disse Sheila.

A mulher sábia. E todavia essa sábia mulher havia dado abrigo a uma assassina.

— E quanto a Dawn? — Marcia perguntou. — Garçonete ou atriz pornô?

Sorrindo com doçura, exibindo sua melhor pose de aluna de colégio católico — a menina que deixa as freiras contentes, ficando sentada bem ereta, sem relaxar a postura — Dawn respondeu:

— Vá para o inferno, Marcia.

— Mas que tipo de conversa é essa? — perguntou Lou Levov.

— Uma conversa de jantar — respondeu Sylvia Levov.

— E por que você está assim tão *blasé*? — ele replicou.

— Não estou *blasé*. Estou só ouvindo.

Então, Bill Orcutt falou:

— Ninguém perguntou a você, Marcia. O que você prefere, supondo que um dia pudesse ter essa opção?

Marcia riu alegremente da insinuação desdenhosa.

— Ah, nos filmes pornôs, tem tetas grandes e gorduchas. Isso também aparece nos sonhos dos homens. E não apenas para proporcionar uma descontração cômica. Escutem uma coisa, vocês estão sendo duros demais com Linda. Afinal, se uma moça tira a roupa em Atlantic City para arranjar uma bolsa de estudos e vira uma deusa americana, por que, quando ela tira a roupa em um filmeco de sexo, é só para ganhar dinheiro sujo e ela vira logo uma prostituta? Por que é assim? Por quê? Tudo bem... ninguém sabe. Mas, francamente, meus amigos, adoro essa expressão, "bolsa de estudos". Uma piranha vai para um quarto de hotel. O cara pergunta quanto ela cobra. A mulher responde: "Bem, se quiser uma completa, cobro uma bolsa de estudos de trezentos dólares. Se quiser uma supercompleta, cobro uma bolsa de quinhentos dólares. E se quiser uma super-hipercompleta...".

— Marcia — disse Dawn —, pode tentar à vontade que, esta noite, você não consegue me irritar.

— Não consigo?

— Não hoje.

Havia um maravilhoso arranjo de flores no centro da mesa. "Do jardim de Dawn", dissera Lou Levov para os convidados, muito orgulhoso, quando se sentaram para jantar. Havia também grandes travessas de bifes com tomates, cortados em fatias grossas, cobertos de azeite e vinagre, e circundados por fatias de cebola roxa recém-colhida na horta. E havia duas vasilhas de

madeira — grandes vasilhas para comida que eles haviam comprado em uma loja de quinquilharias usadas, em Clinton, por um dólar cada —, ambas graciosamente adornadas com uma fita vermelha e cheias, até a borda, com as espigas de milho que Orcutt ajudara Dawn a descascar. Aninhados em cestos de vime, colocados perto das duas extremidades da mesa, havia pães franceses fresquinhos, aquelas novas baguetes da McPherson's, reaquecidas no forno e que eram gostosas de partir com a mão. Havia também o bom e forte vinho de Borgonha, meia dúzia de garrafas do melhor Pommard do Sueco, quatro delas abertas na mesa, garrafas que cinco anos atrás ele havia separado para beber em 1973 — segundo o seu livro de registro de vinhos, as garrafas de Pommard guardadas em seu porão um mês antes do dia em que Merry matou o doutor Conlon. Sim, mais cedo naquela noite, ele descobrira a data 3/1/68 inscrita, com a sua letra, no caderno espiral que usava para anotar os detalhes de cada nova aquisição... "3/1/68", ele tinha escrito, sem a menor idéia de que no dia 3/2/68 sua filha iria sair de casa e insultar a América inteira, exceto talvez a professora Marcia Umanoff.

As duas estudantes da escola secundária que estavam servindo o jantar vinham toda hora da cozinha, após alguns minutos de intervalo, silenciosamente servindo os bifes que o Sueco havia preparado, dispostos em travessas de estanho, todos trinchados e bem sangrentos. Seu jogo de facas para trinchar era de Hoffritz, o melhor aço inoxidável da Alemanha. Ele fora até Nova York a fim de comprá-lo e à grande tábua de cortar carne para o primeiro Dia de Ação de Graças que passaram na casa de Old Rimrock. Antigamente, ele se importava bastante com essas coisas. Adorava afiar a lâmina na comprida lima cônica antes de ir cuidar da ave. Adorava o barulho da faca sendo afiada. O triste inventário da sua prodigalidade doméstica. Queria que sua família tivesse o melhor. Queria que sua família tivesse tudo.

— Por favor — disse Lou Levov — poderia me dar uma resposta sobre o efeito disso nas crianças? Vocês estão se afastando inteiramente do assunto. Será que ainda não estamos fartos de ver tragédias envolvendo crianças? Pornografia. Drogas. A violência.

— O divórcio — acrescentou Marcia, para ajudá-lo.

— Professora, não me venha com essa conversa de divórcio. Você entende francês? — perguntou ele.

— Entendo, quando preciso — respondeu Marcia, rindo.

— Pois bem, tenho um filho que mora lá na Flórida, irmão de Seymour,

cuja *spécialité* é divórcio. *Eu* pensava que a *spécialité* dele fosse cirurgia cardíaca. Mas, não, é divórcio. Pensei que o tinha mandado para a faculdade de medicina, achei que era de lá que vinham as contas para eu pagar. Mas, não, era a faculdade de divórcio. Foi nisso que ele se diplomou: divórcio. Será que já existiu no mundo alguma coisa mais terrível para uma criança do que o espectro de um divórcio? Não creio. E onde vai acabar? Qual é o limite? *Vocês* todos não cresceram nesse tipo de mundo. Tampouco eu. Crescemos em uma era em que isto aqui era um lugar diferente, quando o sentimento de comunidade, lar, família, país, trabalho... bem, era diferente. As mudanças foram além da capacidade de compreensão. Às vezes eu acho que mais coisas mudaram desde 1945 do que em todos os anos da história até então. Não sei o que fazer com o final de tantas coisas. A falta de sentimento pelas pessoas que se vê nesse filme, a falta de afeição pelos lugares, como está acontecendo em Newark... como uma coisa dessas acontece? Você não precisa reverenciar sua família, não precisa re-verenciar seu país, não precisa reverenciar a sua vida, mas tem de saber que *possui* essas coisas, tem de saber que faz *parte* delas. Porque, se não for assim, está completamente sozinho no mundo, e aí eu tenho muita pena do que vai ser de vocês. Francamente, tenho pena. Estou certo, senhor Orcutt, ou estou errado?

— Em se perguntar onde fica o limite? — perguntou Orcutt.

— Bem, sim — disse Lou Levov, que, segundo o que o Sueco observou, e não pela primeira vez, havia falado de crianças e violência sem a menor noção de que o tema coincidia com a vida da família. Merry fora usada em benefício dos propósitos malignos de outras pessoas, essa era a história em que, para o bem de todos eles, era crucial manterem-se ancorados. O Sueco se punha severamente vigilante com toda e qualquer pessoa de sua família a fim de se certificar de que ninguém se desviava, nem sequer por um momento, da sua crença nessa história. Ninguém nessa família iria cair na dúvida a respeito da absoluta inocência de Merry, não enquanto ele estivesse vivo.

Entre as muitas coisas em que o Sueco não podia pensar, nos estreitos limites do seu posto de rebatedor de beisebol, estava o que aconteceria com o seu pai quando soubesse que o total de mortos chegava a quatro.

— Você tem razão — Bill Orcutt estava dizendo para Lou Levov — em se perguntar onde fica o limite. Creio que todo o mundo aqui se pergunta onde fica o limite, todos nós nos preocupamos em saber onde fica o limite,

toda vez que lemos os jornais. Exceto a professora da transgressão. Mas, afinal, estamos todos sufocados pela convenção, não somos grandes marginais como William Burroughs, o marquês de Sade e o sagrado são Jean Genet. A Escola de Literatura do Deixe Que Todo Homem Faça Aquilo Que Bem Entender. A formidável escola da Civilização é Opressão e Moralidade é Horror.

E ele não corou. "Moralidade" sem piscar um olho. "Transgressão" como se fosse um estranho a ela, como se, entre todos os homens ali, não fosse justamente ele — William III, o último naquela extensa linhagem de Orcutts, apresentados ao público, no seu cemitério, como homens virtuosos — que havia cometido a pior das transgressões, ao violar a unidade de uma família já semidestruída.

A esposa do Sueco tinha um amante. E tinha sido para o amante que ela se submetera aos rigores do levantamento facial, a fim de seduzi-lo e conquistá-lo. Sim, agora o Sueco entendia a carta efusiva agradecendo entusiasticamente ao cirurgião plástico por ter gastado "cinco horas do seu tempo em benefício da minha beleza", agradecendo-lhe como se o Sueco não tivesse pagado doze mil dólares por aquelas cinco horas, e mais cinco mil dólares pela suíte na clínica onde eles passaram duas noites. *É uma maravilha, caro doutor. É como se eu tivesse ganhado uma nova vida. Tanto por dentro quanto por fora.* Em Genebra, ele ficara acordado ao seu lado a noite inteira, segurou a mão de Dawn enquanto ela sentia náusea e dor, e tudo isso para agradar uma outra pessoa. Era em benefício de uma outra pessoa que ela estava construindo a casa nova. Os dois estavam criando a casa um para o outro.

Fugir para Ponce a fim de viver com Sheila depois do desaparecimento de Merry — não, Sheila fizera o Sueco voltar à razão, recobrar sua probidade e voltar para a sua esposa e para tudo o que ainda restava intato na vida deles, voltar para a esposa que até a amante sabia que ele não podia magoar, muito menos abandonar, em uma crise como aquela. No entanto aqueles dois iam levar isso tudo a cabo. O Sueco compreendeu que era assim a partir do momento em que os viu juntos na cozinha. O pacto deles. Orcutt joga Jessie no lixo e Dawn joga a mim no lixo, e a casa nova fica para eles. Dawn acha que a nossa catástrofe está terminada e assim ela vai enterrar o passado e começar uma vida nova — rosto, casa, marido, tudo novo. *Pode tentar à vontade que, esta noite, você não consegue me irritar. Não hoje.*

Eles são os marginais. Orcutt, dissera Dawn ao marido, vivia unicamente em função do que a família havia sido em outros tempos — pois bem, Dawn estava vivendo em função do que ela havia acabado de se tornar. Dawn e Orcutt: dois predadores.

Os marginais estão em toda parte. Já transpuseram os portões da nossa casa.

9

Havia um telefonema para ele. Uma das moças veio da cozinha para avisar. Ela sussurrou:

— Eu *acho* que é da Tchecoslováquia.

Foi atender o telefone no escritório de Dawn, no térreo, onde Orcutt já havia colocado a enorme maquete de papelão da casa nova. Após deixar Jessie na varanda com o Sueco e seus pais e as bebidas, Orcutt devia ter voltado para a caminhonete a fim de pegar a maquete, trazê-la para o escritório de Dawn e colocá-la na sua escrivaninha, antes de ir para a cozinha ajudar Dawn a descascar o milho.

Era Rita Cohen no telefone. Ela sabia sobre a Tchecoslováquia porque "eles" estavam seguindo o Sueco: eles o seguiram no início do verão quando foi ao consulado tcheco; o seguiram naquela tarde até o hospital de animais; o seguiram até o quarto de Merry, onde Merry lhe contou que não existia ninguém com o nome de Rita Cohen.

— Como pôde fazer uma coisa dessas com a própria filha? — perguntou ela.

— Não fiz nada com a minha filha. Fui ver minha filha. Você me escreveu e me contou onde ela estava.

— Você lhe contou sobre o hotel. Você lhe contou que nós não trepamos.

— Não falei de hotel nenhum. Não sei do que você está falando.

— Você está mentindo para mim. Você contou para a sua filha que não trepou comigo. Eu tinha avisado a você. Avisei naquela carta.

Bem a sua frente, estava a maquete da casa. Ele agora podia ver o que não fora capaz de perceber nas explicações de Dawn — exatamente como o comprido telhado de uma só água deixava a luz entrar na sala principal através da alta fileira de janelas ao longo da parede da frente da casa. Sim, agora ele via como o sol descreveria um arco no lado sul do céu e a luz iria inundar — e que felicidade simplesmente fazer Dawn dizer "inundar" depois de "luz" —, inundar as paredes brancas, desse modo transformando tudo para todo o mundo.

O telhado de papelão era removível e, quando o Sueco o ergueu, pôde

olhar direto para dentro dos quartos. Todas as paredes interiores estavam em seus lugares, havia portas e armários, na cozinha havia guarda-louças, uma geladeira, uma lavadora de pratos, um fogão. Orcutt chegara ao ponto de instalar, na sala, pequeninas peças de mobília, feitas também de papelão, uma grande escrivaninha junto às janelas na parede do lado oeste, um sofá, mesas de canto, uma otomana, duas cadeiras de espaldar baixo, uma mesinha de servir café diante de uma lareira aberta, que se estendia por toda a largura do aposento. No quarto, em frente à janela do jardim-de-inverno onde ficavam as gavetas embutidas — gavetas ao estilo Shaker, dizia Dawn — estava a grande cama de casal, à espera de seus dois ocupantes. Nas paredes dos dois lados da cabeceira da cama, havia prateleiras de livros embutidas. Orcutt fizera alguns livros e colocara na estante, miniaturas de livros, feitas de papelão. Tinham até títulos escritos. Ele era bom nisso tudo. Melhor nisso, pensou o Sueco, do que na pintura. Sim, a vida não seria muito menos fútil se pudéssemos fazer tudo numa escala de um por dezesseis? A única coisa que faltava no quarto era um caralho de papelão com o nome Orcutt escrito nele. Orcutt deveria ter feito uma Dawn em escala de um por dezesseis, deitada de barriga para baixo, com a bunda virada para o alto e, por trás, o caralho dele entrando. Seria bonito, para o Sueco, descobrir isso ali dentro, também, enquanto se achava de pé junto à escrivaninha de Dawn, olhando para o sonho de papelão da sua esposa e sorvendo a fúria de Rita Cohen.

O que Rita Cohen tem a ver com o jainismo? O que uma coisa tem a ver com a outra? Não, Merry, isso *não* encaixa. O que esse palavrório raivoso tem a ver com você, que nem sequer faria mal à *água*? *Nada* se encaixa — *nada* combina. É só na sua cabeça que essas coisas se encaixam. Em nenhum outro lugar existe lógica nenhuma.

Rita Cohen andou seguindo Merry, seguindo o Sueco, ficou no rastro dela, mas elas não estão ligadas e nunca estiveram! Essa é a lógica!

"Você foi longe demais. Você *vai* longe demais. Você acha que está dirigindo o espetáculo, p-p-p-papai? Pois você não está dirigindo coisa *nenhuma*!"

Mas se ele estava ou não dirigindo o espetáculo já não tinha mais importância, porque se Merry e Rita Cohen *estivessem* ligadas, de alguma maneira, se Merry tivesse mentido para ele quando disse que não conhecia Rita Cohen, então poderia muito bem estar mentindo também quando contou que ficou escondida na casa de Sheila depois do atentado. Se era

mesmo assim, quando Dawn e Orcutt fugissem para viver nessa casa de papelão, ele e Sheila poderiam fugir para Porto Rico, afinal de contas. E se, em conseqüência, seu pai caísse morto no chão, bem, o jeito seria enterrar o velho. Era isso o que iam fazer: enterrar o velho bem fundo na terra.

(E de repente o Sueco se viu recordando a morte do avô — o que isso provocou no seu pai. Ele era pequeno, sete anos de idade. Seu avô fora levado às pressas para o hospital na noite anterior, e seu pai e seus tios ficaram sentados junto à cabeceira da cama do velho a noite toda. Quando o pai chegou em casa, eram sete e meia da manhã. Seu avô tinha morrido. O pai saiu do carro, chegou até a escada na frente da casa e então sentou-se ali mesmo, sozinho. O Sueco ficou olhando para ele por trás das cortinas da sala. O pai não se mexia, nem mesmo quando sua mãe veio confortá-lo. Ficou sentado sem se mexer durante uma hora, o tempo todo curvado para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos e seu rosto invisível sob as mãos. Havia uma tamanha carga de lágrimas dentro da sua cabeça que ele tinha de segurá-la daquele jeito com as mãos fortes para evitar que, com o peso, ela se soltasse do seu corpo. Quando ele se tornou capaz de levantar a cabeça de novo, voltou para o carro e foi para o trabalho.)

Será que Merry *está* mentindo? Será que Merry sofreu uma lavagem cerebral? Será que Merry é lésbica? Será que Rita é a sua namorada? Será que Merry está comandando toda essa loucura? Será que elas não querem outra coisa senão me atormentar? Será que esse é o jogo delas, o único jogo, me torturar e me atormentar?

Não, Merry não está mentindo — Merry está *certa*. Rita Cohen não existe. Se Merry acredita nisso, eu também acredito. O Sueco não precisava dar ouvidos a uma pessoa que não existia. O drama que ela havia construído não existia. Suas acusações odiosas não existiam. Sua autoridade não existia, nem o seu poder. Se ela não existia, não podia *ter* poder nenhum. Será que Merry podia ter essas crenças religiosas *e* Rita Cohen também? Bastava ouvir Rita Cohen urrando no telefone para saber que ela era uma pessoa para quem não existia nenhuma forma de vida sagrada no mundo *ou* no céu. O que ela tem a ver com auto-inanição, Mahatma Gandhi e Martin Luther King? Ela não existe porque não se encaixa. Essas não são nem mesmo as palavras dela. Não são as palavras de uma moça. Não existe qualquer *fundamento* para essas palavras. Trata-se da imitação de alguém. Alguém andou dizendo a ela o que fazer e o que falar. Desde o início, tudo tem sido uma encenação. Ela é uma encenação; não partiu para isso por

iniciativa própria. Tem alguém por trás dela, alguém corrupto, cínico e trapaceiro, que põe essas crianças para fazer essas coisas, que despoja Rita Cohen e Merry Levov de tudo de bom que constituía a herança delas e as impele a levar adiante essa *encenação*.

— *Você* vai trazer Merry de volta para todos os seus prazeres idiotas? Retirar Merry da santidade dela, de volta para esse arremedo de vida, vazio e sem alma? A sua vida é do tipo mais baixo que existe no mundo, *ainda* não percebeu isso? Você é mesmo capaz de acreditar que *você*, com a sua concepção de vida, no gozo impune do crime que é a sua riqueza, não tem absolutamente nada para oferecer a *essa mulher*? Do que se trata, exatamente? Uma vida de má-fé desfrutada até o fundo, é disso que se trata, a forma suprema do proprietário parasita! Você não sabe quem é essa mulher? Não percebe em que essa mulher *se tornou*? Será que não tem a mais remota noção do tipo de coisa com que ela está em *comunhão*?

A perpétua acusação da classe média, da parte de uma pessoa que não existia; a celebração da degradação da sua filha e a incriminação da sua classe: Culpado! — segundo alguém que não existia.

— *Você* vai tirar Merry de *mim*? Você, que sentia enjôo quando olhava para ela? Enjôo porque ela se recusa a se deixar capturar pelo seu universozinho moral de merda? Me diga, Sueco: como é que você ficou tão esperto, hem?

Ele desligou o telefone. Dawn tem Orcutt, eu tenho Sheila, Merry tem Rita ou não tem Rita — *Será que Rita pode ficar para jantar? Rita pode passar a noite aqui em casa? Rita pode calçar minhas botas? Mãe, será que você pode levar a mim e a Rita até a vila?* — e o meu pai cai morto. Se tem de ser assim, que seja. Ele suportou a morte do pai *dele*, eu também posso suportar a morte do *meu* pai. Vou superar tudo. Não me interessa que significado isso possa ter ou não ter, se isso faz sentido ou não faz — eles não vão mais me fazer de gato e sapato. *Eu* não existo. Agora eles estão lidando com uma pessoa irresponsável; estão lidando com alguém que não se importa mais. *Será que Rita e eu podemos mandar pelos ares a agência do correio?* Sim. Tudo o que você quiser, minha querida. E se alguém morrer, azar.

Loucura e provocação. Nada que se possa reconhecer. Nada de plausível. Nenhum contexto em que as coisas se encaixem. Nem *ele* mais se encaixa. Nem mesmo a sua capacidade de sofrer existe mais.

Uma grande idéia se apodera do Sueco: sua capacidade de sofrer não existe mais.

Porém essa idéia, embora estupenda, não resolvia o seu problema. Não devia, de jeito nenhum, ter desligado o telefone — de jeito nenhum. Ela o faria pagar um preço enorme por isso. Um metro e noventa, quarenta e seis anos, uma empresa multimilionária e derrotado pela segunda vez por uma implacável e minúscula piranhazinha. Essa é a sua inimiga e ela *existe* de fato. Mas de onde veio? Por que me escreve, me telefona, me aflige — o que ela tem a ver com a minha pobre filha perturbada? Nada!

Mais uma vez, ela o deixa ensopado de suor, sua cabeça, um ressoante globo de dor; toda a extensão do corpo se encontra impregnada de um cansaço tão profundo que dá a impressão de estar no limiar da morte, e no entanto seu inimigo revela possuir pouco mais substância do que um monstro mítico. Não exatamente um inimigo feito de sombras, *não* o nada — mas o que é, então? Um mensageiro. Sim. Ela o persegue, o acusa, o explora, o engana, o repele, o arrasta até uma situação de completa e atordoada imobilidade, disparando toda e qualquer palavra maluca que lhe passe pela cabeça, o emaranha em seus clichês lunáticos e vem e vai como um mensageiro. Mas um mensageiro de quem? De onde?

O Sueco nada sabe a respeito dela. Salvo que expressa com perfeição a burrice do seu grupo. Salvo que ele ainda é o vilão para ela, que o ódio dela por ele é inexorável. Salvo que agora tem vinte e sete anos. Já não é mais criança. Uma mulher. Mas grotescamente fixada em sua posição. Comporta-se como um mecanismo composto de partes humanas, feito um alto-falante, partes humanas montadas como um alto-falante destinado a produzir um som dilacerante, um som destrutivo e enlouquecedor. Após cinco anos, a mudança resume-se na direção em que é lançada mais quantidade do mesmo barulho de antes. A deterioração de Merry vem na forma do jainismo; a deterioração de Rita Cohen vem na forma de *mais*. O Sueco nada sabe a respeito dela, salvo que ela precisa, mais do que nunca, estar no comando — precisa ser cada vez mais e mais *inesperada*. O Sueco sabe que está lidando com uma destruidora irredutível, com algo grande dentro de alguém muito pequeno. Cinco anos se passaram. Rita voltou. Algo está se preparando. Algo inimaginável está prestes a acontecer outra vez.

Ele nunca conseguiria superar a barreira que essa noite representava. Desde o instante em que deixou Merry naquela cela, atrás daquele véu, o Sueco sabia que já não era mais um homem capaz de adiar indefinidamente

a hora de ser esmagado.

Estou farto de caprichos e egoísmo. Graças a vocês.

Alguém abriu a porta do escritório.

— Você está bem? — Era Sheila Salzman.

— O que você quer?

Ela fechou a porta às suas costas e entrou no aposento.

— No jantar, você parecia mal. Agora parece ainda pior.

Acima da escrivaninha de Dawn, havia uma fotografia do Conde. Todas as fitinhas azuis de condecorações ganhas por ele estavam espetadas na parede dos dois lados do retrato. Era o mesmo retrato de Conde que costumava aparecer no anúncio anual de Dawn na revista de criadores de gado Simmental. Foi Merry quem escolheu o slogan para o anúncio, entre os três que Dawn tinha proposto para eles na cozinha, certa noite, depois do jantar. CONDE PODE FAZER COISAS INCRÍVEIS PELO SEU REBANHO. SE JÁ EXISTIU UM TOURO ÚTIL, ESTE TOURO É O CONDE. UM TOURO CAPAZ DE CRIAR UM REBANHO. A princípio, Merry defendeu uma outra sugestão, a própria — VOCÊ PODE CONTAR COM CONDE —, mas depois que Dawn e o Sueco tinham desaprovado a idéia, acabou escolhendo UM TOURO CAPAZ DE CRIAR UM REBANHO, e este acabou virando o slogan dos Criadores de Arcádia, enquanto Conde foi a superestrela chique de Dawn.

Na escrivaninha, antigamente, ficava uma foto de Merry com treze anos de idade, de pé, na frente do corpulento touro premiado, o Reprodutor Medalha de Ouro, segurando-o por uma correia de couro presa à argola espetada no focinho. Como uma menina instruída na escola de agricultura, Merry sabia como guiar, andar, lavar e cuidar de um touro; treinou, primeiro, com os novilhos de um ano de idade, mas depois com os mais crescidos, e Dawn ensinou Merry a nunca confiar em Conde. Às vezes ele podia ficar com um ânimo mais violento, mesmo em relação a Merry e Dawn, as duas pessoas com quem ele estava mais habituado no mundo. Justamente naquela fotografia — um retrato que o Sueco adorava da mesma forma que adorava a foto que apareceu na primeira página do *Denville-Randolph Courier*, de Dawn com o seu blazer junto ao consolo da lareira — ele podia ver tudo o que ela havia pacientemente ensinado a Merry e tudo o que Merry havia sofregamente aprendido com ela. Mas aquilo se fora, assim como a lembrança sentimental da infância de Dawn, uma foto da pitoresca ponte de madeira, em Spring Lake, que atravessava o lago até a igreja de St. Catherine, uma foto tirada sob o sol da primavera, com as azaléias em flor

nas duas extremidades da ponte e, resplandecendo ao fundo, a cúpula de cobre, desbotada pelo tempo, da grande igreja, onde, quando criança, Dawn gostava de imaginar a si mesma como uma noiva com um longo vestido branco. Tudo o que havia agora na escrivaninha dela era a maquete de papelão de Orcutt.

— É essa a casa nova? — Sheila perguntou.

— Sua piranha.

Ela não se mexeu; olhou firme para trás, na direção do Sueco, mas não falou nada nem se mexeu. Se ele tirasse a fotografia de Conde da parede e batesse com ela na cabeça de Sheila *ainda* assim ela ficaria impassível, de algum modo ainda se recusaria a lhe oferecer uma reação sincera. Cinco anos antes, durante quatro meses, eles foram amantes. Por que Sheila diria a ele a verdade, agora, se ela foi capaz de sonegá-la já naquele tempo?

— Me deixe sozinho — disse o Sueco.

Mas quando ela lhe deu as costas para atender a seu áspero pedido, o Sueco agarrou o braço dela e a empurrou com força de encontro à porta fechada.

— Você escondeu minha filha na sua casa. — A força da raiva não ficou, de maneira alguma, oculta pelo sussurro que subiu arranhando por sua garganta. O crânio de Sheila estava aprisionado entre as mãos do Sueco. A cabeça dela já fora antes segura sob a pressão vigorosa das mãos dele, mas nunca, nunca daquele modo. — Você escondeu minha filha na sua casa!

— Sim.

— Você nunca me contou.

Sheila não respondeu.

— Eu podia matar você! — disse ele e, no mesmo instante em que falou, soltou-a.

— Você esteve com ela — disse Sheila. As suas mãos cruzadas na frente do corpo. Essa calma absurda, apenas alguns segundos depois de ele ter ameaçado matá-la. Todo esse ridículo autocontrole. Sempre esse ridículo e escrupuloso pensamento autocontrolado.

— Você sabe tudo — rosnou o Sueco.

— Sei o que você sofreu. O que posso fazer por ela?

— *Você?* Mas por que deixou Merry fugir? Ela foi para a sua casa. Ela mandou pelos ares um prédio. Você sabia tudo a respeito disso... por que não me chamou, por que não entrou em contato comigo?

— Eu não sabia o que tinha acontecido. Só descobri mais tarde, naquela

noite. Mas quando ela me procurou, estava fora de si. Estava transtornada e eu não sabia por quê. Pensei que tinha acontecido alguma coisa na casa de vocês.

— Mas após algumas horas ficou sabendo de tudo. Por quanto tempo ela ficou com você? Dois dias, três dias?

— Três. Ela foi embora no terceiro dia.

— Então você já sabia o que tinha acontecido.

— Eu vim a saber mais tarde. Eu não conseguia acreditar, mas...

— Foi divulgado pela televisão.

— Mas ela estava na minha casa, nessa altura. Eu já havia prometido a ela que a ajudaria. E que eu ia manter segredo de todos os problemas que ela me contasse. Merry me pediu para confiar nela. Isso foi antes de eu ver as notícias. Então, como eu poderia trair Merry? Eu tinha sido a fonoaudióloga dela, Merry tinha sido minha cliente. Eu sempre quis fazer o que fosse melhor para ela. Qual era a alternativa? Deixar que ela fosse presa?

— Telefonar para mim. Essa era a alternativa. Telefonar para o pai. Se você tivesse me procurado imediatamente e me dito "ela está a salvo, não se preocupe com ela", e depois não deixasse Merry sumir da sua vista...

— Ela era uma menina crescida. Como é que eu poderia impedir que ela sumisse da minha vista?

— Devia trancar a casa e deixar Merry lá dentro.

— Ela não é um animal. Não é como um gato ou um pássaro que a gente possa manter em uma gaiola. De um jeito ou de outro, ela ia fazer o que quisesse fazer. Nós tínhamos um pacto de confiança, Seymour, e quebrar a confiança dela naquela situação... Eu queria que ela soubesse que havia uma pessoa neste mundo em quem ela podia confiar.

— *Naquela situação, confiança não era o que ela precisava! Ela precisava de mim!*

— Mas eu tinha certeza de que a sua casa era o local que a polícia estaria vigiando. De que ia adiantar telefonar para você? Eu não poderia levar Merry de carro até lá. Comecei até a imaginar se eles não iam descobrir que estava na minha casa. De repente, me pareceu o lugar mais óbvio do mundo para procurar por ela. Comecei a pensar que o *meu* telefone estava grampeado. Como é que eu poderia ligar para você?

— Você podia arranjar um jeito de fazer contato.

— Quando ela chegou, estava agitada, alguma coisa estava errada, ficava o tempo todo berrando sobre a guerra e a sua família. Achei que alguma

coisa terrível havia acontecido com *ela*. Não era a mesma, Seymour. Alguma coisa muito grave tinha acontecido com aquela menina. Ela falava como se tivesse ódio de você também. Eu não podia imaginar... mas às vezes a gente começa a acreditar nas piores coisas sobre as pessoas. Acho que talvez seja isso que eu andei tentando compreender quando nós ficamos juntos.

— Como é? Do que você está falando?

— Será que havia mesmo alguma coisa errada? Será que havia mesmo alguma coisa ruim a que Merry estava submetida e que pudesse levá-la a fazer uma coisa dessas? Eu também estava confusa. Eu queria que você soubesse que eu nunca acreditei nisso e não queria acreditar. Mas é claro que eu fiquei pensando. Qualquer um pensaria.

— E? E? Tendo um caso comigo... o que diabos você descobriu, ao ter o seu casinho amoroso comigo?

— Que você é bondoso e compassivo. Que você faz o melhor que pode para ser compreensivo, correto. Exatamente o que eu teria imaginado antes de Merry explodir uma bomba naquele prédio. Seymour, acredite, por favor, eu só queria que ela ficasse a salvo. Por isso a escondi na minha casa. Dei banho nela, lavei sua roupa. E lhe dei um lugar para dormir. Eu não tinha, na verdade, a menor idéia de que...

— Ela explodiu uma bomba em um prédio, Sheila! Uma pessoa morreu! Tudo estava sendo noticiado pela televisão!

— Mas eu não sabia até ligar a televisão.

— Aí, às seis horas, você ficou sabendo. Ela ficou lá durante três dias. E você não entrou em contato comigo.

— De que adiantaria entrar em contato com você?

— Sou o pai dela.

— Você é o pai dela e ela explodiu uma bomba em um prédio. De que adiantaria levar Merry de volta para você?

— Será que você não entende o que eu estou dizendo? Ela é minha filha!

— É uma menina muito forte.

— Forte o suficiente para cuidar sozinha de si mesma neste mundo? Não!

— Devolvê-la a você não ia ajudar ninguém. Ela não ia ficar sentadinha e comer suas ervilhas e cuidar da vida. Não se pode explodir um prédio e depois...

— Era o seu dever me avisar que ela estava na sua casa.

— Achei que isso só ia servir para tornar mais fácil que eles descobrissem onde Merry estava. Ela havia ido tão longe, havia ficado tão mais forte que

eu pensei que poderia se virar sozinha. Ela *é* uma menina forte, Seymour.

— Ela é uma menina louca.

— Ela tem problemas.

— Ah, meu Deus! E o pai não tem papel nenhum a desempenhar em relação à filha com problemas?

— Tenho certeza de que o pai desempenhou um papel enorme. É por isso que eu não podia... Eu pensei que alguma coisa horrível tinha acontecido na casa dela.

— Uma coisa horrível aconteceu no mercadinho da vila.

— Mas você devia ter visto como ela estava... tinha ficado tão gorda!

— Eu devia ter *visto*? E onde você acha que ela andava? Era sua responsabilidade entrar em contato com os pais dela! E não deixar a criança fugir de casa para lugar nenhum! Ela nunca precisou tanto de mim como naquela hora. Ela nunca precisou tanto do pai. E você vem me dizer que nunca precisou menos do pai. Você cometeu um erro terrível. Espero que saiba disso. Um erro terrível, terrível.

— O que você poderia fazer por ela, então? O que qualquer pessoa poderia fazer?

— Eu merecia saber. Eu tinha o direito de saber. Ela é menor de idade. Ela é minha filha. Você tinha o dever de me comunicar.

— Meu primeiro dever era para com ela. Era minha cliente.

— Já não era mais sua cliente.

— Tinha sido minha cliente. Uma cliente muito especial. Ela avançou muito. Meu primeiro dever era para com ela. Como eu poderia quebrar a sua confiança? O mal já estava feito.

— Não posso acreditar que você esteja dizendo essas coisas.

— É a lei.

— Que lei?

— Não se pode trair a confiança do seu cliente.

— Pois existe outra lei, sua idiota, uma lei contra o assassinato! Ela era uma fugitiva da justiça!

— Não fale dela desse jeito. É claro que fugiu. O que mais podia fazer? Achei que talvez ela fosse se entregar. Mas queria que fizesse isso na hora que desejasse. Do jeito que escolhesse.

— E eu? E a mãe dela?

— Bem, eu morria de pena de ver você.

— Você me viu durante quatro meses. Todo dia você morria de pena de

mim?

— Toda vez eu me perguntava se poderia, talvez, ter ajudado um pouco se tivesse lhe contado. Mas não via de que modo isso podia ajudar, na verdade. Não mudaria nada. Você já estava tão arrasado.

— Você é uma piranha desumana.

— Não havia mais nada que eu pudesse fazer. Ela me pediu para não contar. Ela me pediu para confiar nela.

— Não compreendo como é que pôde ser tão cega. Não compreendo como é que você se deixou ludibriar desse modo por uma menina que era obviamente louca.

— Sei que é difícil encarar isso. A coisa toda é impossível de compreender. Mas tente se colocar na minha pele, pinçar alguma maneira que estivesse ao meu alcance para mudar o rumo das coisas... não teria modificado em nada a vida dela, não teria modificado em nada a sua vida. Ela estava fugindo. Já não havia como trazê-la de volta. Não era a mesma menina de antes. Algo tinha dado errado. Não vi sentido nenhum em trazê-la de volta para casa. Ela havia ficado tão gorda.

— Pare com isso! Que diferença *isso* faz?

— Eu só pensei que ela havia ficado tão gorda e tão enraivecida que alguma coisa muito séria devia ter acontecido em casa.

— E que era culpa minha.

— Não pensei isso. Todos nós temos uma casa. É sempre o lugar onde as coisas dão errado.

— Assim você se incumbiu de deixar essa menina de dezesseis anos, que tinha matado uma pessoa, fugir sozinha no meio da noite. Sozinha. Desprotegida. Sem a menor idéia do que poderia acontecer com ela.

— Você está falando de Merry como se ela fosse uma menina indefesa.

— Ela *é* uma menina indefesa. Sempre *foi* uma menina indefesa.

— Depois que ela explodiu uma bomba no mercadinho, não tinha nada que se pudesse fazer, Seymour. Se eu traísse a confiança dela, que diferença isso faria?

— Eu estaria com a minha filha! Eu poderia protegê-la do que aconteceu com ela! Você não sabe o que aconteceu com ela. Você não a viu do jeito que eu a vi, hoje. Ela está completamente louca. Eu vi Merry hoje, Sheila. Ela não está mais gorda... ela é um caniço de magra, um caniço com um trapo pendurado. Está em um quarto alugado aqui em Newark, na situação mais horrível que se possa imaginar. Não consigo descrever a você como

ela vive. Se você tivesse me avisado, tudo seria diferente!

— Nós não teríamos tido um caso... essa seria a única diferença. É claro que eu sabia que você podia ficar magoado.

— Por quê?

— Por eu ter visto Merry. Mas colocar tudo isso em questão outra vez? Eu não sabia onde ela estava. Não tinha qualquer informação sobre ela. Essa é a verdade. Ela não estava louca. Estava transtornada. Estava enraivecida. Mas não estava louca.

— Não é loucura explodir o mercadinho? Não é loucura fazer uma bomba, colocar uma bomba na agência do correio do mercadinho da vila?

— Estou dizendo que na minha casa ela não estava louca.

— Ela já *havia* ficado louca. Você *sabia* que ela havia ficado louca. E se ela fosse matar outra pessoa? Não haveria uma certa responsabilidade sua? Pois ela fez isso, fique sabendo. Ela fez, Sheila. Ela matou mais três pessoas. O que você acha disso?

— Não diga coisas só para me torturar.

— Estou lhe dizendo uma coisa séria! Ela matou mais três pessoas! Você podia ter evitado isso!

— Você está me torturando. Está tentando me torturar.

— Ela matou mais três pessoas!

E foi nesse instante que o Sueco arrancou da parede o retrato do Conde atirou-o aos pés de Sheila. Mas isso não a perturbou — serviu apenas para que ela recuperasse seu autocontrole. Fazendo o papel de si mesma, sem raiva, sem sequer uma reação, grave, muda, ela deu as costas e saiu do aposento.

— O que se pode *fazer* por ela? — o Sueco ficou rosnando e, o tempo todo, de joelhos no chão, recolhendo cuidadosamente os cacos de vidro e colocando na cesta de lixo de Dawn. — O que se pode fazer por ela? O que se pode fazer por *qualquer pessoa*? *Nada* pode ser feito. Merry tinha dezesseis anos. Dezesseis anos de idade e completamente louca. Era menor de idade. Era minha filha. Mandou pelos ares um prédio. Era uma lunática. Você não tinha o *direito* de deixá-la ir embora!

Sem o vidro, ele pendurou de novo acima da escrivaninha o retrato do impassível Conde e então, como se ouvir as pessoas tagarelando interminavelmente sobre isso e aquilo fosse a grande missão reservada para ele pelas forças do destino, o Sueco retornou da ferocidade em que estivera envolvido para o pacato e respeitável espetáculo burlesco de um jantar

social. Tudo o que havia para ele se aferrar como a única ocupação da sua vida continuava galopando rumo à destruição — um jantar social.

Como era o seu dever, retornou para a varanda iluminada com velas, trazendo dentro de si tudo o que não conseguia entender.

Os pratos tinham sido lavados, a salada fora comida e a sobremesa fora servida, torta de morangos frescos e ruibarbos, do McPherson's. O Sueco notou que os convidados haviam mudado de lugar para o final do jantar. Orcutt, ainda escondendo a escrotidão sórdida que era ele por trás da camisa havaiana e das calças cor de framboesa, havia passado para o outro lado da mesa e estava conversando com os Umanoff, todos animados e rindo juntos, agora que *Garganta profunda* tinha sido retirado de pauta. Em todo caso, *Garganta profunda* nunca fora o verdadeiro assunto em discussão. Fervendo embaixo de *Garganta profunda* se achava o tema muito mais transgressivo e desagradável que era Merry, Sheila, Shelly, Orcutt e Dawn, o tema da devassidão, traição, mentira, engodo e desunião entre vizinhos e amigos, o tema da crueldade. O deboche da probidade humana, toda e qualquer obrigação ética feita em pedaços — esse era o tema em discussão ali, naquela noite!

A mãe do Sueco dera a volta na mesa para sentar-se ao lado de Dawn, que conversava com os Salzman, e seu pai e Jessie não estavam à vista.

Dawn perguntou:

— Importante?

— O cara tcheco. O cônsul. A informação que eu queria. Onde está o meu pai?

Ele esperou que ela dissesse "está morto" mas, depois de olhar em volta, Dawn apenas murmurou:

— Não sei — e voltou-se para Shelly e Sheila.

— Seu pai saiu junto com a senhora Orcutt — sussurrou sua mãe. — Foram a algum lugar juntos. Acho que aqui na casa mesmo.

Orcutt aproximou-se dele. Tinham a mesma altura, ambos grandes, mas o Sueco sempre fora mais forte, desde quando tinha vinte e poucos anos, época em que Merry nascera e os Levov se mudaram para Old Rimrock, vindos do apartamento na avenida Elizabeth, em Newark, e o recém-chegado aparecera no sábado de manhã a fim de jogar *touch football* nos fundos da casa dos Orcutt. Tendo ido até lá só para se divertir, para desfrutar o ar fresco, a emoção do jogo e a camaradagem, para fazer novos amigos, o Sueco não tinha a menor inclinação para se exibir ou se mostrar

superior, apenas quando não tinha mesmo outra escolha: quando Orcutt, que fora do campo nunca se mostrara nada mais do que educado e cordial, começou a usar as mãos de modo mais afoito do que o Sueco considerava próprio do espírito esportivo — de um modo que o Sueco considerava grosseiro e irritante, o pior comportamento possível para um jogo sem compromisso, mesmo que o time de Orcutt estivesse perdendo feio. Depois que a mesma coisa havia acontecido por duas semanas seguidas, o Sueco resolveu, na terceira semana, fazer aquilo que ele poderia, é claro, ter feito desde a primeira vez — derrubar Orcutt no chão. E assim, quase no final do jogo, com uma única e ágil manobra — empregando o peso do oponente para aplicar o golpe — ele conseguiu, ao mesmo tempo, receber o passe longo de Bucky Robinson e dar um jeito de deixar Orcutt esparramado na grama aos seus pés, antes de correr saltitante para fazer o ponto. Correr saltitante e pensar, vejam só, "não gosto de ser tratado com superioridade", as mesmas palavras que Dawn usara para recusar o convite para tomar parte do Passeio Turístico ao Cemitério da Família Orcutt. O Sueco não percebera, não antes de sair em disparada sozinho em direção ao gol, como o tom exprobratório de Dawn o havia contagiado, nem como ele estava transtornado pela mais remota probabilidade (uma probabilidade que, diante de Dawn, o Sueco havia rejeitado) de sua esposa ser ridicularizada por ter sido criada em Elizabeth e ser a filha de um encanador irlandês. Quando, depois de fazer o ponto, voltou-se e viu Orcutt ainda estirado no chão, pensou: "Duzentos anos de história do município de Morris caídos de bunda no chão — isso vai lhe ensinar a não tratar Dawn Levov com superioridade. Da próxima vez, você vai passar o jogo inteiro caído de bunda no chão", antes de voltar a trote pelo campo a fim de ver se Orcutt estava bem.

O Sueco sabia que, assim que derrubasse Orcutt no chão da varanda, não teria a menor dificuldade em martelar sua cabeça contra as lajes do piso, quantas vezes fossem necessárias para mandá-lo para aquele cemitério junto com o seu digníssimo clã. Sim, tem alguma coisa errada com esse cara, sempre houve, e o Sueco sabia disso o tempo todo — sabia disso por causa daquelas pinturas horrendas, sabia disso por causa do emprego safado das suas mãos nas partidas no quintal da sua casa, sabia disso até mesmo no cemitério, quando, durante uma hora inteirinha, Orcutt desfrutou, para o seu deleite gói, a atenção de um turista judeu... Sim, um grande desprazer desde o início. Dawn disse que aquilo era arte, arte

moderna, quando o tempo todo, posto a nu na parede da sua sala, estava o desprazer que William Orcutt representava. Mas agora ele tinha a minha mulher. Em vez daquele estrupício da Jessie, ele conseguiu uma reciclada e revitalizada Miss New Jersey de 1949. Ele a tinha prontinha, agora ele a tinha *toda*, o ganancioso, o gatuno filho da mãe.

— Seu pai é um bom homem — disse Orcutt. — Jessie não costuma receber tanta atenção quando sai de casa. É por isso que ela não sai de casa. Ele é um homem muito generoso. Não reprime os sentimentos, não é? Nada fica escondido. A gente pode ver a pessoa completa. Sem disfarces. Sem pudores. Se entusiasma com tudo. É formidável. Uma pessoa admirável, de verdade. Uma presença muito forte. É sempre ele mesmo. Do mundo de onde eu venho, isso é algo para se admirar.

Ah, posso apostar que é mesmo, seu sacana escroto. Ria de nós, seu puto. Vai rindo, vai.

— Onde eles estão? — perguntou o Sueco.

— Ele disse a Jessie que só havia um jeito de comer um pedaço de torta fresquinha. Sentado a uma mesa de cozinha junto com um bom copo de leite gelado. Acho que estão na cozinha com o leite gelado. Jessie está aprendendo muito mais do que poderia precisar, na vida toda, a respeito de como fazer luvas, mas isso também está bem. Não há mal nenhum. Espero que você não se importe por eu não ter podido deixá-la em casa.

— Não íamos, de modo algum, querer que você a deixasse sozinha em casa.

— Vocês todos são mesmo muito compreensivos.

— Eu estava olhando a maquete da casa — disse o Sueco — no escritório de Dawn. — Mas o que ele estava olhando mesmo era uma verruga no lado esquerdo da cara de Orcutt, uma verruga escura, enterrada no vinco que descia do nariz até o canto da boca. Junto com o nariz pontudo, Orcutt tinha essa verruga feia. Será que Dawn achava a verruga excitante? Será que beijava a verruga? Será que ela nunca notou que esse sujeito tinha uma cara meio balofa? Ou, quando se trata de um filho da alta sociedade de Old Rimrock, Dawn se mostra indiferente no tocante à aparência, tão imperturbável, tão profissionalmente isenta quanto as damas do puteiro em Easton?

— Sei... — disse Orcutt, amavelmente fingindo-se inseguro. Usa a mão de forma desleal quando joga futebol americano, veste essas camisas, pinta aqueles quadros, come a mulher do vizinho e, em tudo isso, dá um jeito de

se manter o mesmo homem sempre sensato e impenetrável. Só fachada e subterfúgio. *Ele faz tanto esforço*, disse Dawn, *para ser unidimensional*. Por fora, o nobre, por dentro, a ratazana. Beber é o demônio que habita a esposa dele; a luxúria e a rivalidade são os demônios que habitam Bill Orcutt. Autenticado, civilizado, predatório. Para reforçar a agressão genealógica — a supremacia das origens — a agressão das escrupulosas boas maneiras. O misericordioso ambientalista e o predador calculista, protegendo aquilo que possui por direito hereditário e tomando, de maneira sub-reptícia, aquilo que não possui. A selvageria civilizada de William Orcutt. Sua forma civilizada de comportamento animal. Prefiro as vacas. — A idéia era mostrar a maquete *depois* do jantar... junto com a explicação oral — disse Orcutt. — Fez sentido sem a explicação? — perguntou. — Imagino que não.

Mas é claro — ser impenetrável é o *objetivo*. Então a pessoa se movimenta de forma competente ao longo da vida, apoderando-se de lindas mulheres casadas. Na cozinha, o Sueco devia ter acertado com a frigideira na cabeça daqueles dois.

— Tem sentido, sim. E muito — disse o Sueco. E então, como se jamais pudesse deixar de tratar bem a Orcutt, acrescentou: — É interessante. Agora eu entendi a concepção de luz. Entendi como a luz vai inundar as paredes. Vai ficar uma beleza de se ver. Acho que vocês vão ser muito felizes na casa.

Orcutt riu:

— Vocês, você quer dizer.

Mas o Sueco não ouvira o próprio erro. Ele não o ouvira por causa da enormidade do pensamento que lhe acabara de assomar à cabeça: o que ele devia ter feito e deixou de fazer.

Devia ter forçado a filha. Não devia ter deixado a filha lá. Jerry tinha razão. Ir para Newark. Partir imediatamente. Levar Barry. Os dois juntos poderiam persuadi-la e trazê-la no carro de volta para Old Rimrock. E se Rita Cohen estiver lá? Vou matá-la. Se ela estiver em qualquer lugar próximo de minha filha, vou derramar gasolina em cima daquela cabeleira toda e tocar fogo na piranhudazinha. Destruir minha filha. Mostrar a xoxota para mim. Destruir minha criança. *Aí está* o sentido — eles estão destruindo Merry pelo prazer de *destruir*. Leve a Sheila com você. Leve a Sheila. Acalme-se. Leve Sheila para Newark. Merry dá ouvidos a Sheila. Sheila vai falar com ela e tirá-la daquele quarto.

— ...deixe para a nossa intelectual visitante interpretar tudo erradamente. A rudeza complacente com que ela pratica a antiga diversão francesa de espancar a burguesia... — Orcutt estava revelando ao Sueco seu deleite em relação às opiniões de Marcia. — Deve-se, eu suponho, dar a ela o crédito de não se submeter ao regulamento disciplinar de um jantar social, segundo o qual não se deve dizer nada a respeito de coisa nenhuma. Mesmo assim me admiro, invariavelmente me admiro ao ver como a agilidade mental anda junto com o vazio. Ela não tem, é claro, a menor idéia do que está falando. Sabe o que o meu pai costumava dizer? "Muito cérebro e nenhuma inteligência. Quanto mais instruído, mais burro." Encaixa direitinho nela.

E Dawn, não? Não. Dawn não queria ter mais nada a ver com a catástrofe da vida deles. Ela estava apenas deixando o tempo passar até que a nova casa fosse construída. Vá e resolva tudo sozinho. *Volte para a porra do seu carro e traga ela para casa. Você ama sua filha ou não ama? Você está fazendo a vontade dela, do mesmo jeito que fazia a vontade do seu pai, do mesmo jeito que fez a vontade de tudo e de todo o mundo na sua vida. Você tem medo de soltar a fera. Que crítica tremenda ela fez do decoro. Você se mantém em segredo. Nunca faz uma escolha de verdade!* Mas de que jeito ele poderia trazer Merry para casa, agora, esta noite, naquele véu, com o pai dele ali? Se o pai visse Merry, cairia duro na mesma hora. Para onde, então? Para onde ele a levaria? Poderiam *eles* dois ir viver em Porto Rico? Dawn não se importaria com o lugar para onde fosse, contanto que ela ficasse com o seu Orcutt. O Sueco tinha de pegar Merry antes que ela pusesse os pés outra vez naquela passagem de nível. Esqueça Rita Cohen. Esqueça essa imbecil desumana, Sheila Salzman. Esqueça Orcutt. Ele não importa. Encontre um lugar para Merry viver, onde não exista aquela passagem de nível. Isso é *tudo* o que importa. Comece pela passagem de nível. Evite que Merry seja morta na passagem de nível. Antes que amanheça, antes mesmo de ela sair do seu quarto — *comece por aí.*

Ele estava desmoronando do único jeito que sabia fazer, que não era propriamente desmoronar, em absoluto, mas sim afundar, a noite inteira sendo arrasado, enquanto afundava inexoravelmente sob o peso. Um homem que nunca se rompe e explode, apenas afunda... mas agora estava claro o que devia fazer. Tirar Merry de lá antes do amanhecer.

Depois de Dawn. Depois de Dawn, a vida era inconcebível. Não havia nada que ele pudesse fazer sem Dawn. Mas ela queria Orcutt. "Esse desenxabido branco-protestante-anglo-saxão", havia dito ela, ao mesmo

tempo em que bocejava, para enfatizar a idéia. Mas esse mesmo desenxabimento tinha um charme terrível para uma mocinha católica irlandesa. A mãe de Merry Levov não precisa de outra coisa que não William Orcutt III. O marido corneado compreende. É claro. Compreende tudo, agora. Quem é que vai tirar Dawn do lugar para onde ela sempre quis ir e trazê-la de volta para o sonho? O Senhor América. Formando uma equipe ao lado de Orcutt, ela estará de volta às pistas. Spring Lake, Atlantic City, agora o Senhor América. Livre da mácula da nossa filha, aquela mancha nas credenciais dela, livre da mácula da destruição do mercadinho, Dawn pode começar a reassumir a vida livre de contaminação. Mas o meu caminho foi barrado no mercadinho da vila. E Dawn sabe disso. Sabe que não estou autorizado a ir adiante. Já não tenho mais qualquer utilidade. Isto é o mais longe que ela pode chegar a meu lado.

O Sueco pegou uma cadeira e sentou-se entre a esposa e a mãe e, mesmo enquanto Dawn estava falando, segurou a mão dela na sua. Existem cem maneiras diferentes de segurar a mão de uma pessoa. Existe o modo como se segura a mão de uma criança, o modo como se segura a mão de um amigo, o modo de segurar a mão do pai ou da mãe já idosos, o modo de segurar a mão de quem se despede, de quem está morrendo e de quem está morto. O Sueco segurou a mão de Dawn do modo que um homem segura a mão de uma mulher que adora, com todo o arrebatamento transmitido através do jeito de segurar, como se a pressão na palma da mão dela produzisse uma transferência de almas, como se o entrelaçar dos dedos simbolizasse toda a intimidade deles. Ele segurou a mão de Dawn como se não tivesse nenhuma informação a respeito das condições da própria vida.

Mas depois pensou: ela também quer ficar comigo de novo. Mas não pode porque é tudo horrível demais. O que mais ela pode fazer? Dawn deve pensar que ela é veneno. Deu à luz uma assassina. *Precisa* pôr na cabeça uma outra coroa.

O Sueco devia ter ouvido a advertência do pai e nunca ter se casado com Dawn. Enfrentara-o aquela única vez, mas foi o bastante — acabou com ele. Seu pai dissera:

— Tem por aí centenas, milhares de lindas moças judias, mas você tinha de escolher logo *essa*. Arranjou uma mulher lá na Carolina do Sul, Dunleavy, mas por fim teve bom senso e se livrou dela. E agora você vem para casa e vai buscar essa tal de Dwyer, aqui mesmo. *Por quê*, Seymour?

O Sueco não podia lhe dizer "a garota da Carolina do Sul era linda, mas

não chega aos pés de Dawn". Não podia lhe dizer "a autoridade da beleza é uma coisa muito irracional". Ele tinha vinte e três anos e tudo que podia dizer era:

— Estou apaixonado por ela.

— Apaixonado? O que isso quer dizer? Que bem vai lhe trazer estar "apaixonado" quando vocês tiverem um filho? Como é que vão criar um filho? Como católico? Como judeu? Não, vocês vão criar um filho que não vai ser nem uma coisa nem outra... e tudo isso só porque você está "apaixonado".

Seu pai tinha razão. Foi isso que aconteceu. Criaram uma filha que não era nem católica nem judia, e que em vez disso foi, primeiro, uma gaga, depois, uma assassina, depois, uma jainista. O Sueco tentara a vida inteira não fazer nada errado, e foi isso que ele acabou fazendo. Todo o desacerto que mantivera afastado do caminho, o desacerto que tinha enterrado o mais fundo que um homem podia enterrar, havia mesmo assim subido à tona, só porque uma moça era linda. A coisa mais séria da sua vida, aparentemente desde o tempo em que ele *nasceu*, era evitar o sofrimento das pessoas que ele amava, ser bondoso com as pessoas, o tipo do sujeito cem por cento. Foi por isso que ele trouxe Dawn para conversar em segredo com o pai no escritório da fábrica — para tentar resolver o impasse religioso e evitar que qualquer um deles ficasse infeliz. O encontro fora sugerido pelo pai: cara a cara, "a moça", como Lou Levov piedosamente se referia a Dawn diante do Sueco, e o "ogro", conforme a moça o chamava. Dawn não teve medo; para espanto do Sueco, ela concordou.

— Já desfilei naquela passarela de maiô, não foi? Pois não foi nada fácil, se você quer saber. Vinte e cinco mil pessoas. Não é uma sensação muito digna, com um maiô branco brilhante e sapatos de salto alto brancos e brilhantes, sendo observada por vinte e cinco mil pessoas. Apareci em um *desfile* na rua de maiô. Em Camden. Quatro de julho. Tive de ir. Detestei aquele dia. Meu pai quase morreu. Mas fiz isso. Preguei por dentro, com fita adesiva, a cava daquela droga de maiô, Seymour, para que o maiô não subisse, a fita adesiva pregada na pele das minhas nádegas. Eu me senti uma *palhaça*. Mas havia aceitado o emprego de Miss New Jersey e assim fiz o meu trabalho. Me empenhei em fazer uma coisa totalmente diferente e que me deixava morrendo de medo... mas fiz. No Natal em que dei aos meus pais a notícia de que ia ser a Miss do Município de Union, você acha que foi engraçado? *Mas eu fiz*. E se pude fazer tudo aquilo, posso fazer isso

também, porque agora não se trata de ser uma mocinha tola desfilando em um carro aberto, agora é a minha *vida*, o meu *futuro*. Isso é para *valer*! Mas você vai estar lá, não vai? Não posso ir lá sozinha. Você *tem* de estar lá!

Dawn se mostrou tão incrivelmente destemida que ele não teve outra escolha senão dizer:

— E onde mais eu poderia estar?

A caminho da fábrica, o Sueco a advertiu de que não devia mencionar as contas do rosário, nem a cruz, nem o paraíso, e ficar o máximo possível sem falar em Jesus.

— Se ele perguntar se existe alguma cruz na parede da sua casa, diga que não.

— Mas é mentira. Não posso dizer que não.

— Então diga que tem uma só.

— Mas isso é mentira.

— Dawnie, não vai trazer bem nenhum para ninguém dizer que tem três cruzes. Uma é igual a três. Já dá para mostrar qual é a sua posição. Diga isso. Por mim. Diga uma cruz só.

— Vamos ver.

— E não precisa mencionar o outro troço.

— Que troço?

— A Virgem Maria.

— Isso não é um *troço*.

— As imagens. Está legal? Esqueça isso. Se ele perguntar: "Vocês têm alguma imagem?", diga a ele que não, e pronto. Diga a ele: "Não temos imagens em casa, não temos retratos, só uma cruz".

Enfeites religiosos, explicou o Sueco, imagens como aquelas na sala de jantar da casa de Dawn e no quarto da mãe dela, retratos como os que a mãe de Dawn havia pendurado nas paredes eram assuntos desagradáveis para o pai dele. O Sueco não estava defendendo a posição do pai. Estava apenas explicando que o homem fora criado de um certo modo, e era assim que as coisas eram, e não havia nada que ninguém pudesse fazer a respeito, portanto por que irritar o velho?

Opor-se ao pai não é nenhum piquenique, e não se opor ao pai não é nenhum piquenique — é isso que o Sueco estava descobrindo.

Anti-semitismo era um outro assunto desagradável. Tome cuidado com o que você vai dizer sobre os judeus. É melhor não dizer nada sobre os judeus. E não fale em padres, não diga nada sobre padres.

— Não conte a ele a história do seu pai e os padres, quando ele era garoto e trabalhava como carregador de tacos de golfe no clube campestre.

— E por que eu iria contar isso?

— Sei lá, mas fique longe dessa história.

— *Por quê?*

— Não *sei*... apenas não *conte*.

Mas o Sueco sabia a razão. Porque, se Dawn contasse a Lou Levov que a primeira vez que o pai dela entendeu que os padres tinham órgãos sexuais tinha sido no vestiário do clube em que ele trabalhava como carregador de tacos de golfe nos finais de semana, e que até então nem sequer havia imaginado que os padres podiam ter uma *anatomia* sexual, Lou Levov podia muito bem ficar tentado a dizer:

— Você sabe o que fazem com o prepúcio dos menininhos judeus depois da circuncisão?

E Dawn teria de dizer:

— Não sei, senhor Levov. O que *é* que fazem com o prepúcio? — e o senhor Levov responderia (era uma de suas piadas favoritas):

— Mandam para a Irlanda. Esperam até acumular uma boa quantidade, juntam uma porção e mandam para a Irlanda. Lá, com isso, são feitos os padres.

Foi um diálogo que o Sueco jamais iria esquecer, e não tanto devido ao que o pai disse — era tudo o que ele esperava. Dawn é que tornou o encontro inesquecível. Sua exatidão, o modo como não deturpou seriamente a imagem dos pais nem de qualquer outra coisa que sabia ser importante para ela — sua coragem é que era inesquecível.

Dawn era uns bons trinta centímetros mais baixa do que o noivo e, segundo um dos juízes que conversou em particular com Danny Dwyer após o concurso de misses, deixara de ser incluída entre as dez mais em Atlantic City apenas porque, sem o sapato de salto alto, media um metro e cinqüenta e oito, num ano em que meia dúzia de moças igualmente bem dotadas e bonitas tinham um verdadeiro porte de estátua. Essa pequenez (que pode ou não ter desqualificado Dawn para ficar entre as primeiras colocadas — afinal, ele não conseguia se conformar com a idéia de que a Miss Arizona tivesse saído vencedora de toda aquela porcaria com apenas um metro e *sessenta* de altura) havia apenas aprofundado a devoção do Sueco em relação a Dawn. Em um jovem dotado de um inato sentido de dever, como ele — um rapaz bonito que sempre se esforçava para não ser

confundido com um mero possuidor de uma aparência deslumbrante — o fato de Dawn ter apenas um metro e cinqüenta e oito de altura estimulou uma ânsia de abrigar e proteger. Antes dessa prolongada e exaustiva negociação entre Dawn e o pai do Sueco, ele não tinha a menor idéia de que estivesse apaixonado por uma moça tão forte. Até se perguntava se *queria* mesmo estar apaixonado por uma moça forte como ela.

A par do número de cruzes em sua casa, o único assunto sobre o qual ela mentiu de forma inequívoca foi o batismo, um ponto em que Dawn pareceu, enfim, capitular, mas só após três horas ininterruptas de negociações durante as quais pareceu ao Sueco que, para seu espanto, o *pai* é que havia se rendido nesse ponto, quase sem oferecer resistência. Só mais tarde ele se deu conta de que seu pai havia, deliberadamente, deixado a negociação se prolongar até que a moça de vinte e dois anos estivesse no fim de suas forças e aí *então*, mudando de posição acerca do batismo num giro de cento e oitenta graus, quis dar cabo da negociação concedendo a ela apenas a noite de Natal, o dia de Natal e a mantilha da Páscoa.

Mas depois que Merry nasceu, Dawn batizou a filha apesar de tudo. Ela podia ter cuidado do batismo sozinha ou então pedir para que sua mãe fizesse isso, mas Dawn queria tudo como manda o figurino e assim arrumou um padre, alguns padrinhos e levou o bebê para a igreja, e até que Lou Levov topasse por acaso com a certidão de batismo dentro de uma cômoda no desocupado quarto de fundos da velha casa de Old Rimrock, ninguém jamais soube de nada — apenas o Sueco, a quem Dawn contou de noite, depois que o bebê recém-batizado fora posto para dormir, já redimido do pecado original e destinado a ir para o paraíso. Na época em que a certidão de batismo foi desenterrada, Merry era um tesouro familiar de seis anos de idade e o rebuliço teve vida curta. Todavia, isso não significava que o pai do Sueco pudesse abrir mão da convicção de que o que estava por trás dos problemas de Merry, o tempo todo, era o batismo secreto: isso e a árvore de Natal, a mantilha de Páscoa, o suficiente para que a pobre criança *nunca* conseguisse entender direito quem era. Isso e a sua avó Dwyer — ela também não ajudava nada. Sete anos depois de Merry nascer, o pai de Dawn sofreu um segundo ataque do coração, caiu morto quando fazia a instalação de um forno, e daí em diante não havia mais como tirar a vovó Dwyer da igreja de St. Genevieve. Toda vez que conseguia pôr as mãos em Merry, ela compelia a menina a ir à igreja, e só Deus sabe o que enfiavam na cabeça dela, lá dentro. O Sueco, agora muito mais seguro diante do seu

pai — a respeito disso, de tudo, na verdade, muito mais seguro do que fora antes de, por sua vez, se tornar pai também —, lhe dizia:

— Pai, Merry não toma essas coisas ao pé da letra. Para ela, isso tudo é só a sua avó e o que a sua avó faz. Ir à igreja com a mãe de Dawn, no fundo, não significa nada para Merry.

Mas seu pai não estava a fim de engolir essa conversa mole.

— Ela ajoelha, não é? Elas ficam lá fazendo todos aqueles troços, e Merry se ajoelha, não é?

— Bem, é claro, acho que sim, ela fica de joelhos. Mas isso não *significa* nada para ela, no fundo.

— Ah, é? Pois para mim significa, sim, e significa muito!

Lou Levov abriu mão — isto é, diante do seu filho — de atribuir os gritos de Merry ao batismo. Mas a sós com a esposa ele não se mostrava tão cauteloso e, quando estava irritado com "alguma besteira católica" que a tal da Dwyer havia infligido à sua neta, ele se perguntava em voz alta se não era o batismo secreto que estava, o tempo todo, por trás dos gritos que deixaram a família inteira morrendo de pavor durante o primeiro ano de vida de Merry. Talvez tudo de ruim que *já* acontecera com Merry, sem excluir a *pior* coisa que lhe havia acontecido, tivesse naquilo e naquele momento a sua origem.

Merry veio ao mundo berrando e o berreiro não parou. A criança abria tanto a boca para berrar que chegou a romper pequeninos vasos sangüíneos das faces. A princípio, o médico pensou que fosse cólica mas, quando aquilo continuou durante quatro meses, era preciso arranjar uma outra explicação, e Dawn levou a filha para fazer todo tipo de exame, com todos os tipos de médico — e Merry nunca a deixava frustrada, sempre berrava com toda a força. A certa altura, Dawn teve até de torcer um pouco de urina da fralda para levar ao médico a fim de fazer um exame. A governanta que tinham, na época, era a bonachona Myra, a corpulenta e simpática filha de um garçom de um bar de Little Dublin, em Morristown, e embora ela pegasse Merry nos braços e a aninhasse carinhosamente naquele peito acolchoado e bem fornido, e fizesse bilu-bilu com tanta doçura como se fosse sua própria filha, se Merry já tivesse começado a berrar, Myra não conseguia melhores resultados do que Dawn. Nada havia que ela não tentasse a fim de desarmar o mecanismo que fazia disparar o berreiro. Quando levava Merry ao supermercado, Dawn fazia complicados preparativos antes de sair de casa, como se quisesse hipnotizar a criança e

deixá-la em estado de calma. Só para ir fazer compras, tinha de lhe dar banho, fazer Merry cochilar, vestir a filha com roupas limpas e bonitas, instalar a menina bem presa no carro, rodar com Merry pelo supermercado dentro do carrinho de compras — e tudo podia estar correndo muito bem, até que alguém se aproximava, se debruçava sobre o carrinho e dizia:

— Ah, que bebezinho lindo — e isso era o bastante: inconsolável durante as próximas vinte e quatro horas. Na hora do jantar, Dawn diria ao Sueco:

— Todo esse esforço para nada. Estou ficando louca varrida. Eu até plantaria bananeira no meio da sala se isso fosse ajudar, mas *nada* adianta.

O filme doméstico do primeiro aniversário de Merry mostrava todo o mundo cantando "Feliz aniversário", e Merry, no alto da sua cadeirinha de criança, berrava. Mas algumas semanas depois, sem nenhum motivo aparente, a fúria do berreiro começou a declinar, depois, a freqüência diminuiu e, quando ela estava com um ano e meio, tudo ficou maravilhoso, e continuou maravilhoso, e permaneceu maravilhoso até a gagueira.

O que dera errado para Merry foi aquilo que seu avô judeu já sabia que ia dar errado desde a manhã em que se encontrou com Dawn no escritório da avenida Central. O Sueco ficara sentado em uma cadeira no canto do escritório, bem afastado da linha de fogo entre os dois; toda vez que Dawn dizia o nome de Jesus, o Sueco lançava um olhar desolado através do vidro, para as cento e vinte mulheres que trabalhavam nas máquinas de costura na fábrica — o restante do tempo, ele ficou olhando para os pés. Lou Levov permaneceu de cara amarrada atrás da sua escrivaninha, não a sua escrivaninha favorita, do lado de fora, no meio da zoeira do setor de confecção, mas na escrivaninha que ele raramente usava, enfiada ali no gabinete envidraçado, por causa do silêncio. E Dawn não chorou, não perdeu a cabeça e, na verdade, mentiu muito pouco — limitou-se a manter-se firme em sua posição, com seu um metro e cinqüenta e oito centímetros de altura. Dawn — cujo único preparativo para um inquérito como aquele fora a sua entrevista com o comitê organizador do concurso de Miss New Jersey, de grande peso na pontuação final, quando ela ficou de pé diante de cinco juízes sentados e respondeu perguntas sobre a sua biografia — esteve sensacional.

A seguir, o início do interrogatório que o Sueco nunca esqueceu:

QUAL O SEU NOME COMPLETO, SENHORITA DAWN?

Mary Dawn Dwyer.

VOCÊ USA UMA CRUZ PENDURADA NO PESCOÇO, MARY DAWN?

Já usei. Na escola secundária, usei uma cruz no pescoço durante um tempo.

ENTÃO VOCÊ SE CONSIDERA UMA PESSOA RELIGIOSA.

Não. Não foi por isso que usei o cordão. Usei porque eu tinha ficado em um retiro e, quando voltei para casa, passei a usar a cruz. Não era um símbolo religioso muito importante. Na verdade, era só um sinal de que eu tinha passado um final de semana naquele retiro, onde fiz muitos amigos. Era muito mais isso do que um símbolo indicando que eu era uma católica devota.

TEM CRUZES NA SUA CASA? PENDURADAS NA PAREDE?

Só uma.

SUA MÃE É DEVOTA?

Bem, ela vai à igreja.

QUANTAS VEZES?

Com freqüência. Todo domingo. Nunca falta. E há certas ocasiões, durante a quaresma, em que ela vai todo dia.

E O QUE ELA GANHA COM ISSO?

O que ela ganha? Não sei se entendi direito. Mas ganha consolo. Dá um certo conforto ir à igreja. Quando minha avó morreu, ela foi muito à igreja. Quando alguém morre ou tem alguém doente, ir à igreja dá um certo conforto. É uma coisa para se fazer. A gente começa a rezar o rosário em intenção de alguém...

ROSÁRIO SÃO AS CONTAS?

Sim, senhor.

E SUA MÃE FAZ ISSO?

Ora, claro.

ENTENDO. E O SEU PAI TAMBÉM É ASSIM?

Assim como?

DEVOTO.

É. Sim, ele é. Ir à igreja lhe dá a sensação de ser um homem bom. De que está cumprindo o seu dever. Meu pai é muito convencional em termos de moralidade. Ele foi criado em um ambiente muito mais estritamente católico do que eu. É um simples trabalhador. Um encanador. Cuida de aquecedores a gasolina. Para ele, a igreja é uma coisa grande e poderosa que faz a gente agir da forma correta. É uma pessoa muito rigorosa no que se refere ao que é certo e ao que é errado, e ao castigo por cometer um erro e a proibições relativas ao sexo.

EU NÃO DISCORDO DESSAS COISAS.

O senhor ia concordar bastante com ele, sim. O senhor e o meu pai não são muito diferentes, quando a gente examina melhor.

EXCETO POR ELE SER CATÓLICO. UM CATÓLICO DEVOTO, E EU SOU JUDEU. NÃO É UMA DIFERENÇA PEQUENA.

Bem, talvez também não seja uma diferença grande.

MAS É SIM.

Sim, senhor.

E QUANTO A JESUS E MARIA?

O que têm eles?

O QUE VOCÊ PENSA A RESPEITO DELES?

Como indivíduos? Não penso neles em termos de indivíduos. Lembro de que quando eu era pequena disse a minha mãe que a amava mais do que a qualquer outra pessoa, e de que ela me disse que isso não era correto, que eu tinha de amar mais a Deus.

DEUS OU JESUS?

Acho que foi Deus. Pode ter sido Jesus. Mas eu não gostei disso. Eu queria mesmo era amar minha mãe mais do que tudo. Afora isso, não consigo me lembrar de exemplos específicos de Jesus como uma pessoa ou um indivíduo. A única ocasião em que, para mim, essas pessoas são reais é quando a gente repete a via-sacra na Sexta-Feira da Paixão e segue Jesus até o alto do morro para a crucificação. É a hora em que ele vira uma figura real. E, é claro, Jesus na manjedoura.

JESUS NA MANJEDOURA. O QUE VOCÊ ACHA DE JESUS NA MANJEDOURA?

O que eu acho? Gosto de ver o menino Jesus na manjedoura.

POR QUÊ?

Bem, tem alguma coisa de reconfortante e agradável na cena. E é importante. Um momento de humildade. Tem aquela palha toda e os bichinhos em volta, todos juntinhos. É só uma cena bonita, aconchegante. A gente nunca imagina que ali possa estar fazendo frio e ventando. Sempre tem umas velas acesas. Todo o mundo apenas adorando aquele bebezinho.

É SÓ ISSO. TODO O MUNDO ADORANDO AQUELE BEBEZINHO.

Sim. Não vejo nada de errado nisso.

E QUANTO AOS JUDEUS? VAMOS LOGO AO QUE INTERESSA, MARY DAWN. O QUE OS SEUS PAIS DIZEM A RESPEITO DOS JUDEUS?

(*Pausa.*) Bem, não ouço muito falar de judeus na minha casa.

O QUE OS SEUS PAIS DIZEM DOS JUDEUS? EU GOSTARIA QUE ME RESPONDESSE.

Creio que mais importante do que isso que eu acho que o senhor está

querendo saber é que minha mãe talvez tenha consciência de que ela não gosta das pessoas por serem judias mas ela não compreende que existam pessoas que talvez não gostem dela por ser católica. Uma coisa de que não gostei, eu me lembro, foi que uma das minhas amigas, quando eu era pequena, em Hillside Road, era judia e lembro que não gostei quando soube que eu iria para o céu e ela não.

POR QUE ELA NÃO IRIA PARA O CÉU?

Se a pessoa não era cristã, não ia para o céu. Para mim, parecia muito triste que Charlotte Waxman não subisse para o céu comigo.

O QUE A SUA MÃE TEM CONTRA OS JUDEUS, MARY DAWN?

O senhor poderia, por favor, me chamar apenas de Dawn?

O QUE A SUA MÃE TEM CONTRA OS JUDEUS, DAWN?

Bem, não é porque os judeus sejam judeus. É porque não são católicos. Para os meus pais, vocês e os protestantes estão no mesmo saco.

O QUE A SUA MÃE TEM CONTRA OS JUDEUS? RESPONDA.

Bem, as coisas de sempre que a gente escuta por aí.

EU NÃO ESCUTO NADA, DAWN. VOCÊ VAI TER DE ME CONTAR.

Bem, sobretudo que são petulantes. (*Pausa.*) E materialistas. (*Pausa.*) A expressão "raio judeu" já foi usada.

RAIO JUDEU?

Raio judeu.

E O QUE ISSO SIGNIFICA?

O senhor não sabe o que é raio judeu?

AINDA NÃO.

Quando provocam um incêndio para ganhar o dinheiro do seguro. É esse o raio judeu. Nunca ouviu a expressão?

NÃO, ESSA PARA MIM É NOVIDADE.

O senhor está chocado. Eu não tinha essa intenção.

SIM, ESTOU CHOCADO REALMENTE. MAS PODEMOS DIZER TUDO COM ABSOLUTA FRANQUEZA, DAWN. É PARA ISSO QUE ESTAMOS AQUI.

Não seriam todos os judeus. Só os judeus de Nova York.

E QUANTO AOS JUDEUS DE NEW JERSEY?

(*Pausa.*) Bem, sim, acho que eles são provavelmente uma variante dos judeus de Nova York.

ENTENDO. PARA OS JUDEUS DE UTAH, A EXPRESSÃO NÃO SE APLICA, RAIO JUDEU. OS JUDEUS DE MONTANA. ESTÁ CERTO? NÃO SE APLICA AOS JUDEUS DE MONTANA.

Não sei.

E QUANTO AO SEU PAI E OS JUDEUS? VAMOS FALAR TUDO LOGO DE UMA VEZ COM A MAIOR FRANQUEZA E ASSIM EVITAR QUE HAJA SOFRIMENTO PARA TODO O MUNDO, MAIS

TARDE.

Senhor Levov, muito embora essas coisas sejam ditas na maior parte do tempo, na verdade ninguém fala nada sobre os judeus. Minha família não conversa muito sobre nada. Duas ou três vezes por ano, nós vamos a um restaurante, meu pai, minha mãe, meu irmão mais novo e eu, e sempre fico surpresa quando olho em volta e vejo as outras famílias conversando sem parar. Nós apenas ficamos ali sentados e comemos.

VOCÊ ESTÁ MUDANDO DE ASSUNTO.

Desculpe. Não disse isso para me desculpar, porque na verdade não gosto disso, mas estou só tentando dizer que não é nem mesmo uma coisa que eles sintam com firmeza. Não existe na verdade nenhuma raiva ou ódio por trás disso. O que estou querendo mostrar ao senhor é que, em algumas ocasiões raras, ele usa a palavra "judeu" de uma forma depreciativa. Não é, de maneira nenhuma, uma questão importante mas lá, de vez em quando, alguma coisa parecida vem à tona. É verdade.

E COMO ELES IRIAM SE SENTIR SE VOCÊ SE CASASSE COM UM JUDEU?

Eles sentem o mesmo que o senhor, quando vê que o seu filho vai se casar com uma católica. Uma das minhas primas se casou com um judeu. Eles podem ter criado um certo caso por isso, mas nada que fosse um grande escândalo. Ela era um pouco mais velha, por isso todo o mundo ficou contente, de certo modo, por ela ter encontrado um marido.

ELA ERA TÃO VELHA QUE ATÉ UM JUDEU SERVIA. QUE IDADE TINHA A SUA PRIMA, CEM ANOS?

Trinta. Mas ninguém fez muito drama por isso. Não é nada sério, até que alguém resolve insultar o outro.

E DAÍ?

Bem, daí a pessoa pode ter vontade de fazer insinuações maldosas, se estiver aborrecida com a outra pessoa. Não acho que a questão de casar com um judeu seja necessariamente um problema sério.

ATÉ QUE SE COLOQUE O PROBLEMA DE COMO CRIAR OS FILHOS.

Bem, isso é verdade.

E ENTÃO, COMO É QUE VOCÊ RESOLVERIA ESSA QUESTÃO COM OS SEUS PAIS?

Eu teria de resolver o problema sozinha.

E O QUE ISSO QUER DIZER?

Eu gostaria que meu filho fosse batizado.

VOCÊ GOSTARIA DISSO.

A gente pode ser liberal a respeito de tudo, senhor Levov, menos em relação ao batismo.

O QUE É O BATISMO? POR QUE É TÃO IMPORTANTE?

Bem, tecnicamente falando, significa lavar a pessoa do pecado original. Mas o efeito importante é que a criança vai para o paraíso, se morrer. Se não, caso ela morra antes de ser batizada, vai para o limbo.

BEM, NÓS NÃO ÍAMOS QUERER QUE ISSO ACONTECESSE. DEIXE-ME PERGUNTAR UMA OUTRA COISA. SUPONHA QUE EU DIGA TUDO BEM, PODE BATIZAR A CRIANÇA. O QUE MAIS VOCÊ IA QUERER DE MIM?

Acho que, quando chegasse o tempo certo, eu ia querer que meu filho fizesse a primeira comunhão. Os sacramentos, o senhor sabe...

ENTÃO, TUDO O QUE VOCÊ DESEJA É O BATISMO, E ASSIM, SE A CRIANÇA MORRER, VAI PARA O PARAÍSO, DO SEU PONTO DE VISTA. E DEPOIS, A PRIMEIRA COMUNHÃO. EXPLIQUE O QUE É ISSO.

É a primeira vez em que recebemos a Eucaristia.

E O QUE VEM A SER ISSO?

"Este é o meu corpo, este é o meu sangue..."

É SOBRE JESUS?

Sim. O senhor não conhece isso? Sabe, é quando todo o mundo fica de joelhos. "Este é o meu corpo, tomai e comei. Este é o meu sangue, tomai e bebei." E depois a gente diz: "Meu Senhor e meu Deus", e come o corpo de Cristo.

NÃO POSSO CHEGAR A ESSE PONTO. DESCULPE, MAS NÃO POSSO CHEGAR A ESSE PONTO.

Bem, se houver o batismo, vamos ter de cuidar do resto depois. Por que não deixamos para a criança mesma decidir quando chegar a hora?

PREFERIRIA NÃO DEIXAR ESSAS COISAS NAS MÃOS DE UMA CRIANÇA, DAWN. EU PREFERIA RESOLVER POR MINHA PRÓPRIA CONTA. NÃO QUERO QUE UMA CRIANÇA RESOLVA SE VAI COMER JESUS. TENHO O MAIS PROFUNDO RESPEITO POR TUDO O QUE VOCÊS FAZEM, MAS O MEU NETO NÃO VAI COMER JESUS. DESCULPE. ISSO ESTÁ FORA DE QUESTÃO. AQUI ESTÁ O QUE VOU FAZER POR VOCÊ: PERMITO O BATISMO. É TUDO O QUE POSSO FAZER POR VOCÊ.

Só isso?

E ADMITO TAMBÉM O NATAL.

E a Páscoa?

A PÁSCOA. ELA QUER A PÁSCOA, SEYMOUR. VOCÊ SABE O QUE A PÁSCOA SIGNIFICA PARA MIM, MINHA CARA DAWN? A PÁSCOA É UMA GRANDE OCASIÃO PARA VENDAS ENORMES, ENORMES PRESSÕES PARA TER LUVAS EM ESTOQUE PARA QUE AS PESSOAS POSSAM COMPRAR SEUS TRAJES DE PÁSCOA. POIS VOU LHE CONTAR UMA HISTÓRIA. TODA VÉSPERA DE ANO NOVO, À TARDE, NÓS LIQÜIDÁVAMOS AS ÚLTIMAS ENCOMENDAS DO ANO, MANDÁVAMOS TODO O MUNDO PARA CASA E, COM MINHA CONTRAMESTRA E MEU CONTRAMESTRE, EU ABRIA UMA GARRAFA DE CHAMPANHE E, ANTES QUE TIVÉSSEMOS TERMINADO DE BEBER O PRIMEIRO GOLE, RECEBÍAMOS UM TELEFONEMA DE UMA LOJA EM WILMINGTON, NO DELAWARE, UMA LIGAÇÃO DO COMPRADOR DE LÁ PEDINDO CEM DÚZIAS DE LUVINHAS CURTAS DE COURO BRANCO. DURANTE VINTE ANOS OU MAIS NÓS SABÍAMOS QUE ESSE TELEFONEMA IA CHEGAR PEDINDO AS MESMAS CEM DÚZIAS DE LUVAS, ENQUANTO

ESTÁVAMOS BRINDANDO O ANO NOVO, E ERAM LUVAS PARA A PÁSCOA.

Essa tradição é de vocês.

É MESMO, MINHA SENHORA. AGORA, ME DIGA UMA COISA, O QUE É A PÁSCOA, AFINAL?

Ele sobe.

QUEM?

Jesus. Jesus sobe.

SENHORITA, ESTÁ DIFICULTANDO TREMENDAMENTE AS COISAS PARA MIM. IMAGINO QUE ISSO ACONTEÇA QUANDO VOCÊS ACOMPANHAM PROCISSÃO.

Mas acompanhamos procissão.

BEM, ESTÁ CERTO. EU PERMITO A PROCISSÃO. QUE TAL?

Na Páscoa, comemos presunto.

VOCÊ QUER COMER PRESUNTO NA PÁSCOA. BEM, PODE COMER PRESUNTO NA PÁSCOA. O QUE MAIS?

Na Páscoa, vamos à igreja usando uma mantilha de Páscoa.

E COM UM BOM PAR DE LUVAS BRANCAS, EU ESPERO.

Sim.

VOCE PRETENDE IR À IGREJA NA PÁSCOA E LEVAR O MEU NETO COM VOCÊ?

Sim. Vamos ser o que minha mãe chama de católicos uma vez por ano.

É ISSO MESMO? UMA VEZ POR ANO? (*Bate as mãos uma na outra.*) VAMOS FECHAR NOSSO TRATO. UMA VEZ POR ANO. NEGÓCIO FECHADO!

Bem, vão ser duas vezes por ano. Páscoa e Natal.

O QUE VOCÊS VÃO FAZER NO NATAL?

Quando a criança é pequena, a gente vai à missa em que cantam os hinos de Natal. A gente tem de estar lá quando cantam todos os hinos de Natal. Se não, não tem graça. A gente pode ouvir os hinos de Natal pelo rádio, mas na igreja eles não cantam os hinos antes que Jesus tenha nascido.

EU NÃO ME IMPORTO COM ISSO. ESSES HINOS NÃO ME INTERESSAM NEM UM POUCO. QUANTOS DIAS VAI DURAR ESSA HISTÓRIA DE NATAL?

Bem, tem a véspera do Natal. Tem a Missa do Galo. A Missa do Galo é à meia-noite, é uma missa solene...

NÃO SEI O QUE ISSO SIGNIFICA. NÃO QUERO SABER. CONCEDO A VOCÊ A VÉSPERA DE NATAL E O DIA DE NATAL, E TAMBÉM A PÁSCOA. MAS NÃO VOU PERMITIR ESSE NEGÓCIO EM QUE ELES COMEM O SUJEITO.

Tem o catecismo. E o catecismo?

NÃO POSSO CONCEDER ISSO A VOCÊ.

O senhor sabe o que é?

NÃO PRECISO SABER. ESSE PONTO É O MÁXIMO A QUE POSSO CHEGAR. ACHO QUE É UMA PROPOSTA GENEROSA. MEU FILHO VAI CONFIRMAR ISSO A VOCÊ. ELE ME CONHECE... ESTOU LHE CONCEDENDO MUITO MAIS DO QUE PRETENDIA. QUE É CATECISMO?

Quando a gente vai para escola e tem aulas sobre Jesus.

DE MANEIRA NENHUMA. ESTÁ CERTO? FUI CLARO? VAMOS SELAR NOSSO ACORDO? PRECISAMOS REDIGIR OS TERMOS DO NOSSO TRATO? POSSO CONFIAR EM VOCÊ OU SERÁ NECESSÁRIO PÔR TUDO POR ESCRITO?

Isso está me deixando assustada, senhor Levov.

VOCÊ ESTÁ ASSUSTADA?

Sim. (*Quase chorando.*) Não creio que eu possa enfrentar essa briga.

ADMIRO MUITO O MODO COMO VOCÊ ESTÁ ENFRENTANDO ESSA BRIGA.

Senhor Levov, depois a gente acerta isso.

DEIXAR PARA DEPOIS NUNCA DÁ CERTO. VAMOS ACERTAR TUDO AGORA OU NUNCA. AINDA QUEREMOS CONVERSAR SOBRE AS AULAS DE BAR MITZVAH.

Se for um menino e fizer o *bar mitzvah*, então ele vai ter de ser batizado. Aí ele mesmo vai decidir.

DECIDIR O QUÊ?

Depois que crescer, pode decidir qual ele prefere.

NÃO, ELE NÃO VAI DECIDIR COISA NENHUMA. VOCÊ E EU VAMOS DECIDIR ISSO AQUI E AGORA.

Mas por que a gente simplesmente não espera para ver?

NÃO VAMOS VER NADA.

(*Para o Sueco.*) Não posso mais continuar essa conversa com o seu pai. Ele é muito duro. Só posso perder. Não dá para negociar assim, Seymour. Não quero um *bar mitzvah*.

VOCÊ NÃO QUER UM BAR MITZVAH?

Com a *torah* e tudo?

ISSO MESMO.

Não.

NÃO? ENTÃO ACHO QUE NÃO PODEREMOS FAZER NENHUM ACORDO.

Então não vamos ter filhos. Eu amo seu filho. E nós não vamos ter filhos.

E EU NUNCA SEREI AVÔ. É ESSE O ACORDO?

O senhor tem um outro filho.

NÃO, NÃO, ISSO NÃO VAI DAR CERTO. NÃO ME QUEIRA MAL, MAS ACHO MELHOR CADA UM SEGUIR O SEU CAMINHO.

Será que não podemos apenas esperar e ver o que acontece? Senhor Levov, a gente tem muitos anos pela frente. Por que não podemos deixar que ele ou ela resolva o que deseja?

DE MANEIRA NENHUMA. NÃO VOU DEIXAR QUE UMA CRIANÇA TOME ESSE TIPO DE DECISÃO. COMO É QUE ELA PODERIA DECIDIR? O QUE É QUE SABE? NÓS SOMOS ADULTOS. A CRIANÇA NÃO É UM ADULTO. (*Fica de pé atrás da escrivaninha.*) SENHORITA DWYER, VOCÊ É BONITA COMO UMA PINTURA. PARABÉNS POR TER CHEGADO A ESSE PONTO.

NÃO É QUALQUER GAROTA QUE CHEGA A ESSA ALTURA TODA QUE VOCÊ CHEGOU. SEUS PAIS DEVEM ESTAR MUITO ORGULHOSOS DE VOCÊ. AGRADEÇO POR TER VINDO AO MEU ESCRITÓRIO. MUITO OBRIGADO E ATÉ LOGO.

Não, não estou indo embora. Não vou embora. Não sou uma pintura, senhor Levov. Eu sou eu mesma. Sou Mary Dawn Dwyer de Elizabeth, New Jersey. Tenho vinte e dois anos. Amo o seu filho. É por isso que estou aqui. Amo Seymour. Amo. Vamos prosseguir, por favor.

Então o acordo foi selado, os dois jovens se casaram, Merry nasceu e foi batizada em segredo, e até o pai de Dawn morrer de enfarto em 1959, as duas famílias se reuniam todo ano no jantar do Dia de Ação de Graças em Old Rimrock e, para surpresa de todos — exceto, talvez, de Dawn —, Lou Levov e Jim Dwyer acabavam passando o tempo todo juntos, trocando histórias sobre a vida no tempo em que eram garotos. Duas grandes memórias se encontram e é inútil tentar contê-las. Estão envolvidos com uma coisa mais séria até do que judaísmo e catolicismo — falam de Newark e Elizabeth — e durante o dia inteiro ninguém consegue separar aqueles dois.

— Todos os imigrantes ficavam lá no porto. — Jim Dwyer sempre começava falando do porto. — Eu trabalhava na fábrica da Singer. Essa era a maior de todas, lá. Também havia a indústria naval, é claro. Mas todo o mundo em Elizabeth acabava trabalhando na Singer, mais cedo ou mais tarde. Alguns talvez trabalhassem na avenida Newark, na Fábrica de Bolos e Biscoitos Burry. As pessoas ou estavam fazendo máquinas de costura ou estavam fazendo bolos e biscoitos. Mas a maioria ficava mesmo é na Singer, sabe, ali mesmo no porto, bem na ponta, pertinho do rio. O maior empregador da comunidade — dizia o senhor Dwyer. — Claro, todos os imigrantes, assim que chegavam, podiam logo arrumar emprego na Singer. Era a maior empresa na região. E também a Standard Oil. A Standard Oil ficava em Linden. A seção de Bayway. Bem na ponta do que chamavam de Grande Elizabeth... O prefeito? Joe Brophy. Claro. Era o dono da fábrica de carvão e também o prefeito da cidade. Depois Jim Kirk assumiu... Ah, sim, claro, teve o prefeito Hague. Uma figura. Ned, o meu cunhado, pode contar a você tudo sobre Frank Hague. Ele é especialista em Jersey City. Se você votasse direito naquela cidade, tinha emprego garantido. Eu só conheço o campo de beisebol. Jersey City tinha um grande estádio de beisebol. Roosevelt Stadium. Uma maravilha. E nunca conseguiram pegar o Hague, você sabe, nunca puseram Hague em cana. Acabou indo morar em uma casa na praia, perto de Asbury Park. Uma casa maravilhosa... A questão,

veja bem, é que Elizabeth é um grande centro esportivo, mas sem as grandes instalações necessárias para o esporte. Um campo de beisebol em que a gente pudesse cobrar cinqüenta cents ou algo assim para a pessoa entrar, nunca tivemos isso por lá. Tínhamos uns campos abertos, tínhamos Brophy Field, Mattano Park, Warananco Park, todos lugares públicos, e tínhamos também bons times e bons jogadores. Mickey McDermott era o arremessador do time Elizabeth de St. Patrick. Newcombe, o sujeito de cor, um garoto de Elizabeth. Vive agora em Colonia mas era um garoto de Elizabeth, foi arremessador para o Jefferson... Nadar em Arthur Kill, isso mesmo. Claro. Foi a coisa mais parecida com férias que já tive na minha vida. Ia duas vezes por ano para Asbury Park, numa excursão. Isso eram as férias. Nadava no Arthur Kill, por baixo da ponte Goethal. Nuzinho em pêlo, você sabe. Voltava para casa com graxa no cabelo e minha mãe dizia: "Você andou nadando no Arthur Kill outra vez". E eu dizia: "No rio Elizabeth? Você acha que sou doido?". E meu cabelo ficava o tempo todo grudento de graxa, você sabe como é...

Para as duas sogras não era tão fácil assim encontrar um campo de interesse comum e fazer camaradagem pois, embora Dorothy Dwyer pudesse ser bastante loquaz no Dia de Ação de Graças — quase tão loquaz quanto nervosa — o seu assunto era sempre a igreja.

— St. Patrick, essa era a igreja original lá, no porto, e era a paróquia de Jim. Os alemães criaram a paróquia de St. Michael e os poloneses tinham a de St. Adalbert, na esquina da rua Três com a East Jersey, e St. Patrick fica logo atrás do Jackson Park, virando a esquina. A igreja de St. Mary fica no sul de Elizabeth, na região de West End, e foi lá que os meus pais se instalaram. Tinham uma empresa de leite lá na rua Murray. A igreja de St. Patrick, a igreja Sagrado Coração na região norte de Elizabeth, Santo Sacramento, Imaculada Conceição, todas igrejas irlandesas. E também a igreja de St. Catherine. Essa fica lá em Westminster. Bem, fica nos limites do município. Na verdade, fica em Hillside, mas a escola, do outro lado da rua, fica em Elizabeth. E depois tem a nossa igreja, St. Genevieve. Quando começou, St. Genevieve era uma igreja de missionários, sabe, só uma seção de St. Catherine. Não passava de uma igreja de madeira. Agora é uma igreja grande e bonita. Mas o prédio que se vê agora, e eu lembro a primeira vez em que entrei lá...

Era sempre muito cansativo: Dorothy Dwyer tagarelando sem parar sobre Elizabeth, como se estivessem na Idade Média e, além dos campos

cultivados pelos camponeses, os únicos pontos de referência fossem os pináculos das igrejas paroquiais, no horizonte. Dorothy Dwyer tagarelando sem parar sobre St. Genevieve, St. Patrick e St. Catherine, enquanto Sylvia Levov ficava sentada diante dela, educada demais para fazer outra coisa senão acenar afirmativamente com a cabeça e sorrir, mas com o rosto tão branco como uma folha de papel. Simplesmente ficava ali sentada e suportava, e as boas maneiras a mantinham firme. Assim, somando tudo, não era nem de longe tão ruim quanto todo o mundo estava esperando que fosse. De mais a mais, era só uma vez por ano que eles se reuniam, e isso ocorria no terreno neutro, isento de cunho religioso, do Dia de Ação de Graças, quando todo o mundo come a mesma coisa, ninguém inventa de sair por aí comendo coisas gozadas — nada de *kugel*, nada de peixe *gefilte*, nada de ervas amargas, só um colossal peru assado, para duzentos e cinqüenta milhões de pessoas —, um peru colossal que alimenta todo o mundo. Uma moratória de comidas esquisitas, comportamentos esquisitos e exclusividade religiosa, uma moratória da nostalgia de três mil anos dos judeus, uma moratória de Cristo, da cruz e da crucificação para os cristãos, quando todo o mundo em New Jersey e em toda parte pode se mostrar mais passivo no tocante às próprias irracionalidades do que no resto do ano. Uma moratória para todas as mágoas e ressentimentos, e não apenas dos Dwyer e dos Levov, mas para todo o mundo na América que desconfie de todos os outros. É a pastoral americana por excelência, e dura vinte e quatro horas.

— Foi maravilhoso. A suíte presidencial. Três quartos e uma sala. É o que a gente ganhava naquele tempo por ter sido Miss New Jersey. A empresa de navegação U. S. Line. Acho que não estava reservado para nós mas, quando embarcamos, eles simplesmente nos ofereceram a suíte.

Dawn estava contando aos Salzman a viagem que haviam feito ao exterior para ver o gado Simmental, na Suíça.

— Eu nunca tinha ido à Europa e, durante toda a viagem, as pessoas me diziam: "Não existe nada como a França, espere só até entrarmos no Havre, de manhã, e você sentir o cheiro da França. Vai adorar". Então, esperei e, de manhã cedo, Seymour ainda estava na cama e eu sabia que tínhamos ancorado, por isso corri para o tombadilho e senti o cheiro — disse Dawn, rindo — e era só alho com cebola para todo lado.

Ela havia corrido para fora da cabine com Merry enquanto o Sueco ainda estava na cama mas, na história que contava, estava sozinha no tombadilho,

espantada por descobrir que a França não tinha o cheiro de uma enorme flor.

— O trem para Paris. Foi sublime. A gente vê milhas e milhas de floresta, mas todas as árvores alinhadas. Eles plantam as florestas em fileiras. Passamos dias ótimos, não foi, querido?

— Passamos — respondeu o Sueco.

— Andávamos carregando grandes bisnagas apontando para fora dos bolsos. As bisnagas quase diziam: "Ei, olhem só para nós, um casal de caipiras lá de New Jersey". Na certa, éramos apenas o tipo de americanos de quem eles acham graça. Mas quem é que estava ligando para isso? Andávamos para um lado e para o outro, mordiscando a ponta das bisnagas, olhando para tudo, o Louvre, o jardim das Tuileries... foi maravilhoso. Ficamos no Crillon. O maior desafio da viagem toda. Adorei. Depois pegamos o trem noturno, o Expresso do Oriente, para Zurique, e o cabineiro não nos acordou a tempo. Lembra, Seymour?

Sim, ele lembrava. Merry acabou ficando na plataforma, de pijama.

— Foi absolutamente horroroso. O trem já havia começado a andar. Eu tive de pegar todas as nossas coisas e jogar pela janela... sabe, é desse jeito que as pessoas lá saem do trem... e saímos correndo do trem sem nos vestir direito. Eles nunca acordavam a gente. Foi um horror — disse Dawn, de novo rindo, contente, ao recordar a cena. — Lá estávamos nós, Seymour e eu com nossas malas, vestindo roupas de baixo. Mas, afinal — por um momento, ela riu demais para poder continuar — chegamos a Zurique e fomos a restaurantes maravilhosos, sentimos o cheiro de *croissants* deliciosos e de patês ótimos, e em toda parte tinha *pâtisseries*. Coisas desse tipo. Ah, foi muito bom. Todos os jornais ficavam presos em umas bengalas, eram pendurados em prateleiras, aí você pegava o seu jornal, sentava, tomava o seu café da manhã e era maravilhoso. Então, dali nós pegamos um carro e fomos até Zug, o centro do gado Simmental, e depois fomos até Lucerne, que era linda, absolutamente linda, e depois fomos para Beau Rivage, em Lausanne. Lembra o Beau Rivage? — perguntou ela ao marido, com sua mão ainda presa bem firme na dele.

E o Sueco lembrava. Nunca esquecera. Por uma grande coincidência, ele mesmo estivera pensando no Beau Rivage naquela tarde, quando voltava de carro da avenida Central para Old Rimrock. Merry, no chá da tarde, com a banda tocando, antes de ter sido estuprada. Ela havia dançado com o chefe dos garçons, a sua filha de seis anos de idade, antes de assassinar quatro

pessoas. Mademoiselle Merry. Sozinho, na sua última tarde no Beau Rivage, o Sueco descera até a joalheria junto ao saguão do hotel e, enquanto Merry e Dawn caminhavam pelo passeio a fim de dar uma última olhada nos barcos sobre o lago Genebra e nos Alpes, do outro lado, ele comprou para Dawn um colar de diamantes. O Sueco teve uma visão de Dawn usando o colar de diamantes junto com a coroa que ela guardava em uma caixa de chapéu no alto do armário, a coroa de prata com a fileira dupla de imitações de diamante que usara como Miss New Jersey. Como ele não conseguia sequer persuadi-la a usar a coroa para mostrar a Merry — "não, não, isso tudo é uma bobagem", Dawn lhe dizia; "para ela, sou a 'mãe', o que já está muito bem" — nunca conseguiu tampouco convencê-la a pôr a coroa junto com o novo colar. Conhecendo Dawn e o seu jeito de ser tão bem quanto o Sueco conhecia, compreendeu que, por mais que a lisonjeasse, seria impossível persuadir sua mulher a experimentar o colar e a coroa juntos, ali dentro do quarto, posando só para ele com ambas as jóias. Ela nunca, em nenhum assunto, se mostrou tão obstinada quanto em não admitir que a considerassem uma ex-rainha da beleza.

— Não se trata de um concurso de beleza — ela já passara a dizer para as pessoas, naquele tempo, quando insistiam em lhe perguntar sobre o ano em que tinha sido Miss New Jersey. — A maioria das pessoas envolvidas no concurso são capazes de brigar com qualquer um que disser que estavam em um concurso de beleza, e eu sou uma delas. O único prêmio para quem vence, em qualquer nível, é uma *bolsa de estudos*.

E no entanto foi com a coroa nos seus cabelos, a coroa não de uma ganhadora de uma bolsa de estudos mas de uma rainha da beleza, que o Sueco a havia imaginado usando aquele colar quando o viu na vitrine da joalheria no Beau Rivage. Em um de seus álbuns de fotografia, havia uma série de fotos que o Sueco gostava de ficar olhando, no tempo em que eram recém-casados e que, depois, em ocasiões sociais, gostava de mostrar para as pessoas. As fotos sempre o deixavam cheio de orgulho de Dawn, aquelas fotografias acetinadas, tiradas entre 1949 e 1950, quando ela deixara o emprego de cinqüenta e duas semanas por ano que o chefe do Concurso de Bolsas de Estudo da Miss New Jersey gostava de descrever como a "anfitriã" oficial do estado — o emprego que consistia em atender tantas cidades, vilas e grupos diferentes quanto fosse possível, em todos os tipos de evento, trabalhando como um cão, de fato, e recebendo em compensação uma bolsa de estudos de quinhentos dólares em dinheiro, um troféu pomposo, e

mais cinqüenta dólares por cada aparição pessoal. Havia, é claro, uma foto de Dawn na coroação como Miss New Jersey na noite de sábado, 21 de maio de 1949, Dawn em um vestido de noite feito de seda, sem alças, duro e ornado com festões, em cima, muito justo na cintura, e abaixo, até o chão, com uma saia cheia, voluptuosa, ricamente bordada com flores e contas reluzentes. E, na cabeça dela, a coroa.

— A gente não se sente ridícula usando a coroa com o vestido de noite — disse ela para o Sueco — mas tem absoluta sensação de ridículo com a roupa de todo dia e a coroa na cabeça. As meninas pequenas ficam o tempo todo perguntando se eu sou uma princesa. Tem gente que se aproxima e pergunta se a coroa é de diamantes. Com uma roupa normal e usando a coroa, Seymour, eu me sinto totalmente *idiota*.

Mas ela não parecia nem um pouco idiota — vestindo suas roupas simples e com aquela coroa na cabeça, Dawn ficava um assombro. Havia uma fotografia dela de vestido e coroa — e a faixa de Miss New Jersey espetada com um broche na cintura — em uma feira agrícola com uns fazendeiros em volta, uma outra foto dela com a coroa e a faixa em uma convenção de industriais com alguns empresários, e uma fotografia de Dawn com seu vestido de noite, de seda, sem alças, e com a coroa, na mansão do governador em Princeton. Muito animada, dançando com o governador de New Jersey, Alfred E. Driscoll. Depois, havia fotos de Dawn em desfiles, inaugurações e festas para levantar fundos para instituições de caridade em todo o estado, retratos acompanhando a coroação em concursos de misses locais, retratos inaugurando lojas de departamentos e exposições de automóveis.

— Essa é Dawnie. O cara gordão é o dono da loja.

Havia algumas fotografias de Dawn em visita a escolas, nas quais, sentada ao piano no auditório, ela, em geral, tocava a popular *polonaise* de Chopin que ela um dia executara para se tornar Miss New Jersey, deixando para trás bolos de notas das teclas pretas do piano a fim de conseguir terminar a música em dois minutos e meio e não ser desclassificada pelo cronômetro, na fase estadual da competição. E em todas aquelas fotografias, com qualquer roupa adequada para a ocasião, ela sempre estava com a coroa nos cabelos, fazendo-a parecer uma princesa, tanto para o marido quanto para as meninas que toda hora a assediavam — mais parecida com uma princesa do que toda a legião de princesas européias cujas fotos saíam publicadas na revista *Life*.

Além disso, havia as imagens tiradas em Atlantic City, no concurso de Miss América, em setembro, fotografias de Dawn de maiô e de vestido de noite, que sempre deixavam o Sueco se perguntando como é que ela podia ter perdido aquele concurso. Dawn lhe dizia:

— Ao entrar naquela passarela, você nem pode imaginar como a gente se sente ridícula vestindo aquele maiô e de sapato de salto alto, e você sabe que depois de andar por um tempo a cava do maiô começa a subir, e você não pode esticar o braço para trás e puxar para baixo...

Mas ela não estava nem um pouco ridícula: o Sueco nunca olhava para as fotos de maiô sem exclamar em voz alta:

— Ah, ela estava maravilhosa.

E a multidão estava do lado dela; em Atlantic City, a maioria do público, naturalmente, torcia pela Miss New Jersey mas, durante o desfile dos estados, Dawn recebeu uma ovação espontânea que revelava mais do que o simples orgulho regional. Naquela época, o concurso não era transmitido pela tevê, era ainda para as pessoas que conseguiam se amontoar no Salão de Convenções, e assim, mais tarde, quando o Sueco, que ficara na platéia sentado ao lado do irmão de Dawn, telefonou para avisar aos pais que Dawn não tinha ganhado o concurso, ainda pôde dizer, sem exagerar, em relação à receptividade do público, que "ela fez o salão vir abaixo".

Sem dúvida, entre as cinco ex-misses New Jersey presentes no seu casamento, nenhuma poderia nem de longe se comparar a Dawn. Juntas, elas constituíam uma espécie de confraria de mulheres, aquelas ex-misses New Jersey, e por um tempo, lá na década de 50, todas compareciam ao casamento de qualquer uma delas, e assim o Sueco deve ter conhecido pelo menos umas dez moças que ganharam a coroa estadual e um número talvez duas vezes maior de candidatas que fizeram amizade com essa ou aquela noiva durante os ensaios para a competição final do estado, moças que haviam chegado a ser Miss Shore Resort, Miss Central Coast, Miss Columbus Day, Miss Northern Lights, e não havia uma só dentre todas elas capaz de competir com sua esposa em nenhum quesito — talento, inteligência, personalidade, porte. Se por acaso acontecia de o Sueco comentar que não conseguia entender por que motivo sua esposa não se tornara Miss América, Dawn sempre implorava depois para ele não ficar falando isso por aí, porque dava a impressão de que não ter ganhado o título de Miss América era algo que a deixava amargurada quando na verdade, e de diversas maneiras, perder fora até um alívio. Sair de tudo aquilo sem

humilhar a si mesma e a sua família fora um alívio. Claro, depois de todo o incentivo que o povo de New Jersey lhe havia dado, Dawn ficou surpresa e um pouco abatida por não ter entrado para a Galeria de Honra e nem mesmo ter ficado entre as dez mais, mas isso, também, pode ter sido uma bênção disfarçada. E embora, para um competidor como o Sueco, perder não fosse um alívio e nem bênção de espécie alguma, mesmo assim ele admirou a nobreza de Dawn — e nobreza era um termo muito usado pelo pessoal do concurso para descrever as moças que perdiam —, embora não fosse capaz de entender essa nobreza.

Perder o concurso permitiu que Dawn, em primeiro lugar, começasse a recompor as boas relações com o pai, que ficaram quase arruinadas por ela insistir em algo que ele desaprovava de maneira muito firme.

— Não me interessa o que eles vão dar a você — retrucou o senhor Dwyer, quando Dawn tentou explicar a respeito do dinheiro da bolsa de estudos. — Toda essa porcaria — disse ele — é uma grande safadeza. Essas moças todas vão lá para serem paqueradas. Quanto mais dinheiro eles dão, pior é a coisa. A minha resposta é *não*.

O fato de o senhor Dwyer ter concordado em ir até Atlantic City fora fruto da habilidade persuasiva da tia predileta de Dawn, Peg, irmã de sua mãe, a professora que se casou com o rico tio Ned e levava Dawn, quando criança, para o hotel em Spring Lake.

— Qualquer pai ficaria incomodado de ver sua filha lá em cima — dissera Peg ao cunhado, com o seu jeito diplomático e bondoso que Dawn não se cansava de admirar e querer imitar. — Traz à mente certas imagens que um pai, ainda tão cedo, não associaria a sua filha. Eu sentiria isso também se fosse a minha filha — disse ela — e olhe que, sendo mulher, não posso sentir o que um pai sente naturalmente pela filha. Mas uma coisa assim ia me incomodar, é claro que sim. Eu diria que esse sentimento é idêntico ao de muitos outros pais. Eles estão realmente orgulhosos, seus botões em flor estão desabrochando e tudo o mais, porém ao mesmo tempo eles pensam: "Ah, meu Deus, é a minha filhinha lá em cima". Mas, Jim, todo esse concurso é tão correto, tão isento de atos condenáveis, que não há mesmo nada para a gente se preocupar. Quem não presta, fica de fora logo no início... essas vão trabalhar nas convenções de caminhoneiros. As que ficam são só moças normais, de cidades pequenas, moças boas, direitas, gentis, cujos pais são donos da mercearia e não são sócios do clube campestre. Eles aprontam as moças para que pareçam debutantes mas não há nada de

pomposo nos seus antecedentes. São apenas boas filhas que depois voltam para a sua cidade, se estabelecem com a família, se casam com um rapaz que mora perto de casa. E os juízes são pessoas sérias. Jim, isso é para ser a *Miss América*. Se as moças fossem ficar de algum modo comprometidas, o concurso não seria permitido. É uma *honra*. Dawn quer que você esteja lá para compartilhar essa honra. Ela não vai ficar muito feliz se você não for, Jimmy. Vai se sentir arrasada, sobretudo se você for o *único* pai que não estiver lá.

— Peggy, essa coisa está abaixo dela. Abaixo de todos nós. Eu não vou.

Foi nessa altura que ela chamou a atenção do senhor Dwyer para a sua responsabilidade, não apenas em relação a Dawn, mas em relação à pátria.

— Você não foi quando ela venceu a competição municipal. Não foi quando ela venceu a competição estadual. Será que você está me dizendo agora que não vai comparecer se ela vencer no estágio nacional do concurso? Se ela ganhar o título de Miss América e você não estiver lá para subir ao palco e abraçar sua filha com orgulho, o que as pessoas vão pensar? Vão pensar: "Uma grande tradição, uma parte da herança americana, e o pai dela não está aqui. Fotografias da Miss América com a família e o pai não está em uma só das fotos". Diga-me, como é que você vai olhar para as pessoas, no dia seguinte?

E assim ele se submeteu e fez o que devia fazer — contra a sua vontade, aceitou ir para a noite de gala em Atlantic City, com o resto dos parentes de Dawn, e foi um desastre. Quando Dawn viu seu pai à espera dela, com o seu terno domingueiro, no saguão do hotel, ao lado da mãe, tias, tios e primos, todos os Dwyer dos municípios de Union *e* Essex *e* Hudson, a única coisa que sua dama de companhia lhe permitiu fazer foi acenar com a mão, e seu pai ficou louco de raiva. Mas era uma regra do concurso, para evitar que alguém que estivesse olhando, sem saber que se tratava do pai dela, ao ver um homem abraçando a candidata, pudesse pensar que alguma coisa inconveniente estava acontecendo. Tudo era organizado para que *nada* sugerisse algo inconveniente, mas Jim Dwyer, que apenas recentemente havia se recuperado do primeiro enfarte e, assim, andava o tempo todo nervoso, acabara interpretando mal aquilo tudo, achou que agora Dawn estava tão importante que tinha a audácia de esnobar o próprio pai, achou que ela, na verdade, tratara o pai com desprezo, e fizera isso em público, diante de todo o mundo.

É claro, durante a semana que Dawn passou em Atlantic City sob os olhos

vigilantes da dama de companhia, não teve autorização para ver o Sueco *nem uma vez*, nem ao lado de sua dama de companhia, nem sequer em um local público, e assim, até a última noite, ele se limitou a ficar em Newark e teve de se contentar, assim como a família dela, em conversar com ela pelo telefone. Mas a sinceridade de Dawn ao recontar ao pai toda essa provação — de se ver privada, durante uma semana inteira, da companhia do seu namorado judeu — não causou muita impressão sobre ele quando, de volta a Elizabeth, ela tentou amenizar seu rancor em relação àquilo de que ele, durante muitos anos, se lembraria como "o vexame".

— Era apenas um hotel do Velho Mundo, e era o lugar mais maravilhoso que existe — Dawn contou aos Salzman. — Um hotel enorme. Pomposo. Bem no meio da água. Uma coisa que a gente só vê em filmes. Quartos grandes dando para o lago Genebra. Adoramos aquilo. Estou cansando vocês... — disse ela, de repente.

— Não, não — replicaram em uníssono.

A cada palavra de Dawn, Sheila fingia estar ouvindo atentamente. Tinha de fingir. Nem mesmo ela seria capaz de se recuperar tão completamente do surto no escritório de Dawn. Se ela tivesse se recuperado — bem, então seria difícil dizer que tipo de mulher era ela. Não se assemelhava em nada à mulher que o Sueco havia imaginado. E não porque Sheila tivesse simulado ser uma pessoa diferente diante dele, mas sim porque ele não a compreendera melhor do que era capaz de compreender qualquer outra pessoa no mundo. Como penetrar nas pessoas era uma capacidade ou habilidade que o Sueco não possuía. Simplesmente não tinha a combinação para abrir a porta desse cofre. Todo o mundo que refletisse sinais da bondade, ele tomava por pessoas boas. Todo o mundo que refletisse sinais da lealdade, ele tomava por pessoas leais. Todo o mundo que refletisse sinais da inteligência, ele tomava por pessoas inteligentes. E assim não havia conseguido olhar para dentro da filha, olhar para dentro da esposa, olhar para dentro da sua única amante — provavelmente jamais sequer começara a olhar para dentro de si mesmo. O que era *ele*, despido de todos os sinais que refletia com tanto brilho? Em toda a parte, as pessoas se punham de pé e gritavam: "Eu sou isto! Eu sou isto!". Toda vez que a gente olhava para as pessoas, elas se colocavam de pé e diziam para a gente quem elas eram, e a verdade disso tudo é que as pessoas, no fundo, não sabiam quem ou o que eram, mais do que o Sueco sabia quem ou o que ele era. *Elas* também acreditavam nos sinais que refletiam. Elas deveriam se

levantar e dizer: "Eu *não sou* isto! Eu *não sou* isto!". Falariam assim, se tivessem um pingo de decência. "Eu *não sou* isto!" Então a gente talvez soubesse como agir diante dessa palhaçada de tantos sinais refletidos pelo mundo afora.

Sheila Salzman podia estar ouvindo ou não as palavras de Dawn, mas Shelly Salzman sem dúvida as ouvia. O médico bondoso não estava simplesmente representando o papel de médico bondoso mas parecia, de certo modo, ter caído sob o feitiço de Dawn — o feitiço daquela superfície fascinante, cuja face interior, quando ela a apresentava às pessoas, se mostrava da forma mais encantadoramente sincera possível. Sim, depois de tudo o que ela passara, Dawn parecia e agia como se nada tivesse acontecido. Para o Sueco, havia essas duas faces em tudo: lado a lado, o jeito que fora e o jeito que era agora. Mas Dawn dava a impressão de que o jeito que fora *ainda* continuava o jeito que era agora. Após o trágico desvio que a vida deles sofrera, Dawn conseguira, no último ano, voltar a ser ela mesma, ao que parece apenas evitando pensar em certas coisas. E voltara a ser não apenas a Dawn do levantamento facial, das pequenas gentilezas, das crises nervosas, da criação de gado e das decisões de mudar de vida, mas também a de Hillside Road, Elizabeth, New Jersey. Um portão, uma espécie de portão psicológico fora instalado em seu cérebro, um portão resistente, através do qual nada de nocivo poderia passar. Ela trancou o portão, e pronto. Miraculoso, ou pelo menos o Sueco assim pensava, até vir a saber que o portão tinha um nome. Portão William Orcutt III.

Sim, se você por acaso não a havia conhecido nos anos 40, aqui estava de novo a Mary Dawn Dwyer do setor de Elmora, em Elizabeth, uma promissora beldade irlandesa de uma família de classe trabalhadora que estava começando a se ajeitar na vida, paroquianos respeitáveis da igreja de St. Genevieve, a igreja católica mais chique da cidade — a milhas de distância da igreja junto ao cais do porto onde seu pai e seus irmãos foram sacristãos. Mais uma vez, Dawn se achava de posse daquele poder que tivera, aos vinte anos de idade, de despertar o interesse a respeito de qualquer coisa que dissesse, de tocar a gente *por dentro*, de alguma maneira, coisa que não acontecia com todas as candidatas que *venciam* em Atlantic City. Mas ela conseguia fazer isso, trazer à tona algo de juvenil mesmo em adultos, simplesmente manifestando um vivo arrebatamento, graças ao rosto em forma de coração, ostensivamente perfeito, assombrosamente bem desenhado. Talvez, até que ela falasse e revelasse

que suas atitudes não eram tão diferentes das de qualquer outra pessoa correta, as pessoas se sentissem atemorizadas diante de sua beleza. Ao descobrir que ela não era absolutamente uma deusa e que não tinha o menor interesse em se fazer passar por uma deusa — ao descobrir em Dawn quase que uma excessiva *ausência* de fingimento —, a pessoa sentia com maior impacto ainda o brilho escuro do seu cabelo, a máscara angulosa do seu rosto, não maior do que o de um gato, e os olhos, os grandes olhos claros, quase assustadoramente sutis e vulneráveis. A julgar por aqueles olhos, ninguém jamais acreditaria que essa moça iria crescer para se tornar uma astuta mulher de negócios, resolutamente determinada a obter lucro com a criação de gado. O que sempre atiçava a ternura do Sueco era que Dawn, que nada tinha de frágil, parecia no entanto muito frágil e delicada. Isso sempre o deixava impressionado: como ela era forte (era forte, tempos atrás) e como o seu tipo de beleza a fazia parecer vulnerável, mesmo para o Sueco, o marido dela, e isso quando já era de esperar que a vida de casados tivesse embotado o deslumbramento da paixão.

E como Sheila parecia natural, sentada ao lado de Dawn, simulando ouvir, natural e correta, cordata, séria e sisuda. Muito sisuda. Tudo nela severamente contido. Oculto. Nada havia de emotivo em Sheila. Havia muito disso em Dawn. Em outros tempos, também houvera bastante no Sueco. Em outros tempos, isso descreveria perfeitamente tudo o que havia dentro dele. Não era fácil entender como ele podia ter encontrado nessa criatura empertigada, rígida, oculta, e sei lá o que mais, uma mulher mais atraente do que Dawn. Como deve ter se mostrado patético, uma criatura exaurida, arrasada, desamparada, se esgueirando de tudo o que havia desmoronado, fugindo da maneira desastrada que uma pessoa em desespero foge, a fim de tornar uma situação ruim ainda pior. Quase tudo o que havia para atraí-lo era que Sheila era outra pessoa. Sua clareza, sua franqueza, seu equilíbrio, seu perfeito autocontrole não vinham ao caso, a princípio. Fugir de uma catástrofe tão atordoante — desligado como ele nunca antes estivera da sua vida pré-fabricada; difamado e malvisto como ele nunca antes estivera — o Sueco voltou-se atônito para a única mulher, afora sua esposa, que ele conhecia de alguma maneira remotamente pessoal. Foi assim que chegara lá, em busca de asilo, em fuga — a razão desesperada para que uma flecha tão reta, um homem tão resolutamente fiel à esposa, um homem tão intensa e imaculadamente monógamo

arremessar-se em um momento assim tão extraordinário a uma situação que ele julgaria detestar, o vexame ridículo de ser infiel. Mas o amor tinha pouco a ver com o seu impulso. O Sueco não podia oferecer a Sheila o amor apaixonado que Dawn provocava nele. A volúpia seria uma coisa natural demais para um homem que fora destroçado de forma tão repentina — o pai de alguém tão atrozmente desprezível. Ele estava ali para a ilusão. Atirou-se sobre Sheila como alguém em busca de abrigo, se enterrando, um volumoso corpo de homem se escondendo, um homem desaparecendo: como ela era uma outra pessoa, talvez o Sueco pudesse também virar uma outra pessoa.

Mas o fato de ela *ser* uma outra pessoa era justamente o que fazia tudo dar errado. Ao lado de Dawn, Sheila não passava de uma máquina de pensar, impessoal e bem-arrumadinha, uma agulha humana com um cérebro enfiado no buraco para servir de linha, ninguém que o Sueco desejasse tocar, muito menos ir para a cama. Dawn era a mulher que havia inspirado a proeza que mesmo a sua carreira atlética repleta de recordes não fora capaz de incitar nele: passar por cima da vontade do pai. A proeza de fazer frente ao seu pai. E Dawn havia inspirado isso simplesmente se mostrando de uma beleza espetacular, como era, de fato, e no entanto falando como todo o mundo fala.

Seriam coisas maiores, mais importantes, mais valiosas que levavam as pessoas a buscar um cônjuge para a vida toda? Ou no coração do casamento de todo o mundo havia algo irracional, banal e estranho?

Sheila saberia a resposta. Ela sabia tudo. Sim, ela também teria uma resposta para essa pergunta... Merry havia chegado tão longe, dissera Sheila, havia ficado tão forte que eu pensei que poderia se virar sozinha. Ela é uma menina forte, Seymour. *Ela é uma menina maluca. Ela é maluca!* Ela tem problemas. *E o pai não tem papel nenhum a desempenhar em relação à filha com problemas?* Tenho certeza de que o pai desempenhou um papel enorme. Pensei que alguma coisa terrível havia acontecido na casa dela...

Ah, ele queria sua esposa de volta — era impossível exagerar a extensão da força com que ele a queria de volta, a esposa tão séria quando se tratava de ser uma mãe séria, a mulher tão encarniçadamente avessa a ser considerada mimada, vaidosa ou frivolamente nostálgica da sua proeminência glamourosa de outros tempos, que nem de brincadeira com a sua família ela seria capaz de usar a coroa guardada dentro de uma caixa de chapéu, em cima do armário. A resignação do Sueco havia se esgotado —

ele queria aquela Dawn de volta *agora mesmo*.

— Como são as fazendas? — perguntou Sheila a Dawn. — Em Zug. Você ia nos dizer como eram as fazendas.

Esse interesse de Sheila em entender tudo de ponta a ponta — como é que o Sueco pôde querer *qualquer coisa* com essa mulher? Esses pensadores profundos eram as únicas pessoas que ele não conseguia agüentar muito tempo por perto, essa gente que nunca fabricara coisa nenhuma, que nunca vira nada ser fabricado, que não sabia do que eram feitas as coisas nem como uma empresa funcionava, essa gente que, afora um carro ou uma casa, jamais havia vendido coisa nenhuma e não sabia como vender nada, essa gente que nunca tinha contratado empregados, nunca havia despedido empregados, treinado empregados, nunca havia sido enganada por empregados — pessoas que não sabiam nada das complicações e riscos de construir uma empresa e dirigir uma fábrica, mas que mesmo assim achavam que sabiam tudo o que havia de importante no mundo. Todo esse *saber*, todo esse olhar introspectivo, ao estilo de Sheila, dirigido para todas as gretas e recantos da alma das pessoas ia, de forma repulsiva, contra a essência da vida, tal como o Sueco a conhecia. No seu modo de pensar, era tudo muito simples: bastava cumprir rigorosa e infatigavelmente as suas obrigações como um Levov e a obediência se tornava uma condição natural, a vida cotidiana se tornava uma história simples, que se ia desdobrando de forma palpável, uma história profundamente serena, as flutuações todas previsíveis, o conflito contornável, as surpresas satisfatórias, o contínuo movimento e ondulação nos levando sempre adiante com a suprema convicção de que os maremotos só acontecem no litoral de países a muitos milhares de quilômetros daqui — ou pelo menos era assim que tudo parecera ao Sueco *em outros tempos*, quando a união da mãe maravilhosa, do pai forte e da filha formidável e balbuciante chegava a emular a trindade dos três ursos.

— Eu me perdi, pois é. Ah, tinha um monte, um monte de fazendas — disse Dawn, satisfeita só de pensar naquelas fazendas. — Eles nos mostraram suas melhores vacas. Havia estábulos quentes e maravilhosos. Fomos lá no início da primavera, quando os animais ainda não tinham ido para o pasto. Ficam no estábulo embaixo da casa e o chalé fica em cima. Fornos de porcelana, muito enfeitados... — *Não compreendo como você pôde ser tão cega. Ludibriada por uma menina que estava obviamente maluca.* Ela estava fugindo. Não fazia sentido levá-la de volta para casa.

Não era mais a mesma menina que eu havia conhecido. Alguma coisa tinha dado errado. Tinha ficado tão gorda. Pensei que ela estava tão gorda e tão furiosa que alguma coisa muito ruim devia ter acontecido na casa dela. *Que tinha sido culpa minha.* Não pensei isso. Todos temos nossas casas. É aí que as coisas ruins acontecem. — ...e nos deram vinho que eles mesmos fabricavam, umas coisinhas para comer, e eram tão simpáticos — disse Dawn. — Quando voltamos pela segunda vez, era outono. As vacas ficam nas montanhas o verão inteiro, eles ordenham as vacas e aquela que produzir mais leite o verão inteiro é a primeira a descer com uma grande sineta presa no pescoço. Essa é a vaca número 1. Eles põem flores nos seus chifres e promovem grandes festas. Quando descem dos pastos nas montanhas, elas vêm em fila indiana, a vaca líder na frente das outras. — *E se ela fosse matar outras pessoas? Não seria responsabilidade sua também? Pois ela fez isso, fique sabendo. Ela matou mais três pessoas. O que você acha disso?* Não diga essas coisas só para me torturar. *Estou falando uma coisa séria! Ela matou mais três pessoas! E você poderia ter evitado isso!* Você está me torturando. Está tentando me torturar. *Ela matou mais três pessoas!* — E todo o mundo, todas as crianças, as meninas e as mulheres que estiveram ordenhando as vacas durante todo o verão saem com roupas lindas, trajes suíços tradicionais, e tem uma banda, música, uma grande festa na praça. E depois as vacas seguem todas juntas para passar o inverno nos estábulos, embaixo das casas. Muito limpo e muito bonito. Ah, foi um grande momento de verdade, ver aquilo tudo. Seymour tirou uma porção de fotos de todas as vacas para que a gente pudesse ver depois no projetor.

— Seymour tirou fotos? — perguntou a mãe dele. — Pensei que ele detestasse tirar retratos — e ela se debruçou e beijou o Sueco. — Meu filho maravilhoso — sussurrou Sylvia Levov, deixando cintilar em seus olhos a adoração e a admiração pelo seu primogênito.

— Bem, naquele tempo ele tirava fotos, o seu filho maravilhoso. Ele era um homem Leica naquele tempo — disse Dawn. — Você tirava boas fotos, não era, meu querido?

Sim, tirava. Era ele mesmo. Era o filho maravilhoso que havia tirado as fotografias, que havia comprado as roupas típicas suíças para Merry vestir, que havia comprado a jóia em Lausanne e que havia dito a Sheila e ao irmão que Merry matara quatro pessoas. Que comprara para a sua família, como uma recordação de Zug, do glorioso episódio suíço da sua vida, o candelabro de cerâmica, agora semi-encoberto pela cera derretida das velas,

e que dissera para Sheila e para o irmão que Merry matara quatro pessoas. Que tinha sido um homem Leica e contara àqueles dois — as duas pessoas em quem ele menos podia confiar no mundo inteiro e sobre as quais ele não tinha nenhum controle — o que Merry havia feito.

— Aonde mais vocês foram? — perguntou Sheila a Dawn, tomando o cuidado de não dar qualquer indicação de que, no carro, ela iria contar para Shelly e Shelly iria dizer "Meu Deus, meu Deus"; como ele era um sujeito manso e decente, talvez até chorasse. Mas quando chegassem em casa, no instante em que já estivessem em casa, a primeira coisa que Shelly ia fazer era ligar para a polícia. Por uma vez, ele já escondera essa assassina. Durante três dias. Aquilo fora assustador, terrível, de arrebentar com os nervos. Mas só uma pessoa havia morrido e, por pior que já fosse isso, ainda era possível embrulhar a própria mente com esse número — e, como sua esposa insistira, da forma mais idiota, ele admitia, eles não tinham alternativa; a menina era cliente dela, fora feita uma promessa, a consciência profissional não permitia... Mas quatro pessoas. Era demais. Era inaceitável. Quatro pessoas inocentes, matá-las... não, isso era selvageria, atrocidade, depravação, isso era demoníaco, e sem dúvida eles tinham uma alternativa: a justiça. Obediência à justiça. Eles sabiam onde ela estava. Podiam ser processados por manter algo assim em segredo. Não, aquilo não ia continuar a rodar fora do controle de Shelly. O Sueco compreendeu tudo. Shelly ia telefonar para a polícia — tinha de telefonar.

— Quatro pessoas. Ela está em Newark. Seymour Levov sabe o endereço. Ele esteve lá. Ele esteve com ela hoje.

Shelly era exatamente como Lou Levov o descrevera, "um médico, uma pessoa respeitável, uma pessoa ética, uma pessoa responsável", e ele não ia permitir que sua esposa se tornasse cúmplice do assassinato de quatro pessoas por essa menina desgraçada e repugnante, mais uma homicida salvadora dos oprimidos do mundo. Um comportamento terrorista demente associado a essa ideologia picareta — ela havia feito a pior coisa que se pode fazer. Esta seria sua interpretação, e o que o Sueco poderia fazer para mudá-la? Como poderia ele levar Shelly a encarar a situação de outra forma quando ele *próprio* não conseguia mais encarar a situação de outra forma? Chame-o imediatamente para conversar, pensou o Sueco, diga a ele, explique ao Shelly agora, diga tudo o que precisa ser dito a fim de impedir que ele comece a agir, a fim de impedir que ele pense que denunciá-la é o seu dever de cidadão obediente à lei, que isso é um modo de proteger vidas

inocentes — diga a ele: "Ela foi usada. Era maleável. Era uma criança compassiva. Era uma criança maravilhosa. Era *só* uma criança e se meteu com pessoas ruins. Ela jamais seria capaz de conceber sozinha algo desse tipo. Ela apenas odiava a guerra. Todos nós odiamos a guerra. Todos nos sentíamos furiosos e impotentes. Mas ela era uma criança, uma adolescente confusa, uma menina geniosa. Era jovem demais para ter qualquer experiência real da vida e acabou envolvida por algo que não entendia. Estava tentando salvar vidas. Não estou tentando arranjar para ela uma justificativa política, porque não existe justificativa política — não existe justificativa alguma, de espécie nenhuma. Mas não se pode simplesmente olhar para o efeito aterrador do que ela fez. Merry tinha suas razões, que eram muito fortes para ela, e as razões agora não importam — ela mudou sua filosofia e a guerra terminou. Nenhum de nós sabe realmente tudo o que aconteceu e nenhum de nós pode, na verdade, saber por que aconteceu. Há mais coisas por trás disso, muito, muito mais do que podemos compreender. Ela estava errada, é claro — cometeu um erro trágico, terrível, horrendo. Não há defesa possível para ela. Mas já não representa mais nenhum risco para ninguém. Agora, não passa de um farrapo de mulher, esquelética, patética, incapaz de machucar uma mosca. Está calma, inofensiva. Não é uma criminosa empedernida, Shelly. É uma criatura destroçada que fez algo terrível e que se arrepende disso até o fundo da alma. De que vai adiantar comunicar à polícia? É claro que a justiça deve ser cumprida, mas Merry já não representa nenhum perigo. Não há nenhuma necessidade de você se envolver. Não precisamos chamar a polícia para proteger ninguém. E não existe nenhuma necessidade de vingança. A vingança já caiu sobre ela, acredite em mim. Sei que ela é culpada. A questão não reside em saber se ela é culpada. A questão é o que fazer agora. Deixe Merry comigo. Vou procurá-la. Merry não vai fazer mais nada — eu vou cuidar disso. Vou cuidar para que ela seja tratada, para que receba ajuda adequada. Shelly, me dê uma chance de trazê-la de volta para a existência humana — *não chame a polícia!*".

Mas o Sueco sabe o que Shelly ia pensar: Sheila já tinha feito o bastante para essa família. Ambos já tinham feito o bastante. Essa família agora se achava em sérios apuros, mas já não havia mais ajuda possível da parte do doutor Salzman. Não se tratava de um levantamento facial. Quatro pessoas haviam morrido. Essa menina ia pegar a cadeira elétrica. Sim, o número 4 ia mesmo transformar Shelly em um cidadão ultrajado, pronto para apertar o

botão de alarme. Ele iria em frente e a denunciaria à polícia porque ela era uma tremenda sacaninha que merecia aquilo mesmo.

— Na segunda vez? Ah, fomos a toda parte — disse Dawn. — Na Europa, não importa muito aonde a gente vá, em toda parte tem coisas lindas para se ver, e nós seguimos esse princípio.

Mas a polícia sabia. Por intermédio de Jerry. É inevitável. Jerry já havia telefonado para o FBI. Jerry. Dar ao Jerry o endereço dela. Contar ao Jerry. Contar a qualquer pessoa. Ficar aqui tão arrasado a ponto de ignorar as conseqüências de revelar o que Merry fizera! Arrasado, sem fazer nada — segurando a mão de Dawn, recordando outra vez os tempos de Atlantic City, do Beau Rivage, de Merry dançando com o chefe dos garçons —, alheio às conseqüências de sua revelação imprudente, despojado do seu antigo talento para ser Sueco Levov, em vez disso ele agora flutuava livre do bate-estacas massacrante que é este mundo, sonhando, sonhando, sonhando de forma irremediável, enquanto lá na Flórida o irmão cabeça quente, que tinha a pior opinião possível sobre o Sueco e não era em absoluto um verdadeiro irmão para ele, o irmão que desde o início se mostrara hostil em face de todos os talentos com que o Sueco fora dotado, em face de toda aquela perfeição impossível com que ambos tinham de rivalizar, o irmão exaltado, genioso e imprevidente que nunca fazia nada pela metade, que não queria saber de nada que não fosse um acerto de contas — sim, um acerto de contas definitivo, para o mundo inteiro ver...

Ele havia denunciado Merry. Não o seu irmão, não Shelly Salzman, mas *ele*, ele é que tinha feito aquilo. O que custaria ficar de boca fechada? O que eu esperava conseguir abrindo minha boca? Alívio? Alívio infantil? A reação deles? Será que o que eu queria era algo tão ridículo como a *reação* deles? Ao abrir a boca, ele tornara tudo o pior possível — ao recontar a eles o que Merry havia lhe contado, o Sueco a denunciara: delatara a filha por matar quatro pessoas. Agora ele havia instalado a sua própria bomba. Sem querer, sem saber o que fazia, sem sequer ser pressionado para fazer isso, ele havia se rendido — fizera o que devia fazer e fizera o que não devia fazer: denunciara sua filha à polícia.

Seria necessário um dia inteiramente diferente desse para manter a boca fechada — um dia diferente, a abolição desse dia. Salvem-me desse dia! Ver tanta coisa e tão depressa! E como o Sueco sempre fora tão estóico em sua capacidade de não ver, como foram prodigiosos seus poderes para regularizar as coisas. Mas com os três assassinatos extras ele se viu

confrontado por algo impossível de regularizar, mesmo para ele. Saber disso já era demasiado horrível, mas apenas ao recontar a história o Sueco compreendeu o quanto era de fato horrível. Um mais três. Quatro. E o instrumento desse desvendamento foi Merry. A filha fez o pai enxergar. E talvez tenha sido a única coisa que ela sempre desejou fazer. Ela lhe deu a visão, a visão para enxergar com clareza aquilo que jamais poderia ser regularizado, para ver aquilo que não se pode enxergar e não se enxerga e não se enxergará, até que a um se acrescentem três, para somar quatro.

Ele entendera como é improvável que possamos vir uns dos outros e como é improvável que venhamos mesmo uns dos outros. Nascimento, sucessão, as gerações, a história — totalmente improvável.

Ele havia entendido que nós *não* vimos uns dos outros, que só parece que vimos uns dos outros.

Ele havia entendido o jeito que as coisas são na realidade, ele tinha visto, para além do número 4, tudo o que não pode ser delimitado. A ordem é mínima. O Sueco havia acreditado que a maior parte do mundo era ordem e que só uma pequena parcela fosse desordem. Ele havia aprendido com atraso. Construíra a sua fantasia e Merry a desmanchara para ele. Não era uma guerra específica que Merry tinha em mente, mas foi uma guerra de verdade que ela trouxe para o seu lar, na América — para dentro da própria casa.

E só então eles ouviram o pai do Sueco gritar:

— Não!

Ouviram Lou Levov gritar:

— Ah, meu Deus! *Não!*

As moças na cozinham estavam gritando. O Sueco compreendeu imediatamente o que estava acontecendo. Merry tinha aparecido com o seu véu! E contou ao avô que a soma total dos mortos era quatro! Ela havia tomado o trem de Newark e depois caminhara oito quilômetros da vila até lá. Ela tinha vindo sozinha! Agora, todo o mundo sabia!

A idéia da filha atravessando de novo toda a extensão daquela passagem de nível o deixou aterrorizado durante o jantar inteiro — em seus farrapos e sandálias de dedo, caminhando sozinha através daquela imundície e escuridão, entre os mendigos e marginais da passagem de nível, que compreendiam que ela os amava. Entretanto, enquanto o Sueco estava na mesa, sem formular solução alguma, Merry não estava nem perto daquela passagem de nível, mas sim — e o Sueco, de chofre, teve uma visão disso

— já estava de volta ao interior, aqui, no adorável município de Morris, que fora civilizado ao longo dos séculos por dez gerações de americanos, ela estava de volta, caminhando pelas estradas nas montanhas, agora, em setembro, margeadas pelo vermelho e pelo laranja-queimado saídos do pincel de um demônio, com uma profusão de ásteres, varas-de-ouro e cenouras silvestres entrelaçadas, um tremendo emaranhado de flores brancas, azuis, cor-de-rosa e vinho, artisticamente coroando suas hastes prosaicas, todas as flores que Merry aprendera a identificar e classificar na escola agrícola e que depois, nos passeios que ela fazia com o pai, ensinava a ele, um garoto criado na cidade, como distinguir — "Está vendo, papai, como tem um c-c-corte na ponta da pétala?" — a chicória, a cinco-folhas, o cardo do pasto, o cravo-silvestre, o eupatório, os últimos vestígios das mostardeiras-dos-campos com suas flores amarelas, vigorosamente transbordando pelos campos, o trevo, o milefólio, o girassol-silvestre, a fibrosa alfafa, evadida de alguma fazenda vizinha e ostentando à vontade sua simples florescência de alfazema, a candelária com seu aglomerado de flores de pétalas brancas e o saquinho inflado atrás das pétalas que Merry adorava estourar com um estalo na palma das mãos, o ereto verbasco cujas folhas aveludadas, semelhantes a línguas, Merry arrancava e usava dentro dos tênis — para assim ficar igual aos primeiros colonos da região, que, segundo sua professora de história, usavam folhas de verbasco como palmilhas dos calçados —, as asclépias, cujas vagens de feitio incomum Merry abria cuidadosamente, quando criança, para soprar no ar a penugem sedosa que envolve as sementes, sentindo-se assim integrada com a natureza, imaginando que ela era o eterno vento que nunca pára de soprar. O riacho Indian Brook correndo ligeiro à esquerda de Merry, atravessado por poucas pontes, represado ao longo do seu curso por vários poços bons para nadar e indo desembocar no caudaloso rio de trutas onde ela havia pescado com o pai — o Indian Brook, passando por baixo da estrada, fluindo para o leste, proveniente da montanha onde ele nasce. À esquerda de Merry, os salgueiros, os bordos do brejo, as plantas do brejo; à sua direita, as nogueiras prestes a dar frutos, a apenas algumas semanas de deixar cair as nozes cujas cascas, quando Merry as abria, deixavam em seus dedos uma mancha escura e os impregnavam de forma agradável com uma fragrância ácida. À sua direita, a cereja preta, as ervas dos campos, os campos ceifados. No alto dos morros, os cornisos; para além deles, as florestas — os bordos, os carvalhos, as alfarrobeiras, abundantes, altas e

firmes. Merry colecionava suas vagens no outono. Ela colecionava tudo, catalogava tudo, explicava tudo para o Sueco, examinava, com a lupa de bolso que ele lhe dera, cada aranha-caranguejo, semelhante a um camaleão, que ela trazia para casa e mantinha cativa por um breve tempo dentro de um vidro de conservas umedecido, alimentando-a com moscas domésticas mortas, até libertá-la outra vez no meio das varas-de-ouro ou das cenouras-silvestres ("Olhe só o que vai acontecer agora, pai"), onde a aranha voltava a ajustar a cor do corpo a fim de enganar sua presa. Caminhando para o noroeste, rumo a um horizonte ainda debilmente vivo de luz, caminhando por entre os chamados do crepúsculo emitidos pelos tordos: passando pelas cercas brancas dos pastos, que Merry detestava, passando pelos campos de feno, pelos milharais, pelas plantações de nabo que ela detestava, passando pelos estábulos, os cavalos, as vacas, os tanques, os córregos, as nascentes, as cachoeiras, os agriões, os juncos ásperos ("Os pioneiros, mamãe, usavam os juncos para esfregar vasos e panelas"), os prados, acres e mais acres de mata que ela detestava, vindo da vila, seguindo o trajeto alegre e animado do seu pai, ao estilo de Johnny Semente de Maçã, até que, no momento em que as primeiras estrelas estavam surgindo, Merry chegava aos bordos de cem anos, que ela detestava, e à sólida e antiga casa de pedra na qual vivia a sólida família, também marcada pela existência de Merry, e que ela também detestava.

Em certa hora, em determinada estação do ano, por uma paisagem que durante tanto tempo permaneceu marcada pela idéia de consolo, beleza, doçura, prazer e paz, a ex-terrorista veio, por conta própria, de Newark para tudo aquilo que ela detestava e não queria, para um mundo coeso, harmonioso, que ela desprezava e que, com sua explosiva travessura juvenil, o atentado mais esquisito e improvável do mundo, virara de pernas para o ar. Voltou de Newark e imediatamente, *imediatamente* confessou ao pai do seu pai o que o seu grande idealismo a compelira a fazer.

— Quatro pessoas, vovô — ela lhe disse, e o coração dele não pôde suportar. O divórcio já era muito ruim em uma família, mas *assassinato*, e o assassinato não apenas de uma pessoa, mas de outras três ainda por cima? O assassinato de *quatro*?

— Não! — exclamou o avô para essa intrusa encoberta por um véu, exalando o fedor de fezes e que alegava ser a sua amada Merry. — *Não!* — e seu coração desistiu, parou, e ele morreu.

Havia sangue no rosto de Lou Levov. Ele estava de pé ao lado da mesa da

cozinha apertando as têmporas com as mãos, incapaz de falar, o pai outrora imperativo, o gigante da família com homens de um metro e oitenta de altura e que tinha só um metro e setenta, agora salpicado de sangue e, exceto pela sua barriga grande, com um aspecto que não parecia ele mesmo. Seu rosto estava vazio de tudo, salvo a luta para não chorar. Ele parecia incapaz de evitar até mesmo isso. Era incapaz de evitar o que quer que fosse. Sempre fora, embora apenas agora parecesse preparado para acreditar que fabricar excelentes luvas sociais de senhora em tamanhos subdivididos em quatro não garantia de maneira alguma a criação de uma vida que se en-caixasse com perfeição em todo o mundo que ele amava. Longe disso. Você acha que pode proteger uma família e não pode proteger nem a si mesmo. Não parecia ter sobrado coisa alguma do homem a quem nada podia desviar do seu dever, o homem que não deixava ninguém de lado em sua cruzada contra a desordem, contra o perpétuo problema do erro e da deficiência humana — no lugar onde ele estava de pé, nada havia para se ver daquele homem vigoroso, diligente, determinado que, apenas trinta minutos antes, seria capaz de plantar bananeira para convencer até mesmo os seus aliados. O combatente havia suportado todas as frustrações de que era capaz. Nada de obtuso restara dentro dele para rechaçar as investidas desviantes da morte. O que devia ser não existia. O desvio é que prevalecia. Não se pode detê-lo. Da forma mais imprevista, o que não se esperava que acontecesse acabara acontecendo, e o que se esperava que acontecesse não tinha acontecido.

O velho sistema que fez a ordem já não funcionava mais. Tudo o que restou foi o medo e o espanto de Lou Levov, mas agora sem nada que o escondesse.

À mesa, estava Jessie Orcutt, sentada diante de um prato de sobremesa vazio, um copo de leite intato e, seguro em sua mão, um garfo cujas pontas se achavam tingidas de vermelho, com sangue. Ela golpeara o velho com o garfo. A moça junto à pia estava contando isso para as pessoas. A outra moça saíra correndo da casa, aos gritos, e assim só havia uma moça ainda na cozinha para contar a história da melhor forma que podia, por entre as lágrimas. Como a senhora Orcutt não queria comer, disse a moça, o senhor Levov começou a levar ele mesmo a torta à boca de Jessie, um pedaço de cada vez. Ele lhe explicava como era melhor para ela beber leite em vez de uísque escocês, como era melhor para si própria, para o marido dela, para os filhos dela. Em pouco tempo, ela estaria com netos e isso seria melhor

para eles também. A cada pedaço que Jessie engolia, Lou Levov dizia:

— Isso, Jessie. Boa menina. Jessie é uma boa menina — e repetia como seria melhor para todo o mundo, mesmo para o senhor Levov e sua esposa, se Jessie largasse a bebida. Depois que ele já a havia feito comer quase uma fatia inteira da torta de morango e ruibarbo, Jessie disse:

— Agora, *eu* dou comida a Jessie.

E Lou ficou muito contente, muito satisfeito com ela, ele riu e lhe entregou o garfo, e Jessie acertou com o garfo em cheio no seu olho.

No final, viu-se que Jessie tinha errado o alvo por menos de dois centímetros e meio.

— Nada mau — disse Marcia para todo o mundo na cozinha —, nada mau para uma mulher tão bêbada quanto essa coitada está.

Enquanto isso, Orcutt, aterrado por uma cena que ultrapassava tudo o que sua mulher já havia feito até então para humilhar o marido patriótico e adúltero, que agora não parecia nem um pouco invencível, nem um pouco importante para si mesmo ou para qualquer pessoa, que agora parecia apenas tão tolo quanto na manhã em que o Sueco o derrubara no meio da partida amistosa de futebol americano — Orcutt levantou Jessie delicadamente da cadeira e a colocou de pé. Ela não dava nenhum sinal de remorso, nenhum mesmo, parecia ter sido despojada de todos os receptores e transmissores, sem uma única célula que a informasse de que ela havia ultrapassado uma fronteira fundamental da vida civilizada.

— Um gole a menos — Marcia estava dizendo ao pai do Sueco, cuja esposa já estava tratando dos pequenos ferimentos no seu rosto com um guardanapo molhado — e você estaria cego, Lou.

E então aquela grande e desembaraçada crítica social, vestindo um cafetã, não conseguiu mais se conter. Marcia se deixou afundar na cadeira vazia de Jessie, na frente do copo de leite cheio até a borda e, com o rosto entre as mãos, começou a rir da burrice deles diante da debilidade de toda aquela engenhoca, começou a rir e rir sem parar de todos eles, os pilares de uma sociedade que, para grande satisfação de Marcia, estava rapidamente indo por água abaixo — rindo e se deleitando, como algumas pessoas, historicamente, parecem sempre fazer, ao ver a que ponto a avassaladora desordem se havia espalhado, se deliciando imensamente com a vulnerabilidade, a fragilidade, o enfraquecimento de coisas supostamente sólidas.

Sim, a muralha da fortaleza foi golpeada e rompida, mesmo aqui na

segura Old Rimrock e, agora que foi aberta, nunca mais se fechará. Eles nunca se recuperarão. Tudo está contra eles, todo o mundo e tudo o que não gosta da vida deles. Todas as vozes que vêm de fora condenam e repudiam a vida deles!

E o que há de errado com a vida deles? O que, neste mundo, pode ser menos repreensível do que a vida dos Levov?

Copyright © 1997 by Philip Roth
Título original:
American Pastoral
Capa:
Angelo Venosa
Foto da capa:
"Chalk Games" (1953), © Arthur Leipzig, cortesia da Howard Greenberg Gallery
Preparação:
Katia Rossini
Revisão:
Ana Maria Alvares
Carmen S. da Costa
Beatriz de Freitas Moreira
Ana Paula Castellani
ISBN 978-85-8086-597-4
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br